

**FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO**  
**DOUTORAMENTO EM SOCIOLOGIA**

*Os imigrantes brasileiros no Grande Porto: mobilidade social e  
apropriações espaciais*

ANEXO IV: Transcrição integral e análise dos dados recolhidos através  
das entrevistas

Maria João da Silva Oliveira

Dissertação de doutoramento em Sociologia na especialidade de Desigualdades, Cultura  
e Território, orientada pela Professora Doutora Helena Carlota Ribeiro Vilaça

Porto

Setembro de 2013

## **ANEXO IV**

**Transcrição integral e análise dos dados recolhidos através  
das entrevistas**

## SUMÁRIO

|  | Pág. |
|--|------|
| ANEXO IV.1 – Transcrição integral e análise de conteúdo da entrevista à Vice-presidente da Associação Mais Brasil                  | 4    |
| ANEXO IV.2 – Transcrição integral e análise de conteúdo da entrevista ao Pastor da Assembleia de Deus Comunidade Portuguesa (ADCP) | 38   |
| ANEXO IV.3 – Transcrição integral das entrevistas de aprofundamento ao inquérito geral e análise de conteúdo                       | 62   |
| Entrevista n.º 1   | 62   |
| Entrevista n.º 2   | 91   |
| Entrevista n.º 3   | 121  |
| Entrevista n.º 4   | 139  |
| Entrevista n.º 5   | 165  |
| Entrevista n.º 6   | 185  |
| Entrevista n.º 7   | 219  |
| Entrevista n.º 8   | 249  |
| Entrevista n.º 9   | 270  |
| ANEXO IV.4 – Transcrição integral e análise de conteúdo das entrevistas aplicadas na ADCP  | 299  |
| Entrevista n.º 10  | 299  |
| Entrevista n.º 11  | 328  |
| Entrevista n.º 12  | 354  |
| Entrevista n.º 13  | 356  |
| Entrevista n.º 14  | 378  |
| Entrevista n.º 15  | 406  |
| Entrevista n.º 16  | 424  |

## **ANEXO IV.1 – Transcrição integral e análise de conteúdo da entrevista à Vice-presidente da Associação Mais Brasil**

### **Transcrição de entrevista**

|                                 |   |
|---------------------------------|---|
| <b>Entrevistada</b>             | Vice-presidente da Associação Mais Brasil: Wilma Souza da Costa |
| <b>Data da entrevista</b>       | 11 de fevereiro de 2011   |
| <b>Local da entrevista</b>      | Associação Mais Brasil  |
| <b>Duração da entrevista</b>    | 1h25  |
| <b>Hora de início (aprox.)</b>  | 14h30   |
| <b>Hora de término (aprox.)</b> | 16h30   |

**E.: Então queria saber quando é que a associação se formou? Em que ano?**

e.: A Associação Mais Brasil se formou por um grupo de amigos, pessoas brasileiras, na maioria brasileiras, e que queriam formar uma associação em 2003. Elas se uniram em 2003, mas apenas em 2004 a associação conseguiu ser reconhecida.

**E.: Quais eram os objetivos? A ideia é dividirmos a nossa conversa e pensar até 2009, quando há um momento de crise da associação, e depois. Gostava de perceber melhor, sobretudo, que objetivos tinha a associação quando se formou em 2003. Quando as pessoas se juntaram, o que é que procuravam? Ajudar os outros, formar algo mais no sentido de criar algum momento de encontro ou algo mais aberto?**

e.: Um dos grandes motivos era ser uma situação de convívio, porque essa situação do imigrante que está fora do seu país sente saudade do país, então é importante o convívio. E além do convívio seria dar informações às pessoas que chegam aqui e não conhecem as leis de imigração. Então o grande objetivo era esse. Apesar de eu não fazer parte desse grupo, mas conheço uma pessoa que ainda ajuda a associação até hoje, que ela fez parte do primeiro encontro, do primeiro momento, e fez parte da primeira chapa, da primeira lista.

**E.: Juntou-se à associação no ano em que veio, imediatamente?**

e.: Eu em 2004, quando comecei a trabalhar como voluntária aqui na associação e ela foi legalizada, porque uma irmã minha veio para cá, também ajudar, e organizou, estruturou para que a organização conseguisse ser efetivamente reconhecida como uma associação oficial e tudo. Ela já tinha ajudado na fundação da BRASUP, já ouviu falar? Os alunos brasileiros da Universidade do Porto. Ela tinha feito parte da fundação da BRASUP e associação estava assim querendo engrenar, querendo começar, mas estava meio perdida. Então, como ela já tinha passado por essa experiência, ela veio, ajudou a organizar, e foi quando efetivamente deu o primeiro passo.

**E.: E era ainda um grupo pequeno de pessoas?**

e.: Sim, eu acho que era um grupo de quatro ou cinco pessoas.

**E.: E quando a associação acaba por se formar, que atividades é que foi conseguindo estruturar? Encontros? Mesmo a organização do espaço, não sei se estão aqui desde sempre...**

e.: Ao princípio a sede era na casa de um dos fundadores e logo, quando foi conseguido um espaço mesmo, foi aqui. Desde sempre, acho que desde 2005 que a sede já se encontra aqui nesse local. E quando a associação começou em 2004, a primeira situação foi mesmo promover eventos, encontros, começou mesmo com isso porque não tinha nada. O primeiro projeto que a associação conseguiu foi em 2005. No meio do ano de 2004, quando ela começou a trabalhar, foi mesmo fazendo... como fala? Promovendo situações de convívio.

[Interrompidas]

**E.: Estávamos a falar das atividades da associação... Queria também perceber melhor se nesse primeiro da associação havia muitos contactos com instituições do Brasil? Se houve algum apoio...**

e.: Não, nem contacto nem apoio, nem naquela época, nem atualmente.

**E.: Mas por opção?**

e.: Não, nós trabalhamos individualmente mesmo, porque é complicado. Parece que não existe o interesse. Quando, por exemplo, o Lula veio aqui, das poucas vezes que veio, a Associação Mais Brasil foi uma das associações que estava presente, eu acho que foi

duas vezes que se manifestou, entregou uma caixinha, pedindo colaboração, apoio, compreensão, falando o objetivo da associação, e nunca obtivemos nenhuma resposta em relação a isso. Não há nenhum tipo de apoio do próprio Brasil. Então desde sempre a associação existiu por causa de pessoas que se interessam pelo assunto. Essas pessoas que começaram a associação em 2003, até à sua legalização, elas tiraram dinheiro do próprio bolso para fazer tudo, pagar documentação, e tudo o que foi necessário para fazer a legalização, as pessoas fizeram com dinheiro próprio.

**E.: E em relação às instituições aqui em Portugal, ou outras organizações, outras associações, vocês quiseram contacto? Algum apoio aqui em Portugal? Ou foi mesmo um processo individualizado?**

e.: Outras associações a nível de parceria, de se trabalhar em conjunto, e não de apoio, porque as outras associações passam pela mesma situação que nós. O nosso problema é financeiro, porque existem até pessoas interessadas, mas não existe verba. Então a Associação Mais Brasil tem contado com algumas associações, a nível de parceria, e algumas instituições, e aí assim apoiam, como por exemplo ceder o espaço como sucede na Fundação da Juventude, às vezes fazemos algumas reuniões e encontros na sala de estudo em baixo. Tem o Centro Comunitário São Cirilo que nos cede também o espaço. Então vamos assim encontrando alguns locais que nos dão apoio.

**E.: É um apoio sobretudo logístico...**

e.: Exato. Quando fazemos alguma festa, por exemplo feijoada, pagode, Carnaval, entramos em contacto com os locais e fazemos essa parceria também. Promovemos o encontro naquele local, os associados vão e participam. E pronto, isso aí para o local é bom, porque fica sendo conhecido, as pessoas frequentam, e nós temos o espaço para que as pessoas possam fazer esse convívio.

**E.: E relativamente às instituições públicas como o ACIDI, que quando se formou era o ACIME, qual foi o apoio nessa primeira fase, até 2009, e agora? Há alguma diferença no apoio dessa instituição?**

e.: Sim, há diferença porque hoje a situação está mais difícil e está tudo muito mais cerrado. Mas, por exemplo, quando a associação foi legalizada em 2004, ela logo apresentou um projeto anual e foi contemplada pelo ACIME, então a partir de 2005 já

começou a trabalhar com dinheiro com recurso do ACIME, e o projeto foi aprovado. Em 2005/2006, foi até quando eu trabalhei aqui...

**E.: Era um projeto com base em apoio logístico?**

e.: Sim, o nome do projeto era “Caiva”, de inserção social. Então fazia bastante o trabalho de inserir as pessoas, com relação a emprego, tipo logístico, e apoio psicológico, atendimento de forma geral dando informações sobre legalização, sobre a legislação de Portugal...

**E.: E das instituições públicas portuguesas essa foi a única da qual conseguiram apoio, ou candidataram-se a outros projetos, outras entidades?**

e.: Ao longo dos anos sei que o primeiro foi o ACIDI, ACIME na época, em 2005/2006 e ficou nesse projeto. Depois não sei se mantiveram mais o contacto, mas desde o ano passado, em 2010, quando nós voltámos, não tinha mais tempo para o projeto anual, então conseguimos o apoio de dois projetos pontuais, que foi quando começámos também a arrancar, apesar de demorar a chegar o dinheiro. Começámos a trabalhar e o dinheiro chegou só no final do ano, mas isso é outra coisa [risos]. Mas de qualquer forma, ainda o que nos ajuda, o que nos dá mais apoio mesmo, é o ACIDI.

**E.: E relativamente ao facto da Igreja Católica dar um apoio muito grande, ter uma estrutura grande de apoio aos imigrantes, houve alguma vez algum contacto, mesmo da parte deles, tentando saber alguma coisa da associação ou o contrário, algum contacto no sentido de um trabalho coordenado, no sentido de parceria?**

e.: Sim, tem o Seminário de Vilar, que tem a Dra. Maria Eduarda Viterbo, uma pessoa muito consciente, muito preocupada com essa situação da imigração, e ela é secretária e entra em contacto com as associações e promove encontros onde as associações se encontram para partilhar.

**E.: No sentido de perceber as redes da própria associação, porque crescendo como um projeto individual, de um conjunto de pessoas que entenderam que era necessário formar a associação... Perceber até que ponto a própria sociedade entra em parcerias nestas questões.**

e.: Pois é, entidades preocupadas com isso andam quase sozinhas, cada uma procurando o seu ganha-pão. E pelo que eu sei quem dá maior apoio a essas associações é mesmo o

ACIDI. É igual a nós, por exemplo, por mais que queiramos, o que é que nós podemos fazer para ajudar uma outra associação? E vice-versa, porque não existem realmente, tirando o órgão do governo, ou então factos isolados, como do Seminário de Vilar. Mas são situações pontuais de ajuda, porque a própria pessoa está interessada na situação, percebe?

**E.: Mas mesmo esse seminário potencia que algumas associações entrem em contacto, nem que seja por uma questão de aprendizagem... queria perceber até que ponto há um contributo não financeiro? Todo o trabalho coordenado, mesmo que não seja financeiro, é no fundo uma partilha importante...**

e.: É importante, e que é objetivo das associações. Quando recebemos vocês, estudantes, nós estamos partilhando algo, não é? É uma troca.

**E.: É uma abertura da associação ao exterior.**

e.: Exatamente, um dos objetivos é esse, claro. Para que as pessoas cheguem a tomar consciência da situação do imigrante, não é esse seu trabalho?

**E.: Exatamente, exatamente.**

e.: Servimos como referência, e é uma das coisas que também julgamos importante.

**E.: Não sei se esta é uma pressão que terá sentido, mas imaginemos que temos um imigrante brasileiro que procura a Igreja Católica para algum apoio. Acontece, por exemplo, ligarem para aqui a pedirem colaboração para a resolução de um problema concreto que tenham?**

e.: Sim, esporadicamente sim. E vice-versa. Lembrei também do Centro Comunitário São Cirilo, que é uma instituição que também é de apoio aos imigrantes e eles têm um trabalho de... acolhem as pessoas por um determinado tempo, três/quatro meses, pessoas que não têm onde ficar, cada uma na sua situação, e pronto, resumidamente não têm onde morar. Entramos em contacto, a pessoa vai para a entrevista, passa e fica por um determinado tempo, até melhorar a situação ou até conseguir voltar para o Brasil, ou conseguir passagem de volta... a associação vai tentando manter contacto com as pessoas e tentando apoiar. Por exemplo, esse senhor que veio aqui agora [**quando foram interrompidas**], ele tem as duas nacionalidades. Ele é português, mas não está com documentos de Angola e quer ir trabalhar lá, não sei, alguma coisa assim, mas a



nacionalidade dele é portuguesa. Então aparecem situações assim como, por exemplo, tentar ajudar para que receba o documento. E assim é, aparecem pessoas todas as horas, que estão sendo espancadas pelo marido, que fogem de casa com o filho e pronto, não têm onde ficar e vão correndo para o São Cirilo. Pessoas que passam dificuldade, que não têm onde tomar banho... Então tem um serviço que o Centro Comunitário São Cirilo presta: lavagem de roupa, as pessoas podem ir lá lavar roupa, tem aula de português, inglês... eles prestam determinado serviço.

**E.: E essa vossa parceria com o Centro Comunitário São Cirilo é algo que é recente?**

e.: É recente porque o São Cirilo foi aberto o ano passado e agora o trabalho deles também ficou mais organizado e cresceu. Então essa proposta que eu estou falando para você é mesmo atual. O ano passado já fizemos uma formação: “Procura e técnicas de emprego” e foi cedido o espaço lá e teve um público muito bom de pessoas. Tivemos um encontro lá da Festa Junina, que é uma festa típica brasileira, e os moradores, apareceram dez, participaram funcionários e algumas pessoas aqui da associação.

**E.: Vocês têm desenvolvido workshops também?**

e.: Sim, sim. O ano passado foram desenvolvidos acho que oito.

**E.: E estritamente direcionados para a população imigrante ou também é algo que, por exemplo, um português pudesse assistir?**

e.: Sim, por exemplo, a de técnicas de emprego foi onde eu comecei a trabalhar voluntariamente, porque eu saí logo no início. Eu organizei no comecinho e já saí da associação, que ela ficou fechada em 2009 e então estava tudo parado, coloquei tudo em dia e saí. E aí quando eu retornei no final do ano as coisas já tinham acontecido. E quando eu estava com problemas de saúde me ausentei mesmo, fiquei longe de tudo. Então quando eu voltei, no final do ano passado, as últimas formações eram essas que eu falei para você, técnicas de emprego. Fizemos uma aqui na sala de estudo e outra lá. E pode-se participar de qualquer nacionalidade, mas sempre se tem acesso às dicas de como imigrante tem de fazer. Aqui, por exemplo, os imigrantes que vinham eram brasileiros e dos países africanos, alguns. E lá, no Centro Comunitário, mais esse pessoal do leste, porque lá o imigrante abrange mais. Ou seja, se fala de uma forma geral como se prepara a carta, qual é a postura, como uma pessoa deve se portar na

entrevista, no curriculum, como fazer o curriculum, tudo isso... como fazer se for selecionado para um trabalho, sites de emprego, então isso serve para qualquer um, qualquer nacionalidade. E dicas específicas para as pessoas imigrantes, isso tem que se fazer, porque existe mesmo muita diferença entre você chegar e você ser português ou você não ser. Então nós orientamos, através da nossa própria vivência, nós já vamos fazendo uma complementação de coisas que a gente pensa que ajudam e que, no entanto, atrapalham. Por exemplo, uma pessoa já deu aula na Universidade do Minho, está desempregada, tem licenciatura, doutoramento e está aqui, pronto, desempregado, tem que se manter, o que é que faz? Não vai poder fazer um curriculum e dizer “doutoramento, dei aula no Brasil na Universidade tal...”, não vai poder fazer isso. Então você vai ter que fazer o curriculum de acordo com a vaga que você quer. Então não é vantagem dizer que você tem um nível superior se você está procurando para trabalhar num balcão, por exemplo, coisas assim. Então existem algumas dicas que são dadas em relação ao imigrante tomar cuidado ao falar. Por exemplo, uma mãe solteira...

**[Interrompidas]**

**E.: Na sua opinião o que é correu mal ou o que é que falhou para que a associação quase que fechasse portas no ano de 2009?**

e.: A doença do presidente. O presidente ele ficou doente. Teve cancro, foi detetado e foi agravando, e acho que demorou uns dois anos, até que em 2009, definitivamente, ele ficou mesmo muito mal. Ele tinha a Associação Mais Brasil como a menina dos olhos dele. Ele não queria deixar a associação de jeito nenhum, então ele tinha esperança de conseguir se recuperar. Ele faleceu o ano passado, em fevereiro de 2010. Ele tinha esperança de se restabelecer para vir, porque precisa ter alguém na frente, comandando. E, no entanto, quando já ficou impossibilitado, então a coisa ficou estagnada.

**E.: E na altura, não sei quem seria vice-presidente ou a estrutura...**

e.: Exato, não tinha vice-presidente.

**E.: Mas era uma estrutura muito centrada na figura do presidente.**

e.: Exatamente, daí que tenha parado. E aí o presidente, quando não estava mais aguentando, desistiu, em dezembro de 2009. Foi quando nós tivemos a lista e em 2010, foi aí que começámos. Mas tivemos dificuldades, como em coisas tão simples como não

sabermos a senha do computador, para entrar no email da associação. Não sabíamos nada, o código de nada, não sabíamos nada, tínhamos tudo trancado. Foi muito difícil e eu era a presidente, a Rute era a vice e para nós conseguirmos foi mesmo tudo muito difícil... conseguir mudar a conta do banco, todo e qualquer problema, tudo o que era legal foi mesmo muito difícil e complicado, porque não tinha ninguém para dizer nada e nós tínhamos que descobrir as coisas. E foi o que acabou demorando mais para que a associação conseguisse engrenar, mas mesmo assim, no meio do ano já conseguimos um projeto com o ACIDI e logo em seguida um outro, mas foi mesmo com muito esforço. Trabalha-se mais, mesmo voluntariamente, mesmo pelo ideal de se fazer alguma coisa e realmente ajudar as pessoas...

### **[Interrompidas]**

e.: Pois é, e aí, olha, a situação é assim: é muito importante, é fundamental que a associação tenha um espaço, porque esse é muito pequeno para nós. Imagina, eu estou falando com você, se chega uma pessoa tem que pedir para esperar. Não existe um espaço para conversar, não é, e as pessoas chegam em situações desesperadoras, sem ter onde ficar, sem ter o que comer, desesperadas. Não sabem se voltam, não têm como voltar. De todas as situações aparecem aqui, e aí nós precisamos saber se conversamos com a pessoa, se pedimos para esperar lá fora ou não. Se vamos dar uma formação, não temos espaço, temos que conseguir espaço aqui e ali, ou seja, é um trabalho mesmo de luta, mas fundamental, mesmo muito importante, porque uma pessoa que se ajude... Porque é diferente quando estamos no nosso país e estar num outro país, a diferença é muito grande e só sabe isso quem vive essa realidade. Sabe? Então, uma pessoa que se ajude, duas, três, já é muito. Por exemplo esse senhor que veio, ele sabia que podia vir aqui e pedir para usar o fax, ele sabia que podia fazer isso, porque ali nem pensar, falaram que estava quebrado lá em cima, para você ver. Essas pequenas e grandes ajudas que nós damos às pessoas.

### **E.: Foi isso que a motivou a reunir outra vez as pessoas em torno da associação?**

e.: Claro, claro. Eu sei o que é a pessoa vir aqui e preencher uma ficha e dizer assim: “qual a sua profissão?” e a pessoa “minha profissão... lá no Brasil?”. Quer dizer, então imagina: a pessoa atravessa o oceano e ela perde a identidade, ela não sabe nem qual é a profissão dela. Ela fica tão perdida aqui, desse outro lado, que quando fala “qual é a sua

profissão?” ela não sabe, porque lá ela era uma coisa e aqui ela já não é mais essa mesma coisa. E só de perceber isso é um choque muito grande e você ter que olhar para a pessoa e dizer assim “você tem uma profissão, quer você exerça ela ou não, você é esse profissional, você não deixou de ser quem você é porque você atravessou o oceano”. Percebe? Então o que fazer até que a pessoa possa perceber isso, como que eu faço para conseguir legalizar os meus documentos, reconhecer meu diploma? Porque ninguém consegue, é tudo muito difícil, como esse senhor falou. As pessoas fecham a porta e quando eu cheguei aqui diziam: “Como é que eu vou fazer para dar aulas, ser professora?”, “Pode desistir, minha filha. Aqui são mais de cem mil licenciados desempregados, como é que você vai conseguir dar aula? Nunca vai conseguir”. Quer dizer, então é isso que a gente ouve. E a associação pede para ser o contrário, para dar um apoio mais personalizado. E tem também o CNAI, que é o Centro Nacional de Apoio ao Imigrante, que tem todo um trabalho, lógico um órgão do governo, tem estrutura e tem isso tudo. E foi esse motivo que me fez fazer uma lista para que a associação não fechasse, porque realmente é muito importante uma pessoa chegar aqui desesperada e não saber o que fazer da vida e sair daqui com um brilho nos olhos e dizer “Meu Deus, eu tenho esperança, eu consigo”, através de uma simples conversa, de alguém dizer “Não, eu já passei por isso, eu também já sentei na rua e já chorei, já achei que estava tudo perdido e tudo acabado, mas eu consegui encontrar”. E eu, quando estava trabalhando aqui em 2005, uma reportagem numa revista procurou a associação e eles queriam entrevistar dois brasileiros. Um brasileiro, como fala, glorioso, que conseguiu progredir aqui, e outro o mais desgraçado, miserável. Aí me chamaram “Wilma, você quer dar uma entrevista aqui como uma fracassada?”, porque uma pessoa que tem duas licenciaturas, vem para Portugal e está aqui fazendo limpeza, trabalhando em telemarketing, sem receber ou recebendo três euros por hora, essa situação que é ilegal... ilegal! Quer dizer, uma pessoa dessas realmente não pode ser considerada como uma pessoa vitoriosa. Então estávamos aqui e chegaram os repórteres e tal, “então vamos entrevistar primeiro a senhora”, então começaram me fazendo as perguntas e falaram, aí eu fui contando a minha história, e afinal agora hoje estou assim e tenho dois filhos, e estou fazendo isso, estou fazendo aquilo... fui de Manaus para São Paulo quando eu tinha 7 anos, os meus pais foram para lá, os dez irmãos e fomos estudando, e depois fizemos universidade, eu e mais nove irmãos, tudo com muita dificuldade, aquela coisa e tal. E aí depois um dia um irmão decidiu vir para cá, veio, aí vieram os outros e aí me disseram que aqui era muito tranquilo e aí eu decidi vir, porque eu tinha

três filhos adolescentes e fiquei com medo de perder, dando aula ali no Capão<sup>1</sup> e Jardim Ângela, que foi considerada pela ONU por muitos anos como a zona mais perigosa da América Latina. Eu trabalhei treze anos nesse lugar e meu trabalho surtiu efeito, porque hoje não é mais considerada a zona mais perigosa da América Latina. Mas trabalhei lá mesmo, de tipo, dizer assim, o aluno sair... Porque lá tem inclusão, todos têm direito à escola, aí o bandido, o aluno, a pessoa que está presa, ela sai da prisão e vai para a escola para estudar. Quando termina, volta para a prisão, ou seja, aquela frutinha estragada no meio aqui dos outros... é mais fácil estragar os outros do que recuperar, lógico, é muito fácil destruir do que construir. Então imagina, os alunos presos que saíam para ir para estudar, só para sair da prisão e ainda para estragar os que estavam ali, ainda diziam assim “Olha, amanhã não venho não, não me dê falta”, porque eles não podiam ter falta, eles saíam e tinham que ter presença todos os dias, eles tinham que estar na escola e eles falavam para os professores assim “Olha, amanhã eu não venho, não me ponha falta não, senão vai morrer”, por exemplo, é um facto verídico. Ou então chegar assim e falar “De quem é que é essa arma aí? Vai deixar essa arma na secretaria, dentro da sala de aula você não vai ficar armado”. Ou então ter usado droga e estar lá, e você está lá querendo explicar seja lá o que for, o que é objetivo, o que é subjetivo, o que é sentimento... E você diz assim “você não pode fazer isso, porque isso não é bom”. Um lugar no qual ficava o grupo de fora, mesmo os alunos que não eram presidiários, ficavam para fora e os outros entravam para a escola e eles diziam assim “Seus trouxas, vocês vão falar de amor, de justiça, de honestidade, seus otários, vocês vão ver o que é que é a justiça e a honestidade”. Então, os colegas entravam para a escola e esses não entravam e iam fazer assalto. Quando saíam, terminava o período de aula, eles estavam lá, tudo com dinheiro na mão mostrando “Olha aqui, o que é que vocês ganharam hoje entrando para a escola? Nada! Olha aí o que nós ganhámos aqui”. Imagine que na última escola que eu trabalhei lá, seis anos na mesma escola, nem entregar o diário oficial podiam ir, nada, tinham que ir com escolta da polícia. Nem entregar nada porque eles roubavam, assaltavam tudo. Imagina, na época existia o Carandiru, isso é em São Paulo, os bandidos do estado todo se reuniam quando eles iam invadir o Carandiru, eles ensaiavam o ataque, então no final de semana não tinha lugar para estacionar na região toda da escola onde eu trabalhava, porque vinham bandidos de todo o estado para ensaiar, porque eles ensaiavam como ia ser o ataque ao Carandiru,

---

<sup>1</sup> Capão Redondo, São Paulo, Brasil

que hoje já não existe mais. Ou seja, é uma situação assim mesmo muito precária, muito difícil, onde morriam alunos, familiares, onde morria gente em quantidade. A polícia encontrava não sei quantas armas enterradas no quintal, que os pais enterravam, era uma realidade muito diferente daqui. Mas eu não sei porquê eu comecei a falar sobre isso...

**E.: Também já me perdi, mas isso é fascinante, porque é uma realidade que às vezes nos passa ao lado. Estávamos a falar das situações difíceis que levam as pessoas às vezes a bater-vos aqui à porta e a vocês quererem ajudar...**

e.: Ah, eu estava falando porque foi que eu vim para cá, o que me fez vir. Porque eu estava dando a reportagem e dizendo porque eu vim. Então eu vivia nessa realidade, na qual eu tinha de chamar os pais dos alunos e dizer “Seu filho está andando com fulano de tal, separe... porque ele vai se perder. Eu tinha que fazer isso, ou seja, eu não morri porque eu não tinha mesmo que morrer. Eu não conhecia os bandidos, mas eles me conheciam. Então fui jurada de morte algumas vezes, mas não morri, estou aqui contando a história para você. Eu, por exemplo, dava uma carga horária, e da carga horária completa eu tinha um dia livre na semana. Pois o dia livre que eu tinha, que eu escolhia sempre a segunda ou a sexta, para o final de semana ficar mais comprido. Então nesse dia em que eu não ia à escola era o dia em que eles acabavam... eles invadiam a escola, eles soltavam bomba, eles destruíam casa de banho, eles roubavam, eles faziam tudo. Era no dia em que eu não estava. Então todo o mundo já sabia, no ano letivo já sabiam que esse dia da semana vai ser o dia do terror. Porque precisava de alguém que tenha a coragem, sabe? Então eu falava “os pais de vocês deixam vocês aqui confiando na gente, que vocês vão ter uma educação”. Então, por bem ou por mal, você tinha que pegar e tirar bandido de dentro da escola. Tirar e enfrentar e eles a dizerem “Eu te mato” e eu “Vem, me mata, mas me mata aqui fora, aqui dentro não”. Quer dizer, um mundo totalmente diferente. Enfim, eu dando aula, trabalhei lá treze anos e eu via os jovens se perdendo. Via nitidamente. E quando meus filhos ficaram adolescentes, eu fiquei apavorada porque eles não tinham segurança nenhuma. Eu morava num lugar, com condomínio fechado e tudo, mas eles tinham que sair para ir para escola, eles tinham que fazer outras coisas. Então o que acontecia, eu fiquei apavorada e dizia “Não, Portugal é tranquilo” e aí para fugir da violência, eu vim para cá, entende? E foi assim... Minha irmã trabalhava num projeto, num programa chamado “Escolha” e mandou meu curriculum. Eu vinha no meio do ano de 2004, eu ia me matricular, fazer o mestrado e vinha com visto de estudo. Quando foi em março “tem

uma vaga aqui, a vaga é tua”, “tem certeza?”, “é, a vaga é tua, vem na entrevista semana que vem”. E na quinta-feira eu falei “mas essa vaga é minha mesmo? Fala com a tua chefe”, que falou “claro que a vaga é dela, está prometido”. Isso foi na quinta-feira, na sexta-feira me ligou e disse que a entrevista era na sexta-feira da semana que vem. Eu comprei passagem para segunda-feira, vendi a única coisa que eu tinha para vender, um carro. Comprei a passagem, só tinha uma, eu tinha três filhos. O meu carro dava para comprar três passagens e éramos quatro, eu e os três filhos, aí eu tive que optar. Eu vinha na segunda-feira para estar na entrevista aqui na terça e só tinha uma, e eu falei “eu vou e depois as crianças vão”. Aí eu vim para essa entrevista, cheguei lá “a vaga é sua”. Eu tinha trazido 400 euros. “Até ao final do mês você começa a trabalhar”. E eu aqui de turista, gastar, passear, viajar, meu emprego está garantido mesmo, com um contrato de trabalho me legalizo, está certo. Chegou no final do ano e me disseram “Não, não se pode mais contratar”. O ACIDI, os funcionários que trabalham, por exemplo lá no CNAI, e aí eu fiquei sem trabalho, sem nada, com uma mão na frente e outra atrás, sem dinheiro, e os meus três filhos no Brasil, aí o que eu fiz? Tive que escolher. A menina era a mais velha e dois meninos. Eu tive dois filhos biológicos e meu terceiro filho é adotivo. Aí, o que eu fiz: a mais ajuizada é a menina. O mais fácil de lidar, o que era mais fácil de ficar lá, o mais novo, era o meu filho que era adotivo, mas eu não podia deixá-lo lá, porque se eu deixasse ele podia se sentir rejeitado. Nenhum dos três podia vir para Portugal. Eu falei “esse eu não posso deixar”, o do meio eu não podia deixar porque já estava andando com más companhias. Aí eu deixei a menina, e nunca mais ela veio. Ela tinha 17 anos na época, hoje ela tem 24 e pronto, não veio naquela época, eu não me consegui legalizar, não consegui trabalho e fiquei dois anos e meio aqui ilegal. Nisto ela foi, continuou os estudos, começou a trabalhar, aí já não queria vir. Aí minha filha ficou, dois meses depois falei para o pai “manda meus filhos” e vieram. E eu aqui ilegal, sem ter o que fazer, sem ter dinheiro nem nada, morava na casa de uma irmã e aí tive que fazer limpeza, fazer essas coisas para poder...

**E.: Procurou a associação também?**

e.: Não, a associação não. Então o que aconteceu, devido a isso, eu fugi de lá por causa da violência e cheguei aqui nessa situação, ou seja fracassada, então na hora de dar a entrevista eu comecei a falar, falar, falar, e quando terminei, a vitoriosa, que é uma colega minha, falou “eu estou envergonhada de falar, porque a vitoriosa para mim é ela, porque eu sou farmacêutica, conheci um homem pela internet, ele foi no Brasil, nos

conhecemos, nos apaixonamos, eu vim para cá, nos casamos, tenho a nacionalidade portuguesa, trabalho na minha profissão, mas qual foi a vitória que eu tive? Eu tive tudo. A vitoriosa é a Wilma.”. E foi interessante isso, essa passagem. E, no entanto...

**E.: Acha que a maior parte das pessoas que chega aqui à associação passou situações de dificuldade? As pessoas que procuram a associação são pessoas nessa situação?**

e.: Sim, sempre.

**E.: E acabam por se tornar sócios e permanecer na associação mesmo quando começam a resolver a vida?**

e.: Sócias elas continuam, mas elas procuram mesmo mais num momento de aflição. À medida que a vida delas se organiza, aí pronto, já não se faz necessário. Elas levam o rumo, o caminho delas, pronto, seguem a sua vida. A associação serve mesmo na hora do apoio, da dificuldade mesmo. Ou, fora isso, nos momentos do convívio que, apesar de tudo, as pessoas sentem a necessidade desses momentos de convívio.

**E.: Quantos sócios têm mais ou menos?**

e.: Mais ou menos oitocentos.

**E.: E nessas situações de convívio aparecem muito poucos ou ainda conseguem mobilizar muita gente? Mas o convívio, ou workshop como me falou há pouco...**

e.: Pois é, é relativo. Acho que depende muito do local. Se for um local distante, as pessoas não têm facilidade de ir... É relativo, depende do clima, depende do horário, depende da situação, não dá para dizer assim. Mas uma coisa é certa: as pessoas, sempre que vão em qualquer que seja o convívio, ou qualquer formação, elas sempre ficam muitíssimo satisfeitas, mesmo que sejam dez pessoas. Elas dizem “Ah, não imaginava isso...”

**E.: Qual é a sua opinião sobre, por exemplo, uma vez eu em conversa com um imigrante brasileiro, perguntei-lhe se ele conhecia a Associação Mais Brasil e ele dizia-me assim “eu sei que existe uma associação, mas parece que é só para festas”. Acha que isso é uma ideia que às vezes as pessoas formam no geral sobre o papel das associações e que as afasta um bocadinho do associativismo e do convívio?**



e.: Sim e não, porque a primeira fase da associação, com a outra direção, ela trabalhou mais a nível de convívio, apesar de fazer esse apoio logístico, mas onde ela aparecia mais era nos momentos de convívio. Então as pessoas têm essa ideia que é real e, ao mesmo tempo, não é, percebe? Quando nós entrámos novamente, no ano passado, nós tive sempre essa preocupação de fazer um trabalho... nós tivemos menos convívio, porque tínhamos que priorizar. Então a prioridade não foi o convívio, tivemos acho que dois encontros, só, no ano passado. Não que não seja importante, que é muito importante, mas nós queríamos mudar essa imagem, essa ideia que as pessoas têm, que a Associação Mais Brasil serve só para festa. Festa é muito importante, mas não só. E o mais importante não é a festa mesmo, é o apoio mesmo que você dá. Apesar de ser importante a festa, porque a pessoa sente solidão, que não tem convívio, isso tudo interfere muito na vida da pessoa. Mas tudo é complicado e de difícil organização.

**E.: Até porque com poucos recursos é mesmo preciso colocar algumas coisas em primeiro lugar e outras...**

e.: Exatamente. E na outra etapa, a associação julgou o convívio, pelo facto de ser mais fácil fazer isso. E aí nós entrámos com a ideia do convívio, mas nós queríamos inverter um pouco a situação, mas agora este ano já vamos fazer o baile de Carnaval, por exemplo, percebe?

**E.: É importante porque é algo cultural, é vosso.**

e.: Exatamente.

**E.: Vocês têm sócios que já têm descendentes já nascidos aqui em Portugal, que se tornam sócios e que também gostam de participar? Ou é uma maioria ainda muito imigrante?**

e.: A maioria é imigrante mesmo. Alguns já são filhos nascidos aqui, mesmo porque a associação tem pouco tempo de existência, essa é a diferença lá da casa de Lisboa, que já tem mais tempo. Você me fez uma pergunta e eu ia complementar dizendo isso: é muito relativo, além das pessoas procurarem a associação mais num momento de conflito, depois isso melhora e muitas vão embora para o Brasil, vão para outro lugar e perde-se esse contacto. E agora a associação é nova, mas quem continuar por aqui, vão tendo filhos e os filhos vão participando... são poucos, mas existem. E se a associação continuar, imagina, daqui a uns anos serão esses que irão dar continuação do trabalho,

que vão saber dos seus pais e saber o quanto isso é realmente importante para ajudar as pessoas do seu país, ou não, mas principalmente.

**E.: Vocês têm muito contacto com associações brasileiras em Lisboa ou não?**

e.: A outra direção tinha mais. O “Brasil”, nome do ex-presidente, ele tinha mais contacto do que nós, e quando nós voltámos no ano passado para colocar tudo na situação que estava e fazer o que nós fizemos, tivemos que priorizar: fazer o contacto com algumas entidades que seriam mesmo fundamentais, tipo o consulado... Visitas e apresentação “Olha, estamos aqui de volta”, não é? O ACIDI, fomos lá até Lisboa para fazer a apresentação, aqui no CNAI, no consulado, ali no Seminário de Vilar, no Centro Comunitário São Cirilo. Quem trabalha lá e com quem temos um contacto grande é uma ex-funcionária do CNAI, que já fazia parte e já era líder da direção. Então, tivemos que dar maior preferência para isso. Então essa questão do ser importante o contacto com as outras associações é aquilo que eu falei para você, é muito desgastante. Cada um fica correndo atrás da sua situação e da sua realidade, então tem que se priorizar, porque quem dera que fosse uma coisa mais fácil, no qual fosse fácil abraçar um mais outros, e que é um objetivo, nós temos esse objetivo, todos têm, mas as dificuldades acabam por complicando esse relacionamento.

**E.: Para ser sócio da vossa associação as pessoas não têm que pagar nada?**

e.: Não, nós temos uma vontade de cobrar uma mensalidade de 10 euros por ano, por sócio, para ajudar, de alguma forma, a associação. Mas também nós não conseguimos consolidar isso, porque quando nós fomos eleitos reformulámos, ampliámos os objetivos do estatuto da Associação Mais Brasil, para podermos atuar mesmo de uma forma mais abrangente. Fizemos regulamento interno, fizemos muitas arrumações, muitas modificações para deixar ela estruturada como ela está agora. E ainda não está como é o nosso objetivo.

**E.: Quais são os objetivos mais imediatos? E aqueles que preveem mais no longo tempo, que ainda falta concretizar?**

e.: Os objetivos da associação são sempre os mesmos, dar um apoio aos imigrantes.

**E.: Mas o que é que ainda falta em termos logísticos e de parceria? Ainda falta muito trabalho nesse sentido?**

e.: Falta, falta. E como é um trabalho voluntário, nós temos segunda, quarta e sexta. Segunda é a presidente, quarta é uma outra sócia que é voluntária e sexta-feira sou eu. Já foi aprovado o projeto, quando vier o dinheiro, que deve vir lá para o meio do ano, pode ser contratada uma pessoa para ficar trabalhando aqui e abrir todos os dias. Mas como nós podemos abrir com uma pessoa aqui trabalhando e falar assim “olha, no meio do ano você recebe”. Não pode ser. Nisso a situação financeira acarreta muito para que a gente consiga atingir os nossos objetivos, então vamos conseguindo, mas falta muito.

**E.: E então os objetivos passam por isto ficar aberto permanentemente?**

e.: Todos os dias, esse é um dos nossos maiores objetivos, estar abertos todos os dias. Aliás, esse é o nosso maior objetivo. E o dia todo, para que as pessoas possam vir, independentemente do horário, se trabalham de manhã vêm de tarde ou vice-versa, entende? Para encontrar realmente um apoio, encontrar realmente um colo, sabe? Uma palavra amiga, uma orientação. “Olha, procura essa entidade. Você quer resolver sua situação? É no consulado que você tem que ir”, dar esse apoio, dar essa informação. Porque a informação é a melhor arma que nós temos, o conhecimento. Então é isso que nós tentamos passar para as pessoas, informação.

**E.: Porque imagino que as pessoas que procurem a associação são aquelas que estão numa situação difícil, são aquelas que estão numa situação de irregularidade, não tendo papéis nem se podendo legalizar... Ficam numa situação ainda mais frágil e daí a importância da informação, saber como...**

e.: Mas não só, não é? Porque é uma realidade também que as pessoas mesmo que tenham informação no Brasil, mas que não tenham condições financeiras, vêm para cá e passam por situações, assim como os outros que não têm estudos. Porque o que prevalece é o dinheiro, quem vem do Brasil para cá com dinheiro, não interessa se tem estudos ou se profissão, não interessa nada... tem dinheiro! Precisa ficar batendo na porta dos outros, precisa de quê? Percebe? Então essa necessidade é claro que é maior por parte de quem não tem estudos, mas também ela atinge as outras pessoas que têm estudos, que são legalizadas e que têm dificuldades, por várias situações. Um dos meus objetivos, quando você falou disso, eu ia completar e esqueci, agora retornou: é a questão da imagem da mulher brasileira, ligada à prostituição. Isso é péssimo, isso é

péssimo para nós, entendeu? As pessoas nos julgam mesmo sem nem saber quem nós somos. Eu mesma, já tenho cara de brasileira, já tenho cor de brasileira, eu não preciso fazer nada, eu calada, não preciso nem falar para saberem que eu sou brasileira. Eu ando na rua e onde tem algum homem fala “hmmm brasileira, hmmm brasileira”, percebe? Sem eu falar. E tem pessoas que não, você poderia ser brasileira, não é? A sua aparência física, porque lá é uma mistura, você poderia ser brasileira, mas só iam saber se você é ou não, na hora que você fala. Agora, tem uns que já estão na cara, eu já estou na cara que sou brasileira, então nem preciso falar, e isso é muito ruim, já passei por muitos problemas com isso. Chegar lá às oito horas da manhã comprar o jornal cedinho, estar lá na porta para procurar o serviço, antes de conseguir legalizar os meus diplomas... E ser olhada de cima a baixo e falarem “a vaga está ocupada”, vira as costas e vai embora, como se eu fosse um nada... “A vaga já estou ocupada” e nem pergunta nada, nada, nada... quer dizer, é mesmo por isso, porque a vaga saiu e está no primeiro dia, eu sou a primeira pessoa que chega, para onde é que a vaga foi? Querer alugar casa... A primeira casa que eu aluguei, como eu chorei... porque quando eu consegui alugar uma casa, ia ter condições para pagar uma casa, eu não conseguia, porque as pessoas falavam “não, a casa já foi alugada”. Aí eu comecei a desconfiar, é porque eu sou brasileira... Aí um dia era uma casa que parecia ser muito boa e eu estava com muita intenção de mudar, de ir para esse local. O preço era bom, era um T3, não me lembro, as condições eram boas e eu queria muito. Aí eu comprei o anúncio cedinho, cheguei lá cedinho e me dizem “não, a casa já foi alugada”. Aí eu disse “não, não foi, não pode ser”, aí eu estava andando e chorando, chorando, foi até perto ali do Rivoli, e encontrei um casal de amigos, ela brasileira, ele português, e eu falei “gente, a ignorância é tão grande que nem casa eu consigo achar” e ela “não é possível” e eu “É, é! É possível, é possível, é porque eu sou brasileira! Olha aqui o anúncio, acabei de ligar, diz que a casa está ocupada”, “Wilma, não é, Wilma não é. Liga.” Ele ligou, ele era português, “Ah, pois não, pode vir, a que horas o senhor pode vir? Sim, está disponível, sim”. Ele desligou, olhou para a minha cara e falou “desculpa, desculpa”. Então é tudo muito difícil, percebe? Nessas horas ter um apoio, de chegar em um lugar qualquer e alguém dizer “calma, você é gente”, tipo, não sabe que profissão você é, lá no Brasil ou aqui? O que é que eu sou? Sabe, então chegar a esse ponto de união, assim de identidade, de referência... a Associação Mais Brasil, o objetivo dela maior é servir como referência e principalmente para as pessoas que perdem a identidade, que perdem o rumo, não sabem quem são, o que são.

**E.: Para mim é um trabalho que, como já lhe disse no outro dia, que é insubstituível, porque aquilo de que eu me apercebi também quando estive no CNAI, é que as pessoas o procuram, mas se estiverem mais numa situação legal. Porque como no CNAI funciona o SEF, há um grande medo de procurar o CNAI, mesmo sabendo que existem lá gabinetes de apoio em que as pessoas podem procurar ajuda desse tipo. Mas há um medo. E também há um desconhecimento também, não é?**

e.: Desconhecimento. E é uma das informações que nós temos. O CNAI, aí é território neutro, o SEF não. Mas o espaço todo do CNAI você pode ir e é lá que você vai se informar, e as pessoas não sabem disso. Então imagina “ai não, não pode, não tem direito à saúde”, tem sim, tem direito à saúde, mesmo ilegal. Sabe, essas informações.

**E.: Vocês têm contacto com o SEF? Alguma vez tiveram? O que é que procura?**

e.: Não, não tem.

**E.: Para fazer uma ponte em relação à situação anterior, a de 2009, e a situação atual, vocês têm mais sócios hoje em dia ou os sócios são os mesmos?**

e.: Não, temos mais sócios, porque o ano passado se conseguiu uma boa quantidade de sócios, não é, esse número que eu te falei, oitocentos mais ou menos, já devo estar tirando uns 200 sócios, que são pessoas que já não estão mais em Portugal, que a correspondência volta, que não respondem ao email, essas coisas...

**E.: Estava a perguntar em relação ao passado se hoje em dia têm mais sócios, se têm mobilizado mais pessoas?**

e.: Sim, conseguimos mobilizar mais pessoas. Mesmo porque quanto mais acesso à internet as pessoas têm, mais fácil fica o contacto com as pessoas, não é? No início era o quê, comprar envelopes, escrever, mandar, pagar correio, não tinha nem dinheiro para fazer isso. Então qualquer convocatória que fosse era um dinheirão que se gastava para fazer uma coisa dessas. Hoje em dia você vem aqui e já faz tudo pela internet, ou seja, você consegue fazer a visão maior. Você num dia, até mesmo por email, contacta, manda a ficha de inscrição e a pessoa paga, então é mais fácil.

**E.: Relativamente àquilo que é a política portuguesa de integração, vocês acham que as políticas, as leis, são moldadas à situação? São políticas de integração ou leis que cortam, que dificultam a vinda dos imigrantes e a integração?**

e.: A vinda é uma coisa e a integração é outra.

**E.: Então vamos falar duma coisa e da outra, relativamente à entrada e depois das pessoas entrarem, as leis e as regulamentações que existem em torno da situação legal do imigrante. Vocês acham que está adequado ou que ainda há trabalho a fazer?**

e.: Adequado a quem? [risos] Não tem nada facilitado para o imigrante. Não posso falar em nome da associação porque não temos estudos baseados nisso, é a minha perceção sobre o assunto. Não é nada facilitado, as leis e os regulamentos são feitos para dificultar a entrada e a estadia das pessoas aqui, sempre foi e eu acho que continua sendo. E eu acho isso mesmo muito triste, porque o nosso mundo é o planeta Terra. Ser cidadão do mundo é o quê? É ter direito de ir para qualquer lugar onde você acha que é melhor morar. Então você tinha que realmente ter isso de verdade. Isso é política só para fazer bonito, não é? Porque você escolhe... eu, por exemplo, escolhi sair do Brasil, mas só eu sei o que eu já sofri aqui em Portugal, nada me foi facilitado, foi tudo muito difícil, como é para todas as pessoas, com exceção das pessoas que têm condições financeiras, não é? Ou seja, as coisas não deveriam ser assim, mas também lá no Brasil as coisas são assim, as coisas são difíceis para os imigrantes. Na verdade, não existe essa ideia de que nós temos um planeta e que cada cidadão deveria ter direito de ir e vir, a liberdade de ir e vir, e ter as mesmas condições. São sempre colocadas barreiras que impedem isso, em vez de se expandir a mente... não é a mente... a ideia de se facilitar se complica. Agora existem pequenos grupos de pessoas, de associações, de instituições que têm a vontade de que isso mude e de que se fale uma língua apenas, que houvesse realmente uma união, uma interação, uma integração. Mas isso está longe de ser a realidade mesmo da política mundial.

**E.: Mesmo quando o imigrante, tendo em conta a sua experiência pessoal e o que conhece, das pessoas que procuram a associação, mesmo quando a pessoa se legaliza, algumas questões continuam difíceis?**

e.: Sim, existem sempre. Existe sempre o preconceito. Você viu o meu inquérito, o que eu respondi... existe sempre. Sim, sim, sim. Eu, por exemplo, minha experiência

particular, fui legalizada, o Ministério da Educação me autorizou a dar aula. Aí eu fiz inscrição para uma escola e fui chamada, de acordo com a minha classificação, e eles me disseram “fala aqui da escola tal... é brasileira... mas se a senhora tem reconhecimento porque é que a senhora não foi colocada no concurso?”. Aí eu falei “porque isso aconteceu em outubro do ano passado”. Isso era em janeiro, o concurso já tinha passado, então agora eu tenho que ir pegando aulas de substituição até o próximo concurso, para poder realmente entrar no começo... “Ah, mas a senhora não se importa de vir aqui trazer toda sua documentação” e eu falei “Não, não me importo”. Fui, cheguei lá, era a diretora da escola que estava falando comigo, aí chamou uma pessoa da secretaria que trabalha com a documentação. Chegou lá, eu abri “A senhora trouxe os documentos?”. Aí chegou a outra senhora, que nem olhou para mim, parecia que eu tinha uma doença, até hoje eu não sei porquê, ficou me fazendo um monte de perguntas... “Está aqui o meu documento do Ministério da Educação, ele me habilita a exercer minha função de docente”, então a diretora ficou conversando com ela, fazer o quê? Aí, trabalhei nessa escola e passado um tempo, uma semana/duas semanas, mais ou menos, a diretora chegou e falou assim “Wilma, eu tenho que te pedir desculpa por uma coisa”, e eu falei “o que foi?”, “Eu te tratei daquele jeito no primeiro dia que te liguei e depois quando você veio para cá. Sabe, Wilma, desculpa, mas é que é a primeira brasileira aqui na escola. Você me desculpa, Wilma”. Então, depois, pronto, ficamos amigas, ela é uma pessoa maravilhosa.

**E.: Acabou por reconhecer que não é uma situação normal, eu também andei nalgumas escolas e nunca vi...**

e.: Exatamente, nunca é. Então, mesmo para o legalizado, mesmo com tudo, nunca é a situação normal, as pessoas não sabem como agir e nós ficamos assim. Pedem documentação de identificação, eu mostro “não, isso não é documento de identificação”, “é, isso aqui é o meu documento de identificação”, “não, não é”. Então, nós passamos por situações até hoje, a vida toda, quem é imigrante passa por situação. É tudo muito desgastante para imigrante. Mesmo legalizado é tudo muito complicado, porque as leis não são feitas para facilitar. Aquela sua pergunta... são feitas para complicar e as pessoas não têm informação, ou seja, o interessado é que tem que ir atrás. Ou seja, nós imigrantes, temos que ter conhecimento para poder lutar a nosso favor, porque quem está aqui estabelecido não sabe, então é fácil dizer “Não, não aceito. Não, não é assim”.

Mas se eu estivesse lá no Brasil, talvez eu agisse da mesma forma com as pessoas. Se me perguntasse se eu conheço uma associação lá do Brasil, eu não, para quê que eu ia saber disso, não é do meu interesse. Mas tem uma diferença da cultura portuguesa e da cultura brasileira, porque lá, mesmo não tendo conhecimento, lá todo o mundo é igual, todo o mundo é gente. A nível de legislação, isso não interessa, sabe? Você conhece uma pessoa e não te interessa se a pessoa está legalizada, se não está, a cor dela, se ela é assim... Não, isso para a gente é indiferente. Não se mantém essa postura aqui da aparência. Claro que tem essa preocupação, não é isso, e algumas pessoas, na minoria que é a classe alta – que tem muito a ver com isso, de classe social, de aparência – a maioria, da classe média para baixo, só algumas pessoas sofrem dessa doença de que o povo português sofre: está olhando para a pessoa por fora e não por dentro. Lá no Brasil isso é muito invertido. Claro que as pessoas de classe alta... também existem as que tem esse carácter mais humanitário. Aqui não, aqui é o oposto, as pessoas têm muito que aprender isso. Então eu já falei, olha, eu vou pendurar os meus diplomas na minha testa, eu tenho duas licenciaturas... atenção, eu sou doutora. Você passa por cada situação, sabe? Eu fiquei internada, eu estava com um problema num ombro, aí eu não podia ficar com o ar condicionado, aí o enfermeiro daquela noite eu falei “por favor, dá para desligar o ar condicionado que está dando no meu ombro?”, “não, não vou desligar” e eu falei “porquê você não vai desligar?” e ele “não vou desligar porque não é minha função aqui”, “isso aqui arrefece, já está frio, as enfermeiras desligam automaticamente, eu não posso ficar com o braço assim”, “eu não vou desligar” ele me disse. Virou as costas e foi embora. Aí eu levantei, mal podia levantar, mas levantei da cama, porque tinha paralisado do lado esquerdo, mas já estava-me movimentando um pouco. Eu falei que tinha uma reclamação, eram dez horas da noite, eu vou reclamar porque eu não vou dormir, eu estou aqui para ser cuidada e não para ser mais prejudicada, têm que cuidar da minha saúde. “Quem é a responsável daqui?” aí veio e eu falei “eu falei com o seu colega, pedi para desligar...”, “colega não, senhor enfermeiro Bruno”. Aí eu disse “olhe, desculpa, não foi por mal, porque lá...”, “O que é que a senhora está dizendo? Porque se fosse lá no seu país, a senhora ia ser tratada diferente?”, eu falei para ter calma e ela “tenha calma, não! A senhora falou do seu país, a senhora acha que está sendo mal tratada aqui?” Eu falei “olha, a questão nem era essa, mas agora já é”. “Como não era se a senhora falou «no meu país»?”. “Pois, eu ia terminar dizendo que no meu país o facto de falar «o seu colega» não quer dizer que esteja a desrespeitar, porque nós não precisamos de dizer o título da pessoa, isso lá não tem importância nenhuma.” Não



é porque eu sou professora que eu sou doutora, percebe? Eu não preciso dum título para me sentir mais ou menos, isso já faz parte da nossa cultura, e aqui não, é senhor doutor não sei o quê, percebe? Aí ele me chamou a atenção, quando eu falei com ela, porque me disseram “colega não, senhor enfermeiro Bruno”. Não foi por mal, eu não queria ofendê-lo, eu não me ia dirigir assim a ele, é porque é hábito, mas ele não esperou, aí começou a confusão. Resumindo a história: brigámos, discutimos, falei para ele que eu não era ignorante, que eu não era burra, e que a partir daquele momento, então, ele ia ter que começar a me chamar de senhora doutora, se era assim, se o título era realmente importante. Falámos mesmo de uma forma bem tensa e falei “isso, com certeza, eu no meu país não ia passar”. Esse nervoso eu não ia passar, isso é um facto. Jamais eu ia ser chamada a atenção, achando que eu estava desrespeitando a outra pessoa só por causa de um título. Isso aí realmente é uma grande diferença. Mas resumindo a história: ele foi e falou “não vou-te ajudar, mas vou aumentar a temperatura, vou pôr lá 23 graus” e eu falei “talvez seja quente, porque essa sala sempre tem muito calor”, “mas o importante agora é a senhora, daqui a uma hora eu volto para saber se está tudo bem”. Dali a uma hora voltou “está bem agora?” e eu falei “está, para mim está, mas veja com ela, vê se não está muito quente”, “não, o importante é a senhora”. Percebe? Só porque eu disse que ia reclamar, porque eles estavam querendo acabar com a minha vida no hospital, não cuidando da minha saúde. Então, se gera conflito desnecessariamente. Eu estou fazendo fisioterapia, e deitei na cama, fiquei lá dez minutos e a fisioterapeuta esqueceu de me de levar a bolsa quente para eu colocar. Eu falei “pronto, a moça esqueceu”, moça é a forma que nós usamos. Aí eu sentei na cama e fiz assim para ver. Quando eu puxei a cortina, vinha vindo uma auxiliar e aí eu falei “olha, eu acho que a moça esqueceu de trazer a bolsa quente”, “a moça não”. “Desculpe, a estagiária que me mandou deitar, achei que era ela que ia-me trazer”, “não, mas eu já lhe trago”. Aí trouxe, isso foi a semana passada, entrou e disse assim “olhe, quando a senhora quiser falar comigo, a senhora me chame de senhora dona não sei o quê, não lembro o nome dela, e quando for com aquela moça, que a senhora estava dizendo, chame-a por favor de senhora terapeuta estagiária”, olha eu nem sei! E eu olhei e fiquei pensando assim “Meu Deus, até quando isso?”, percebe?

e.: Eu estou falando para você dos aspetos negativos, porque eu já encontrei muitas pessoas maravilhosas, atenção. Eu não estou dizendo que no povo português ninguém presta, não, não é isso que estou dizendo. Eu estou dizendo que existe muita diferença

entre o brasileiro e o português. Lá, com o brasileiro todo o mundo é amigo até que se descobre o contrário, e aqui é o contrário: ninguém é amigo até que se prove que é amigo. Mas que existem pessoas boas, maravilhosas, e principalmente no ramo da saúde, coisa que eu nunca imaginei, eu nunca esperava. As pessoas do ramo da saúde, a maioria são pessoas parecidas com a brasileira, porque são pessoas que estão mais recetivas, mais abertas, a olhar para você e te sentir, e não simplesmente te despachar ou te isolar. E é essa a diferença da característica do povo brasileiro. E onde causa muita confusão e conflito... de sorrir, de gesticular... de dizer “olha aquela lá... não é brasileira? Prostituta?”. É complicado, mas eu gosto muito de Portugal, senão não estaria aqui. Apesar disso, eu saí de lá para fugir da violência e a parte que eu queria, eu tenho aqui, com relação à segurança. Então, eu estou satisfeita. Então, tudo isso que eu enfrentei, me vale porque eu consegui meu objetivo, entendeu? E a associação... Passei por tudo isso... O real é uma coisa e o ideal é outra. E a gente viver, sentir, é de uma forma, do que só imaginar aquilo. Então ser imigrante, eu acho que é mesmo ser imigrante passar por tudo aquilo que eu passei e que eu passo, porque só assim para eu saber e poder refletir e para não ser igual e não fazer igual ao que as pessoas fazem comigo. Então quando a mulher, dessa vez que me veio ensinar a falar com a senhora doutora enfermeira terapeuta, estagiária terapeuta, eu não disse “você me chame de Dra. Wilma”, porque eu sempre me esforcei para não ser igual no aspeto negativo, não vai ser agora, depois de tanto tempo, que eu vou fazer isso. Então é muito bom, aprender e crescer. E onde a gente consegue isso? Através dessa troca, desse contacto com a cultura diferente. E aí nos aspetos positivos, a gente olha e faz igual. Nos negativos, olha, tomamos muito cuidado para não cometer o mesmo erro, não fazer a mesma coisa.

**E.: Foi muito interessante, foi mais uma daquelas conversas que poderíamos estender, porque são sempre muitas coisas para contar. Agradeço-lhe imenso este tempo que perdeu aqui comigo.**

e.: Não perdi, ganhei. E lembre-se que a Associação Mais Brasil serve de elo de ligação, então no que nós pudermos contribuir, seja brasileiro, ou não, é indiferente.

**E.: Eu é que agradeço.**

### **Análise de conteúdo à entrevista realizada à Vice-presidente da Associação Mais Brasil**

A opção por entrevistar Wilma Souza da Costa em vez da presidente da AMB deve-se ao facto de ter sido a própria quem assumiu a presidência da associação depois de esta quase ter encerrado em 2009. Apenas por razões de saúde, Wilma Costa teve que se afastar temporariamente, tendo Ruth Teixeira passado a assumir o cargo de presidente.

| <b>Categorias de análise</b>   | <b>Dados/ Sínteses</b>   | <b>Excertos</b>  |
|--|--|--|
| <b>Emergência, formação e desenvolvimento da associação (até 2009)</b> | <p>A AMB nasceu da união de um grupo pequeno de amigos brasileiros que desde 2003 começou a pensar no projeto a partir de reuniões em casa de um dos seus fundadores. Reconhecida oficialmente em 2004, os objetivos da associação passavam inicialmente pela promoção de momentos de convívio e apoio no acesso e compreensão da informação relativa à imigração, nomeadamente, de natureza jurídica e legislativa.</p> <p>Sem qualquer apoio durante o primeiro ano, a associação foi funcionando com o dinheiro dos seus fundadores e na base de algumas parcerias (não financeiras) conseguiram organizar alguns momentos de convívio.</p> <p>Em 2005 veem o seu primeiro projeto de inserção social aprovado pelo ACIME, atualmente ACIDI, vigente para os anos 2005/2006.</p> <p>Entretanto, devido a uma estrutura muito dependente da figura do seu fundador e presidente, com o aparecimento de uma doença grave a associação caiu numa situação de inatividade, quase encerrando as portas durante o ano de 2009. Só após a morte do anterior presidente, a nossa entrevistada resolve pegar novamente no projeto da</p> | <p>“A Associação Mais Brasil se formou por um grupo de amigos, pessoas brasileiras, na maioria brasileiras, e que queriam formar uma associação em 2003. Elas se uniram em 2003, mas apenas em 2004 a associação conseguiu ser reconhecida.”</p> <p>“Um dos grandes motivos era ser uma situação de convívio, porque essa situação do imigrante que está fora do seu país sente saudade do país, então é importante o convívio. E além do convívio seria dar informações às pessoas que chegam aqui e não conhecem as leis de imigração. Então o grande objetivo era esse.”</p> <p>“Ao princípio a sede era na casa de um dos fundadores e logo, quando foi conseguido um espaço mesmo, foi aqui. Desde sempre, acho que desde 2005 que a sede já se encontra aqui nesse local. E quando a associação começou em 2004, a primeira situação foi mesmo promover eventos, encontros, começou mesmo com isso porque não tinha nada. O primeiro projeto que a associação conseguiu foi em 2005. No meio do ano de 2004, quando ela começou a trabalhar, foi mesmo fazendo... como</p> |

|  |                                 |  |
|--|---------------------------------|--|
|  | associação e reabrir as portas. | <p>fala? Promovendo situações de convívio.”</p> <p>“O presidente ele ficou doente. Teve cancro, foi detetado e foi agravando, e acho que demorou uns dois anos, até que em 2009, definitivamente, ele ficou mesmo muito mal. Ele tinha a Associação Mais Brasil como a menina dos olhos dele. Ele não queria deixar a associação de jeito nenhum, então ele tinha esperança de conseguir se recuperar. Ele faleceu o ano passado, em fevereiro de 2010. Ele tinha esperança de se restabelecer para vir, porque precisa ter alguém na frente, comandando. E, no entanto, quando já ficou impossibilitado, então a coisa ficou estagnada.”</p> <p>“E aí o presidente, quando não estava mais aguentando, desistiu, em dezembro de 2009. Foi quando nós tivemos a lista e em 2010, foi aí que começámos. Mas tivemos dificuldades, como em coisas tão simples como não sabermos a senha do computador, para entrar no email da associação. Não sabíamos nada, o código de nada, não sabíamos nada, tínhamos tudo trancado. Foi muito difícil e eu era a presidente, a Rute era a vice e para nós conseguirmos foi mesmo tudo muito difícil... conseguir mudar a conta do banco, todo e qualquer problema, tudo o que era legal foi mesmo muito difícil e complicado, porque não tinha ninguém para dizer nada e nós tínhamos que descobrir as coisas. E foi o que acabou demorando mais para que a associação conseguisse engrenar, mas mesmo assim, no meio do ano já conseguimos um projeto com o ACIDI e logo em seguida um outro, mas foi mesmo com muito esforço. Trabalha-se mais, mesmo voluntariamente, mesmo pelo ideal de se fazer</p> |
|--|---------------------------------|--|

|   |  |  |
|---|--|--|
|   |  | alguma coisa e realmente ajudar as pessoas...”   |
| <b>Principais objetivos e atividades em torno das quais a associação se mobiliza – a partir de 2010</b> | <p>Quando reabriram as portas em 2010 ganharam financiamento para dois projetos pontuais e têm tentado dar um novo rumo à associação desde então. Com o mesmo objetivo prioritário de apoio ao imigrante, a nova direção procurou agora dar um maior ênfase na ajuda ao imigrante através do aconselhamento sobre todo o tipo de questões, nomeadamente, legais, mas também de reencaminhamento no caso das necessidades mais básicas. Em detrimento disso, realizaram-se menos momentos de convívio e festa – como era comum na anterior direção –, embora continuem a julgar que esses momentos são muito importantes no combate ao isolamento, solidão, às saudades do país de origem.</p> <p>Com as prioridades focalizadas no apoio direto e imediato ao imigrante, a AMB levou a cabo alguns <i>workshops</i>, nomeadamente, na área da capacitação para a procura de emprego.</p> <p>Para o desenvolvimento destas atividades contam com o apoio financeiro do ACIDI – através dos projetos que são aprovados –, mas também trabalham em parceria com o Centro Comunitário São Cirilo, onde lhes é cedido o espaço.</p> | <p>“Os objetivos da associação são sempre os mesmos, dar um apoio aos imigrantes.”</p> <p>Acho que depende muito do local. Se for um local distante, as pessoas não têm facilidade de ir... É relativo, depende do clima, depende do horário, depende da situação, não dá para dizer assim. Mas uma coisa é certa: as pessoas, sempre que vão em qualquer que seja o convívio, ou qualquer formação, elas sempre ficam muitíssimo satisfeitas, mesmo que sejam dez pessoas. Elas dizem “Ah, não imaginava isso...”</p> <p>“Sim e não, porque a primeira fase da associação, com a outra direção, ela trabalhou mais a nível de convívio, apesar de fazer esse apoio logístico, mas onde ela aparecia mais era nos momentos de convívio. Então as pessoas têm essa ideia que é real e, ao mesmo tempo, não é, percebe? Quando nós entrámos novamente, no ano passado, nós tive sempre essa preocupação de fazer um trabalho... nós tivemos menos convívio, porque tínhamos que priorizar. Então a prioridade não foi o convívio, tivemos acho que dois encontros, só, no ano passado. Não que não seja importante, que é muito importante, mas nós queríamos mudar essa imagem, essa ideia que as pessoas têm, que a Associação Mais Brasil serve só para festa. Festa é muito importante, mas não só. E o mais importante não é a festa mesmo, é o apoio mesmo que você dá. Apesar de ser importante a festa, porque a pessoa sente solidão, que não tem convívio,</p> |

|                                     |  |  |
|-------------------------------------|--|--|
|                                     |  | <p>isso tudo interfere muito na vida da pessoa.”</p> <p>“Ou seja, se fala de uma forma geral como se prepara a carta, qual é a postura, como uma pessoa deve se portar na entrevista, no curriculum, como fazer o curriculum, tudo isso... como fazer se for selecionado para um trabalho, sites de emprego, então isso serve para qualquer um, qualquer nacionalidade. E dicas específicas para as pessoas imigrantes, isso tem que se fazer, porque existe mesmo muita diferença entre você chegar e você ser português ou você não ser. Então nós orientamos, através da nossa própria vivência, nós já vamos fazendo uma complementação de coisas que a gente pensa que ajudam e que, no entanto, atrapalham.”</p>   |
| <p><b>Sistema de associados</b></p> | <p>O número de sócios é de cerca de oitocentos, um número elevado e que se deve ao facto de, na verdade, não existir um sistema de quotas, bastando um contato com a associação, por exemplo, através de endereço eletrônico ou número de telefone, para automaticamente o indivíduo se tornar sócio.</p> <p>A entrevistada reconhece que o contacto dos sócios com a associação é sobretudo um contacto esporádico, geralmente num momento de necessidade. Com a capacitação do imigrante e a resolução dos problemas que o levaram a procurar a AMB, dos associados continuam a receber informação, mas poucos são os que aparecem nos momentos de convívio.</p> | <p>“Mais ou menos oitocentos.” [número atual de sócios]</p> <p>“Sim, conseguimos mobilizar mais pessoas. Mesmo porque quanto mais acesso à internet as pessoas têm, mais fácil fica o contacto com as pessoas, não é? No início era o quê, comprar envelopes, escrever, mandar, pagar correio, não tinha nem dinheiro para fazer isso. Então qualquer convocatória que fosse era um dinheirão que se gastava para fazer uma coisa dessas. Hoje em dia você vem aqui e já faz tudo pela internet, ou seja, você consegue fazer a visão maior. Você num dia, até mesmo por email, contacta, manda a ficha de inscrição e a pessoa paga, então é mais fácil.”</p> <p>“Sócias elas continuam, mas elas procuram mesmo mais num momento de aflição. À medida que a vida delas se organiza, aí</p> |

|  |   |  |
|--|---|--|
|  |   | pronto, já não se faz necessário. Elas levam o rumo, o caminho delas, pronto, seguem a sua vida. A associação serve mesmo na hora do apoio, da dificuldade mesmo. Ou, fora isso, nos momentos do convívio que, apesar de tudo, as pessoas sentem a necessidade desses momentos de convívio.”   |
| <b>Perfil do imigrante que procura a associação</b>                  | A entrevistada considera que a grande diferença entre um imigrante que não precisa de ajuda e o que procura a associação reside sobretudo na capacidade financeira deste. Independentemente de ter formação superior ou não, de ter acesso ou não à informação e de saber usá-la, a maior desrinça reside no facto de ter dinheiro para resolver os seus problemas. | <p>“Porque é uma realidade também que as pessoas mesmo que tenham informação no Brasil, mas que não tenham condições financeiras, vêm para cá e passam por situações, assim como os outros que não têm estudos. Porque o que prevalece é o dinheiro, quem vem do Brasil para cá com dinheiro, não interessa se tem estudos ou se profissão, não interessa nada... tem dinheiro! (...) Então essa necessidade é claro que é maior por parte de quem não tem estudos, mas também ela atinge as outras pessoas que têm estudos, que são legalizadas e que têm dificuldades, por várias situações.”</p> <p>“E agora a associação é nova, mas quem continuar por aqui, vão tendo filhos e os filhos vão participando... são poucos, mas existem. E se a associação continuar, imagina, daqui a uns anos serão esses que irão dar continuação do trabalho, que vão saber dos seus pais e saber o quanto isso é realmente importante para ajudar as pessoas do seu país, ou não, mas principalmente.”</p> |
| <b>Formas de participação política e cívica (redes intra e inter</b> | <p>Do Brasil não recebem nenhum apoio nem mantêm qualquer tipo de rede ou contacto, embora já tenham tentado.</p> <p>Para além do apoio do ACIDI, a AMB refere o trabalho em</p>  | “Não, nós trabalhamos individualmente mesmo, porque é complicado. Parece que não existe o interesse. Quando, por exemplo, o Lula veio aqui, das poucas vezes que veio, a Associação Mais Brasil foi uma das associações que estava presente, eu acho que foi duas vezes que se manifestou, entregou  |

|                                |   |   |
|--------------------------------|---|---|
| <p><b>organizacionais)</b></p> | <p>parceria com a Obra Católica Portuguesa das Migrações no Porto, mas particularmente com o Centro Comunitário São Cirilo, para onde reencaminham os imigrantes em situação mais precária.</p> <p>O trabalho com outras associações, nomeadamente, com a Casa do Brasil de Lisboa, não acontece. A entrevistada explica que, devido à grande escassez de recursos da generalidade das associações, priorizam-se bastante os contactos e as redes. Estando na mesma situação, as associações procuram sobretudo quem as possa apoiar.</p> | <p>uma caixinha, pedindo colaboração, apoio, compreensão, falando o objetivo da associação, e nunca obtivemos nenhuma resposta em relação a isso. Não há nenhum tipo de apoio do próprio Brasil. Então desde sempre a associação existiu por causa de pessoas que se interessam pelo assunto. Essas pessoas que começaram a associação em 2003, até à sua legalização, elas tiraram dinheiro do próprio bolso para fazer tudo, pagar documentação, e tudo o que foi necessário para fazer a legalização, as pessoas fizeram com dinheiro próprio.”</p> <p>“Outras associações a nível de parceria, de se trabalhar em conjunto, e não de apoio, porque as outras associações passam pela mesma situação que nós. O nosso problema é financeiro, porque existem até pessoas interessadas, mas não existe verba. Então a Associação Mais Brasil tem contado com algumas associações, a nível de parceria, e algumas instituições, e aí assim apoiam, como por exemplo ceder o espaço como sucede na Fundação da Juventude, às vezes fazemos algumas reuniões e encontros na sala de estudo em baixo. Tem o Centro Comunitário São Cirilo que nos cede também o espaço. Então vamos assim encontrando alguns locais que nos dão apoio. (... Quando fazemos alguma festa, por exemplo feijoada, pagode, Carnaval, entramos em contacto com os locais e fazemos essa parceria também. Promovemos o encontro naquele local, os associados vão e participam. E pronto, isso aí para o local é bom, porque fica sendo conhecido, as pessoas frequentam, e nós temos o espaço para que as pessoas possam fazer esse convívio.”</p> <p>“Mas, por exemplo, quando a associação foi legalizada em 2004,</p> |
|--------------------------------|---|---|



ela logo apresentou um projeto anual e foi contemplada pelo ACIME, então a partir de 2005 já começou a trabalhar com dinheiro com recurso do ACIME, e o projeto foi aprovado. (...) o nome do projeto era “Caiva”, de inserção social. Então fazia bastante o trabalho de inserir as pessoas, com relação a emprego, tipo logístico, e apoio psicológico, atendimento de forma geral dando informações sobre legalização, sobre a legislação de Portugal... (...) Depois não sei se mantiveram mais o contacto, mas desde o ano passado, em 2010, quando nós voltámos, não tinha mais tempo para o projeto anual, então conseguimos o apoio de dois projetos pontuais, que foi quando começámos também a arrancar, apesar de demorar a chegar o dinheiro. Começámos a trabalhar e o dinheiro chegou só no final do ano, mas isso é outra coisa [risos]. Mas de qualquer forma, ainda o que nos ajuda, o que nos dá mais apoio mesmo, é o ACIDI.”

“Sim, tem o Seminário de Vilar, que tem a Dra. Maria Eduarda Viterbo, uma pessoa muito consciente, muito preocupada com essa situação da imigração, e ela é secretária e entra em contacto com as associações e promove encontros onde as associações se encontram para partilhar.”

“Pois é, entidades preocupadas com isso andam quase sozinhas, cada uma procurando o seu ganha-pão. E pelo que eu sei quem dá maior apoio a essas associações é mesmo o ACIDI. É igual a nós, por exemplo, por mais que queiramos, o que é que nós podemos fazer para ajudar uma outra associação? E vice-versa, porque não existem realmente, tirando o órgão do governo, ou então factos isolados, como do Seminário de Vilar. Mas são

situações pontuais de ajuda, porque a própria pessoa está interessada na situação, percebe?”

“Lembrei também do Centro Comunitário São Cirilo, que é uma instituição que também é de apoio aos imigrantes e eles têm um trabalho de... acolhem as pessoas por um determinado tempo, três/quatro meses, pessoas que não têm onde ficar, cada uma na sua situação, e pronto, resumidamente não têm onde morar. Entramos em contacto, a pessoa vai para a entrevista, passa e fica por um determinado tempo, até melhorar a situação ou até conseguir voltar para o Brasil, ou conseguir passagem de volta... a associação vai tentando manter contacto com as pessoas e tentando apoiar. (...)E assim é, aparecem pessoas todas as horas, que estão sendo espancadas pelo marido, que fogem de casa com o filho e pronto, não têm onde ficar e vão correndo para o São Cirilo. Pessoas que passam dificuldade, que não têm onde tomar banho... Então tem um serviço que o Centro Comunitário São Cirilo presta: lavagem de roupa, as pessoas podem ir lá lavar roupa, tem aula de português, inglês... eles prestam determinado serviço.”

“O “Brasil”, nome do ex-presidente, ele tinha mais contacto do que nós, e quando nós voltámos no ano passado para colocar tudo na situação que estava e fazer o que nós fizemos, tivemos que priorizar: fazer o contacto com algumas entidades que seriam mesmo fundamentais, tipo o consulado... Visitas e apresentação “Olha, estamos aqui de volta”, não é? O ACIDI, fomos lá até Lisboa para fazer a apresentação, aqui no CNAI, no consulado, ali no Seminário de Vilar, no Centro Comunitário

|   |   |   |
|---|---|---|
|   |   | <p>São Cirilo. (...) Então essa questão 4do ser importante o contacto com as outras associações é aquilo que eu falei para você, é muito desgastante. Cada um fica correndo atrás da sua situação e da sua realidade, então tem que se priorizar, porque quem dera que fosse uma coisa mais fácil, no qual fosse fácil abraçar um mais outros, e que é um objetivo, nós temos esse objetivo, todos têm, mas as dificuldades acabam por complicando esse relacionamento.”</p>  |
| <p><b>Perspetivas para o futuro da associação</b></p> | <p>Os objetivos para o futuro passam por conseguir ter a associação aberta diariamente e num horário prolongado, com um funcionário contratado para poder prestar apoio aos imigrantes.</p> <p>Para além disso, ter um sistema de quotas anual é também um projeto que têm em mente,</p> <p>Relativamente à mudança para um espaço melhor e mais amplo, esse foi um objetivo que a associação alcançou ainda durante o tempo em que fomos acompanhando de perto o seu trabalho.</p> <p>Não ficou esquecido, ainda, a enorme vontade de a AMB contribuir para mudar mentalidades, nomeadamente, na luta contra o preconceito da mulher brasileira.</p> | <p>“Pois é, e aí, olha, a situação é assim: é muito importante, é fundamental que a associação tenha um espaço, porque esse é muito pequeno para nós. Imagina, eu estou falando com você, se chega uma pessoa tem que pedir para esperar. Não existe um espaço para conversar, não é, e as pessoas chegam em situações desesperadoras, sem ter onde ficar, sem ter o que comer, desesperadas. Não sabem se voltam, não têm como voltar. De todas as situações aparecem aqui, e aí nós precisamos saber se conversamos com a pessoa, se pedimos para esperar lá fora ou não. Se vamos dar uma formação, não temos espaço, temos que conseguir espaço aqui e ali, ou seja, é um trabalho mesmo de luta, mas fundamental, mesmo muito importante, porque uma pessoa que se ajude...”</p> <p>Não, nós temos uma vontade de cobrar uma mensalidade de 10 euros por ano, por sócio, para ajudar, de alguma forma, a associação. Mas também nós não conseguimos consolidar isso, porque quando nós fomos eleitos reformulámos, ampliámos os objetivos do estatuto da Associação Mais Brasil, para podermos atuar mesmo de uma forma mais abrangente. Fizemos</p> |

regulamento interno, fizemos muitas arrumações, muitas modificações para deixar ela estruturada como ela está agora. E ainda não está como é o nosso objetivo.

“E como é um trabalho voluntário, nós temos segunda, quarta e sexta. Segunda é a presidente, quarta é uma outra sócia que é voluntária e sexta-feira sou eu. Já foi aprovado o projeto, quando vier o dinheiro, que deve vir lá para o meio do ano, pode ser contratada uma pessoa para ficar trabalhando aqui e abrir todos os dias. Mas como nós podemos abrir com uma pessoa aqui trabalhando e falar assim “olha, no meio do ano você recebe”. Não pode ser. Nisso a situação financeira acarreta muito para que a gente consiga atingir os nossos objetivos, então vamos conseguindo, mas falta muito.”

“Todos os dias, esse é um dos nossos maiores objetivos, estar abertos todos os dias. Aliás, esse é o nosso maior objetivo. E o dia todo, para que as pessoas possam vir, independentemente do horário, se trabalham de manhã vêm de tarde ou vice-versa, entende? Para encontrar realmente um apoio, encontrar realmente um colo, sabe? Uma palavra amiga, uma orientação. (...) Porque a informação é a melhor arma que nós temos, o conhecimento. Então é isso que nós tentamos passar para as pessoas, informação.”

“Um dos meus objetivos, quando você falou disso, eu ia completar e esqueci, agora retornou: é a questão da imagem da mulher brasileira, ligada à prostituição. Isso é péssimo, isso é péssimo para nós, entendeu? As pessoas nos julgam mesmo sem

nem saber quem nós somos. (...) Nessas horas ter um apoio, de chegar em um lugar qualquer e alguém dizer “calma, você é gente”, tipo, não sabe que profissão você é, lá no Brasil ou aqui? O que é que eu sou? Sabe, então chegar a esse ponto de união, assim de identidade, de referência... a Associação Mais Brasil, o objetivo dela maior é servir como referência e principalmente para as pessoas que perdem a identidade, que perdem o rumo, não sabem quem são, o que são.”

**ANEXO IV.2 – Transcrição integral e análise de conteúdo da entrevista ao Pastor da Assembleia de Deus Comunidade Portuguesa (ADCP)**

|                                 |                         |
|---------------------------------|-------------------------|
| <b>Entrevistado</b>             | Pastor ADCP             |
| <b>Data da entrevista</b>       | 03 de fevereiro de 2012 |
| <b>Local da entrevista</b>      | Sede da ADCP            |
| <b>Duração da entrevista</b>    | 43min                   |
| <b>Hora de início (aprox.)</b>  | 21h15                   |
| <b>Hora de término (aprox.)</b> | 22h00                   |

**E.: Então é assim Pastor, eu julgo que o Marcos explicou-lhe, mais ou menos, o trabalho, pronto.**

e.: Sim, sim, sim.

**E.: E, no fundo, o que eu pretendo perceber é o papel das comunidades de origem brasileira no acolhimento dos imigrantes. Portanto, um pouco direcionado para o acolhimento junto dos imigrantes.**

e.: Sim, sim, sim.

**E.: Mas, para começar a nossa entrevista, queria, porque eu não conheço aqui a comunidade, eu queria-lhe perguntar quando e em que circunstâncias é que se abriu aqui a Igreja?**

e.: Pronto, foi em... Nós temos aqui... Funcionamos desde... noventa e cinco. Noventa e cinco não, 2005, me desculpa. Cheguei aqui, pronto, eu e a minha esposa viemos para cá credibilizado por um Pastor do Brasil, das Assembleias de Deus, da CIATEP, da convenção das Assembleias do Brasil, e pronto. Chegamos aqui, viemos com um propósito de evangelismo no país, de evangelizar as pessoas, e fui enviado para Fafe, para uma outra cidade. Mas, na altura, havia aqui uma dificuldade com um Pastor que havia aqui, por questões de se manter aqui no país. Ele teve de trabalhar na Espanha, quer dizer, imigrar mais ainda, na Espanha, e eu vim para cá como Pastor substituto.

**E.: Portanto, esta comunidade já existia antes do Pastor chegar cá?**

e.: Já. Existia um pequeno ramo. Existia uma pequena, um pequeno grupo, pronto, que antes de se desfazer eu fui enviado para cá para que o povo não se dispersasse, quer dizer, aquele grupo não se dispersasse, mantendo a ideia do evangelismo aqui no país. Dando continuidade, fui fazendo o trabalho e o trabalho foi desenvolvendo, foi crescendo, pronto. E nessa caminhada fundamos esse ministério que é a Assembleia de Deus Comunidade Portuguesa.

**E.: Pois, essa é uma outra questão. Porquê “comunidade portuguesa”?**

e.: É. Bom, primeiro pela visão entre “comunidade”. “Comunidade” abrange a todas as pessoas, quer dizer, já fala comunidade, soa mais fácil ao entender das pessoas que é um trabalho em “comunidade”. E um dos nossos objetivo aqui no país, além do evangelismo, é também dar apoio psicológico, no lado espiritual das pessoas. Cê sabe que o imigrante, só dele sair do seu país e vir para um outro país, ele já passa por alguns problemas psicológico, que é largar filho, largar esposa, largar marido, enfim, vem tentar uma vida melhor. Há muitos que vieram nesse propósito, que hoje já não é mais o caso, né? (risos) Mas o propósito foi esse. Então, nós fomos enviados para cá até mesmo por questões que havia membros lá no Brasil, que fazendo parte de instituições evangélica, de Igrejas evangélicas, que vieram para cá, e por motivo de não ter a mesma Igreja que havia no Brasil e, então, nós pensamos: “Porque não ter local aonde também possa ter uma assistência pastoral, que Pastores aqui possam ser enviado para Portugal para dar assistência espiritual a essas pessoas que estão lá com alguns problemas e, principalmente, na área emocional, enfim, abrange todas as áreas?”. Então nós, atendendo a essa necessidade, achamos melhor nos instalar aqui e começar um trabalho evangelístico que aqui é até aonde estamos, nesse momento.

**E.: E precisamente aqui a Igreja está localizada neste local por uma questão de público, por uma questão de preço, de arrendamento... Como é que é?**

e.: Esse local foi uma oportunidade que tivemos. Até mesmo por ser um local acesso, de bom acesso, para as pessoas que, provavelmente, que vêm... Aquelas pessoas que recebem indicação que aqui há uma Igreja evangélica e aí o local de acesso é muito melhor para as pessoas que aonde já frequentam aqui a Comunidade Portuguesa.

**E.: Portanto, aqui à volta há muito... É um local de muita gente ligada...**

e.: É onde temos o maior número de pessoas evangélico, morando mais próximo. E aqui nós instalamos aqui por este motivo.

**E.: Por uma questão de necessidade, de proximidade às pessoas...**

e.: Também, também, também.

**E.: Mas a Igreja existe aqui, foi formada sabe, mais ou menos, há quanto tempo?**

e.: Foi isso mesmo. Nesse momento. A partir de 2005 que nós viemos para cá. Logo após...

**E.: Mas com o Pastor anterior, mesmo sendo uma pequena comunidade, com o Pastor anterior já estava...**

e.: Não havia uma legalidade. Não havia uma legalidade.

**E.: Ah. Eu percebo.**

e.: Não havia uma legalidade jurídica, envolvimento nas finanças, envolvimento em departamentos público. Começamos a exercer uma legalidade, uma existência no país, a partir do momento do nosso documento e tivemos parte dentro de um mês. Aqui mesmo jurídico, país, enfim...

**E.: Ok. Percebo que vocês pertencem à Convenção das Assembleias de Deus, certo?**

e.: Sim, sim.

**E.: Mas com esta precisa denominação, “comunidade portuguesa”, é a única em Portugal ou...**

e.: Aqui é, por motivo que já havia Assembleia de Deus portuguesa aqui. Então nós que já, sendo que já havia Assembleia de Deus portuguesa ligada no mesmo bloco mundial, nós tivemos que registrar Assembleia de Deus Comunidade Portuguesa por já haver uma existência de uma instituição evangélica, já portuguesa, na direção dos diretores que já são portugueses há sessenta anos no país.

**E.: E com os quais vocês têm ligações...?**



e.: Não direta. Não direta porque nós somos independentes. Tivemos que registrar como independentes. Estando nós ligados diretamente na missão do Brasil...

**E.: E desde que o Pastor abriu aqui em 2005 esta Igreja, já abriu outras, noutros locais...**

e.: Abrimos, abrimos. Abrimos na Avenida da Espanha, abrimos em Fafe, abrimos em Braga, abrimos em Coimbra e aqui Areosa é a sede.

**E.: Muito bem. No campo evangélico tem ligações à Aliança evangélica?**

e.: Pela razão, sim. Pela razão, sim, pelo facto de pregar o mesmo evangelho. De ter a mesma convicção de fé. Temos ligação assim não direta, mas uma ligação fraternal. Uma ligação por amizade. Não diretamente a nível de documentos.

**E.: Vocês não estão registados na...**

e.: Na aliança evangélica por documentos, não. Documentos, não. Mas não só como eu mas outros e outros, centenas de Pastores que têm instituições independentes, que é a pregação do Evangelho, que é a forma de expandir a pregação.

**E.: Mas nunca se ligou à aliança evangélica porque não sentiu essa necessidade... Por alguma razão específica?**

e.: Por acaso... por falta de oportunidade, acho. Nunca tivemos um diálogo, nunca recebi um comunicado da aliança evangélica. Sendo nós que já existe, nossa instituição já existe nos meios comunicativos, eu acho que a aliança evangélica, automaticamente, deve ter uma noção da existência também da comunidade, sendo ela que já esteja registada nos padrões do país mas... Questões de oportunidade. Estamos aberto a... Porque a nossa intenção é se unir. É unir forças. A aliança evangélica já é um órgão que já existe há muito mais anos aqui no país e que uma boa parte das Igrejas também já têm uma forma de ligação. Acho que é questões mesmo burocráticas... Pronto.

**E.: E relativamente a outras Igrejas evangélicas, por exemplo, é costume virem aqui Pastores de outras Igrejas, pregar... o Pastor ir a outras Igrejas...**

e.: Sim, sim. É normal, é comum. Para nós é sempre uma alegria a gente receber Pastores de fora, que vêm. A gente recebe com toda alegria, desde quando prega-se o mesmo Evangelho. A mesma palavra, a mesma matriz...

**E.: Mas sobretudo pelo pentecostais?**

e.: De preferência. (risos). De preferência porque aderem à mesma linguagem. De preferência... Aonde, porque nós hoje na área pentecostal, já somos uma maioria. A maioria da maioria, hoje. Até as Igrejas que não era pentecostais passaram a ser neopentecostal. Quer dizer, entre aspas, balanceado. (risos) Aderem a esse movimento, no caso. Pentecostal porque, pronto, é uma forma de se sentir bem, aderir a algo que funciona e que faz bem.

**E.: Mas acontece, por exemplo, ou já aconteceu, de vir aqui pregar um Pastor evangélico não pentecostal?**

e.: Já. Já. Já. Já. Recebemos com todo o carinho. Eu prego... Por acaso temos alguns amigos que são tradicionais, de Igrejas tradicionais, que ministram aqui e, por acaso, são pessoas muito excelente, boa. Isso não vem muito por aí, o caso. A questão toda... São amigos, né?

**E.: Estas minhas perguntas interprete como tentando perceber as relações entre as Igrejas...**

e.: Tou entendendo, tou entendendo.

**E.: Quem é que frequenta mais a Igreja, são os portugueses ou são os brasileiros?**

e.: Entre aspas. São quase... Hoje tá balanceado.

**E.: Meio, meio...**

e.: Meia, meio. Porque hoje temos aqui obreiros que são portugueses, a diretoria praticamente da Igreja também faz parte é portuguesa e daqui a uns dias os portugueses assumem e os brasileiros vão voltar para a sua terra. Que a nossa objetivo é esse. É fazer com que as pessoa reconheça Jesus Cristo como único caminho, como único senhor e aí, logo após que essa pessoa adere ao Evangelho e começa a pregar essa mesma fé, automaticamente nós vamos recuando, voltando para a nossa origem, para a nossa, de aonde viemos e os portugueses assumem a obra missionária. O nosso objetivo é esse.

**E.: Mas nota diferenças entre a Igreja que tem hoje e quando abriu em 2005, em termos de nacionalidade. Isto é, no início eram mais brasileiros?**

e.: Era mais, era mais. A Igreja sempre foi mais brasileiros. Mas hoje há uma mistura de brasileiro, português e angolanos, né? Geralmente, angolanos também tem sido um bom número, também aqui. Estas três nacionalidades exercem, geralmente, acho que a maioria... Muitas Igrejas evangélicas hoje trabalham com estas três nacionalidades.

**E.: Mais ao menos quantas pessoas é que, no culto domingo, quantas pessoas a Igreja normalmente recebe?**

e.: Oitenta, setenta. Varia muito. Depende da programação. Se haver algum pregador de fora, se haver uma eventualidade de uma divulgação por algum pregador, ou que seja um cantor. Um cantor que vem de fora e que já tem um certa *media* é automaticamente atrai mais pessoas. Consegue até cento e tal pessoas e tal, enfim... Isso depende muito da programação.

**E.: E nota diferenças entre, por exemplo, o culto de quinta-feira e o culto de domingo? Porque são esses os únicos que estão abertos, certo? Nota diferença? À quinta-feira vem menos gente... por uma questão de trabalho...**

e.: Olha, por acaso nós estamos assim num empate. Já houve tempo que os domingo, por questões de ser mais também de tradição, também não só evangélico mas como católicos, aos domingos tar sempre na missa, tar sempre no culto, enfim. Mas na Igreja, nossa Igreja ela tá sendo muito variada. Há um público quinta e há outro público no domingo que é variado. O número de pessoas se varia quase por igualdade.

**E.: Percebo, alguns vêm no domingo, outros vêm na quinta-feira.**

e.: Há uns que gostam dos cultos mais ativado e há outros que gostam de um culto mais família, ali mais, enfim... Aí vem no domingo que é um culto mais suave, mais...

**E.: Mais familiar.**

e.: Mais light, mais familiar, e tudo, enfim... Então quinta-feira é um culto mais para a área da libertação, para a área... Mexe muito com o lado mesmo espiritual e pronto, enfim, as pessoas já vêm na quinta-feira sabendo que é um culto mais forte. Onde nós oramos com mais frequência, com mais eloquência, né? Pronto.

**E.: E relativamente ao batismo... O batismo é um passo necessário para se ser membro aqui da Igreja?**

e.: É. Geralmente nós temos uma doutrina bíblica, nesse caso. Exercemos que o membro, ele passa a ser membro depois que se batiza nas águas, enfim. O próprio ensinamento do próprio Jesus quando ele pregou e como ele também foi batizado. Então exercemos essa mesma função que é dar o estipulado. Primeiro, a pessoa tem de saber porque é que está se batizando. Porque há pessoas que carregam uma tradição religiosa que foi ensinado de tal forma, quer dizer, talvez nem participe de nada, mas foi ensinado no tempo dos avós que tinha que ter o padrinho, a madrinha, enfim, todos nós passamos por isso. Acredito eu que noventa e nove por cento. Depois, quando a pessoa passa a conhecer a palavra de Deus consegue entender que a interpretação que, com o qual fomos ensinado ao longo dos anos, houve uma interpretação diferente ou não foi interpretado de acordo com o que está escrito na Bíblia. E, por acaso, nós exercemos o batismo depois que a pessoa tem uma consciência do que é batismo, para que é que serve batismo e o que nos leva ao batismo.

**E.: Exige uma preparação...**

e.: Exige uma preparação, antes. Para que aquela pessoa possa ser batizada e consciente daquilo que está fazendo. Aí, logo após, a pessoa entra no rol de membro que já entra fazendo parte...

**E.: E quais são as obrigatoriedades de um membro?**

e.: De um membro, primeiramente, é zelar pela palavra de Deus, quer dizer, pelo nome que ele carrega como cristão, como a pessoa que exerce hoje o conhecimento do que é salvação, enfim. As obrigações dele são, a partir do momento em que ele faz parte ele começa...

**E.: Tem a obrigação da oração, de vinda ao culto...**

e.: É. Ele começa a frequentar os cultos, pronto, por essa linha sim. Passa a ter uma, não obrigação, ele se sente, ele, automaticamente, vai sentindo um dever que precisa de se alimentar. Nós pregamos o Evangelho de que forma? Por exemplo, a pessoa para se manter em pé, para se manter bem, precisa de se alimentar. Fazer uma boa alimentação. Precisa de se alimentar bem e nós ensinamos que a pessoa, também, quando ele abraça a fé, quando ele abraça o Evangelho de Cristo ele precisa, também, se alimentar a sua própria alma, porque se ele não ouvir a palavra de Deus, automaticamente, ele vai sentir necessidades maiores que pode levar a alguns danos amanhã. Como por exemplo, hoje o

índice de suicídios que há... Pessoas que precisa de tar sempre em consultório de psicólogo, enfim, exercendo outras atividades, porquê? Porque não houve um ensinamento, não houve uma adaptação para que haja uma lógica maior de vida. Aí é onde entramos com o Evangelho. Ele, automaticamente, nos dá essa segurança. Um conforto na alma. E as pessoas hoje estão por aí, à procura de paz. E a única paz que nós pregamos que existe é só em Jesus. Não há outro tipo de paz. Então, quando as pessoas passam a compreender isso aí, passam automaticamente a viver melhor e passam a se enquadrar numa doutrina, como em toda a instituição, em toda... corpos que tem na organização. Precisa, todos que façam parte, precisa aderir às normas que existe para que, até mesmo, as pessoas se sente que, realmente, não é de qualquer jeito. É muito fácil fazer quando quer, quando pode, pronto, lá fora. Quando a pessoa passa a ter uma convicção de fé ela precisa seguir umas normas. E essas normas nem são impostas por mim, particularmente. São normas bíblicas que envolvem a santidade, aí já trabalha com caráter, com a personalidade. Isso tudo envolve muita coisa, entendeu? Talvez um tempo a pessoa passa a seguir normas, normas que já vêm há cento e tal anos, que é onde nós fazemos parte dessa Assembleia de Deus, da missão que é o órgão geral, que é em São Paulo, que é em Estados Unidos a sede geral, aonde nós somos ensinado, desde pequeno, a exercer a nossa fé. E aí, automaticamente, uma coisa vai puxando a outra e começamos a ter uma convicção que Jesus cura, salva, liberta, tá vindo buscar a Igreja, vai haver um rebatamento. A pessoa tem de tar preparado. E aí o que é que envolve... O que é que é a preparação? Já partimos para outros métodos, outras situações, quer dizer, que leva a pessoa a se sentir bem, a sentir bem. E, principal, sentir a vontade em servir a Deus. Não colocamos o Evangelho como meio de prisões. Que há pessoas que acham que servir a Deus é seguir a um regime e tem que tar ali porque se não tiver que a pessoa vai morrer, que a pessoa vai ser cobrado por Deus, que Deus vai matar. Não! Não é nada disso. Seguir a Cristo é ter liberdade. Seguir a Cristo é praticar as obras que ele praticou. Por isso, é se sentir livre. E nessa liberdade que nós pregamos no Evangelho em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

**E.: E vocês conseguem mais ou menos, quantos batizados fazem por ano, aqui na Igreja?**

e.: Olha, variando muito, também. Eu tenho aqui sete anos. Nesses sete anos eu acredito que eu deva ter, pessoas que se entregaram para Jesus, temos por volta de umas setecentas pessoas. Umhas setecentas pessoas, por volta de um livro que nós temos de

registo de pessoas que se convertem. Agora pronto, permanência é que já é outra coisa. Que, às vezes, a pessoa vem, se entrega para Jesus, viaja, vai para o seu país ou vai trabalhar fora, enfim, tivemos, temos aqui relato de passagem. Pessoas que entraram aqui, que aceitaram a Jesus, que é por volta aí umas setecentas pessoas. Agora, o batismo que a pessoa realmente passa a ser membro, temos aí cada ano, cada Verão, que é impossível se batizar aí nesse gelo... (risos) Mas temos aí por volta de, acredito eu, que todo ano aí entre doze, quinze pessoas. Varia muito. Que todo o ano se batiza...

**E.: Uma outra questão, a Assembleia de Deus aconselha os membros a ser dizimistas, porque sabemos propriamente que a Igreja tem de sobreviver de alguma forma...**

e.: É, é. Isso, a questões do dízimo nós exercemos a própria palavra de Deus, aonde os fiéis no passado, também no tempo de Cristo, eles dizimavam e quando falava a palavra dizimado não quer dizer em espécie financeira mas se fala, também, em bens. Antigamente, era bens. Eles levavam diante do altar bois, carneiros, o que tinha de melhor eles levavam até ao templo. Nós agimos da mesma forma, porém, um pouco diferente porque hoje...

**E.: O mundo é diferente.**

e.: É diferente, né? Então hoje há algo que custa os mesmo valores, que é a espécie, que é a moeda de hoje. As pessoas, que quando ele passa a ser membro, automaticamente, ele assume um compromisso de manter também a casa de Deus, de manter o templo. Principalmente nós como imigrantes precisamos manter a Igreja aberta, para pagar energia, água, às vezes até dar uma ajuda de custo para a pessoa que zela, que toma conta, que limpa, entendeu? Enfim, alguns custo que é dividido entre os próprios membros da instituição.

**E.: E, relativamente, ao vosso processo de evangelismo aqui no Porto, de uma forma geral, já percebi que têm um site na internet que usam como divulgação... Utilizam outros meios, por exemplo, através dos vossos membros que divulgam junto dos colegas, dos vizinhos, amigos, familiares...**

e.: Nós usamos muito também hoje a mensagem. A mensagem pelo telemóvel aonde, por exemplo, no Brasil nós temos cadeias de televisão, temos também rádios, temos a *am*, *fm*, temos todos os meios de comunicação. Aqui já é mais difícil. Aqui a gente usa

os próprios membros para divulgar, para falar um evento, usamos mensagens, o *site*, enfim, todos os meios de comunicação.

**E.: Evangelismo de rua fazem, também? Por exemplo, deixar nas caixas de correio...**

e.: Evangelismo de rua... Panfletos entregamos, também; convites com o carimbo da Igreja... Usamos esses meios quando é necessário, quando há uma programação.

**E.: Sobretudo aqui na zona envolvente da Igreja?**

e.: Aqui, ou às vezes aonde o membro mora e, às vezes, ele mesmo sai fazendo evangelismo, convidando para vir para a Igreja, que aqui há pessoas que vêm aqui para essa Igreja aqui, por exemplo, aqui na Areosa, nós temos membros que vêm de lá de Guimarães, por exemplo. Sai de lá duas vezes por semana e vêm para aqui. Há pessoas que sai de Vila Nova de Gaia que tá aqui duas, três vezes por semana. De Vila Nova de Gaia... E já houve mais longe. Já houve mais longe, entendeu?

**E: Portanto, a Igreja consegue captar pessoas de uma zona envolvente muito vasta?**

e.: É, é. Pelo facto do estilo, do trabalho, a forma de pastorear, enfim, a forma da Igreja. Isso conta muito. Isso aí atrai as pessoas e acabam vindo pessoas de longe, com certeza pessoas, também, que já conhecem o Evangelho. Que já conhecem o Evangelho.

**E.: Ok. Mas sobretudo nessa lógica do passar da palavra através dos membros, levar...**

e.: Sim, sim, sim.

**E.: Ok. Indo agora um bocadinho ao encontro da questão do imigrante, que também me interessa em particular. Quando, por exemplo, um imigrante recém-chegado vos procura ajuda... Que tipo de imigrantes tem aqui? Entenda “tipo” no sentido de: são sobretudo pessoas com carências materiais...**

e.: Entendi. Há imigrantes, às vezes, pessoas que acaba de chegar aqui no país que, às vezes, por não ter muito conhecimento e, às vezes, até não têm conhecimento da própria, como é que se diz assim, da própria ajuda que o governo pode oferecer. Então se é um imigrante que também já é evangélico, porque hoje no Brasil, só da nossa

instituição da Assembleia de Deus corresponde a... temos um relato de trinta milhões de evangélicos. Corresponde, eu acho que dá quase três Portugal inteiro. Só da nossa instituição da Assembleia de Deus. Envolve, claro, em todo o mundo, essa quantia. Hoje, nós temos hoje, praticamente, quarenta por cento Evangélico da população brasileira, hoje. Tá quase atingindo... há cidades e há estados que já temos quarenta por cento evangélicos, hoje no nosso país, que pertence a uma instituição Evangélica. Seja: Assembleia, batista, metodista, quadrangular, wesliana, universal, enfim. Então, o que é que acontece, há muitos que vêm de lá do Brasil, que vem de Angola também, (Angola também as instituições são muitas que têm também na Angola. São milhões de pessoas). Então, quando vêm para cá, automaticamente, essa pessoa já vem sabendo que aqui também... Também já fez até pesquisa na Internet, já sabe que aqui também tem Igreja evangélica. Aí ele vem, em vez de procurar a outros órgãos público, por eles não ter conhecimento, eles vêm diretamente a uma Igreja evangélica porque já sabe que há uma forma de ligação, uma irmandade. Então, aquela pessoa já chega com um cumprimento, dando a “paz do senhor”, já se identifica, que pertence também Assembleia de Deus lá no seu devido país. Aí por essa questão também nós já temos mais um dever, a mais. Claro que ajudar o próximo é um mandamento. Amar ao próximo como a ti mesmo independente de qualquer instituição, de qualquer religião, esse amor às vidas e às almas. Agora quando se trata também, claro, se trata de pessoas que já faz parte da própria instituição, que vem de outros países, ou que seja Evangélico, precisa nem ser da Assembleia de Deus, automaticamente a gente faz uma reunião aqui na Igreja, passamos a necessidade daquele imigrante: se precisa de cama, geladeira, alguma coisa, nós ajuntamos e damos para aquela pessoa um suporte, se possível até alugar um quarto para aquela pessoa venha a se sentir bem. É uma forma de ajuda. Ajudamos nos primeiros meses, tentamos conseguir vagas de trabalho com alguns que já tão aqui dentro da Igreja, ou alguns que têm empresas que pertencem à Igreja. Damos preferência para essa pessoa para conseguir trabalho logo, já.

**E.: Do ponto de vista, por exemplo, do processo de legalização, de tratar de documentação... vocês também orientam?**

e.: Orientamos, se nós já estamos aqui passamos pelo mesmo processo, automaticamente, já informa essa pessoa quais são os meios legais de conseguir, quais são as formas, enfim, e auxiliamos da forma possível. Que nós também somos imigrantes, então precisamos ajudar.



**E.: Estava-me a dizer, acolhem independentemente do credo...**

e.: Da religião, independente disso.

**E.: Mas quando o imigrante chega, imaginemos que do mundo católico, por exemplo, não sei, ou de uma outra denominação Evangélica, há uma necessidade da conversão?**

e.: Se há... Não, não, não! Independente disso. Ao contrário. Quer dizer nós, automaticamente, nos aproximamos até com a intenção de pregar o Evangelho para aquela pessoa. Automaticamente, se aquela pessoa tá passando por alguns problemas psicológico, seja qual for a área, nós damos um auxílio a essa pessoa e automaticamente pregamos o Evangelho. Pregamos que Jesus, pronto, para aquela pessoa verdadeiramente ter um encontro com Jesus. Pregamos o Evangelho de uma forma que ele possa reconhecer que o seu estado que está vivendo no momento é falta mesmo de um auxílio espiritual. Levamos um pouco para esse lado, pronto.

**E.: Mas a maioria são evangélicos? Os imigrantes que vêm aqui à Igreja...**

e.: A maioria é, pelo facto de aqui ser uma Igreja Evangélica e, geralmente, aqueles que são já evangélico, ou que outrora foi, aí às vezes até vem dizendo que é evangélico, às vezes nem é evangélico, entendeu? Uma forma de se aproximar melhor, como já tivemos experiência, várias experiências, de ajudar pessoas e colocar pessoas dentro de casa, levar, dar guarida e tudo, botar até na própria casa da gente e amanhã pessoas conseguiu-nos lesar, mentir e, pronto, criar situações mesmo chata para a própria Igreja, deixando dívidas e tal, enfim, que a gente tivemos que pagar para que a situação não venha a ficar chata amanhã. Então já tivemos algumas situações muito chata com isso, entendeu? Mas, fazer o quê? A vida sempre corre com um risco e isso é para todos, independente de ser evangélico ou não.

**E.: Claro.**

e.: Procuramos ajudar. Fazemos o melhor. Por acaso alguns acertamos e outros não. Alguns estão bem e outros não.

**E: Sente que alguns dos seus membros procuram a Igreja também por estarem descontentes com outras Igrejas? Foram a outras Igrejas antes... Vêm descontentes...**

e.: Acontece muito. Tanto daqui para lá como de lá para cá. Isso acontece. Acontece. (risos)

**E.: Acha que isso se deve a razões mais burocráticas, de estilo...**

e.: Não. Isso se trata, como diz o outro: “perfeito, ninguém é”. Perfeito, ninguém é. Nós pregamos que só existe um perfeito que foi Cristo e ele foi crucificado por ser perfeito e, em todas as instituições, e acho que em todos que se fala que é religião, que é a Igreja, enfim, todas há situações que há falhas. Há falhas. E como em tudo. Há falhas. Sistema... Há falha em tudo. E quando um membro descobre alguma falha, automaticamente, há um descontentamento e por ele ter razão, ou às vezes não tem. Temos que entender que de ambas as partes erramos. De ambas as partes já se trata de humildade, de reconhecer que todos nós falhamos. O próprio Jesus nos ensinou isso. “No mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo.” Ele fala assim: “Olha, eu venci. Vós há-de vencer no meu nome”. Mas ele não quis dizer que nós seríamos livre de qualquer situações que nos levaria a isso.

**E.: Portanto, as razões às vezes são diversas...**

e.: É. São variadas as situações que... Pronto. Há situações que é falhas e há situações que às vezes...

**E.: E aqueles que vos chegam, por exemplo, de algumas confissões mais rígidas e que procuram um outro tipo de espiritualidade... mais emotiva...**

e.: Há pessoas que se aproxima, às vezes, de Jesus como a última solução. Há pessoas que busca em Jesus um meio de se refugiar dos seus problemas, claro, é o correto também. Jesus diz: “Olha, o meu fardo é leve”. E pronto. E há pessoas que se aproximam de Jesus como até mesmo não tratando Jesus como filho de Deus, mas como um milagreiro, por exemplo. “Eu hoje passei a ser Evangélico e a minha vida vai mudar amanhã, vai mudar daqui a quinze dias, um mês”. Interpreta a pregação diferente, para si próprio. Há pessoas que querem somente a bênção de Deus, mas não querem o dom da bênção que é ele próprio. Quer dizer: “enquanto eu estiver bem eu estou aqui. No dia em que eu estiver mal eu já não pertença mais aqui. Vou procurar outras religiões, outro

lado espiritual que eu possa-me refugiar”, enfim. Há situações diversas. De pensamentos, de formas de ser...

**E.: Existe, porventura, por exemplo, aqui em Portugal a Igreja católica tem uma tradição muito forte, um trabalho de vários anos no apoio ao imigrante. Existe, ou já existiu, alguma situação de intercâmbio... Porque a Igreja católica, independentemente também dos credos, apoia o imigrante nas suas mais diversas valências: jurídico, material, espiritual, etc. Por exemplo, com a Igreja católica alguma vez já houve intercâmbio, partilha de experiências, comunicação...**

e.: Não. Pronto, acho que não. Nessa área acho que não. Geralmente, nunca houve. Seria bom que se houvesse assim mas, geralmente, é difícil. Não há uma comunicação, não há um...não, não há esse tipo de aliança, pronto. Nunca houve, entendeu? Nunca houve...

**E.: Acha que isso se deve ao facto, precisamente, de cada um se fechar no seu canto?**

e.: É por aí. Por aí. Acho que cada um faz o seu trabalho, cada um segue o seu caminho, pronto, cada um contribui com a pregação do Evangelho, da sua forma que foi ensinado. Cada um, pronto, essa não é a vontade do próprio Cristo. Seria que cada um se ajuntasse, se unisse. Porque Jesus veio para juntar, não para espalhar. Mas a questão toda aí é, pronto, questões mesmo de cada um. De cada um mesmo na sua e pronto...

**E.: Vocês procuram, quando têm um problema para resolver com alguém, procuram resolvê-lo internamente junto dos vossos membros...**

e.: Dos membros, com a secretaria, com a própria... com os associados, enfim, todos que faz parte... Tentamos resolver da maneira possível, pronto. Coisas que são internas resolvemos interna, coisas que são externa automaticamente nós... (Batem à porta)

**E.: Estávamos a falar deste trabalho às vezes de comunicação com a Igreja... E com outras Igrejas também não acontece de trabalharem no apoio ao imigrante...**

e.: Sim, sim. Acho que cada um faz...

**E.: Eventualmente aproveitarem, por exemplo, a ida a um culto numa outra Igreja...**

e.: Sim. Não. Esse tipo de comunicação há entre as próprias Igrejas. Há esse tipo aí, sim. Há esse tipo de comunicação, de interagir com outras Igrejas, inclusive, pronto, temos alguns convites que vai um grupo de jovem daqui para outra Igreja, de lá também vem para aqui... isso aí temos. Sim. Isso aí temos. Faz parte.

**E.: Ok, a comunicação mais informal...**

e.: Dessa forma, sim. Dessa forma sempre sim. E, pronto, por acaso é muito bom. Conhecer outras pessoas, conhecer quais são as ideias, quais são os projetos para que um aprenda com os outros, enfim. Isso aí sim, temos.

**E.: Com associações de imigrantes alguma vez teve contato?**

e.: Não. Não, não. Geralmente, só mesmo quando a gente vamos tratar de algum documento, pronto, para legalização que é com o SEF...

**E.: Com o CNAI...**

e.: Com o CNAI, sim, sim, sim. Isso já. Já procuramos resolver algumas questões, enfim. E há sempre procura nessa área. Isso aí não tem...

**E.: É mais premente, não é? Todos...**

e.: É, é, claro. Todos que passamos... Como nós aqui fazemos isso como lá também os portugueses no Brasil, automaticamente, precisa passar pelo mesmo processo.

**E.: Para finalizar, o próprio Pastor é imigrante e eu queria-lhe perguntar se quando veio para Portugal, como é que foi o seu processo de integração? Também o Pastor encontrou aqui na comunidade... A comunidade foi o seu alicerce?**

e.: Sim, sim, sim. Aqui, por acaso, tive... Passei por situações assim, como todos os imigrantes passa, algumas burocracias, enfim, por questões da própria lei, mas pronto. Acho que depois que, claro, quando você atende os requisitos que a lei exige não há problema nenhum, desde quando você esteja enquadrado nela. Não há problema nenhum. Nunca tive um problema com isso. Ao contrário.

**E.: Sempre teve o apoio da Assembleia de Deus no Brasil, também?**

e.: Sim. Apoio mais a nível moral, a questão também de representação, isso tive, também. Sempre tenho. Agora em questões aqui no país também fui muito bem, assim,

recebido. Nunca tenho de que reclamar, entendeu? Aqui o SEF, pronto, por acaso até veio aqui já na própria instituição. Já teve aqui. Mexemos com os documentos... Foi tudo mesmo muito bem. Não houve nenhuma... Não tenho nada do que reclamar.

**E.: Por falar em SEF, é frequente... (Batem à porta) Ia-lhe perguntar, é frequente o imigrante que vem aqui estar numa situação ilegal?**

e.: Se é frequente? Olha, geralmente, uma boa parte logo quando chega, geralmente, vem de uma situação legal. Antes, né? Hoje já não é mais assim. Antes vinha, quando vinha à procura de trabalho, uma oportunidade para conseguir um contrato de trabalho, porque a legalização só é a partir do momento em que você tem um contrato é que você pode dar entrada, então, automaticamente, eu acho que noventa por cento de todos os imigrantes que vêm para cá vêm numa situação ilegal. Quer dizer, chega aqui, vem para passear e tal, acaba gostando e diz: “Olha, por acaso vou ficar por aqui. Se eu conseguir um trabalho... Se conseguir um contrato vou ficar”.

**E.: E nesse período acaba por ficar numa situação irregular?**

e.: Ficando irregular por algum tempo. Depois logo, logo procura os meios de se legalizar. E assim tem sido.

**E.: Deixe-me só verificar se fiz todas as questões... Está tudo Pastor.**

e.: Está tudo?

**E.: Está tudo. (risos) É que, às vezes, com a conversa não metemos uma questão, metemos outra e depois...**

e.: Uma vai puxando a outra e acaba, pode esquecer algumas pergunta.

**E.: Bom pastor, agradeço-lhe imenso a entrevista.**

**Análise de conteúdo da entrevista ao Pastor da Assembleia de Deus Comunidade Portuguesa (ADCP), Unelmo Messias.**

| Categorias de análise                      | Dados/ Sínteses  | Excertos   |
|--|--|--|
| <p><b>História e estrutura da ADCP</b></p> | <p>A ADCP existe oficialmente desde 2005, mas a sua abertura surgiu no seguimento da existência de uma pequena comunidade de crentes que anteriormente já congregavam naquela zona, embora de forma não oficial ou legalizada. Devido à impossibilidade de permanecer no território, o anterior Pastor teve de ser afastado e o Pastor Unelmo assumiu a Igreja e legalizou-a.</p> <p>A ADCP pertence à Convenção das Assembleias de Deus no Brasil, com uma estrutura independente da Assembleia de Deus Portuguesa.</p> <p>É uma Igreja não registada na Aliança Evangélica.</p> <p>A maior ligação ao mundo evangélico, mas sobretudo pentecostal, em Portugal, dá-se através de convites que informalmente são feitos entre Igrejas para que Pastores de outras comunidades evangélicas preguem em diferentes púlpitos.</p> | <p>“(…) 2005, me desculpa. Cheguei aqui, pronto, eu e a minha esposa viemos para cá credibilizado por um Pastor do Brasil, das Assembleias de Deus, da CIATEP, da convenção das Assembleias do Brasil, e pronto. Chegamos aqui, viemos com um propósito de evangelismo no país, de evangelizar as pessoas, e fui enviado para Fafe, para uma outra cidade. Mas, na altura, havia aqui uma dificuldade com um Pastor que havia aqui, por questões de se manter aqui no país. Ele teve de trabalhar na Espanha, quer dizer, imigrar mais ainda, na Espanha, e eu vim para cá como Pastor substituto.”</p> <p>“Existia um pequeno ramo. Existia uma pequena, um pequeno grupo, pronto, que antes de se desfazer eu fui enviado para cá para que o povo não se dispersasse, quer dizer, aquele grupo não se dispersasse, mantendo a ideia do evangelismo aqui no país.”</p> <p>“Não havia uma legalidade jurídica, envolvimento nas finanças, envolvimento em departamentos público. Começamos a exercer uma legalidade, uma existência no país, a partir do momento do nosso documento e tivemos parte dentro de um mês. Aqui mesmo jurídico, país, enfim…”</p> <p>“Temos ligação assim não direta, mas uma ligação fraternal. Uma ligação por amizade. Não diretamente a nível de documentos. (…) por falta de oportunidade, acho. Nunca tivemos um diálogo, nunca recebi um comunicado da aliança evangélica. Sendo nós que já existe, nossa instituição já existe nos meios comunicativos, eu acho que a aliança evangélica,</p> |

|                         |   |   |
|-------------------------|---|---|
|                         |   | <p>automaticamente, deve ter uma noção da existência também da comunidade, sendo ela que já esteja registada nos padrões do país mas... Questões de oportunidade. Estamos aberto a... Porque a nossa intenção é se unir. É unir forças. A aliança evangélica já é um órgão que já existe há muito mais anos aqui no país e que uma boa parte das Igrejas também já têm uma forma de ligação. Acho que é questões mesmo burocráticas... Pronto.”</p> <p>“É normal, é comum. Para nós é sempre uma alegria a gente receber Pastores de fora, que vêm. A gente recebe com toda alegria, desde quando prega-se o mesmo Evangelho. A mesma palavra, a mesma matriz...”</p>   |
| <p><b>Objetivos</b></p> | <p>O Pastor refere que, para além do evangelismo junto dos portugueses, a Igreja tem como objetivo o apoio psicológico através do trabalho espiritual, até porque muitos dos seus membros são imigrantes que eram já evangélicos no país de origem. Pessoas a quem procuram apoiar psicológica e espiritualmente.</p> | <p>“É um dos nossos objetivo aqui no país, além do evangelismo, é também dar apoio psicológico, no lado espiritual das pessoas. Cê sabe que o imigrante, só dele sair do seu país e vir para um outro país, ele já passa por alguns problemas psicológico, que é largar filho, largar esposa, largar marido, enfim, vem tentar uma vida melhor. Há muitos que vieram nesse propósito, que hoje já não é mais o caso, né? (risos) Mas o propósito foi esse. Então, nós fomos enviados para cá até mesmo por questões que havia membros lá no Brasil, que fazendo parte de instituições evangélica, de Igrejas evangélicas, que vieram para cá, e por motivo de não ter a mesma Igreja que havia no Brasil e, então, nós pensamos: “Porque não ter local aonde também possa ter uma assistência pastoral, que Pastores aqui possam ser enviado para Portugal para dar assistência espiritual a essas pessoas que estão lá com alguns problemas e, principalmente, na área emocional, enfim, abrange todas as áreas?”. Então nós, atendendo a essa necessidade, achamos melhor nos instalar aqui e começar um trabalho evangelístico que aqui é até aonde estamos, nesse momento.”</p> |

|                                     |  |  |
|-------------------------------------|--|--|
| <p><b>Localização</b></p>           | <p>A localização da Igreja da ADCP deveu-se a dois fatores: o facto de uma pequena comunidade pentecostal existir já no local (com o anterior Pastor) e o facto de ser uma área geográfica de bons acessos – o que facilita a que novos membros</p>  | <p>“Esse local foi uma oportunidade que tivemos. Até mesmo por ser um local acesso, de bom acesso, para as pessoas que, provavelmente, que vêm... (...) É onde temos o maior número de pessoas evangélico, morando mais próximo. E aqui nós instalamos aqui por este motivo.”</p> <p>“Abrimos na Avenida da Espanha, abrimos em Fafe, abrimos em Braga, abrimos em Coimbra e aqui Areosa é a sede.”</p>  |
| <p><b>Comunidade de crentes</b></p> | <p>A comunidade de crentes é, segundo o Pastor, dividida entre portugueses e imigrantes, dos quais se distinguem os brasileiros e os africanos, mas também alguns ciganos. Num caminho que tem sido traçado largamente em torno da evangelização dos portugueses, o Pastor reconhece que, se inicialmente eram sobretudo uma comunidade de brasileiros, hoje os portugueses representam metade da comunidade.</p> <p>A adesão varia entre os cultos de quinta-feira e domingo, sendo o culto de quinta-feira de libertação e o culto de domingo carateristicamente mais familiar.</p> <p>Para além disso, o Pastor reconhece que a visita de um Pastor convidado atrai mais pessoas.</p> | <p>“Meia, meio. Porque hoje temos aqui obreiros que são portugueses, a diretoria praticamente da Igreja também faz parte é portuguesa e daqui a uns dias os portugueses assumem e os brasileiros vão voltar para a sua terra. Que a nossa objetivo é esse. É fazer com que as pessoa reconheça Jesus Cristo como único caminho, como único senhor e aí, logo após que essa pessoa adere ao Evangelho e começa a pregar essa mesma fé, automaticamente nós vamos recuando, voltando para a nossa origem, para a nossa, de aonde viemos e os portugueses assumem a obra missionária. O nosso objetivo é esse.”</p> <p>“A Igreja sempre foi mais brasileiros. Mas hoje há uma mistura de brasileiro, português e angolanos, né? Geralmente, angolanos também tem sido um bom número, também aqui. Estas três nacionalidades exercem, geralmente, acho que a maioria... Muitas Igrejas evangélicas hoje trabalham com estas três nacionalidades.”</p> <p>“Oitenta, setenta [culto de domingo]. Varia muito. Depende da programação. Se haver algum pregador de fora, se haver uma eventualidade de uma divulgação por algum pregador, ou que seja um cantor. Um cantor que vem de fora e que já tem um certa <i>media</i> é automaticamente atrai mais pessoas. Consegue até cento e tal pessoas e tal, enfim... Isso depende muito da</p> |



|  |  |   |
|--|--|---|
|  |  | <p>programação.”</p> <p>“Há um público quinta e há outro público no domingo que é variado. O número de pessoas se varia quase por igualdade. Há uns que gostam dos cultos mais ativado e há outros que gostam de um culto mais família, ali mais, enfim... Aí vem no domingo que é um culto mais suave, mais... Então quinta-feira é um culto mais para a área da libertação, para a área... Mexe muito com o lado mesmo espiritual e pronto, enfim, as pessoas já vêm na quinta-feira sabendo que é um culto mais forte. Onde nós oramos com mais frequência, com mais eloquência, né? Pronto.”</p> <p>“Nesses sete anos eu acredito que eu deva ter, pessoas que se entregaram para Jesus, temos por volta de umas setecentas pessoas. Umas setecentas pessoas, por volta de um livro que nós temos de registo de pessoas que se convertem. Agora pronto, permanência é que já é outra coisa. Que, às vezes, a pessoa vem, se entrega para Jesus, viaja, vai para o seu país ou vai trabalhar fora, enfim, tivemos, temos aqui relato de passagem. Pessoas que entraram aqui, que aceitaram a Jesus, que é por volta aí umas setecentas pessoas. Agora, o batismo que a pessoa realmente passa a ser membro, temos aí cada ano, cada Verão, que é impossível se batizar aí nesse gelo... (risos) Mas temos aí por volta de, acredito eu, que todo ano aí entre doze, quinze pessoas. Varia muito. Que todo o ano se batiza...</p> |
| <p><b>Tornar-se membro da ADCP</b></p> | <p>Para se tornar membro efetivo da ADCP é preciso, como em qualquer outra Igreja, ser batizado. O que não significa que todos os seus participantes sejam membros, pelo que apenas uma pequena parte permanece e se batiza.</p> <p>Ao ser batizado, o membro assume responsabilidades acrescidas, mas o pastor recusa que se fale de uma obrigação porque “servir a Deus” envolve uma preparação do sujeito</p> | <p>“Exige uma preparação, antes. Para que aquela pessoa possa ser batizada e consciente daquilo que está fazendo. Aí, logo após, a pessoa entra no rol de membro que já entra fazendo parte... (...) Ele começa a frequentar os cultos, pronto, por essa linha sim. Passa a ter uma, não obrigação, ele se sente, ele, automaticamente, vai sentindo um dever que precisa de se alimentar. (...) Precisa, todos que façam parte, precisa aderir às</p>  |

para que este perceçione essa tarefa como uma necessidade e não uma obrigação.

Relativamente ao dízimo o Pastor justifica da mesma forma, como um compromisso. Manter a Igreja aberta tem custos e cabe ao crente essa missão de a manter se é essa é também a sua vontade.

normas que existe para que, até mesmo, as pessoas se sente que, realmente, não é de qualquer jeito. É muito fácil fazer quando quer, quando pode, pronto, lá fora. Quando a pessoa passa a ter uma convicção de fé ela precisa seguir umas normas. E essas normas nem são impostas por mim, particularmente. São normas bíblicas que envolvem a santidade, aí já trabalha com caráter, com a personalidade. (...) A pessoa tem de tar preparado. E aí o que é que envolve... O que é que é a preparação? Já partimos para outros métodos, outras situações, quer dizer, que leva a pessoa a se sentir bem, a sentir bem. E, principal, sentir a vontade em servir a Deus. Não colocamos o Evangelho como meio de prisões. Que há pessoas que acham que servir a Deus é seguir a um regime e tem que tar ali porque se não tiver que a pessoa vai morrer, que a pessoa vai ser cobrado por Deus, que Deus vai matar. Não! Não é nada disso. Seguir a Cristo é ter liberdade. Seguir a Cristo é praticar as obras que ele praticou. Por isso, é se sentir livre. E nessa liberdade que nós pregamos no Evangelho em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.”

“As pessoas, que quando ele passa a ser membro, automaticamente, ele assume um compromisso de manter também a casa de Deus, de manter o templo. Principalmente nós como imigrantes precisamos manter a Igreja aberta, para pagar energia, água, às vezes até dar uma ajuda de custo para a pessoa que zela, que toma conta, que limpa, entendeu? Enfim, alguns custo que é dividido entre os próprios membros da instituição.

[troca de Igrejas por parte dos membros] “Acontece muito. Tanto daqui para lá como de lá para cá. Isso acontece. Acontece. (...)Perfeito, ninguém é. Nós pregamos que só existe um perfeito que foi Cristo e ele foi crucificado por ser perfeito e, em todas as instituições, e acho que em todos que se fala que é religião, que é a Igreja, enfim, todas há situações que há falhas. Há falhas. E

|  |  |   |
|--|--|---|
|  |  | <p>como em tudo. Há falhas. Sistema... Há falha em tudo. E quando um membro descobre alguma falha, automaticamente, há um descontentamento e por ele ter razão, ou às vezes não tem. Temos que entender que de ambas as partes erramos. De ambas as partes já se trata de humildade, de reconhecer que todos nós falhamos. (...) Há pessoas que querem somente a bênção de Deus, mas não querem o dom da bênção que é ele próprio. Quer dizer: “enquanto eu estiver bem eu estou aqui. No dia em que eu estiver mal eu já não pertencço mais aqui. Vou procurar outras religiões, outro lado espiritual que eu possa-me refugiar”, enfim. Há situações diversas. De pensamentos, de formas de ser...”</p>   |
| <b>Estratégias de evangelização</b>        | <p>Estratégias muito informais, de passagem da palavra, geralmente a amigos, familiares ou colegas de trabalho. Usam sobretudo a mensagem de telemóvel e a internet. Entrega de panfletos na rua quando existe a divulgação de um evento particular.</p> | <p>“ Nós usamos muito também hoje a mensagem pelo telemóvel aonde, por exemplo, no Brasil nós temos cadeias de televisão, temos também rádios, temos a <i>am, fm</i>, temos todos os meios de comunicação. Aqui já é mais difícil. Aqui a gente usa os próprios membros para divulgar, para falar um evento, usamos mensagens, o <i>site</i>, enfim, todos os meios de comunicação.”</p> <p>“ Panfletos entregamos, também; convites com o carimbo da Igreja... Usamos esses meios quando é necessário, quando há uma programação. Aqui, ou às vezes aonde o membro mora e, às vezes, ele mesmo sai fazendo evangelismo, convidando para vir para a Igreja, que aqui há pessoas que vêm aqui para essa Igreja aqui, por exemplo, aqui na Areosa, nós temos membros que vêm de lá de Guimarães, por exemplo. Sai de lá duas vezes por semana e vêm para aqui. Há pessoas que sai de Vila Nova de Gaia que tá aqui duas, três vezes por semana. De Vila Nova de Gaia... E já houve mais longe.”</p> |
| <b>Apoio e encaminhamento ao imigrante</b> | <p>Os imigrantes que chegam à ADCP são sobretudo pessoas</p>   | <p>“ (...) eu acho que noventa por cento de todos os imigrantes que vêm para cá vêm numa situação ilegal. Quer dizer, chega aqui, vem para passear e tal, acaba gostando e diz: “Olha, por acaso</p>  |

|  |  |  |
|--|--|--|
| <p><b>Perfil do imigrante que procura a ADCP</b></p> | <p>em situação precária que por falta de informação ou de condições procuram na Igreja uma ajuda. São geralmente pessoas já convertidas e que, por isso, já depositam alguma confiança no papel da Igreja.</p> | <p>vou ficar por aqui. Se eu conseguir um trabalho... Se conseguir um contrato vou ficar”.</p> <p>“Há imigrantes, às vezes, pessoas que acaba de chegar aqui no país que, às vezes, por não ter muito conhecimento e, às vezes, até não têm conhecimento da própria, como é que se diz assim, da própria ajuda que o governo pode oferecer. Então se é um imigrante que também já é evangélico, porque hoje no Brasil, só da nossa instituição da Assembleia de Deus corresponde a... temos um relato de trinta milhões de evangélicos. (...) Então, o que é que acontece, há muitos que vêm de lá do Brasil, que vem de Angola também, (Angola também as instituições são muitas que têm também na Angola. São milhões de pessoas). Então, quando vêm para cá, automaticamente, essa pessoa já vem sabendo que aqui também... Também já fez até pesquisa na Internet, já sabe que aqui também tem Igreja evangélica. Aí ele vem, em vez de procurar a outros órgãos público, por eles não ter conhecimento, eles vêm diretamente a uma Igreja evangélica porque já sabe que há uma forma de ligação, uma irmandade. Então, aquela pessoa já chega com um cumprimento, dando a “paz do senhor”, já se identifica, que pertence também Assembleia de Deus lá no seu devido país. Aí por essa questão também nós já temos mais um dever, a mais. Claro que ajudar o próximo é um mandamento. Amar ao próximo como a ti mesmo independente de qualquer instituição, de qualquer religião, esse amor às vidas e às almas. Agora quando se trata também, claro, se trata de pessoas que já faz parte da própria instituição, que vem de outros países, ou que seja Evangélico, precisa nem ser da Assembleia de Deus, automaticamente a gente faz uma reunião aqui na Igreja, passamos a necessidade daquele imigrante: se precisa de cama, geladeira, alguma coisa, nós ajuntamos e damos para aquela pessoa um suporte, se possível até alugar um quarto para aquela pessoa venha a se sentir bem. É uma forma de</p> |
|--|--|--|

|  |   |   |
|--|---|---|
|  |   | <p>ajuda. Ajudamos nos primeiros meses, tentamos conseguir vagas de trabalho com alguns que já tão aqui dentro da Igreja, ou alguns que têm empresas que pertencem à Igreja. Damos preferência para essa pessoa para conseguir trabalho logo, já.”</p> <p>“Orientamos, se nós já estamos aqui passamos pelo mesmo processo, automaticamente, já informa essa pessoa quais são os meios legais de conseguir [a legalização], quais são as formas, enfim, e auxiliamos da forma possível. Que nós também somos imigrantes, então precisamos ajudar.”</p> <p>[No caso de ter outra confissão religiosa] “Quer dizer nós, automaticamente, nos aproximamos até com a intenção de pregar o Evangelho para aquela pessoa. Automaticamente, se aquela pessoa tá passando por alguns problemas psicológico, seja qual for a área, nós damos um auxílio a essa pessoa e automaticamente pregamos o Evangelho.”</p> <p>“Procuramos ajudar. Fazemos o melhor. Por acaso alguns acertamos e outros não. Alguns estão bem e outros não.”</p> |
| <p><b>Parcerias ou redes com outras organizações no apoio ao imigrante</b></p> | <p>Não existem. A Igreja apenas ajuda a informar o imigrante – geralmente de acordo com a própria experiência – e, quando não é capaz de resolver sozinha, acompanham por exemplo com idas ao CNAI ou ao SEF.</p> | <p>[comunicação com a OCPM] “Seria bom que se houvesse assim mas, geralmente, é difícil. Não há uma comunicação, não há um...não, não há esse tipo de aliança, pronto. Nunca houve, entendeu? Nunca houve...”</p> <p>[com associações de imigrantes] “Não. Não, não. Geralmente, só mesmo quando a gente vamos tratar de algum documento, pronto, para legalização que é com o SEF...”</p> <p>“Com o CNAI, sim, sim, sim. Isso já. Já procuramos resolver algumas questões, enfim. E há sempre procura nessa área. Isso aí não tem...”</p>  |

## ANEXO IV.3 – Transcrição integral das entrevistas de aprofundamento ao inquérito geral e análise de conteúdo

### Transcrição de entrevista n.º 1

|                                 |   |
|---------------------------------|---|
| <b>Inquérito</b>                | 11_7  |
| <b>Entrevistada</b>             | <p>Mulher, 37 anos, cozinheira em pastelaria.</p> <p>Não foi selecionada porque só aceitou responder ao inquérito e à entrevista em simultâneo.</p> <p>Chegou a Portugal em 2002 com a filha para se juntar ao marido também imigrante.</p> <p>Possui o ensino fundamental e em Portugal completou um curso profissional em padaria. No Brasil era educadora de infância e a primeira ocupação em Portugal foi como empregada doméstica. Relaciona-se sobretudo com portugueses e, apesar de pertencer à Associação Mais Brasil, não recebeu qualquer tipo de ajuda da parte da mesma nem frequente. Afirmou ter sido vítima de preconceito e /ou discriminação por razões de género.</p> |
| <b>Data da entrevista</b>       | 13 de Maio de 2011  |
| <b>Local da entrevista</b>      | Casa da própria   |
| <b>Duração da entrevista</b>    | 67min   |
| <b>Hora de início (aprox.)</b>  | 11h00   |
| <b>Hora de término (aprox.)</b> | 12h10   |

**E.: Aquilo que vou começar por lhe perguntar são coisas muito diretas. Portanto, a sua idade?**

e.: A minha idade? Trinta e sete.

**E.: E o ano em que chegou a Portugal?**

e.: O ano em que eu cheguei em Portugal foi há nove anos...

**E.: 2002?**

e.: Foi 2002? Nove... 2002/2003.

**E.: Veio para Portugal porque razão? Por razões de trabalho, estudos?**

e.: Não. Eu vim também por trabalho, mas eu estava aqui casada. O meu marido tinha vindo na frente, depois veio eu e a minha filha.

**E.: Portanto, o seu marido também é brasileiro?**

e.: Também é... ex! Ele é brasileiro e foi por essa razão. Porque daí eu não ia ficar lá no Brasil. Aí ele veio à frente, a trabalho, e depois veio a minha filha.

**E.: OK. Posso saber o que é que fazia no Brasil?**

e.: Posso. Eu era auxiliar... como vocês chamam aqui? Eu era educadora infantil, eu trabalhava com... Era a irmã da Wilma, que é a Wal, que está aí... Ela é que era a minha patroa [risos].

**E.: Por acaso eu conheço bem a Wal, mas nunca lhe perguntei o que é que fazia no Brasil antes de vir. A Wilma conheço melhor a história.**

e.: Era a Wal [risos]. Ela é que tinha lá a escolinha, trabalhei no infantário com ela. Até a minha filha... Ela é tipo assim... Por isso nós somos aqui uma família, porque eu já a conheço desde lá, de Londrina<sup>2</sup>. Então, como se diz... é uma família.

**E.: O seu ex-marido veio à frente e depois...**

e.: A Wal veio, aí da Wal depois veio um pouco da família dela. Depois veio eu, veio a minha filhota [risos].

**E.: Você teve que se despedir, desempregar, para vir. Estava a trabalhar na altura.**

e.: Estava, porque ela veio à frente. Daí, a sócia dela, que estava lá... Aí eu me despedi e vim embora.

---

<sup>2</sup> Londrina, estado do Paraná, Brasil.

**E.: Mas era feliz com a sua vida profissional lá?**

e.: Lá, lá, era. Não tenho nem que falar. Eu lá... não sei nem como explicar. Eu era, era mesmo muito feliz. Aqui eu vou dizer assim: aqui eu vivo, mas eu não sou feliz. Eu estou aqui porque eu sei que aqui dá para batalhar mais... porque a minha filha é a uma menina muito inteligente e ela vai muito bem nos estudos. Então eu estou aqui mesmo por ela, dos estudos. Não estou falando mal do seu país não, pelo amor de Deus, mas eu não gosto de estar aqui.

**E.: Não, não!**

e.: Mas eu não gosto de ficar aqui, estou mesmo para baixo aqui. Já fiquei muitas vezes doente, quase entrei numa depressão. Agora vou ao Brasil de férias, estou ansiosa... Eu não gosto daqui.

**E.: Mas da sua vida por razões profissionais?**

e.: Eu estou cansada da minha vida profissional aqui. Estou cansada. Trabalho muito, muito mesmo. Eu faço dezasseis, quinze horas por dia.

**E.: Claro. Posso saber em que é que trabalha?**

e.: Eu trabalho numa confeitaria. Trabalho em frente aqui, aqui na \*.

**E.: Mas é empregada de balcão?**

e.: Eu trabalho no fabrico. Faço tudo, tudo, tudo. Sei que abriram as portas, é onde eu cresci profissionalmente, é o trabalho que eu consigo segurar, porque aqui eu tenho que ser o homem e a mulher da casa, não é? Mas eu estou cansada, eu não tenho vida própria.

**E.: Claro, a trabalhar essas horas todas por dia.**

e.: Eu não tenho vida própria. Trabalho sob pressão, mas tem que ser, é o meu ganha-pão. Não tenho como mudar a situação. Ainda mais agora a crise aí, pior ainda. Tenho trabalho, tem de se agradecer a Deus ter trabalho. Mas estou cansada.

**E.: Pensa regressar ao Brasil, para viver de novo...**

e.: É como eu te disse, Maria João, a minha situação é delicada pela Beatriz. A Bia foi criada aqui, a minha filha chegou aqui com cinco anos. Fez cinco anos aqui, ela foi para



o infantário, ela foi para a escola, ela fez amigos, não é? Ela é uma menina que agora vai para o nono ano. A última prova agora dela... Os professores dizem “você não tem nem necessidade de fazer o teste”. Ela estourou a banca em nota. Então eu não posso fazer isso. Ela já disse “mãe, o que é que eu vou fazer ao Brasil, eu não tenho vida lá. Claro, nós temos a nossa família”. Pois temos, realmente. Mas se eu chego lá, eu vou jogar ela onde? Numa selva. Para ela começar tudo de novo? Vou prejudicá-la.

**E.: Ela já vive nessa ambivalência.**

e.: Ela tem sonhos, ela quer estudar. Filho nessa idade, você sabe como é. A maioria vai para a escola, não gosta, são obrigados, não é? Você sabe, que você vive aqui e é verdade essa realidade. Os filhos para conseguir uma nota um pouquinho mais levantada vivem na explicadora. Eu graças a Deus nem isso precisei, não preciso.

**E.: Claro.**

e.: Ela estuda, passa em tudo. Então é delicado, Maria João, a minha situação.

**E.: Mas não tem mais família cá?**

e.: Tenho, eu tenho a minha mãe, eu trouxe a minha mãe para cá.

**E.: Mas veio na altura consigo também ou veio mais tarde?**

e.: Não, não, veio bem mais tarde. Minha mãe só tem dois anos, mas para o final do ano ela quer ir embora. Aí a minha situação vai ficar ainda mais delicada, porque ela também é uma companhia, um alicerce, é minha mãe... Mas também não posso segurá-la aqui, tem minha irmã, minhas sobrinhas, não é?

**E.: Claro.**

e.: É isso a minha vida, você queria saber, é isso [risos].

**E.: Mas, portanto, veio diretamente para aqui, nunca esteve emigrada noutros países antes?**

e.: Não, não. Foi direto Londrina – Porto, mais nada [risos]. Passei por aqui só, só passeio de ida e volta... Não, mesmo Brasil – Porto, mais nada.

**E.: Posso saber o seu nível de escolaridade?**

e.: É o segundo incompleto, no Brasil. Você sabe como é que é?

**E.: É o ensino fundamental? É incompleto, OK. Aqui, pediu alguma equivalência de qualificações, fez alguma formação extra?**

e.: Minha formação é a formação é da padaria.

**E.: Profissional?**

e.: É, profissional. Nem era isso a minha profissão, mudou radicalmente, mas quando você vem para outro país tem que se agarrar ao que vem. E quando tem formação eu estou dentro, 'tou dentro, tenho até que pegar diploma de outra formação agora.

**E.: Na mesma área?**

e.: Na mesma área, dentro do meu trabalho aí.

**E.: Muito bem. Quando chegou aqui a Portugal, qual foi a sua primeira profissão? Começou logo aqui com...**

e.: Não, foi trabalhar em casas de família.

**E.: Portanto, fazia serviço doméstico. Trabalhava também a tempo inteiro, ou era a tempo parcial?**

e.: Não, era meio período na casa de família e fazia tipo limpeza aos cafés para completar a renda, para o final do mês. Então ia fazendo assim.

**E.: OK. Relativamente à sua mãe, ela agora está aqui, ela é reformada?**

e.: Não, não.

**E.: Ela está a trabalhar?**

e.: Ela trabalha aqui ao lado. Minha mãe é costureira.

**E.: E trabalha a tempo inteiro também?**

e.: Ela trabalha dentro do horário normal [risos]. Das nove ao meio-dia, depois tem aquelas...

**E.: As oito horas...**

e.: Isso [risos]. É para você ver que eu nem sei mais como é que é os horários [risos].

**E.: O seu pai?**

e.: O meu pai? Eu perdi o meu pai o ano passado, no Brasil. Por isso vou lá agora, vou lá ver o que é que se passou direitinho, pronto.

**E.: E posso saber o que é que ele fazia?**

e.: Meu pai era empresário, tinha a firma dele, de vendas. Não era muito grande, mas como se diz? Aquelas empresas que o governo ajuda “pequenas empresas, grandes negócios”.

**E.: Ele tinha empregados a trabalhar para ele?**

e.: Tinha, tinha. Não sei quantos, não sei como funcionava.

**E.: E sabe em que área é que era?**

e.: Era de vendas. Xaropes, perfumes.

**E.: OK. Vou-lhe dar várias opções e queria que me escolhesse uma. A maioria dos seus amigos em Portugal são: portugueses, são brasileiros, são outros estrangeiros, ou não tem amigos?**

e.: São portugueses. E tem a família Costa, da Wilma, da Wal [risos]. Mas a maioria é portuguesa.

**E.: Mas tem a ver com razões profissionais?**

e.: Com o profissional, também. Mas foram as pessoas com quem eu consegui aqui fazer amizade e sinto mais à vontade.

**E.: Sente-se bem com os portugueses?**

e.: Sim, mais do que nós próprios, brasileiros. Eu acho que os brasileiros que estão aqui se tornam diferentes. Porque não é assim. Nós, brasileiros, somos um povo mais amigo, mais junto. Mas quando chegam ou mudam de país mudam completamente, não sei...

**E.: Acha que é mais cada um por si?**

e.: É, é.

**E.: Isso é muito interessante.**

e.: É, mas é verdade. Querem assim, tipo, dizerem que são mais, quando estão aqui. E eu acho que não é por esse lado.

**E.: E isso fá-la afastar-se um bocadinho?**

e.: Faz, faz, completamente, completamente. Por isso que muitas vezes a gente leva jus pelo nome que não é. Por já ter essa fama, o brasileiro. O homem brasileiro é por ser malandro e a mulher brasileira por ser puta. É a expressão, não é? Mas porquê? Eles andam aí, está entendendo?

**E.: Portanto, há um fundamento, no seu entender?**

e.: Eu gosto de sair com o meu pessoal, o meu grupo, é português, só tem eu brasileira. Só eu. Porquê? O meu pessoal, esse pessoal que eu tenho, português, a gente é mesmo amigo. Estamos ali juntos, se tiver alguma necessidade... Se estamos tristes, estamos tristes juntos, é legal, isso. E não tem “ai porque eu sou brasileira”. Não. E eles me acolheram como isso. E eu me sinto bem, e é isso que também me ajuda a estar aqui.

**E.: Mas relativamente a essas ideias que os portugueses têm sobre os brasileiros, da prostituição no caso das mulheres, e de uma certa preguiça, malandrice no trabalho, no caso dos homens, percebo que acha que isso tem algum fundamento, porque verifica isso nalgum tipo de comportamentos. Mas isso já a afetou dalgum modo? Alguma vez já teve algum problema por causa desse tipo de preconceito?**

e.: Ah, já, já. Mas eu me impus. Tranquilo. Mas também respondo numa boa. Uma pessoa que começou a falar brasileiro e começou na brincadeira comigo, tipo assim aquelas ironias. Eu disse a ele “nem todos são iguais”. Nem todos são iguais, e umas são assim, outros não são, mas você está-me confundindo. A situação parou por aí mesmo e eu não tive mais problema nenhum. É isso que eu acho legal aqui, porque quando começam as ironias... Mas vocês têm um lado bom, há brincadeira, há respeito.

**E.: Sim, sim, percebo. Bom, continuando, a maioria dos seus familiares a viver em Portugal são portugueses, brasileiros?**

e.: A minha mãe é brasileira e a minha filha, nasceu lá.

**E.: No trabalho, relaciona-se sobretudo com portugueses, não é?**

e.: É.

**E.: Aqui na vizinhança, são na maioria portugueses, tem alguns brasileiros?**

e.: Portugueses.

**E.: Só portugueses. E relaciona-se com as pessoas aqui da vizinhança, ou nem sequer...?**

e.: É “oi e tchau” porque eu estou sempre no trabalho. Mas as pessoas já conhecem por eu estar aqui há tantos anos e a minha filha.

**E.: Mas é de passagem...**

e.: É de passagem. Sem confusão, nada, muito pelo contrário, tudo OK.

**E.: OK, Ainda bem. Sei que pertence à Associação, tem essa ligação com ela, mas há mais algum grupo, organização, religiosa, ou outra qualquer a que pertença?**

e.: Não, não.

**E.: Eu gostava de perceber se a Associação a ajudou em alguma destas situações: ajudou a arranjar emprego, ajudou a arranjar casa, encontrar pessoas do seu país, a relacionar-se com portugueses, ajudou a encontrar pessoas em instituições que a podem ajudar a resolver os seus problemas ou ajuda quando tem saudades do seu país e da sua família?**

e.: Não.

**E.: OK. Relativamente à língua, ao português e ao português do Brasil, vou-lhe dar quatro opções e vou-lhe pedir que escolha uma delas: não considera que existam diferenças entre o português de Portugal e o português do Brasil; considera que existem diferenças, mas são-lhe indiferentes, não a afetam; considera que existem diferenças que a afetam positivamente; ou que a afetam negativamente, relativamente à língua?**

e.: Não, algumas coisas. Como é que eu te posso explicar? Algumas pronúncias, só. Mas nada que afete.

**E.: OK, é-lhe indiferente. Lida bem...**

e.: Eu para não estranhar tanto, cheguei aqui e dei uma olhada num dicionário [risos]. Eu não vou passar vergonha, quando chegar lá, deixa eu dar uma olhada primeiro porque ainda faço alguma asneira [risos].

**E.: Eu não sei de que zona do Brasil é que vem...**

e.: Eu sou de Londrina, Paraná.

**E.: Esta pergunta é porque, às vezes, dependendo da zona de onde a pessoa vem, há uma maior dificuldade.**

e.: Mas é o pessoal mais do Norte, da Bahia, do Recife, Pernambuco, para lá aquele povo fala mais arrastado. Agora para nós que estamos mais aqui em baixo, já para o sul, já puxa mais. Não, não tive grande dificuldade aqui, nenhuma. É como em Portugal, eu cheguei em Lisboa e foi normal [risos]. Eu não consigo diferenciar quando vocês falam que “Porto – Lisboa” o povo fala diferente!

**E.: Eles notam muito a diferença em relação a nós, nós temos um sotaque mais acentuado. Mais eles em relação a nós, do que nós em relação a eles. Relativamente aos costumes e aos estilos de vida, considera que existam diferenças? Essas diferenças afetam-na positivamente ou negativamente?**

e.: Não. Assim, como o nível de vida?

**E.: Sim, costumes de vida, práticas, o dia-a-dia.**

e.: Que é que poderia ter afetado? Olha, Maria João, no conviver ou... não estou percebendo sua expressão.

**E.: Assim, as nossas práticas do dia-a-dia, a forma como gerimos o nosso dia-a-dia, os nossos costumes, no fundo. Não sei se acha que existem diferenças, se notou diferenças nos nossos hábitos, alimentares, de vestir, de andar, de sair e ir a determinados sítios. Nota diferenças nesses padrões portugueses e no Brasil?**

e.: Ah! No começo era, agora já me habituei. O comer é normal, é tranquilo, porque aqui tem tudo. Até nisso a comida já entrou na dança. A nossa comida é igual, não tem dificuldades. No meu vestir, normal... gosto dos jeans, me sinto bem, como a maioria aqui. E... Horários, normal. Eu cumpro horários no trabalho, depois o resto mais nada [risos]. Não, não notei diferença.

**E.: Relativamente às crenças, à fé e assim, nota diferença?**

e.: Ah isso eu noto, isso eu noto.

**E.: Mais em que aspetos?**

e.: A fé aqui é... Vamos dizer assim: eu acredito num Deus vivo. E a minha filha, mesmo na escola, quando tem debates de Religião...

**E.: No meu tempo era Religião e Moral.**

e.: É isso. E tem esse negócio de batismo e não sei quê. Você sabe que nós, na Igreja evangélica, os nossos filhos, quando nascem, não são batizados. Eles têm a liberdade em escolher o que eles querem ser. O batismo em consciência é a partir dos doze anos, no qual a criança já tem uma noção de qual caminho ela quer seguir. Então não é criticando, por favor, mas essa é a diferença. Nós não adoramos Santos, porque os Santos é a mesma coisa que o seu olhar, você está idolatrando. Na escola da minha filha o professor perguntou quem acreditava em Deus e a minha filha foi a única que levantou a mão. E eu no trabalho também vejo isso, o pessoal, tudo. Se ofende, não faz isso, e sempre estão com o nome de Deus na boca, não têm a fé, não acreditam, porque eu já perguntei muitas vezes e não acreditam. Então, eu acho que aqui é um povo descrente, é um povo descrente. Porque nós só temos um Deus, um Deus vivo.

**E.: Já não é a primeira pessoa que me diz isso.**

e.: Então eu sinto dificuldade... não é dificuldade em relação a mim. Eu vejo a fraqueza e a fé com muita luz. Olha, a situação mesmo de um colega. A filhinha dele estava internada e estava mesmo mal. E eu cheguei à beira dele e disse, eu falei “você tem que ter fé, você tem que acreditar. Porque se você tiver uma fé forte, mesmo... e a gente vai orar por você.” E ele me olhou e disse “Não orem porque eu não acredito, Deus não existe. Mas mesmo assim eu orei. Pela ignorância dele, mas isso nem chega aos ouvidos de Deus porque Deus sabe que não, ora por essa pessoa que a gente cá em cima também te vai estar ajudando. A pessoa sofre mais, não sei qual é a sua crença, mas sofre mais se não tiver uma fé, porque você tem de acreditar porque a fé move montanhas, porque é ela que nos dá a força. Eu mesma, quando eu vi que estava doente, que ia entrar numa depressão, quando eu perdi o meu pai no ano passado, eu caí ao chão e falei assim “o Senhor ponha as suas mãos sobre mim porque só tenho a Si, Meu Deus, mais nada”.

**E.: E aqui já procurou algum culto evangélico?**

e.: Sim, é na Igreja Adventista, mesmo, do irmão da Wilma. E lá Brasil, o meu pai, a minha mãe... Então a minha família já é... eu já nasci nesse lado evangélico, minha família toda.

**E.: E consegue ir com frequência ao culto?**

e.: Sim, é pertinho aqui. Com frequência não, por causa do meu horário de trabalho.

**E.: Consegue ir uma vez por semana, mais ou menos?**

e.: Mas quando posso... Só que não atrapalha... Só que é assim, a minha fé.

**E.: A esse nível, várias pessoas já me têm dito que notam muito essa diferença entre Portugal e o Brasil. Relativamente aos valores, àquilo que valorizamos mais na vida, acha que existem diferenças entre portugueses e brasileiros, naquilo que nos move, que nos orienta nas nossas vidas, considera que existem diferenças?**

e.: Diferença, como assim?

**E.: Aquilo que mais valorizamos, por exemplo, o trabalho, ou a família, ou...**

e.: Ah, é um patamar assim meio... Por favor não me interprete mal.

**E.: Não, eu não estou aqui para interpretar mal ninguém, estou aqui precisamente para perceber.**

e.: É mais frio, nós somos mais família, nós somos. Também tem essa diferença. Eu vejo... não é tanto a família... Eu não consigo ver o jeito como eles falam com o marido, com a mulher, como uma mãe trata um filho. Eu com a Beatriz, se eu alterar a voz com a minha Bia, ela já começa a chorar, porque a gente não tem isso. É a única filha... Mas não, é o nosso jeito, sabe até o meu pai, a minha mãe, a minha família toda. Já vem do meu avô. “Bruto, estúpido”, eu não consigo, não dá.

**E.: Também não é a primeira pessoa que me diz isso.**

e.: Nem pensar que... Se eu falar com a Bia, quiser dar uma bronca dela, ela “mãe, não briga pelo amor de Deus”, porquê? Porque a gente dá aquele mimo, a gente conversa, tem diálogo. A minha filha quando era pequena, se ela levou três tapas na bunda foi



muito, mas na bunda. Porquê? Porque é uma coisa que eu também acho errado. Eu fico indignada quando vejo uma mãe bater numa criança, dar um tapa na cara. Isso não se faz, isso é humilhante. Nem nós mulheres podemos ser ofendidas. Nem um homem, nenhum ser humano. Principalmente na cara, isso é humilhante. Um pai, uma mãe, fazer isso com um filho, pronto, ele perde o respeito, completamente. Eu fico revoltada, indignada, não consigo. Como eu estava dizendo, o meu avô, se com nós, os netos, dormindo na casa dos meus avós era uma festa. O meu avô sentava na ponta da mesa e ele acolhia todos, numa conversa, numa piada, até uma bronca. O meu avô era difícil para você saber se ele estava falando certo ou se ele estava mesmo a brincar. Porquê? Porque já vem isso. E você pode perguntar à Wilma, mais a Wal... É difícil, eu sinto essa dificuldade. E no meu trabalho, eu sinto que as coisas mudaram muito, porque eu já disse “vocês não falam assim para mim, por favor”. Mas eu já sou mais calma, já vejo que as coisas lá têm acalmado muito. No começo foi muito difícil, quando eu entrei aí, estávamos muito pessoal, mas mudou muito, eles me respeitam bastante, é isso também. Eu sou muito respeitada no meu trabalho.

**E.: E alguma vez, mesmo antes de estar aqui a trabalhar, sentiu discriminação, preconceito profissional, para arranjar emprego. Sentiu maiores dificuldades por ser brasileira?**

e.: Não, graças a Deus. Porquê? Justamente por eu ter um Deus bom na minha vida, as portas aqui sempre estiveram abertas. Eu cheguei aqui, não conhecia nada, mesmo, o Mauro trabalhava na obra, e eu ficava mais vezes dentro de casa aqui com Beatriz, era final do ano, chuva. Era estanho até para sair, aquele tempo, aquele frio, mesmo chuva, frio, frio, frio, frio, frio. Eu saí duma terra onde você pega quarenta e dois graus. Mas depois eu fui conhecendo um casal amigo que trabalhava com ele nas obras, e através dela eu conheci uma moça, a Cláudia, e ela era veterinária. E ela falou “tem uma senhora que precisa, que ela até me perguntou e eu falei “ah, tudo bem, eu quero sim trabalhar” e ela “olha, só que é meio período”. Então põe aí. E foi, a primeira senhora, essa casa de família que eu fui trabalhar até fazer a minha legalização, porque eu sou do plano Lula. E foi mesmo na época, foi tudo ali, apareceu tudo, apareceu emprego, apareceu os papéis, arranjei tudo...

**E.: Mas quando veio entrou com visto turístico?**

e.: Eu entrei com visto turístico.

**E.: Depois apanhou o acordo Lula, aquela situação toda, conseguiu legalizar-se sem ter de ir ao Brasil.**

e.: Sem ter que ir ao Brasil. Fui só até ali a Vigo, porque o consulado de vocês era lá, fui até lá.

**E.: Nunca pensou em fazer reagrupamento familiar?**

e.: Tentei, por causa da minha mãe, mas não consegui.

**E.: E na altura com o seu marido, não tentou?**

e.: Não, não porque o Mauro, como é que eu posso te dizer... O Mauro, quando saiu do Brasil, ele saiu um marido, quando eu cheguei aqui, ele era outro. Então, tipo assim, nós estivemos catorze anos juntos, mas aqui foi um ano, mais ou menos. Então, eu batalhei. Tive dificuldades, assim pela Beatriz, pôr ela no infantário, ela tinha cinco anos, ia começar uma vida aqui longe da família toda, ela estava agarrada à avó, às primas, tudo. Viu a mudança total, não é? Essa foi só a minha dificuldade, porque, de resto, eu caminhei. A Leonor disse “olha, você não está legalizada?”, e eu falei “não”, a Flora “então, preparara teus papéis, tem o meu genro, ele é advogado e ele te arranja tudo, tá bem?”. Daí eu fui lá no consulado, que estavam já entregando as folhas, me inscrevi direitinho, tudo, e foi daí. A minha vida sempre caminhou aí. E depois ia fazendo as limpezas, como eu te disse, nos cafés. E tinha a padaria, onde eu trabalho, e eu sempre pegava pão de manhã para a Bia e perguntava para o pessoal. Porque era muito cansativo e eu pensei também mais pela segurança, se me acontece qualquer coisa, eu não tenho segurança social. Eu tenho de arranjar um serviço mesmo ao certo, porque eu já estava vendo minha situação delicada com o Mauro. O Mauro já não estava-me dando um apoio e eu também sempre trabalhei, nunca fui de esperar. Mas, já que é assim, um empurrão, então vamos caminhar com as próprias pernas, vamos embora, sem olhar para trás. Pensei nalgum instante fechar as malas e voltar para trás? Sim, mas eu não posso. Agora já que eu estou aqui, agora, é tocar para frente. E eu perguntava sempre ao senhor Alexandre “olha, vocês não precisam de ninguém aqui para limpeza? Ou alguma coisa, menos para o balcão, menos para o balcão!”.

**E.: Tinha medo do balcão?**

e.: É, eu nunca gostei desse negócio de lidar com o pessoal. Isso é com a minha mãe e com o meu pai. Não gosto, não gosto. Então aí “não tem, mas quando eu tiver...” E pronto, foi o que a gente falou. E assim foi. Parei as limpezas, entrei na padaria e lá estou, há seis anos.

**E.: Atualmente tem visto de residência?**

e.: Eu já tenho visto de residência e agora, como já te disse, vou ao Brasil, vou levar o meu registo de nascimento para ter a dupla nacionalidade, porque eu já tenho o cartão de cidadão. Então, tenho toda a documentação certinha. Já, nem parei, já que você conseguiu, que nem eu disse, o seu caminho, foi só você caminhar, não é? É caminhar e ir-se inteirando, tudo certo, tudo legal, então eu não parei. Cheguei e é bom para mim e para a Beatriz. Ela mesmo, terminando o nono ano, ela já diz “mãe eu quero começar a fazer intercâmbios, quero poder conhecer outros países, mas assim a estudar”. E então, para isso...

**E.: Queria fazer algumas perguntas relativamente a algumas instituições e organismos e vou-lhe dar uma escala de um a cinco, um em que não confia nada, e cinco em que confia muito, e vou-lhe pôr a mesma situação no Brasil e em Portugal, no fundo para fazermos uma comparação. Ou então pode também não conhecer algum destes organismos. No fundo, começando pelo governo e a administração pública, qual é o grau de confiança que atribui a esta instituição no Brasil e em Portugal? No trabalho do governo e da administração pública?**

e.: Olha, o Brasil está indo para a frente, que é uma maravilha, entre aspas. Vai virar como aqui, para vocês começarem a entender qual é que foi a diferença que fez nós emigramos, sairmos de lá. Porque é que o vai acontecer com vocês. Rico – rico; pobre – pobre. Essa foi a desconfiança do brasileiro, a dificuldade do brasileiro. Quando chegámos aqui, o governo tinha um forte, a moeda de vocês estava valorizada. Era um governo que estava a levantar o país de vocês. [impercetível] Vocês deviam lutar, ir para as ruas, fazer mesmo isso, vocês tinham que fazer isso. Não deixar entrar o que o parlamento quer, mas o que o povo quer. Foi o que nós fizemos com o Cola, derrubámos aquilo tudo. Mas porque numa só união dos brasileiros, e era o que vocês tinham que fazer. Porque o país de vocês estava bem. Aqui não ligam para o voto, claro, um, dois, três, digamos assim, cinco por cento daquele deputado já tem um voto, já foi eleito. É um mal, o povo tinha que se apegar mais, para vocês não estarem agora nessa

dependência, nesse buraco negro, que foi o que aconteceu com o Brasil. A gente veio para cá porque o governo aqui apoiou bem os imigrantes, tínhamos os abonos, apoio total. Mas era um ponto forte, agora, depois que entrou esse...

**E.: Neste momento tem mais confiança no trabalho que se faz no Brasil do que...?**

e.: Tem uma confiança, como assim que eu posso-lhe dizer. Eu sei que se eu sair daqui hoje, voltar para o Brasil, principalmente para a minha cidade, eu tenho emprego. Quando eu saí de Londrina, eu estava nesse buraco que está Portugal, desemprego. Hoje tem fábricas crescendo. Temos trabalho, já não temos diferenças de classes económicas, mas é o que vai acontecer aqui: pobre – pobre, rico – rico. E você sabe...

**E.: Nem sequer há uma situação intermédia, ou se pobre ou se é rico.**

e.: Visivelmente. E eu acho que falta isso, eu sempre falo para o pessoal lá no trabalho “gente, vem aí agora eleição de novo, não deixa... “Eu não vou votar, acha que vou perder meu domingo para ir lá e votar?”. Eu digo assim “gente é dois minutos, nem isso. Procura ver os políticos, como é que é, é o país de vocês, é a bandeira que vocês têm que beijar. E o futuro dos filhos de vocês?”. Tinha que mudar isso.

**E.: Considera que há fraca mobilização.**

e.: Há e vai ser pior. Porque eu vejo aí, é um a engolir no outro. A política, você já sabe, é suja. Não vai dizer que é suja aqui só, não, não é. A política, ela é suja, mundial. Envolve tudo. Mas se eu votar e colocar quem está lá, você tem esse direito de cobrar “não, você disse isso e isso e isso”. Nós, o povo, estamos aqui na rua brigando, lutando, porque nos sempre deu isso, você veio para milhões e milhões, não é? Então você vai poder reclamar. Eu vou votar, por eu ter o meu cartão de cidadão, está até aqui, eu vou-te mostrar. Para ver que não é mentira, eu vou, eu vou. Eu não sou daqui, mas a minha filha está aqui, ela vai estudar aqui, ela vai para uma faculdade aqui. Ela vai precisar do seu país. Ela pode vir a casar aqui. Os filhos dela vão ter qual futuro? Ela quer um futuro melhor. Eu acho que a união já começa daí. Eu vou votar. É mentira o que eu te disse? Eu acho que vocês tinham que lutar ... Isso aqui é de vocês, é o país de vocês.

**E.: Sim, sim, percebo. Numa escala de 1 a 5, se me pudesse então dizer um grau de confiança, dá um grau superior ao governo no Brasil?**

e.: Agora, nesse momento, eu dou para o Brasil.

**E.: Mais para o Brasil do que para Portugal?**

e.: Mais. Eu acho que vocês aqui têm que mudar. É por isso que vou pôr lá o meu voto, eu espero que mude muito.

**E.: Daria em Portugal um nível de confiança de três?**

e.: Quatro.

**E.: E no Brasil dava um cinco?**

e.: Dava um cinco. Mas por essa questão do emprego, e de olhar mais pelos idosos, as crianças. O Lula e a Dilma têm muito cuidado sobre isso. Sobre a alfabetização, o jovem, principalmente, o estudo, o incentivo, tinha que ter... Eu acho isso aqui muito abandonado. Um jovem aqui, ele não tem o interesse do estudo. Essa geração agora... Não sei se você tem um adolescente, um primo, uma prima, com quem você possa ver. A escola... E aos idosos, eu acho aqui que há uma discriminação muito grande aos idosos, eu acho. A gente vai envelhecer e vai ter essa idade, tinha que ter um cuidado maior. Aquilo dos idosos morrerem aí sozinhos, meu Deus. Ficam lá nas aldeias abandonados, porque é que não tem esse convívio da vizinhança, não se vê o que se passa, as pessoas se fecham. Quanto mais você vai-se isolando, você se habitua, é tudo do hábito, não é? E a solidão mata, realmente. Você parou no mundo, fica ali fechado naquela escuridão. Não pode, não pode. Para mim é impensável, tinha que ter mais cuidado.

**E.: E relativamente à justiça e aos tribunais, confia mais no trabalho em Portugal ou no Brasil?**

e.: Por um lado, tem os dois lados. Principalmente ... Eu acho q é assim: acho que na discriminação sobre a mulher, a violência sobre a mulher. Aqui não tem uma delegacia da mulher. O apoio, fazem a propaganda toda. O apoio... Eu nunca passei pela situação, nem vou passar. Mas eu já vi casos e pessoas me contar. Elas terem sido mesmo agredidas e chegar a dar queixa... E o delegado “ah, um tapa de vez em quando faz bem, para vocês acordarem”. Por favor, ele é uma autoridade. Eu até passava a viver na cadeia, ahah, mas eu acordava ele, quem era acordado era ele.

**E.: Acha que a esse nível funciona melhor no Brasil?**

e.: Sim, completamente. Nem tenho o que comparar.

**E.: Vamos lhe dar um nível de confiança de quanto?**

e.: Sobre isso eu acho que não dou nem um, nem um. Português tem a mania de ser machão. Mesmo sendo homem você tem que respeitar as mulheres. O Mauro, nós tivemos discussões quando eu vi que as coisas estavam indo mal, mas, pela minha filha, ele jamais me levantou a mão. Separámo-nos numa boa. Demos a mesma educação à Beatriz. A gente procura sentar, conversar com ela, quando a gente nota que ela está diferente em alguma coisa. Procuramos ter uma boa amizade, pela Bia. Não nos envolvemos em violência, não, nada.

**E.: E qual o grau de justiça que atribui no Brasil?**

e.: Sobre a justiça, sobre isso? É justo. Uma mulher agredida no Brasil, ela é acolhida. Ela chega numa delegacia e eles vão mesmo atrás do cara, e você sabe que é verdade. Os policiais se empenham mesmo porque eles têm essa vontade de pegar ele e jogar ele lá dentro. E daí ele é feito mesmo lá dentro, joga lá na mão dos presos e diz: “olha, esse bateu na mulher” ou “esse violou uma criança” ou “violou uma mulher”. A vida dele está acabada, está condenado.

**E.: E o SEF conhece? O SEF do Brasil, o serviço de estrangeiros no Brasil, conhece?**

e.: Só o daqui, é a mesma ligação.

**E: E considera que fazem um bom trabalho? Confia no trabalho que é desenvolvido pelo serviço?**

e.: Sim, não tive problema nenhum.

**E.: Dá-lhe um nível de confiança de quanto?**

e.: Sim, tive todos os meus documentos, tranquilo, meus e de Beatriz. Eles foram bem sinceros sobre a minha mãe. Ela não conseguiu reagrupamento familiar, mais por causa da idade dela e eles ficaram... Mas agora ela pode conseguir, ela mesma a legalização. Então...

**E.: Relativamente à associação brasileira, acha que têm desenvolvido um bom trabalho? Confia no trabalho da associação de imigrantes aqui no Porto?**

e.: A associação de imigrantes, mais como a da Wilma, não é? Eu não tenho assim essa ligação, nem sei onde é, se quer saber.

**E.: Eles agora estão com novas instalações no Shopping do Campo Alegre.**

e.: No Campo Alegre? No Bom Sucesso?

**E.: Não é no Bom Sucesso, sabe onde é a Faculdade de Ciências, mais à frente continua, depois passa um viaduto, passa por baixo e depois aparece-lhe um shopping que é uma espécie de galerias, não é shopping...**

e.: Depois da Faculdade de Psicologia tem realmente ali uma galeria, que passa realmente depois do viaduto. Um centro comercial ali...

**E.: Eu acho que a Faculdade de Psicologia é um bocadinho antes, mas é naquela zona do Campo Alegre, tem um shopping, eles estão lá com as novas instalações, porque mudaram. Associação de imigrantes do Brasil nunca contactou?**

e.: Não, não.

**E.: Aqui conhece por elas, mas também não tem proximidade?**

e.: Isso, eu conheço por elas, por falarem e assim. Porque nem dá tempo...

**E.: Às vezes nem dá para perceber como é que funciona...**

e.: É isso.

**E.: Relativamente à Igreja Católica ou a outros cultos religiosos (falo da Igreja Católica porque é maioritária aqui em Portugal), confia no trabalho que eles desenvolvem com as pessoas, no apoio aos imigrantes? Conhece algum trabalho desenvolvido por eles?**

e.: Não, nenhum, para ser sincera, nenhum.

**E.: Já agora posso lhe dizer que a Igreja Católica trabalha muito próximo dos imigrantes, tem a chamada Obra Católica portuguesa. Funciona perto do Palácio de Cristal. E também dá apoio, às vezes nas questões mais imediatas, também dá**

**apoio ao imigrante em relação a papéis, entre outras coisas, formação e etc. Fica a ter uma noção.**

e.: Eu já ouvi falar...

**E.: No Brasil também não conhece assim nenhum trabalho específico...**

e.: Não.

**E.: Mais para finalizar, queria lhe perguntar se, de uma forma geral, se sente integrada na sociedade portuguesa. Considera-se uma pessoa integrada?**

e.: Sim.

**E.: A sua maior dificuldade passa mais depressa pelo campo profissional, trabalha muitas horas...**

e.: É, é só essa. Adquiri tudo, daqui, os gestos, os modos... nem tudo [risos]. Calma aí! Mas o convívio é legal, é aquilo que eu te disse. O meu problema é só o cansaço a isso, mas também posso mudar, agora indo de férias. Fora isso tudo OK.

**E.: E alguma coisa mudou na sua vida, na forma como encara a vida desde que emigrou? Alguma coisa que tenha passado a valorizar mais?**

e.: Mais? A família. É muito difícil, eu aqui tive que aprender a ser mesmo guerreira, sabe? Eu tive que aprender a ser assim mesmo dura. Agora isso me tem feito mal, porque eu sou dura comigo mesma.

**E.: No fundo, teve que sobreviver por si própria e pela sua filha, sem apoio, sem laços familiares, que pelo menos para um apoio...**

e.: É isso mesmo. Foi Deus no Céu e fui eu na terra. Ter que começar a zero.

**E.: Alguma vez se arrependeu de ter deixado o Brasil?**

e.: No começo, sim. Porque são aquelas pedras, aquelas dificuldades que você vai encontrando no caminho, aí você vê que você consegue passar, e se olhar para trás vê pior. Então, isso te dá mais força. Então quanto mais você quer lutar, você não vai querer fraquejar, não é? E hoje é isso que eu vejo. Agora nadei, nadei, vou morrer na praia? Não. Fiz a minha vida, lutei, tenho o meu trabalho, tenho a minha dignidade, tenho a minha casa.



**E.: Mas considera que tem mais qualidade de vida aqui do que tinha no Brasil?**

e.: Ah, sim, sim.

**E.: Em algum aspeto especial, ou mesmo pela situação profissional?**

e.: O profissional, o que é que faz .... Você trabalha, trabalha, mas você sabe que ao final do mês é aquele “x”. No Brasil, a gente trabalhava, trabalhava, e como eu estava explicando para você, você sabia que quando chegasse o final do mês, o seu salário vinha e já não dava para cobrir contas, a vida com um filho pequeno, não dá. A minha vida lá era outra, e aqui a gente cria outra completamente diferente, da qual realmente a Beatriz ia também sentir essa dificuldade. Aqui o meu salário chega e eu sei dividir, vai chegar para isso, para aquilo. E eu sou poupada. Mas porquê, porque tem interesse. Eu aqui pago meu curso, eu tirei a carta. Então, são coisas que no Brasil já não dá. Agora, já posso dizer que sim. Só que eu não vivo lá, aqui é possível. Meu tipo de vida aqui é esse. Eu não sei se lá no Brasil... Eu não vou falar “não, eu vou agora para Portugal e só eu e a Bia”. E a minha mãe disse “não, eu vou agora com vocês que eu quero passar o final do ano lá”. Então olha o que eu recebi, eu consegui separar o dinheiro das passagens e a minha vida do meu gasto.

**E.: Consegue ter uma poupança ainda para poder ir ao Brasil?**

e.: O que me assusta, o que vem o medo agora é isso do estado do seu governo. Porque ele congelou os salários, não é? Eu não tenho rendas aqui. O abono da Beatriz aqui é vinte e cinco euros. São vinte e cinco, mas são aqueles vinte e cinco que dá, que eu sei. É uma sapatilha que ela precisa, é uma coisa, é dela. O pai dela, a pensão que ele chega à frente com ela é os cem euros. Então, a carga maior é minha. Mas é uma carga da qual eu consigo... está a entender?

**E.: Consegue gerir a sua vida.**

e.: Tranquilo.

**E.: Não sei se há alguma coisa que queira acrescentar, de que eu me possa ter esquecido, em relação à sua vida de imigrante.**

e.: Agora vou dar uma geral na casa, depois vou para minha aula, é assim minha vida. A minha vida de imigrante, não, está tudo OK. Não sinto dificuldade, nem pela Beatriz, a

minha filha é negra. Mas porque eu sempre ensinei que ela que tem de se impor. E ela nunca teve dificuldade nenhuma, porque ela sabe ser respeitada. A minha filha é negra. A minha filha ela se se virar para mim, ela fala comigo brasileiro, se ela virar para ti ela fala português...

**E.: Portanto, ela sabe gerir, também...**

e.: Tranquilo, sem dificuldade nenhuma.

**E.: Ótimo.**

e.: Ela tem de respeitar o seu campo e tem de ser respeitada no campo dela.

**E.: Muito obrigada por este bocadinho.**

| <b>Análise vertical à entrevista n.º 1</b> |  |                 |
|--|--|-----------------|
| <b>Inquérito 11_7</b>                      |  |                 |
| <b>Dimensões e categorias de análise</b>   | <b>Dados/ Sínteses</b>   | <b>Excertos</b> |
| <b>I. Dimensão social</b>                  |  |                 |
| Características sociodemográficas          | <p><b>Género:</b> Feminino</p> <p><b>Idade atual:</b> 37</p> <p><b>Idade de emigração:</b> 28</p> <p><b>Estado civil:</b> divorciada/separada; o ex-marido é brasileiro</p> <p><b>Nível de escolaridade no Brasil:</b> Ensino fundamental incompleto</p> <p><b>Nível de escolaridade em Portugal:</b> completou um curso profissional em padaria</p>   |                 |
| Zona de residência                         | <p><b>Concelho e freguesia de residência:</b> Porto, Paranhos</p> <p><b>Composição étnica das vizinhanças:</b> só portugueses</p>  |                 |
| Composição de classe                       | <p><b>Última ocupação no Brasil:</b> Educadora de infância</p> <p><b>Primeira ocupação em Portugal:</b> Empregada doméstica</p> <p><b>Ocupação atual em Portugal:</b> Cozinheira em pastelaria</p> <p><b>Lugar de classe individual no Brasil:</b> PBTEI</p> <p><b>Lugar de classe individual em Portugal à chegada:</b> PBE</p> <p><b>Lugar de classe individual atual:</b> OI</p> <p><b>Lugar de classe de família de origem:</b> BEP</p> <p><b>Lugar de classe de família de pertença:</b> OI</p> |                 |

|   |  |   |
|---|--|---|
|   | <p><b>Disposições em relação à carreira profissional:</b></p>  | <p>“Eu estou cansada da minha vida profissional aqui. Estou cansada. Trabalho muito, muito mesmo. Eu faço dezasseis, quinze horas por dia.”</p> <p>“Eu trabalho no fabrico. Faço tudo, tudo, tudo. Sei que abriram as portas, é onde eu cresci profissionalmente, é o trabalho que eu consigo segurar, porque aqui eu tenho que ser o homem e a mulher da casa, não é? Mas eu estou cansada, eu não tenho vida própria.”</p> <p>“Trabalho sob pressão, mas tem que ser, é o meu ganha-pão. Não tenho como mudar a situação. Ainda mais agora a crise aí, pior ainda. Tenho trabalho, tem de se agradecer a Deus ter trabalho. Mas estou cansada.”</p> <p>“ Nem era isso a minha profissão, mudou radicalmente, mas quando você vem para outro país tem que se agarrar ao que vem. E quando tem formação eu estou dentro, ‘tou dentro, tenho até que pegar diploma de outra formação agora.”</p> |
| <p><b>II. Percursos migratórios</b></p> | <p><b>Outros países:</b> Não</p> <p><b>Tempo de permanência:</b> 9 anos</p> <p><b>Tipo de rede de imigração:</b> legal</p> <p><b>Com quem veio:</b> “Com familiares”: filha</p> <p><b>Aprofundamento das razões de vinda para Portugal</b></p> <p>“Para se juntar à família”<br/>Foi para se juntar ao marido que estava imigrado em Portugal por razões de trabalho que decidiu, também, emigrar.</p> <p><b>Dificuldades encontradas em Portugal</b></p> <p>Não gosta de viver em Portugal, não se adaptou, mas reconhece que o facto de até então ter tido trabalho em Portugal e de a sua filha estar a crescer e a formar-se com</p> | <p>“Eu vim também por trabalho, mas eu estava aqui casada. O meu marido tinha vindo na frente, depois veio eu e a minha filha.”</p> <p>“Porque daí eu não ia ficar lá no Brasil. Aí ele veio à frente, a trabalho, e depois veio a minha filha.”</p> <p>“Eu lá... não sei nem como explicar. Eu era, era mesmo muito feliz. Aqui eu vou dizer assim: aqui eu vivo, mas eu não sou feliz. Eu estou aqui porque eu sei que aqui dá para batalhar mais... porque a minha filha é a uma menina muito inteligente e ela vai muito bem nos estudos. Então eu estou aqui mesmo por ela, dos estudos. Não estou falando mal do seu país não, pelo</p>   |

|  |  |   |
|--|--|---|
|  | <p>sucesso são fatores que têm-na mantido presa ao país de acolhimento.</p> <p><b>Intenções de regressar ao Brasil quando emigrou</b></p>  | <p>amor de Deus, mas eu não gosto de estar aqui.”<br/> “Mas eu não gosto de ficar aqui, estou mesmo para baixo aqui. Já fiquei muitas vezes doente, quase entrei numa depressão. Agora vou ao Brasil de férias, estou ansiosa... Eu não gosto daqui.”</p>   |
| <p><b>III. Dimensão cultural</b></p> <p>Redes de sociabilidade</p> | <p><b>Redes à chegada a Portugal</b></p> <p>O marido já estava instalado em Portugal, mas também conhecia uma antiga colega de trabalho no Brasil que entretanto também estava imigrada em Portugal.</p> <p><b>Redes de sociabilidade primárias</b></p> <p>Está atualmente separada e vive com a filha e a mãe, que trouxe também para Portugal há aproximadamente dois anos.</p> <p><b>Aprofundamento das disposições relativamente aos grupos com que o entrevistado se relaciona menos ou não se relaciona e as justificações em torno dessa situação.</b></p> <p>Os seus amigos são maioritariamente portugueses e são eles que a ajudam a sentir-se acolhida em Portugal. A razão pela qual se relaciona menos com brasileiros relaciona-se com o facto de considerar que em contexto migratório os brasileiros “se tornam diferentes”, nomeadamente, tornam-se menos unidos, mais individualistas.</p> | <p>“O meu marido tinha vindo na frente, depois veio eu e a minha filha.”<br/> “A Wal [colega de trabalho] veio, aí da Wal depois veio um pouco da família dela. Depois veio eu, veio a minha filhota [risos].”</p> <p>“Tenho, eu tenho a minha mãe, eu trouxe a minha mãe para cá.”<br/> “Minha mãe só tem dois anos, mas para o final do ano ela quer ir embora. Aí a minha situação vai ficar ainda mais delicada, porque ela também é uma companhia, um alicerce, é minha mãe... Mas também não posso segurá-la aqui, tem minha irmã, minhas sobrinhas, não é?”</p> <p>[questionada sobre se se sente bem com os portugueses] “Sim, mais do que nós próprios, brasileiros. Eu acho que os brasileiros que estão aqui se tornam diferentes. Porque não é assim. Nós, brasileiros, somos um povo mais amigo, mais junto. Mas quando chegam ou mudam de país mudam completamente, não sei...”<br/> “Querem assim, tipo, dizerem que são mais, quando estão aqui. E eu acho que não é por esse lado.”<br/> “Eu gosto de sair com o meu pessoal, o meu grupo, é português, só tem eu brasileira. Só eu. Porquê? O meu pessoal, esse pessoal que eu tenho, português, a gente é mesmo amigo. Estamos ali</p> |

|                                      |   |   |
|--------------------------------------|---|---|
| <p>Estereótipos e representações</p> | <p><b>Aprofundamento das razões e motivações subjacentes à pertença ou ausência de pertença às diferentes organizações ou grupos de apoio.</b></p> <p>Em Portugal a entrevistada pertence à Igreja Adventista do Sétimo Dia, mas pertence à igreja evangélica desde que nasceu.</p> <p>Relativamente à AMB, a que está associada, afirma não ter “ligação”, conhece, mas nem sequer sabe onde se localiza.</p> <p><b>Relato de situações em que foi vítima de preconceito e/ou discriminação</b></p> <p>A entrevistada reconhece que lhe dizem muitas “ironias” por ser brasileira, uma vez chegou mesmo a chatear-se, mas no geral toma as situações como brincadeiras e com respeito.</p> | <p>juntos, se tiver alguma necessidade... Se estamos tristes, estamos tristes juntos, é legal, isso. E não tem “ai porque eu sou brasileira”. Não. E eles me acolheram como isso. E eu me sinto bem, e é isso que também me ajuda a estar aqui.”</p> <p>“Na escola da minha filha o professor perguntou quem acreditava em Deus e a minha filha foi a única que levantou a mão. E eu no trabalho também vejo isso, o pessoal, tudo. Se ofende, não faz isso, e sempre estão com o nome de Deus na boca, não têm a fé, não acreditam, porque eu já perguntei muitas vezes e não acreditam. Então, eu acho que aqui é um povo descrente, é um povo descrente. Porque nós só temos um Deus, um Deus vivo.”</p> <p>“A pessoa sofre mais, não sei qual é a sua crença, mas sofre mais se não tiver uma fé, porque você tem de acreditar porque a fé move montanhas, porque é ela que nos dá a força. Eu mesma, quando eu vi que estava doente, que ia entrar numa depressão, quando eu perdi o meu pai no ano passado, eu caí ao chão e falei assim “o Senhor ponha as suas mãos sobre mim porque só tenho a Si, Meu Deus, mais nada”.”</p> <p>“A associação de imigrantes, mais como a da Wilma, não é? Eu não tenho assim essa ligação, nem sei onde é, se quer saber. (...) Isso, eu conheço por elas, por falarem e assim. Porque nem dá tempo...”</p> <p>“Uma pessoa que começou a falar brasileiro e começou na brincadeira comigo, tipo assim aquelas ironias. Eu disse a ele “nem todos são iguais”. Nem todos são iguais, e umas são assim, outros não são, mas você está-me confundindo. A situação parou por aí mesmo e eu não tive mais problema nenhum. É isso que eu acho legal aqui, porque quando começam as ironias... Mas vocês têm um lado bom, há brincadeira, há respeito.”</p> |
|--------------------------------------|---|---|

|                                     |  |   |
|-------------------------------------|--|---|
| <p><b>IV. Dimensão política</b></p> | <p><b>Perceber se os estereótipos em relação aos brasileiros têm fundamento; se favorecem ou dificultam a integração dos brasileiros em geral na sociedade portuguesa; e se favorecem ou dificultam o estabelecimento de relações sociais</b></p> <p>Considera que o preconceito tem fundamento, nas suas palavras “eles andam aí”, mas também reconhece que esse facto generaliza uma ideia sobre todos os brasileiros injustamente.</p> <p><b>Perceber se já utilizou algum tipo de comportamento fora do habitual ao relacionar-se com portugueses temendo algum tipo de discriminação. Se sim, pedir para relatar a situação</b></p> <p>Não se pode afirmar que adotou qualquer comportamento fora do habitual, mas teve o cuidado de se informar sobre as diferenças de vocabulário entre os dois países, afirma, “para “não passar vergonha”.</p> <p><b>Vivência de uma situação de irregularidade ou ilegalidade perante as autoridades portuguesas</b></p> <p>Entrou em Portugal como turista, situação que a obrigou a permanecer irregular após noventa dias da sua chegada. Entretanto trabalhou de forma irregular numa casa de família e só depois disso conseguiu um contrato de trabalho como empregada de limpeza, o qual lhe permitiu candidatar-se à legalização ao abrigo do conhecido “Acordo Lula”. Atualmente tem visto de residência e retende, ainda, adquirir</p> | <p>“Querem assim, tipo, dizerem que são mais, quando estão aqui. E eu acho que não é por esse lado. (...) Por isso que muitas vezes a gente leva jus pelo nome que não é. Por já ter essa fama, o brasileiro. O homem brasileiro é por ser malandro e a mulher brasileira por ser puta. É a expressão, não é? Mas porquê? Eles andam aí, está entendendo?”</p> <p>“Eu para não estranhar tanto, cheguei aqui e dei uma olhada num dicionário [risos]. Eu não vou passar vergonha, quando chegar lá, deixa eu dar uma olhada primeiro porque ainda faço alguma asneira [risos].”</p> <p>“ Eu entrei com visto turístico.”</p> <p>“ Essa foi só a minha dificuldade, porque, de resto, eu caminhei. A Leonor disse “olha, você não está legalizada?”, e eu falei “não”, a Flora “então, preparara teus papéis, tem o meu genro, ele é advogado e ele te arranja tudo, tá bem?”. Daí eu fui lá no consulado, que estavam já entregando as folhas, me inscrevi direitinho, tudo, e foi daí.”</p> <p>“Mas depois eu fui conhecendo um casal amigo que trabalhava com ele nas obras, e através dela eu conheci uma moça, a Cláudia, e ela era veterinária. E ela falou “tem uma senhora que</p> |
|-------------------------------------|--|---|

|                                  |  |   |
|----------------------------------|--|---|
| <p><b>V. Auto percepções</b></p> | <p>a dupla nacionalidade.</p>  | <p>precisa, que ela até me perguntou e eu falei “ah, tudo bem, eu quero sim trabalhar” e ela “olha, só que é meio período”. Então põe aí. E foi, a primeira senhora, essa casa de família que eu fui trabalhar até fazer a minha legalização, porque eu sou do plano Lula. E foi mesmo na época, foi tudo ali, apareceu tudo, apareceu emprego, apareceu os papéis, arranjei tudo...”</p> <p>“Sem ter que ir ao Brasil. Fui só até ali a Vigo, porque o consulado de vocês era lá, fui até lá.”</p> <p>“Eu já tenho visto de residência e agora, como já te disse, vou ao Brasil, vou levar o meu registo de nascimento para ter a dupla nacionalidade, porque eu já tenho o cartão de cidadão. Então, tenho toda a documentação certinha.”</p>   |
|                                  | <p><b>Estatutos especiais</b></p> <p>Usufri do estatuto de igualdade, o que lhe permite ter cartão de cidadão e, ainda, usufruir dos direitos políticos excepcionais.</p> <p><b>Percepção da própria situação de integração</b></p> <p>Apesar de não gostar de viver em Portugal, por razão de se sentir bem acolhida junto dos portugueses, considera-se, de uma forma geral, uma pessoa integrada na sociedade portuguesa. O seu maior problema, assume, é a vida profissional, as longas horas de trabalho por dia e, recentemente, a preocupação com a situação geral do país.</p> <p><b>Percepção sobre a sua qualidade de vida atual</b></p> <p>Considera que já lutou muito para ter o que tem atualmente e</p> | <p>“Eu vou votar, por eu ter o meu cartão de cidadão, está até aqui, eu vou-te mostrar. Para ver que não é mentira, eu vou, eu vou. Eu não sou daqui, mas a minha filha está aqui, ela vai estudar aqui, ela vai para uma faculdade aqui. Ela vai precisar do seu país. Ela pode vir a casar aqui. Os filhos dela vão ter qual futuro? Ela quer um futuro melhor. Eu acho que a união já começa daí. Eu vou votar.”</p> <p>“Não sinto dificuldade, nem pela Beatriz, a minha filha é negra. Mas porque eu sempre ensinei que ela que tem de se impor. E ela nunca teve dificuldade nenhuma, porque ela sabe ser respeitada.”</p> <p>“Mas o convívio é legal, é aquilo que eu te disse. O meu problema é só o cansaço a isso, mas também posso mudar, agora indo de férias. Fora isso tudo OK.”</p> <p>“Então quanto mais você quer lutar, você não vai querer fraquejar, não é? E hoje é isso que eu vejo. Agora nadei, nadei, vou morrer na praia? Não. Fiz a minha vida, lutei, tenho o meu</p> |



|                      |  |   |
|----------------------|--|---|
|                      | <p>que isso até lhe custou quase duas depressões, mas sente-se realizada com o que tem em Portugal.</p> <p><b>Perceção em relação ao futuro: intenção de regressar ao Brasil</b></p> <p>Gostava de regressar e sabe que hoje teria um emprego na sua terra natal, mas considera-se numa situação “delicada” por causa da filha, que cresceu em Portugal.</p> | <p>trabalho, tenho a minha dignidade, tenho a minha casa.”</p> <p>“Você trabalha, trabalha, mas você sabe que ao final do mês é aquele “x”. No Brasil, a gente trabalhava, trabalhava, e como eu estava explicando para você, você sabia que quando chegasse o final do mês, o seu salário vinha e já não dava para cobrir contas, a vida com um filho pequeno, não dá.”</p> <p>“A minha situação é delicada pela Beatriz [filha]. A Bia foi criada aqui, a minha filha chegou aqui com cinco anos. Fez cinco anos aqui, ela foi para o infantário, ela foi para a escola, ela fez amigos, não é? Ela é uma menina que agora vai para o nono ano. A última prova agora dela... Os professores dizem “você não tem nem necessidade de fazer o teste”. Ela estourou a banca em nota. Então eu não posso fazer isso. Ela já disse “mãe, o que é que eu vou fazer ao Brasil, eu não tenho vida lá. Claro, nós temos a nossa família”. Pois temos, realmente. Mas se eu chego lá, eu vou jogar ela onde? Numa selva. Para ela começar tudo de novo? Vou prejudicá-la.”</p> <p>“Eu sei que se eu sair daqui hoje, voltar para o Brasil, principalmente para a minha cidade, eu tenho emprego. Quando eu saí de Londrina, eu estava nesse buraco que está Portugal, desemprego. Hoje tem fábricas crescendo. Temos trabalho, já não temos diferenças de classes económicas, mas é o que vai acontecer aqui: pobre – pobre, rico – rico.”</p> |
| <p><b>Outros</b></p> | <p><b>Questões culturais</b></p> <p>A forma como os portugueses tratam as crianças e as mulheres choca a entrevistada.</p>   | <p>“É mais frio, nós somos mais família, nós somos. Também tem essa diferença. Eu vejo... não é tanto a família... Eu não consigo ver o jeito como eles falam com o marido, com a mulher, como uma mãe trata um filho. Eu com a Beatriz, se eu alterar a voz com a minha Bia, ela já começa a chorar, porque a gente não tem isso. É a única filha... Mas não, é o nosso jeito, sabe até o meu pai, a minha mãe, a minha família toda. Já vem do meu avô.</p>   |

“Bruto, estúpido”, eu não consigo, não dá.”

“Nem pensar que... Se eu falar com a Bia, quiser dar uma bronca dela, ela “mãe, não briga pelo amor de Deus”, porquê? Porque a gente dá aquele mimo, a gente conversa, tem diálogo. A minha filha quando era pequena, se ela levou três tapas na bunda foi muito, mas na bunda. Porquê? Porque é uma coisa que eu também acho errado. Eu fico indignada quando vejo uma mãe bater numa criança, dar um tapa na cara. Isso não se faz, isso é humilhante. Nem nós mulheres podemos ser ofendidas. Nem um homem, nenhum ser humano. Principalmente na cara, isso é humilhante. Um pai, uma mãe, fazer isso com um filho, pronto, ele perde o respeito, completamente. Eu fico revoltada, indignada, não consigo.”

## Transcrição de entrevista n.º 2

|                                 |  |
|---------------------------------|--|
| <b>Inquérito</b>                | 11_8   |
| <b>Entrevistado</b>             | Mulher, 27 anos, secretária em consultório.<br>Foi selecionada por pertencer à Associação Mais Brasil, que lhe ajudou a encontrar pessoas do seu país e a encontrar pessoas e instituições que a ajudaram a resolver os seus problemas. Chegou a Portugal em 2005 para se casar com o namorado português. Possui graduação e, em Portugal, viu reconhecido o grau de “licenciatura”. No Brasil era professora no ensino médio; em Portugal teve como primeira ocupação ser interna numa residencial (fazia a limpeza). Mantém relações predominantemente com portugueses em todas as esferas sociais. Foi vítima de preconceito e/ou discriminação por razões étnicas no campo profissional. |
| <b>Data da entrevista</b>       | 20 de Maio de 2011   |
| <b>Local da entrevista</b>      | Local de trabalho  |
| <b>Duração da entrevista</b>    | 57m25  |
| <b>Hora de início (aprox.)</b>  | 15h  |
| <b>Hora de término (aprox.)</b> | 16h  |

**E.: Eu gostava de começar, precisamente, pela razão que a traz para Portugal, que é casar. E eu queria que me contasse como é que isso foi. Conheceu o seu marido no Brasil, na altura namoravam...**

e.: Sim, sim. Nós nos conhecemos lá.

**E.: Mas ele estava lá imigrado ou estava de férias?**

e.: Não. Ele foi passear... Foi conhecer. Pronto, foi nessa situação. Eu estava numa visita de estudo e aí calhou. Nos conhecemos. Estávamos quase no mesmo grupo por causa dos turnos e depois começamos a trocar emails e cartas... Aquelas coisas, pronto.

E o quê, durante um ano estivemos assim e depois ele decidiu ir para lá. Esteve lá uns meses e depois nós resolvemos casar.

**E.: Portanto, ele esteve lá de férias, foi quando o conheceu, voltou a Portugal normalmente e depois...**

e.: E depois, como ele estava no exército e ia ficar desvinculado, ele disse: "olha, vai ser quando eu vou aproveitar. Vou...". Pronto, foi aquela: "vou tentar lá". Esteve lá, só que a burocracia parece que é maior e ele não conseguiu logo o título de autorização de residência. Então, legalmente não podia trabalhar. Fazia trabalho mas, pronto, tipo autónomo, ou o quê, mas não podia fazer descontos porque não tinha autorização, não estava legalizado. Aí então nós resolvemos casar pelo civil. Não é como acontece aqui: existe a conservatória, tem o casamento pela Igreja então as pessoas lá não precisam necessariamente de casar pela Igreja. Podem fazer uma cerimónia simples, só o casamento civil que é assinar os papéis no tribunal e depois, pronto. Legalmente é casar, depois se quiser fazer uma cerimónia religiosa pode ser ou na católica ou na budista ou onde quiser. Não está interligada. Aqui eu sei se a gente der entrada o Padre trata de tudo. Não sei se ainda é assim.

**E.: Também pode fazer como no Brasil vocês fazem só que, se calhar, é mais vulgar aqui as pessoas começarem pelo processo na Igreja.**

e.: Até porque eu casei na Igreja aqui, quando vim para cá em janeiro de 2005. Nós casamos em novembro de 2004. Em janeiro de 2005 eu vim para cá. [atende o telefone] É como eu te digo, a pessoa que vem da Dinamarca, ou desses lugares, que casaram aqui em Portugal mas estão imigrados... E como você disse, não é uma situação muito vulgar. [atende o telefone] Onde é que nós íamos?

**E.: Estávamos a falar do processo do casamento. Então, casa-se lá primeiro, depois...**

e.: Sim, pelo civil. Depois vim para cá. Estive a trabalhar... Também demorei para ter a minha autorização. Demorei cerca de um ano e meio, mas consegui emprego numa residencial aí a fazer quartos, essas coisas assim. Não é na minha área, claro que não...

**E.: Então veio com visto turístico?**

e.: Vim em janeiro, em fevereiro consegui trabalho.

**E.: Veio com o visto de turista?**

e.: Sim. Quando nós viajamos? Três meses, pronto...

**E.: Sim, sim.**

e.: Mas aí eu, pronto, era casada, fui à conservatória buscar, como é que fala, para inscrever o casamento de lá para cá... Fiz esse processo todo mas, mesmo assim, o SEF... Naquela época as coisas eram um bocadinho enroladas. Olha, até os inspetores virem a nossa casa fazer tipo uma entrevista, como está a fazer também, saber da nossa situação, se realmente... Que havia muita burla naquela, quer dizer, ainda há. Não sei se é assim que funciona mas eles iam mesmo comprovar se as pessoas estavam casadas...

**E.: Se viviam mesmo em conjunto.**

e.: É. Se estavam ou se era alguma aldrabice para...

**E.: Conseguir estar aqui.**

e.: É. Apesar que a nacionalidade só é atribuída após três anos de casamento. Mudou a lei. Antigamente, até mil e novecentos e lá vai bolinha, como eu costumo dizer, pronto até 1980 e alguma coisa as mulheres que casavam, as brasileiras que casavam com portugueses tinham, automaticamente, a nacionalidade através do casamento. Agora já não existe porque houveram muitos casos em que as pessoas se aproveitavam dessa legislação para naturalizarem-se e depois separavam-se, entende? Não era bem....

**E.: E porque é que... Na altura o que é que vos fez decidir que era melhor viver em Portugal?**

e.: É assim, foi mais pela razão financeira. Ele gostava de lá, dava-se bem e tudo. Para mim, profissionalmente era melhor lá porque eu estava empregada, já tinha minha vida encaminhada. Tava a dar aulas...

**E.: Dava aulas no ensino básico... primário...**

e.: Eu na altura dava em duas escolas: no ensino médio que aqui deve ser o quê, secundário, e tinha uma turma também de pequenos. Tinha algumas turmas de primeiro e segundo ciclo. Porque é assim, a nossa licenciatura lá...

**E.: Qual é a sua área?**

e.: É português. A nossa licenciatura, por exemplo, letras, pode abranger português, inglês, literaturas ou... É como aqui, línguas e literaturas modernas. Penso que deve ser similar. Então abrange não apenas um grupo de recrutamento, como aqui as pessoas têm a profissionalização e só podem ensinar, por exemplo, o grupo duzentos e vinte (como é o meu caso, que é o que fiz agora há pouco), ou pode ensinar o trezentos, que é só português, e assim. Lá nós estamos habilitados desde a primeira série do primeiro ciclo até ao.... (Eu faço confusão porque eu tenho de pensar lá e cá) até ao décimo segundo ano daqui, que lá equivale até ao terceiro ano do segundo grau do ensino médio. Antigo segundo grau. É porque mudou a legislação lá e mudou aqui. Então eu já estou a pensar na LEB que é a Lei do Ensino de Base de lá e estou a pensar nas diretrizes de bases de cá. Por isso faz um bocadinho de confusão, mas pronto. É isso. Aqui eu só preciso de autorização para o grupo duzentos e vinte, que é quinto e sexto ano. Equivale ao quinto e sexto ano. No ano que eu casei foi o ano em que eu me formei. Então, eu já estava fazendo estágio e já estava, pronto, não estava legalmente a dar aulas, não fazia descontos, mas já estava a fazer estágio no contexto real do trabalho. Já tinha turmas e ia continuar nas escolas onde eu estava. Depois ia fazer a minha pós graduação como muitas amigas já fizeram e, se calhar, até ia até ao mestrado... E depois que vim para cá a minha vida escolar estagnou.

**E.: Ok. Você estava num início de vida que até prometia mas também não sabe se o seu marido ia estar numa situação...**

e.: Ele ainda não tinha o décimo segundo ano completo.

**E.: Ainda por cima não conseguia ver lá a situação regularizada...**

e.: Primeiro, não tinha autorização de residência e, na altura, era mais complicado conseguir lá do que aqui. Até porque nós morávamos longe da capital – Recife. Sou de uma cidade chamada Guaraú que fica a cento e quarenta quilómetros de Recife. Então tudo tinha que ser resolvido lá. Sede e tudo. Não havia Consulado de Portugal lá onde eu morava. Tinha de me deslocar sempre e são coisas dispendiosas. E pronto, era uma cidade pequena no interior. Ele conseguiu emprego lá numa agência que fazia álbuns digitais. Como ele tinha conhecimento de Photoshop ele começou a fazer álbuns digitais. Mas ganhava muito pouco. Aquele salariozinho... Era só para não estar parado. E ele disse: “eu acho que o melhor é a gente ir para lá tentar. Lá o salario é melhor, em

comparação com o Real o custo de vida lá e melhor”. Porque, muitas vezes, não é a comparação do salário daqui para lá. É, muitas vezes, o que tu recebes e o custo de vida. É o que é que tu gastas, as despesas que tu tens. E lá nós temos muitos impostos, muitos impostos! E sabes que é melhor tentar vir para Portugal. E vim. Em 2005, janeiro. Estive a trabalhar na residencial durante alguns meses e depois...

**E.: Mas conseguiu emprego ao final de quanto tempo depois de chegar cá?**

e.: Eu? Eu em Fevereiro consegui emprego na residencial.

**E.: Fazia limpeza de quartos...**

e.: Era interna. Eles precisavam de um casal, de preferência sem filhos. Foi uma situação do jornal, calhou. Na altura estava em casa da minha sogra. Precisavam de um casal sem filhos, a mulher para cuidar da parte da limpeza e o homem para dar apoio na receção.

**E.: Então vocês ficaram a trabalhar juntos, no início.**

e.: Mais ou menos. Porque ele também tinha o emprego dele. Ele é vigilante, ele já há muitos anos que é vigilante aqui. Ele tinha emprego como vigilante, trabalhava à noite e durante o dia descansava e também dava-me algum apoio lá. Mas pronto, ele só tinha folga um dia na semana e depois estava sempre ali, sempre ali. Era cansativo. Depois eu sou filha única. A minha mãe ficou sozinha no Brasil. Eu quando vim para cá não vim com o intuito de morar aqui. De jeito nenhum. Eu quando viajei, e ela: “ah, você não volta mais”, “eu volto. Eu volto. Eu vou só para conhecer os meus sogros e ter uma ideia da realidade de lá. Ver como é que funciona”. E ela ficou muito triste... E calhou de aparecer sem eu esperar, apareceu assim essa oportunidade e eu disse: “eu vou tentar. É uma aventura, vou tentar”. E estivemos lá o quê, dois meses. Depois eu disse: “Oh Filipe, está na hora de voltar. Eu vou voltar porque eu não quero deixar a minha vida encaminhadazinha”. A minha mãe só tinha a mim. Meu pai faleceu em 2004, no ano que eu casei, em Fevereiro de 2004 (eu casei em Novembro). Então foram muitos acontecimentos, um em cima do outro, e minha mãe ficou muito abalada. Meu pai faleceu numa semana, na outra semana já voltei para as escolas, já estava a trabalhar. Uma era estatal e outra era uma escola particular de uma colega que tinha uma escola. Ela precisava de alguém que desse apoio com o inglês, e assim, e como eu estava a tirar a licenciatura em letras disse: “acho que és a pessoa ideal” e aí eu peguei três turmas.

Por isso é que eu disse, estava naquela situação, pronto, estava-me formando naquele ano, então não podia dar aulas, pegar uma carreira como professora. Tudo o que eu pudesse tinha que ser apoio escolar o que, na prática, não é bem assim. Fazia tudo o que um professor faz: fazia planos de aula, dava a nota a alunos, fazia tudo. Pronto, então vim para cá e falava sempre com a minha mãe. Voltando na residencial, comunicava-me sempre com ela e ela estava muito triste, muito triste porque, oh pah, não sei o que aconteceu, eu disse ao meu marido: “olha, vamos embora. Eu vou embora. A minha mãe está lá sozinha, está a ser difícil para mim, está a ser difícil para ela também. Eu estou um bocado com a consciência pesada. Eu vou voltar”. Aí ele disse: “está bem. Se vais voltar eu também vou voltar”. (risos) E olha, vendemos tudo o que tínhamos (não era muita coisa). Ele tinha carro... O que tínhamos, assim, a gente se desfez e voltamos realmente. Mas depois a vida não correu... A minha mãe dizia: “venham para cá, a gente se ajeita”. Mas depois eu voltei, eu consegui um emprego, não na minha área porque o ano escolar lá só começa em janeiro e não em setembro como é aqui. E eu voltei em abril, maio, não tenho a certeza. Penso que foi em meados de abril que eu voltei e queria arranjar qualquer coisa. Não queria estar em casa parada. Nunca gostei de estar parada. E o meu marido também foi procurar e fomos, novamente, ao Consolado. Ao Consolado não, à polícia federal porque é lá que a gente tem que dar entrada da documentação. E fomos lá para recadastrar e fazer tudo outra vez porque ele tinha desistido. Porque ele foi para lá, deu entrada... Não tava a se dar muito bem profissionalmente então voltou. Nós voltamos em janeiro e aquilo, após noventa dias de afastamento da pessoa do país, aquilo deixa de... A entrada no processo para autorização do visto de residência deixa de ter validade. Tem que abrir um novo processo. Foi o que nós fizemos. Mas, até hoje, acho que nunca foi um inspetor lá em casa. Demora imenso, imenso. Como, pronto, nós não tínhamos uma situação financeira privilegiada já sabe que também não...

**E.: Então as coisas não correram bem...**

e.: Não. Não correram porque é assim... Ora bem, eu arranjei um escritório, mas ele não conseguia arranjar. Arranjava uma coisa: “ah, ganha-se tão pouco, tão pouco” que, realmente, a pessoa sair daqui de Portugal para ser assalariado no Brasil estranha. Se tu estás aqui com algum capital financeiro e vais para lá abrir o teu negócio... É diferente. Não tem nada a ver. Mas sair daqui como assalariado, como ele sempre foi, de vigilante, que vigilante aqui não tem nada a ver com vigilante lá. Nada a ver. Nem o salário e



segurança muito menos. A gente sabe, vigilante aqui, ele não anda armado. Lá ele tem que andar armado. Ele tem que tirar curso na polícia federal, na PM, acho que é na polícia militar. Ele tem de tirar o curso de três meses na polícia federal e aprender lá a usar arma e tudo. Ele tem que estar habilitado porque, pronto, a gente sabe da situação. Não é sempre como mostram os jornais mas a gente sabe que a violência lá pinta.

**E.: E quanto tempo é que vocês ficaram lá dessa segunda vez?**

e.: Olha, a gente ficou 2005 até novembro, mais ou menos. E aí ele decidiu: “não, eu vou embora. Eu não vou ficar aqui”. Mas ficou desesperado. Acho que ele passou até por uma grande crise depressiva. Na altura esses termos para mim não faziam sentido. Agora que eu trabalho há alguns anos com esse psiquiatra já entendo muito e também já fui tratada por duas depressões, aqui, desde que vim para cá. Então eu acho que ele passou por um episódio depressivo e ele disse: “não, eu vou voltar”. Ele lá realmente estava isolado, não tinha família. Ele estava como eu estou aqui. De família de sangue eu não tenho ninguém aqui. Tenho a família dele.

**E.: Tem a sua filha agora, não é?**

e.: Tenho a minha filha, exatamente. É uma criança de dois anos, mas digo pessoas, adultos com que possa interagir. Tenho alguns colegas. Amigos, amigos, amigos posso dizer que deixei grandes amigos lá. Mas pronto, tenho menos amigos aqui do que... E é assim, tenho a família dele. Dou-me bem com todos, mas também moramos longe. Eles são da Trofa e eu moro aqui no Porto. São quarenta e tal, quinze ou vinte e tal quilómetros. E pronto, a gente vai lá quando dá, mas... É assim.

**E.: E os seus amigos aqui são... Dá-se mais com gente portuguesa ou procura...**

e.: Não. Eu nunca vi esse lado. Fazer amizade com português ou brasileiro... Não. São pessoas que, por exemplo, tipo a Wilminha, pessoas que já me ajudaram, ou pessoas que, entende? Não digo que conheço do trabalho porque eu desde que vim morar aqui no Porto (eu já morei no Freixieiro, já morei na Trofa) e, desde que vim para cá, que estou aqui nesse consultório. Então, pronto, tenho alguns colegas aqui de cima. É tudo amizades assim... Pronto, e um amigo ou outro que converso no MSN, ou o quê, telefone às vezes, mas cada um com a sua vida. Uma correria...Então... Ora bem.

**E.: Conhece a Wilma através da associação? Procurou a associação?**

e.: Sim. Conheci através da associação e também por causa do reconhecimento, estou-lhe a falar do cartão profissional porque... Eu isso que eu descobri é assim, houveram as eleições brasileiras, às presidenciais. Foi no hotel Ipanema e eu fui selecionada, entre aspas, fui convidada a ser presidente de mesa nas eleições. E lá nós temos essa obrigação civil, assim como o voto também é obrigatório. E nós temos que comparecer e eu não consegui arranjar uma desculpa plausível na época. O que é que aconteceu: eu fui, estive lá no primeiro e no segundo turno, dois domingos, as pessoas não merecem... (risos) Pessoas muito boas, e conheci o Serginho do Consolado do Brasil que, até então, era uma pessoa totalmente desconhecida. Só o vi o quê, uma vez quando fui tratar... Eu ia poucas vezes ao Consolado e estivemos a falar e ele disse: “então, como é que está a tua vida profissional?”. E eu contei que tinha ido à FLUP, nem posso falar dessa parte mas vou falar, tinha ido à FLUP, dei entrada no reconhecimento de habilitações académicas e estava à espera ou de um reconhecimento ou equivalência. Que foi concedido reconhecimento para fins profissionais com exceção do ensino. E ninguém me explicou na altura que, mesmo que eles me dessem equivalência, mesmo que eles me dessem reconhecimento, o único órgão máximo responsável pela profissionalização dos docentes é o ministério da educação. Então, quem devia conceder essa habilitação profissional não era a faculdade. Eles podiam reconhecer o grau. Reconheceram, como licenciada. E colocaram no meu diploma: “para fins profissionais com exceção do ensino”. Cortaram-me as pernas. Depois paguei o quê, emolumento quinhentos euros, para aí. Mas o meu marido: “olha, deixa lá. Pode ser que... Vamos tentar em Braga. Na universidade do Minho”, porque a Wal, a irmã da Wilminha, me falou cuidado com a universidade do Porto. Não sei se você é da universidade...

**E.: Sou, da faculdade de letras.**

e.: É assim, eles são rigorosíssimos. É verdade. São muito rigorosos. E, por exemplo, a faculdade de desporto, o meu marido até esteve a fazer provas que queria muito entrar, queria não, ainda quer. Mas tem que se preparar muito. E a FADEUP foi considerada a melhor faculdade de desporto de Portugal. Não foi do norte, foi de Portugal. Então eles são rigorosíssimos e depois colocam muitos entraves. Até, e achei engraçado, não sei se é a reitora, ou diretora, ela olhou para mim e falou que tinha tratado do meu processo e disse: “não estou a ver a senhora a dar aulas de português aqui.” Isto foi um eufemismo para disfarçar que eu não podia... Não sei, falo assim... Eu entendi isso como um eufemismo, mas não respondi. E eu cheguei a dar aulas de português aqui.

**E.: Numa escola de ensino básico?**

e.: Ensino público, na Clara de Resende. Eu, no concurso, tirei o primeiro lugar com a classificação de dezassete vírgula quarto. Passei na frente de todos os portugueses. (risos) Bem, elas também disseram: “passou na frente”, porque eu tinha minha experiência de lá e a minha média também depois da profissionalização foi dezasseis vírgula quatro e parece que, no meu curso... Uma pessoa disse, na Porto Editora, um rapaz que estudou na FLUP disse que, não sei se é mentira, que ninguém podia ter uma média, que estudasse línguas, podia ter uma média maior do que dezasseis lá, na FLUP. Eu depois não entendi porquê, mas parece que um dos professores lá, não sei qual é a ligação atual que ele tem com a Universidade do Porto, mas estabeleceu-se que ninguém podia ter uma média maior que a dele. Bem, ninguém podia tirar mais de dezasseis. Por exemplo, um dezasseis vírgula quatro já era... Eu disse: “para a FLUP já era...”. Entende? Pronto, mas através do tratado da amizade eu dei entrada no, não é o reconhecimento de habilitações académicas, é uma qualificação profissional que eu adquiri no Brasil e que o Estado membro, no caso Portugal, reconhece como válida para que eu possa exercer aqui em Portugal. Como acontece também no Brasil. Um professor aqui pode exercer lá através do tratado da amizade que concede essa reciprocidade. Eu não conhecia o tratado, quer dizer, conhecia o tratado de amizade, mas não conhecia essa linha que falava do reconhecimento profissional. E estive aqui muito... Três ou quatro anos da minha vida... enfim! Eu recebi o reconhecimento este ano. Em janeiro chegou a minha autorização. Dei entrada o ano passado. Chegou a minha autorização em janeiro e em fevereiro eu, pronto... Depois, inscrevi-me no banco de recrutamento, contratação de escolas. Claro que não podia ir para concurso, ainda, e consegui ficar integrada ali no agrupamento Clara de Resende. Era uma substituição de outra substituição, ou seja a primeira professora teve um problema de saúde, a segunda que veio estava de licença de maternidade, de risco, daquelas licenças de risco. E pronto, precisavam de alguém para cobrir.

**E.: E você deixou o trabalho aqui para ir dar aulas?**

e.: Não. Conseguia conciliar. Eram onze horas só. Quer dizer “só”, era muita coisa.

**E.: Mas aqui está o dia todo?**

e.: Só à tarde, das quinze às dezanove.

**E.: Mas faz secretariado, também... Ou só limpeza?**

e.: Faço tudo. Atendo telefones, digito pequenos documentos. Faço tudo. (risos) Então o que é que aconteceu... Veio tudo muito rápido. Eu peguei já uma turma em andamento, uma turma não, três turmas super atrasadas no conteúdo. Turmas também muito heterogêneas no sentido de haver uma grande mistura de classes sociais. A neta do meu patrão estudava nessa escola, enquanto que muita gente era de Ramalde, pessoas de classe social mais... Entende o que eu quero dizer? Essa realidade no Brasil, ela não existe. O que é que a gente encontra lá? Em escola particular a gente encontra o filhinho do papai, que é como nós costumamos dizer. E na escola pública nós encontramos, em geral, com exceção de um ou dois, pessoas carentes, pronto, que não podem custear os estudos. Então, encontrei alunos muito bons... Também dei aulas de inglês. Encontrei alguns muito bons, com boa fluência, e também encontrei alunos... Entende? Trabalhar com turmas assim é um drama, drama... Entretanto, depois eu tive pouco tempo. A outra professora ia voltar e... Mas aquele tempo que estive foi muito bom para conhecer a realidade daqui. De repente peguei três turmas, trinta alunos cada turma. Muito numerosas...

**E.: E vai continuar a tentar...**

e.: Vou, vou. Já me inscrevi no concurso e vamos ver, se Deus quiser, como é que fica... Porque eu entrei com zero de pontuação porque o que eu trabalhei esse ano não conta. Só conta o do ano anterior. Então entrei com zero de pontuação, só mesmo com a minha média de qualificação profissional. Vamos lá ver no que dá.

**E.: Entretanto a sua mãe continua no Brasil. Não se juntou a vocês aqui também?**

e.: Não. A minha mãe veio em 2008, estava cá um mês, foi por essa época... (suspira) Eu estou assim porque não me quero lembrar do meu passado... Não queria... É complicado. A minha vida já passou por muita... É assim, altos e baixos.

**E.: E a sua mãe não gostou de estar cá?**

e.: Não. A minha mãe não gostou daqui até porque a minha mãe é daquelas pessoas muito provincianas...

**E.: A sua mãe lá faz o quê?**

e.: Ela é reformada.

**E.: Mas já trabalhou? Alguma vez trabalhou?**

e.: Trabalhou. Trabalhava em fábricas... Era operária. Ela agora está no nordeste, mas morou em São Paulo catorze anos. O meu pai também.

**E.: E o seu pai fazia o quê, na altura?**

e.: Também era operário. Operador de máquinas. Não tinham lá muita escolaridade. E depois foram para o nordeste porque... Eles são de lá. E a vida na metrópole é boa para quem está no ativo, quem está a trabalhar. Depois ele, o meu pai foi primeiro para a reforma, teve um problema de saúde, e a minha mãe foi depois. Eles decidiram que lá não era o lugar ideal para continuar e foram para o nordeste. Sabe que o nordeste é caracterizado por ser um lugar, uma zona mais pobre, mais... As pessoas estão dependentes do turismo, principalmente na área da região litorânea. Eles voltaram para a região litorânea mas uma cidadezinha pacata no interior. Pacata, entre aspas. Tem trezentos e cinquenta mil habitantes. Por volta disso...

**E.: É bem diferente daqui.**

e.: Para você ver, o Estado de Pernambuco tem uma zona quase, eu não sei o tamanho exato, mas é quase um Portugal. Pernambuco, que é um Estado, comparado a um distrito daqui, é quase do tamanho de Portugal. E nós temos vinte e seis Estados brasileiros.

**E.: Portanto, o que é pequeno lá, para nós é muito grande.**

e.: Exato. E o nosso maior problema é, e sempre foi, e sempre será máfia ser muita. A desigualdade social e a máfia. Riquezas nós temos, riquezas naturais todos os sentidos mas, pronto, temos aquele problema: muita gente e aqueles que entram no poder... A corrupção também é muito... Aquilo já virou república das bananas há muito tempo. Desde aquele escândalo do Mensalão, não sei se você já ouvi falar. Deu alguma coisa na televisão, dos dinheiros nos bolsos, aquela coisa toda. Infelizmente, vem tudo para cá. E as pessoas vêm e quando veem um brasileiro é sempre: “hei, é brasileiro!”. E começam com as generalizações. Aliás, há esse preconceito...

**E.: Acha que muitos dos preconceitos que os portugueses têm sobre os brasileiros têm algum fundamento? Independentemente depois de sabermos que se generaliza. Mas acha que...**

e.: Eu vou-te dizer uma coisa. Eu no começo reagia mal e sentia-me mal por causa do preconceito, entre aspas. Porque, primeiro, penso que o preconceito começa aqui na nossa cabeça. Se a gente vai à procura de emprego já com aquela ideia: “não, eu sou brasileiro, eu vou passar preconceito, eu me sinto diminuído”... A pessoa, para ela sofrer o preconceito, primeiro a mente dela tem que estar programada que ela vai... Então acontece. É como aquela coisa da vibração que a gente emite. Já ouviu falar da lei da atração? Acho que a gente quando vai para um lugar sabendo que vai perder, com aquela ideia que vai perder, é muito difícil a gente ganhar porque o nosso cérebro é muito poderoso. Nós podemos programá-lo para imensas coisas. E tudo o que nós, as palavras que nós proferimos, tudo o que nós fazemos, com a forma do hábito e com o tempo vai aparecer no nosso caráter. Eu penso que é assim. Então, porque é que eu sofria? Eu sei que existe o preconceito. E daí? É uma questão de eu querer trazer isso para a minha vida ou não. Eu nesse momento, eu decidi que eu não vou mais trazer isso para a minha vida. Eu não vou lutar contra o preconceito porque você diz: “lutar”. A própria palavra já quer dizer o quê: violência. Então eu vou estar avivando ainda mais uma questão. Quando a gente deixa de pensar sobre o assunto, ele deixa de ter aquele impacto na nossa vida. Então é assim, existe o preconceito. E daí? Mas eu não estou aqui como brasileira, estou aqui como \* [nome próprio]. Eu tenho a minha profissão nesse momento. Consegui a minha qualificação profissional. Estou muito grata porque, primeiro, a pessoa tem que ser grata por tudo o que tem. Seja do pequeno ou grande, tudo o que nos acontece é por alguma razão e eu sou grata por tudo aquilo que eu tenho. A partir do momento em que eu penso assim a minha vibração muda. Eu deixo de atrair coisas negativas, eu deixo de atrair... Porque eu não estou a ir em direcção àquilo. Sabe, eu acho que essa coisa dos opostos se atraem, não! Os parecidos se atraem. É como aquela coisa do: “uma pessoa atrai um ladrão? Sim ou não?”. Tem gente que diz que não. “Assaltaram a minha casa mas eu sempre fui uma pessoa segura. Trancava tudo” e tal. Mas, inconscientemente, aquela pessoa estava a atrair porque estava a pensar naquilo. Mesmo inconscientemente tinha medo. O medo é uma maneira de a gente ativar esse processo de atração. Como no universo não existe exclusão tudo está incluído mesmo o que a gente não gosta, mas o que a gente fala e pensa a respeito daquilo, é ativado... de alguma maneira ou de outra...

**E.: Nunca passou por uma situação mais direta? Porque para além dos olhares que às vezes algumas pessoas que falassem...**

e.: Passei. Já me negaram-me emprego porque eu era brasileira, aqui nessa residencial. Uma que é cheia de bandeirinhas quando a gente sai aqui... Foi naquela residencial. E não era emprego assim por aí além. Não tinha nenhum *status*, como se diz. Era para empregada de quartos, ou o quê, e eu fui muito simpática, muito simples e o homem simplesmente olhou... E uma pessoa que já esteve no Brasil inclusivamente. Filho de pai de um imigrante lá no Brasil. Eu depois vim a saber dessa situação, claro que não foi na altura. E ele disse: “você fala, tem um gingado. Você fala uma mistura de português com brasileiro. Não sei o quê, blá, blá, blá”. E disse assim: “Olha, vou-te fazer uma pergunta. Tu dás emprego a um carioca?”. Eu disse: “ora bem, porque não? O que é que os cariocas têm?”. E eu desconhecia esse preconceito que existe contra os cariocas. Carioca é só cafezinho, também, é o que eles veem nas novelas. É o que eu digo, a partir de um exemplo que eles observam começam... “eles”, pronto, estou a generalizar. Alguns. Começam: “ah, porque eles são assim, são assim e assado”. Assim como nós também pensamos que todo o português é tipo: está numa padaria, atrás de um balcão, ali a fazer sempre continhas à vida. Enfim, e não é nada disso, nada disso. Eu até há bem pouco tempo desconhecia o fado, que é uma coisa maravilhosa que eu gosto aqui, além da gastronomia. Gosto muito da comida aqui em Portugal. Come-se muito bem. Foi aqui que eu aprendi a comer sopa. Sopa como primeiro prato, porque lá nós comíamos sopa, mas era aquela sopa com tudo. Com carne... Aquilo era mesmo uma refeição. Mas aqui... E foi uma grande aliada no meu processo de emagrecimento. Na casa da minha sogra aprendi a comer aquela sopinha com couve picada e com chouriça. E pronto, foi aqui que eu aprendi a ter hábitos mais saudáveis. Hábitos alimentares mais saudáveis. Além de outras coisas, também. Isso de ser um pouco reservado é uma diferença... É assim o europeu, eu não sei se tem a ver com o clima. Eu tive um professor de Espanhol que ele dizia assim: “o espanhol da latina América, ele fala mais devagar, mais espaçado. O espanhol da Espanha tradicional, ele está ali a engolir as palavras”. Ele dizia que tem a ver com o clima. Se calhar Portugal está também como Espanha em relação ao Brasil. Nós falamos mais devagar, mais melódicos, e aqui falam um bocadinho mais rápido. Não sei. Ele dizia que era por causa do clima. E também o meu patrão dizia que as meninas são mais precoces num país tropical, no Brasil ou, por exemplo, em África. Ele também já viveu em África e pôde constatar isso. Que as

meninas parece que afloram mais depressa nos países quentes do que aqui, por exemplo. Parece que são mais infantis no sentido de desenvolvimento da puberdade, mesmo. Uma coisa interessante que ele falou. Bom, não sei se tem conhecimento científico mas... Voltando ao preconceito, eu dou muitas voltas...

**E.: Não, está tudo encadeado. Ia-lhe perguntar, mas chegou-lhe a responder?**

e.: Não. É assim: “eu dava emprego não vejo nenhuma razão para não dar. Mas porquê já”, depois eu aproveitei: “mas porquê alguém já... Um carioca?”. E ele: “não. Eu tive cá uma moça paulista”. Eu disse: “ora bem, é uma moça paulista...” (risos) “Não, mas...”. “O senhor não teve nenhuma experiência concreta com carioca”. “Não, mas tive cá uma moça paulista, não sei o quê”. Pronto, mas aí o senhor... Não tem respstinhas, nem...? Não. Eu não sou assim. Acho que para tudo tem um tempo.

**E.: Mas percebeu que ele não a queria aceitar.**

e.: Sim, percebi, percebi. E eu muito educadamente disse: “olha, obrigada pela entrevista” e, pronto, disse: “já vi que não está interessado no meu perfil” e vim. Saí de cabeça erguida. Depois cheguei em casa e claro, senti-me mal porque o salário era bom. Pronto, era um serviço pesado porque sabe que o serviço de hotelaria... Mas era para ganhar, na altura, oitocentos euros e eu estava mesma a precisar. Eu vim para cá, estava mesmo sem nada. Depois dessa experiência também já liguei para lugares em que as pessoas atendiam e viam o sotaque e, se calhar, por isso... Eu tive a falar com uma bióloga e ela disse que essa minha maneira de falar: “você não...”... Houve pessoas que disseram: “você não mantém o seu sotaque legítimo?”, não sei o quê. É assim, eu passei por tanto preconceito que eu acho que eu criei isso como defesa. Entende? Além de ter contacto maioritariamente só com portugueses, o meu marido é português e tudo, também fui criando isso, se calhar, como defesa para me integrar melhor, para me fundir em Portugal. Para não ser notada. Para não ser discriminada. E foi o que aconteceu. Eu, às vezes, pego-me a falar sem querer. Estou falando brasileiro, estou falando português. Estou falando com sotaque brasileiro, estou... Essa mescla. Pronto, não vou dizer que é uma coisa que é de propósito... Fui integrando isso na minha vida.

**E: Como uma forma de autodefesa...**

e.: Sim, sim. Posso dizer que sim.



**E.: Relativamente àquela questão da brasileira prostituta, alguma vez sentiu isso?**

e.: Não. Comigo não. Mas conheço, eu não indiquei ela para entrevista porque ela já não está aqui. Ela voltou ao Brasil porque ela tinha uma filha e a filha parece que ia ter um bebé, uma situação assim. Também é uma senhora que trabalha muito. É enfermeira. Essa senhora sim, já viveu na pele. Ela tem o quê, sessenta e tal anos. Mas viveu na pele. Porque isto é assim, ela trata pessoas com Alzheimer, ela trata... Pronto, com pessoas... Da área de geriatria, que ela é. E ela disse assim... Nós até chegamos a andar juntas em 2005 no ginásio, fui eu que puxei ela para lá. A gente fez um curso de alemão ali no IEFP. Eu era doida para fazer o espanhol, ainda para mais abriu o alemão, e ela ligou para mim. Disse: “olha, está a fim de fazer cinquenta horas de alemão?”. Como não era para pagar e era para receber uma ajudazinha, aí disse: “eu vou, sim”. Fui eu e o meu marido. Ficamos na mesma classe. E eu conheci essa senhora e ela disse: “Eu trabalho na noite, meu marido também, eu sei que é difícil. Você precisa de desanuviar essa cabeça”. E comecei a contar histórias, porque eu tinha perdido na altura dez quilos. “Eu não”, e tal. Ficou revoltada e foi para o ginásio. Eu disse: “não, não é ginásio que faz milagres, você tem que mudar a tua... Fazer uma reeducação alimentar”. E nós chegamos a andar juntas. E, várias vezes, ela vinha assim mais triste e eu dizia: “o que foi?”. “Fogo, não abro a boca por causa desse meu sotaque, mulher. Estou começando a ficar com raiva do meu sotaque”. Eu: “porquê?” Ela falava mesmo do sotaque assim com lágrima. Quer dizer, havia, não tem aquele sotaque muito apregoadado porque quem não conhece bem não sabe de que região a Wilma é. Porque você sabe que o paulista ele fala mais assim. O carioca ele tem aquele jeito mais...

**E.: Vocês notam mais essa diferença. Mas para nós é mais...**

e.: É como aqui. Uma moça aqui da farmácia disse “as melhôras”. Desejou-me as “melhoras”. E eu: “essa moça é do Algarve... Ah, é dos Açores”. (risos) Não é? Lá as pessoas falam muito assim. Eu já consigo notar essas pequenas... “As melhôras”. E eu: “não é daqui do Porto”. Quer dizer já... E assim como os de Lisboa também notam e, claro, depois também tem aquele pequeno preconceito linguístico lá do tripeiro e não sei o quê. Voltando à questão, que já fugi novamente, a minha colega que andava comigo no ginásio, e ela dizia: “Você acredita que já tive pacientes que olhavam assim para mim: “quanto é que você leva?” Leva para quê?”. Ela nem tinha caído a ficha. “Quanto é que você leva para ir para a cama” E ela: “ah, mas você não tem vergonha?”. “Ah, você é brasileira”, não sei o quê... Quer dizer. É claro, eu noto mais isso naquelas

peessoas de idade, nas pessoas mais idosas ou nesses homens depois dos quarenta. As pessoas jovens não, não noto... Apesar que eu estava vendo o *youtube* por causa do vídeo da Maitê Proença. Você viu isso...

**E.: Sim, sim.**

e.: E depois desse vídeo... (risos) Oh pah, é complicado. Porque eles fazem lá, depois a gente sente... É complicado. Enfim, depois vimos o depoimento de uma menina para aí da nossa idade, que dizer, eu digo da nossa idade, eu tenho vinte e sete...

**E.: Eu tenho vinte e cinco.**

e.: Pronto. Na nossa faixa etária. E ela disse, uma portuguesa: “eu não gosto dos ciganos e eu não gosto dos brasileiros”. E depois a pessoa: “E porquê?”. “Ah, os ciganos...”, começou a falar do problema da ciganada e depois: “ah, os brasileiros não fazem nada, depois são mentirosos e são não sei o quê”. E vi esse vídeo sem querer. E então, voltando à minha colega outra vez, ela dizia que sentia-se muito mal. Eu esse tipo de preconceito a nível sexual e prostitutas não. Graças a Deus.

**E.: Mas acha que, por exemplo, o facto de ser casada com uma pessoa portuguesa, no fundo, isso também a ajudou nas suas relações, em termos de não sentir esse preconceito? Acabam por vê-la sempre com um português...**

e.: Talvez, mas também pela minha postura porque eu nunca fui uma pessoa de dar nas vistas. Porque, é assim, tem realmente aquela menina que vem para cá, que veste roupas escandalosas. Também não estou querendo generalizar. Mas pronto, tem essa situação, sim. É chato e por causa dessas situações as pessoas caem nesse erro de generalizar tudo... Ora bem, mas eu esse tipo de preconceito nunca senti. Mais a nível de emprego, mas só em determinadas áreas. Na hotelaria, também, mais algumas que eu soube que...

**E.: E pensa ainda regressar ao Brasil ou...**

e.: Penso em regressar. Não agora, que não é o momento mais adequado. Eu queria tirar o mestrado aqui antes de ir embora. Penso que ainda não estou preparada financeiramente. Tenho a minha miúda de dois anos e ainda não está na altura de voltar. Mas eu penso sim, em voltar. Porque não? Não digo que vá fazer vida na cidade onde eu estava, porque eu sempre tive paixão por São Paulo. Também morei lá uns anos e, para mim, pronto eu gosto de lá. Voltei contra a vontade e penso sim. Tenho lá família

em São Paulo. Tenho minhas tias. Uma tia que mora em Malal, outra mora, morava em São Caetano do sul, depois tem pessoas de São Bernardo... São cidades do ABC. São ali localizadas... Do ABC porque é assim: Santo André, A, São Bernardo, B, São Caetano C, depois há Diadema, D, que é uma cidade, também. E pronto. Mas são cidades do ABC porque são perto e tem as iniciais. Pronto, quando ouvir falar nas cidades do ABC... Ora bem, São Paulo, já sabe o que é.

**E.: E alguma coisa mudou na... Sente que é uma pessoa diferente na forma como encara a vida? Acha que a imigração a mudou, desse ponto de vista?**

e.: Olha ser imigrante, independentemente do motivo, ou à procura de um trabalho ou à procura de, no meu caso foi por amor, não sei se posso dizer assim. Foi. Não vim bem para trabalhar. Casei com ele, pronto, era o que eu queria. Foi em pouco tempo mas já vai fazer sete anos que nós estamos casados. E eu penso assim, toda a pessoa antes de imigrar ela devia tentar colher informações sobre o país e, principalmente, sobre a cultura para onde ela está indo. É muito importante. É indispensável. Eu digo isso, colher informações, tanto culturais como também sobre a legislação daquele país. Porque ela vem para cá, muitas vezes não conhece as leis, não conhecem os acordos que existem, não conhece isto ou aquilo. Não sabe o que é que tem que fazer, quem é que tem que contactar. É importante a pessoa já vir preparada para qualquer situação que possa acontecer. E é assim, imigrante é aquele que se joga no novo. Vai lá para conhecer o que é novo. E é assim, pode-se dar bem e pode-se dar mal. Tem que ir com essa mentalidade. Nem vir com muita expectativa, não é, e também não vir com um espírito derrotista. Tem de vir para se integrar. Acho que a palavra é essa. Integração.

**E: Sente-se integrada? De uma forma geral, sente-se integrada?**

e.: Como eu gostaria ainda não, mas sinto-me bem mais integrada agora porque já consigo compreender tudo o que me aconteceu e, pronto, a cultura. Consigo compreender... E porque é que as pessoas pensam assim. Porque agora tenho mais amizades e leio mais sobre isso, converso mais. Quer dizer, houve todo um processo. Pronto, estou mais madura nesse sentido. E também contribui. Mas isso é uma coisa que vai-se adquirindo. Dizem que o sofrimento é muito bom para moldar o carácter de uma pessoa e as dores ensinam. E, nesse sentido, acho que estou, tenho uma visão muito melhor do que a que tinha antigamente. Tenho uma perspectiva muito mais expansiva. Antes de julgar, antes de pensar assim ou assado eu tento ver e compreender. E o

principal acho que foi reconhecer os meus erros. Que é muito fácil a gente apontar e dizer: “fulano é isto, fulano é aquilo”. É muito fácil a gente se vitimizar. Fazermos-nos de vítimas. Mas encarar a realidade é necessário. É muito fácil: “ele tratou-me mal”. Mas e nós? Como é que nós estamos, o que é que nós fizemos, o que é que aconteceu para que aquela pessoa desenvolvesse aquela opinião, aquela... Toda a ação gera uma reação. E eu não pensava assim. Achava que vinha para cá, que tinha que dar tudo certo para mim, que eu... Enfim. Vinha muito dura, muito... Mas depois fui-me moldando e acho que é assim.

**E.: É um processo.**

e.: É um processo. É um processo. Assim ou assado. Ninguém pense que é fácil porque tem pessoas que conseguem-se adaptar muito bem mas, depois, podem desenvolver sintomas... No meu caso, eu não sou dessa pessoa que mostra que estou triste mas custou-me duas depressões. Que foram depressões reativas. Enquanto que eu não tive ninguém para falar, ninguém para desabafar, ninguém para... Eu raramente falava com a minha mãe. Depois ela começou a ter problemas lá. Ela tem um companheiro mais novo do que ela e começou a transferir esses problemas para mim também. E então eu entrei na fossa, como se diz. Eu desenvolvi... O primeiro ataque de pânico que eu tive, até tenho relatado aqui no meu computador. O primeiro ataque de pânico... Começou-me a faltar o ar, pensava que ia morrer. Passei uma semana sem conseguir dormir direito. Sem saber o que era aquilo que estava acontecendo. Só vim a descobrir que sofria de depressão quando fiz o relato todo. Fui ao médico de família... Eu pensava: “não. Devo ter algum problema no coração”. Fiz dois eletrocardiogramas e não deu nada. Porque eu vivia com palpitações, eu tinha ataques cardíacos. E não sabia porque é que eu tinha isso. Mas era um estado depressivo já adiantado. Já adiantado. Se calhar já tinha um pouco disso lá no Brasil porque eu sempre fui uma pessoa ansiosa, ansiosa, ansiosa. E perfeccionista, também. Então lá eu tinha uma vida dedicada, exclusivamente, aos estudos e ao trabalho. Muito dedicada aos estudos, porque eu achava: “se eu vou ser professora eu tenho de ser a melhor. Eu tenho de saber”. Mas todos nós temos dúvidas, todos nós temos falhas. Embora depois que a minha filha nasceu, principalmente, eu aprendi a ser mais tolerante. Aprendi a me tolerar mais, a tolerar as minhas falhas e as dos outros. Eu aprendi, desde que minha filha nasceu... Acho que todo o mundo devia ter um filho. (risos) Ajuda bastante nesse processo. Principalmente para pessoas intransigentes. Pessoas que têm aquela opinião formada. Uma criança ajuda muito

porque a criança, ela é muito instável. Ela tanto faz... Ela está aqui a brincar depois acontece uma coisa e ela já... A criança ela tem períodos muito instáveis e isso é um ensinamento para nós. Nós não podemos querer que a vida seja assim direitinha. A vida tem que sofrer altos e baixos e nós temos que nos adaptar e encarar tudo como uma mudança. Às vezes nós não conseguimos ver o lado positivo naquele momento mas algum ensinamento vem trazer, de certeza. Então, pronto, a criança, ela tem um comportamento egoíco, também, muito latente porque o ego, ele nunca está satisfeito. Então, a criança, ela reclama quando fica sem o brinquedo, ela reclama não só pelo valor do brinquedo mas pelo valor que aquele brinquedo tinha para ela. “Meu”. A palavra “meu” remete ao “eu”. Então, é uma coisa dela. O ego é que está ali falando. É por isso que eu digo, todo o mundo devia ter um filho porque a gente aprende bastante e ri bastante e emociona-se, também, porque é o nosso “eu” que está ali. A gente sabe... E muitas coisas que eles sabem do carácter a gente começa a notar. Olha lá o meu marido é chato a menina também é chata (risos). A sério. Ela é muito medrosa mas eu também sou medrosa. Então há muita coisa que é herdada geneticamente. Não somos nós que ensinamos, nem a sociedade. Não. Muita coisa vem de dentro da gente. Deve passar pelo ventre, de certeza.

**E.: Obrigada pela entrevista.**

| <b>Análise vertical à entrevista n.º 2</b> |   |   |
|--|---|---|
| <b>Inquérito 11_8</b>                      |   |   |
| <b>Dimensões e categorias de análise</b>   | <b>Dados/ Sínteses</b>  | <b>Excertos</b>   |
| <b>I. Dimensão social</b>                  |   |   |
| Características sociodemográficas          | <p><b>Género:</b> Feminino</p> <p><b>Idade atual:</b> 27 anos</p> <p><b>Idade de emigração:</b> 21 anos</p> <p><b>Estado civil:</b> casada, marido é português</p> <p><b>Nível de escolaridade no Brasil:</b> Graduação</p> <p><b>Nível de escolaridade em Portugal:</b> Licenciatura (equivalência reconhecida)</p>  | <p>“ (...) tinha ido à FLUP, dei entrada no reconhecimento de habilitações académicas e estava à espera ou de um reconhecimento ou equivalência. Que foi concedido reconhecimento para fins profissionais com exceção do ensino.”</p> |
| Zona de residência                         | <p><b>Concelho e freguesia de residência:</b> Porto</p> <p><b>Composição étnica das vizinhanças:</b> Santo Ildefonso</p>  |   |
| Composição de classe                       | <p><b>Última ocupação no Brasil:</b> Professora no ensino médio</p> <p><b>Primeira ocupação em Portugal:</b> empregada de limpeza numa residencial</p> <p><b>Ocupação atual em Portugal:</b> secretária em consultório</p> <p><b>Lugar de classe individual no Brasil:</b> PBIC</p> <p><b>Lugar de classe individual em Portugal à chegada:</b> PBE</p> <p><b>Lugar de classe individual atual:</b> PBE</p> |   |

|   |   |  |
|---|---|--|
|   | <p><b>Lugar de classe de família de origem:</b> OI</p> <p><b>Lugar de classe de família de pertença:</b> PBE</p> <p><b>Disposições em relação à carreira profissional:</b></p> <p>Sente-se “grata” pelo que conseguir em termos profissionais e expectante em relação ao futuro, uma vez que já conseguiu reunir todas as condições para se candidatar para dar aulas em Portugal, tal como fazia antes no Brasil.</p>  | <p>“Eu tenho a minha profissão nesse momento. Consegui a minha qualificação profissional. Estou muito grata porque, primeiro, a pessoa tem que ser grata por tudo o que tem. Seja do pequeno ou grande, tudo o que nos acontece é por alguma razão e eu sou grata por tudo aquilo que eu tenho.”</p> <p>“Já me inscrevi no concurso e vamos ver, se Deus quiser, como é que fica... Porque eu entrei com zero de pontuação porque o que eu trabalhei esse ano não conta. Só conta o do ano anterior. Então entrei com zero de pontuação, só mesmo com a minha média de qualificação profissional. Vamos lá ver no que dá.”</p> |
| <p><b>II. Percursos migratórios</b></p> | <p><b>Outros países:</b> Não</p> <p><b>Tempo de permanência:</b> 6 anos</p> <p><b>Tipo de rede de migratória:</b> legal</p> <p><b>Com quem veio:</b> com o marido</p> <p><b>Aprofundamento das razões de vinda para Portugal</b></p> <p>“Trabalho/ procura de melhores condições de vida”</p> <p>As razões que a trouxeram até Portugal dividem-se entre o casamento e a situação financeira. Na verdade, a entrevistada sentia-se profissionalmente realizada no Brasil e com boas expectativas em relação ao futuro, mas o seu marido [português] não estava legalizado e os trabalhos que foi arranjando eram financeiramente mal remunerados.</p> | <p>“Esteve lá [o marido], só que a burocracia parece que é maior e ele não conseguiu logo o título de autorização de residência. Então, legalmente não podia trabalhar. Fazia trabalho mas, pronto, tipo autónomo, ou o quê, mas não podia fazer descontos porque não tinha autorização, não estava legalizado.”</p> <p>“É assim, foi mais pela razão financeira. Ele gostava de lá, dava-se bem e tudo. Para mim, profissionalmente era melhor lá porque eu estava empregada, já tinha minha vida encaminhada. Tava a dar aulas...”</p>   |

“Primeiro, não tinha autorização de residência e, na altura, era mais complicado conseguir lá do que aqui. Até porque nós morávamos longe da capital – Recife. Sou de uma cidade chamada Guaraú que fica a cento e quarenta quilómetros de Recife. Então tudo tinha que ser resolvido lá. Sede e tudo. Não havia Consulado de Portugal lá onde eu morava. Tinha de me deslocar sempre e são coisas dispendiosas. E pronto, era uma cidade pequena no interior. Ele conseguiu emprego lá numa agência que fazia álbuns digitais. Como ele tinha conhecimento de Photoshop ele começou a fazer álbuns digitais. Mas ganhava muito pouco. Aquele salariozinho... Era só para não estar parado. E ele disse: “eu acho que o melhor é a gente ir para lá tentar. Lá o salário é melhor, em comparação com o Real o custo de vida lá é melhor”.”



### **Dificuldades encontradas em Portugal**

As saudades da mãe, que deixou no Brasil pouco tempo após a morte do pai, juntamente com o facto de não conseguir desabafar com ninguém sobre o processo que estava a vivenciar, fizeram-na sentir em grande isolamento, tendo-lhe mesmo sido diagnosticadas duas depressões.

Para além disso, do confronto com a sociedade de chegada, relembra sobretudo as dificuldades que teve, não em ver reconhecido o seu grau de qualificações académicas, mas em ver reconhecida o seu título profissional, que a habilita a dar aulas, pelo ministério da educação. Uma situação que a obrigou a permanecer quase quatro anos sem exercer atividade profissional no ensino.

Ainda, quando tratou do processo de reconhecimento de casamento sentiu um apertado controlo por parte do SEF, resultado de, na opinião da entrevistada, existirem situações de aproveitamento e burla, mas conseguiu finalizar o processo com sucesso.

“Agora que eu trabalho há alguns anos com esse psiquiatra já entendo muito e também já fui tratada por duas depressões, aqui, desde que vim para cá. (...) Ele [marido] lá [Brasil] realmente estava isolado, não tinha família. Ele estava como eu estou aqui. De família de sangue eu não tenho ninguém aqui. Tenho a família dele.”

“ [ao falar da sua mãe que está no Brasil]... (suspira) Eu estou assim porque não me quero lembrar do meu passado... Não queria... É complicado. A minha vida já passou por muita... É assim, altos e baixos.”

“No meu caso, eu não sou dessa pessoa que mostra que estou triste, mas custou-me duas depressões. Que foram depressões reativas. Enquanto que eu não tive ninguém para falar, ninguém para desabafar, ninguém para... Eu raramente falava com a minha mãe.”

“E ninguém me explicou na altura que, mesmo que eles me dessem equivalência, mesmo que eles me dessem reconhecimento, o único órgão máximo responsável pela profissionalização dos docentes é o ministério da educação. Então, quem devia conceder essa habilitação profissional não era a faculdade. Eles podiam reconhecer o grau. Reconheceram, como licenciada. E colocaram no meu diploma: “para fins profissionais com exceção do ensino”. Cortaram-me as pernas.”

“Mas aí eu, pronto era casada, fui à conservatória buscar, como é que fala, para inscrever o casamento de lá para cá... Fiz esse processo todo mas, mesmo assim, o SEF... Naquela época as coisas eram um bocadinho enroladas. Olha, até os inspetores virem a nossa casa fazer tipo uma entrevista, como está a fazer também, saber da nossa situação, se realmente... Que havia muita burla naquela, quer dizer, ainda há. Não sei se é assim que funciona mas eles iam mesmo comprovar se as pessoas estavam casadas...”

### **Intenções de regressar ao Brasil quando emigrou**

A entrevistada nunca planeou ficar muito tempo em Portugal, as suas intenções passavam por regressar ao Brasil, situação que acabaria por vir a acontecer. Para tal, pesaram as saudades e a preocupação com a mãe, bem como a depressão porque estava a passar em resultado dessa situação. Venderam o que tinham em Portugal e regressaram ao Brasil, mas, mais uma vez, as dificuldades profissionais que o marido teve de enfrentar e os baixos salários que ambos auferiam levaram-nos a repensar e a retornar a Portugal. Mais uma vez, as razões profissionais e financeiras justificaram a partida.

“A minha mãe ficou sozinha no Brasil. Eu quando vim para cá não vim com o intuito de morar aqui. De jeito nenhum. Eu quando viajei, e ela: “ah, você não volta mais”, “eu volto. Eu volto. Eu vou só para conhecer os meus sogros e ter uma ideia da realidade de lá. Ver como é que funciona”.”

“ (...) comunicava-me sempre com ela [a mãe] e ela estava muito triste, muito triste porque, oh pah, não sei o que aconteceu, eu disse ao meu marido: “olha, vamos embora. Eu vou embora. A minha mãe está lá sozinha, está a ser difícil para mim, está a ser difícil para ela também. Eu estou um bocado com a consciência pesada. Eu vou voltar”. Aí ele disse: “está bem. Se vais voltar eu também vou voltar”. (risos) E olha, vendemos tudo o que tínhamos (não era muita coisa). Ele tinha carro... O que tínhamos, assim, a gente se desfez e voltamos realmente. Mas depois a vida não correu...”

“Não correram porque é assim... Ora bem, eu arranjei um escritório, mas ele não conseguia arranjar. Arranjava uma coisa: “ah, ganha-se tão pouco, tão pouco” que, realmente, a pessoa sair daqui de Portugal para ser assalariado no Brasil estranha. Se tu estás aqui com algum capital financeiro e vais para lá abrir o teu negócio... É diferente. Não tem nada a ver. Mas sair daqui como assalariado, como ele sempre foi, de vigilante, que vigilante aqui não tem nada a ver com vigilante lá. Nada a ver. Nem o salário e segurança muito menos. A gente sabe, vigilante aqui, ele não anda armado. Lá ele tem que andar armado. Ele tem que tirar curso na polícia federal, na PM, acho que é na polícia militar. Ele tem de tirar o curso de três meses na polícia federal e aprender lá a usar arma e tudo. Ele tem que estar habilitado porque, pronto, a gente sabe da situação. Não é sempre como mostram os jornais mas a gente sabe que a violência lá pinta.”

|  |  |   |
|--|--|---|
| <p><b>III. Dimensão cultural</b></p> <p>Redes de sociabilidade</p> | <p><b>Redes à chegada a Portugal</b><br/> O marido, que conheceu no Brasil e com quem se casou no Brasil, é cidadão português, pelo que teve o seu apoio e o da família deste.</p> <p><b>Redes de sociabilidade primárias</b><br/> Relaciona-se predominantemente com portugueses quer na esfera familiar, quer no campo das suas amizades, no entanto, considera que tem menos amigos em Portugal do que tinha no Brasil, desculpabilizando o pouco contacto que têm entre si com o facto de cada um estar embrenhado na sua própria vida.</p> <p><b>Aprofundamento das disposições relativamente aos grupos com que o entrevistado se relaciona menos ou não se relaciona e as justificações em torno dessa situação.</b><br/> A entrevistada conhece alguns brasileiros, inclusive devido à sua participação na AMB, mas no trabalho e na esfera familiar é onde está mais tempo e, por isso, é mais evidente a sua relação com os portugueses.</p> <p><b>Aprofundamento das razões e motivações subjacentes à pertença ou ausência de pertença às diferentes</b></p> | <p>“Tenho alguns colegas. Amigos, amigos, amigos posso dizer que deixei grandes amigos lá. Mas pronto, tenho menos amigos aqui do que... E é assim, tenho a família dele. Dou-me bem com todos, mas também moramos longe. Eles são da Trofa e eu moro aqui no Porto.”</p> <p>“Então, pronto, tenho alguns colegas aqui de cima. É tudo amizades assim... Pronto, e um amigo ou outro que converso no MSN, ou o quê, telefone às vezes, mas cada um com a sua vida. Uma correria...Então...”</p> <p>“Não. Eu nunca vi esse lado. Fazer amizade com português ou brasileiro... Não. São pessoas que, por exemplo, tipo a Wilminha, pessoas que já me ajudaram, ou pessoas que, entende? Não digo que conheço do trabalho porque eu desde que vim morar aqui no Porto (eu já morei no Freixieiro, já morei na Trofa) e, desde que vim para cá, que estou aqui nesse consultório. Então, pronto, tenho alguns colegas aqui de cima. É tudo amizades assim... Pronto, e um amigo ou outro que converso no MSN, ou o quê, telefone às vezes, mas cada um com a sua vida. Uma correria...Então...”</p> |
|--|--|---|

|                                      |  |  |
|--------------------------------------|--|--|
| <p>Estereótipos e representações</p> | <p><b>organizações ou grupos de apoio.</b></p> <p><b>Relato de situações em que foi vítima de preconceito e/ou discriminação</b></p> <p>Já se sentiu vítima de discriminação por ser brasileira em contexto de procura de trabalho, afirmando mesmo que percebeu que, por ser brasileira, não cabia no perfil que o empregador procurava.</p> <p>Sobre a associação da mulher brasileira à prostituição, nunca sentiu esse tipo de preconceito, mas reconhece que existe e conhece quem se tenha sentido vítima, relatando o caso.</p> | <p>“Já me negaram-me emprego porque eu era brasileira, aqui nessa residencial. Uma que é cheia de bandeirinhas quando a gente sai aqui... Foi naquela residencial. E não era emprego assim por aí além. Não tinha nenhum <i>status</i>, como se diz. Era para empregada de quartos, ou o quê, e eu fui muito simpática, muito simples e o homem simplesmente olhou... (...) E ele disse: “você fala, tem um gingado. Você fala uma mistura de português com brasileiro. Não sei o quê, blá, blá, blá”. E disse assim: “Olha, vou-te fazer uma pergunta. Tu dás emprego a um carioca?”. Eu disse: “ora bem, porque não? O que é que os cariocas têm?”. (...) É assim: “eu dava emprego não vejo nenhuma razão para não dar. Mas porquê já”, depois eu aproveitei: “mas porquê alguém já... Um carioca?”. E ele: “não. Eu tive cá uma moça paulista”. Eu disse: “ora bem, é uma moça paulista...” (risos) “Não, mas...”. “O senhor não teve nenhuma experiência concreta com carioca”. “Não, mas tive cá uma moça paulista, não sei o quê”. (...) E eu muito educadamente disse: “olha, obrigada pela entrevista” e, pronto, disse: “já vi que não está interessado no meu perfil” e vim. Saí de cabeça erguida. Depois cheguei em casa e claro, senti-me mal porque o salário era bom. Pronto, era um serviço pesado porque sabe que o serviço de hotelaria... Mas era para ganhar, na altura, oitocentos euros e eu estava mesmo a precisar. Eu vim para cá, estava mesmo sem nada. Depois dessa experiência também já liguei para lugares em que as pessoas atendiam e viam o sotaque e, se calhar, por isso...”</p> <p>“ (...) a minha colega que andava comigo no ginásio, e ela dizia: “Você acredita que já tive pacientes que olhavam assim para mim: “quanto é que você leva?” Leva para quê?”. Ela nem tinha caído a ficha. “Quanto é que você leva para ir para a cama”</p> |
|--------------------------------------|--|--|

**Perceber se os estereótipos em relação aos brasileiros têm fundamento; se favorecem ou dificultam a integração dos brasileiros em geral na sociedade portuguesa; e se favorecem ou dificultam o estabelecimento de relações sociais.**

Reconhece que o maior problema no Brasil é a corrupção e são as máfias e que esse tipo de problemas vem para Portugal junto com as pessoas. Todavia também considera que em Portugal se dá um efeito de generalização que gera esse preconceito. Na opinião da entrevistada o mesmo acontece com o preconceito em relação à mulher brasileira, pelo que admite que muitas mulheres vestem “roupas escandalosas”, o que ajuda a reforçar o preconceito e a generalização.

**Perceber se já utilizou algum tipo de comportamento fora do habitual ao relacionar-se com portugueses temendo algum tipo de discriminação. Se sim, pedir para relatar a**

E ela: “ah, mas você não tem vergonha?”. “Ah, você é brasileira”, não sei o quê... Quer dizer. É claro, eu noto mais isso naquelas pessoas de idade, nas pessoas mais idosas ou nesses homens depois dos quarenta. As pessoas jovens não, não noto... (...) E então, voltando à minha colega outra vez, ela dizia que sentia-se muito mal. Eu esse tipo de preconceito a nível sexual e prostitutas não. Graças a Deus.”

“ E o nosso maior problema é, e sempre foi, e sempre será máfia ser muita. A desigualdade social e a máfia. Riquezas nós temos, riquezas naturais todos os sentidos mas, pronto, temos aquele problema: muita gente e aqueles que entram no poder... A corrupção também é muito... Aquilo já virou república das bananas há muito tempo. Desde aquele escândalo do Mensalão, não sei se você já ouvi falar. Deu alguma coisa na televisão, dos dinheiros nos bolsos, aquela coisa toda. Infelizmente, vem tudo para cá. E as pessoas vêm e quando veem um brasileiro é sempre: “hei, é brasileiro!”. E começam com as generalizações. Aliás, há esse preconceito...”

[questionada sobre o facto de ser casada com um português a ajudou] “ Talvez, mas também pela minha postura porque eu nunca fui uma pessoa de dar nas vistas. Porque, é assim, tem realmente aquela menina que vem para cá, que veste roupas escandalosas. Também não estou querendo generalizar. Mas pronto, tem essa situação, sim. É chato e por causa dessas situações as pessoas caem nesse erro de generalizar tudo... Ora bem, mas eu esse tipo de preconceito nunca senti.”

“Eu sei que existe o preconceito. E daí? É uma questão de eu querer trazer isso para a minha vida ou não. Eu nesse momento, eu decidi que eu não vou mais trazer isso para a minha vida. Eu não vou lutar contra o preconceito porque você diz: “lutar”. A

|                                     |  |  |
|-------------------------------------|--|--|
|                                     | <p><b>situação</b></p> <p>A entrevistada acredita que não pensar sobre o preconceito a ajuda a afasta-lo de si ou, pelo menos, a impedir que tenha impacto na sua vida.</p> <p>No entanto, reconhece que o seu sotaque brasileiro é pouco acentuado [também é evidente que a forma como estrutura as frases também já se aproxima muito do estilo português], e que isso se deve não só ao facto de ter maioritariamente contacto com portugueses, mas também, inconscientemente, a uma estratégia de autodefesa para passar despercebida.</p> | <p>própria palavra já quer dizer o quê: violência. Então eu vou estar avivando ainda mais uma questão. Quando a gente deixa de pensar sobre o assunto, ele deixa de ter aquele impacto na nossa vida. Então é assim, existe o preconceito. E daí? Mas eu não estou aqui como brasileira, estou aqui como * [nome próprio].”</p> <p>“Eu tive a falar com uma bióloga e ela disse que essa minha maneira de falar: “você não...”... Houve pessoas que disseram: “você não mantém o seu sotaque legítimo?”, não sei o quê. É assim, eu passei por tanto preconceito que eu acho que eu criei isso como defesa. Entende? Além de ter contacto maioritariamente só com portugueses, o meu marido é português e tudo, também fui criando isso, se calhar, como defesa para me integrar melhor, para me fundir em Portugal. Para não ser notada. Para não ser discriminada. E foi o que aconteceu. Eu, às vezes, pego-me a falar sem querer. Estou falando brasileiro, estou falando português. Estou falando com sotaque brasileiro, estou... Essa mescla. Pronto, não vou dizer que é uma coisa que é de propósito... Fui integrando isso na minha vida.”</p> |
| <p><b>IV. Dimensão política</b></p> | <p><b>Vivência de uma situação de irregularidade ou ilegalidade perante as autoridades portuguesas</b></p> <p>Entrou em Portugal com visto turístico e, embora tenha conseguido um primeiro trabalho um mês depois, era um trabalho não declarado oficialmente, pelo que durante um ano e meio permaneceu em Portugal sem autorização.</p> <p><b>Estatutos especiais</b></p> <p>Usufruiu do reconhecimento profissional através do tratado de amizade, cooperação e consulta.</p>  | <p>“Também demorei para ter a minha autorização. Demorei cerca de um ano e meio, mas consegui emprego numa residencial aí a fazer quartos, essas coisas assim.”</p> <p>“Pronto, mas através do tratado da amizade eu dei entrada no, não é o reconhecimento de habilitações académicas, é uma qualificação profissional que eu adquiri no Brasil e que o Estado membro, no caso Portugal, reconhece como válida para que eu</p>  |

|                                  |  |  |
|----------------------------------|--|--|
|                                  |  | <p>possa exercer aqui em Portugal. Como acontece também no Brasil. Um professor aqui pode exercer lá através do tratado da amizade que concede essa reciprocidade. Eu não conhecia o tratado, quer dizer, conhecia o tratado de amizade, mas não conhecia essa linha que falava do reconhecimento profissional. E estive aqui muito... Três ou quatro anos da minha vida... enfim! Eu recebi o reconhecimento este ano. Em janeiro chegou a minha autorização. Dei entrada o ano passado. Chegou a minha autorização em janeiro e em fevereiro eu, pronto...”</p>  |
| <p><b>V. Auto percepções</b></p> | <p><b>Percepção da própria situação de integração</b></p> <p>Atualmente sente-se mais integrada do que no início da sua estadia, embora não completamente, mas reconhece que a falta de informação que a maioria dos imigrantes tem sobre o país de destino, nomeadamente, sobre leis, direitos e deveres, é um fator muito importante na dificuldade de integração. Por outro lado, considera que é o próprio imigrante que deve preparar-se para se integrar e que, portanto, parte dessa integração é um trabalho que o próprio deve fazer.</p> | <p>“E eu penso assim, toda a pessoa antes de imigrar ela devia tentar colher informações sobre o país e, principalmente, sobre a cultura para onde ela está indo. É muito importante. É indispensável. Eu digo isso, colher informações, tanto culturais como também sobre a legislação daquele país. Porque ela vem para cá, muitas vezes não conhece as leis, não conhecem os acordos que existem, não conhece isto ou aquilo. Não sabe o que é que tem que fazer, quem é que tem que contactar. É importante a pessoa já vir preparada para qualquer situação que possa acontecer. E é assim, imigrante é aquele que se joga no novo. Vai lá para conhecer o que é novo. E é assim, pode-se dar bem e pode-se dar mal. Tem que ir com essa mentalidade. Nem vir com muita expectativa, não é, e também não vir com um espírito derrotista. Tem de vir para se integrar. Acho que a palavra é essa. Integração.”</p> <p>“Como eu gostaria ainda não, mas sinto-me bem mais integrada agora porque já consigo compreender tudo o que me aconteceu e, pronto, a cultura. Consigo compreender... E porque é que as pessoas pensam assim. Porque agora tenho mais amigas e leio mais sobre isso, converso mais. Quer dizer, houve todo um processo. Pronto, estou mais madura nesse sentido. E também contribui. Mas isso é uma coisa que vai-se adquirindo. Dizem</p> |

|               |   |  |
|---------------|---|--|
|               | <p><b>Perceção sobre a sua qualidade de vida atual</b></p> <p><b>Perceção em relação ao futuro: intenção de regressar ao Brasil</b></p> <p>Apesar de já ter regressado ao Brasil uma vez e, por não ter corrido bem, contra a sua vontade, ter tido necessidade de regressar a Portugal, não deixa de pensar em voltar a viver na sua terra natal um dia.</p> | <p>que o sofrimento é muito bom para moldar o caráter de uma pessoa e as dores ensinam. E, nesse sentido, acho que estou, tenho uma visão muito melhor do que a que tinha antigamente. Tenho uma perspetiva muito mais expansiva. Antes de julgar, antes de pensar assim ou assado eu tento ver e compreender. E o principal acho que foi reconhecer os meus erros. Que é muito fácil a gente apontar e dizer: “fulano é isto, fulano é aquilo”. É muito fácil a gente se vitimizar. Fazermo-nos de vítimas. Mas encarar a realidade é necessário. É muito fácil: “ele tratou-me mal”. Mas e nós? Como é que nós estamos, o que é que nós fizemos, o que é que aconteceu para que aquela pessoa desenvolvesse aquela opinião, aquela... Toda a ação gera uma reação. E eu não pensava assim. Achava que vinha para cá, que tinha que dar tudo certo para mim, que eu... Enfim. Vinha muito dura, muito... Mas depois fui-me moldando e acho que é assim.”</p> <p>“Penso em regressar. Não agora, que não é o momento mais adequado. Eu queria tirar o mestrado aqui antes de ir embora. Penso que ainda não estou preparada financeiramente. Tenho a minha miúda de dois anos e ainda não está na altura de voltar. Mas eu penso sim, em voltar. Porque não? Não digo que vá fazer vida na cidade onde eu estava, porque eu sempre tive paixão por São Paulo. Também morei lá uns anos e, para mim, pronto eu gosto de lá. Voltei contra a vontade e penso sim. Tenho lá família em São Paulo. Tenho minhas tias.”</p> |
| <b>Outros</b> |   |  |



### Transcrição de entrevista n.º 3

|                                 |   |
|---------------------------------|---|
| <b>Inquérito</b>                | 13_10   |
| <b>Entrevistada</b>             | Mulher, 48 anos, desempregada.<br>Foi selecionada para entrevista porque mencionou ter recebido apoio do Centro Comunitário São Cirilo (Jesuítas).<br>Representa uma imigração muito recente, tendo chegado em 2010 para se juntar à família. Possui o ensino médio/profissionalizante; no Brasil era secretária executiva; a primeira ocupação em Portugal foi enquanto empregada doméstica (sem contrato); e encontrava-se, no momento da entrevista, desempregada, com viagem marcada de regresso ao Brasil. |
| <b>Data da entrevista</b>       | 3 de junho de 2011  |
| <b>Local da entrevista</b>      | Café junto ao Centro Comunitário São Cirilo   |
| <b>Duração da entrevista</b>    | 30min   |
| <b>Hora de início (aprox.)</b>  | 11h00   |
| <b>Hora de término (aprox.)</b> | 11h30   |

e.: Você viu o inquérito?

**E.: Sim, sim... No inquérito você menciona que veio para cá para se juntar com a sua família...**

e.: É, eu vim para cá para me juntar ao meu companheiro que vivia aqui. Morámos no Brasil e ele veio primeiro para cá porque aqui ele tem família, amigos... e ele acabou vindo. Ele é daqui do Porto.

**E.: Mas também refere no inquérito que veio à procura de melhores condições de vida.**

e.: Também... Trabalho não, na realidade, eu vim por causa do meu companheiro primeiramente. Eu vim porque ele veio, ele é daqui, tem uma vida aqui também e eu acabei vindo. Não propriamente saí do Brasil para procurar no mercado de trabalho,

não, eu era secretária administrativa. Só que aqui as coisas mudaram, então, eu tive que me colocar no mercado de trabalho, só que a economia do país está um caos e eu não esperava em nenhum momento de mudança para pior, cada dia pior, e vai ficar pior, todo o mundo fala... Então, tudo isso influenciou um pouco também... Como eu tinha uma vida ativa profissional, eu achei que aqui podia encontrar algo, mas na realidade...

**E.: Quando chegou aqui e começou a procurar trabalho, como é que isso se processa?**

e.: Eu não precisava procurar trabalho porque na realidade é como eu te falei, não vim especificamente por causa do trabalho como a maior parte dos imigrantes que está aí. Eu não, vim pelo lado do relacionamento, mas eu ia complementar isso... Eu sou uma mulher que sempre trabalhei, eu tinha a minha vida lá, entendeu? Tinha a minha vida independente, tinha carro, meu apartamento. Tinha uma vida... como se diz, “maravilhosa”. Então eu vim, não com essa expectativa de trabalhar para sobreviver porque eu não preciso disso, eu estava bem. Mas, por algumas questões familiares, as coisas não foram como na minha expectativa e o emprego veio como uma necessidade de complementar alguma coisa para mim. Eu queria ter meu dinheiro, ser independente aqui, mas aí eu também não encontrei nada que fortalecesse a vontade de permanecer aqui.

**E.: Mas chegou a exercer alguma atividade aqui em Portugal?**

e.: Foi muito difícil e acabou que eu vim para cá [Centro Comunitário São Cirilo] e acabei procurando trabalho porque ficou ruim meu relacionamento com meu companheiro. A partir do momento que estávamos aqui, que a família dele sabia coisas piores que a família nem podia saber, nem eu, também não moro com eles, nem preciso morar com eles, tenho minha casa aqui, mas eu acabei largando ele por causa dessas questões da família, como também estou indo embora por isso, porque eu sou super nova... E aí eu vim para cá [Centro Comunitário São Cirilo] porque foi o único lugar de apoio que eu tinha para ser apoiada e agora eu tenho minha passagem marcada e eu vou. Mas entretanto arrumei um emprego, a partir do momento em que eu estava aqui, então eu falei, agora vou ter de arrumar alguma coisa. Então eu arrumei uma casa de família, que por sinal as crianças são uma gracinha, mas ela falou comigo uma coisa que era das oito às oito, quando eu acordava às seis da manhã, dormia nem direito... Então eu não fiquei, não justificava e agora eu arranjei um, finalmente, me ligaram ontem. É uma

firma de geriatria, uma empresa que trabalha com idosos, mas é um trabalho que não é dormir, ou um trabalho das oito horas ao final da tarde, um trabalho em grupo, sabe?

**E.: Tipo centro de dia?**

e.: É, exatamente. Mas aí eu não pude aceitar por já estar indo embora.

**E.: E como é que conheceu aqui o Centro [São Cirilo]? Como é que soube da sua existência?**

e.: O Centro foi uma informação de uma amiga... Foi uma brasileira que eu conheci aqui porque, na realidade, eu não conhecia ninguém aqui. Conheci esses brasileiros e eles me indicaram aqui por uma questão do RH [Recursos Humanos]. Foi aí que eu conheci a Maria José para fazer, sabe, de como era o lado para montar uma estrutura profissional como eu queria, não é. Como processar dentro do mercado, porque eu sou imigrante, como seria fazer o meu currículo aqui... Essas coisas, entende? Eu vim para isso e aí a Maria José me ligou aquela vez para fazer parte daquele debate do dia da mulher e aí eu comecei. A partir daí eu tive um bom relacionamento com eles. Por isso que quando eu precisei ficar dez dias a diretora falou logo “você fica”. O que foi ótimo porque isso me ajudou muito a inteirar e a perceber como é uma realidade como essa.

**E.: Portanto, naquele intervalo que acaba por ter um problema com o seu companheiro e fica sem ter onde ficar, então, foi quando ficou aqui. E foi fácil do ponto de vista logístico arranjar o alojamento? Imagino que eles também tenham sempre gente a pedir acolhimento...**

e.: Por uma sorte, foi uma questão assim, foi coisa de três dias. Porque eu já estava frequentando bastante aqui pela questão do meu envolvimento com esses grupos de interação, sabe, então aí também facilitou porque o meu contacto com as doutoras era muito grande, independente de estar necessitando. Quando eu vim pedir o auxílio, o apoio, eu já tive imediatamente, entende? Eu contactava com a Dra. Teresa, que é advogada, entende? Então, na hora que eu precisei eles me ajudaram. E eu não tenho que reclamar, foi maravilhoso enquanto eu tive que ficar. Existem problemas, é uma instituição com problemas, mas existem normas, e têm que existir mesmo, logicamente que eu convivi com pessoas que não têm nada a ver com o ciclo de convivência minha, nem no Brasil nem aqui seria, mas eu tiro isso como uma dádiva, um aprendizado de vida que eu tinha que passar mesmo. E aí o que eu fiz foi, já que eu estou aqui, eu vou

fazer alguma coisa que eu possa-me inteirar dentro da condição de cada um e daí que comecei a ajudar algumas pessoas, a conviver, e realmente ajudei algumas pessoas aqui.

**E.: E do ponto de vista religioso, uma vez que o Centro tem um carácter religioso, começou a participar mais no culto religioso?**

e.: Não, aqui não, nenhum. Eu sou católica, mas hoje eu sou uma pessoa espiritualista, então, eu leio muito, me inteiro muito, mas aqui eu nunca frequentei nada de cultos. Entrei numa Igreja que é aqui de Cedofeita, que é perto da minha casa, porque eu moro na Praça da Galiza, mas aí eu decidi voltar para o meu país, para a minha família... Aqui é um mundo e são valores diferentes ao qual eu me dececionei porque eu montei um projeto de vida que não foi esse, as expectativas eram outras. E lá nós temos valores de família, somos muito unidos, todo mundo convive. Aqui não tem esse hábito de convivência, porque o filho não procura o pai, o pai é uma pessoa isolada, sempre procurou por outros valores, por questões económicas e isso choca um pouco, sabe? É muito isolado aqui, não têm o hábito de frequentar a casa de ninguém e eu não sei viver assim, num mundo só. Eu sei viver coletivamente e aqui ninguém é assim. Por exemplo, toda a família que eu conheci tem alguma coisa dentro da sua família, por exemplo, um filho não convive com a mãe, um filho não procura o pai, o pai não procura o filho... Nessa família que eu estou, o pai sozinho e a filha... Hoje ela está doente, então, os valores dela, economicamente... porque ela é uma mulher, para mim, cinquenta e um anos já é idosa, é uma mulher velha, não é criança, depende totalmente do pai, financeiramente, em todas as questões. E eu tenho filhas de vinte e poucos anos que já são formadas, independentes... É diferente dessa cultura daqui. A gente está num mundo muito globalizado e eu não vou ficar isolada. Ele é uma pessoa que está isolado, que também quer ir embora para o Brasil, mas eu não posso aguardar as decisões dele.

**E.: Portanto, vai sozinha neste momento?**

e.: Sim.

**E.: Mas em termos profissionais ele tem a vida estabilizada aqui?**

e.: Ele? Ele sim. Ele já é reformado e já tem uma vida estabilizada. Ele já tinha, razão porquê a família dele se liga muito no vínculo material. Então, isso, como se diz, eles não se separam por causa disso.

**E.: Vive numa casa alugada? Teve dificuldades em alugar casa por ser brasileira?**

e.: Não, não. Nós moramos no apartamento dele. Na realidade, ele tem casa em Cedofeita, tem apartamento em Matosinhos, mas nós decidimos morar sem família.

**E.: Acha que a sua situação económica relativamente mais estável a ajudou? Se tivesse uma situação económica mais frágil...**

e.: Mas eu cheguei a ter. Eu saí da minha casa por questões familiares, por questões externas e eu passei muitas dificuldades. Se eu não fosse uma pessoa resolvida, se eu não fosse muito ativa, eu não arranjaría um emprego. Podia não trabalhar, conheci muitos portugueses que não fazem isso, mas também o governo paga para não fazer, então eles preferem ganhar e não trabalhar. É bom de mais você ganhar um dinheiro, um pouco, mas é bom sem ter que trabalhar. Você tem que concordar, Portugal está na bancarrota porque a maioria ganha, não é, daí a crise do governo. Também por isso que eu estou querendo sair.

**E.: E relativamente aos estereótipos, alguma vez sentiu alguma discriminação, preconceito?**

e.: Não, eu só senti no início, na parte da saúde. Demoraram a me atender e eu tenho um documento que eu trouxe do Brasil por causa do acordo bilateral e que é um documento da saúde, como que um seguro de saúde, e que dá direito ao atendimento num centro de saúde. Mas todo o dia eu ia lá e eles me faziam voltar, falavam que não dava, “você tem isto, tem isto...”. Aí começamos a perceber que era um lado de discriminação. “Mas como assim, tenho que ser portuguesa?” Ele [companheiro] acabou ligando para o ministério da saúde, dando um basta nisso tudo e aí começou a me atender. Aí nós recebemos uma carta, com um pedido desculpa, eu até tenho ela comigo, pedindo desculpas e que a partir daquele dia eu podia ir lá e marcar a minha consulta e tal. O meu documento de acordo bilateral não é conhecido porque em qualquer circunstância teria que ter sido aceite independente da carta.

**E.: E acha que de uma forma geral...**

e.: O resto não, o resto também se teve... Eu estava com outras coisas, entende?

**E.: Mas acha que a discriminação tem fundamento, por exemplo, no caso da mulher associada à prostituição?**

e.: Há, certamente. Só que não são todas que têm que pagar, não é? E a maioria, infelizmente, sai com um ideal de estar aqui, ganhar esse dinheiro aqui... Na Europa, não digo exclusivamente Portugal. E também, a maioria, pelo que eu percebi, é lógico que eu já sabia isso no Brasil, que existia prostituição na Europa. Mas, quando não tens uma cultura, um nível cultural muito inferior, tendo uma ideia, nós sabemos que isso é carência de algumas brasileiras que vivem em determinados lugares. Lá é uma nação dividida por vinte e seis estados, então, geralmente, aquilo que eu percebi aqui, é que as mulheres que vêm muito para isso são sobretudo do nordeste, do norte do Brasil, de uma carência econômica e social enorme. Eu não, eu moro num estado que é uma mega metrópole, fica do lado de São Paulo e Rio de Janeiro, então, nós temos uma visão muito grande, diferenciada. Então, para perceber aqui... Também pelo fluxo turístico dos europeus, não digo portugueses, porque Portugal é a ralé de uma Europa, mas é verdade, nós somos muito pobres. A Europa em si é Itália, Alemanha, Suíça, Suécia, Finlândia, a Noruega. Nem Espanha é hoje mais. O que é que acontece? Porquê que acontece delas vir? Porque o destino preferido da Europa é o nordeste do Brasil por causa das praias paradisíacas e dali é lógico que tem realmente uma enorme prostituição. Até existem crianças que são oferecidas pelos pais... porque a pobreza é muito grande ali. O Brasil é um país enorme e a situação social da pobreza é uma realidade, então é o que você vê aqui, muita gente do norte do meu país. É muito raro você ver... A Camila [rececionista do Centro Comunitário São Cirilo], por exemplo, é de São Paulo, ela é uma advogada, e o marido dela está bem. Ele é professor da universidade e saiu de lá porque tinha um convite para ficar aqui, ele é doutorado... é uma outra questão. Agora, no tempo que eu estou aqui eu nunca vi “ah, você é do Rio de Janeiro, você é do Rio Grande do Sul”. Não, são sempre da Bahia, do nordeste, então, isso influencia muito porque realmente, infelizmente, algumas pessoas pagam por isso.

**E.: E, por exemplo, relativamente... Eu estou a fazer estas questões de acordo com os resultados de um estudo que saiu há algum tempo, por exemplo, sobre a ideia que os portugueses consideram o brasileiro, no geral, um povo preguiçoso para o trabalho...**

e.: Pelo contrário, se no Brasil tivesse preguiçoso nós não teríamos hoje conseguido dar a volta por cima. Agora, o português é que está muito preguiçoso, o governo de Portugal tem culpa no que está acontecendo. É uma nação com mais idosos. O meu país

é diferente, no meu país são mais jovens, cada vez mais, então, a tendência é crescer. Então, o brasileiro não é preguiçoso.

**E.: Trazia algumas ideias sobre Portugal antes de vir?**

e.: Eu sempre tive ideias boas de Portugal até porquê eu tenho parentes portugueses. Eu não sou portuguesa, mas a minha tia era casada com um português da região de Trás-os-Montes, meus primos todos têm cidadania, e sempre tive boas informações. E lido com pessoas portuguesas no Brasil, porque no Brasil tem milhões de portugueses. A colónia portuguesa lá é enorme, no Brasil inteiro... Na minha cidade mesmo desde infância convivi com portugueses, mas nunca pensei mal, nunca tive uma ideia diferenciada, de forma alguma. Lá nós lidamos com imigrantes portugueses, com pessoas maravilhosas, alguns que se deram muito bem no Brasil... alguns voltam por opção. Eu tive uma ideia diferenciada aqui, a partir do momento que eu vivenciei algumas coisas e que eu presenciei como é uma família dentro dessa família que eu fiquei, mas creio que não é generalizado, que não são algumas.

**E.: Relativamente ao momento em que passa a ficar irregular, há quanto tempo é que tem a sua situação regularizada?**

e.: Olha, desde Março.

**E.: Acha que a sua vida se complicou?**

e.: Desde o início é complicada.

**E.: Mas teve alguma situação mais complicada enquanto estava irregular?**

e.: Não. Eu sou uma imigrante irregular, não posso viver neste país, mas também posso ir embora à hora que eu quiser porque eu não tenho nenhum documento que a polícia de imigração me passou, não. Estou indo embora por livre e espontânea vontade minha, estou indo embora voluntariamente.

**E.: Então nunca a contactaram?**

e.: Não, nunca. Eu até tenho um cartão do CNAI porque eu fui lá pedir umas informações, mas nunca me cobraram.

**E.: Nunca teve medo, por exemplo, de procurar algum serviço devido à sua situação irregular?**

e.: Não porque eu fiquei reorientando com o advogado. Na realidade, se eu quisesse casar teria casado porque ele quer, mas eu não quis casar. Foi uma decisão minha, de não querer casar. Então, eu tive que passar por situações que me fizeram resolver essa questão de não querer casar.... Eu vim para casar, eu fui no consulado, a gente ia casar aqui e ia casar no Brasil, então... Mesmo porque eu vim para cá por uma questão de saúde familiar, então ia ficar mais um tempo para casar aqui e depois casar lá. Mas eu resolvi não casar. Eu podia ter casado e hoje estar legalmente aqui, mas várias questões me fizeram pensar que não valeria a pena.

**E.: Acha que a experiência de imigrante mudou de alguma forma a maneira como encara a vida?**

e.: Bastante, bastante, mas não desejo a ninguém. É uma experiência dolorosa que não desejo a ninguém. Eu acho que o imigrante passa muito, mas não quer ir embora. Ainda mais hoje com a economia que Portugal está, é pior ainda. Mas a maioria não quer porque é uma questão de não querer regressar por uma questão de vergonha, de projeto falhado. Mas tudo na vida é um recomeço, ou aqui ou lá ou em outro lugar, tudo é um recomeço. Então, “ah, você está indo para ficar?”. Não. Até no início eu pensava, que eu estava aqui e que o meu projeto era ficar. Mas não, eu tiro isso... como se diz, eu vim por algum motivo, cumpri a minha missão e estou voltando para lá e lá eu vou refazer a minha vida.

**E.: Mas acha que vai conseguir voltar ao mesmo trabalho?**

e.: Talvez, talvez. Pelo menos eu vou voltar para o seio da minha família, dos meus amigos, para isso eu vou voltar. Talvez não para o mesmo trabalho, talvez para um trabalho melhor (risos). Então tudo é um novo, mas é um novo mais seguro.

**E.: E com as suas redes...**

e.: É, é o meu país, é a minha nação. Então, eu não tenho preconceitos desses. Mas aqui, por exemplo, eu não poderia viver... Eu sabia que é ruim de trabalho, mas eu poderia trabalhar como nesse trabalho que me apareceu agora de geriatria. Seria ótimo, para mim seria uma dádiva. A questão é que eu fui numa família que eu não quis ficar porque era um outro contrato, de que hoje é isto e depois não ser... Eu dou muito valor



ao que você fala, ao que é combinado. Então eu resolvi sair e não querer, é um direito meu. Mas eu estou indo com o dever cumprido de alguma coisa.

**E.: Não se pode dizer que se tenha sentido integrada aqui?**

e.: É.

**E.: Bom, agradeço-lhe muito a entrevista.**

| <b>Análise vertical à entrevista n.º 3</b> |   |                 |
|--|---|-----------------|
| <b>Inquérito 13_10</b>                     |   |                 |
| <b>Dimensões e categorias de análise</b>   | <b>Dados/ Sínteses</b>  | <b>Excertos</b> |
| <b>I. Dimensão social</b>                  |   |                 |
| Características sociodemográficas          | <p><b>Género:</b> Feminino</p> <p><b>Idade atual:</b> 48 anos</p> <p><b>Idade de emigração:</b> 47 anos</p> <p><b>Estado civil:</b> união de facto, o companheiro é português</p> <p><b>Nível de escolaridade no Brasil:</b> Ensino médio/ profissionalizante completo</p> <p><b>Nível de escolaridade em Portugal:</b> Ensino médio/ profissionalizante completo</p>   |                 |
| Zona de residência                         | <p><b>Concelho e freguesia de residência:</b> Porto</p> <p><b>Composição étnica das vizinhanças:</b> Massarelos</p>   |                 |
| Composição de classe                       | <p><b>Última ocupação no Brasil:</b> secretária executiva</p> <p><b>Primeira ocupação em Portugal:</b> empregada doméstica</p> <p><b>Ocupação atual em Portugal:</b> desempregada</p> <p><b>Lugar de classe individual no Brasil:</b> PBTEI</p> <p><b>Lugar de classe individual em Portugal à chegada:</b> PBE</p> <p><b>Lugar de classe individual atual:</b> PBE</p> |                 |

|   |  |   |
|---|--|---|
|   | <p><b>Lugar de classe de família de origem:</b> BEP</p> <p><b>Lugar de classe de família de pertença:</b> BEP</p> <p><b>Disposições em relação à carreira profissional</b></p> <p>Apesar de ter vindo para Portugal sem pretensão de ingressar no mercado de trabalho porque veio para se juntar ao companheiro, que tem uma situação económica e financeira consolidada, os problemas familiares fizeram-na decidis sair de casa e ter que procurar um trabalho. A experiência profissional foi de curta duração, tendo trabalhado numa casa de família como empregada doméstica, mas a diferença entre o que tinha sido combinado e o que o trabalho que a entrevistada estava, de facto, a realizar, fizeram-na deixar o emprego.</p> | <p>“Eu sou uma mulher que sempre trabalhei, eu tinha a minha vida lá, entendeu? Tinha a minha vida independente, tinha carro, meu apartamento. Tinha uma vida... como se diz, “maravilhosa”. Então eu vim, não com essa expectativa de trabalhar para sobreviver porque eu não preciso disso, eu estava bem. Mas, por algumas questões familiares, as coisas não foram como na minha expectativa e o emprego veio como uma necessidade de complementar alguma coisa para mim. Eu queria ter meu dinheiro, ser independente aqui, mas aí eu também não encontrei nada que fortalecesse a vontade de permanecer aqui.”</p> <p>“Então eu arrumei uma casa de família, que por sinal as crianças são uma gracinha, mas ela falou comigo uma coisa que era das oito às oito, quando eu acordava às seis da manhã, dormia nem direito... Então eu não fiquei, não justificava e agora eu arranjei um, finalmente, me ligaram ontem. É uma firma de geriatria, uma empresa que trabalha com idosos, mas é um trabalho que não é dormir, ou um trabalho das oito horas ao final da tarde, um trabalho em grupo, sabe? (...) Mas aí eu não pude aceitar por já estar indo embora.”</p> |
| <p><b>II. Percursos migratórios</b></p> | <p><b>Outros países:</b> Não</p> <p><b>Tempo de permanência:</b> 1 ano</p> <p><b>Tipo de rede migratória:</b> legal</p> <p><b>Com quem veio:</b> sozinha</p> <p><b>Aprofundamento das razões de vinda para Portugal</b></p>  | <p>“É, eu vim para cá para me juntar ao meu companheiro que vivia aqui. Morámos no Brasil e ele veio primeiro para cá porque aqui</p>   |

“Para se juntar à família”

A entrevistada veio para Portugal por razões passionais. Deixou o trabalho, a casa e a família no Brasil para se juntar ao companheiro em Portugal.

### **Dificuldades encontradas em Portugal**

As diferenças de valores com que se deparou foram as maiores dificuldades que encontrou e estão mesmo na base da sua decisão de regressar ao Brasil. A entrevistada remete frequentemente para experiência familiar que teve, junto do seu companheiro e da família deste, mas também acusa a sociedade, em geral, de viver em “isolamento”, de sobrepor os valores económicos aos demais valores e das pessoas viverem dependentes do Estado.

Sente-se até, de certa forma, surpreendida com o que acabou descobrir sobre Portugal. No Brasil afirma ter convivido com portugueses, ter uma tia casada com um português e viver numa cidade onde a colónia portuguesa é enorme. Todos esses fatores a faziam ter uma imagem positiva dos portugueses. Tudo mudou quando imigrou.

ele tem família, amigos... e ele acabou vindo. Ele é daqui do Porto.”

“Eu vim porque ele veio, ele é daqui, tem uma vida aqui também e eu acabei vindo. (...) Só que aqui as coisas mudaram, então, eu tive que me colocar no mercado de trabalho (...)”

“ (...) mas aí eu decidi voltar para o meu país, para a minha família... Aqui é um mundo e são valores diferentes ao qual eu me dececionei porque eu montei um projeto de vida que não foi esse, as expectativas eram outras. E lá nós temos valores de família, somos muito unidos, todo mundo convive. Aqui não tem esse hábito de convivência, porque o filho não procura o pai, o pai é uma pessoa isolada, sempre procurou por outros valores, por questões económicas e isso choca um pouco, sabe? É muito isolado aqui, não têm o hábito de frequentar a casa de ninguém e eu não sei viver assim, num mundo só. Eu sei viver coletivamente e aqui ninguém é assim. Por exemplo, toda a família que eu conheci tem alguma coisa dentro da sua família, por exemplo, um filho não convive com a mãe, um filho não procura o pai, o pai não procura o filho... (...) A gente está num mundo muito globalizado e eu não vou ficar isolada. Ele é uma pessoa que está isolado, que também quer ir embora para o Brasil, mas eu não posso aguardar as decisões dele.”

“Eu saí da minha casa por questões familiares, por questões externas e eu passei muitas dificuldades. Se eu não fosse uma pessoa resolvida, se eu não fosse muito ativa, eu não arranjaría um emprego. Podia não trabalhar, conheci muitos portugueses que não fazem isso, mas também o governo paga para não fazer, então eles preferem ganhar e não trabalhar. É bom de mais você ganhar um dinheiro, um pouco, mas é bom sem ter que trabalhar. Você tem que concordar, Portugal está na bancarrota porque a maioria ganha, não é, daí a crise do governo. Também por isso

|  |  |  |
|--|--|--|
|  | <p><b>Intenções de regressar ao Brasil quando emigrou</b></p> <p>Vendeu tudo o que tinha no Brasil e veio para Portugal com a intenção de ficar.</p> | <p>que eu estou querendo sair.”</p> <p>“Eu não sou portuguesa, mas a minha tia era casada com um português da região de Trás-os-Montes, meus primos todos têm cidadania, e sempre tive boas informações. E lido com pessoas portuguesas no Brasil, porque no Brasil tem milhões de portugueses. A colónia portuguesa lá é enorme, no Brasil inteiro... Na minha cidade mesmo desde infância convivi com portugueses, mas nunca pensei mal, nunca tive uma ideia diferenciada, de forma alguma. Lá nós lidamos com imigrantes portugueses, com pessoas maravilhosas, alguns que se deram muito bem no Brasil... alguns voltam por opção. Eu tive uma ideia diferenciada aqui, a partir do momento que eu vivenciei algumas coisas e que eu presenciei como é uma família dentro dessa família que eu fiquei, mas creio que não é generalizado, que não são algumas.”</p> <p>“ Mas tudo na vida é um recomeço, ou aqui ou lá ou em outro lugar, tudo é um recomeço. Então, “ah, você está indo para ficar?”. Não. Até no início eu pensava, que eu estava aqui e que o meu projeto era ficar. Mas não, eu tiro isso... como se diz, eu vim por algum motivo, cumpri a minha missão e estou voltando para lá e lá eu vou refazer a minha vida.”</p> |
| <p><b>III. Dimensão cultural</b></p> <p>Redes de sociabilidade</p> | <p><b>Redes à chegada a Portugal</b></p> <p>Tinha o companheiro.</p>   | <p>“ É, eu vim para cá para me juntar ao meu companheiro que vivia aqui. Morámos no Brasil e ele veio primeiro para cá porque aqui ele tem família, amigos...”</p>   |

### **Redes de sociabilidade primárias**

As suas redes estão associadas ao CCSR, como se explora abaixo. Do ponto de vista familiar, tem o companheiro que é português, mas revela relacionar-se mal com os seus familiares, principal razão pela qual saiu de casa do companheiro e vai regressar ao Brasil.

### **Aprofundamento das disposições relativamente aos grupos com que o entrevistado se relaciona menos ou não se relaciona e as justificações em torno dessa situação.**

Não teve tempo para construir amizades. Conhece e relaciona-se com pessoas de várias nacionalidades fruto de se ter envolvido nos “grupos de interação” no CCSC.

### **Aprofundamento das razões e motivações subjacentes à pertença ou ausência de pertença às diferentes organizações ou grupos de apoio.**

Frequenta, colabora e chegou a ser acolhida pelo CCSC. Ter sido acolhida pelo CCSC foi uma questão de necessidade, mas o facto de já estar envolvida nas atividades do Centro facilitou o processo.

“ A partir do momento que estávamos aqui, que a família dele sabia coisas piores que a família nem podia saber, nem eu, também não moro com eles, nem preciso morar com eles, tenho minha casa aqui, mas eu acabei largando ele por causa dessas questões da família, como também estou indo embora por isso, porque eu sou super nova...”

“ (...) logicamente que eu convivi com pessoas que não têm nada a ver com o ciclo de convivência minha, nem no Brasil nem aqui seria, mas eu tiro isso como uma dádiva, um aprendizado de vida que eu tinha que passar mesmo. E aí o que eu fiz foi, já que eu estou aqui, eu vou fazer alguma coisa que eu possa-me inteirar dentro da condição de cada um e daí que comecei a ajudar algumas pessoas, a conviver, e realmente ajudei algumas pessoas aqui.”

“ A partir do momento que estávamos aqui, que a família dele sabia coisas piores que a família nem podia saber, nem eu, também não moro com eles, nem preciso morar com eles, tenho minha casa aqui, mas eu acabei largando ele por causa dessas questões da família, como também estou indo embora por isso, porque eu sou super nova... E aí eu vim para cá [Centro Comunitário São Cirilo] porque foi o único lugar de apoio que eu tinha para ser apoiada e agora eu tenho minha passagem marcada e eu vou.”

“O Centro foi uma informação de uma amiga... Foi uma brasileira que eu conheci aqui porque, na realidade, eu não conhecia ninguém aqui. Conheci esses brasileiros e eles me

|                                      |  |   |
|--------------------------------------|--|---|
| <p>Estereótipos e representações</p> | <p><b>Relato de situações em que foi vítima de preconceito e/ou discriminação</b></p> <p>Sentiu-se discriminada pelos serviços de saúde públicos, nomeadamente, no centro de saúde da sua área de residência. Situação que o companheiro ajudou a resolver, tendo de entrar em contacto direto com o ministério da saúde. Mais</p> | <p>indicaram aqui por uma questão do RH [Recursos Humanos]. Foi aí que eu conheci a Maria José para fazer, sabe, de como era o lado para montar uma estrutura profissional como eu queria, não é. Como processar dentro do mercado, porque eu sou imigrante, como seria fazer o meu currículo aqui... Essas coisas, entende? Eu vim para isso e aí a Maria José me ligou aquela vez para fazer parte daquele debate do dia da mulher e aí eu comecei. A partir daí eu tive um bom relacionamento com eles. Por isso que quando eu precisei ficar dez dias a diretora falou logo “você fica”. O que foi ótimo porque isso me ajudou muito a inteirar e a perceber como é uma realidade como essa.”</p> <p>“ Por uma sorte, foi uma questão assim, foi coisa de três dias. Porque eu já estava frequentando bastante aqui pela questão do meu envolvimento com esses grupos de interação, sabe, então aí também facilitou porque o meu contacto com as doutoras era muito grande, independente de estar necessitando. Quando eu vim pedir o auxílio, o apoio, eu já tive imediatamente, entende?”</p> <p>“ E eu não tenho que reclamar, foi maravilhoso enquanto eu tive que ficar. Existem problemas, é uma instituição com problemas, mas existem normas, e têm que existir mesmo (...)”</p> <p>“ Não, eu só senti no início, na parte da saúde. Demoraram a me atender e eu tenho um documento que eu trouxe do Brasil por causa do acordo bilateral e que é um documento da saúde, como que um seguro de saúde, e que dá direito ao atendimento num centro de saúde. Mas todo o dia eu ia lá e eles me faziam voltar, falavam que não dava, “você tem isto, tem isto...”. Aí começamos a perceber que era um lado de discriminação. “Mas como assim, tenho que ser portuguesa?” Ele [companheiro]</p> |
|--------------------------------------|--|---|

tarde receberam um pedido de desculpas por carta.

**Perceber se os estereótipos em relação aos brasileiros têm fundamento; se favorecem ou dificultam a integração dos brasileiros em geral na sociedade portuguesa; e se favorecem ou dificultam o estabelecimento de relações sociais.**

Reconhece que muitas mulheres brasileiras, sobretudo do nordeste do Brasil, vem para Portugal para se prostituir fruto de viverem numa região economicamente pobre, o que as leva a ter de recorrer à prostituição para sobreviver. Em consequência dessa situação todas as mulheres brasileiras são vítimas desse preconceito.

No caso da imagem dos brasileiros enquanto um povo preguiçoso e pouco trabalhador, a entrevistada considera que não existe qualquer fundamento e que, pelo contrário, essa é uma imagem que vê existir entre portugueses, não entre os brasileiros.

acabou ligando para o ministério da saúde, dando um basta nisso tudo e aí começou a me atender. Aí nós recebemos uma carta, com um pedido desculpa, eu até tenho ela comigo, pedindo desculpas e que a partir daquele dia eu podia ir lá e marcar a minha consulta e tal. O meu documento de acordo bilateral não é conhecido porque em qualquer circunstância teria que ter sido aceite independente da carta.”

“Há, certamente. Só que não são todas que têm que pagar, não é? E a maioria, infelizmente, sai com um ideal de estar aqui, ganhar esse dinheiro aqui... (...) Lá é uma nação dividida por vinte e seis estados, então, geralmente, aquilo que eu percebi aqui, é que as mulheres que vêm muito para isso são sobretudo do nordeste, do norte do Brasil, de uma carência económica e social enorme. (...) Porquê que acontece delas vir? Porque o destino preferido da Europa é o nordeste do Brasil por causa das praias paradisíacas e dali é lógico que tem realmente uma enorme prostituição. Até existem crianças que são oferecidas pelos pais... porque a pobreza é muito grande ali. O Brasil é um país enorme e a situação social da pobreza é uma realidade, então é o que você vê aqui, muita gente do norte do meu país. (...) Agora, no tempo que eu estou aqui eu nunca vi “ah, você é do Rio de Janeiro, você é do Rio Grande do Sul”. Não, são sempre da Bahia, do nordeste, então, isso influencia muito porque realmente, infelizmente, algumas pessoas pagam por isso.”

“Pelo contrário, se no Brasil tivesse preguiçoso nós não teríamos hoje conseguido dar a volta por cima. Agora, o português é que está muito preguiçoso, o governo de Portugal tem culpa no que está acontecendo. É uma nação com mais idosos. O meu país é



|                                     |   |  |
|-------------------------------------|---|--|
|                                     | <p><b>Perceber se já utilizou algum tipo de comportamento fora do habitual ao relacionar-se com portugueses temendo algum tipo de discriminação. Se sim, pedir para relatar a situação.</b></p> <p>Devido à forma reativa e desagradada que a entrevistada revelou face à sua vivência em Portugal, esta questão não se colocou como pertinente.</p>  | <p>diferente, no meu país são mais jovens, cada vez mais, então, a tendência é crescer. Então, o brasileiro não é preguiçoso.”</p>   |
| <p><b>IV. Dimensão política</b></p> | <p><b>Vivência de uma situação de irregularidade ou ilegalidade perante as autoridades portuguesas</b></p> <p>A entrevistada viveu toda a sua estadia em Portugal em situação irregular, mas nunca teve qualquer problema com isso e regressa para o Brasil exatamente como veio para Portugal “por livre e espontânea vontade”.</p> <p>Afirma que ter-se casado com o companheiro, português, podia tê-la ajudado no processo de regularização, mas como a sua vida familiar não correu como era esperado, acabou por nunca o fazer.</p> <p><b>Estatutos especiais</b></p> <p>Não se aplica.</p> | <p>“ Eu sou uma imigrante irregular, não posso viver neste país, mas também posso ir embora à hora que eu quiser porque eu não tenho nenhum documento que a polícia de imigração me passou, não. Estou indo embora por livre e espontânea vontade minha, estou indo embora voluntariamente. (...) Eu até tenho um cartão do CNAI porque eu fui lá pedir umas informações, mas nunca me cobraram.”</p> <p>“Na realidade, se eu quisesse casar teria casado porque ele quer, mas eu não quis casar. (...) Eu podia ter casado e hoje estar legalmente aqui, mas várias questões me fizeram pensar que não valeria a pena.”</p> |
| <p><b>V. Auto</b></p>               | <p><b>Percepção da própria situação de integração</b></p>   | <p>“É uma experiência dolorosa que não desejo a ninguém. Eu acho</p>   |

|                          |   |   |
|--------------------------|---|---|
| <p><b>percepções</b></p> | <p>Classifica de “dolorosa” a experiência de ser imigrante e que muitos só não regressam ao Brasil porque têm vergonha de revelar o projeto falhado.</p> <p><b>Percepção da sua qualidade de vida atual</b></p> <p>No Brasil tinha uma vida estabilizada, em Portugal conheceu um contexto de crise que a impossibilitou de encontrar um emprego que lhe permitisse manter o mesmo nível de vida que tinha anteriormente, chegando mesmo a passar dificuldades quando dependia só de si. Só durante o tempo que viveu junta com o companheiro é que a sua vida não foi tão má.</p> <p><b>Percepção em relação ao futuro: intenção de regressar ao Brasil</b></p> <p>Tem viagem marcada de regresso para o Brasil.</p> | <p>que o imigrante passa muito, mas não quer ir embora. Ainda mais hoje com a economia que Portugal está, é pior ainda. Mas a maioria não quer porque é uma questão de não querer regressar por uma questão de vergonha, de projeto falhado. Mas tudo na vida é um recomeço, ou aqui ou lá ou em outro lugar, tudo é um recomeço.”</p> <p>“Eu saí da minha casa por questões familiares, por questões externas e eu passei muitas dificuldades. Se eu não fosse uma pessoa resolvida, se eu não fosse muito ativa, eu não arranjaría um emprego.”</p> <p>“ (...) a economia do país está um caos e eu não esperava em nenhum momento de mudança para pior, cada dia pior, e vai ficar pior, todo o mundo fala... Então, tudo isso influenciou um pouco também... Como eu tinha uma vida ativa profissional, eu achei que aqui podia encontrar algo, mas na realidade...”</p> <p>“ (...) como se diz, eu vim por algum motivo, cumpri a minha missão e estou voltando para lá e lá eu vou refazer a minha vida.”</p> <p>“ Pelo menos eu vou voltar para o seio da minha família, dos meus amigos, para isso eu vou voltar. Talvez não para o mesmo trabalho, talvez para um trabalho melhor (risos). Então tudo é um novo, mas é um novo mais seguro.”</p> |
| <p><b>Outros</b></p>     |   |   |

## Transcrição de entrevista n.º 4

|                                 |  |
|---------------------------------|--|
| <b>Inquérito</b>                | 11_6   |
| <b>Entrevistada</b>             | Mulher, 32 anos, operadora de caixa.<br>Foi selecionada porque mencionou pertencer à Igreja Renovação Batista que frequenta semanalmente ou mais e, apesar disso, afirma não ter amigos em Portugal.<br>Chegou a Portugal em 2005 à procura de trabalho/ melhores condições de vida; ingressou num projeto de imigração em família (juntamente com marido e filha – ambos brasileiros); possui o ensino médio/profissionalizante que completou no Brasil; no Brasil fazia atendimento ao balcão numa farmácia; em Portugal teve como primeira ocupação ser manicure; no trabalho e vizinhança relaciona-se sobretudo com portugueses; foi vítima de discriminação e/ou preconceito por razões étnicas. |
| <b>Data da entrevista</b>       | 8 de junho de 2011   |
| <b>Local da entrevista</b>      | Casa da entrevistada   |
| <b>Duração da entrevista</b>    | 50min  |
| <b>Hora de início (aprox.)</b>  | 14h30  |
| <b>Hora de término (aprox.)</b> | 15h20  |

**E: Bom, começando pelo início, dizia-me no inquérito que veio para Portugal no fundo à procura de melhores condições de vida, de trabalho e melhores condições de vida. Só para perceber mais ou menos a sua situação no Brasil. O que é que fazia?**

e.: Trabalhava lá numa farmácia do Brasil, no projeto Fundação Oswaldo Cruz com o governo federal... O meu marido trabalhou sempre numa seguradora, auditor de

seguros. E na altura, ganhava-se bem, depois foram cortando regalias...salário, alimentação, tudo...

**E: Exatamente o que é que você fazia lá? Qual era a sua função?**

e.: Era atendente.

**E: No balcão?**

e.: Sim, sim. É um projeto... e a gente atendia no computador. Para mim não estava ruim, para ele, tem um irmão em Lisboa, ficou chamando, convidando e tudo e resolveu vir. Viemos os três, a menina tinha quatro anos na altura... E depois chegamos aqui, passados dois meses o irmão dele dispensou. E aí...

**E: Ficaram numa situação complicada.**

e.: Ficamos...mas eu já estava trabalhando...

**E: Conseguiu emprego aqui quanto tempo depois de ter chegado?**

e.: Um mês e pouco, porque eu lavava carro no *Holmes Place*, é um emprego de lavar carro a seco e a pensão era em cima. Então, lavava o carro lá e deu certo. Depois falei com a Carla Teixeira, que é a mulher do Aurélio Palha, do Boi na Brasa, e arranjou para ele. Ficou lá quatro anos, saiu o ano passado.

**E: E atualmente o que é que está a fazer?**

e.: Trabalho no Ikea, na caixa.

**E: Trabalha na caixa, sim.**

e.: E trabalho num café lá no MarShopping.

**E: Portanto, acumula os dois trabalhos?**

e.: Os dois. Se para dois lá porque para três dá muito pouco.

**E: E relativamente ao Brasil, em comparação, sente-se melhor aqui, sente que tem mais qualidade de vida?**

e.: Na altura que vi que... Estava com o carro zero, estava com a vida organizada... Foi tudo, assim, foi tudo muito rápido. Foi cortando e tudo, ele depois trabalhava de carro e

eles reduziram e quase pagava para trabalhar... E depois quando a gente chegou aqui, chegamos em janeiro, e depois foi em junho, fiquei três meses e aí melhorou muito. Melhorou bastante. [explicação: chegou em Janeiro e o marido ficou a trabalhar com o irmão durante dois meses, período ao qual se seguiram três meses de desemprego].

**E: Quais eram as expectativas que trazia para Portugal relativamente aqui à vida e se de alguma forma ficou decepcionada?**

e.: Não, não. A gente conseguiu...Desde o primeiro ano, com as todas as dificuldades e tudo, a gente conseguiu juntar, sempre mandando dinheiro. Compramos um lote lá, acabamos de pagar esse lote o ano passado, foi puxado, porque já sabia que não ia dar conta porque quando eu estive lá o lote praticamente triplicou de preço. E...acho que foi bom o crescimento e tudo.

**E: Pensa em regressar ao Brasil?**

e.: Penso, mas tenho um pouco de receio por causa da menina. Acho que a escola aqui oferece muito mais... Por exemplo as artes, o voleibol. No Brasil, isso tudo ainda é caríssimo. Tenho uma irmã que tem uma menina da mesma idade dela e que paga novecentos reais da escola da menina. Então...

**E: Claro. Acaba por gastar...ter outras despesas.**

e.: Aqui, vive-se melhor, alimentação, tudo, essas coisas. A questão de vestimento, isso é que complicou, é tudo muito corrido, trabalho muito também, mas a nível de qualidade, de segurança e principalmente a escola...porque ela é muito estudiosa e fico com pena...

**E: E você conseguiu sempre estar regularizada aqui?**

e.: Eu regularizei através dele, porque deu contrato aos dois e regularizei através dele, do agregado familiar. Ainda demorou, foi dois ou quase três anos.

**E: E já passou por algum processo de alguma dificuldade de legalização, de regularização no SEF?**

e.: Sim, passei, porque o SEF... Ia constantemente lá, trabalho e tudo, tive um pouco de dificuldades com isso.

**E: Mas chegaram-na a notificar?**

e.: Não. A gente só conseguiu quando saiu aquela lei do acordo do Lula, e esse artigo oitenta e oito.

**E: Sim, sim. Portanto, com o acordo deixaram de necessitar de levar ao Brasil para regularizar a vossa situação, não é?**

e.: Sim, sim. Tinha que ir no Brasil, em Brasília e é muito dinheiro...

**E: Tinha medo quando estava nessa situação?**

e.: Não, nem era medo. Era uma questão mesmo financeira porque não sabia quanto tempo que ia ficar lá...e ficava complicado você ter que deixar trabalho e tudo. E depois esse acordo ajudou, só que demorou um tempo.

**E: Muito bem. E relativamente à Associação Mais Brasil tem um contacto frequente com a Associação?**

e.: Completamente!

**E: Portanto, é em termos de informação que recebe?**

e.: Sim, através do Facebook e nos e-mails. Nós fomos a Fátima através deles e, no início também quando eu cheguei, porque muita gente dizia “Ah não pode, não tem direito a crédito porque são ilegais”. Eu acho que ajudou muito porque as pessoas falavam “Não, não tem direito a nada, não pode passar na porta e falar...” Questões de saúde e assim eu ficava preocupada que acontecesse alguma coisa e, então, eu fui lá. Até foi uma colega que me falou para eu ir lá porque eu perguntava algumas coisas e ela “não sei porque não tenho criança” e me deu o endereço, era na Rua das Flores. Aí eu fui e me explicaram que criança é de lei mundial, tem direito a saúde, educação. Foi aí que eu fiquei mais firme, perdi o medo porque eu tinha até medo de ir nas creches e tudo. Tudo eu tinha medo de me denunciar e aí... consegui na casa praça de Cedofeita, não tinha vaga ainda, fui indo, insistindo. Fui, tirei o cartão também lá na Carvalhosa, no centro de saúde... Então, houve um monte de coisas, de informações.

**E: Que até então não tinha e que eles ajudaram a perceber que não é preciso estar num...**

e.: Ajudou muito na altura.

**E: Desde então, não participou em alguns eventos?**

e.: Não, por falta de tempo. Já tive até interesse em alguns, mas... Nós até já tivemos em Fátima através deles, foi muito bom, uns dois, três dias... Tenho sempre notícias, mas trabalho muitas horas.

**E: Mas de alguma forma eles foram-lhe úteis nessa fase da sua vida.**

e.: Foram e também informações, estão sempre informando, os eventos que tem, internacional, essas coisas...

**E: E também no seu inquérito, disse que pertence à Igreja... ao Movimento de Renovação Carismático Católico.**

e.: Lá no Brasil e aqui... Agora estou na Renovação que é Baptista, que um colega meu convidou, na altura quando cheguei do Brasil. Estou gostando, as pessoas são simples, têm muito...

**E: Na Igreja, são sobretudo portugueses?**

e.: São, tem poucos brasileiros lá. São portugueses, que costumam acolher muito bem, muito atenciosos até... No sábado vão fazer um ofertório e tudo.

**E: De alguma forma, a Igreja vos apoia nesta questão de imigração...**

e.: Apoia. Sempre falamos na Igreja, eles gostam muito do Brasil. O Pastor, o filho dele esteve meses lá e ele... então a gente fala. A Igreja tem uma coisa interessante, tem uma creche na África... Assim, gosto da maneira deles. O trabalho que eles desenvolvem, acho que é bem. Estão sempre fazendo alguma coisa.

**E: A si, em particular, é mais a questão da fé que...**

e.: Sim e gosto também, não tenho muita, entre aspas, aquela enrolação. Acho que são mais diretos e não têm aquela... não são muito falativos, aquela coisa... considero uma amiga deles, têm pouco tempo, têm pouco tempo nada, eles abriram em setembro. É, foi a partir de janeiro.

**E: E este encontro com a Igreja daqui de Portugal deu-se muito pela ligação que já tinha o Movimento no Brasil?**

e.: Não, porque é completamente diferente. A minha família toda é católica e a família do meu marido são evangélicos a maioria. Sempre houve esse desencontro de nós dois, porque ele me acompanhava, mas não gostava. Então, fui deixando de ir também principalmente aqui, por comodismo, cansaço e tudo...

**E: Tomou conhecimento por alguém...?**

e.: Um colega de trabalho que convidou.

**E: É um apoio no fundo, sente-se confortável indo ao culto?**

e.: Sim. Participam, apadrinham uma criança lá na África e faz doação todos os meses, é um trabalho bonito deles, tratar de crianças que foram abusadas, em bebê e tudo, muita história triste, que são queimadas pelos pais. Um trabalho muito interessante. Recolhem alimentos, roupas e mandam para lá...

**E: É sobretudo um trabalho com o exterior?**

e.: E aqui também faz.

**E: Ok. Dizia no questionário que já se sentiu vítima de preconceito e alguma discriminação, sobretudo por razões étnicas, ligada ao fato de ser brasileira. Podia-me relatar em que situações é que isso aconteceu?**

e.: Muita vez, já. Mesmo na caixa do Ikea e o pessoal fala “O quê? Fala português!”. Às vezes é aquela ignorância que você olha e que dá vontade de... Já muitas vezes, clientes, são grossos porque estão mal de vida, mas isso só acontece com você. Houve uma senhora “Coloca no saco.” / “Desculpe mas não tenho autorização.” / “Mas eu estou mandando colocar. Ah, mas vocês são muito engraçados, os brasileiros vêm para cá e acham que...”, tem muito isso. Meus chefes às vezes dizem “Olhe não dê ouvido, que essa pessoa nem vale a pena”. Porque eles já escutaram muitas vezes... E até tenho uns colegas que comentam com o chefe “Ai, me deu vontade...! Ela toda educada a dizer que não podia e eles “ah vem do Brasil para cá...” E acho que tem muito isso nas lojas também, às vezes a gente entra. Ainda agora, comprando roupa de bebê, elas vêm todas educadas, mas quando você pergunta o que quer, a pessoa fica assim... Acho que ainda tem muito isso...



**E: E relativamente por exemplo à ideia da mulher brasileira associada muito à prostituição. Já sentiu algo desse tipo?**

e.: Sim, no café principalmente. Tem sempre aquela boca, não é? Pessoas que diziam, até as colegas de trabalho diziam “Português para arrumar uma brasileira basta ir no talho comprar picanha”, tem sempre essas brincadeiras, tem muito. O sabor do café até estava diferente, por ser da brasileira...tem sempre essas coisas, mas eu nem ligo.

**E: Teve alguma dificuldade em arranjar emprego por ser brasileira, por exemplo?**

e.: Isso foi por causa do visto, mas não. Depois até que não, porque eu aguentei no Mostarda quando saí do salão e depois fui para o restaurante...

**E: Sim, sim...**

e.: Até quando fui tentar a vaga no Ikea, toda a gente dizia “Ah, que pretensão!”. Fui chamada três vezes, em contrato especial de seis meses e depois fiquei efetiva. Eu falava “ eu vou ficar aqui, não desiste, faz...”. O ambiente de trabalho é completamente diferente e acabou que fiquei.

**E: E alguma vez foi vítima de discriminação, por exemplo no SEF ou no centro de saúde? Ou em alguma instituição pública...**

e.: Não! É assim, de um modo geral não gosto, mas não. Não sei...Centro de saúde... Não.

**E: Queria ainda perguntar se de uma forma geral se considera uma pessoa integrada na nossa sociedade?**

e.: Sim. Eu gosto muito daqui, já me acostumei...já me acostumei com as pessoas, no início também era mais complicado falar, mas deu um jeito... Amigos a gente quase não têm aqui, também não preciso... Tenho mais contato com portugueses também do que com brasileiros no fundo. Uma pessoa frequenta muitos lugares brasileiros e tem muita bagunça, muita farra, aquela moleza assim de brasileiro.

**E: É muito engraçado isso de querer relacionar-se sobretudo com...**

e.: Nunca fui a discoteca, nada! No horário de trabalho a conversa do brasileiro é o churrasco. Os portugueses, antigamente não, eu já vejo isso, mas são mais diretos, são mais sinceros, assim... Sofria no início, mas agora já me acostumei e aprecio esse

ambiente, até no trabalho porque vocês são mais sinceros do que os brasileiros. Não gosto e evito mesmo... Infelizmente o brasileiro envolve ainda muita bebida e acho que até mesmo prostituição, ainda tem muito.

**E: Portanto, aquilo que estávamos a falar de haver um certo preconceito, no seu entender isso tem algum fundamento?**

e.: Eu acho que sim! Eu acho que sim. A minha irmã, por exemplo, mora em Matosinhos e está no meio e aí... Eu por exemplo trabalho longe, demoro um tempo de deslocação de autocarro, metro, mas nunca quis-me mudar lá para o meio porque tem muitos brasileiros e tem assim muita coisa, muita droga e separações entre casais...

**E: E acha que esse tipo de práticas ajuda a, no fundo, que se perpetue uma imagem que os portugueses têm sobre os brasileiros e com isso prejudica a todos de uma forma geral?**

e.: Acho que sim! Muito...quando acontece esse tipo de coisas, tipo brincadeiras e tudo, às vezes nem culpo, porque no fundo têm razão...

**E: E vocês depois acabam por ser prejudicados por esse tipo de comportamento?**

e.: Aluguer, gente que vai embora e leva as coisas todas da casa e sai sem pagar, tem também muitos colegas dele que às vezes que não pagam crédito no banco e tudo. Tudo isso prejudica muito nós.... Uns pagam pelos outros.

**E: Claro. Atualmente tem visto de residência. Tem em vista pedir algum visto de nacionalidade?**

e.: Ainda não sei assim, porque por exemplo quando se começou a falar muito da crise aqui e tudo, o que ia acontecer, a gente tinha um dinheiro guardado porque o meu marido no mês de dezembro trabalha a *part-time*, então é o mês no ano que ele mais ganha dinheiro, a gente até comprou geladeira, fogão, máquina de lavar, umas coisas mais essenciais. E eu deixei guardado da minha mãe, não sei o que vai acontecer. Falam muito desemprego e tudo...

**E: Ficou preocupada com a situação?**

e.: Fiquei preocupada e como a gente tinha esse dinheiro guardado, estava até com medo de ter esse dinheiro aqui no banco.

**E: A esperança das pessoas que ficaram lá é que vocês regressassem?**

e.: Meu pai e minha mãe não me fala nada, não palpita nada... Mas minha mãe já veio duas vezes, meu pai também já veio duas, minha tia... Às vezes a gente até brinca que devemos ser os imigrantes que mais recebemos visitas. A minha tia vem agora em agosto de novo, a minha irmã também, a minha irmã casula. Já tenho duas visitas em agosto.

**E: Mas tem noção do facto de ter a sua filha pequena aqui, de ela estar a crescer aqui, a criar os seus próprios amigos, isso pode... Por exemplo, se vocês não tivessem a menina, seria mais fácil voltar...**

e.: Seria mais fácil. Eu sinto falta do convívio, o que eu sinto falta mesmo é do convívio que a gente tinha na casa nossa, na casa do pai, da mãe. Não trabalhava sábado nem no domingo e viajava muito. Nós somos lá de Goiás e na altura a gente ia. Chegava sexta-feira e “vamos para Pirenópolis, vamos para Goiânia...”. Então deixava a menina com a minha mãe, ficava sempre na casa da minha mãe. Só que as coisas mudaram e aqui, ainda se vive melhor, ainda.

**E: Apesar da dificuldade, acha que aqui na...**

e.: Acho que dificuldade... Meu pai até está sempre preocupado, me perguntando “Como é que está aí? Que aqui a imagem que passa, toda a gente preocupada e tal...”. Para já ainda não senti. Acho que muita coisa que mudou, está mudando, tem coisa que tinha que mudar mesmo porque este país facilita muito, tinha que ser cortado mesmo. Porque tanta gente... Eu sempre tive dois trabalhos, meu marido também sempre teve dois. Tem uns vizinhos aqui que vivem sem trabalho, mãe solteira, e ganham... é um absurdo, tem muita coisa mesmo que tem que ser mudada aqui. Mas... no início estava com medo, estava grávida e tudo. Porque não sei o que vai acontecer, se de repente tem que ir embora e ficar desempregado, mas agora a poeira baixou, está naquela. Tenho vontade de voltar um dia, a gente fala, mas fala mais porque o pessoal está sempre ligando.

**E: Consegue manter muito contacto com pessoas na Internet?**

e.: Todos os dias à noite. E ele tem um cunhado dele que veio passear, ele é cirurgião, e ele falou logo que quer que a gente vá embora de qualquer jeito “o que é que você quer,

quer acabar sua faculdade, eu pago sua faculdade, é só isso?'. Nós sempre falamos mas é porque tem muita afinidade assim também.

**E: No fundo, esses vossos laços que vocês têm lá é o que vos deixa mais balançados?**

e.: É. Porque chega o fim-de-semana, às vezes, e eles estão sempre em festa na casa do pai dele, são cinco irmãos, e ele vê e fica assim mais... Eu já me acostumei, mas ele fica triste e tal. A família dele gosta muito de churrasco e tudo, os irmãos...

**E: Ok. Acho que está tudo...não sei se queria acrescentar alguma coisa...**

e.: Não. É um trabalho do quê?

**E: Portanto, isto é no âmbito da minha tese de doutoramento e, no fundo, o que eu quero tentar compreender é quem são as pessoas na origem, que está no país de origem, no Brasil, e quem são as pessoas em Portugal. E, no fundo, é tentar perceber um bocadinho processos de mobilidade social, se a imigração potencia a precariedade, o desemprego ou se, pelo contrário, as situações são relativamente estáveis ou ascendentes, não é? Se conseguem efetivamente atingir um nível de vida superior e depois, no meio disto tudo, tentar perceber as ligações que se estabelecem, as discriminações de que as pessoas são alvo, porque temos sempre esta ideia que o Brasil porque tem esta grande proximidade com Portugal, e os brasileiros com os portugueses, não é uma... Achamos que somos todos muito abertos, que somos muito abertos aos imigrantes, aos brasileiros em particular, só que depois quando às vezes conversamos com as pessoas percebemos que é muito...a realidade é mais complexa e no fundo você própria viveu situações, vive diariamente situações menos agradáveis de pessoas que lhe fazem comentários desagradáveis devido à sua nacionalidade e etc. E nalguns casos isso é bastante dramático, porque ocorrem em meios profissionais e etc. No fundo é tentar perceber um bocadinho isso tudo...a ver se atinjo um padrão, tentar encontrar um padrão nestas imigrações...**

e.: O que eu vejo é que há algum racismo contra os brasileiros. Trabalham com pessoas brasileiras e dizem que gostam, mas contrato e tudo acho que demora muito tempo. A minha irmã, por exemplo, ela trabalha num restaurante tem dois anos, vai fazer três e agora é que deram contrato para ela, aqui se prolonga muito...

**E: E portanto também esteve irregular durante esse tempo todo?**

e.: Também. Principalmente no café, que é o que mais oferece. Que eu acho que se quiser não fica desempregada. Aqui eu nunca fiquei desempregada nem um mês! Acho que, quem quer mesmo, trabalho é que não falta!

**E: O problema é regularizar a situação...**

e.: Por exemplo, a minha irmã, ficaram enrolando, enrolando... Até fico com pena, mas fico colocando um pano quente porque ela é explosiva. Às vezes falava, davam contrato, mas eu sabia que não era mesmo contrato, e depois falavam “deu problema”. Sempre enrolando... E tem muito isso.

**E: É uma exploração da...**

e.: Sim. Tem muito ainda, eu acho. O meu marido, por exemplo, faz *part-time* todo o fim-de-semana, é um risco que eles correm, por exemplo, estar aqui com uma faca do churrasco, é uma arma branca. E eu fico com medo que ele seja abordado no metro, não tem segurança nenhuma, não é. *Part-time*, não tem recibo verde, não tem nada. E eu não sei o que acontece, porque muitas vezes vai o SEF e tudo e nunca acontece nada, não é? Falam sempre, mas põem pano quente, porque chegam e ficam por isso mesmo. Acho que isso...

**E: Deixam-vos inseguros?**

e.: Sim e acho um pouco...até desumano, não é?

**E: Claro.**

e.: É bom um *part-time*, mas... Eu também quando trabalhava, também fazia faxina, nunca paro, nunca parei. Sempre com alguma coisa, procurando. Tem quase um ano que eu parei porque também não tem férias, não tem nada...

**E: Pois e é essa questão de não conseguir... porque perante o SEF vocês só estão legais se tiverem contrato de trabalho...**

e.: E depois a gente tem residência, mas ainda a semana passada o do meu marido estava vencido e a gente gasta muito dinheiro... Por outro lado a gente trabalha, não é, e

paga tudo normal, conta em banco, IRS, tudo, tudo certinho e nesse ponto eu acho desvantagem de imigrante, sim.

**E: Sim, porque tem todos os encargos que um nacional tem e depois têm todos esses problemas...**

e.: E horas a mais. Por exemplo, o contrato no café, eu tinha quatro horas semanais para almoço, uma hora de almoço, mas não, não tinha almoço. No contrato fala, uma folga e meia, duas, e só tem uma folga, trabalhava feriados e nunca recebe...

**E: E se você quiser continuar a trabalhar tem que se sujeitar a essas situações...**

e.: Pois, tem que se sujeitar, porque de modo geral são todos.

**E: Alguma vez nesses trabalhos que executou teve medo de ser denunciada por na altura não conseguir ter a sua situação regularizada?**

e.: Não, porque... Quando eu saí do salão, como tinha muitos brasileiros irregular, devem ter denunciado e eles foram lá duas vezes, mas eu consegui escapulir. E eu falei “não vou arriscar mais, vou sair porque não...” Depois fiquei trabalhando fazendo faxina, depois fui para o café, mas não tinha medo não. Foi sempre...

**E: Quanto tempo assim no total é que teve...**

e.: Quase dois anos.

**E: É bastante tempo...**

e.: Estava apreensiva, qualquer pessoa que entrava com pasta, qualquer coisa, dava um jeito. Já tinha combinado, “se perceber que alguém fizer alguma pergunta...” Da segunda vez saí correndo mesmo do meio do *shopping*, nesse dia foi quase. Quando a gente trabalhava no \*\*\* estava ilegal, mas ele logo regularizou porque ele era dono do Boi na Brasa e regularizou meu marido. Acho que teve uma noite que tiveram vários órgãos, o SEF, vigilância sanitária e tudo, pegaram um colega nosso, que trabalhava com a gente, e foi muito triste. Algemaram ele com a arma nas costas, dentro da discoteca *Chic*, colocaram ele dentro do carro, mesmo assim parecendo um bandido. Ele chorava e dizia “gente, porquê isto, tira essa arma das minhas costas”. “Você está ilegal, não sabemos quais são as suas intenções no país”. Na altura chocou toda a gente. Foi mesmo tratado... e era um cara muito trabalhador...

**E: Essa sensação de ser um criminoso só porque...ou tratado como um criminoso, porque não consegue um contrato de trabalho. Tem a noção que às vezes os portugueses pensam que vocês vêm roubar o nosso trabalho...**

e.: Eu ouvi falar, eu ouvi muito. Os brasileiros vêm para cá, tomam o trabalho da gente, ainda tomam o marido, só para isso que elas servem. Até falam no trabalho, por exemplo, no café tinha eu e outra brasileira e ela até pediu transferência para o *Corte Ingles* porque não aguentou. Eu não ligava nenhuma. Elas sempre diziam, sempre com brincadeiras e até que, dessa vez, o café estava cheio, e disseram “tem brasileiras, então eu não pago”. [impercetível] Sempre diziam as brasileiras têm mania que é tudo isso, sempre com essas conversas e nunca tive nada, nunca tive discussão com ninguém lá dentro, mas porque eu não me deixava atingir, ficava às vezes que até tremia. E até hoje, depois queria que eu ficasse responsável pelo café, falei que eu não podia, “eu vou morrer aqui dentro” (risos), “não aceito”...

**E: Nesse trabalho também se sente mais...no Ikea sente-se mais...**

e.: É outra visão, outros colegas, as pessoas preocupam-se mais em crescer, formações e tudo, dão inglês e tudo, dão muitas oportunidades. E não tem tempo, as pessoas chegam, vai, pegam no trabalho e não têm aquele contacto direto... É outra visão.

**E: E relativamente a si, acha que a imigração de alguma forma mudou a sua perspectiva, a sua forma de encarar a vida...**

e.: Muito! Esse irmão dele nunca foi uma pessoa confiável, tanto que aconteceu o que aconteceu e toda a gente avisou na altura. E acho que eu era uma pessoa muito acanhada, sempre muito tímida, e aqui tive que ir mesmo arregaçar, bater de frente com muita coisa e grito dos patrões... E chorava, chegava em casa, chorava. Com o tempo já fui falando “não grita, não sou surda, você tem que me respeitar”. Isso de um modo geral, não é? Às vezes, no centro de saúde, não olhava na cara nem nada... Acho que faz a gente ganhar mais força e encarar a vida também diferente. Aquela fase de achar que o dinheiro está entrando, que vai entrar sempre, não é. Entra e a gente sabe que se não segurar, se não guardar, que um dia vai e acabou. Antigamente não estava nem aí. Casei muito nova, foi isso. E, na altura, estava fazendo Economia, depois a minha mãe fazia Direito e a minha irmã também. No Brasil, Economia não ganha muito bem e a minha mãe falava “estás a perder tempo nesse curso aí”. Fiz um ano, mas não gostei,

não tem nada a ver... Então não tinha assim... Levava a vida, “ah não gostei, vou voltar para Economia”. Fiz seis meses, tranquei, porque lá eu sempre dançava e saía à noite, porque estudava à noite, trabalhava durante o dia. Então levava a vida assim, acho que como um brasileiro de modo geral, não é?

**E: Agora sente-se mais responsável pelos seus atos?**

e.: Sim e arrependo porque poderia estar muito melhor. Sei que só vai melhorar mesmo quando houver oportunidade de voltar a estudar. Sempre brinco com o meu marido, continuar nessa vida não dá não, muito trabalho e tudo...

**E: Já pensou em voltar a estudar aqui em Portugal?**

e.: Já, já pensei, mas não dá não, até fui lá na faculdade de economia, mas é período integral. Para estudar tem que ser particular. Como a gente pagava esse lote, ficou muito puxado, o dinheiro fazia muita falta. Agora, se for para continuar aqui, se Deus quiser, eu tenho que fazer alguma coisa. Eu sei que não há perspectiva se não estudar, não adianta nem aqui nem lá. Vai continuar esta vida, trabalhando feita louca, catorze horas por dia em pé, é o que eu trabalho. Não vivo nada, não se aproveita nada...

**E: É complicado!**

e.: Eu engravidei também, não queria mais filho também, mas engravidei. Outra coisa que eu também senti agora também... Por causa da médica do trabalho tive que ser acompanhada porque o ano passado comecei a perder peso, muito peso, perdi 22kg. Desmaiei um dia no Ikea, saí do café... Eu andava muito cansada, dormia dentro do autocarro, dentro do metro, dormia e não acordava. Aí comecei a perder peso, comecei a desmaiar, a ter recaídas, não dormia de noite e tudo, fiz vários exames, não acusaram nada. E perdendo peso... minha mãe veio...

**E: Era excesso de trabalho?**

e.: E depois já nem andava, foi tudo muito rápido. Não consegui andar, dormia muito e o médico falou “Tem que tirar ela daqui, é a única solução!”. Eu sabia, por dentro, sabia que era cansaço, mas não podia parar de trabalhar por causa dessa vida que tinha feito. O trabalho no Ikea é um trabalho que mentalmente envolve muito dinheiro. E aí o meu marido me levou, fiquei fazendo terapia, psiquiatra e tudo e era mesmo excesso de trabalho. Estava completamente desmotivada, muito cansada, não tinha ânimo para



nada. E fiquei lá três meses... Quando voltei, os médicos não queriam que eu engravidasse, mas logo que cheguei engravidei, mas acho que foi bom, ajudou muito voltar à maternidade. Depois quando soube que estava grávida, foi tipo também um mês porque estava tomando muita medicação para a depressão e tudo, muito calmante, tudo o que não podia. Me senti mal de novo, fiz exames e tudo de novo. Tive que parar de trabalhar para fazer tudo, não deu em nada, alguma coisa está errado. Nem me passava pela cabeça que estava grávida. Aí fiquei logo de baixa, estava a tomando três antidepressivos e tudo. Estava com medo que acontecesse alguma coisa e fiquei acompanhando com o médico particular. Por causa da prolongada, agora tenho no centro de saúde e na maternidade. Na maternidade a médica me falou que era para ter parto normal, desde o início morro de medo (risos). E ela “Que mania que você tem, brasileiros. Quer cesariana? Vai para o Brasil...”. Pronto...

**E: Quantos meses já tem?**

e.: Oito meses já.

**E: Ainda está a trabalhar?**

e.: Não. E fiquei com sono, fiz a ecografia, ela está muito grande, peso normal para nascer. Eu tenho medo, não gosto, nem ideia de...ah vai ser normal, desta vez vai ser normal. Conversei com a minha médica, já está marcado para fazer cesariana.

**E: Ok. E é menino/menina?**

e.: Menina. Outra menina.

**E: Já tem nome?**

e.: Já. Eu queria Alice, meu marido queria Inês...Vamos ver.

**E: Muito obrigada.**



| <b>Análise vertical à entrevista n.º 4</b> |   |                 |
|--|---|-----------------|
| <b>Inquérito 11_6</b>                      |   |                 |
| <b>Dimensões e categorias de análise</b>   | <b>Dados/ Sínteses</b>  | <b>Excertos</b> |
| <b>I. Dimensão social</b>                  |   |                 |
| Características sociodemográficas          | <p><b>Género:</b> Feminino</p> <p><b>Idade atual:</b> 32 anos</p> <p><b>Idade de emigração:</b> 26 anos</p> <p><b>Estado civil:</b> casada, o marido é brasileiro</p> <p><b>Nível de escolaridade no Brasil:</b> ensino médio/profissionalizante</p> <p><b>Nível de escolaridade em Portugal:</b> ensino médio/profissionalizante</p>                           |                 |
| Zona de residência                         | <p><b>Concelho e freguesia de residência:</b> Porto</p> <p><b>Composição étnica das vizinhanças:</b> Bonfim</p>   |                 |
| Composição de classe                       | <p><b>Última ocupação no Brasil:</b> empregada de balcão</p> <p><b>Primeira ocupação em Portugal:</b> manicure</p> <p><b>Ocupação atual em Portugal:</b> operadora de caixa</p> <p><b>Lugar de classe individual no Brasil:</b> PBE</p> <p><b>Lugar de classe individual em Portugal à chegada:</b> PBE</p> <p><b>Lugar de classe individual atual:</b> PBE</p> |                 |

|   |  |   |
|---|--|---|
|   | <p><b>Lugar de classe de família de origem:</b> PBIC</p> <p><b>Lugar de classe de família de pertença:</b> PBE</p> <p><b>Disposições em relação à carreira profissional</b></p> <p>Apesar de ter conseguido juntar dinheiro em Portugal, a entrevistada afirma que, primeiro, consegui isso à custa de alguma exploração por parte do empregador que a obrigava a trabalhar muito mais do que o que estava assinado no contrato; segundo, já numa posição onde se sente mais valorizada, conseguiu isso à custa de grande desgaste psicológico e físico, situação que a levou a uma depressão.</p> | <p>“Por exemplo, o contrato no café, eu tinha quatro horas semanais para almoço, uma hora de almoço, mas não, não tinha almoço. No contrato fala, uma folga e meia, duas, e só tem uma folga, trabalhava feriados e nunca recebe...”</p> <p>[no Ikea] “É outra visão, outros colegas, as pessoas preocupam-se mais em crescer, formações e tudo, dão inglês e tudo, dão muitas oportunidades. E não tem tempo, as pessoas chegam, vai, pegam no trabalho e não têm aquele contacto direto... É outra visão.”</p> <p>“E depois já nem andava, foi tudo muito rápido. Não consegui andar, dormia muito e o médico falou “Tem que tirar ela daqui, é a única solução!”. Eu sabia, por dentro, sabia que era cansaço, mas não podia parar de trabalhar por causa dessa vida que tinha feito. O trabalho no Ikea é um trabalho que mentalmente envolve muito dinheiro. E aí o meu marido me levou, fiquei fazendo terapia, psiquiatra e tudo e era mesmo excesso de trabalho. Estava completamente desmotivada, muito cansada, não tinha ânimo para nada.”</p> |
| <p><b>II. Percursos migratórios</b></p> | <p><b>Outros países:</b> Não</p> <p><b>Tempo de permanência:</b> 6 anos</p> <p><b>Tipo de rede migratória:</b> legal</p> <p><b>Com quem veio:</b> marido e filha</p>   | <p>“ Vimos os três, a menina tinha quatro anos na altura...”</p>  |

|  |  |  |
|--|--|--|
|  | <p><b>Aprofundamento das razões de vinda para Portugal</b></p> <p>As dificuldades económicas, associadas, sobretudo, a mudanças na vida profissional do marido, estiveram na origem da decisão de emigrar. Portugal aparece como destino porque, à época, o irmão do marido, que já vivia em Portugal, propôs-lhe uma sociedade.</p> <p><b>Dificuldades encontradas em Portugal</b></p> <p>As dificuldades apareceram dois meses depois de terem chegado. Precisamente o que contavam ser uma situação segura, que era a sociedade com o cunhado, acabou por correr mal.</p> <p>Outra dificuldade com que a entrevistada e o marido ainda lidam são as saudades da família e dos amigos, pessoas que permanecem no Brasil e frequentemente lhes pedem para regressar.</p> <p>Fala ainda do receio que tem por atualmente o marido estar sem emprego e ter de se sujeitar a um <i>part-time</i> não declarado, num posto de emprego que o obriga a transportar uma arma branca.</p> <p>Queixa-se de, tal como qualquer cidadão português, cumprir</p> | <p>“Trabalhava lá numa farmácia do Brasil, no projeto Fundação Oswaldo Cruz com o governo federal... O meu marido trabalhou sempre numa seguradora, auditor de seguros. E na altura, ganhava-se bem, depois foram cortando regalias...salário, alimentação, tudo...”</p> <p>“Estava com o carro zero, estava com a vida organizada... Foi tudo, assim, foi tudo muito rápido. Foi cortando e tudo, ele depois trabalhava de carro e eles reduziram e quase pagava para trabalhar...”</p> <p>“Para mim não estava ruim, para ele, tem um irmão em Lisboa, ficou chamando, convidando e tudo e resolveu vir.”</p> <p>“Para mim não estava ruim, para ele, tem um irmão em Lisboa, ficou chamando, convidando e tudo e resolveu vir. (...) E depois chegamos aqui, passados dois meses o irmão dele dispensou. E aí...”</p> <p>“Esse irmão dele nunca foi uma pessoa confiável, tanto que aconteceu o que aconteceu e toda a gente avisou na altura.”</p> <p>“Eu sinto falta do convívio, o que eu sinto falta mesmo é do convívio que a gente tinha na casa nossa, na casa do pai, da mãe.”</p> <p>“Porque chega o fim-de-semana, às vezes, e eles estão sempre em festa na casa do pai dele, são cinco irmãos, e ele vê e fica assim mais... Eu já me acostumei, mas ele fica triste e tal. A família dele gosta muito de churrasco e tudo, os irmãos...”</p> <p>“O meu marido, por exemplo, faz <i>part-time</i> todo o fim-de-semana, é um risco que eles correm, por exemplo, estar aqui com uma faca do churrasco, é uma arma branca. E eu fico com medo que ele seja abordado no metro, não tem segurança nenhuma, não é. <i>Part-time</i>, não tem recibo verde, não tem nada. E eu não sei o que acontece, porque muitas vezes vai o SEF e</p> |
|--|--|--|

|  |  |   |
|--|--|---|
|  | <p>com as suas obrigações, mas, para além disso, ter de despender dinheiro com questões burocráticas associadas à permanência regular no país.</p> <p><b>Intenções de regressar ao Brasil quando emigrou</b></p> | <p>tudo e nunca acontece nada, não é? Falam sempre, mas põem pano quente, porque chegam e ficam por isso mesmo.”</p> <p>“ E depois a gente tem residência, mas ainda a semana passada o do meu marido estava vencido e a gente gasta muito dinheiro... Por outro lado a gente trabalha, não é, e paga tudo normal, conta em banco, IRS, tudo, tudo certinho e nesse ponto eu acho desvantagem de imigrante, sim.”</p> <p>“E acho que eu era uma pessoa muito acanhada, sempre muito tímida, e aqui tive que ir mesmo arregaçar, bater de frente com muita coisa e grito dos patrões... E chorava, chegava em casa, chorava. Com o tempo já fui falando “não grita, não sou surda, você tem que me respeitar”. Isso de um modo geral, não é? Às vezes, no centro de saúde, não olhava na cara nem nada... Acho que faz a gente ganhar mais força e encarar a vida também diferente. Aquela fase de achar que o dinheiro está entrando, que vai entrar sempre, não é. Entra e a gente sabe que se não segurar, se não guardar, que um dia vai e acabou. Antigamente não estava nem aí.”</p> |
| <p><b>III. Dimensão cultural</b></p> <p>Redes de sociabilidade</p> | <p><b>Redes à chegada a Portugal</b></p> <p>Cunhado, que os convenceu a emigrar com a proposta de uma sociedade em Portugal.</p> <p><b>Redes de sociabilidade primárias</b></p>                                  | <p>“ (...) ele, tem um irmão em Lisboa, ficou chamando, convidando e tudo e resolveu vir.”</p> <p>“Meu pai e minha mãe não me fala nada, não palpita nada...”</p>   |

Em Portugal diz não ter amigos, as suas redes mais próximas são o marido e a filha. A família que está no Brasil visita-a frequentemente, pelo que brinca com a possibilidade de ser a imigrante que mais recebe visitas.

**Aprofundamento das disposições relativamente aos grupos com que o entrevistado se relaciona menos ou não se relaciona e as justificações em torno dessa situação.**

Considera “quase” não ter amigos, mas as pessoas com quem se relaciona são de nacionalidade portuguesa. Não gosta de se relacionar com brasileiros porque os associa a comportamentos e hábitos transgressores, como o álcool, a prostituição, a “farra”, a “moleza”.

**Aprofundamento das razões e motivações subjacentes à pertença ou ausência de pertença às diferentes organizações ou grupos de apoio.**

É sócia da AMB que conheceu através de uma colega numa altura que precisou esclarecer algumas dúvidas porque estava ilegal. Diz que as informações que a associação lhe deu a ajudaram a ser “mais firme” e ter menos medo, apesar de estar irregularmente em Portugal. Já foi a um passeio através da associação, mas atualmente diz que tem pouco tempo para frequentar. Continua a receber informações sobre as atividades da associação, mas nunca mais voltou a ter

Mas minha mãe já veio duas vezes, meu pai também já veio duas, minha tia... Às vezes a gente até brinca que devemos ser os imigrantes que mais recebemos visitas. A minha tia vem agora em agosto de novo, a minha irmã também, a minha irmã casula. Já tenho duas visitas em agosto.”

“Amigos a gente quase não têm aqui, também não preciso... Tenho mais contato com portugueses também do que com brasileiros no fundo. Uma pessoa frequenta muitos lugares brasileiros e tem muita bagunça, muita farra, aquela moleza assim de brasileiro.”

“Nunca fui a discoteca, nada! No horário de trabalho a conversa do brasileiro é o churrasco. Os portugueses, antigamente não, eu já vejo isso, mas são mais diretos, são mais sinceros, assim... Sofria no início, mas agora já me acostumei e aprecio esse ambiente, até no trabalho porque vocês são mais sinceros do que os brasileiros. Não gosto e evito mesmo... Infelizmente o brasileiro envolve ainda muita bebida e acho que até mesmo prostituição, ainda tem muito.”

“Sim, através do Facebook e nos e-mails. Nós fomos a Fátima através deles e, no início também quando eu cheguei, porque muita gente dizia “Ah não pode, não tem direito a crédito porque são ilegais”. Eu acho que ajudou muito porque as pessoas falavam “Não, não tem direito a nada, não pode passar na porta e falar...” Questões de saúde e assim eu ficava preocupada que acontecesse alguma coisa e, então, eu fui lá. Até foi uma colega que me falou para eu ir lá porque eu perguntava algumas coisas e ela “não sei porque não tenho criança” e me deu o endereço, era na Rua das Flores. Aí eu fui e me explicaram que criança é de lei mundial, tem direito a saúde, educação. Foi aí que eu fiquei mais firme, perdi o medo porque eu tinha até medo de ir

|                                      |  |  |
|--------------------------------------|--|--|
| <p>Estereótipos e representações</p> | <p>contato direto.</p> <p>Relativamente à sua pertença religiosa, embora provindo de uma família católica – facto que a manteve “desencontrada” durante muito tempo do marido, que é evangélico –, desde há aproximadamente cinco meses tem ido e assistido aos cultos da Igreja Batista Renovada. Afirma gostar do trabalho que a Igreja desenvolve e da forma como o culto é ministrado, sem muita “enrolação”. Apesar da Igreja ser maioritariamente de portugueses, sente que “eles gostam muito do Brasil”.</p> <p><b>Relato de situações em que foi vítima de preconceito e/ou discriminação</b></p> | <p>nas creches e tudo. Tudo eu tinha medo de me denunciar e aí... consegui na casa praça de Cedofeita, não tinha vaga ainda, fui indo, insistindo. Fui, tirei o cartão também lá na Carvalhosa, no centro de saúde... Então, houve um monte de coisas, de informações.”</p> <p>“Não, por falta de tempo. Já tive até interesse em alguns, mas... Nós até já tivemos em Fátima através deles, foi muito bom, uns dois, três dias... Tenho sempre notícias, mas trabalho muitas horas.”</p> <p>“Agora estou na Renovação que é Baptista, que um colega meu convidou, na altura quando cheguei do Brasil. Estou gostando, as pessoas são simples, têm muito... (...) São portugueses, que costumam acolher muito bem, muito atenciosos até... No sábado vão fazer um ofertório e tudo. (...) Sempre falamos na Igreja, eles gostam muito do Brasil. (...) A Igreja tem uma coisa interessante, tem uma creche na África... Assim, gosto da maneira deles. O trabalho que eles desenvolvem, acho que é bem. Estão sempre fazendo alguma coisa.”</p> <p>“ Sim e gosto também, não tenho muita, entre aspas, aquela enrolação. Acho que são mais diretos e não têm aquela... não são muito falativos, aquela coisa... considero uma amiga deles, têm pouco tempo, têm pouco nada, eles abriram em setembro. É, foi a partir de janeiro.”</p> <p>“A minha família toda é católica e a família do meu marido são evangélicos a maioria. Sempre houve esse desencontro de nós dois, porque ele me acompanhava, mas não gostava. Então, fui deixando de ir também principalmente aqui, por comodismo, cansaço e tudo...”</p> <p>“Muita vez, já. Mesmo na caixa do Ikea e o pessoal fala “O quê? Fala português!”. Às vezes é aquela ignorância que você olha e que dá vontade de... Já muitas vezes, clientes, são grossos</p> |
|--------------------------------------|--|--|



|  |  |   |
|--|--|---|
|  | <p>Sentiu-se várias vezes vítima de preconceito no local de trabalho. Primeiro, no café, enquanto empregada de balcão por parte dos clientes e até de colegas de trabalho; mais recentemente, enquanto operadora de caixa num hipermercado, sente-o sobretudo por parte dos clientes. Relata algumas situações.</p> <p><b>Perceber se os estereótipos em relação aos brasileiros têm fundamento; se favorecem ou dificultam a integração dos brasileiros em geral na sociedade portuguesa; e se favorecem ou dificultam o estabelecimento de relações sociais.</b></p> <p>Considera que muitos dos preconceitos em relação aos brasileiros têm fundamento, pelo que não gosta de ir a locais</p> | <p>porque estão mal de vida, mas isso só acontece com você. Houve uma senhora “Coloca no saco.” / “Desculpe mas não tenho autorização.” / “Mas eu estou mandando colocar. Ah, mas vocês são muito engraçados, os brasileiros vêm para cá e acham que...”, tem muito isso. Meus chefes às vezes dizem “Olhe não dê ouvido, que essa pessoa nem vale a pena”. Porque eles já escutaram muitas vezes... E até tenho uns colegas que comentam com o chefe “Ai, me deu vontade...! Ela toda educada a dizer que não podia e eles “ah vem do Brasil para cá...” E acho que tem muito isso nas lojas também, às vezes a gente entra. Ainda agora, comprando roupa de bebê, elas vêm todas educadas, mas quando você pergunta o que quer, a pessoa fica assim... Acho que ainda tem muito isso...”</p> <p>“Sim, no café principalmente. Tem sempre aquela boca, não é? Pessoas que diziam, até as colegas de trabalho diziam “Português para arrumar uma brasileira basta ir no talho comprar picanha”, tem sempre essas brincadeiras, tem muito. O sabor do café até estava diferente, por ser da brasileira...tem sempre essas coisas, mas eu nem ligo.”</p> <p>“Eu ouvi falar, eu ouvi muito. Os brasileiros vêm para cá, tomam o trabalho da gente, ainda tomam o marido, só para isso que elas servem.”</p> <p>“Eu acho que sim! Eu acho que sim. A minha irmã, por exemplo, mora em Matosinhos e está no meio e aí... Eu por exemplo trabalho longe, demoro um tempo de deslocação de autocarro, metro, mas nunca quis-me mudar lá para o meio porque tem muitos brasileiros e tem assim muita coisa, muita droga e separações entre casais...”</p> <p>“Aluguer, gente que vai embora e leva as coisas todas da casa e sai sem pagar, tem também muitos colegas dele que às vezes que</p> |
|--|--|---|

|                                     |  |  |
|-------------------------------------|--|--|
|                                     | <p>frequentados por brasileiros. Mas reconhece que “uns pagam pelos outros”.</p> <p><b>Perceber se já utilizou algum tipo de comportamento fora do habitual ao relacionar-se com portugueses temendo algum tipo de discriminação. Se sim, pedir para relatar a situação</b></p>  | <p>não pagam crédito no banco e tudo. Tudo isso prejudica muito nós.... Uns pagam pelos outros.”</p>   |
| <p><b>IV. Dimensão política</b></p> | <p><b>Vivência de uma situação de irregularidade ou ilegalidade perante as autoridades portuguesas</b></p> <p>Permaneceu em Portugal quase dois anos de forma irregular. Consegui legalizar-se através de reagrupamento familiar depois do seu marido ter-se conseguido legalizar através do Acordo Lula.</p> <p>Durante o período que estive ilegal, embora afirmando que “não tinha medo”, acabou por assumir “apreensão”, estando sempre combinada com os colegas em caso de alerta conseguir fugir. O que chegou mesmo a acontecer “nesse dia foi quase”.</p> <p>Chegou ainda a assistir à detenção de um colega pelo SEF.</p> | <p>“Eu regularizei através dele, porque deu contrato aos dois e regularizei através dele, do agregado familiar. Ainda demorou, foi dois ou quase três anos.”</p> <p>“Quando eu saí do salão, como tinha muitos brasileiros irregular, devem ter denunciado e eles foram lá duas vezes, mas eu consegui escapar. E eu falei “não vou arriscar mais, vou sair porque não...” Depois fiquei trabalhando fazendo faxina, depois fui para o café, mas não tinha medo não.”</p> <p>“Estava apreensiva, qualquer pessoa que entrava com pasta, qualquer coisa, dava um jeito. Já tinha combinado, “se perceber que alguém fizer alguma pergunta...” Da segunda vez saí correndo mesmo do meio do <i>shopping</i>, nesse dia foi quase. Quando a gente trabalhava no *** estava ilegal, mas ele logo regularizou.”</p> <p>“Acho que teve uma noite que tiveram vários órgãos, o SEF, vigilância sanitária e tudo, pegaram um colega nosso, que trabalhava com a gente, e foi muito triste. Algemaram ele com a arma nas costas, dentro da discoteca <i>Chic</i>, colocaram ele dentro do carro, mesmo assim parecendo um bandido. Ele chorava e dizia “gente, porquê isto, tira essa arma das minhas costas”. “Você está ilegal, não sabemos quais são as suas intenções no país”. Na altura chocou toda a gente. Foi mesmo tratado... e era</p> |

|                                  |  |  |
|----------------------------------|--|--|
| <p><b>V. Auto percepções</b></p> | <p><b>Estatutos especiais</b></p> <p>Usufrui do Acordo Lula e do artigo 88.º da lei da imigração.</p> <p><b>Perceção da própria situação de integração</b></p> <p>Apesar das dificuldades que passou, gosta de viver em Portugal. Classifica-se como “acostumada”.</p> <p><b>Perceção da sua qualidade de vida atual</b></p> <p>Embora à custa de muitas horas de trabalho e, até, acumulação de empregos, a entrevistada refere que a vida em Portugal lhe permitiu juntar dinheiro e comprar um “lote” no Brasil. Por outro lado, considera que aqui se vive melhor e que Portugal é melhor na educação, questão que a prende bastante por causa da filha.</p> <p>Relativamente ao seu estilo de vida, sente que, em Portugal ou no Brasil, só vai melhorar quando conseguir melhorar os seus níveis de qualificação escolar. Até lá, perante as condições atuais, considera que ainda é melhor viver em Portugal.</p> | <p>um cara muito trabalhador...”</p> <p>“A gente só conseguiu quando saiu aquela lei do acordo do Lula, e esse artigo oitenta e oito.”</p> <p>“Era uma questão mesmo financeira porque não sabia quanto tempo que ia ficar lá...e ficava complicado você ter que deixar trabalho e tudo. E depois esse acordo ajudou, só que demorou um tempo.”</p> <p>“Eu gosto muito daqui, já me acostumei...já me acostumei com as pessoas, no início também era mais complicado falar, mas deu um jeito...”</p> <p>“A gente conseguiu...Desde o primeiro ano, com as todas as dificuldades e tudo, a gente conseguiu juntar, sempre mandando dinheiro. Compramos um lote lá, acabamos de pagar esse lote o ano passado, foi puxado, porque já sabia que não ia dar conta porque quando eu estive lá o lote praticamente triplicou de preço. E...acho que foi bom o crescimento e tudo. (...) Aqui, vive-se melhor, alimentação, tudo, essas coisas. A questão de vestimento, isso é que complicou, é tudo muito corrido, trabalho muito também, mas a nível de qualidade, de segurança e principalmente a escola...porque ela é muito estudiosa e fico com pena...”</p> <p>“Sei que só vai melhorar mesmo quando houver oportunidade de voltar a estudar. Sempre brinco com o meu marido, continuar nessa vida não dá não, muito trabalho e tudo...”</p> <p>“Agora, se for para continuar aqui, se Deus quiser, eu tenho que fazer alguma coisa. Eu sei que não há perspectiva se não estudar, não adianta nem aqui nem lá. Vai continuar esta vida, trabalhando feita louca, catorze horas por dia em pé, é o que eu</p> |
|----------------------------------|--|--|

|                      |   |  |
|----------------------|---|--|
|                      | <p><b>Percepção em relação ao futuro: intenção de regressar ao Brasil</b></p> <p>Receia ter que regressar mais cedo ao Brasil devido à crise que está instalada em Portugal e até sente muitas saudades da família que lá deixou, mas fala sobre esse regresso como um acontecimento que para já não tem muita vontade que se dê.</p> | <p>trabalho. Não vivo nada, não se aproveita nada...”</p> <p>“Falam muito desemprego e tudo... Fiquei preocupada e como a gente tinha esse dinheiro guardado, estava até com medo de ter esse dinheiro aqui no banco.”</p> <p>“Eu sinto falta do convívio, o que eu sinto falta mesmo é do convívio que a gente tinha na casa nossa, na casa do pai, da mãe. Não trabalhava sábado nem no domingo e viajava muito. Nós somos lá de Goiás e na altura a gente ia. Chegava sexta-feira e “vamos para Pirenópolis, vamos para Goiânia...”. Então deixava a menina com a minha mãe, ficava sempre na casa da minha mãe. Só que as coisas mudaram e aqui, ainda se vive melhor, ainda.”</p> <p>“Porque não sei o que vai acontecer, se de repente tem que ir embora e ficar desempregado, mas agora a poeira baixou, está naquela. Tenho vontade de voltar um dia, a gente fala, mas fala mais porque o pessoal está sempre ligando.”</p> |
| <p><b>Outros</b></p> |   |  |

## Transcrição de entrevista n.º 5

|                                 |  |
|---------------------------------|--|
| <b>Inquérito</b>                | 3.2_20   |
| <b>Entrevistado</b>             | Homem, 31 anos, empregado de mesa.<br>Foi selecionado para entrevista porque representa uma imigração de longa duração (16 anos), com redes interétnicas muito significativas e ausência de qualquer tipo de discriminação e preconceito.<br>Chegou a Portugal em 1995; no Brasil era estudante; em Portugal teve como primeira ocupação ser pintor e atualmente tem como profissão ser empregado de mesa. |
| <b>Data da entrevista</b>       | 11 de junho de 2011  |
| <b>Local da entrevista</b>      | Norte Shopping   |
| <b>Duração da entrevista</b>    | 30min  |
| <b>Hora de início (aprox.)</b>  | 17h00  |
| <b>Hora de término (aprox.)</b> | 17h30  |
| <b>Notas</b>                    | Esta entrevista foi realizada pela colaboradora Cátia Lopes, uma vez que à data a investigadora principal não teve disponibilidade.  |

**E.: Veio para Portugal em 1995, certo?**

e.: Em noventa e cinco.

**E.: E disse que veio para Portugal para se juntar à família.**

e.: Exatamente.

**E.: Gostava de saber quem eram os membros da família a quem se vinha juntar.**

e.: Portanto, a minha irmã e os meus sobrinhos. Eram dois.

**E.: Mas nesse processo, foi pedido...há um processo legal, que é de reunificação familiar. Não sei se fez esse pedido legal...Como é que fez?**

e.: Quando vim para aqui?! É assim, eu vim como turista, só vim passar seis meses mesmo. Mas depois, fui ficando, fiquei. E depois eu comecei a trabalhar, comecei a trabalhar como pintor e depois peguei a primeira residência. E depois do trabalho de pintor, ainda trabalhei na Exponor... nove meses. Depois da Exponor, vim para a Cascata...foi já dezassete, não, fez catorze anos já.

**E.: Então não fez esse pedido legal de reunificação familiar?**

e.: Não, não.

**E.: Veio mesmo por visto turístico?**

e.: Exato.

**E.: Quando chegou a Portugal teve assim grandes dificuldades? Quais foram as maiores dificuldades que encontrou?**

e.: Nenhuma!

**E.: Nenhuma?**

e.: Dificuldade não. É assim, dificuldade tive para tirar os documentos. Essa foi a pior. Porque dei-me...desde aí não tive dificuldade nenhuma. Em termo de língua, de convivência com as pessoas, aqui não.

**E.: A nível de habitação, viveu com a sua irmã, não foi?**

e.: Tive com a minha irmã, sim. Vivi com ela seis anos. Depois de seis anos, fui viver sozinho.

**E.: Então, não sentiu nenhuma dificuldades quando chegou aqui a Portugal?**

e.: Nenhuma (risos). A não ser o clima que era um...bocado frio. Agora já me acostumei.

**E.: Tinha família ou amigos que já tinham laços, contacto com outros imigrantes brasileiros a viver cá em Portugal? Portanto, tinha aqui já a sua irmã...**

e.: A minha irmã e os meus sobrinhos. Ah, e o meu cunhado.

**E.: Mas não conhecia mais ninguém que também fosse brasileiro e que já vivesse cá?**

e.: Não.

**E.: E quando imigrou para cá, tencionava regressar ao Brasil ou se calhar permanecer definitivamente cá em Portugal?**

e.: Sim, tencionava voltar. Tencionava voltar...depois de seis meses, eu queria voltar para o Brasil. Mas depois quando encontrei emprego, fui gostando daqui, fui-me habituando e...fiquei aqui até hoje.

**E.: Agora, a nível das suas relações sociais, disse que a maioria era tudo portuguesa. Mas como justifica isso? Por não ter amizades com pessoas da sua nacionalidade...**

e.: É assim, eu não conheço muitos brasileiros aqui, não. Por acaso não. Também sou de fazer poucas amizades, não sou de fazer aquelas amizades...chego num lar, na discoteca e faço amizades com todos lá, não! Não sou. É assim, eu escolho os meus amigos, sou apenas de escolher. É assim não me dou bem com qualquer pessoa. É do meu feitio, não permite. E ter amizades com brasileiros, é assim...eu entre aspas é assim, eu posso...eu conheço poucos brasileiros, mas é assim eu consigo mais confiar no português do que no brasileiro fora do Brasil. Eu acho que isso já vem de todos. Já vem de todos. É como um português faz em Portugal, os portugueses vão-se dar bem também. Eu acho que é a vida. É diferente dar-se com um brasileiro aqui que com um brasileiro do Brasil, é diferente.

**E.: Mas porque é que diz que é diferente? Porque...**

e.: Sinceramente eu não sei.

**E.: Não sabe explicar?**

e.: Não sei explicar. Por acaso, os brasileiros que eu conheci aqui (aponta para o restaurante), conheci quatro, e um já me tentou prejudicar e eu fiquei com receio de o conhecer mesmo.

**E.: Será que é tipo competição entre brasileiros em Portugal?**

e.: Acho que sim, acho que sim. Eu acho que há um pouco de competição, eu acho que há, pelo menos isso há.

**E.: Mas pronto, também disse que a maioria era portuguesa, não quer dizer que não tenha amigos brasileiros, não é?**

e.: Tenho, quatro amigos. Quatro amigos brasileiros tenho, mas a maioria mesmo são portugueses.

**E.: E em relação à sua família, a sua irmã ainda continua cá a viver?**

e.: A minha irmã já voltou para o Brasil. Os meus sobrinhos estão cá, estão cá a viver com o pai. Infelizmente, eles se separaram e então estão cá os meus sobrinhos.

**E.: Mas os seus sobrinhos têm nacionalidade portuguesa?**

e.: São portugueses. E eu já sou português também (risos).

**E.: Ao nível de participação em alguma organização ou grupo religioso, disse que não tinha nenhum contacto. Mas já teve no Brasil, é um desinteresse total ou teve uma má experiência?**

e.: Não, nunca tive.

**E.: No Brasil, também não...?**

e.: Não. Não praticava nada disso. Sempre fui eu...

**E.: Mas é religioso?**

e.: É assim, acredito em Deus...mas não acredito naquela imagem, não sei, não sei explicar. A imagem para mim acho que não quer dizer nada. Acredito que em cada um de nós tem um Deus dentro da gente, não é? Eu acredito nisso, acredito em nós, eu acredito na vida! E imagem para mim não quer dizer nada.

**E.: Então, não teve assim nenhum afastamento. Já era assim no Brasil...**

e.: Já era assim. Acho que já sou assim mesmo de nascimento (risos).

**E.: Se calhar até já foi assim educado, não é?**



e.: Não. A minha mãe é religiosa. Minha mãe, meus irmãos, todos...acho que eu sou...ovelha negra na família, não? (risos) acho que fui eu.

**E.: Outra coisa muito curiosa foi o facto de nunca ter sido vítima de preconceito/discriminação.**

e.: Não.

**E.: É como se fosse um caso invulgar, atípico, porque dos brasileiros que eu já entrevistei, todos disseram que alguma vez foram...**

e.: É assim, eu fui muito bem recebido aqui, muito bem recebido mesmo! Da parte da família do meu cunhado, dos amigos que fui conhecendo aqui...e assim, o meu patrão, posso dizer que...é assim, ele me conhece desde...há catorze, quinze anos, e é uma pessoa que sempre me apoiou.

**E.: Já está aqui a trabalhar há catorze anos, não é?**

e.: Eu vinha com o meu cunhado e minha irmã na Cascata, como cliente e sempre me dei bem com o patrão, com as pessoas no geral. Nunca fui vítima de preconceito.

**E.: Nem pelos clientes nem pelos colegas de trabalho?**

e.: Não.

**E.: Nem por nenhuma instituição que tivesse ido? Nunca se sentiu uma vítima?**

e.: Não! Não e sempre me trataram muito bem! Muito bem mesmo. E além do mais quando eu fui tirar a nacionalidade, fui tirar lá no arquivo Central do Porto, as senhoras lá foram cinco estrelas. Cinco mesmo. Olha uma coisa é assim...já vi pessoas simpáticas a atender o público, mas como aquelas não. Nunca vi, a sério! Acho que foi mesmo exclusivo para mim, é a sério (risos). Eu adorei ali.

**E.: Ainda bem.**

e.: Não, nunca fui.

**E.: Agora a nível das imagens que os portugueses têm sobre os brasileiros. De que podem ser pouco trabalhadores, que são muito alegres, bem-dispostos...e em**

**relação às mulheres, isto pode estar ligado à prostituição, não é? Que nós sabemos que sim...**

e.: É assim quando diz respeito ao homem, é trabalhador, brincalhão, gosta de brincar. Em relação às mulheres, eles têm uma certa imagem das mulheres brasileiras. E isso...fico um pouco chateado, porque eu tenho irmãs, entende? E isso afeta-me a mim também, está entendendo?

**E.: Claro. Mas acha que...na sua opinião, esses estereótipos têm fundamento ou não?**

e.: Eu acho que não têm fundamento. Eu acho que nesse caso não tem fundamento. Eu acho que sinceramente não! É assim, porque...peço imensa desculpa, prostituição há em todos os lugares...tanto italiana, espanhola, inglesa, tudo, tudo...em todos os lugares. Agora você...

**E.: Porque ligar só...**

e.: Só ligar às mulheres brasileiras, não é?! Eu acho que não tem fundamento. Nesse tipo de questão, não tem fundamento.

**E.: Mas acha que essas imagens que os portugueses têm relativamente aos brasileiros podem favorecer ou dificultar a vossa integração cá?**

e.: Dificulta um bocado. Eu acho que dificulta.

**E.: Até porque também nós ficamos...os brasileiros até ficam com uma má imagem dos portugueses, não é?**

e.: É assim, os brasileiros, nesse caso homens ou mulheres? Ou em geral?

**E.: No geral...as mulheres ficam mais...**

e.: Ficam mais com o pé atrás, mas não deixam de tentar a vida aqui. Eu acho que não, eu vejo muitas brasileiras por aí. Tem bastante brasileiras.

**E.: Portanto, dificulta a vossa integração na sociedade portuguesa?**

e.: Dificulta.

**E.: E mesmo a nível de acesso a direitos de saúde, educação...**

e.: Com certeza.

**E.: E a nível de relações sociais, por vezes esses preconceitos também dificultam o estabelecimento de contactos, não é?**

e.: Bastante, bastante. Dificulta também, não é que eu tenha passado por isso. Mas daquilo que eu ouço dizer é que dificulta bastante, quem tenha passado. Nem eu nem a minha família que veio para aqui.

**E.: Por exemplo, a sua irmã nunca teve uma experiência dessas?**

e.: Não, não. É assim, que eu saiba não, ela nunca me contou (risos).

**E.: Já utilizou algum tipo de comportamento fora do normal ao relacionar-se com portugueses, temendo algum tipo de discriminação? Já me disse que foi sempre bem tratado, mas se teve assim algum receio e se com esse receio se comportou de uma forma diferente do habitual?**

e.: Não. É assim, já peguei uma bebedeira (risos) na festa de Natal. Foi na festa de Natal da Cascata, eu bebi mais uns copinhos e aí...mesmo assim cai para o lado, não foi mais nada. Depois levaram-me para casa. De resto, não tem mais nada.

**E.: É muito curioso, porque de todos os brasileiros que contactei, o senhor foi o único a dizer que nunca tinha sido vítima... Pelo menos que nunca tinha sentido isso na pele.**

e.: Não, nunca senti e nunca uma pessoa chegou para mim e falou assim para mim na cara, não. Nunca! Se eu dizer que sim, eu vou estar mentindo e não há necessidade.

**E.: Não reparou em nenhum olhar, uma expressão que tenha notado?**

e.: Não, nada. Super simpático comigo...é assim, quem trabalha em público, há aquelas reclamações, mas isso não é derivado a eu ser brasileiro. Não, não tem nada a ver! É sobre o trabalho, sobre a comida, sobre até mesmo o atendimento, mas não...

**E.: Nada contra a etnia?**

e.: Não.

**E.: Portanto, veio para cá com o visto turístico, como disse.**

e.: Exatamente.

**E.: Passou assim por alguma experiência de ilegalidade com as autoridades portuguesas ou foi tudo muito pacífico até completar os seis meses?**

e.: Não, não tive nenhuma. É assim, eu fiquei aqui ilegal, fiquei. Fiquei ilegal entre aspas, mas estava a fazer descontos, estava a fazer tudo certinho. Foi quando eu fui tirar o meu passaporte...no consulado brasileiro, quando eu estava a tirar o meu passaporte o visto já tinha caducado e isso... Eu tirei o passaporte e eles falaram para mim que eu tinha que carimbar o passaporte não sei onde. Não peguei a morada, nem nada e saí. Saí de lá e o meu visto tinha caducado e eu estava a querer sair. Tinha que carimbar o passaporte, não sei o quê...depois vim a saber que não é preciso nada disso e fiquei por aí, fiquei uns seis meses, mais ou menos, sem renovar o visto. Depois veio...depois eu fui a um advogado, pus um advogado para poder pegar a residência, só que no advogado que eu estava só queria dinheiro, não resolveu nada. Não queria nada e eu está bem, deixei o advogado...quando ele pôs os meus dados para o SEF, pelo computador dele, a SEF veio imediatamente aqui para saber se eu estava realmente a trabalhar. Eu mostrei o meu passaporte, dizendo que estava a tratar disso. E o que é que eles disseram? Deixa o advogado, vai...pega então o teu passaporte e vai à SEF, marca um dia. E eu fui ao SEF, tratei disso numa semana enquanto o advogado ficou para aí quase seis meses. E pronto, foi isso. Depois peguei...daí para frente, tive tudo certo.

**E.: Então, nunca teve assim nenhum problema com as autoridades nem nada disso?**

e.: Nenhum, nenhum.

**E.: E desde que chegou a Portugal, mais ou menos quanto tempo é que durou para conseguir trabalho? Conseguiu logo ou foi ainda um bocadinho difícil?**

e.: Cheguei a Portugal tinha catorze anos, não é? Com quinze eu fui trabalhar como pintor. Meu cunhado, conheci um amigo dele lá em Angeiras, fui para Angeiras até, era pintor. Comecei a trabalhar como pintor, não podia fazer descontos porque era menor de idade, então fui trabalhar com dinheiro por baixo, que é o normal quando se tem quinze anos. Então trabalhei, trabalhei nesse emprego para aí um ano...portanto, quando fiz dezasseis anos, depois fui para a Exponor, não podia fazer descontos também. Fui para

a Exponor com dezassete...dezasseis, ia fazer dezassete, exato. Fiquei nove meses e depois vim para a Cascata.

**E.: Para este sítio, não? Para outro...**

e.: Não, para a Cascata em Leça. Comecei com dezassete anos, ia fazer dezassete, não é? Ia fazer dezassete e desde aí não saí mais. Não saí, eu já tinha completado os dezoito anos...entrei com dezassete, fiquei até um ano a trabalhar sem fazer desconto. Depois quando completei os dezoito anos, o patrão pôs os papéis para eu começar a fazer os descontos. Desde aí que eu estou cá até hoje.

**E.: Diga-me uma coisa e porquê Portugal? Já tinha cá família. Não estava bem no Brasil?**

e.: É assim...isso é uma história. É assim, eu sempre vivi com a minha irmã, a minha irmã que veio para Portugal. Ela terminou a casa dela lá em noventa e quatro. A mãe dele tinha uma padaria no Brasil, tem coisas no Brasil, só que a mãe dele vendeu a padaria e ele como sempre dependeu do trabalho da mãe, do pão quente...a mãe dele vendeu e ele ficou sem emprego lá, entende? Então, eles tiveram que vender a casa deles lá para vir para Portugal, uma vez que lá não dava, tinham três filhos e tudo. E eu morava com eles também, nessa época eu estudava no Brasil até...e pronto. Vieram para aqui e eu fiquei lá, só que eu como morei sempre com a minha irmã desde pequeno, sempre morei com a minha irmã e ela queria-me trazer para aqui, ficar junto com ela. E pronto, foi assim. Não foi uma questão de...peço imensa desculpa não foi de conhecer Portugal, não, porque eu nem sabia onde Portugal existia. Naquele tempo, eu nem sabia o que é que era Portugal. Sinceramente, não sabia (risos). É sério. Nem sabia se Portugal era do outro lado do oceano ou...não sei, não sabia, não tinha aquela noção, sabe? Treze anos, catorze anos, eu ficava...não associava bem. Depois que eu vim para aqui, dei-me bem, eu gostei, a experiência foi boa. Se não fosse boa, eu não estava cá até hoje.

**E.: Claro. Já está cá há muito tempo mesmo...**

e.: Dezasseis anos.

**E.: E nunca interrompeu a sua estada cá? Permaneceu sempre?**

e.: Fui ao Brasil, passei dez meses lá porque eu tinha que servir a tropa, era obrigatório ir para lá, não é? Fui para lá com dezoito anos, passei dez meses lá e depois voltei.

**E.: E a nível da sua integração cá em Portugal, sente-se integrado atualmente? Também são muitos anos...**

e.: Eu estou muito bem cá! Integradíssimo.

**E.: Portanto, em comparação com o Brasil, a sua qualidade de vida é...**

e.: É melhor, é melhor. É assim, é melhor porque...eu acho melhor porque eu passei a minha adolescência toda aqui. E se tenho uma casa, se tenho um carro, é assim. Não dependi da minha mãe, não dependi de ninguém, dependi só mesmo de mim. É assim, eu acho que nessa experiência se eu estivesse no Brasil acho que não conseguia ter nada disso. Eu acho...não sei, não posso dizer...se eu estivesse lá, não podia ter tudo isto que eu tenho aqui: tenho emprego fixo, estável e não sei se teria essa mesma sorte no Brasil!

**E.: Portanto, tentando ver-se no Brasil atualmente, acha que em Portugal há uma melhor qualidade de vida, nomeadamente a nível de trabalho, habitação...**

e.: Segurança! É assim, eu falo em segurança, porque eu quando fui para o Brasil para servir a tropa eu me sentia inseguro. Tinha que andar sempre com o meu sobrinho, que tem vinte e poucos anos...eu tinha dezoito, ele tinha dezasseis. Tinha que andar sempre do meu lado, para onde eu fosse ele tinha que ir. Eu conhecia, mas não me habituava, sei lá, eu tinha medo, não sei porquê, peguei aquele trauma do Brasil ser perigoso, mas não era. Com a minha família nunca se passou nada, só que eu tinha aquele receio. Tinha que andar bem, para onde quer que eu fosse...podia andar meia-noite, uma, duas, três da manhã sozinho que acho que ninguém me iria fazer mal. Lá não, lá meia-noite, dez horas, onze já tinha medo de sair para a rua, não sei porquê! E então ficava dentro de casa. A experiência...é diferente, não sei.

**E.: E agora atualmente pretende voltar ao Brasil? Sim ou não?**

e.: É assim, voltar ao Brasil para morar não.

**E.: Porquê?**

e.: Não consigo, não consigo viver lá! Passo as férias lá...

**E.: Todos os anos passa lá?**

e.: É assim, eu não vou ao Brasil já há nove anos. Já há nove anos que eu não vou ao Brasil, mas pretendo passar lá férias, só que...mas voltar a morar não!

**E.: Já se sente português, não é?**

e.: É, de facto é!

**E.: E sente-se bem aqui neste país e já tem a sua vida toda construída aqui...**

e.: Tenho, tenho. Sinto-me muito bem cá! E acho que...não me falta mais nada, não me falta mais nada aqui...

**E.: Então, foi uma integração bem-sucedida?**

e.: Foi. Para mim, não tenho nada a apontar! Depois que eu peguei a nacionalidade, então!

**E.: É uma segurança, não é?**

e.: É uma segurança, porque uma pessoa quer pensar: “Será que eu vou ficar no trabalho?”. E se eu sair do trabalho, tenho que renovar o meu visto, tenho que ter um “x” de dinheiro a descontar para autorizar a residência, essa burocracia...e a gente fica a pensar muito nisso e então durante um ano, a gente está sempre preocupado se vai, se vão aceitar renovar o visto ou não, se vou pegar residência ou não e a nacionalidade, para quem queira, é uma boa opção. É sério, sente-se mais seguro.

**E.: É um alívio?**

e.: É. Sente-se muito mais seguro!

**E.: E tem assim mais perspetivas a nível do futuro?**

e.: É assim, se eu tenho?! Tenho. Eu queria abrir um negócio meu (risos). Queria ser patrão (risos).

**E.: Mas no ramo da restauração também?**

e.: No ramo da restauração. Não tem nada a ver com Cascata. Acho que vou dar um nome meu, mesmo específico que eu possa inventar.

**E.: E pode também ser comida típica brasileira, nunca se sabe...**

e.: Exato. Desse género. E eu também gosto e cozinhar e tudo (risos).

**E.: E mesmo neste tempo de crise, acha que vai ser fácil?**

e.: É assim, o que eu estou a pensar não é para aí em dois, três anos, é mais para a frente. E espero que passe essa crise, aqui até lá e vai passar (risos). Vai passar, tem que passar.

**E.: Gostaria de acrescentar mais alguma coisa para além daquela que foi dito, não sei...**

e.: Sobre...acho que não tem mais nada. É assim, do que eu vivi aqui, ainda se tivesse acontecido algo de extravagante na minha vida aqui, ainda dava para contar, mas...não aconteceu nada. Foi tudo mesmo pacífico, fui acolhido muito bem cá em Portugal. Não aconteceu nada, a sério!

**E.: É mesmo um caso de sucesso, porque realmente achamos que é um caso atípico.**

e.: Eu acho que é por causa do meu nome, que é diferente de todo o mundo (risos). Eu não conheço esse nome, só quem tem esse nome...sou eu e era o meu pai. Esse nome era do meu pai. Só nós os dois que temos mesmo...quer dizer, agora só eu (risos). Acho que foi por causa do nome, esse nome deu-me sorte!

**E.: Pronto, então vou dar por terminada a entrevista.**



| <b>Análise vertical à entrevista n.º 5</b> |   |                 |
|--|---|-----------------|
| <b>Inquérito 3.2_20</b>                    |   |                 |
| <b>Dimensões e categorias de análise</b>   | <b>Dados/ Sínteses</b>  | <b>Excertos</b> |
| <b>I. Dimensão social</b>                  |   |                 |
| Características sociodemográficas          | <p><b>Género:</b> Masculino</p> <p><b>Idade atual:</b> 31 anos</p> <p><b>Idade de emigração:</b> 15 anos</p> <p><b>Estado civil:</b> separado/ divorciado</p> <p><b>Nível de escolaridade no Brasil:</b> Ensino fundamental completo</p> <p><b>Nível de escolaridade em Portugal:</b> Ensino fundamental completo</p>   |                 |
| Zona de residência                         | <p><b>Concelho e freguesia de residência:</b> Matosinhos</p> <p><b>Composição étnica das vizinhanças:</b> Matosinhos</p>  |                 |
| Composição de classe                       | <p><b>Última ocupação no Brasil:</b> estudante</p> <p><b>Primeira ocupação em Portugal:</b> pintor na construção civil</p> <p><b>Ocupação atual em Portugal:</b> empregado de mesa e balcão</p> <p><b>Lugar de classe individual no Brasil:</b> indeterminável</p> <p><b>Lugar de classe individual em Portugal à chegada:</b> OI</p> <p><b>Lugar de classe individual atual:</b> PBE</p> |                 |

|   |  |   |
|---|--|---|
|   | <p><b>Lugar de classe de família de origem:</b> BD</p> <p><b>Lugar de classe de família de pertença:</b> PBE</p> <p><b>Disposições em relação à carreira profissional:</b></p> <p>Sonha em abrir um negócio próprio.</p>   | <p>“Eu queria abrir um negócio meu (risos). Queria ser patrão (risos). No ramo da restauração. Não tem nada a ver com Cascata. Acho que vou dar um nome meu, mesmo específico que eu possa inventar.”</p>   |
| <p><b>II. Percursos migratórios</b></p> | <p><b>Outros países:</b> Não</p> <p><b>Tempo de permanência:</b> 16 anos</p> <p><b>Tipo de rede migratória:</b> legal</p> <p><b>Com quem veio:</b> sozinho</p> <p><b>Aprofundamento das razões de vinda para Portugal</b></p> <p>“Para se jantar à família”</p> <p>Veio para Portugal para se juntar à irmã, cunhado e aos seus dois sobrinhos.</p> <p><b>Dificuldades encontradas em Portugal</b></p> <p>O entrevistado afirma não ter tido qualquer tipo de dificuldades na sua chegada e vida em Portugal. O seu processo de legalização demorou, mas nem toma esse facto como uma dificuldade.</p> | <p>“ Nenhuma! Dificuldade não. É assim, dificuldade tive para tirar os documentos. Essa foi a pior. Porque dei-me...desde aí não tive dificuldade nenhuma. Em termo de língua, de convivência com as pessoas, aqui não.”</p> <p>“ Nenhuma (risos). A não ser o clima que era um...bocado frio. Agora já me acostumei.”</p> <p>“ É assim, do que eu vivi aqui, ainda se tivesse acontecido algo de extravagante na minha vida aqui, ainda dava para contar, mas...não aconteceu nada. Foi tudo mesmo pacífico, fui acolhido muito bem cá em Portugal.”</p> |

|  |   |  |
|--|---|--|
|  | <p><b>Intenções de regressar ao Brasil quando emigrou</b></p> <p>Tencionava regressar ao Brasil, pelo que tinha vindo mesmo para passar férias, mas gostou de Portugal e quis ficar.</p>  | <p>“ Sim, tencionava voltar. Tencionava voltar...depois de seis meses, eu queria voltar para o Brasil. Mas depois quando encontrei emprego, fui gostando daqui, fui-me habituando e...fiquei aqui até hoje.”</p> <p>“ A minha irmã já voltou para o Brasil. Os meus sobrinhos estão cá, estão cá a viver com o pai. Infelizmente, eles se separaram e então estão cá os meus sobrinhos.”</p>   |
| <p><b>III. Dimensão cultural</b></p> <p>Redes de sociabilidade</p> | <p><b>Redes à chegada a Portugal</b></p> <p>A irmã, cunhado e sobrinhos, com quem tinha vivido no Brasil, estavam imigrados em Portugal.</p> <p><b>Aprofundamento das disposições relativamente aos grupos com que o entrevistado se relaciona menos ou não se relaciona e as justificações em torno dessa situação.</b></p> <p>O entrevistado relaciona-se predominantemente com portugueses porque, afirma, consegue mais facilmente confiar num português do que com um brasileiro. Já foi prejudicado por um brasileiro em Portugal e considera diferente relacionar-se com outros brasileiros no Brasil e em Portugal, aqui considera existe “competição”.</p> | <p>“ A minha irmã e os meus sobrinhos. Ah, e o meu cunhado.”</p> <p>“É assim, eu não conheço muitos brasileiros aqui, não. Por acaso não. Também sou de fazer poucas amizades, não sou de fazer aquelas amizades...chego num lar, na discoteca e faço amizades com todos lá, não! Não sou. É assim, eu escolho os meus amigos, sou apenas de escolher. É assim não me dou bem com qualquer pessoa. É do meu feitio, não permite. E ter amizades com brasileiros, é assim...eu entre aspas é assim, eu posso...eu conheço poucos brasileiros, mas é assim eu consigo mais confiar no português do que no brasileiro fora do Brasil. (...) É diferente dar-se com um brasileiro aqui que com um brasileiro do Brasil, é diferente.”</p> <p>“Por acaso, os brasileiros que eu conheci aqui [local de trabalho], conheci quatro, e um já me tentou prejudicar e eu fiquei com receio de o conhecer mesmo.”</p> |

|                                      |  |   |
|--------------------------------------|--|---|
| <p>Estereótipos e representações</p> | <p><b>Aprofundamento das razões e motivações subjacentes à pertença ou ausência de pertença às diferentes organizações ou grupos de apoio.</b></p> <p>Sobre a participação em alguma organização, associação, grupo religioso, responde que nunca se envolveu em nada.</p> <p><b>Relato de situações em que foi vítima de preconceito e/ou discriminação</b></p> <p>Nunca se sentiu vítima de preconceito ou discriminação, sempre se sentiu bem recebido e tratado pelos portugueses.</p> | <p>“ Eu acho que há um pouco de competição, eu acho que há, pelo menos isso há.”</p> <p>“ Não praticava nada disso. Sempre fui eu...”</p> <p>“A minha mãe é religiosa. Minha mãe, meus irmãos, todos...acho que eu sou...ovelha negra na família, não? (risos) acho que fui eu.”</p> <p>“ É assim, eu fui muito bem recebido aqui, muito bem recebido mesmo! Da parte da família do meu cunhado, dos amigos que fui conhecendo aqui...e assim, o meu patrão, posso dizer que...é assim, ele me conhece desde...há catorze, quinze anos, e é uma pessoa que sempre me apoiou.”</p> <p>“ Nunca fui vítima de preconceito.”</p> <p>“ Não, nunca senti e nunca uma pessoa chegou para mim e falou assim para mim na cara, não. Nunca! Se eu disser que sim, eu vou estar mentindo e não há necessidade.”</p> <p>“ é assim, quem trabalha em público, há aquelas reclamações, mas isso não é derivado a eu ser brasileiro. Não, não tem nada a ver! É sobre o trabalho, sobre a comida, sobre até mesmo o atendimento, mas não...”</p> <p>“Não e sempre me trataram muito bem! Muito bem mesmo. E além do mais quando eu fui tirar a nacionalidade, fui tirar lá no arquivo Central do Porto, as senhoras lá foram cinco estrelas. Cinco mesmo. Olha uma coisa é assim...já vi pessoas simpáticas a atender o público, mas como aquelas não. Nunca vi, a sério! Acho que foi mesmo exclusivo para mim, é a sério (risos). Eu</p> |
|--------------------------------------|--|---|

|                                     |  |  |
|-------------------------------------|--|--|
|                                     | <p><b>Perceber se os estereótipos em relação aos brasileiros têm fundamento; se favorecem ou dificultam a integração dos brasileiros em geral na sociedade portuguesa; e se favorecem ou dificultam o estabelecimento de relações sociais.</b></p> <p>Concorda com uma certa ideia de que o brasileiro é “brincalhão”, mas relativamente à associação da mulher brasileira à prostituição afirma que é uma ideia sem qualquer fundamento e que isso o “chateia” porque tem irmãs, pelo que se sente afetado por esse tipo de preconceito.</p> <p><b>Perceber se já utilizou algum tipo de comportamento fora do habitual ao relacionar-se com portugueses temendo algum tipo de discriminação. Se sim, pedir para relatar a situação</b></p> <p>Não se aplica.</p> | <p>adorei ali.”</p> <p>“ É assim quando diz respeito ao homem [brasileiro], é trabalhador, brincalhão, gosta de brincar. Em relação às mulheres, eles têm uma certa imagem das mulheres brasileiras. E isso...fico um pouco chateado, porque eu tenho irmãs, entende? E isso afeta-me a mim também, está entendendo?”</p> <p>“ Eu acho que não têm fundamento. Eu acho que nesse caso não tem fundamento. Eu acho que sinceramente não! É assim, porque...peço imensa desculpa, prostituição há em todos os lugares...tanto italiana, espanhola, inglesa, tudo, tudo...em todos os lugares.”</p> <p>“ Dificulta um bocado. Eu acho que dificulta.”</p> |
| <p><b>IV. Dimensão política</b></p> | <p><b>Vivência de uma situação de irregularidade ou ilegalidade perante as autoridades portuguesas</b></p> <p>Chegou a Portugal numa altura em que podia permanecer seis meses sem visto para fins turísticos. Ao fim desse tempo ficou irregular, embora, como sublinha, estivesse com a sua situação regularizada perante a segurança social e finanças. Enquanto o seu advogado estava a tratar do processo de legalização, o entrevistado foi abordado pelo SEF. Só nessa altura conseguiu legalizar-se, renovando o visto de residência</p>   | <p>“É assim, eu vim como turista, só vim passar seis meses mesmo. Mas depois, fui ficando, fiquei. E depois eu comecei a trabalhar, comecei a trabalhar como pintor e depois peguei a primeira residência.”</p> <p>“ É assim, eu fiquei aqui ilegal, fiquei. Fiquei ilegal entre aspas, mas estava a fazer descontos, estava a fazer tudo certinho. (...) depois eu fui a um advogado, pus um advogado para poder pegar a residência, só que no advogado que eu estava só queria dinheiro, não resolveu nada. Não queria nada e eu está bem,</p>   |

|                                     |   |  |
|-------------------------------------|---|--|
| <p><b>V. Auto<br/>perceções</b></p> | <p>desde então.<br/>Atualmente já tem nacionalidade portuguesa, o que o coloca numa situação que classifica de maior “segurança”.</p> <p><b>Estatutos especiais</b><br/>Não se aplica.</p> <p><b>Perceção da própria situação de integração</b></p> <p>Sente-se integrado em Portugal e considera que não lhe falta mais nada, sobretudo desde que adquiriu a nacionalidade portuguesa.</p> | <p>deixei o advogado...quando ele pôs os meus dados para o SEF, pelo computador dele, a SEF veio imediatamente aqui para saber se eu estava realmente a trabalhar. Eu mostrei o meu passaporte, dizendo que estava a tratar disso. E o que é que eles disseram? Deixa o advogado, vai...pega então o teu passaporte e vai à SEF, marca um dia. E eu fui ao SEF, tratei disso numa semana enquanto o advogado ficou para aí quase seis meses. E pronto, foi isso. Depois peguei...daí para frente, tive tudo certo.”</p> <p>“ E eu já sou português também (risos).”</p> <p>“ É uma segurança, porque uma pessoa quer pensar: “Será que eu vou ficar no trabalho?”. E se eu sair do trabalho, tenho que renovar o meu visto, tenho que ter um “x” de dinheiro a descontar para autorizar a residência, essa burocracia...e a gente fica a pensar muito nisso e então durante um ano, a gente está sempre preocupado se vai, se vão aceitar renovar o visto ou não, se vou pegar residência ou não e a nacionalidade, para quem queira, é uma boa opção. É sério, sente-se mais seguro.”</p> <p>“ Naquele tempo, eu nem sabia o que é que era Portugal. Sinceramente, não sabia (risos). É sério. Nem sabia se Portugal era do outro lado do oceano ou...não sei, não sabia, não tinha aquela noção, sabe? Treze anos, catorze anos, eu ficava...não associava bem. Depois que eu vim para aqui, dei-me bem, eu gostei, a experiência foi boa. Se não fosse boa, eu não estava cá até hoje.”</p> <p>“ Eu estou muito bem cá! Integradíssimo.”</p> <p>“ Sinto-me muito bem cá! E acho que...não me falta mais nada, não me falta mais nada aqui...”</p> |
|-------------------------------------|---|--|

### **Perceção da sua qualidade de vida atual**

Embora não consiga comparar com a situação anterior no Brasil, uma vez que emigrou muito novo, ainda estudante, imagina que no Brasil não teria conseguido sozinho o que conseguiu em Portugal.

Quando vai ao Brasil de férias tem medo, pelo que a nível de segurança considera que tem melhor qualidade de vida em Portugal.

### **Perceção em relação ao futuro: intenção de regressar ao Brasil**

Não tenciona regressar ao Brasil para viver, apenas de férias, embora a irmã já tenha regressado.

“ Para mim, não tenho nada a apontar! Depois que eu peguei a nacionalidade, então!”

“ É melhor, é melhor. É assim, é melhor porque...eu acho melhor porque eu passei a minha adolescência toda aqui. E se tenho uma casa, se tenho um carro, é assim. Não dependi da minha mãe, não dependi de ninguém, dependi só mesmo de mim. É assim, eu acho que nessa experiência se eu estivesse no Brasil acho que não conseguia ter nada disso. Eu acho...não sei, não posso dizer...se eu estivesse lá, não podia ter tudo isto que eu tenho aqui: tenho emprego fixo, estável e não sei se teria essa mesma sorte no Brasil!”

“ É assim, eu falo em segurança, porque eu quando fui para o Brasil para servir a tropa eu me sentia inseguro. Tinha que andar sempre com o meu sobrinho, que tem vinte e poucos anos...eu tinha dezoito, ele tinha dezasseis. Tinha que andar sempre do meu lado, para onde eu fosse ele tinha que ir. Eu conhecia, mas não me habituava, sei lá, eu tinha medo, não sei porquê, peguei aquele trauma do Brasil ser perigoso, mas não era. Com a minha família nunca se passou nada, só que eu tinha aquele receio. Tinha que andar bem, para onde quer que eu fosse...podia andar meia-noite, uma, duas, três da manhã sozinho que acho que ninguém me iria fazer mal. Lá não, lá meia-noite, dez horas, onze já tinha medo de sair para a rua, não sei porquê! E então ficava dentro de casa. A experiência...é diferente, não sei.”

“ Fui ao Brasil, passei dez meses lá porque eu tinha que servir a tropa, era obrigatório ir para lá, não é? Fui para lá com dezoito anos, passei dez meses lá e depois voltei.”

“ É assim, voltar ao Brasil para morar não. Não consigo, não

|               |  |  |
|---------------|--|--|
|               |  | consigo viver lá! Passo as férias lá...” |
| <b>Outros</b> |  |  |



## Transcrição de entrevista n.º 6

|                                 |  |
|---------------------------------|--|
| <b>Inquérito</b>                | 11_5   |
| <b>Entrevistada</b>             | Homem, 55 anos, formador.<br><br>Foi selecionado porque representa um caso particular de imigração em idade avançada (50 anos) apesar de ter tido um percurso profissional bem-sucedido no Brasil, onde era empresário no ramo da exportação de madeiras, veio para Portugal ocupar a profissão de vigilante de obras. Relaciona-se predominantemente com portugueses e já foi vítima de discriminação e preconceito por razões raciais. |
| <b>Data da entrevista</b>       | 13 de junho de 2011  |
| <b>Local da entrevista</b>      | Local de trabalho  |
| <b>Duração da entrevista</b>    | 1h   |
| <b>Hora de início (aprox.)</b>  | 10h00  |
| <b>Hora de término (aprox.)</b> | 11h00  |

**E.: Bom...no inquérito dizia-me que veio para Portugal para se juntar à família...**

e.: À filha. Na verdade, não... Família, mas o grande motivo inicial foi minha filha mesmo, não é?

**E.: A sua filha já estava cá há quanto tempo?**

e.: Três anos...não, dois anos.

**E.: Mas fez algum processo de reunificação familiar?**

e.: Sim, claro. Aí depois fiz para poder ficar legal e tudo mais, essas coisas...Entrei como turista mas vim para ficar. Então, assim que cheguei comecei a procurar emprego, essas coisas todas e tratar do aspeto legal, ou seja, para não ficar ilegal...

**E.: E esse processo de reunificação familiar...**

e.: Porque a minha esposa estava aqui também, a minha esposa é espanhola.

**E.: Humm. Foi fácil de...**

e.: Por conta do casamento com um espanhol não tive grandes problemas, eventualmente um pouco moroso, do meu ponto de vista, completamente desnecessário, porque eu tinha filhos com vinte e tal anos, quer dizer andaram a fazer pesquisas se eu tinha casado por encomenda (risos). Três filhos, o mais novo tinha vinte e quatro. O SEF se preocupar de repente que era um casamento de fachada, alguma coisa um pouco hedionda. Ninguém tem três filhos de um casamento para casar de fachada...mas pronto.

**E.: E veio para a sua filha?**

e.: Minha filha já estava aqui, aí veio o mais novo comigo, a mais velha ficou no Brasil, continua no Brasil. E minha esposa, minha ex-esposa, estava aqui efetivamente também, e aí pronto, vim para cá e aqui fiquei, não é?

**E.: E o que é que faz alguém com a sua idade... Eu sei que veio para se juntar à sua filha, mas de qualquer forma é uma nova vida.**

e.: É assim, de qualquer forma eu tinha mais de trinta anos de trabalho, mais de trabalho e essas coisas.

**E.: Posso saber o que é que estava a fazer exatamente no Brasil?**

e.: Nesse último ano estava cuidando de exportação de materiais para os Estados Unidos, não é? E aí tive um problema com o meu sócio, que me aborreceu. Perdemos dinheiros, aquela...

**E.: Qual é a empresa?**

e.: É uma empresita pequena de exportação de madeiras. Me aborreceu muito e eu precisava de espairar a cabeça porque quando você perde dinheiro, que não é só dinheiro, foi muito mais a amizade, no sentido de traição daquilo, não é? Porque era uma pessoa que comia da minha comida, ou seja, a gente convivia juntos e mais a filha aqui passando mal, mal no sentido de que, embora ela seja espanhola, ela também foi maltratada porque ela fala português do Brasil. Não fala o castelhano ou o espanhol, fala muitíssimo bem o português e muitas vezes aqui ela foi maltratada, foi considerada vagabunda, etc. e tal por conta de ser brasileira, nesse sentido. E aí ela me ligou

chorando “Papa, eu não aguento mais, estou desesperada e não sei quê. Vem para cá, vem ficar comigo...”. Eu já estava desligado do sócio, não tive muito que pensar, passei a mão na mala e vim com o guri mais novo. E vim-me embora.

**E.: E o que é que esperava da vida...?**

e.: Ah, na verdade, esperava que com o meu conhecimento, a minha formação com trinta anos de trabalho, que embora eu já sabia que tinha cinquenta anos, em qualquer lugar que eu chegue com cinquenta anos não é simples, mas aqui começando com segurança e com a minha capacidade de...não estou a falar de trabalho, mas de conhecimento diário, ou seja administrativa...seja de gerenciar ou, enfim, eu tenho uma formação altamente eclética e mais os cursos todos que tenho em trinta anos de trabalho...Duas faculdades, duas pós-graduações, etc., e enfim...eu não imaginei que...houvesse problema, ponto. Não imaginei que houvesse problema! Depois, isso ela não me disse, puxei a orelha dela, pois foi por conta disso, não é? Que havia...eu entendia um pouco a discriminação com relação às mulheres, porque é verdade! A gente entende isto, não aceita, mas entendo. A mulher brasileira, desculpe as portuguesas, é mais bonita, é mais agradável, é mais jeitosa, tem uma série de coisas que Portugal não conhecia por conta de “n” coisas que passou Portugal e também não interessa aqui discutir, não é? Mas Portugal viveu fechado durante muito...começou a se abrir depois da União Europeia e para mudar as mentalidades dos portugueses que até 2006 podiam bater nas mulheres como corretivo, que é uma coisa que no Brasil não acontece há 100 anos. Quer dizer, isso aqui está completamente fora do mundo, não é? Isso é verdade, foi isso que aconteceu com Portugal e com a chegada da União Europeia, da chegada do euro, muito dinheiro, muita coisa, mas nenhuma capacidade de raciocínio, nenhum esclarecimento ao povo de forma honesta. Esclarecimento errado tem muito, não é? Então, o povo leva tempo. Efetivamente dizer para você que não vieram as meninas, parte de que veio de lá, veio para a prostituição, veio sim. E como vem do Leste! Porque são mais bonitas, mais agradáveis, mais não sei quê e as que vieram para cá não são pessoas culturalmente mais preparadas. A sua maioria são pessoas de pouca cultura, que vêm de regiões menos favorecidas do Brasil, de famílias muito grandes, ou seja há uma circunstância atenuante. Além do que, há uma coisa chamada tráfico, uma coisa chamada mentira, porque eu vi, as pessoas chegam lá e contam uma história bonita e dão a roupa e dão isto e dão aquilo, algumas prometem casamento e a menina tem cinco irmãos, dez irmãos...vem um diferente, porque normalmente o que vem é do Norte,

Nordeste, alguma coisa do centro...você não vê quase mulher de São Paulo aqui na prostituição, não vê...são casos altamente isolados, não é? Aí poderia dizer que de repente essa veio como profissão, pode-se dizer assim, se você encontrar, não é? São casos isolados e aqui não é difícil, basta ser brasileira, basta...para termos um problema, não é?

**E.: É a generalização...**

e.: A generalização é muito ruim e que não acontece no Brasil, é isso que português não consegue entender. Primeiro, que é assim, tem coisas que precisam ser colocadas de forma muito clara: o português, enquanto língua, existe porque falava no Brasil, senão o português já era uma língua quase que morta e a língua precisa se adaptar. Aí o português “Porra não quero falar o Brasileiro”. Ninguém está pedindo para o português falar o brasileiro, está pedindo para ele abrir a cabeça e falar uma língua mais fluída, mais bonita, ponto. E aí você fala “Mas mudou” mudou, aqui muda cinco por cento e no Brasil muda dez, que já é uma língua aberta. Então, explica para mim quem é que...se perdesse alguém, quem é que perdeu? O Brasil! E outros países eventualmente. Quer dizer, as informações...o português, são muito contraditórias, é uma imprensa marron, é um governo que não se preocupa de dar as informações corretas e o resultado que você tem é um povo que não vai votar! Quarenta e seis por cento fica em casa, seja no aborto, que é um absurdo, eu ouvi portugueses dizerem “Aborto é problema da mulher”, como se filho nascesse sozinho! [pausa] Não, está ruim, está ruim e você não vai...não, não vai mudar nada, então não está ruim, está mecânico. Quer dizer, como é que um povo, que conquistou e diz que conquistou no sentido muito da Descoberta, um terço do mundo considerado novo, se sujeita a isto?! Se sujeita a ser mediocrizado na sua capacidade, no seu raciocínio. Eu tenho muito orgulho porque me considero português, então é o que eu sempre digo, eu falo com muita vontade, eu tenho... não por conta do casamento, aí não tem nada a ver, mas por conta dos acordos dos países irmãos eu tenho exatamente o mesmo direito que o português e exerci o meu direito e exerço o meu direito. Hoje Portugal é o meu país, eu vivo aqui, pretendo ficar aqui mais cinco anos ou seis... Volto e faço tudo aquilo que tenho que fazer e é o meu país. Não deixei de ser brasileiro, não deixei de ser uma coisa, mas tenho dois países, que luto igual pelos dois! É diferente, a minha...

**E.: Não, mas...**

e.: Não, é diferente a minha postura enquanto postura de imigrante, que eu não me considero um imigrante. Eu vim para um novo país, que é o meu país também, como todos os que tomam uma vida nova, isto é verdade, mas não no sentido de imigrante, de que vem aqui, vou trabalhar que nem...quero trabalhar e trabalho...mas não no sentido que agora tenho que mandar dinheiro ou não sei o quê ou juntar dinheiro, não. O meu objetivo é...por isso me considero um pouco diferente do imigrante convencional, não é? Que se preocupa com as pessoas que vieram para cá e grande parte hoje está voltando de há um ano, ano e tal...um retorno muito grande, porquê? Mais uma vez também a contingência errada também do lado...o brasileiro também tem pensamentos errados, não é só o português. Agora o euro baixou, então está ruim ficar aqui, não. Agora, está muito bom ir para o Brasil, porque o nosso dinheiro está mais forte, o nosso país está pujante, não é porque o euro baixou. Então, são pessoas menos...trata-se da cultura, pessoas menos esclarecidas com ações. Enquanto o euro ocupava, vivia aqui, morria de fome. Passar privação, passar humilhações, que fosse...porque ele mandava dinheiro para lá, comprava sua casa, seu carro, enfim qualquer coisa... como agora está muito mais fraco e é verdade, mais uma vez o mais fraco está indo na realidade como aconteceu com o dólar e agora acontecendo com o euro porque assim...não é uma moeda de estado, não é uma moeda que vai mandar no mundo, como manda o dólar no mundo...então o Brasil está mais forte, então o meu dinheiro lá começa a valer, não é mais, começa a valer o real, como o próprio nome diz, e as outras moedas têm que baixar! Para fazerem frente à pujança do país, ponto. Essa é a diferença! Muita gente está voltando, até cansado de ouvir...muita gente com mais de dez, doze, quinze anos, cansado de ser ofendido aqui...quer dizer, como é que pode uma pessoa estar num país, viver durante dez e quinze anos e ainda se sentir ofendido, se sentir maltratado pelo povo, que é irmão, que quem chega lá é muito bem recebido, é isto que me deixa realmente revoltado. As pessoas de Portugal, os portugueses que chegam no Brasil e são muitíssimo bem recebidos como qualquer outra nação, mas acho que até tem um carinho...eu me lembro do meu tempo de garoto quando eu olhava os portugueses, que a maioria das padarias era de portugueses...

**E.: (risos).**

e.: É verdade...metade das bancas nas feiras eram de portugueses e a gente brincava com o Sr. Manel, o Sr. Joaquim, eles mesmo contavam piadas dos portugueses, quer

dizer eu quantas vezes entrava “Ei, Sr. Joaquim, tá fazendo conta de cabeça? Porque ele usava o lápis lá na...

**E.: Na orelha.**

e.: Na orelha, usava aquelas boinhas, as portuguesitas usavam aqueles tamancos, tamancos mesmo, aqueles que se usavam...e eu sou de uma cidade que tem um forte contingente, foi a primeira cidade que os portugueses embarcaram oficialmente, que é Santos, o maior porto da América Latina, não é? Onde desembarcou a minha avó e o meu avô...

**E.: Portugueses?**

e.: Já. Eu sou português e tenho orgulho disso, não tenho...nunca dependente da coisa, do casamento com a espanhola, que tenho direito à nacionalidade espanhola...teria direito à nacionalidade portuguesa, tanto por avós como agora porque agora também já estou legal, por conta do acordo que, que este ano, depois de cinco anos, dá-me a hipótese também de exercer o meu direito de ter a nacionalidade portuguesa, quer dizer, agora tenha uma disputa para descobrir qual das nacionalidades eu vou ficar, porque eu não posso ter três. Eu tenho que ter duas, portanto eu tenho que optar...

**E.: Ainda não decidiu.**

e.: Ainda não decidi. Estou agora, vou fazer um inquérito, não é? Vou fazer talvez um simpósio, alguma coisa...para saber qual das nacionalidades eu fico, não é? (risos) Ou qual eu abro mão ou contrário e...mas passei muita fome aqui, passei muita vergonha, vergonha no sentido de...ter que fazer currículo...e aqui a vergonha não é no sentido de, porque tenho que tirar as minhas habilitações, não é isto. No sentido de ter que pedir...por favor, preciso, faço qualquer coisa...no sentido de humilhação para tentar ter um emprego e ter a dignidade que aqui me tiraram! Coisa que no meu país nunca aconteceu. Sempre ajudei muita gente, muita gente mesmo, sempre fui muitíssimo bem sucedido e vim para cá e passei fome! Se não tivesse um casal português, que por acaso foi o meu amigo, o meu mentor, o meu companheiro, quase que um irmão, tem quase a mesma idade que eu, pouca diferença, que parece que não são portugueses e que me ajudaram e sempre me deram força... eu nunca fiquei em casa esperando alguma coisa, sempre saí atrás, então...um biscatizinho, uma coisinha, não é? Mas é assim, eu não tinha uma coisa digna, uma coisa de dizer “Não, eu saio hoje, vou trabalhar, no final do

mês recebo o meu...não estava nem preocupado com o contrato, não acho que o contrato é que faz o trabalho...

**E.: Trabalho mais certo.**

e.: Mas a relação...é assim, no meu mundo, a palavra tem valor, mas não o contrato que tem com qualquer pessoa, é a sua palavra. O papel é depois, o grande dividendo das relações é a honra. Eu olho para você e digo “Ok. Estamos combinados.” Não precisa ter papel. Eu tenho que fazer a minha parte, você tem que fazer a sua. Aqui encontrei monte de gente que queria sacanear, mesmo com o papel. Quer dizer e isto...

**E.: Ao fim de quanto tempo é que conseguiu um trabalho?**

e.: Logo que eu cheguei, eu arrumei um trabalho.

**E.: A fazer o quê?**

e.: Fui ser vigilante. Vigia, fui cuidar de uma obra à noite. Por acaso, mal que cheguei, não é? Eu vim aqui, cheguei na época de Fevereiro, então eu e o meu filho viemos fazer o caminho de Santiago de Compostela, essa foi a ideia. Chegamos, vimos a irmã, ficamos um pouco com ela e vamos fazer o caminho de Santiago. E depois vamos ver o que acontece, não é? Essa era a primeira ideia. Temos aqui frio e chuva, não precisa de dizer, não é? E lá neve no caminho, nós vamos fazer o caminho e aí estava falando com um rapaz, minha filha tinha um namorado que veio até viver com ela efetivamente, e ele através de um amigo me arrumou para ficar, cuidando da obra, não é? Ou seja, no primeiro momento foi muito tranquilo, não tive nenhum problema. A obra acabou, obviamente tem um momento que acaba e tem que entregar tudo pronto e pronto e foi aí que eu terminei o trabalho. Mas como eu trabalhava à noite, eu já vendia telemóveis, já fazia essas coisas, ou seja, durante o dia tentava fazer mais alguma coisa para angariar mais um dinheirinho. Quando isso terminou, continuei fazendo essas...tratando de telemóveis e tal...e me apareceu uma oportunidade de trabalhar na área de lavagens... [impercetível] selecionava pessoal, via material, esse tipo de coisas. O que também...continuando...obviamente que o que aconteceu foi muito engraçado porque quando você começa com menos salário, geralmente, depois tem uma evolução. Aqui a minha vida em Portugal começou exatamente ao contrário, não é? Eu comecei ganhando, vamos falar em oitocentos euros logo que cheguei. Depois que terminou essa obra eu já não conseguia mais oitocentos, tive que ganhar seiscentos, não é? E depois de

seiscentos, depois de seiscentos e trinta para ser mais honesto, depois tive um tempo com este padrão, eu tinha que ganhar menos, chegar quinhentos e oitenta, ou seja passou o contrário, não é? Em vez de evoluir, aí começou a regredir. Eu entendo que já havia alguma crise e eu, como disse, sou uma pessoa que procura entender esse tipo de coisas. E aí começa que eu e comecei a deixar de acreditar nas pessoas. Nesse mesmo padrão eram dois sócios...

**E.: Humm...humm...**

e.: Aí um deles me chamou, tinham problema, estavam vendendo...a coisa não estava bem! E falou “você vai para a minha nova empresa”. Uma empresa de financiamento, de contratos e tal, não é? Humm...”Você vai para lá, vou-te pagar a mesma coisa, os mesmos...” Nesta empresa tinha contrato, nesta empresa que eu estava, eu tinha contrato. “Não se preocupe, eu acho que é uma boa oportunidade para você de poder ganhar mais”. Eu falei “Ok. Vocês estão falando, eu estou com vocês, vamos lá, não tem nenhum problema”. E claro que o sócio que me convidou trouxe a carta, eu pedindo demissão da outra empresa, para assinar o novo contrato e eu assinei. Trabalhei para ele nove meses na outra empresa. O que é que você acha que eu ganhei, depois de nove meses, a não ser uma demissão sem levar nenhum centavo? “Mas eu assinei contrato, e não sei quê...”. “Não quero saber”. Mais uma vez, se tivesse...aqui a palavra não vale... [bate na mesa] Ah, então e aí começou, isso no final de 2008, e aí no final de 2008 foi muito difícil arrumar outro trabalho, crise financeira, bla bla bla...idade cinquenta e três anos. Já é difícil com cinquenta, imagina com cinquenta e três, não é? E aí começamos...fui viver de rendimento mínimo de inserção, rendimento social de inserção e foi dando, como disse eu nunca parei, tenho tentado uma coisa e aí...

**E.: Estava a fazer um biscate.**

e.: Fui fazendo uma coisinha ou outra, mas assim, não é? Uma hora você ganha, outra hora não ganha. E aí falei: “Bom, eu tenho que estudar, eu tenho que fazer alguma coisa”, que eu estava ficando louco. E aí comecei a fazer cursos financiados, por ação do governo obviamente, dizendo que só tinha o décimo segundo ano, porque senão não podia fazer.

**E.: Sim, sim.**



e.: Enquanto isso, passei a estudar das nove da manhã às dez da noite. Todos os dias. Entre sessenta a oitenta euros por curso. Ora, eu fazia dez cursos, ou seja, não recebia todo o mês, mas conseguia receber aí uns trezentinhos por mês, mais a inserção, não morria! Não morria, não é?

**E.: E estava a viver com a sua filha e o seu filho?**

e.: Não, o meu filho já tinha voltado ao Brasil. A minha filha já tinha ido para Espanha viver com a mãe, porque o cara que estava vivendo com ela resolveu que ia bater nela, que era o dono dela. E então ela conseguiu fugir de casa. Graças a Deus, o meu neto na época estava com a avó passando os dias. Desde quando ela saiu de casa, apareceu em casa, imediatamente levei-a para Espanha, nunca mais ela teve contacto com ele a não ser no tribunal. E... (respira fundo) ...

**E.: E acaba por ficar aqui sozinho?**

e.: Sim.

**E.: Do ponto de vista familiar...**

e.: Sim, sim. Basicamente, sim. Estou, vamos chamar assim, separado oficialmente da minha mulher, oficialmente, porque estamos separados oficialmente, porque continuo casado nos papéis. Mas...vivo aqui com aqui uma garota, uma guria, brasileira, dividimos despesas, essas coisas...e vou ver os meus netos, os meus filhos na Espanha e eles de vez em quando vêm para cá, assim. Mas foi muito complicado, porque não havia dinheiro nem para isto nem para aquilo. Dinheiro não importa. Como lhe disse assim, eu sempre fui buscar alguma coisa, mas porquê? Porquê? Não posso aceitar sempre perder tão simples quanto isso, não acredito nisso. Não nasci para perder! Agora, foi muito difícil, me tiraram a dignidade, me tiraram...isto que me doeu mais: o dinheiro não é o bem mais importante da vida. O mais importante da vida é a dignidade, o respeito o que você tem para com você mesmo, não é? E quando você perde isso, tem que viver de favor, pedir e pelo amor de Deus...poh! Isto é indigno do ser humano! Mas assim...eu sempre aprendi uma coisa: não interessa o que você faça, seja o melhor! Faça bem isso, eu sempre fiz isso a minha vida inteira. E graças...fui muito bem sucedido, muito bem sucedido!

**E.: Hoje, no emprego que tem aqui, sente-se melhor?**

e.: Altamente realizado, estou fazendo o que gosto, uma das coisas que gosto muito que é ensinar! Que é ajudar a formar as pessoas, a recriar o mundo, as ideias, não é?

**E.: Tem a sua formação reconhecida, não é?**

e.: É assim, não preciso dela. Reconhecida no sentido de que não exerço a profissão. Eu sou psicólogo, mas na área de estudos sociais, quase que um antropologia ou sociologia. É um pouco diferente desse negócio de fazer testinhos de QI, o meu negócio é saber porquê que emigram, porquê que é uma sociedade móvel, porquê que as coisas evoluem. É isto que eu aprendi, não é? Então, por isso que eu não me preocupei quando vi o questionário, eu entendo muito bem, tenho que fazer essas coisas, precisam de ser ditas essas coisas, precisam de ser olhadas com um outro ângulo que às vezes as pessoas não têm. Fui ontem ver a exposição de Darwin...e olhando ela, vendo... claro que tem uma cadeia evolutiva... [imperceptível] Todo o mundo conseguiu achar, ali há uma evolução até os dias de hoje, do japonês lá que fala das células e tal, que também é uma evolução e tal. Eu estava olhando aquilo e falei “Poh, está aqui a minha tese de doutorado, não é? Eu vou...eu vou usar no sentido evolutivo, mas no sentido de o que é que acontece com as sociedades, com o ser humano, enquanto pessoa e como é que nós nos adaptamos?!”. Porque as adaptações que nós sofremos de acordo com a região, de acordo com a coisa, é uma evolução, não é uma evolução no sentido de agora estou mais sábio, não! Mas é uma evolução ao nível de vida, adaptabilidade! Eu não posso morrer! Se eu não tenho casa, eu tenho que cavar um buraco para não sentir frio. Esta adaptabilidade e a transformação física no sentido de pele, de coisas, ou seja, essas pequenas coisas que não mudam a sua mentalidade... Você está aí, você é igual, mas a sua cor ficou mais escura, o seu lábio mais grosso, a sua mão mais forte...isto é uma adaptabilidade, não é? Eu estava pensando nisso. Poh, está aqui a minha história, que coisa linda, fazer uma tese. Volto lá abaixo, e vou trazendo isso, vou pegar essas pequenas diferenças no ser humano como enquanto pessoa, não é?

**E.: O ser humano e o contexto...**

e.: Acho que seria uma coisa interessante. Seria uma coisa interessante pensar um pouco mais nisso, mas eu acho que poderia dar uma tese muito interessante e completamente controversa, porque as pessoas com certeza não param para pensar exatamente neste conceito de modificação, de alteração... Eu sou um cara que gosta muito de ler, de estudar, de discutir coisas, não é? De aprender, eu gosto muito de aprender e o que me

faz ter muita vontade de transferi-los e transferir experiências que é mais o que eu faço, não é? Então, eu não preciso dos meus cursos reconhecidos neste sentido, porque eu não vou ser um professor. Eu sou um formador! Não é? Eu adapto às condições que existem, às formações necessárias, não é? E sigo lá os guiões que manda o...

**E.: Mas fez algum processo de reconhecimento de modo a...**

e.: Não. Eu tenho. O centro de instituto de emprego tem que aceitar os meus diplomas, não é? Obviamente. E como disse não é uma coisa formal, é formal, mas não convencional, vamos mudar. Eu não preciso de certificar tudo o que eu estudei...

**E.: Ok.**

e.: Eu tenho que apresentar os diplomas carimbados pelo consulado, para mostrar que são verdadeiros, não é? E o centro de emprego, através do meu diploma e do currículo, o que ele faz? Ok, como eu sou formador, fiz o curso de formação de formadores, sou formador. Ok, eles permitiram que eu dê as formações e aí são...sejam formações modulares ou formações EFA. Dentro, obviamente, daquilo que eu tenho como ramo de vida profissional e como formação pessoal. Então, não preciso, como disse, desse reconhecimento efetivo de uma e outra faculdade reconhecer o meu curso. Ok, porque não vou trabalhar, não vou ser psicólogo por exemplo, não vou...

**E.: Sim, sim.**

e.: Por isso, não preciso deste outro reconhecimento. Se eu fosse exercer psicologia propriamente dito, gostaria de receber outro reconhecimento, que é funcional, vamos dizer assim. Aqui o meu trabalho não é funcional...

[interrupção – o patrão bate à porta]

e.: Foi este o cara que me deu a oportunidade! É o patrão, o cara que me deu a oportunidade. Eu entrei aqui, comecei a fazer os meus cursos aqui e o negócio de formação de formador, comecei a entender o que era essas coisas. Acabei por ter formação no Brasil, muita formação... São trinta anos, não é? Eu fui professor de História, enfim...e tenho uma carreira de formação em diversas áreas, em que eu falei “Porra, eu quero fazer...” Porque gosto, gosto de dar aulas. Eu falei: “Porra, preciso de dar um jeito. Eu quero fazer este curso”. “Ahhh, brasileiro é folgado, não é, brasileiro? E o que é que você quer com esse curso?”. “Vou trabalhar aqui, vou dar aula aqui. É isso que eu quero! Não vou sair nada daqui. Vou ser professor aqui! Vou fazer aqui e

diga a ele que preciso do curso sem pagar. Pago com trabalho”. “Você é folgado, hein cara!” “Sim senhor, sou muito folgado, mas é o que eu quero!”. “Você faz qualquer coisa?”. “Faço.” “Está bem!”. Uma semana depois: “brasileiro, tenho um negócio. Você já fez pesquisa?” “Sim senhor, eu já fiz”. “Eu tenho um Instituto de Pesquisa, você vai para lá fazer pesquisa, se der certo, quero que você coordene aquilo para mim”. “Está bem”. “Quando é que você começa?” “Amanhã, quando o senhor quiser”. “Quanto é que tu quer ganhar?”. Não perguntei, nem vou falar nisso. Primeiro eu vou lá e mostro o que eu posso fazer e o senhor vê o que pode pagar. “Ah, brasileiro!”. E fui, depois fui para lá, fiz pesquisa mais ou menos uma semana, depois assumi essa supervisão à noite e comecei a controlar algumas coisas da pesquisa e tal... E fui estudando, estudando, estudando... “Preciso que tu venha-me ajudar fazer contratos no fim-de-semana, pode ser?”. “Pode!”. E vim para cá fazer contrato com ele. Aí passou mais um tempo e ele olhava e dizia: “o que é que tu fazer?”. “Eu quero dar formação, eu quero fazer alguma coisa”. E como eu sou muito chato, todo o sábado eu vinha para cá, todo o sábado! Assistir formação de diversos formadores, eu fiz seiscentos e cinquenta horas de formação financiada, para você ter uma ideia da quantidade de horas mais que quase uma faculdade. Para conhecer cada tipo, tudo o que acontecia...então, eu estava me preparando muito bem para fazer o meu papel quando fosse fazer. Eu tinha a certeza de que o faria, só não sabia quanto tempo ia demorar, mas que o faria. E aí, um dia ele disse: “Quer dar formação?” “Eu quero!”. “Então, tu vais assistir uma turma comigo”. Isso já se tinha passado uns seis meses, eu já fazia algum trabalhinho na secretaria, sem nenhum compromisso. Ele precisava de alguma coisinha, eu fazia. Ou seja, não havia compromisso, não havia contrato e ele me dava uma ajudinha, uma coisinha, nada formal! Eu vim para cá assistir a aula com ele... [impercetível] Ele chamou: “Tu consegues fazer?”. “Eu consigo!”. “Senta aí.” E a partir daí comecei a dar formação e ele foi embora. Hoje tenho contrato e essas coisas, mas foi assim que comecei.

**E.: Há quanto tempo está a dar formação?**

e.: Agora, um ano, um ano e tal. Em primeiro momento, como lhe disse, não tinha nada, ia fazendo aquilo...

**E.: E mesmo quando veio para cá, não tenciona regressar ao Brasil?**

e. Não! Sempre pensei em voltar, também nunca pensei em morar também na Europa. Não gosto da Europa!

**E.: Então, ainda tenciona regressar?**

e.: Sim. Daqui a seis anos. Depois que estiver aposentado.

**E.: Viver a última fase da sua vida no Brasil?**

e.: Não, não sei se vou viver no Brasil. Pretenderia viver...se tiver que viver no Brasil, é na Baía ou Pará. São dois Estados que me interessam viver. Mas penso muito em ir para os Estados Unidos ou para Espanha. Não tenho nenhuma oportunidade, fico no Brasil. Minha pátria, tranquilo. Tem prioridade Estados Unidos e se pudesse ia para Espanha. Eu gosto muito de aventura, eu se pudesse sairia fazendo essas coisas. Se eu tivesse um patrocínio saía andando pelo mundo vendo essas coisas todas, fazendo qualquer coisa que precisasse para viver isto. Depois que você trabalha trinta anos, desenvolve as coisas que eu desenvolvi, graças a Deus com muito sucesso, mas com muito risco, com muito desgaste, com muita coisa. E chega...vê os filhos criados e por conta de dissabores de sócios, etc. e tal, você perde seu chão. Hum? E começa de novo com cinquenta anos. O que é que você vai querer? Você vai querer viver. Você acreditar que pode fazer alguma coisa, entende? Nada mais do que isso. Não precisa de casa bonita, de roupa bonita, de carro bonito. Se puder ter, que bom!

**E.: Compreendo.**

e.: Mas não é o que você precisa. Não é o que você precisa! Não é...é engraçado...

**E.: Mas de alguma forma, consegue...hoje sente-se integrado?**

e.: Sim, sim. Há muita discriminação, há muita coisa, é verdade. Mas, como eu disse, mesmo quando eu estava passando fome, ou mal, porque eu sempre...desculpe a expressão, sempre caguei para isso, porque ninguém leva, eu não levo desaforo para casa! Se o cara fala alguma coisa que não me agrada, eu saio com cinco porradas, não tem conversa. E faço isso com os meus formandos, mostro a eles a verdade. Mostro também que se quando comparar Brasil e Portugal, vamos comparar de forma decente. Níveis de pessoas, quantidade disto, quantidade daquilo, como é que funciona, o que é que acontece...verdade!

**E.: Para além do campo profissional – em que me falou de todas as situações que passou por ser emigrante, por ser brasileiro –, algum outro contexto que o tenham feito sentir mal, em termos de instituições públicas, de saúde...SEF?**

e.: É assim, dizer que não seria mentira. Como eu lhe disse, algumas vezes nas finanças há um tratamento mais ríspido e se a pessoa não souber... saí logo com três pedras, num instantinho todo o mundo baixou a crista e ele tratou muito bem. No SEF nunca tive nenhum problema. Talvez até por conta um pouco da idade, não é? Então, com certeza...prostituto não sou e com essa idade...de repente, sou um cara que falo bem, também acho que as pessoas...não é? Num primeiro momento, na Segurança Social, sim. Olharam meio de lado, tipo “o que é que você está fazendo aqui com essa idade, para quê que você vem para cá?” Mas...não. Eu acho que mesmo a sociedade, é o comum, é o dia-a-dia, do ônibus, da padaria, de não se conseguir integrar com as pessoas, não ter gente para ir visitar. Eu sei que as pessoas têm uma segregação muito grande a nível de você se aproximar das pessoas e isso é muito engraçado. Eu me lembro de ter entrado na padaria, eram dez horas da manhã e como chego sempre lá “Bom dia, tudo bem?”. Nunca tinha visto a menina mais gorda. Ela olhou para mim e eu falei: “Quero dois pãezinhos”. Ela entregou, eu falei “Você está bem?” Ela disse: “Você sabe que eu estou trabalhando desde as seis horas da manhã?! Você foi a primeira pessoa que me deu o bom dia!” Aí, você começa a entender porque vocês fazem isso com vocês mesmos. Vocês não se cumprimentem, vocês são capaz de estar no mesmo café todo o dia e um não cumprimentar o outro. Então, é assim...aí você começa a dizer isso é tristeza! Isso é sentir-se isolado, isto é não participar. Então, as pessoas têm medo, as pessoas acham que têm que se manter dessa forma, mas eu vejo muito, muito, muito pessoal mais novo brasileiro, muita menina, então nem se fala...as meninas aqui são mesmo humilhadas. Homem tenta explorar ao máximo, ao máximo, quase que trabalho escravo. Você pega esse pessoal que trabalha aí, a maioria das churrasarias são brasileiros. Nós comemos muita carne, gostamos muito de fazer churrasco, não é? Um cara ganha mil, mil e cem... Vai ver quantas horas eles trabalham, vai ver se eles têm os dois descansos semanais. Nós não nos preocupamos com isso, nós queremos trabalho, nós temos vontade de fazer. E se nós gostamos de fazer, nós fazemos mais! O português quer fazer sempre menos. E quando digo português é porque estou vivendo em Portugal, mas isso vale para o resto da Europa, não pense que o resto da Europa é exceção também! Que todo o mundo quer trabalhar muito e o português quer trabalhar pouco, não! A história das conversas das conquistas

sociais que é isto que está matando todos os países da Europa. Eles vão levar um tempinho mais para descobrir, mas é isso que está matando, isso é um cancro. Porque se você não morre, a velha chega. Quem é velho tem o direito a ser bem tratado, precisa de ter o seu remédio, ter a sua consulta, para isso alguém tem que pagar! O jovem não consegue emprego, não consegue pagar a quem está empregado, que está ficando desempregado, porque...e quebrou porquê? Porque todo o mundo quer trabalhar trinta horas, porque todo o mundo quer trabalhar menos e ganhar mais e isso que está acontecendo em Portugal hoje, eu já vi no Brasil há trinta anos, quando o Lula foi para a rua fazer greve e as conquistas sociais, supostas, começaram... aí você vê o sindicato fazer greve. Porquê? Eles queriam cinco por cento e o patrão estava dando três. Isso não é greve, desculpe. Por isso, é que querem esbanjar...esbanjar no sentido de que nós temos o poder. Então, o sindicalismo criou um poder muito grande, afundou as empresas, o Estado, por sua vez, com que cobra em cima das empresas também afunda as empresas. Quer dizer, obriga com que as pessoas se neguem, obriga com que as pessoas que tentem dar a volta, porque não há uma administração clara. O que há é uma perda de dinheiro, não só do erário público, como das comissões que têm de fazer... Porque todo o mundo pensa que pode continuar a viver como era na monarquia. O rei vivia muito bem e a corte, e o resto do povo tinha que passar fome. Então é bom que o português continuar comendo a sua batata, comendo a sua sopinha e vivendo no campo ou indo ao campo buscar a sua batatinha, a sua couve que tem lá no quintal de casa, isso para ele está bom. Infelizmente, o português está-se contentando com isto... Eu fiz muita pesquisa e me assusta saber que nem dez por cento dos portugueses saem de férias para fora de Portugal. Hoje são cinco por cento... Quer dizer, hoje mais de cinquenta dos portugueses não têm o nono ano. Ah? É um absurdo. Estamos falando em dez milhões de pessoas. Não sabem andar de metro, não sabem o que é uma escada rolante... Não foram a outros, a outro lugar, ou seja, sair de uma ponta de Portugal e ir para outra. Aí a pergunta, isto é viver? Você ser dono de um café que dá muito dinheiro, como eu conheço um aí, um não, dois e o cara não tem férias. Até que o homem tira um dia...o café fecha um dia por ano, tira férias, por exemplo, uma semana com a família, é verdade, e fica em Portugal “Aí, mas eu tenho dez casas, dez apartamentos, dez não sei o quê”. Está andando torto, o outro teve um derrame e nunca e nunca, não sabe o que é ir à França, não sabe...vamos falar de Espanha que é mais perto...não foi a uma praia fora de Portugal...isso não é vida. Isto não é vida! Diga lá, me conta. Diga mais que eu só falei... que mais quer saber?

**E.: Queria perguntar...**

e.: Pergunte!

**E.: Tive o seu contacto através da Associação Brasil, não é? Queria perceber qual é o seu contacto com a associação. Se foi algo esporádico?**

e.: Não, na verdade quando...na verdade tinha um amigo aqui, tinha não, tenho, que estava desenvolvendo uma empresa de *voitt*, telecomunicações, tipo *skype* e tal. Foi aí que comecei a procurar as diversas associações. Primeiro, eu fiz um trabalho, na época do financiamento, eu queria saber que mundo eu tinha para os imigrantes terem acesso a um financiamento. Tentei junto com um banco desenvolver um produto para imigrantes. Essa foi a primeira coisa. Humm, eu sempre gostei de ajudar. Então, esse foi um grande objetivo na área financeira que era essa, era desenvolver um produto para o imigrante, isso para quem tem problema de crédito. A ideia era fazer isso e aí comecei a ligar a diversas associações, ver o número de pessoas para entender...e aí quando esse meu amigo tinha esse projeto do *voitt*, falei “nós vamos disponibilizar o *voitt* de graça a essas diversas associações. Eles têm lá um telefone *voitt* e cada brasileiro que for lá pode fazer uma ligação de dois, três minutos, não interessa. Uma forma de conhecer o produto, de divulgar o produto do cara que tem um ponto de referência na própria associação para ligar para casa. Foi exatamente assim que conheci a associação. Fui lá levar essa carta do meu amigo e explicar isso “Olha, eu quero isto. Quero isso aí é um telefone, não sei quê”. Logo depois eles tiveram uns problemas e tal, aí...

**E.: Portanto, o contacto que mantém com a associação é só porque recebe a informação, vê...**

e.: Sim. Hoje sim. Hoje recebo, conversei com a Ruth e tal, esse tipo de coisa. Mas essencialmente aconteceu assim, depois passei a receber...

**E.: Costuma participar em algum evento que eles organizam?**

e.: Sim. Por exemplo vou à Feira das Nações, essas coisas. Quero ir nesse da Imigração...

**E.: No congresso desta semana? Também lá estarei...**

e.: Quero. Eu imaginei!



**E.: (risos).**

e.: Tudo bem que tenho aula. Tenho aula agendada aqui na sala, mas vou ver como é que eu consigo fazer alguma coisa para ir. Me interessa muito ir, eu gosto dessas coisas. E como disse, mente ocupada é mente boa, mente sã...e estou doido para ouvir o que é que as pessoas têm a dizer, o que é que as pessoas estão vendo esse contexto todo, porque ainda têm uma visão um pouco séptica de certas coisas ou mais compartimentada, talvez não tão séptica, não é? E aí...e quero ver o que vai acontecer. Quero pagar para ver!

**E.: Queria saber se tem mais alguma coisa para dizer que eu não tenha referido, porque...**

e.: (risos). Olha, humm... Eu acho que se você conseguisse, aí não só como tese de doutoramento, se você conseguisse ir um pouco além, se conseguisse mostrar no teu trabalho que as pessoas antes de ser um número, antes de ser uma nacionalidade, antes de serem macho ou fêmea, são seres humanos que precisam de se integrar de que forma for... E que quem imigra, e não importa onde, o português fez isso muito tempo, quem imigra não busca tirar de ninguém, nem substituir ninguém, o que ele busca é uma chance de fazer alguma coisa. Se as pessoas começarem a enxergar não que há do potencial inimigo externo entrando, mas que pode haver um novo colaborador. Uma pessoa que vem complementar, porque...você acha que os brasileiros que estão trabalhando na restauração tiraram um emprego de algum português? Mentira! Nenhum português quer trabalhar durante doze horas na restauração. Desculpe, é mentira! Português não quer trabalhar doze horas. Ele vai para a França trabalha quinze, mas aqui ele não quer trabalhar. Então, ninguém tirou o lugar de ninguém, ocupou espaços que eram vazios. Não, mas aí “veio um cara do Brasil e assumiu a presidência da TAP”. Ok. Assumiu a presidência da TAP e quantos portugueses têm a capacidade de assumir a presidência da TAP e que já tenham conhecimento disto? Muitos dos brasileiros que vieram para cá eram com uma formação pequena, buscando uma melhor e eu querendo para qualquer espaço. Então, era um espaço onde houvesse vaga. Ninguém estava aqui tirando nem vai tirar, é diferente. Quem tira o espaço do português é o próprio português, o próprio espanhol, o próprio francês. Porquê? Porque começam a segregar por conta das conquistas que querem ter ou dos direitos e esquecem das obrigações. Não há direitos sem obrigações. Não há povo feliz sem trabalho. Não há povo feliz sem

responsabilidade, é a responsabilidade social, é a responsabilidade pessoal, porque se eu não começar dentro da minha casa, depois dentro do meu circuito de amigos, depois dentro da comunidade, eu nunca vou chegar ao país que é hoje que você vê Portugal. Todo o mundo falando sozinho. Cada um querendo não interessa o quê, discutindo nada. Saiu o PS, entrou o PSD. O Bloco de Esquerda que está na contramão da história, continuam querendo bater isto, na contramão da história desde a pré-histórica, não é? Vejam o prejuízo que estão tendo que não conseguem chegar. Vocês querem continuar levantando uma bandeira de algo que não existe. O PS, que é o Partido Socialista, perde por contingência de quê? De que eles não fizeram um governo transparente. Não sei até que ponto não fizeram um governo transparente. Vamos falar que fizeram mal a lição de casa, eu concordo. E se acho que o PSD vai resolver o problema, não acredito. Não acredito porquê? Porque o cara estava muito mais preocupado em dizer tudo o que estava de errado, mas não falou uma coisa que ele sabia como acertar. E as mudanças só ocorrem quando a gente aponta não é o erro, você errou...porém aqui é o acerto. Enquanto nós continuarmos nisto, eu já vi esse filme no Brasil! Esse filme já vi no Brasil. “Ah, ele não presta, ele não presta!”, “Então, vamos...o que é que você pode fazer para mudar?” “Bom, aí não sei”. Oh pah, eu acho que essa é a grande questão. Acho que a grande questão de hoje, que a Europa tem que pensar, não é mandar os imigrantes embora. Não acho que é só isso, é saber onde é que vamos arrumar sustentação efetiva de dinheiro, porque é isto que vai explodir! O que vai explodir a União Europeia, que é um sonho de poder nazista, a União Europeia é nazista. Todo o mundo quis pegar a Europa pela guerra... E aí alguém parou e disse “Porra. Agora temos...guerra não vai haver mais, não é?” (risos). Já apanhamos a americana, não vai dar mais, mexer lá eles vão vir aqui vão tomar tudo e aí vamos falar alemão...inglês dos Estados Unidos, não inglês da Inglaterra, não é? E isto é um problema. Eu prefiro falar o inglês da Inglaterra... Então, vamos dominar isto aqui pelo controlo. Controlo como? Vamos impor o que é bom para mim, que tenho dinheiro a um país que não tem. E então “vamos injetar dinheiro. Agora disse dinheiro só sai...o laço do dinheiro chama-se ouro.

**E.: Claro.**

e.: Sempre acontece isso, porque não há! Então a Grécia vai quebrar, a Espanha vai...a Espanha também tem quebrado, os caras fizeram a lição de casa otimamente bem, é mais difícil quebrar a Espanha que Portugal, mas a França continua com problema...e

vai ter problema, cada um país numa área, hão de quebrar financeiramente, como aconteceu com a Grécia, como aconteceu com Portugal. Mas a Espanha também poderá se aproximar, quebrar, quebrar...financeiramente. A França não vai quebrar financeiramente, mas está quebrando a estrutura dela por conta de não aguentar com os velhos, de não aguentar...mas é uma forma de quebrar! Igual! Igual! Porquê? Porque não há como produzir mais. Não há como fazer. Porquê? Por uma porrada de coisas, porque o que podiam produzir já estão produzindo. Ou seja, que saída tem? Mandar gente embora, matar...matar era uma solução boa quando você tem muita gente, não é? É seleção natural. Nascem mil tartarugas, quantas sobrevivem? Porquê? Para servir de alimento, porque senão ninguém andava no mar. Só tinha tartarugas. A seleção natural do homem funciona assim. Através de uma peste, de uma guerra, é isto...agora (risos) hoje pensar...explodir umas bombas aí...porra não tem lógica! Tem lógica tentar mexer isto fazendo um intercâmbio muito maior, não só de pessoas, mas de comércio efetivo de trazer lá e dar cá e isto...

**E.: Cooperação.**

e.: Porque não há outro caminho. Não há outro caminho e agora você vai ter uma crisezinha assim em todos os países “olha como isso se está espalhando. Olha, olha como está!” É uma praga! No bom sentido, mas é uma praga. Vão cair muitos governos, vai ter muita morte... (silêncio) ...isto é o processo evolutivo, não no sentido de nos adaptarmos a outra coisa mas é uma adaptação. É isto que eu gosto. Esta adaptação, a condição do ser humano e agora temos que mudar... Mas porque é que eles estão mudando? Porque alguém viu a imagem, porque alguém experimentou o cheiro do perfume, porque alguém passou o batom no rosto. Olhou no espelho e disse “Ah, fiquei mais bonita! Agora eu não quero viver sem batom”. Foi isso que aconteceu. Quem inventou o jogo desses anos todos foi fácil de manter foi...até os meios de comunicação e o grande poder dos meios de comunicação só isso, é direcionarmos errado temos outro problema...

**E.: Claro.**

e.: Temos outro problema. Que mais, princesa?

**E.: Ok. Olhe, obrigada!**

e.: Espero que tenha sido útil para alguma coisa, não é?



| <b>Análise vertical à entrevista n.º 6</b>                                |  |  |
|---|--|--|
| <b>Inquérito 11_5</b>   |  |  |
| <b>Dimensões e categorias de análise</b>                                  | <b>Dados/ Sínteses</b>   | <b>Excertos</b>  |
| <p><b>I. Dimensão social</b></p> <p>Características sociodemográficas</p> | <p><b>Género:</b> Masculino</p> <p><b>Idade atual:</b> 55 anos</p> <p><b>Idade de emigração:</b> 50 anos</p> <p><b>Estado civil:</b> divorciado/ separado, ex-mulher é espanhola</p> <p><b>Nível de escolaridade no Brasil:</b> graduação</p> <p><b>Nível de escolaridade em Portugal:</b> graduação (não reconhecida)</p> | <p>“Eu tenho que apresentar os diplomas carimbados pelo consulado, para mostrar que são verdadeiros, não é? E o centro de emprego, através do meu diploma e do currículo, o que ele faz? Ok, como eu sou formador, fiz o curso de formação de formadores, sou formador. Ok, eles permitiram que eu dê as formações e aí são...sejam formações modulares ou formações EFA. Dentro, obviamente, daquilo que eu tenho como ramo de vida profissional e como formação pessoal. Então, não preciso, como disse, desse reconhecimento efetivo de uma e outra faculdade reconhecer o meu curso. Ok, porque não vou trabalhar, não vou ser psicólogo por exemplo, não vou...”</p> <p>“ Se eu fosse exercer psicologia propriamente dito, gostaria de receber outro reconhecimento, que é funcional, vamos dizer assim. Aqui o meu trabalho não é funcional...”</p> |
| <p>Zona de residência</p>   | <p><b>Concelho e freguesia de residência:</b> Vila Nova de Gaia</p> <p><b>Composição étnica das vizinhanças:</b> Mafamude</p>  |  |

|                             |  |  |
|-----------------------------|--|--|
| <p>Composição de classe</p> | <p><b>Última ocupação no Brasil:</b> empresário no ramo da exportação de madeiras</p> <p><b>Primeira ocupação em Portugal:</b> vigilante de obras</p> <p><b>Ocupação atual em Portugal:</b> formador</p> <p><b>Lugar de classe individual no Brasil:</b> BEP</p> <p><b>Lugar de classe individual em Portugal à chegada:</b> PBE</p> <p><b>Lugar de classe individual atual:</b> PBIC</p> <p><b>Lugar de classe de família de origem:</b> BEP</p> <p><b>Lugar de classe de família de pertença:</b> PBIC</p> <p><b>Disposições em relação à carreira profissional:</b></p> <p>Depois de trinta anos de carreira profissional no Brasil, onde considera ter tido um percurso bem-sucedido, e de um primeiro emprego em Portugal satisfatório, viu a sua vida regredir. Ter passado pelo desemprego em Portugal e ter tido de viver de rendimento mínimo, fez com que o entrevistado sentisse que lhe estavam a tirar a dignidade, porque se sentia a viver de favor.</p> <p>Nessa altura começou a fazer formações financiadas para se sentir ocupado, ganhar mais dinheiro e contrariar o sentimento de indignidade que estava a sentir.</p> <p>Atualmente, depois de muito insistir com o patrão da escola onde trabalha e onde assistiu aos cursos, está a dar formação. Sente-se realizado por poder estar a formar pessoas e a partilhar conhecimento.</p> | <p>“ (...) obviamente que o que aconteceu foi muito engraçado porque quando você começa com menos salário, geralmente, depois tem uma evolução. Aqui a minha vida em Portugal começou exatamente ao contrário, não é? Eu comecei ganhando, vamos falar em oitocentos euros logo que cheguei. Depois que terminou essa obra eu já não conseguia mais oitocentos, tive que ganhar seiscentos, não é? E depois de seiscentos, depois de seiscentos e trinta para ser mais honesto, depois tive um tempo com este patrão, eu tinha que ganhar menos, chegar quinhentos e oitenta, ou seja passou o contrário, não é? Em vez de evoluir, aí começou a regredir.”</p> <p>“ (...) eu nunca fiquei em casa esperando alguma coisa, sempre saí atrás, então...um biscatizinho, uma coisinha, não é? Mas é assim, eu não tinha uma coisa digna, uma coisa de dizer “Não, eu saio hoje, vou trabalhar, no final do mês recebo o meu... Não estava nem preocupado com o contrato, não acho que o contrato é que faz o trabalho...”</p> |
|-----------------------------|--|--|

[quando ficou desempregado] “Fui fazendo uma coisinha ou outra, mas assim, não é? Uma hora você ganha, outra hora não ganha. E aí falei: “Bom, eu tenho que estudar, eu tenho que fazer alguma coisa”, que eu estava ficando louco. E aí comecei a fazer cursos financiados, por ação do governo obviamente, dizendo que só tinha o décimo segundo ano, porque senão não podia fazer.(...) Enquanto isso, passei a estudar das nove da manhã às dez da noite. Todos os dias. Entre sessenta a oitenta euros por curso. Ora, eu fazia dez cursos, ou seja, não recebia todo o mês, mas conseguia receber aí uns trezentinhos por mês, mais a inserção, não morria! Não morria, não é?”

“Agora, foi muito difícil, me tiraram a dignidade, me tiraram...isto que me doeu mais: o dinheiro não é o bem mais importante da vida. O mais importante da vida é a dignidade, o respeito o que você tem para com você mesmo, não é? E quando você perde isso, tem que viver de favor, pedir e pelo amor de Deus...poh! Isto é indigno do ser humano! Mas assim...eu sempre aprendi uma coisa: não interessa o que você faça, seja o melhor! Faça bem isso, eu sempre fiz isso a minha vida inteira. E graças... fui muito bem-sucedido, muito bem-sucedido!”

[relativamente ao emprego que tem atualmente] “Altamente realizado, estou fazendo o que gosto, uma das coisas que gosto muito que é ensinar! Que é ajudar a formar as pessoas, a recriar o mundo, as ideias, não é?”

“Eu sou um cara que gosta muito de ler, de estudar, de discutir coisas, não é? De aprender, eu gosto muito de aprender e o que me faz ter muita vontade de transferi-los e transferir experiências que é mais o que eu faço, não é? Então, eu não preciso dos meus cursos reconhecidos neste sentido, porque eu não vou ser um professor. Eu sou um formador! Não é? Eu adapto às condições

|                                  |  |  |
|----------------------------------|--|--|
|                                  |  | que existem, às formações necessárias, não é? E sigo lá os guões que manda o...”   |
| <b>II. Percursos migratórios</b> | <p><b>Outros países:</b> Não</p> <p><b>Tempo de permanência:</b> 5 anos</p> <p><b>Tipo de rede migratória:</b> legal</p> <p><b>Com quem veio:</b> filho</p> <p><b>Aprofundamento das razões de vinda para Portugal</b></p> <p>Resolveu imigrar aos cinquenta anos por causa da filha. Num momento em que foi traído pelo seu sócio no Brasil e em que perdeu o dinheiro investido, a chamada da sua filha a pedir que se juntasse a ela em Portugal não o fez pensar duas vezes e partiu juntamente com o filho mais novo.</p> <p><b>Dificuldades encontradas em Portugal</b></p> <p>Com a carreira profissional que construiu e as habilitações</p> | <p>“Família, mas o grande motivo inicial foi minha filha mesmo, não é?”</p> <p>“Nesse último ano estava cuidando de exportação de materiais para os Estados Unidos, não é? E aí tive um problema com o meu sócio, que me aborreceu. Perdemos dinheiros, aquela...”</p> <p>“Me aborreceu muito e eu precisava de espairar a cabeça porque quando você perde dinheiro, que não é só dinheiro, foi muito mais a amizade, no sentido de traição daquilo, não é? Porque era uma pessoa que comia da minha comida, ou seja, a gente convivia juntos e mais a filha aqui passando mal, mal no sentido de que, embora ela seja espanhola, ela também foi maltratada porque ela fala português do Brasil. Não fala o castelhano ou o espanhol, fala muitíssimo bem o português e muitas vezes aqui ela foi maltratada, foi considerada vagabunda, etc. e tal por conta de ser brasileira, nesse sentido. E aí ela me ligou chorando “Papa, eu não aguento mais, estou desesperada e não sei quê. Vem para cá, vem ficar comigo...”. Eu já estava desligado do sócio, não tive muito que pensar, passei a mão na mala e vim com o guri mais novo. E vim-me embora.”</p> <p>“ (...) eu tenho uma formação altamente eclética e mais os cursos todos que tenho em trinta anos de trabalho... Duas faculdades, duas pós-graduações, etc., e enfim...eu não imaginei que...houvesse problema, ponto. Não imaginei que houvesse</p> |



acadêmicas que possuía não imaginava que podia enfrentar tantos problemas em Portugal relativamente a conseguir um emprego, apesar dos seus cinquenta anos.

Quando ficou desempregado chegou mesmo a passar fome e viu-se obrigado a pedir ajuda, o que o deixava envergonhado. Teve a ajuda de um amigo português nesse momento difícil.

Por outro lado, na esfera profissional, foi enganado. Assinou a sua carta de despedimento com a promessa que ia ocupar um posto de trabalho noutra empresa do mesmo patrão, mas isso nunca chegou a acontecer. Ficou sem emprego, não trouxe qualquer indemnização e ficou a viver de rendimento mínimo, com um forte sentimento de indignidade e de traição por ter percebido que a “palavra” valia tão pouco.

problema!

“ (...) mas passei muita fome aqui, passei muita vergonha, vergonha no sentido de...No sentido de ter que pedir...por favor, preciso, faço qualquer coisa...no sentido de humilhação para tentar ter um emprego e ter a dignidade que aqui me tiraram! Coisa que no meu país nunca aconteceu. Sempre ajudei muita gente, muita gente mesmo, sempre fui muitíssimo bem-sucedido e vim para cá e passei fome! Se não tivesse um casal português, que por acaso foi o meu amigo, o meu mentor, o meu companheiro, quase que um irmão, tem quase a mesma idade que eu, pouca diferença, que parece que não são portugueses e que me ajudaram e sempre me deram força...”

“Mas a relação...é assim, no meu mundo, a palavra tem valor, mas não o contrato que tem com qualquer pessoa, é a sua palavra. O papel é depois, o grande dividendo das relações é a honra. Eu olho para você e digo “Ok. Estamos combinados.” Não precisa ter papel. Eu tenho que fazer a minha parte, você tem que fazer a sua. Aqui encontrei monte de gente que queria sacanear, mesmo com o papel. Quer dizer e isto...”

“Aí um deles me chamou, tinham problema, estavam vendendo...a coisa não estava bem! E falou “você vai para a minha nova empresa”. Uma empresa de financiamento, de contratos e tal, não é? Humm...” “Você vai para lá, vou-te pagar a mesma coisa, os mesmos...” Nesta empresa tinha contrato, nesta empresa que eu estava, eu tinha contrato. “Não se preocupe, eu acho que é uma boa oportunidade para você de poder ganhar mais”. Eu falei “Ok. Vocês estão falando, eu estou com vocês, vamos lá, não tem nenhum problema”. E claro que o sócio que me convidou trouxe a carta, eu pedindo demissão da outra empresa, para assinar o novo contrato e eu assinei. Trabalhei

|  |   |   |
|--|---|---|
|  | <p><b>Intenções de regressar ao Brasil quando emigrou</b></p> <p>Nunca imaginou ficar a viver para sempre em Portugal.</p>  | <p>para ele nove meses na outra empresa. O que é que você acha que eu ganhei, depois de nove meses, a não ser uma demissão sem levar nenhum centavo? “Mas eu assinei contrato, e não sei quê...”. “Não quero saber”. Mais uma vez se tivesse...aqui a palavra não vale...”</p> <p>“ (...) e aí no final de 2008 foi muito difícil arrumar outro trabalho, crise financeira, bla bla bla...idade cinquenta e três anos. Já é difícil com cinquenta, imagina com cinquenta e três, não é? E aí começamos...fui viver de rendimento mínimo de inserção, rendimento social de inserção e foi dando, como disse eu nunca parei, tenho tentado uma coisa e aí...”</p> <p>“Sempre pensei em voltar, também nunca pensei em morar também na Europa. Não gosto da Europa!”</p> |
| <p><b>III. Dimensão cultural</b></p> <p>Redes de sociabilidade</p> | <p><b>Redes à chegada a Portugal</b></p> <p>A filha e a agora ex-mulher, de nacionalidade espanhola, viviam em Portugal.</p> <p><b>Redes de sociabilidade primárias</b></p> <p>As redes de sociabilidade primárias resumem-se sobretudo à família e às amizades que foi construindo na vida profissional. O seu grande amigo é um português, que o ajudou na fase mais difícil que viveu em Portugal.</p> | <p>“Porque a minha esposa estava aqui também, a minha esposa é espanhola.”</p> <p>“Minha filha já estava aqui, aí veio o mais novo comigo, a mais velha ficou no Brasil, continua no Brasil. E minha esposa, minha ex-esposa, estava aqui efetivamente também, e aí pronto, vim para cá e aqui fiquei, não é?”</p> <p>“ Se não tivesse um casal português, que por acaso foi o meu amigo, o meu mentor, o meu companheiro, quase que um irmão, tem quase a mesma idade que eu, pouca diferença, que parece que não são portugueses e que me ajudaram e sempre me deram força...”</p>  |

|                                      |  |   |
|--------------------------------------|--|---|
| <p>Estereótipos e representações</p> | <p><b>Aprofundamento das disposições relativamente aos grupos com que o entrevistado se relaciona menos ou não se relaciona e as justificações em torno dessa situação.</b></p> <p>Não se colocou a questão porque ficou claro no discurso geral do entrevistado que o que valoriza são as pessoas, independentemente da nacionalidade.</p> <p><b>Aprofundamento das razões e motivações subjacentes à pertença ou ausência de pertença às diferentes organizações ou grupos de apoio.</b></p> <p>É associado da AMB, que conheceu quando quis ajudar um amigo na divulgação de um negócio. Atualmente continua a receber informações da associação, por vezes participa das atividades promovidas, mas é um contato não frequente.</p> <p><b>Relato de situações em que foi vítima de preconceito e/ou discriminação</b></p> <p>Embora afirmando que já se sentiu vítima de preconceito por razões raciais, dia também que procura desvalorizar esses momentos. As reações têm-nas na altura, afirma não ser de levar “desaforo” para casa.</p> | <p>“ Não, na verdade quando...na verdade tinha um amigo aqui, tinha não, tenho, que estava desenvolvendo uma empresa de <i>voitt</i>, telecomunicações, tipo <i>skype</i> e tal. Foi aí que comecei a procurar as diversas associações. (...) e aí quando esse meu amigo tinha esse projeto do <i>voitt</i>, falei “nós vamos disponibilizar o <i>voitt</i> de graça a essas diversas associações. Eles têm lá um telefone <i>voitt</i> e cada brasileiro que for lá pode fazer uma ligação de dois, três minutos, não interessa. Uma forma de conhecer o produto, de divulgar o produto do cara que tem um ponto de referência na própria associação para ligar para casa. Foi exatamente assim que conheci a associação.”</p> <p>“ Hoje recebo, conversei com a Ruth e tal, esse tipo de coisa. Mas essencialmente aconteceu assim, depois passei a receber...”</p> <p>“ Por exemplo vou à Feira das Nações, essas coisas. Quero ir nesse da Imigração...”</p> <p>“ (...) desculpe a expressão, sempre caguei para isso, porque ninguém leva, eu não levo desafio para casa! Se o cara fala alguma coisa que não me agrada, eu saio com cinco porradas, não tem conversa.”</p> <p>“É assim, dizer que não seria mentira. Como eu lhe disse, algumas vezes nas finanças há um tratamento mais ríspido e se a pessoa não souber... saí logo com três pedras, num instantinho todo o mundo baixou a crista e ele tratou muito bem. No SEF nunca tive nenhum problema. Talvez até por conta um pouco da</p> |
|--------------------------------------|--|---|

|   |  |
|---|--|
| <p>Por outro lado, alguns dos comportamentos que vê a sociedade portuguesa ter para com os imigrantes são também comportamentos que vê a sociedade ter entre si mesma.</p> <p><b>Perceber se os estereótipos em relação aos brasileiros têm fundamento; se favorecem ou dificultam a integração dos brasileiros em geral na sociedade portuguesa; e se favorecem ou dificultam o estabelecimento de relações sociais.</b></p> <p>Considera que o preconceito em relação às mulheres brasileiras tem fundamento, aliás, percebe até que a procura que fomenta esse mercado existe porque as mulheres brasileiras são mais “bonitas”, “jeitosas”. Por outro lado, por provirem de regiões do Brasil mais pobres e viverem em condições socioeconômicas débeis a oferta propicia-se por uma questão de necessidade.</p> <p>Considera que os portugueses acolhem mal os imigrantes,</p> | <p>idade, não é? Então, com certeza...prostituto não sou e com essa idade...de repente, sou um cara que falo bem, também acho que as pessoas...não é? Num primeiro momento, na Segurança Social, sim. Olharam meio de lado, tipo “o que é que você está fazendo aqui com essa idade, para quê que você vem para cá?”</p> <p>“Aí, você começa a entender porque vocês fazem isso com vocês mesmos. Vocês não se cumprimentem, vocês são capaz de estar no mesmo café todo o dia e um não cumprimentar o outro. Então, é assim...aí você começa a dizer isso é tristeza! Isso é sentir-se isolado, isto é não participar. Então, as pessoas têm medo, as pessoas acham que têm que se manter dessa forma, mas eu vejo muito, muito, muito pessoal mais novo brasileiro, muita menina, então nem se fala...as meninas aqui são mesmo humilhadas.”</p> <p>“A gente entende isto, não aceita, mas entendo. A mulher brasileira, desculpe as portuguesas, é mais bonita, é mais agradável, é mais jeitosa, tem uma série de coisas que Portugal não conhecia por conta de “n” coisas que passou Portugal e também não interessa aqui discutir, não é? Mas Portugal viveu fechado durante muito...começou a se abrir depois da União Europeia e para mudar as mentalidades dos portugueses que até 2006 podiam bater nas mulheres como corretivo, que é uma coisa que no Brasil não acontece há cem anos. Quer dizer, isso aqui está completamente fora do mundo, não é?”</p> <p>“Efetivamente dizer para você que não vieram as meninas, parte de que veio de lá, veio para a prostituição, veio sim. E como vem do Leste! Porque são mais bonitas, mais agradáveis, mais não sei quê e as que vieram para cá não são pessoas culturalmente mais preparadas. A sua maioria são pessoas de pouca cultura, que vêm de regiões menos favorecidas do Brasil, de famílias muito grandes, ou seja há uma circunstância</p> |
|---|--|

que os ofende, e lembra, a propósito, como os portugueses sempre foram bem acolhidos no Brasil.

Quanto à questão relativa ao estereótipo dos brasileiros pouco trabalhadores, o entrevistado pensa exatamente o contrário e exemplifica com os imigrantes que trabalham na restauração, onde trabalham muitas horas a mais. Considera os europeus mais preguiçosos. Por essa razão considera também sem fundamento a ideia de que os imigrantes ocupam os postos de trabalho dos portugueses porque, no seu entender, os portugueses não aceitariam trabalhar nas condições em que os imigrantes trabalham.

Numa visão marcadamente ideológica considera que são os portugueses e os europeus em geral que se colocam a si próprios numa situação de falta de trabalho, à custa de se perderem em lutas por direitos sociais e esquecerem as obrigações.

atenuante. Além do que, há uma coisa chamada tráfico, uma coisa chamada mentira, porque eu vi, as pessoas chegam lá e contam uma história bonita e dão a roupa e dão isto e dão aquilo, algumas prometem casamento e a menina tem cinco irmãos, dez irmãos...vem um diferente, porque normalmente o que vem é do Norte, Nordeste, alguma coisa do centro...você não vê quase mulher de São Paulo aqui na prostituição, não vê...”

“Muita gente está voltando, até cansado de ouvir...muita gente com mais de dez, doze, quinze anos, cansado de ser ofendido aqui...quer dizer, como é que pode uma pessoa estar num país, viver durante dez e quinze anos e ainda se sentir ofendido, se sentir maltratado pelo povo, que é irmão, que quem chega lá é muito bem recebido, é isto que me deixa realmente revoltado. As pessoas de Portugal, os portugueses que chegam no Brasil são muitíssimo bem recebidos como qualquer outra nação, mas acho que até tem um carinho... Eu me lembro do meu tempo de garoto quando eu olhava os portugueses, que a maioria das padarias era de portugueses...”

“Você pega esse pessoal que trabalha aí, a maioria das churrasarias são brasileiros. Nós comemos muita carne, gostamos muito de fazer churrasco, não é? Um cara ganha mil, mil e cem... Vai ver quantas horas eles trabalham, vai ver se eles têm os dois descansos semanais. Nós não nos preocupamos com isso, nós queremos trabalho, nós temos vontade de fazer. E se nós gostamos de fazer, nós fazemos mais! O português quer fazer sempre menos. E quando digo português é porque estou vivendo em Portugal, mas isso vale para o resto da Europa, não pense que o resto da Europa é exceção também! Que todo o mundo quer trabalhar muito e o português quer trabalhar pouco, não!”

**Perceber se já utilizou algum tipo de comportamento fora do habitual ao relacionar-se com portugueses temendo algum tipo de discriminação. Se sim, pedir para relatar a**

“Eu acho que se você conseguisse, aí não só como tese de doutoramento, se você conseguisse ir um pouco além, se conseguisse mostrar no teu trabalho que as pessoas antes de ser um número, antes de ser uma nacionalidade, antes de serem macho ou fêmea, são seres humanos que precisam de se integrar de que forma for... E que quem imigra, e não importa onde, o português fez isso muito tempo, quem imigra não busca tirar de ninguém, nem substituir ninguém, o que ele busca é uma chance de fazer alguma coisa. Se as pessoas começarem a enxergar não que há do potencial inimigo externo entrando, mas que pode haver um novo colaborador. Uma pessoa que vem complementar, porque...você acha que os brasileiros que estão trabalhando na restauração tiraram um emprego de algum português? Mentira! Nenhum português quer trabalhar durante doze horas na restauração. Desculpe, é mentira! Português não quer trabalhar doze horas. Ele vai para a França trabalha quinze, mas aqui ele não quer trabalhar. Então, ninguém tirou o lugar de ninguém, ocupou espaços que eram vazios.”

“Quem tira o espaço do português é o próprio português, o próprio espanhol, o próprio francês. Porquê? Porque começam a segregar por conta das conquistas que querem ter ou dos direitos e esquecem das obrigações. Não há direitos sem obrigações. Não há povo feliz sem trabalho. Não há povo feliz sem responsabilidade, é a responsabilidade social, é a responsabilidade pessoal, porque se eu não começar dentro da minha casa, depois dentro do meu circuito de amigos, depois dentro da comunidade, eu nunca vou chegar ao país que é hoje que você vê Portugal. Todo o mundo falando sozinho. Cada um querendo não interessa o quê, discutindo nada.”

|                              | <b>situação</b>  |  |
|------------------------------|--|--|
| <b>IV. Dimensão política</b> | <p><b>Vivência de uma situação de irregularidade ou ilegalidade perante as autoridades portuguesas</b></p> <p>Não se aplica</p> <p><b>Estatutos especiais</b></p> <p>Usufruiu do estatuto de reunificação familiar, facilitado pela esposa que, na época, tinha residência legal em Portugal.</p>  | <p>“Entreí como turista mas vim para ficar. Então, assim que cheguei comecei a procurar emprego, essas coisas todas e tratar do aspeto legal, ou seja, para não ficar ilegal...”</p> <p>“Sim, claro. Aí depois fiz para poder ficar legal e tudo mais, essas coisas...”</p> <p>“Por conta do casamento com um espanhol não tive grandes problemas, eventualmente um pouco moroso, do meu ponto de vista, completamente desnecessário, porque eu tinha filhos com vinte e tal anos, quer dizer andaram a fazer pesquisas se eu tinha casado por encomenda (risos). Três filhos, o mais novo tinha vinte e quatro. O SEF se preocupar de repente que era um casamento de fachada, alguma coisa um pouco hedionda. Ninguém tem três filhos de um casamento para casar de fachada...mas pronto.”</p>                         |
| <b>V. Auto percepções</b>    | <p><b>Percepção da própria situação de integração</b></p> <p>Não se considera um imigrante típico no sentido em que não tinha como objetivo trabalhar o mais possível para amealhar dinheiro e enviar para o Brasil. Considera que veio viver num país que é seu também e, por isso, não é clara a avaliação que faz relativamente à própria situação de integração.</p> <p>Atualmente tem dúvidas relativamente à adoção da dupla nacionalidade portuguesa, mas não exclui essa hipótese.</p> | <p>“Não, é diferente a minha postura enquanto postura de imigrante, que eu não me considero um imigrante. Eu vim para um novo país, que é o meu país também, como todos os que tomam uma vida nova, isto é verdade, mas não no sentido de imigrante, de que vem aqui, vou trabalhar que nem...quero trabalhar e trabalho...mas não no sentido que agora tenho que mandar dinheiro ou não sei o quê ou juntar dinheiro, não.”</p> <p>“Eu tenho muito orgulho porque me considero português, então é o que eu sempre digo, eu falo com muita vontade, eu tenho... não por conta do casamento, aí não tem nada a ver, mas por conta dos acordos dos países irmãos eu tenho exatamente o mesmo direito que o português e exerci o meu direito e exerço o meu direito. Hoje Portugal é o meu país, eu vivo aqui, pretendo</p> |

### **Percepção da sua qualidade de vida atual**

Devido a ter de recomeçar a própria vida aos cinquenta anos depois de uma carreira de sucesso que terminou com a perda de todos os seus investimentos, o entrevistado afirma satisfazer-se com “apenas” viver. Com isso revela uma relativização da experiência material, estando sobretudo preocupado em aproveitar a vida. A propósito, critica os portugueses que acusa de se preocuparem com a realização material e de não aproveitarem a vida.

ficar aqui mais cinco anos ou seis... Volto e faço tudo aquilo que tenho que fazer e é o meu país. Não deixei de ser brasileiro, não deixei de ser uma coisa, mas tenho dois países, que luto igual pelos dois!”

“ (...) teria direito à nacionalidade portuguesa, tanto por avós como agora porque agora também já estou legal, por conta do acordo que, que este ano, depois de cinco anos, dá-me a hipótese também de exercer o meu direito de ter a nacionalidade portuguesa, quer dizer, agora tenha uma disputa para descobrir qual das nacionalidades eu vou ficar, porque eu não posso ter três. Eu tenho que ter duas, portanto eu tenho que optar...”

“Depois que você trabalha trinta anos, desenvolve as coisas que eu desenvolvi, graças a Deus com muito sucesso, mas com muito risco, com muito desgaste, com muita coisa. E chega... vê os filhos criados e por conta de dissabores de sócios, etc. e tal, você perde seu chão. Hum? E começa de novo com cinquenta anos. O que é que você vai querer? Você vai querer viver. Você acreditar que pode fazer alguma coisa, entende? Nada mais do que isso. Não precisa de casa bonita, de roupa bonita, de carro bonito. Se puder ter, que bom!”

“Eu fiz muita pesquisa e me assusta saber que nem dez por cento dos portugueses saem de férias para fora de Portugal. Hoje são cinco por cento... Quer dizer, hoje mais de cinquenta dos portugueses não têm o nono ano. Ah? É um absurdo. Estamos falando em dez milhões de pessoas. Não sabem andar de metro, não sabem o que é uma escada rolante... Não foram a outros, a outro lugar, ou seja, sair de uma ponta de Portugal e ir para outra. Aí a pergunta, isto é viver? Você ser dono de um café que dá muito dinheiro, como eu conheço um aí, um não, dois e o cara não tem férias. Até que o homem tira um dia...o café fecha



|                      |   |   |
|----------------------|---|---|
|                      | <p><b>Percepção em relação ao futuro: intenção de regressar ao Brasil</b></p> <p>Embora reconheça que o Brasil está a viver um bom momento económico-financeiro, não pretende regressar. O seu objetivo é reformar-se em Portugal e depois disso emigrar para os Estados Unidos. Se não tiver condições de concretizar esse objetivo, então, volta para o Brasil.</p> | <p>um dia por ano, tira férias, por exemplo, uma semana com a família, é verdade, e fica em Portugal “Ai, mas eu tenho dez casas, dez apartamentos, dez não sei o quê”. Está andando torto, o outro teve um derrame e nunca, não sabe o que é ir à França, não sabe...vamos falar de Espanha que é mais perto...não foi a uma praia fora de Portugal...isso não é vida. Isto não é vida!”</p> <p>“Agora o euro baixou, então está ruim ficar aqui, não. Agora, está muito bom ir para o Brasil, porque o nosso dinheiro está mais forte, o nosso país está pujante, não é porque o euro baixou.”</p> <p>“Daqui a seis anos. Depois que estiver aposentado.”</p> <p>“Não, não sei se vou viver no Brasil. Pretenderia viver...se tiver que viver no Brasil, é na Baía ou Pará. São dois Estados que me interessam viver. Mas penso muito em ir para os Estados Unidos ou para Espanha. Não tenho nenhuma oportunidade, fico no Brasil. Minha pátria, tranquilo. Tem prioridade Estados Unidos e se pudesse ia para Espanha.”</p> |
| <p><b>Outros</b></p> | <p><b>Questões culturais</b></p> <p>Critica a despreocupação dos portugueses, em geral, e dos políticos, em particular, relativamente ao envolvimento e esclarecimento de questões de interesse nacional, como são os atos eleitorais e os referendos.</p>  | <p>“Quer dizer, as informações...o português, são muito contraditórias, é uma imprensa marron, é um governo que não se preocupa de dar as informações corretas e o resultado que você tem é um povo que não vai votar! Quarenta e seis por cento fica em casa, seja no aborto, que é um absurdo, eu ouvi portugueses dizerem “Aborto é problema da mulher”, como se filho nascesse sozinho!”</p>  |
|                      | <p><b>Ligações familiares passadas a Portugal</b></p> <p>Os avós eram portugueses.</p>  | <p>“ (...) teria direito à nacionalidade portuguesa, tanto por avós como (...)”</p> <p>“ (...) e eu sou de uma cidade que tem um forte contingente, foi a primeira cidade que os portugueses embarcaram oficialmente,</p>   |

|  |   |   |
|--|---|---|
|  |   | que é Santos, o maior porto da América Latina, não é?”  |
|  | <p><b>Representações sobre os portugueses no Brasil</b></p> <p>O entrevistado recorda, durante a própria infância, que metade das feiras era composta por portugueses, com quem trocava piadas sobre portugueses. A imagem do português com a boina e o lápis na orelha, bem como a imagem da mulher de tamancos são alguns dos exemplos que representam para o entrevistado o português no Brasil.</p> | <p>“ (...) metade das bancas nas feiras eram de portugueses e a gente brincava com o Sr. Manel, o Sr. Joaquim, eles mesmo contavam piadas dos portugueses, quer dizer eu quantas vezes entrava “Ei, Sr. Joaquim, tá fazendo conta de cabeça? Porque ele usava o lápis lá na...Na orelha, usava aquelas boininhas, as portuguesitas usavam aqueles tamancos, tamancos mesmo, aqueles que se usavam...”</p> |

## Transcrição de entrevista n.º 7

|                                 |  |
|---------------------------------|--|
| <b>Inquérito</b>                | 11_7   |
| <b>Entrevistada</b>             | Mulher, 44 anos, escriturária.<br><br>Foi selecionada para entrevista porque representa uma imigração de longa duração (21 anos), com redes interétnicas muito significativas (relaciona-se maioritariamente com portugueses nos diferentes núcleos sociais) e por ser mais um exemplo de preconceito por razões étnicas.<br><br>Chegou a Portugal em 1990 com visto de curta duração para se juntar à família; no Brasil era bancária com graduação em letras; em Portugal teve como primeira ocupação ser escriturária e tem frequência universitária. |
| <b>Data da entrevista</b>       | 19 junho 2011  |
| <b>Local da entrevista</b>      | Centro comercial <i>El Corte Inglés</i>  |
| <b>Duração da entrevista</b>    | 1h   |
| <b>Hora de início (aprox.)</b>  | 15h  |
| <b>Hora de término (aprox.)</b> | 16h  |

**E.: Bom, sei que veio para cá com cerca de vinte e três anos, mais ou menos...**

e.: Fez vinte e um anos agora em maio.

**E.: Na altura veio ter com a sua família, quem é que já tinha cá?**

e.: É assim, eu não posso-me considerar uma imigrante dessas que habitualmente se encontra por aí. Eu nasci no Brasil, mas eu sou praticamente portuguesa. Só eu e o meu irmão nascemos no Brasil, minha família toda é portuguesa, mesmo os meus filhos, porque eu já me casei cá e tive cá os meus filhos. Por isso eu sempre vivi um pouco lá e cá. Apesar de ter nascido lá, como a minha família toda é daqui, eu mantive sempre um vínculo muito forte com a minha família aqui. Sempre que tinha oportunidade vinha cá de férias... E quando nós decidimos vir para cá, no caso, eu a minha mãe e o meu irmão, porque entretanto o meu pai faleceu lá, foi mesmo por uma questão de nós já não termos lá família que nos apoiasse em qualquer situação. Embora nós tivéssemos lá um

grupo de amigos que eram como uma família. Não cresci sabendo o que é que era uma avó, um tio, um primo, nada... Eram só amigos e esses eram a minha família e são até hoje. Até hoje eu tenho visita dos meus amigos aqui, embora só tenha ido lá duas vezes desde que estou aqui. Pronto, a partir daí resolvemos voltar para cá.

**E.: Então os seus pais eram imigrantes lá?**

e.: Foi primeiro o meu pai porque o meu pai tinha lá um tio, que tinha ido para lá na década de trinta, quarenta, talvez. Meu pai imigrou praí em cinquenta e oito, minha mãe foi quatro anos depois. Naquela altura eles tiveram que casar por procuração para poder viajar. E fizeram a vida deles lá, não como aquele português que emigra normal, de tentar fazer um pezinho de meia e voltar para casa. Não, meu pai foi com a intenção de ir e ficar porque a situação em Portugal, naquela altura, era o que era... o salazarismo, aquela coisa toda, e tentou fugir a isso e construir uma vida nova completamente de raiz e esquecendo completamente o que tinha aqui. Mantendo laços com a família, claro, mas fazendo lá a vida. E foi um pouco com essa intenção que eu também voltei para cá. Nunca vim com a intenção de voltar para trás, foi uma decisão tomada de voltar para cá e ficar aqui. Também acho que não sujeitava os meus filhos a isso. A situação é muito complicada, principalmente quando eu vim. Eu já vim adulta, eu já trabalhava, tinha namorado, tinha casa, tinha tudo... Tinha uma vida normal. Foi mesmo mudar completamente. Uma pessoa quando vem em criança ou em adolescente é fácil porque cria novos vínculos, novos amigos... E eu não, já vim mulher praticamente. Foi mesmo arranjar um emprego e...

**E.: Portanto, teve tudo que ver com esse laço familiar que já não tinha lá e que a fizeram voltar... embora não seja voltar, no fundo... mas regressar ao país dos seus pais.**

e.: Que eu já conhecia, é óbvio, mas de outra perspetiva porque passear não é a mesma coisa que viver, ma não me era nada estranho.

**E.: E como classifica a sua vida lá? Pronto, trabalhava, mas era feliz com o seu trabalho?**

e.: É assim, eu hoje quando falo ou, às vezes, até quando vejo a minha vida no Brasil, eu penso que fui uma anormal em ter vindo para cá (risos). Porque é assim, eu me formei lá, me licenciiei em letras, dava aulas de inglês à noite e trabalhava durante o dia, eu era

bancária. Tinha um horário de trabalho que me facilitava muito a vida porque nós lá, como eu era só [imperceptível], eu só trabalhava seis horas por dia. Então, ou trabalhava de manhã até um pedaço da tarde, ou trabalhava de tarde até ao fecho da agência. Facilitou-me bastante a vida enquanto estudante porque eu estudei à noite, fiz a minha faculdade à noite, e pronto, trabalhava durante o dia, dava aulas à noite, mas tinha muito mais tempo do que eu tenho hoje com um trabalho só, de oito horas por dia. Tinha montanhas de amigos, que eu tenho até hoje, porque eu mantenho contato com eles, até tenho uma agora em agosto que vem passar férias comigo. O difícil lá, e o que também nos motivou a vinda para cá, foi mesmo a insegurança. Na altura, em 1990, aquilo era um pouco barril de pólvora. Eu vivia na zona norte. Não sei se conhece, mais ou menos, a geografia do Rio de Janeiro... morro, e onde tem um morro tem uma favela. Para se passar de um lugar para o outro passa necessariamente por uma favela. E é complicado a gente ter até uma situação financeira, eu me considerava uma classe média razoável, eu podia ter um carro, um relógio, podia ter joias, podia andar bem arrumada... até porque eu precisava andar bem arrumada porque eu trabalhava com o público num balcão, mas não podia. Eu fui assaltada por uma criança, mais nova do que o meu filho, violentamente dentro de um autocarro e ninguém, ninguém, simplesmente virou a cara para ver o que estava acontecendo, com medo. [imperceptível] E aquilo me irritava porque eu não gostava de viver assim, de não poder pôr um relógio, de não poder sair à noite até tantas horas com medo de regressar, mesmo que eu tivesse carro. Eram essas situações que me incomodavam. “Eu posso estar num lugar em que não há nada disso, vivo em segurança, porquê que eu tenho que me sujeitar a isso aqui?” Era um pouco isso... Nós lá, eu vivia numa casa com piscina e tal, dessas de montar, eu tinha uma vida que era um paraíso (risos). Quando eu olho, me levantava às oito horas da manhã, estava uma hora na piscina, tomava banho e depois é que ia para o trabalho. Onde é que eu hoje conseguia fazer isso? (risos) Mas eu estava presa dentro de casa praticamente, eu tinha muito medo. O meu irmão veio antes para cá, veio ver, e eu fiquei sozinha com a minha mãe, e eu tinha muito medo que começassem a comentar que estavam duas mulheres sozinhas em casa e que pudessem aproveitar e assaltar a casa, entrar... Foi mais isso, não era por falta disso ou daquilo, foi mesmo por uma situação de segurança. Até minha família, nem era a minha família que fazia falta porque quando podíamos nós vínhamos cá ou eles iam lá. Não era essa falta de família, da minha parte foi mais isso, viver em segurança, ter alguma estabilidade.

**E.: E a sua mãe também trabalhava lá?**

e.: Não, não. A minha mãe, desde que casou, era doméstica, costurava em casa.

**E.: O seu pai tinha algum negócio?**

e.: Não, não. Meu pai trabalhava numa fábrica de móveis, era responsável pela expedição. Mas era, tipo, como daqui ali, mesmo pertinho de casa. Minha vida era muito caseira, nós vivíamos num bairro. Bairro aqui e outra coisa, pensa-se em bairro social, bairro lá é uma freguesia. Era uma coisa muito residencial, a minha rua era só casas, de uma ponta à outra da rua eram só casas. A gente brincava na rua, eu cresci na rua, meus filhos nunca vão saber o que é que é isso. Conhecia todas as crianças da rua. Verão, que é quase todo o ano, com a cadeirinha da praia a conversar com os vizinhos até às onze horas da noite. Era assim uma vida muito sossegada até certa altura...

**E.: Quando decidiu vir já veio com dupla nacionalidade?**

e.: Não, não vim porque não era permitido ainda. Os meus pais, quando eu nasci, não me registaram como portuguesa, mesmo porque não existia. Até 1993, salvo o erro, ou 1992, não existia. O Brasil não permitia ter dupla nacionalidade, ou seja, ou eu era registrada como portuguesa ou como brasileira.

**E.: E eles optaram pela brasileira...**

e.: A brasileira para nós porque era muito mais fácil. Só de pois de eu estar aqui e sair essa nova situação, é que eu pedi a dupla nacionalidade.

**E.: Então veio com um visto normal?**

e.: Vim com um visto normal de residência de seis meses... Não... Seis meses não... Vim com o visto de três meses porque na altura nós até precisávamos mostrar o contrato de trabalho para conseguir o tal visto de residência. Na altura o bilhete de identidade ainda era azul. Só depois é que eu consegui, então, o visto de residência, ainda com nacionalidade brasileira, e só depois de sair essa nova legislação é que eu pedi a dupla nacionalidade. Tanto que os meus filhos também não têm nacionalidade brasileira, não pedi. Se eles quiserem, mais tarde, um dia que queiram, eles que peçam.

**E.: Foi um processo fácil de regularização de papéis?**

e.: Não é que tenha sido difícil, mas foi muito chato, foi desgastante para mim. Lidar com o SEF... Eu tenho péssimas recordações daqueles senhores.

**E.: Mas sentiu-se discriminada, maltratada?**

e.: Comigo... Não era questão de ser discriminada, mas eu acho que eles tratam as pessoas assim muito por igual, tudo da mesma maneira. Eu só tive uma situação chata no SEF, foi quando eu me casei. Nessa altura eu acho que ainda não tinha nacionalidade portuguesa... Pois não, para tratar no SEF, ainda não tinha. Então, havia uma situação, e ainda acho que até hoje, que nós temos que informar tudo: residência, estado civil, morada... Então, eu como sabia que ia-me casar e tinha que tratar dessas coisas. Então, nós tínhamos que avisar com antecedência do casamento e num prazo de sete dias, acho que eram sete dias, um prazo assim, nós tínhamos que apresentar o registo de casamento no SEF, sob pena de ter uma multa. Quando eles sabem perfeitamente que o assento do registo de casamento só saía em quinze dias, na altura. Era claro que eles queriam multar as pessoas e ter o dinheiro, para mim, eu entendo como isso. Se eles sabem que não sai e dão um prazo tão curto é porque querem gamar o nosso dinheiro. Eu sabendo disso, com o meu ex-sogro na altura, conhecia uma pessoa na conservatória, expliquei a situação para ver se ele me conseguia adiantar o processo. Ou seja, eu casei e fui logo dentro do prazo entregar o papel. Apresentei-me e “vim aqui entregar o documento para provar a minha alteração de estado civil...” Veio um senhor lá, nome, morada, não sei quê, bla bla bla, “tem aqui uma coima para pagar dentro de tantos dias”. E eu “mas porquê uma coima?”. “Por causa do casamento...”. “Como é que é? Olha, vocês se deram ao trabalho de ler o documento que eu apresentei?”. “A menina não sabe?”. “Não, o senhor é que não deve saber ler. Leia qual é o prazo que eu tenho para apresentar, qual é a data em que eu estou a apresentar o documento e vá ao diário da república e veja o que está lá escrito”. “É, tem razão”. Pegou o papel e rasgou. “Nem desculpas, nada? Eu estou aqui há não sei quanto tempo à espera...”. “Ah isso é assim, são todos assim”. “Ai são todos assim? Mas eu não sou todos, eu sou uma e exijo respeito”. Passado pouco tempo saiu a tal lei e eu nunca mais quis ver aquela gente pela frente. Por isso é que eu nem sequer quero sujeitar os meus filhos a isso. O consulado brasileiro faz a mesma coisa.

**E.: Já teve contato com o consulado?**

e.: Já, eu fui obrigada a me registrar no consulado, até corro o risco de ser presa se for para o Brasil mais de seis meses porque há anos que eu não voto e não justifico o voto (risos). No Brasil nós somos obrigados a votar e, embora eu tenha justificação para não votar, eu sou obrigada a ir lá e me registrar e justificar voto. Ora, eu estou aqui há vinte e

um anos, eu vivo aqui, voto aqui, desconto para a segurança social, pago impostos, o que é que eu tenho a ver com o Brasil? Como é que eu vou votar em alguém se eu não tenho... nem sei o que é que eles fazem, o que é que não fazem, não tem lógica nenhuma. Há uns doze anos atrás, sei lá, eu pensei é melhor eu renovar o meu passaporte porque se caducar é pior para depois tirar de novo. Esse, por acaso, é um senhor simpático, que eu já conheço ele desde o início, o tratamento já é um pouquinho diferente porque até são portugueses – porque alguns portugueses que trabalham no consulado do Brasil ainda eram os da velha guarda, que tratavam as pessoas de uma maneira diferente – e ele falou assim “há quanto tempo é que você não põe cá os pés? Se você for lá um dia vai ter problemas, se passar mais tempo pode ter problemas porque você vai ter que ir à polícia federal e explicar porquê que não fez e bla bla bla”. Ou seja, caçaram o meu título de eleitor, tenho que tirar novo e justificar uma série de coisas. Uma série de burocracias sem tamanho que não vão-me levar a lado nenhum porque eu vou continuar aqui. Quando eu me resolver a ir novamente para o Brasil, que nem sequer está para breve, porque não tenho dinheiro para pagar três passagens (risos), eu penso no quê que eu vou fazer. E por isso que eu registei meus filhos aqui, senão eu acho que ia ter uma vida controlada para nada. Tenho que estar a ir lá explicar porquê que eu votei, porquê que não votei, porquê? Eles não me ajudam em nada. Eu quando voltei, eu fui lá a correr apresentar os papéis, e até quando foi essa situação da renovação do passaporte, falei “mas o moço sabe que eu já apresentei aqui os papéis”. “Você apresentou aqui os papéis, mas lá você está casada, você tem que se divorciar lá no Brasil também”. “O quê?”. “Mas então você não participou aqui no consulado que ia casar?” “Sim”. “Então, os seus papéis também correram lá no Brasil, é como se você tivesse casado lá. Você fez o divórcio aqui, você também tem que fazer lá”. “Ai sim, então deixa estar que eu estou casada lá”.

**E.: Mas o seu marido era português?**

e.: Meu marido é português, meu ex-marido é português. Na altura do divórcio eu perguntei como é que era do casamento do Brasil, como é que fazia para tratar, mas ele não se mostrou interessado em entrar nos custos nem nada, “então está bem, um dia que você queira casar...” (risos) e até hoje está assim.

**E.: E para além dessa questão de papéis, burocracia, etc., quais foram assim as suas maiores dificuldades quando... se é que as teve.**



e.: É assim, eu em termos de trabalho eu posso dizer que fui uma pessoa de muita sorte. Ao fim de um mês estava empregada e por minha conta. Fui ao jornal, mandei currículo e ao fim de um mês estava empregada, à custa de ser brasileira.

**E.: Como assim?**

e.: O meu primeiro emprego, só soube depois (risos)... É assim, eu fui a uma entrevista de emprego para substituir uma grávida. Ou seja, eu já sabia que aquilo ia ser só por seis meses, e era ali, em Gonçalo Cristóvão, no prédio e mesmo por cima, no quarto andar, do *Pérola Negra*. Eu nem sequer imaginava o que era o *Pérola Negra*, não sei se você sabe...

**E.: Sei, sei...**

e.: Na altura que eu vim havia muito preconceito, falava-se que as meninas dali e no *Paganini* eram prostitutas brasileiras, havia muito... Na altura eu falava muito baixinho para as pessoas não perceberem o meu sotaque, não vestia nada de espampanante, nada que desse nas vistas de que eu era brasileira, tentava mesmo me infiltrar, não gostava que as pessoas “ai, é brasileira, não sei quê...”. Você sabe, nunca gostei, até hoje não gosto. E eu fui à tal entrevista, “você sabe que é só por seis meses...”. “Sim. Cheguei agora, preciso ganhar experiência, preciso trabalhar em algum lado, nem que seja por pouco período de tempo”. Não sei quê “nós avisamos depois”. Depois me telefonaram. Eu, entretanto, aquilo era um escritório pequeno, era uma filial de uma empresa de químicos de Lisboa, e era só eu e mais o engenheiro, responsável técnico, e um outro chefe responsável pelo escritório. E esse engenheiro, ele tem quase a mesma idade que eu, e ele uma vez de descaiu e disse que... eu já nem me lembro do nome dele, o não sei quê Rosas, “sabe que ele só te chamou para a entrevista porque tu eras brasileira”. “Porquê?”. “O seu currículo era muito superior aquele que a gente precisava, a gente não precisava de uma licenciada aqui, ainda para mais para fazer só seis meses, só que ele frequenta o *Pérola Negra* aqui em baixo e queria saber como é que era uma brasileira... (risos)... “Por amor de Deus!” Por isso tive até sorte por arranjar um emprego por causa disso. E depois, quando saí de lá, na semana seguinte já estava noutro até hoje. Posso dizer que tive muita sorte, conheci as pessoas certas no lugar certo.

**E.: E teve alguma vez contacto com brasileiros ou tem? Ou procurou afastar-se...**

e.: Não me afastei, mas nunca se proporcionou de eu me envolver com outros brasileiros. Mesmo porque o género de brasileiro que vinha para cá vinha com um objetivo completamente diferente do meu e, lá está, eu gostava de passar despercebida, gostava de dar a entender que eu era brasileira. E os brasileiros que estavam aqui gostam muito de “ai, sambinha!” e não sei o quê, não sei o quê! Eu não gosto disso.

**E.: Quería afastar-se do estereótipo que existe sobre o brasileiro.**

e.: Não é... Longe de mim ter vergonha de ser brasileira, porque não tenho, tenho o maior orgulho do meu país, do país em que eu nasci. Sou meio tolo em cima da ponte porque eu tenho quase tantos anos de Brasil quanto de Portugal, mas não gosto de ser rotulada. Lá eu era a “portuguesinha”, aqui eu não quero ser a “brasileirinha”, não é.

**E.: É muito curioso... Mas já, em algum momento, já sentiu o preconceito?**

e.: Já, teve uma história. Tinha ido me encontrar com uma prima minha que estava cá, eu tenho primos a viver em Lisboa, e ela veio cá de visita, então fui ter com ela na Boavista porque eu trabalhava nessa altura no Carvalhido. Já estava muito em cima da hora “não vou estar à espera do autocarro, vou de táxi”. Nessa altura, na zona da avenida estava tudo em obras, eu meti por um atalho e peguei um táxi ali em frente ao hospital militar “por favor, é para a rua tal no Carvalhido”. Começou logo a resmungar “não sei o quê o trânsito”. Eu falei “se o senhor virar ali na rua dos correios e seguir por ali por cima, vai lá dar num instante, não apanha as obras”. “Vem para cá fazer o quê? Vem para cá roubar o trabalho dos outros e ainda quer ensinar o meu trabalho?” Começou a disparatar, a me insultar “que só vem para cá para roubar o trabalho dos outros”, “que só vem para cá para trabalhar no Paganini”, um monte de absurdos! Eu fiquei tão embasbacada que falei “Pare já o carro aqui”. “Ai, não sei o quê...”. “Para já o carro!”. Saí do carro no meio da rotunda da Boavista, eu abri a porta, ele parou mesmo numa paragem de autocarro, bati com a porta do carro e fui a pé para o trabalho, dali da Boavista para o Carvalhido. Fiquei nervosa, nunca me tinha acontecido aquilo! O fulano descarregou em cima de mim qualquer recalque que ele tem. Não tem lógica nenhuma, eu acho que há trabalho para todos e eu nunca cresci, os meus pais nunca me ensinaram a ter qualquer tipo de discriminação, cresci num país que acolhe imigrantes de tudo quanto é lado, e achei um absurdo que um povo tipicamente emigrante, que está em todo o lado do mundo, tenha esse tipo de atitude com imigrantes aqui. [impercetível] Isso é que me irrita, a atitude de discriminação, é um pouco por aí...

**E.: Nestes anos todos que está cá, nota alguma diferença de mentalidades?**

e.: Já, estão muito mais abertos, mas ainda se vê muito português falar desse tipo de racismo. Essa discriminação é racista. Principalmente com... Eu não gosto dessa palavra que se usa, com os pretos. Porque lá não se chama ninguém de preto. Uma das minhas melhores amigas no Brasil é negra, é mulata... E eu acho feio, eu acho feio que tratem as pessoas assim. O povo português foi para lá e não quer que as pessoas venham para cá? Eu não ando a perguntar as pessoas, quando eu me deparo com alguém de outro país, “o que é que você está a fazer aqui?”. Se está aqui é porque tem algum tipo de interesse em estar aqui, da mesma forma que o português vai para qualquer outro lado do mundo. E fica com esse tipo de invenções de que eu ou outras pessoas vêm para cá. O português quando sai daqui e vai para outro lado não vai para ficar. E eu hoje digo ao meu filho “vai estudar para fora, vai para longe daqui”. Tem que ir para onde tiver saída. Quem me dera que o meu filho fosse fazer um curso para fora e que se desse bem noutro lado aqui dentro da Europa. Aqui é tudo tão pertinho, tava aqui, tava ali. Tens que ir para onde te dê dinheiro, satisfação e prazer. O português às vezes é um pouquinho pequenininho...

**E.: E essa questão da associação da mulher brasileira à prostituição, sentiu isso de alguma forma? Acha que isso tem fundamento?**

e.: Só naquele ponto das curiosidades masculinas, quando falo ao telefone com alguém e a pessoa tenta-me conhecer fica um pouco desiludido “eu imaginava uma brasileira” (risos). “Pois, mas eu luso-brasileira”. Fora isso...

**E.: Nunca se sentiu afetada?**

e.: Não, não. Aquelas piadas normais, até hoje. Estou aqui há esses anos todos e não perco o sotaque, embora já tenha perdido muito da maneira de falar de lá, todo o mundo me goza no trabalho “olha fala aí continente” (risos). Esse tipo de gozação da maneira de falar, não da maneira de vestir ou de estar porque isso eu eliminei logo à partida. [impercetível]

**E.: Em termos de associações, grupo religioso, nunca se aproximou?**

e.: Não, nunca me aproximei de nada disso. Conheci aqui alguns brasileiros e tal, mas viviam muito em função do Brasil. E eu, como não tinha mais vínculos com o Brasil, nunca cheguei a me ligar a essas pessoas.

**E.: Acha que o facto de... Sei que não se sente uma imigrante no sentido típico, mas, no fundo, viveu muitos anos no Brasil, acha que essa mudança na sua vida muda de alguma forma a sua maneira de ser, a forma de estar na vida, a sua perspectiva sobre a vida?**

e.: Mudou no sentido de... Imigrar é uma decisão muito difícil, principalmente o tipo de imigração que eu fiz, que foi mesmo deixar tudo para trás. Mudou no sentido de eu ter deixado muita coisa para trás, de eu ter perdido... Como eu vim desse jeito, nós viemos para cá, nós quase que trouxemos a casa as costas, eu tive mesmo que alugar um contentor, e escolher que tipo de móveis é que trazia, o que é que não trazia... E deixei muita coisa da minha vida, da minha infância, da minha adolescência, para trás. E isso me marcou muito. Hoje eu não guardo coisas, não acumulo. O que é para deitar fora... passado é passado. Guardo, se calhar, uma coisinha pequenininha só para não dizer que não tenho nada. Mesmo com os meus filhos eu não sou de guardar essas coisinhas todas dos bebés, não. É uma pecinha só para guardar.

**E.: E sente-se integrada?**

e.: Sinto, sinto-me integrada.

**E.: Com uma vida como qualquer outro português?**

e.: Estou integrada, participo em tudo a nível de participação política, essas coisas todas. Questiono, pergunto, gosto de saber, sou interessada. É aqui que eu vivo, me interesso. A vida quotidiana, o emprego, os passeios, tudo, gosto de saber.

**E.: Nunca pensou em regressar? Nunca se arrependeu?**

e.: Não. Arreponder, arreponder, não. Eu acho que foi uma etapa. Não me vejo vivendo... não me vejo mesmo. Não sei mais o que é que eu ia fazer lá e acho que ainda não está seguro. Ainda hoje, quando aparece essas notícias do Brasil, a invasão nas favelas, foi perto da minha casa. Ainda no outro dia passaram... Como é que é? ... O “Tropa de elite II”. Já tinha visto o primeiro, agora o segundo. Está a ver aquilo ali? E pior, pior... Não podem mostrar tudo. É pior! Eu quando fui lá de férias, estava grávida

da minha filha, foi a última vez que eu fui ao Brasil, fiquei com tanto medo, tanto medo, tanto medo, que eu quase em aproveitei a viagem. Eu fui com o meu ex-marido na altura, ele aproveitou a viagem, ele teve da zona norte a zona sul, ele viu tudo. Como eu vivia na zona norte, ele viu a maneira que eu cresci, o bairro, casas normais e não sei quê, e fomos para a zona sul, a zona chique, Barra da Tijuca, Copacabana, tudo bonitinho, cheio de polícias... Passa da zona de Santa Bárbara para a zona norte e é outro mundo. Ele viu isso tudo e não sentiu medo absolutamente nenhum. Coragem de inocente, não sabe de onde é que vem o perigo, está na boa. Eu entrava com os meus pés no ônibus e estava sempre cheia de medo. Não me imagino mais a viver assim, nem sujeitar os meus filhos sequer a isso. Eu hoje ando aqui completamente tranquila, não tenho medo, mas mudou muito, mudou muito. De há vinte anos para cá já sou capaz de segurar minha carteira, não levanto dinheiro num multibanco qualquer, tranco sempre as portas quando eu estou sozinha dentro do carro, já evito certos lugares à noite, mas medo, medo, não tenho. Eu não vou sujeitar a mim nem aos meus filhos a isso. Minha filha tem dez, meu filho tem catorze e tenho medo de leva-los lá.

**E.: Eles questionam-na muito sobre o Brasil?**

e.: Meus filhos são malucos por conhecer o Brasil. “Eu nunca vou andar de avião, eu nunca vou conhecer...”. “Qualquer dia destes a gente vai ali a Madrid e vamos de avião”. “Eu quero lá ir a Madrid! Eu quero é ir ao Brasil” (risos). Tenho medo, tenho muito medo, tenho medo que abram a boca com aquele sotaque no meio de um lugar onde não é muito aconselhado. Sei lá, tenho uma paranoia. Isso para mim me marcou muito, foi o que me marcou mais para vir para cá.

**E.: Relativamente aos costumes notou muita diferença?**

e.: Eu ainda tenho muita coisa de lá na minha vida, eu e a minha mãe. Minha mãe também é um pouquinho brasileira nesse aspeto.

**E.: Continua a viver com a sua mãe?**

e.: Não, não. Ela vive sozinha e eu vivo com os meus filhos, relativamente perto. Mas é curioso, e a maior parte dos portugueses que está lá, o português que está lá, da geração dos meus pais, virou brasileiro. Porque ou vieram de aldeias ou quê, vieram de um Portugal com um nível de atraso tão grande, que não concebem o que é que é o Portugal de hoje. E não querem saber de Portugal. Vêm aqui, se calhar, alguns, porque acho que

a maior parte nem vem, só de visita. Porque não querem sair do Brasil, estão completamente integrados no Brasil. O meu pai era um brasileiro autêntico, ele adorava o Brasil, amava mesmo aquilo.

**E.: Quantos anos é que eles viveram lá?**

e.: De cinquenta e oito para noventa e cinco... Não, oitenta e cinco, meu pai faleceu em oitenta e cinco. Foram trinta anos. A minha mãe também viveu mais anos lá do que aqui, na altura quando ela regressou. Ela também adora aquilo lá, tem montes de saudades das amigas dela. Porque ela hoje aqui tem as amigas de infância. Hoje, o contacto que ela tem é com as amigas de infância. E ela tem muitos hábitos de lá, a comida, feijão preto e a farofa não falta lá em casa. A maneira de estar em casa... nós temos uma maneira muito terra a terra. O brasileiro é, assim, muito aberto, muito franco. O português é mais fechado, muito mais depois de adulto. Eu não tenho amigos aqui, tenho colegas, bons colegas, mas amigos não tenho... As minhas amizades eram as do meu marido, mas como a gente se separou, pronto, agora tenho os meus amigos do trabalho, não tenho mais amigos.

**E.: Também não lhe sobra muito tempo...**

e.: Eu chego em casa às oito horas da noite, é tratar das crianças, pô-las na cama e acabou o dia. Fim-de-semana é um pouco viver também em função deles. Só nos fins-de-semana que eu não tenho as crianças, que estão com o pai, é que eu tenho um pouco para mim. Isso é que me faz falta, são os meus amigos. Porque, de resto, estou completamente integrada aqui, não é isso que me faz falta. E os meus hábitos... Nunca dei tanto valor à praia como hoje, lá não ligava. Lá tinha tanto sol, calor o ano inteiro. Aqui, quando aparece uma nesguinha de sol! Quando está chuva “o raio do tempo nunca mais melhora”.

**E.: Em termos de crenças, nota muitas diferenças entre os povos?**

e.: Cresci católica, pronto, embora eu hoje seja católica de missa de sétimo dia. Abandonei um pouco. Eduquei os meus filhos, são batizados, fizeram a primeira comunhão... Hum... Acho que as pessoas aqui estão um pouquinho mais abertas à religião. Eu me lembro de vir aqui em mais nova e me lembro que tinham medo dos espíritos, tinham medo dos bruxos, dos fantasmas. Hoje não, hoje está mais... Também, depois do Reino de Deus em Portugal, as pessoas estão muito mais abertas a isso. E, no

entanto, em outras coisas são super fechadas. Gostam muito de dizer que são muito abertos, mas quando toca neles já são um povo mais fechado.

**E.: Todas essas diferenças que vai notando entre portugueses e brasileiros, percebe as diferenças, mas busca um bocadinho cá, um bocadinho lá...?**

e.: É. Eu acho que sou uma pessoa muito adaptável. Eu posso sentir um pouquinho no começo, mas eu consigo dar a volta, de adaptar. E tento passar isso um pouco para os meus filhos, prepara-los para as coisas da vida, quando não correm bem. E eles sentem um pouco isso, sabem que eu não sou daqui... Às vezes conto a eles “já passaste por isso, não sei quê...”. São um pouco sensíveis a esse tipo de diferença. E eles também não chamam a atenção por ter uma mãe brasileira, para eles é um pouco indiferente, mas também acho que nunca gostaram de chamar isso a atenção. Eu me lembro, quando eu ia na escola, uma festa, uma reunião, qualquer coisa, e eu falava no meio das crianças “ai, é brasileira”... Então também não gostava, falava baixo, deixava para falar com as professoras sozinha, para não estar ali a fazer confusão com eles. Porque alguns depois lhe perguntavam, eles vinham-me dizer “fulana me perguntou porquê que tu eras brasileira”. A minha filha me pergunta agora muitas vezes “porque é que tu falas diferente?” (risos). “Então, filha, porque a mãe não é daqui”. “Mas já estás aqui há tanto tempo!”. “Mas a mãe manteve o sotaque”. E o meu filho me imita perfeitamente, quando quer, ele tem o sotaque, ele sabe imitar direitinho e eu corrijo. “Não é assim que se fala, é assim”. “Então porquê que tu não imitas?”. “Porque o brasileiro imitar o português fica ridículo”.

**E.: Sentia-se um pouco a perder a sua identidade, a mudar para o português, para uma forma de falar absolutamente portuguesa?**

e.: Não é o mudar... Veja bem, eu já mudei, eu já falo à maneira daqui. Eu construo as frases, uso as palavras todas daqui, o sotaque é que mantém. Daí é que as pessoas notam esse brasileiro. Eu se tiver ao telefone, eu engano muita gente, eu tento modificar e quando eu quero mesmo, eu falo. Mas lá está, eu não gosto de imitar e não fica bem. Eu não consigo falar fluentemente de uma maneira diferente, não consigo (risos). Se eu falar soa falso, nem sai igual e ainda fica ridículo. Por isso é que eu não imito... Não é imitar, é não tento. O que sai, sai. Porque algumas palavras que eu falo, algumas expressões soa tão “à pooorto”... Com a minha cunhada, essa é que é mesmo brasileira, ela não tem ninguém português na família, se tem é praí um avô ou visavô ou quê, essa

fala mesmo, mesmo brasileiro. Com aquele sotaque “ué”, “então”, “oi”, arranhado mesmo, carioca.

**E.: Para mim, também agora começo a perceber – porque para mim brasileiro era tudo igual –, a perceber as diferenças de alguns sotaques.**

e.: Ai, muita, muita... Eu hoje vejo uma novela e eu noto logo quando é um paulista, um carioca. [impercetível] O nordestino já não fala assim, o nordestino já falaria “continente”. Paulista fala assim mais a soprar, a assobiar.

**E.: É muito engraçado. Hoje, por força do contacto que tenho tido com os brasileiros consigo ir percebendo essas diferenças, mas para nós, durante muitos anos, o português que conhecíamos do Brasil era o das novelas.**

e.: É como eu aqui também, eu consigo me aperceber de um açoriano, de um alentejano, de um lisboeta (risos), que também tem um som diferente. Cada terra tem sua particularidadezinha, não é.

**E.: Aqui há tempos estava a ver o telejornal e era uma reportagem na Madeira e, então, tinha legendas. E eu achei aquilo demasiado... É que estamos a falar a mesma língua, mas é tão impossível perceber que colocaram umas legendas para o português.**

e.: Lá está, eu no Brasil, apesar da gente conviver muito com portugueses no Brasil, o português já amaciou o sotaque, já abriu as vogais, já não pronuncia aquele “r” tão pronunciado, a gente já entende. Mas eu me lembro, até de algumas colegas minhas comentarem, não sei que filme é que foi, não sei se foi o “Adão e Eva”, foi um filme qualquer que passou no Brasil, e que passou com legendas. Também justamente por isso, porque o brasileiro não conseguia entender o português daqui a falar. E eu me lembro, quando eu vim aqui, o primeiro concerto que eu vi, que eu ouvi, foi ali na Foz, foi os GNR. Foi logo praí... eu cheguei em maio, foi praí em junho ou em julho e eu também não entendia, nada. Eu gostava da música, mas eu não conseguia entender. Ainda não consigo apanhar a letra cantada, não estava habituada à música. Ao falar estava, mas ao som da música, tudo assim seguido, demorei muito tempo. Até o Rui Veloso, as músicas do Rui Veloso, que nem são assim tão coisa, eu tinha que estar ali a prestar atenção até conseguir apanhar as palavras todas. Outra coisa engraçada dessa parte do falar, ainda voltando aquela história do preconceito, eu nunca segui o meu



curso aqui porque eu sabia que nunca ia ser bem acolhida nesse sentido. Eu fiz a prova para a pré-equivalência, para tirar equivalência na universidade do Porto, só me deram setenta por cento de equivalência. Rejeitaram o meu estágio, apesar de eu já trabalhar, e eu tinha que fazer não sei quantas cadeiras, acho que eram quatro ou cinco, que não haviam lá e que eu tinha que fazer aqui, e completar mais umas horas de carga horária para completar aqui. E depois, na altura, não havia cursos noturnos, não podia trabalhar, tinha que só estudar, o que para mim era impensável – eu trabalhava desde os dezoito anos e estudava ao mesmo tempo – tinha que me sujeitar a viver de novo às custas da minha mãe. E depois tinha que fazer aquilo tudo e ainda fazer novamente o estágio. Para além disso, eu tinha que me candidatar à vaga, que só me era atribuída depois... na altura ainda havia o DDA, eram as provas de acesso, depois essas vagas tinham que ser preenchidas pelos alunos estrangeiros, os bolsistas, e só depois se sobrassem vagas é que eu podia ficar ou não com alguma. Ou seja, ainda ia ter que estar à espera não sei quanto tempo. Eu vim para cá para trabalhar, não foi para me sujeitar a isso. Nunca dei seguimento mesmo porque depois eu pensei “uma brasileira vem para aqui para estudar Letras, quem é que vai-me dar emprego?”. Na altura eu andei no Cambridge, porque quando eu vim para cá estava a fazer *TOEFL*, que era o preparatório para línguas estrangeiras, aqui fui para o Cambridge para fazer o *First Certificate*, e os professores eram todos nativos, não havia um português a dar aulas de inglês. Vou estar a perder meu tempo, vou deixar de trabalhar, ser sustentada pela minha mãe, não sei quanto tempo é que isso vai durar porque eu posso entrar esse ano e posso não entrar. Depois ainda vou ter que arranjar um estágio, depois ainda vou ter que arranjar um emprego. Como não havia dupla nacionalidade, eu não podia-me candidatar à função pública, a um cargo como professora, só podia entrar para uma escola particular, se é que alguém ia-me dar emprego por ser brasileira. Se calhar não vale a pena. Se tivesse outro curso, se calhar, até teria seguido, o que é no Português... E com a questão do Acordo Ortográfico, eu acho um absurdo, eu acho ridículo, estarem preocupados... Não vejo lógica nenhuma, isso é um acordo entre livreiros e governo, vão sujeitar as criancinhas... Aprender a escrever de novo, para quê? As pessoas não entendem o que é um “fato” e um “facto”? “Manga” de camisa e “manga” fruta? As pessoas não vão entender? Tem que mudar? Não é um acento, não é um “c” a mais ou um “c” a menos. É ridículo. Porque vão querer que um angolano fale igual a um lisboeta? É impossível, são realidades diferentes, são culturas diferentes. Um americano, um inglês e um australiano não falam iguais, têm particularidades gramaticais, formas de pronunciar as

coisas e até palavras para designar a mesma coisa diferente. Porquê que o português tem que ser igual? Eu acho que o português é mesmo mesquinho com a sua língua, isso eu noto. Nós somos donos, únicos e exclusivos da língua. Então para quê que andaram a espalhar por aí? É óbvio que eu, tendo tirado um curso de letras, eu estudei morfologia, dei toda a treta da origem da língua. Não sei porquê que uma frase gramaticalmente correta no Brasil não é correta em Portugal. Colocamos os pronomes antes dos verbos, está correto dentro do nosso contexto, aqui não está. Ok. Olha as músicas, todo o mundo agora põe os pronomes antes dos verbos, porquê? Porque o som é melhor, soa melhor ao ouvido, constrói-se melhor musicalmente. Não quer dizer que você vai deixar de saber qual é a forma correta.

**E.: Queria perguntar só para terminar, se se imagina a viver aqui para sempre ou se imigrava para outro país...**

e.: Se eu não tivesse filhos eu imigrava novamente, sem problema nenhum. Acho que foi uma das coisas que eu ganhei quando vim para cá. Perdi esse medo de procurar outras coisas. Seu eu não tivesse filhos, eu fazia. Eu ia para outro lado qualquer na Europa. Sempre tive curiosidade de conhecer a Europa, outros países, formas de vida... Acho que é interessante. Acho que uma pessoa cresce com isso. Mas ia, lá está, não no sentido de ganhar dinheiro e voltar, ia mesmo no sentido de estar lá, ver como é que era, como é que não era. Se está bom, está, se não está, vou para outro lado. Isso eu tenho vontade de fazer, ainda tenho vontade de fazer isso.

**E.: Pelo menos, percebo que a imigração, desse ponto de vista, abriu-lhe novos horizontes, não é?**

e.: Sim. Acho que a gente não se pode prender, tem que aprender a viver em qualquer lado. E acho que é interessante, é enriquecedor para qualquer pessoa mudar. Até de cidade, mesmo daqui do Porto para outra cidade, não tinha problema nenhum.

**E.: Não sei se tem mais alguma coisa a acrescentar? Da minha parte já foi tudo... Foi uma conversa bastante interessante. Como lhe dizia no início, a sua história, por estar cá há muito tempo, é de facto particular. Há coisas que são necessariamente partilhadas, que têm que ver com essa questão de ser brasileiro. De uma forma geral, eu vou tendo contato com muitas pessoas e as histórias têm**

**contacto. Mas, de facto, a sua história é muito particular desde logo porque veio para ficar.**

e.: Pois, se calhar, foge um pouquinho a sua pesquisa...

**E.: Agradeço-lhe imenso.**

| Análise vertical à entrevista n.º 7                                       |  |  |
|---|--|--|
| Inquérito 3.1_3   |  |  |
| Dimensões e categorias de análise   | Dados/ Sínteses  | Excertos   |
| <p><b>I. Dimensão social</b></p> <p>Características sociodemográficas</p> | <p><b>Género:</b> Feminino</p> <p><b>Idade atual:</b> 44 anos</p> <p><b>Idade de emigração:</b> 23 anos</p> <p><b>Estado civil:</b> divorciada/ separada, ex-marido é português</p> <p><b>Nível de escolaridade no Brasil:</b> graduação em Letras</p> <p><b>Nível de escolaridade em Portugal:</b> licenciatura incompleta (deram-lhe 70% equivalências)</p> <p>Em Portugal desistiu de seguir a sua formação em Letras porque, por um lado, não conseguiu todas as equivalências, o que a obrigava a ter de frequentar parte do curso em Portugal; e, por outro lado, porque nunca acreditou que lhe fosse permitido dar aulas de português por ser brasileira. No entender da entrevistada essa é uma área onde os “nativos” têm sempre vantagem.</p> | <p>“Outra coisa engraçada dessa parte do falar, ainda voltando aquela história do preconceito, eu nunca segui o meu curso aqui porque eu sabia que nunca ia ser bem acolhida nesse sentido. Eu fiz a prova para a pré-equivalência, para tirar equivalência na universidade do Porto, só me deram setenta por cento de equivalência. (...) Nunca dei seguimento mesmo porque depois eu pensei “uma brasileira vem para aqui para estudar Letras, quem é que vai-me dar emprego?”. (...) Vou estar a perder meu tempo, vou deixar de trabalhar, ser sustentada pela minha mãe, não sei quanto tempo é que isso vai durar porque eu posso entrar esse ano e posso não entrar. Depois ainda vou ter que arranjar um estágio, depois ainda vou ter que arranjar um emprego. Como não havia dupla nacionalidade, eu não podia-me candidatar à função pública, a um cargo como professora, só podia entrar para uma escola particular, se é que alguém ia-me dar emprego por ser brasileira. Se calhar não vale a pena. Se tivesse outro curso, se calhar, até teria seguido, o que é no Português...”</p> |

|   |  |   |
|---|--|---|
| <p>Zona de residência</p> <p>Composição de classe</p> | <p><b>Concelho e freguesia de residência:</b> Vila Nova de Gaia</p> <p><b>Composição étnica das vizinhanças:</b> Oliveira do Douro</p> <p><b>Última ocupação no Brasil:</b> bancária</p> <p><b>Primeira ocupação em Portugal:</b> escriturária</p> <p><b>Ocupação atual em Portugal:</b> escriturária</p> <p><b>Lugar de classe individual no Brasil:</b> PBE</p> <p><b>Lugar de classe individual em Portugal à chegada:</b> PBE</p> <p><b>Lugar de classe individual atual:</b> PBE</p> <p><b>Lugar de classe de família de origem:</b> OI</p> <p><b>Lugar de classe de família de pertença:</b> PBE</p> <p><b>Disposições em relação à carreira profissional:</b></p> <p>Em relação à carreira profissional considera-se uma pessoa de “muita sorte”. Ao fim de um mês em Portugal já tinha um emprego e desde então transitou entre empregos com facilidade. Nesta questão afirma até, uma vez, ter sido positivamente discriminada no acesso ao emprego por ser brasileira.</p> | <p>“É assim, eu em termos de trabalho eu posso dizer que fui uma pessoa de muita sorte. Ao fim de um mês estava empregada e por minha conta. Fui ao jornal, mandei currículo e ao fim de um mês estava empregada, à custa de ser brasileira. (...) Eu, entretanto, aquilo era um escritório pequeno, era uma filial de uma empresa de químicos de Lisboa, e era só eu e mais o engenheiro, responsável técnico, e um outro chefe responsável pelo escritório. E esse engenheiro, ele tem quase a mesma idade que eu, e ele uma vez de descaiu e disse que... eu já nem me lembro do nome dele, o não sei quê Rosas, “sabe que ele só te chamou para a entrevista porque tu eras brasileira”. “Porquê?”. “O seu currículo era muito superior aquele que a gente precisava, a gente não precisava de uma licenciada aqui, ainda para mais para fazer só seis meses, só que ele frequenta o <i>Pérola Negra</i> aqui em baixo e queria saber como é que era uma brasileira... (risos)... “Por amor de Deus!” Por isso tive até sorte por arranjar um emprego por causa disso. E depois, quando saí</p> |
|---|--|---|

|                                  |  |  |
|----------------------------------|--|--|
|                                  |  | de lá, na semana seguinte já estava noutra até hoje. Posso dizer que tive muita sorte, conheci as pessoas certas no lugar certo.”  |
| <b>II. Percursos migratórios</b> | <p><b>Outros países:</b> Não</p> <p><b>Tempo de permanência:</b> 21 anos</p> <p><b>Tipo de rede migratória:</b> legal</p> <p><b>Com quem veio:</b> mãe e irmão</p> <p><b>Aprofundamento das razões de vinda para Portugal</b></p> <p>A principal razão que levou a entrevistada e a família a vir para Portugal relaciona-se com o aumento da violência e da criminalidade no Brasil. Com o falecimento do pai a família sentiu-se mais vulnerável e, sem o apoio de outros familiares, contavam apenas com os amigos.</p> <p>O medo, assume a entrevistada, tomou conta da vida dela no Brasil e relata até uma situação em que se sentiu ameaçada.</p> | <p>“E quando nós decidimos vir para cá, no caso, eu a minha mãe e o meu irmão, porque entretanto o meu pai faleceu lá, foi mesmo por uma questão de nós já não termos lá família que nos apoiasse em qualquer situação. Embora nós tivéssemos lá um grupo de amigos que eram como uma família.”</p> <p>“O difícil lá, e o que também nos motivou a vinda para cá, foi mesmo a insegurança. Na altura, em 1990, aquilo era um pouco barril de pólvora. Eu vivia na zona norte. Não sei se conhece, mais ou menos, a geografia do Rio de Janeiro... morro, e onde tem um morro tem uma favela. Para se passar de um lugar para o outro passa necessariamente por uma favela. E é complicado a gente ter até uma situação financeira, eu me considerava uma classe média razoável, eu podia ter um carro, um relógio, podia ter joias, podia andar bem arrumada... até porque eu precisava andar bem arrumada porque eu trabalhava com o público num balcão, mas não podia. Eu fui assaltada por uma criança, mais nova do que o meu filho, violentamente dentro de um autocarro e ninguém, ninguém, simplesmente virou a cara para ver o que estava acontecendo, com medo. (...) “Eu posso estar num lugar em que não há nada disso, vivo em segurança, porquê que eu tenho que me sujeitar a isso aqui?”</p> <p>“Foi mais isso, não era por falta disso ou daquilo, foi mesmo por uma situação de segurança. Até minha família, nem era a minha</p> |

|  |  |   |
|--|--|---|
|  | <p><b>Dificuldades encontradas em Portugal</b></p> <p>A principal dificuldade foi a adaptação inicial relacionada, como explica, por ser já uma adulta, com uma vida estabilizada familiar e financeiramente no Brasil. Com o SEF teve também uma situação complicada, pelo que considera que a resolução das questões burocráticas foi “desgastante”, tendo “péssimas recordações” dos momentos que lá teve de ir.</p> <p>Com exceção destas duas questões, uma pessoal e outra burocrática, a entrevistada não revela nenhum outro problema encontrado.</p> <p><b>Intenções de regressar ao Brasil quando emigrou</b></p> <p>Quando decidiu vir para Portugal foi sob uma decisão definitiva de nunca mais regressar para viver no Brasil.</p> | <p>família que fazia falta porque quando podíamos nós vínhamos cá ou eles iam lá. Não era essa falta de família, da minha parte foi mais isso, viver em segurança, ter alguma estabilidade.”</p> <p>“A situação é muito complicada, principalmente quando eu vim. Eu já vim adulta, eu já trabalhava, tinha namorado, tinha casa, tinha tudo... Tinha uma vida normal. Foi mesmo mudar completamente. Uma pessoa quando vem em criança ou em adolescente é fácil porque cria novos vínculos, novos amigos... E eu não, já vim mulher praticamente. Foi mesmo arranjar um emprego e...”</p> <p>“Não é que tenha sido difícil, mas foi muito chato, foi desgastante para mim. Lidar com o SEF... Eu tenho péssimas recordações daqueles senhores. (...) Não era questão de ser discriminada, mas eu acho que eles tratam as pessoas assim muito por igual, tudo da mesma maneira. Eu só tive uma situação chata no SEF, foi quando eu me casei.”</p> <p>“Nunca vim com a intenção de voltar para trás, foi uma decisão tomada de voltar para cá e ficar aqui. Também acho que não sujeitava os meus filhos a isso.”</p> |
| <p><b>III. Dimensão cultural</b></p> <p>Redes de sociabilidade</p> | <p><b>Redes à chegada a Portugal</b></p> <p>Em Portugal tinha toda a sua família.</p>  | <p>“Apesar de ter nascido lá, como a minha família toda é daqui, eu mantive sempre um vínculo muito forte com a minha família aqui. Sempre que tinha oportunidade vinha cá de férias... E quando nós decidimos vir para cá, no caso, eu a minha mãe e o meu irmão, porque entretanto o meu pai faleceu lá, foi mesmo</p>  |

### **Redes de sociabilidade primárias**

Para além da família, relacionado com o facto de ter imigrado adulta, os amigos verdadeiros que considera ter são ainda hoje aqueles que deixou no Brasil, de quem recebe visitas. Em Portugal os seu núcleo de amigos já foi composto pelos amigos do seu marido, mas depois que se divorciou as suas redes são apenas as do trabalho, onde considera ter “bons colegas”, mas não tem amigos.

### **Aprofundamento das disposições relativamente aos grupos com que o entrevistado se relaciona menos ou não se relaciona e as justificações em torno dessa situação.**

Por não se considerar uma imigrante “típica”, no sentido em que o seu objetivo não era amealhar dinheiro e regressar ao Brasil, não se relacionava com outros brasileiros. Pessoas que, no geral, considera estarem em Portugal com objetivos diferentes dos seus e que marcavam a diferença em relação aos portugueses. A entrevistada, apesar de afirmar não ter vergonha de ser brasileira, sempre quis passar despercebida entre os portugueses e distanciar-se do “rótulo”, pelo que embora não se tenha proporcionado relacionar-se com outros brasileiros, a verdade é que também transparece que essas relações não eram da sua vontade.

### **Aprofundamento das razões e motivações subjacentes à pertença ou ausência de pertença às diferentes**

por uma questão de nós já não termos lá família que nos apoiasse em qualquer situação.”

“Não cresci sabendo o que é que era uma avó, um tio, um primo, nada... Eram só amigos e esses eram a minha família e são até hoje. Até hoje eu tenho visita dos meus amigos aqui, embora só tenha ido lá duas vezes desde que estou aqui.”

“Eu não tenho amigos aqui, tenho colegas, bons colegas, mas amigos não tenho... As minhas amizades eram as do meu marido, mas como a gente se separou, pronto, agora tenho os meus amigos do trabalho, não tenho mais amigos.”

“Não me afastei, mas nunca se proporcionou de eu me envolver com outros brasileiros. Mesmo porque o género de brasileiro que vinha para cá vinha com um objetivo completamente diferente do meu e, lá está, eu gostava de passar despercebida, gostava de dar a entender que eu era brasileira. E os brasileiros que estavam aqui gostam muito de “ai, sambinha!” e não sei o quê, não sei o quê! Eu não gosto disso.”

“Longe de mim ter vergonha de ser brasileira, porque não tenho, tenho o maior orgulho do meu país, do país em que eu nasci. Sou meio tolo em cima da ponte porque eu tenho quase tantos anos de Brasil quanto de Portugal, mas não gosto de ser rotulada. Lá eu era a “portuguesinha”, aqui eu não quero ser a “brasileirinha”, não é.”

“Não, nunca me aproximei de nada disso. Conheci aqui alguns brasileiros e tal, mas viviam muito em função do Brasil. E eu, como não tinha mais vínculos com o Brasil, nunca cheguei a me



|                                      |  |   |
|--------------------------------------|--|---|
| <p>Estereótipos e representações</p> | <p><b>organizações ou grupos de apoio.</b></p> <p>No seguimento das explicações em torno das pessoas com as quais o entrevistado se relaciona menos, também em relação aos grupos ou organizações mais institucionalizados nunca se ligou a nada. No caso das associações de imigrantes, mais uma vez, justifica nunca ter tido interesse porque não era seu objetivo manter vínculos com o Brasil.</p> <p><b>Relato de situações em que foi vítima de preconceito e/ou discriminação</b></p> <p>Contou que teve uma situação dentro de um táxi onde, por ser brasileira, foi insultada pelo taxista.</p> <p>À exceção dessa situação conta que, até hoje, muitas vezes, escuta piadas, mas que classifica como “normais”, sobretudo relacionadas com o seu sotaque.</p> | <p>ligar a essas pessoas.”</p> <p>“Já, teve uma história. Tinha ido me encontrar com uma prima minha que estava cá, eu tenho primos a viver em Lisboa, e ela veio cá de visita, então fui ter com ela na Boavista porque eu trabalhava nessa altura no Carvalhido. Já estava muito em cima da hora “não vou estar à espera do autocarro, vou de táxi”. Nessa altura, na zona da avenida estava tudo em obras, eu meti por um atalho e peguei um táxi ali em frente ao hospital militar “por favor, é para a rua tal no Carvalhido”. Começou logo a resmungar “não sei quê o trânsito”. Eu falei “se o senhor virar ali na rua dos correios e seguir por ali por cima, vai lá dar num instante, não apanha as obras”. “Vem para cá fazer o quê? Vem para cá roubar o trabalho dos outros e ainda quer ensinar o meu trabalho?” Começou a disparatar, a me insultar “que só vem para cá para roubar o trabalho dos outros”, “que só vem para cá para trabalhar no Paganini”, um monte de absurdos! Eu fiquei tão embasbacada que falei “Pare já o carro aqui”. “Ai, não sei o quê...”. “Para já o carro!”. Saí do carro no meio da rotunda da Boavista, eu abri a porta, ele parou mesmo numa paragem de autocarro, bati com a porta do carro e fui a pé para o trabalho, dali da Boavista para o Carvalhido. Fiquei nervosa, nunca me tinha acontecido aquilo! O fulano descarregou em cima de mim qualquer recalque que ele tem.”</p> |
|--------------------------------------|--|---|

**Perceber se os estereótipos em relação aos brasileiros têm fundamento; se favorecem ou dificultam a integração dos brasileiros em geral na sociedade portuguesa; e se favorecem ou dificultam o estabelecimento de relações sociais.**

Apesar de, como abordamos acima, procurar distanciar-se dos que considera “imigrantes comuns” e de no próprio discurso reproduzir o preconceito da carnavalização, de que o brasileiro é imagem quer na forma de vestir e de estar, considera que o preconceito de que o imigrante vem ocupar o emprego dos nativos – de que, aliás, foi vítima – não tem fundamento.

Considera, ainda, os portugueses muito racistas em relação às pessoas de pele negra.

**Perceber se já utilizou algum tipo de comportamento fora do habitual ao relacionar-se com portugueses temendo algum tipo de discriminação. Se sim, pedir para relatar a situação**

Desde que chegou a Portugal, admite, sempre procurou distanciar-se da imagem que os portugueses têm sobre as

“Aqueles piadas normais, até hoje. Estou aqui há esses anos todos e não perco o sotaque, embora já tenha perdido muito da maneira de falar de lá, todo o mundo me goza no trabalho “olha fala aí continente” (risos). Esse tipo de gozação da maneira de falar, não da maneira de vestir ou de estar porque isso eu eliminei logo à partida.”

“Não tem lógica nenhuma, eu acho que há trabalho para todos e eu nunca cresci, os meus pais nunca me ensinaram a ter qualquer tipo de discriminação, cresci num país que acolhe imigrantes de tudo quanto é lado, e achei um absurdo que um povo tipicamente emigrante, que está em todo o lado do mundo, tenha esse tipo de atitude com imigrantes aqui.”

“Já, estão muito mais abertos, mas ainda se vê muito português falar desse tipo de racismo. Essa discriminação é racista. Principalmente com... Eu não gosto dessa palavra que se usa, com os pretos. Porque lá não se chama ninguém de preto. Uma das minhas melhores amigas no Brasil é negra, é mulata... E eu acho feio, eu acho feio que tratem as pessoas assim. O povo português foi para lá e não quer que as pessoas venham para cá?”

“Na altura que eu vim havia muito preconceito, falava-se que as meninas dali e no *Paganini* eram prostitutas brasileiras, havia muito... Na altura eu falava muito baixinho para as pessoas não perceberem o meu sotaque, não vestia nada de espampanante, nada que desse nas vistas de que eu era brasileira, tentava mesmo me infiltrar, não gostava que as pessoas “ai, é brasileira, não sei quê...”. Você sabe, nunca gostei, até hoje não gosto.”

|                                     |  |   |
|-------------------------------------|--|---|
|                                     | <p>brasileiras, pelo que sempre procurou excluir da sua forma de estar e de vestir qualquer “pista” que a pudesse denunciar imediatamente como brasileira. Falar baixo e ser discreta na sua indumentária são duas das estratégias que continua a utilizar.</p>  | <p>“E eles também não chamam a atenção por ter uma mãe brasileira, para eles é um pouco indiferente, mas também acho que nunca gostaram de chamar isso a atenção. Eu me lembro, quando eu ia na escola, uma festa, uma reunião, qualquer coisa, e eu falava no meio das crianças “ai, é brasileira”... Então também não gostava, falava baixo, deixava para falar com as professoras sozinha, para não estar ali a fazer confusão com eles. Porque alguns depois lhe perguntavam, eles vinham-me dizer “fulana me perguntou porquê que tu eras brasileira”. A minha filha me pergunta agora muitas vezes “porque é que tu falas diferente?” (risos).”</p> |
| <p><b>IV. Dimensão política</b></p> | <p><b>Vivência de uma situação de irregularidade ou ilegalidade perante as autoridades portuguesas</b></p> <p>Não se aplica.</p> <p><b>Estatutos especiais</b></p> <p>Tem dupla nacionalidade.</p>   | <p>“Os meus pais, quando eu nasci, não me registaram como portuguesa, mesmo porque não existia. Até 1993, salvo o erro, ou 1992, não existia. O Brasil não permitia ter dupla nacionalidade, ou seja, ou eu era registrada como portuguesa ou como brasileira. (...) Só depois de eu estar aqui e sair essa nova situação, é que eu pedi a dupla nacionalidade.”</p> <p>“Só depois é que eu consegui, então, o visto de residência, ainda com nacionalidade brasileira, e só depois de sair essa nova legislação é que eu pedi a dupla nacionalidade.”</p>  |
| <p><b>V. Auto percepções</b></p>    | <p><b>Perceção da própria situação de integração</b></p> <p>Afirma sentir-se integrada em Portugal, onde procurou adaptar-se, “infiltrar-se” e passar despercebida.</p> <p>Percebe-se ainda pelo discurso ao longo da entrevista que está afastada do que acontece no Brasil, de onde sente apenas</p> | <p>“Estou integrada, participo em tudo a nível de participação política, essas coisas todas. Questiono, pergunto, gosto de saber, sou interessada. É aqui que eu vivo, me interesso. A vida quotidiana, o emprego, os passeios, tudo, gosto de saber.”</p> <p>“Eu acho que sou uma pessoa muito adaptável. Eu posso sentir</p>  |

sente falta dos amigos.

### **Percepção da sua qualidade de vida atual**

Em termos económico-financeiros considera que em Portugal está pior em termos de qualidade de vida, mas em Portugal não se sente “presa” como acontecia no Brasil, onde apesar de viver bem e poder ter alguns luxos não podia sair de casa sem que não se sentisse ameaçada.

um pouquinho no começo, mas eu consigo dar a volta, de adaptar. E tento passar isso um pouco para os meus filhos, prepara-los para as cosas da vida, quando não correm bem.”

“Isso é que me faz falta, são os meus amigos. Porque, de resto, estou completamente integrada aqui, não é isso que me faz falta.”

“É assim, eu hoje quando falo ou, às vezes, até quando vejo a minha vida no Brasil, eu penso que fui uma anormal em ter vindo para cá (risos). Porque é assim, eu me formei lá, me licenciiei em letras, dava aulas de inglês à noite e trabalhava durante o dia, eu era bancária. Tinha um horário de trabalho que me facilitava muito a vida porque nós lá, como eu era só [imperceptível], eu só trabalhava seis horas por dia. Então, ou trabalhava de manhã até um pedaço da tarde, ou trabalhava de tarde até ao fecho da agência. Facilitou-me bastante a vida enquanto estudante porque eu estudei à noite, fiz a minha faculdade à noite, e pronto, trabalhava durante o dia, dava aulas à noite, mas tinha muito mais tempo do que eu tenho hoje com um trabalho só, de oito horas por dia. Tinha montanhas de amigos, que eu tenho até hoje, porque eu mantenho contato com eles, até tenho uma agora em agosto que vem passar férias comigo.”

“Nós lá, eu vivia numa casa com piscina e tal, dessas de montar, eu tinha uma vida que era um paraíso (risos). Quando eu olho, me levantava às oito horas da manhã, estava uma hora na piscina, tomava banho e depois é que ia para o trabalho. Onde é que eu hoje conseguia fazer isso? (risos) Mas eu estava presa dentro de casa praticamente, eu tinha muito medo.”

**Percepção em relação ao futuro: intenção de regressar ao Brasil**

Não tenciona regressar ao Brasil e afastou-se de tal modo do que se passa no seu país de origem que, inclusive, deixou de votar nas eleições brasileiras, dizendo mesmo “o que é que eu tenho a ver com o Brasil?”.

Embora nunca tenha pensado em regressar para o Brasil, revelando que ainda hoje tem medo de lá ir, a entrevistada incita os seus filhos a imigrar para a Europa e, ela própria, afirma que só não o faz também porque, neste momento, tem dois filhos.

“Já, eu fui obrigada a me registar no consulado, até corro o risco de ser presa se for para o Brasil mais de seis meses porque há anos que eu não voto e não justifico o voto (risos). No Brasil nós somos obrigados a votar e, embora eu tenha justificação para não votar, eu sou obrigada a ir lá e me registar e justificar voto. Ora, eu estou aqui há vinte e um anos, eu vivo aqui, voto aqui, desconto para a segurança social, pago impostos, o que é que eu tenho a ver com o Brasil? Como é que eu vou votar em alguém se eu não tenho... nem sei o que é que eles fazem, o que é que não fazem, não tem lógica nenhuma. (...) E por isso que eu registei meus filhos aqui, senão eu acho que ia ter uma vida controlada para nada. Tenho que estar a ir lá explicar porquê que eu votei, porquê que não votei, porquê? Eles não me ajudam em nada.”

“E eu hoje digo ao meu filho “vai estudar para fora, vai para longe daqui”. Tem que ir para onde tiver saída. Quem me dera que o meu filho fosse fazer um curso para fora e que se desse bem noutro lado aqui dentro da Europa. Aqui é tudo tão pertinho, tava aqui, tava ali. Tens que ir para onde te dê dinheiro, satisfação e prazer.”

“Não me vejo vivendo... não me vejo mesmo. Não sei mais o que é que eu ia fazer lá e acho que ainda não está seguro. Ainda hoje, quando aparece essas notícias do Brasil, a invasão nas favelas, foi perto da minha casa. (...) Eu quando fui lá de férias, estava grávida da minha filha, foi a última vez que eu fui ao Brasil, fiquei com tanto medo, tanto medo, tanto medo, que eu quase em aproveitei a viagem. Eu fui com o meu ex-marido na altura, ele aproveitou a viagem, ele teve da zona norte a zona sul, ele viu tudo. Como eu vivia na zona norte, ele viu a maneira que eu cresci, o bairro, casas normais e não sei quê, e fomos para a zona sul, a zona chique, Barra da Tijuca, Copacabana, tudo

|                      |   |  |
|----------------------|---|--|
|                      |   | <p>bonitinho, cheio de polícias... Passa da zona de Santa Bárbara para a zona norte e é outro mundo. Ele viu isso tudo e não sentiu medo absolutamente nenhum. Coragem de inocente, não sabe de onde é que vem o perigo, está na boa. Eu entrava com os meus pés no ônibus e estava sempre cheia de medo. Não me imagino mais a viver assim, nem sujeitar os meus filhos sequer a isso. Eu hoje ando aqui completamente tranquila, não tenho medo, mas mudou muito, mudou muito. De há vinte anos para cá já sou capaz de segurar minha carteira, não levanto dinheiro num multibanco qualquer, tranco sempre as portas quando eu estou sozinha dentro do carro, já evito certos lugares à noite, mas medo, medo, não tenho.”</p> <p>“Se eu não tivesse filhos eu imigrava novamente, sem problema nenhum. Acho que foi uma das coisas que eu ganhei quando vim para cá. Perdi esse medo de procurar outras coisas. Seu eu não tivesse filhos, eu fazia. Eu ia para outro lado qualquer na Europa. Sempre tive curiosidade de conhecer a Europa, outros países, formas de vida... Acho que é interessante. Acho que uma pessoa cresce com isso. Mas ia, lá está, não no sentido de ganhar dinheiro e voltar, ia mesmo no sentido de estar lá, ver como é que era, como é que não era. Se está bom, está, se não está, vou para outro lado. Isso eu tenho vontade de fazer, ainda tenho vontade de fazer isso.”</p> |
| <p><b>Outros</b></p> | <p><b>Laços de sangue com portugueses imigrados no Brasil</b></p> <p>Os pais eram imigrantes portugueses no Brasil. Toda a sua família, exceto ela própria e o irmão, são portugueses. No entanto, os seus pais viveram no Brasil tantos anos que considerava o pai um “brasileiro autêntico” e a mãe uma mulher que ainda hoje mantém muitos dos hábitos e</p> | <p>“É assim, eu não posso-me considerar uma imigrante dessas que habitualmente se encontra por aí. Eu nasci no Brasil, mas eu sou praticamente portuguesa. Só eu e o meu irmão nascemos no Brasil, minha família toda é portuguesa, mesmo os meus filhos, porque eu já me casei cá e tive cá os meus filhos. Por isso eu sempre vivi um pouco lá e cá. Apesar de ter nascido lá, como a minha família toda é daqui, eu mantive sempre um vínculo</p>   |

costumes brasileiros.

muito forte com a minha família aqui. Sempre que tinha oportunidade vinha cá de férias...”

“Eu ainda tenho muita coisa de lá na minha vida, eu e a minha mãe. Minha mãe também é um pouquinho brasileira nesse aspeto.”

“Meu pai imigrou praí em cinquenta e oito, minha mãe foi quatro anos depois. Naquela altura eles tiveram que casar por procuração para poder viajar. E fizeram a vida deles lá, não como aquele português que emigra normal, de tentar fazer um pezinho de meia e voltar para casa. Não, meu pai foi com a intenção de ir e ficar porque a situação em Portugal, naquela altura, era o que era... o salazarismo, aquela coisa toda, e tentou fugir a isso e construir uma vida nova completamente de raiz e esquecendo completamente o que tinha aqui. Mantendo laços com a família, claro, mas fazendo lá a vida. E foi um pouco com essa intenção que eu também voltei para cá.”

“Foram trinta anos. A minha mãe também viveu mais anos lá do que aqui, na altura quando ela regressou. Ela também adora aquilo lá, tem montes de saudades das amigas dela. Porque ela hoje aqui tem as amigas de infância. Hoje, o contacto que ela tem é com as amigas de infância. E ela tem muitos hábitos de lá, a comida, feijão preto e a farofa não falta lá em casa. A maneira de estar em casa... nós temos uma maneira muito terra a terra. O brasileiro é, assim, muito aberto, muito franco. O português é mais fechado, muito mais depois de adulto.”

“Mas é curioso, e a maior parte dos portugueses que está lá, o português que está lá, da geração dos meus pais, virou brasileiro. Porque ou vieram de aldeias ou quê, vieram de um Portugal com

um nível de atraso tão grande, que não concebem o que é que é o Portugal de hoje. E não querem saber de Portugal. Vêm aqui, se calhar, alguns, porque acho que a maior parte nem vem, só de visita. Porque não querem sair do Brasil, estão completamente integrados no Brasil. O meu pai era um brasileiro autêntico, ele adorava o Brasil, amava mesmo aquilo.”



## Transcrição de entrevista n.º 8

|                                 |  |
|---------------------------------|--|
| <b>Inquérito</b>                | 4.1_8  |
| <b>Entrevistado</b>             | Brasileiro, 30 anos.<br>Foi selecionado para entrevista por ser um jovem altamente qualificado, com dupla cidadania brasileira/italiana, que emigrou na expectativa de ter uma experiência internacional e que mencionou ter sido vítima de preconceito/discriminação.<br>Chegou a Portugal em 2007; no Brasil completou o mestrado e a sua primeira experiência profissional ocorreu em Portugal enquanto bolseiro de investigação. |
| <b>Data da entrevista</b>       | 21 de julho de 2011  |
| <b>Local da entrevista</b>      | Centro comercial - Dolce Vita Antas  |
| <b>Duração da entrevista</b>    | 37min  |
| <b>Hora de início (aprox.)</b>  | 18h15  |
| <b>Hora de término (aprox.)</b> | 18h50  |

**E.: Bom, então, queria que me explicasse como é que tomou essa decisão de emigrar e o que é que o motivou a vir para Portugal.**

e.: Na verdade muita gente pensa que era porque eu não tinha trabalho no Brasil, só que não era por causa disso. Na verdade, quando eu terminei o mestrado, eu procurei emprego e tinha oportunidade de estar no Brasil como fora, inclusive Portugal. Como apareceu fora do Brasil, eu falei “vamos aproveitar, eu fico seis meses, fico um ano lá” e foi por causa disso que eu vim para cá. Era mais para ter alguma experiência internacional, meter no currículo alguma experiência internacional, mas daí eu fui ficando aqui e estou até agora.

**E.: Mas apareceu-te Portugal ou escolheste Portugal em relação a outras opções?**

e.: Sim, eu mandei currículo para outros só que a primeira oportunidade foi para Portugal e eu tinha que decidir mesmo... porque o projeto estava para começar e eu tinha que decidir mesmo na hora. Tinha oportunidade de emprego e eu tive que agarrar.

**E.: Segundo me disseste [em conversa prévia], tiveste cerca de três meses a tratar da papelada para vir. E quais foram os principais procedimentos que tiveste de seguir?**

e.: Assim, tive que pegar todos os documentos necessários, teve que ter um seguro de saúde que foi a empresa que contratou que me forneceu, senão eu não poderia vir ou teria que fazer um particular... Que mais? Teve um atestado de saúde que teve que ser feito num hospital público no Brasil, não podia ser não privado, tinha que ser órgão público, municipal, para ser se tinha alguma doença, se tinha sida, essas coisas... Que mais? Fora a papelada, por exemplo, de residência, a declaração de oferta de emprego, etc.

**E.: Consideras que esse foi um processo moroso?**

e.: É assim, no meu caso demorou três meses porque eu comecei em Junho, só que calhou de eu pegar a bolsa nas férias e, durante o mês de Agosto, ficou faltando o atestado médico e no mês de Agosto não tinha ninguém que fornecesse isso. Então, eu fiquei um mês a mais esperando por causa de ser férias, senão talvez em dois meses eu conseguiria o visto.

**E.: E a tua família apoiou-te na vinda para cá?**

e.: Na verdade, eu sou um pouco supersticioso e quando eu estou procurando emprego geralmente não conto para ninguém porque se eu contar, não sei, às vezes não dá certo, então, eu fiquei na minha. Quando eu vi que fui aceite no processo, aí eu contei para a minha mãe e ela ficou mais ou menos assim... “ah, mas você não conhece o país e tal”. Mas eu falei “eu vou e só fico seis meses”, acho que foi isso que permitiu que a minha mãe me deixasse. Mas acontecesse que a minha mãe viu aquilo como uma oportunidade profissionalmente.

**E.: Então não tinhas ninguém aqui?**

e.: Na verdade eu tinha uma prima em Aveiro que ajudou um pouco a vir para cá. Ela não influenciou muito a minha situação aqui, ela tem um marido português, tipo, às vezes eu vou lá em casa dela, mas de três em três meses, no máximo.

**E.: Mas vieste viver para casa dela?**

e.: Não. Quando eu vim, vim direto para aqui. Foi a secretária de lá onde eu trabalho que arranjou para mim e nessa época morava eu, um chinês e uma romena. O dono do apartamento me acolheu bem, foi até me buscar no aeroporto e tudo...

**E.: E em termos das dificuldades quando chegaste aqui a Portugal, como é que te sentiste? Quais foram as diferenças?**

e.: Dificuldade inicial... assim, até o dono do apartamento sempre me ajudou em tudo. Então, eu não tive problema quanto a isso, tipo, para pegar documentos, o pessoal da empresa me ajudou, o dono do apartamento me ajudou... Por exemplo, se não tenho dinheiro para pagar a renda agora, posso pagar no mês que vem, essas coisas... Outra dificuldade, assim, principalmente, foi mais quanto à saudade da família. Porque é assim, todo o fim-de-semana eu sempre fazia alguma coisa e aí chego aqui, no fim-de-semana, “e agora?”. Não conhecia ninguém, ficava em casa ou saía para algum lugar assim...

**E.: Mas não saías com as pessoas que partilhavas o apartamento ou com colegas de trabalho?**

e.: Com os colegas do apartamento era tipo assim, a romena já namorava, então eu não ficava muito com ela, e com o chinês ele era muito assim... ele tinha muita coisa para fazer no doutoramento e ele não saía de casa, então em casa eu não tinha muitas possibilidades. Agora, com os colegas do trabalho eles eram muito fechados, tipo, muito fechados... E não tinha nenhum brasileiro na época...

**E.: Sentiste essa diferença de que os portugueses são mais fechados?**

e.: Sim... Um exemplo, o Wesley, aqui do *Solinca*, o exemplo que ele me deu foi assim... Quando teve uma época que foram uns portugueses para o Brasil, em Erasmus, tipo, quando eles chegaram lá foram bem recebidos, no final de semana eles alugaram uma quinta para a integração e todo o mundo se conheceu. Depois foi o contrário, foram eles a vir para cá e até ele brincou porque quando ele chegou aqui a primeira coisa que

lhe falaram foi “paga a propina do doutoramento” (risos). Ainda hoje, ele às vezes almoça na cantina da FADEUP, ele estuda lá, e ele fica sozinho lá. Às vezes até pergunto para ele “mas você não conhece pessoal aqui?”. “Não, não, é muito complicado”. Mas eu também sinto um pouco isso, mas eu respeito, não tenho problema, não vou falar, não vou ser chato...

### **E.: Quando é que decides ficar?**

e.: Na verdade, quando eu cheguei, era para ser um ano. Só que cheguei e falei assim, passou umas duas semanas, eu já falei para o meu chefe “Eu vou ficar cá só seis meses porque eu não vou-me adaptar”. Tinha muitas saudades da família, sabe? Mas aí ele falou “Não, você tem bolsa de um ano, aproveita”. Ah, uma outra coisa que foi ruim quando cheguei aqui em Portugal foi que quando eu fiz o processo seletivo ficou assim: inicialmente eu ganharia um valor, você sabe, valor de bolsa, que era de setecentos e cinquenta e cinco euros para pessoal sem mestrado. Só que o meu chefe, numa entrevista por telefone para o Brasil, eu falei assim “Mas eu tenho mestrado” e ele “Não se preocupa, vamos fazer assim, você fica três meses com essa bolsa e depois de três meses você passa para novecentos e oitenta”, que é a outra BM. Ok, está bom, porque setecentos e cinquenta e cinco é pouco, eu não viria por causa desse valor. Aí no primeiro dia que eu cheguei, no primeiro dia, eu cheguei lá e fui falar com o meu chefe e falei “E como que vai ser a mudança da bolsa?”. E ele falou assim “Mas que mudança?”. Eu não tinha como provar, aquilo foi falado por telefone, não tinha e-mail, não tinha nada... “Mas nós conversámos que depois dos três meses ia mudar para novecentos e oitenta”. E ele falou “Não, não é bem assim, vai ser mudado depois de um ano e se você fizer um bom trabalho”. Imagina? Meu primeiro dia em Portugal! Depois o que é que eu fiz? Eu conversei com um pessoal que eu conhecia e eu falei “Como é que eu posso falar com o cabeça daqui do INESC? Porque eu não vou ficar falando com o chefe, diretor, aqui do departamento, eu quero conversar com o principal mesmo, seja o presidente, seja o diretor”. Aí eles me falaram “Conversa com a secretária que ela agenda uma hora”. Aí eu fui falar com ele, mas então eles falavam “Mas não faz isso não”. Mas eu falei “Não, eu vou fazer, eu quero falar com ele, não tem como”. Aí depois eu fui lá, agendei e fui conversar com o presidente. Aí eu expliquei a situação, como ficou combinado, tudo. Só que ele respondeu com outro exemplo, ele falou assim, que teve um malaio que estava lá no INESC que recebia setecentos e cinquenta e cinco, que não reclamava, que mandava cinquenta por cento para a mãe dele que estava lá na

Malásia e que ele vivia com os outros cinquenta por cento. Ou seja, querendo convencer para mim que com aquele dinheiro eu poder-me-ia manter. Só que não era a quantia, mas sim o mestrado, eu merecia um valor a mais e ele não aceitou. Aí eu comecei a procurar um outro emprego aqui, só que aí, por sorte, teve uma avaliação escrita pela internet, com os pontos positivos e os pontos negativos e eu comecei a falar por escrito. E outra coisa, durante esse período eu não fiquei “Ah não vou ganhar isto, então não vou trabalhar”. Não, eu trabalhei normal, às vezes até melhor para mostrar que eu tinha competência. Aí, depois teve essa avaliação e eu falei, mas falei muito mesmo e depois passou os três meses e eles aumentaram. O que é que aconteceu? Foi reclamação mesmo e depois continuar a fazer o meu trabalho porque algum dia ele vai ser reconhecido. Se eu não trabalhasse, não fizesse as coisas, iam passar os três meses e eles não iam aumentar. Só que eles viram que eu fiz o trabalho certo, estava encaminhando o projeto e merecia. Mas, se não fosse isso, eu já não estava lá.

**E.: Foi uma situação complicada...**

e.: É. Imagina, desde o primeiro dia em Portugal eu pensei “vou voltar para o Brasil”. Mas só o voo é muito caro, gastei dinheiro para vir para cá... Então, foi isso.

**E.: E quando é que comesas a ganhar laços com as pessoas aqui, a sair, como é que é?**

e.: Uma coisa que mudou muito foi quando eu entrei no ginásio, que foi depois de seis meses aqui. Na época, ganhando setecentos e cinquenta e cinco, comecei a procurar ginásios, mas não ia dar. Aí, quando aumentou a bolsa eu tive oportunidade de entrar no ginásio. Foi quando eu conheci... Onde eu trabalho é uma relação muito mais profissional, não tem nada... sabe? Foi quando eu vim para o ginásio, eu tenho muita afinidade para conversar com as pessoas e eu sempre pratiquei desporto, então, foi aí que eu comecei.

**E.: E quando é que o teu irmão vem para cá?**

e.: Ele veio para cá seis meses depois.

**E.: Veio mais alguém da família ou só tu e o teu irmão?**

e.: Só eu e o meu irmão. Ele tinha a mesma situação que eu, terminou o mestrado e começou a mandar currículos. Ele tinha uma oportunidade na Espanha, mas não deu

certo. Depois ele teve uma aqui em Portugal onde eu estou e outra em Lisboa. Só que aí teve uma questão com o seguro de saúde que influenciou ele a vir para cá.

**E.: Tencionas regressar ao Brasil?**

e.: É assim, agora não porque há uma coisa que me faz querer ficar ainda mais na Europa é o facto de eu ter a cidadania italiana agora, que eu obtive no ano passado.

**E.: Mas os teus pais têm ligações a Itália?**

e.: Na verdade é o meu bisavô. Para ter cidadania italiana não tem um limite, pode ter ligação de tetravô, daí para cima até ao pai. E, enfim, facilitou muito não só para andar aqui na Europa, como também para ir para os Estados Unidos porque por ser brasileiro sempre tem que ter visto e tal... Assim, como europeu, com passaporte eletrónico, você vai e pode ficar seis meses de residência.

**E.: Então não estás a pensar regressar?**

e.: Para já não.

**E.: Mas pensas em trazer mais família ou pensas em, mais tarde, trazer os teus pais?**

e.: Na verdade, eu penso. Porque é assim, meu pai gostaria até de vir conhecer Portugal para ver... Minha mãe não gosta muito de frio, essas coisas, então, para vir teria de se adaptar. Mas, enfim, seria mais fácil porque eles estão ficando um pouco mais idosos. Minha irmã também, talvez ela venha para cá também, só que não é agora, talvez em alguns anos.

**E.: O facto de mencionar no inquérito que se relaciona mais com portugueses do que com brasileiros tem a ver com o facto de se querer afastar de brasileiros ou simplesmente aconteceu?**

e.: Não. Foi mesmo o facto da presença mesmo. No ginásio tem alguns brasileiros que eu conheci, no trabalho também tem outro brasileiro... Só que como, assim, quando eu cheguei, dois brasileiros onde eu trabalho falaram para mim assim “não se relaciona muito com os portugueses” – porque é, tipo, preconceito entre portugueses e brasileiros – “porque eles são um povo muito fechado, você não vai a lugar nenhum. Tem uma comunidade brasileira aqui e tal...” Para você ver, eles moram num edifício que só tem

brasileiros, nada a ver. Aí eu falei “não, eu não tenho problema, eu vou-me relacionar independente da nacionalidade”. Na época eu nem tinha uma ideia do português e eles, até hoje, convivem só com brasileiros. Mas eu li uma notícia, não sei se foi na CNN ou New York Times, que falava assim “os brasileiros não formam gueto, os chineses forma, tem vários outros que formam gueto, mas os brasileiros não”. Mas tem algumas exceções, tem muitos que... (risos).

**E.: Às vezes acontece formarem um grupo pequeno, não propriamente no sentido de “gueto”.**

e.: Sim, é.

**E.: E associações de brasileiros, nunca tentou conhecer?**

e.: Não. Associações e essas coisas assim eu nunca fiz parte de nada. A não ser, no Brasil, que era obrigado a pertencer a sindicato, sindicato de informáticos.

**E.: E relativamente à religião, não sei se és católico...**

e.: Sou católico, mas não pratico. Já fui, na época era criança e era obrigado, mas agora não sou praticante.

**E.: E em Portugal nunca procuraste nenhum local de apoio, mesmo o CNAI, para questões com o SEF?**

e.: Não. Assim, apoio em relação à integração e assim?

**E.: Sim, sim.**

e.: Não. Quer dizer, eu fui a esses locais, o SEF e o CNAI para documentos e essas coisas, mas nada mais.

**E.: Relativamente à questão dos estereótipos e do preconceito, mencionas também no inquérito que já te sentiste vítima. Podes-me descrever essas situações?**

e.: Sim. Assim, um sítio que eu sinto muito é no trabalho. É assim, às vezes tem oportunidades, mas tem coisas que eu não consigo entender. Na verdade eu estou numa unidade que não é a minha área, que é de energia, e eu sou informático, sou assessor que faz programação na área de informática. Só que lá está invertido, tipo assim, um de electro está fazendo a parte de projeto, ele que está na área que seria da minha área,

entendeu? E eu faço a parte dele, ao contrário. Eu até já falei para eles, entendeu, e é isso que eu não entendo. E eu vejo isso como um preconceito porque, não só eu como outros brasileiros, são vistos assim meio de lado, entendeu? A não ser que você faça alguma coisa, eles deixam você sempre de lado.

**E.: Deixa ver se eu entendo, quando eles podem eles ocupam um pouco o teu lugar?**

e.: Sim, sim.

**E.: Mas alguma vez ouviste comentários relativamente a tu seres brasileiro?**

e.: Teve uma que foi brincadeira, mas que eu não gostei muito. Foi o facto de, há uns anos atrás, teve um furto num banco e foram uns brasileiros que fizeram uns reféns e não sei se matou... Então, eu estava lá sentado e entrou um português e falou assim “então, você viu os seus compatriotas, o que eles fizeram?”. E eu falei “olha, se eu não me engano, aqui nos jornais não pode falar de nacionalidade, em matéria de jornal. Sabe, porque antes falavam muito “os brasileiros mataram” e hoje, sabe, é mais “dois estrangeiros, dois imigrantes”. E aí foi o caso, ele chegou, não sei se era brincadeira ou não, mas é uma brincadeira chata “ah, seus compatriotas mataram...”. Isso foi um... Que mais? ...

**E.: E alguma coisa em lugares mais públicos, cafés, restaurantes?**

e.: De momento... Lembro que teve um dia, no metro, estava eu conversando com outro português, normal, e começaram a olhar, não sei se porque eu era brasileiro, não sei se é impressão minha ou não (risos). Teve assim uma situação, as pessoas ficaram olhando, mas talvez tenha sido impressão.

**E.: E o que é que pensas sobre o facto da mulher brasileira ser muito associada à prostituição? Achas que isso tem fundamento?**

e.: Não, acho que não. Assim, uma coisa errada, acho que vem até do Brasil, da forma como o Brasil se mostra ao mundo. Sabe porquê? Só mostra carnaval, só mostra futebol, só mostra as mulheres praticamente peladas, aí os de fora imaginam essas coisas. Tipo, há muita gente que vai para o Brasil “vou para o Brasil, vou pegar todas”. Não, mas não é bem assim. É assim, se for para o Brasil, tem muitas, muitas, que não têm isso. Noventa e nove por cento não tem isso. Essas mulheres estão aqui, em Portugal, por



trabalho. Mas tem muitas aqui também que são estudantes, que não têm nenhum problema com isso.

**E.: E achas que, de uma forma geral, os estereótipos continuam a afetar a integração?**

e.: Eu acho que quanto a mulher brasileira aqui, até comentamos, acho que para ela é muito mais difícil do que quanto aos homens. Mas acho que dos homens também têm muito receio, até de se quererem aproveitar, por exemplo, se você convida uma rapariga para sair ela pensa duas vezes porque você é brasileiro. Então tem essa associação que faz por ser brasileiro, acho que se generaliza muito. O que mais? ... Assim, quando eu conheço alguém a primeira coisa que eu faço é falar a profissão que você faz. Se você não falar isso tem um receio...

**E.: Tens necessidade de dizer o que fazes?**

e.: Tenho, tenho (risos). Eu tenho que falar porque, às vezes, a primeira impressão é de que eu não nasci em Portugal, que sou brasileiro. Ainda mais quando a outra pessoa não é brasileira. Então eu tento deixar claro o que é que eu faço e tal.

**E.: Portanto, aquilo que me estás a dizer é que, no fundo, tentas alterar um bocadinho o teu discurso para poder deixar clara a tua situação?**

e.: Sim. Porque às vezes pensam que é só para ser legal, que está dando conversa só para ver se consegue alguma coisa e tal...

**E.: Isso é muito interessante... Bom, neste momento tens a cidadania, não é?**

e.: Sim.

**E.: Em que medida é que isso mudou, se é que mudou alguma coisa?**

e.: É assim, facilitou muito quanto à parte dos documentos porque não preciso mais de visto. Com a cidadania eu posso ficar dez anos sem...

**E.: Há quanto tempo é que conseguiste a cidadania?**

e.: Foi o ano passado, em agosto do ano passado. Mudou quanto à facilidade e quanto à mobilidade na Europa também, ir para fora. Mas de resto...

**E.: E mesmo antes, com o acordo bilateral, nunca tiveste problemas no acesso à saúde ou... Nunca te complicaram a vida?**

e.: Não, não. Por acaso até fui ao hospital pela primeira vez depois de quatro anos e não teve problema. Eu mostrei o BI italiano, porque eu levei o BI italiano. Mas uma coisa curiosa, não só aqui, como na Itália e em outros lugares é que eles não conseguem entender é porque eu sou brasileiro e eu sou italiano. Até na Itália, quando eu tive lá no hotel, o rececionista viu que eu não sou italiano, falou em inglês e me pediu o passaporte e aí nós [o próprio e o irmão] pegamos e mostramos o BI italiano e ele “ah, vocês são italianos?”. E aí nós respondemos em inglês, que era italiano e brasileiro, só que não falava italiano. Tem umas palavras que eu consigo entender, sei falar algumas coisas, mas porque não entendo tudo prefiro falar em inglês (risos). E ele ficou mais ou menos assim, não sei se ficou desconfiado ou não.

**E.: Porquê que não optaste por ter a nacionalidade portuguesa?**

e.: A portuguesa por sangue não dá para ter de jeito nenhum. E precisava cinco anos de residência para conseguir.

**E.: Era mais difícil do que ter a italiana, é isso?**

e.: Não, a italiana ficou mais rápido para nós, só isso. A portuguesa seria agora, depois de alguns anos, seria agora daqui por mais um ano ainda. A italiana já tem, foi por causa disso. Então tem essa coisa, eles pensam que os documentos são falsificados. Tipo, um dia quando cheguei aqui no aeroporto Sá Carneiro o cara que nos recebeu no controlo dos passaportes ele viu que era brasileiro e italiano, porque ele viu o BI italiano e o passaporte brasileiro ainda, e ele não sei quantas vezes ele virou aquele BI para lá e para cá procurando alguma coisa de fraude de identidade e essas coisas. Eu fiquei olhando para ele “pergunta, pergunta”. O BI era novo, novinho, não estava amassado nem nada, então talvez ele tenha pensado que era falso. Foi como na Itália, o cara do hotel, ficou assim e tal, mas só que depois ele acabou fazendo não uma entrevista, assim de investigação, mas mais por curiosidade dele mesmo em saber... Assim “como duas pessoas que não falam italiano são italianas?”.

**E.: Só por curiosidade, já estiveste em Itália, mas não como...**

e.: Sim, estive lá algum tempo, quase dois meses lá para ter a cidadania. Teve um processo que demorou um mês e depois teve quase outro para pegar o BI.

**E.: Tiveste que prestar provas também?**

e.: Sim, na Itália nós contactamos um \*\*\* que ajudou porque, tipo, ele conhecia todos os passos que tinha de fazer. A gente contactou com ele e ele conhecia um pessoal italiano que trabalhava nas repartições da parte de documentos e essas coisas e ajudou bastante. E aí lá foi as mesmas coisas, documentos, seguro de saúde, tudo...

**E.: Queria ainda perguntar-te, de uma forma geral, se te sentes integrado? Se sentes que te falta alguma coisa para te sentires melhor?**

e.: Assim, eu me sinto integrado. Eu acho que não mudaria de Portugal, a não ser que seja uma oportunidade muito boa mesmo. Teve quase agora uma para ir para Bruxelas, ganhava bem só que eu ficava imaginando, na área de Bruxelas eles falam francês, eu não falo francês, sabia que ia ser muito difícil mesmo. Mas, sim, em Portugal eu estou integrado, só que, tipo, apesar de estar há três anos, quase quatro anos aqui – vai fazer em setembro –, eu sinto muito que as pessoas que eu conheço têm ainda muito receio e eu não entendo porquê. Algumas pessoas, não todas, e então é por isso que eu talvez não me sinta totalmente integrado.

**E.: É na forma como as pessoas te veem e se relacionam contigo que sentes as maiores dificuldades?**

e.: Sim, sim. E não é só comigo, às vezes eu penso que é problema meu, mas não é só meu. Tem outros brasileiros que eu conheço e também é a mesma coisa, às vezes não tem amizade com portugueses, é difícil.

**E.: Para finalizar queria-te perguntar se há mais alguma coisa nesta história que eu não tenha referido e que gostavas de falar sobre o teu projeto desde que chegaste aqui.**

e.: Deixa eu ver... Acho que não... Deixa ver, teve uma época também, foi no primeiro ano que eu cheguei, eu cheguei em setembro e no Natal desse ano eu não ia voltar para o Brasil, ia ficar aqui. E aí eu estava voltando de carro, eu o meu chefe e mais um, tínhamos ido à Efacec por causa de um projeto, e aí meu chefe perguntou “onde que você vai passar o Natal? Vai ao Brasil?”. Aí eu “não, vou ficar aqui”. “Mas vai passar onde?”. “Não sei, não tenho ninguém”. E foi estranho porque, assim, ele me conhecia, mas não... ficou calado.

**E.: Deve ter sido complicado passar o Natal sozinho.**

e.: Por acaso no Natal fui aonde? ... Fui na casa do namorado da romena. Eu nem conhecia ele e ela chamou eu e o chinês para passar o natal. A família foi muito simpática, recebeu nós dois muito bem.

**E.: Desde aí tens isso passar o natal ao Brasil?**

e.: Sim, depois desse tempo eu vou. Eu volto em dezembro para lá e depois em janeiro eu volto. E é bom porque eu vejo a família e é um período que eu consigo rever todo o mundo porque todo o mundo está com tempo. Noutra altura seria difícil rever toda a família, teria que viajar de um lado para o outro...

**E.: E é bem mais quentinho do que passar aqui (risos). Bom, obrigada pela entrevista.**

| <b>Análise vertical à entrevista n.º 8</b> |  |                 |
|--|--|-----------------|
| <b>Inquérito 4.1_8</b>                     |  |                 |
| <b>Dimensões e categorias de análise</b>   | <b>Dados/ Sínteses</b>   | <b>Excertos</b> |
| <b>I. Dimensão social</b>                  |  |                 |
| Características sociodemográficas          | <p><b>Género:</b> Masculino</p> <p><b>Idade atual:</b> 30 anos</p> <p><b>Idade de emigração:</b> 26 anos</p> <p><b>Estado civil:</b> solteiro</p> <p><b>Nível de escolaridade no Brasil:</b> Mestrado</p> <p><b>Nível de escolaridade em Portugal:</b> Mestrado</p>  |                 |
| Zona de residência                         | <p><b>Concelho e freguesia de residência:</b> Porto</p> <p><b>Composição étnica das vizinhanças:</b> Campanhã</p>  |                 |
| Composição de classe                       | <p><b>Última ocupação no Brasil:</b> estudante</p> <p><b>Primeira ocupação em Portugal:</b> Programador de software</p> <p><b>Ocupação atual em Portugal:</b> Analista de sistemas</p> <p><b>Lugar de classe individual no Brasil:</b> PBIC</p> <p><b>Lugar de classe individual em Portugal à chegada:</b> PBIC</p> <p><b>Lugar de classe individual atual:</b> PBIC</p> <p><b>Lugar de classe de família de origem:</b> PBIC</p> |                 |

|   |  |  |
|---|--|--|
|   | <p><b>Lugar de classe de família de pertença:</b> PBIC</p> <p><b>Disposições em relação à carreira profissional:</b></p>   |  |
| <p><b>II. Percursos migratórios</b></p> | <p><b>Outros países:</b> Não</p> <p><b>Tempo de permanência:</b> 4 anos</p> <p><b>Tipo de rede migratória:</b> legal</p> <p><b>Com quem veio:</b> sozinho</p> <p><b>Aprofundamento das razões de vinda para Portugal</b></p> <p>Veio para Portugal trabalhar porque tinha como objetivo ter uma experiência profissional no estrangeiro. Escolheu Portugal porque foi a primeira oportunidade que surgiu, mas tentou outros países também.</p> <p><b>Dificuldades encontradas em Portugal</b></p> <p>Afirma que as dificuldades por que passou em Portugal foram sobretudo no início e relacionaram-se com as saudades que sentia da família, agudizadas pelo isolamento relacional que estava a viver. Com quem partilhava a casa, convivia pouco porque cada uma dessas pessoas tinha já a sua própria vida. No contexto de trabalho, as relações também foram difíceis, notava os portugueses “muito fechados”.</p> | <p>“Na verdade, quando eu terminei o mestrado, eu procurei emprego e tinha oportunidade de estar no Brasil como fora, inclusive Portugal. Como apareceu fora do Brasil, eu falei “vamos aproveitar, eu fico seis meses, fico um ano lá” e foi por causa disso que eu vim para cá. Era mais para ter alguma experiência internacional, meter no currículo alguma experiência internacional, mas daí eu fui ficando aqui e estou até agora.”</p> <p>“Sim, eu mandei currículo para outros [países] só que a primeira oportunidade foi para Portugal e eu tinha que decidir mesmo... porque o projeto estava para começar e eu tinha que decidir mesmo na hora.”</p> <p>“Dificuldade inicial... assim, até o dono do apartamento sempre me ajudou em tudo. Então, eu não tive problema quanto a isso, tipo, para pegar documentos, o pessoal da empresa me ajudou, o dono do apartamento me ajudou... Por exemplo, se não tenho dinheiro para pagar a renda agora, posso pagar no mês que vem, essas coisas... Outra dificuldade, assim, principalmente, foi mais quanto à saudade da família. Porque é assim, todo o fim-de-semana eu sempre fazia alguma coisa e aí chego aqui, no fim-de-semana, “e agora?”. Não conhecia ninguém, ficava em casa ou saía para algum lugar assim...”</p> |

Em questões logísticas diz não ter tido qualquer problema, tendo sido até apoiado pelo proprietário da casa que arrendou.

Relativamente ao posto de trabalho que veio ocupar, viveu ainda momentos iniciais complicados. Não tendo como provar o que verbalmente lhe tinha sido prometido, sentiu-se enganado pela empresa, que lhe queria pagar menos do que tinha direito. Só um processo de avaliação interno e as consecutivas reclamações o fizeram vencer a causa.

“Com os colegas do apartamento era tipo assim, a romena já namorava, então eu não ficava muito com ela, e com o chinês ele era muito assim... ele tinha muita coisa para fazer no doutoramento e ele não saía de casa, então em casa eu não tinha muitas possibilidades. Agora, com os colegas do trabalho eles eram muito fechados, tipo, muito fechados... E não tinha nenhum brasileiro na época...”

“Na verdade, quando eu cheguei, era para ser um ano. Só que cheguei e falei assim, passou umas duas semanas, eu já falei para o meu chefe “Eu vou ficar cá só seis meses porque eu não vou-me adaptar”. Tinha muitas saudades da família, sabe?”

“Ah, uma outra coisa que foi ruim quando cheguei aqui em Portugal foi que quando eu fiz o processo seletivo ficou assim: inicialmente eu ganharia um valor, você sabe, valor de bolsa, que era de setecentos e cinquenta e cinco euros para pessoal sem mestrado. Só que o meu chefe, numa entrevista por telefone para o Brasil, eu falei assim “Mas eu tenho mestrado” e ele “Não se preocupa, vamos fazer assim, você fica três meses com essa bolsa e depois de três meses você passa para novecentos e oitenta”, que é a outra BM. Ok, está bom, porque setecentos e cinquenta e cinco é pouco, eu não viria por causa desse valor. Aí no primeiro dia que eu cheguei, no primeiro dia, eu cheguei lá e fui falar com o meu chefe e falei “E como que vai ser a mudança da bolsa?”. E ele falou assim “Mas que mudança?”. Eu não tinha como provar, aquilo foi falado por telefone, não tinha e-mail, não tinha nada... “Mas nós conversámos que depois dos três meses ia mudar para novecentos e oitenta”. E ele falou “Não, não é bem assim, vai ser mudado depois de um ano e se você fizer um bom trabalho”. Imagina? Meu primeiro dia em Portugal!”

“O que é que aconteceu? Foi reclamação mesmo e depois

|  |  |  |
|--|--|--|
|  | <p><b>Intenções de regressar ao Brasil quando emigrou</b></p> <p>Quando emigrou para Portugal trazia consigo a ideia de regressar, no máximo, em um ano ao Brasil. Aliás, à mãe tinha mesmo dito que em seis meses estava de volta.</p>  | <p>continuar a fazer o meu trabalho porque algum dia ele vai ser reconhecido. Se eu não trabalhasse, não fizesse as coisas, iam passar os três meses e eles não iam aumentar. Só que eles viram que eu fiz o trabalho certo, estava encaminhando o projeto e merecia. Mas, se não fosse isso, eu já não estava lá.”</p> <p>“Imagina, desde o primeiro dia em Portugal eu pensei “vou voltar para o Brasil”. Mas só o voo é muito caro, gastei dinheiro para vir para cá... Então, foi isso.”</p> <p>“Quando eu vi que fui aceite no processo, aí eu contei para a minha mãe e ela ficou mais ou menos assim... “ah, mas você não conhece o país e tal”. Mas eu falei “eu vou e só fico seis meses”, acho que foi isso que permitiu que a minha mãe me deixasse.”</p>   |
| <p><b>III. Dimensão cultural</b></p> <p>Redes de sociabilidade</p> | <p><b>Redes à chegada a Portugal</b></p> <p>Tinha uma prima a viver em Portugal, mas que visitou poucas vezes e que em nada influenciou a sua estadia, até porque morava noutra cidade.</p> <p><b>Redes de sociabilidade primárias</b></p> <p>Vive com o irmão que se juntou ao entrevistado seis meses depois.</p> <p>As suas relações giram sobretudo em torno do ginásio que frequenta, onde conseguiu aliar a prática de desporto com o núcleo de relações pessoais.</p> | <p>“Na verdade eu tinha uma prima em Aveiro que ajudou um pouco a vir para cá. Ela não influenciou muito a minha situação aqui, ela tem um marido português, tipo, às vezes eu vou lá em casa dela, mas de três em três meses, no máximo.”</p> <p>“Quando eu vim, vim direto para aqui. Foi a secretária de lá onde eu trabalho que arranjou para mim e nessa época morava eu, um chinês e uma romena. O dono do apartamento me acolheu bem, foi até me buscar no aeroporto e tudo...”</p> <p>“Uma coisa que mudou muito foi quando eu entrei no ginásio, que foi depois de seis meses aqui. Na época, ganhando setecentos e cinquenta e cinco, comecei a procurar ginásios, mas não ia dar. Aí, quando aumentou a bolsa eu tive oportunidade de entrar no ginásio. Foi quando eu conheci... Onde eu trabalho é uma relação muito mais profissional, não tem nada... sabe? Foi quando eu vim para o ginásio, eu tenho muita afinidade para</p> |



**Aprofundamento das disposições relativamente aos grupos com que o entrevistado se relaciona menos ou não se relaciona e as justificações em torno dessa situação.**

O facto de se relacionar menos com portugueses considera que é uma questão de oportunidade e que os portugueses lhe deram menos essa oportunidade. Procurou nunca fazer da questão da nacionalidade um estrave nas suas relações, mas afirma conhecer outros brasileiros que o fazem, fechando-se também em relação aos portugueses.

**Aprofundamento das razões e motivações subjacentes à**

conversar com as pessoas e eu sempre pratiquei desporto, então, foi aí que eu comecei.”

“Só eu e o meu irmão. Ele tinha a mesma situação que eu, terminou o mestrado e começou a mandar currículos. Ele tinha uma oportunidade na Espanha, mas não deu certo. Depois ele teve uma aqui em Portugal onde eu estou e outra em Lisboa. Só que aí teve uma questão com o seguro de saúde que influenciou ele a vir para cá.”

“Às vezes até pergunto para ele “mas você não conhece pessoal aqui?”. “Não, não, é muito complicado”. Mas eu também sinto um pouco isso, mas eu respeito, não tenho problema, não vou falar, não vou ser chato...”

“No ginásio tem alguns brasileiros que eu conheci, no trabalho também tem outro brasileiro... Só que como, assim, quando eu cheguei, dois brasileiros onde eu trabalho falaram para mim assim “não se relaciona muito com os portugueses” – porque é, tipo, preconceito entre portugueses e brasileiros – “porque eles são um povo muito fechado, você não vai a lugar nenhum. Tem uma comunidade brasileira aqui e tal...” Para você ver, eles moram num edifício que só tem brasileiros, nada a ver. Aí eu falei “não, eu não tenho problema, eu vou-me relacionar independente da nacionalidade”. Na época eu nem tinha uma ideia do português e eles, até hoje, convivem só com brasileiros. Mas eu li uma notícia, não sei se foi na CNN ou New York Times, que falava assim “os brasileiros não formam gueto, os chineses forma, tem vários outros que formam gueto, mas os brasileiros não”. Mas tem algumas exceções, tem muitos que... (risos).”

“Associações e essas coisas assim eu nunca fiz parte de nada. A

|                                      |   |  |
|--------------------------------------|---|--|
| <p>Estereótipos e representações</p> | <p><b>pertença ou ausência de pertença às diferentes organizações ou grupos de apoio.</b></p> <p>A não pertença a nenhum grupo, organização ou associação tem que ver com a questão de não querer fazer parte, o que acontece tanto em Portugal como no Brasil. Afirma que quando precisou contactou as devidas instituições e organizações de apoio na sociedade de acolhimento, mas nunca se filiando ou prendendo às suas atividades.</p> <p><b>Relato de situações em que foi vítima de preconceito e/ou discriminação</b></p> <p>Em contexto profissional, sobretudo no que diz respeito à possibilidade de progressão na carreira, sente que, na empresa em que trabalha, não são dadas oportunidades aos brasileiros.</p> <p>Relata algumas situações em que sentiu olhares preconceituosos em espaços públicos e até alguns comentários que já ouviu, mas assume como situações de pouca relevância e em que, por vezes, até julga ser “impressão” sua.</p> <p><b>Perceber se os estereótipos em relação aos brasileiros têm fundamento; se favorecem ou dificultam a integração dos brasileiros em geral na sociedade portuguesa; e se</b></p> | <p>não ser, no Brasil, que era obrigado a pertencer a sindicato, sindicato de informáticos.”</p> <p>“Sou católico, mas não pratico. Já fui, na época era criança e era obrigado, mas agora não sou praticante.”</p> <p>“Quer dizer, eu fui a esses locais, o SEF e o CNAI para documentos e essas coisas, mas nada mais.”</p> <p>“Assim, um sítio que eu sinto muito é no trabalho. É assim, às vezes tem oportunidades, mas tem coisas que eu não consigo entender. (...) E eu vejo isso como um preconceito porque, não só eu como outros brasileiros, são vistos assim meio de lado, entendeu? A não ser que você faça alguma coisa, eles deixam você sempre de lado.”</p> <p>“Lembro que teve um dia, no metro, estava eu conversando com outro português, normal, e começaram a olhar, não sei se porque eu era brasileiro, não sei se é impressão minha ou não (risos). Teve assim uma situação, as pessoas ficaram olhando, mas talvez tenha sido impressão.”</p> <p>“Por acaso até fui ao hospital pela primeira vez depois de quatro anos e não teve problema. Eu mostrei o BI italiano, porque eu levei o BI italiano. Mas uma coisa curiosa, não só aqui, como na Itália e em outros lugares é que eles não conseguem entender é porque eu sou brasileiro e eu sou italiano.”</p> <p>“Não, acho que não. Assim, uma coisa errada, acho que vem até do Brasil, da forma como o Brasil se mostra ao mundo. Sabe porquê? Só mostra carnaval, só mostra futebol, só mostra as mulheres praticamente peladas, aí os de fora imaginam essas</p> |
|--------------------------------------|---|--|

|                                     |  |  |
|-------------------------------------|--|--|
|                                     | <p><b>favorecem ou dificultam o estabelecimento de relações sociais.</b></p> <p>Reconhece que parte da culpa da existência dos estereótipos em relação aos brasileiros é culpa dos próprios, da imagem mediatizada que passam para o exterior, mas considera que não têm fundamento.</p> <p>Tem noção que o preconceito é mais forte em relação à mulher brasileira, mas sente que em relação ao homem existe também preconceito, nomeadamente, de se querer aproveitar da mulher no âmbito das relações pessoais.</p> <p><b>Perceber se já utilizou algum tipo de comportamento fora do habitual ao relacionar-se com portugueses temendo algum tipo de discriminação. Se sim, pedir para relatar a situação</b></p> <p>Quando conhece alguém usa uma estratégia auto defensiva, apresenta-se e diz logo a sua profissão. Julga que isso o ajuda no estabelecimento de confiança junto dos outros, protegendo-o em relação ao preconceito que sente por ser brasileiro.</p> | <p>coisas. Tipo, há muita gente que vai para o Brasil “vou para o Brasil, vou pegar todas”. Não, mas não é bem assim. É assim, se for para o Brasil, tem muitas, muitas, que não têm isso. Noventa e nove por cento não tem isso. Essas mulheres estão aqui, em Portugal, por trabalho. Mas tem muitas aqui também que são estudantes, que não têm nenhum problema com isso.”</p> <p>“Eu acho que quanto a mulher brasileira aqui, até comentamos, acho que para ela é muito mais difícil do que quanto aos homens. Mas acho que dos homens também têm muito receio, até de se quererem aproveitar, por exemplo, se você convida uma rapariga para sair ela pensa duas vezes porque você é brasileiro. Então tem essa associação que faz por ser brasileiro, acho que se generaliza muito.”</p> <p>“Assim, quando eu conheço alguém, a primeira coisa que eu faço é falar a profissão que você faz. Se você não falar isso tem um receio...”</p> <p>“Mas acho que dos homens também têm muito receio, até de se quererem aproveitar, por exemplo, se você convida uma rapariga para sair ela pensa duas vezes porque você é brasileiro. Então tem essa associação que faz por ser brasileiro, acho que se generaliza muito. (...) Porque às vezes pensam que é só para ser legal, que está dando conversa só para ver se consegue alguma coisa e tal...”</p> |
| <p><b>IV. Dimensão política</b></p> | <p><b>Vivência de uma situação de irregularidade ou ilegalidade perante as autoridades portuguesas</b></p> <p>Entrou em Portugal com visto de trabalho e manteve sempre a sua situação regularizada. O processo de autorização de</p>  | <p>“Assim, tive que pegar todos os documentos necessários, teve que ter um seguro de saúde que foi a empresa que contratou que me forneceu, senão eu não poderia vir ou teria que fazer um particular... Que mais? Teve um atestado de saúde que teve que ser feito num hospital público no Brasil, não podia ser não privado, tinha que ser órgão público, municipal, para ser se tinha</p>   |

vinda para Portugal demorou três meses e envolveu documentação diversa de diferentes instituições.

Embora tenha a sua situação regularizada, admite que ter adquirido nacionalidade italiana provoca junto de diferentes entidades alguma desconfiança, nomeadamente, no momento de verificação de autenticidade dos documentos que apresenta.

#### **Estatutos especiais**

Tem dupla nacionalidade brasileira e italiana. Optou pela dupla nacionalidade italiana em vez da portuguesa porque conseguiu obtê-la mais cedo e o seu objetivo era o da facilitação de circulação internacional.

alguma doença, se tinha sida, essas coisas... Que mais? Fora a papelada, por exemplo, de residência, a declaração de oferta de emprego, etc.”

“Então, eu fiquei um mês a mais esperando por causa de ser férias, senão talvez em dois meses eu conseguiria o visto.”

“Então tem essa coisa, eles pensam que os documentos são falsificados. Tipo, um dia quando cheguei aqui no aeroporto Sá Carneiro o cara que nos recebeu no controlo dos passaportes ele viu que era brasileiro e italiano, porque ele viu o BI italiano e o passaporte brasileiro ainda, e ele não sei quantas vezes ele virou aquele BI para lá e para cá procurando alguma coisa de fraude de identidade e essas coisas. Eu fiquei olhando para ele “pergunta, pergunta”. O BI era novo, novinho, não estava amassado nem nada, então talvez ele tenha pensado que era falso.”

“Na verdade é o meu bisavô. Para ter cidadania italiana não tem um limite, pode ter ligação de tetravô, daí para cima até ao pai. E, enfim, facilitou muito não só para andar aqui na Europa, como também para ir para os Estados Unidos porque por ser brasileiro sempre tem que ter visto e tal... Assim, como europeu, com passaporte eletrónico, você vai e pode ficar seis meses de residência.”

“Foi o ano passado, em agosto do ano passado. Mudou quanto à facilidade e quanto à mobilidade na Europa também, ir para fora. Mas de resto...”

“A portuguesa por sangue não dá para ter de jeito nenhum. E precisava cinco anos de residência para conseguir. (...) Não, a italiana ficou mais rápido para nós, só isso. A portuguesa seria agora, depois de alguns anos, seria agora daqui por mais um ano ainda. A italiana já tem, foi por causa disso.”

**V. Auto  
percepções**

**Percepção da própria situação de integração**

Sente-se integrado em Portugal, pelo que pretende ficar a viver mais uns anos na sociedade de acolhimento, mas assume que não “totalmente integrado”. O seu maior problema, afirma, diz respeito às relações pessoais, onde sente desconfiança por parte dos outros em relação a si próprio.

**Percepção da sua qualidade de vida atual**

**Percepção em relação ao futuro: intenção de regressar ao Brasil**

“Para já” não tenciona regressar ao Brasil. Na verdade, pensa até em trazer os pais e a irmã a juntarem-se a si e ao irmão em Portugal.

“ Assim, eu me sinto integrado. Eu acho que não mudaria de Portugal, a não ser que seja uma oportunidade muito boa mesmo. Teve quase agora uma para ir para Bruxelas, ganhava bem só que eu ficava imaginando, na área de Bruxelas eles falam francês, eu não falo francês, sabia que ia ser muito difícil mesmo. Mas, sim, em Portugal eu estou integrado, só que, tipo, apesar de estar há três anos, quase quatro anos aqui – vai fazer em setembro –, eu sinto muito que as pessoas que eu conheço têm ainda muito receio e eu não entendo porquê. Algumas pessoas, não todas, e então é por isso que eu talvez não me sinta totalmente integrado.”

“E não é só comigo, às vezes eu penso que é problema meu, mas não é só meu. Tem outros brasileiros que eu conheço e também é a mesma coisa, às vezes não tem amizade com portugueses, é difícil.”

“É assim, agora não porque há uma coisa que me faz querer ficar ainda mais na Europa é o facto de eu ter a cidadania italiana agora, que eu obtive no ano passado.”

“ Para já não.”

“Na verdade, eu penso. Porque é assim, meu pai gostaria até de vir conhecer Portugal para ver... Minha mãe não gosta muito de frio, essas coisas, então, para vir teria de se adaptar. Mas, enfim, seria mais fácil porque eles estão ficando um pouco mais idosos. Minha irmã também, talvez ela venha para cá também, só que não é agora, talvez em alguns anos.”

**Outros**

## Transcrição de entrevista n.º 9

|                                 |  |
|---------------------------------|--|
| <b>Inquérito</b>                | 3.3_19   |
| <b>Entrevistado</b>             | <p>Homem, 30 anos, técnico de limpeza.</p> <p>Foi selecionado para entrevista porque mencionou ter sido constituído arguido num processo de deportação, processo do qual ainda aguardava uma decisão do tribunal à data da entrevista. Apesar disso, afirmou nunca ter sido vítima de preconceito e/ou discriminação e relacionar-se predominantemente com portugueses em todas as esferas sociais.</p> <p>Chegou a Portugal em 2005; possui o ensino médio/profissionalizante; no Brasil era gerente de comércio de vendas; em Portugal teve como primeira ocupação ser vendedor.</p> |
| <b>Data da entrevista</b>       | 25 de julho de 2011  |
| <b>Local da entrevista</b>      | Local de trabalho  |
| <b>Duração da entrevista</b>    | 48 min   |
| <b>Hora de início (aprox.)</b>  | 15h  |
| <b>Hora de término (aprox.)</b> | 15h50  |
| <b>Notas</b>                    | Esta entrevista foi realizada pela colaboradora Cátia Lopes, uma vez que à data a investigadora principal não teve disponibilidade.  |

**E.: Então, está cá desde 2005?**

e.: Isso, correto.

**E.: E veio de férias.**

e.: Vim de férias.

**E.: Queria saber a razão de escolha de Portugal.**

e.: Porque eu já tinha conhecidos aqui. Tinha vários pessoas, tanto portugueses como brasileiros. Aí falavam muito bem daqui e também na altura tinha uma irmã aqui. Era casada, tinha uma empresa aqui. Portanto, vim visitá-los e conhecer um bocado o...

**E.: País?**

e.: Sim, sim, o país sim.

**E.: Mas quais eram as suas perspetivas relativamente à sua permanência cá? Quantos meses, mais ou menos?**

e.: Humm. O máximo seis meses. Era de dois a três meses, mas o máximo seis.

**E.: Até ficou...então tinha aqui uma irmã?**

e.: Sim, sim.

**E.: E tinha conhecidos em que falavam...**

e.: Isso, falavam muito bem. Também os portugueses lá no Brasil falavam... Tem que ir, tem que conhecer...então...

**E.: E desde que chegou quais foram as suas maiores dificuldades encontradas em Portugal?**

e.: Humm... Acho que a maior mesmo foi a legalização. Foi a parte da legalização. Primeiro porque com nove meses eu já tive a primeira surpresa. Com nove meses, eu já trabalhava, já tinha contrato de trabalho, já estava a fazer descontos... E quando fui a trabalhar, quando fui parado numa operação STOP, estava a trabalhar. Fui identificado, de lá me encaminharam... Da operação STOP fui para a esquadra, de lá para tribunal. Sei que eles comunicaram-se com o SEF para saber se eu estava legal. Entretanto, o juiz mandou arquivar o processo. Então, o SEF deu-me uma carta de vinte dias me convidando (risos), com aquele convite especial para eu deixar o país, e foi isso que eu fiz. Entrei, pedi, fiz um pedido de aumento de prazo de abandono e um pedido de reapreciação ao mesmo tempo porque eles ao consultarem o aumento, dei a entrada no pedido. Já que o juiz pediu para arquivar o caso, pedi... Depois, quando saiu o resultado, acho que por volta de seis meses ou mais, foi negado. Entretanto, foi quando eu fiz esse pedido de aumento de prazo de abandono e reapreciação. Entretanto, passa

mais um mês à espera e novamente foi negado. Isso sempre a trabalhar, sempre a fazer descontos, saía de uma empresa para outra... E novamente fui notificado a levar o valor da multa, comparecer ao SEF, levar o contrato de trabalho, levar tudo o que tinha...portanto, mais uma vez negado (risos) e sempre a recorrer! E até hoje, até à data de 21 de fevereiro de 2009, quando fui pego mais uma vez pelo SEF, lá dentro, quando fui levar os tais documentos que eles queriam... Porque na realidade foram dar informação de que o pedido tinha sido negado mais uma vez, se referindo a que eu tinha entrado em Portugal com um visto de turista e não de trabalho. Mas eu me referia a tal questão que o juiz mandou arquivar, que o tribunal mandou arquivar, o juiz mandou arquivar, mas pronto... isso para eles foi indiferente. E foi quando me deram a informação que ia ser conduzido até à fronteira, ou seja, já não era só uma carta, tinha que ser conduzido até à fronteira. Fiquei detido por quase três dias sem ser presente a tribunal. Para isso tive que pôr um advogado que foi em tribunal e pediu com urgência, porque eles iam-me deportar mesmo. Por isso, fui tirado dentro do avião já em última hora. A sorte foi que o avião atrasou.

**E.: Já ia mesmo embarcar...**

e.: Sim, sim, senão já ia embarcar. Já estavam lá dentro, os agentes já tinham ido e tiveram que voltar. Só que a partida era das 10:15 da manhã, dia vinte e três, salvo erro... A partida era às 10:15 da manhã e a notificação que tinha sido enviada, porque sido enviada uma notificação ao tribunal, dizia que o voo era às 10:15 da manhã, e o tribunal enviou a ordem de soltura, como estava detido, a ordem de soltura imediata a partir das 10:15, que era quando completava quarenta e oito horas sem ser presente a tribunal, ou seja, de qualquer maneira, em quaisquer das hipóteses eles teriam que soltar.

**E.: Humm.**

e.: Não podiam exceder as quarenta e oito horas sem ser presente a tribunal. Portanto, não soltaram, continuei detido até... Continuei detido no aeroporto por volta até, mais ou menos, do meio-dia, depois fui encaminhado novamente... Fui levado outra vez para o SEF, na Rua D. João IV. Lá fiquei até uma segunda ordem do tribunal, porque também entretanto fiquei com o contacto de outro advogado que estava noutros julgamentos e o advogado teve que ir novamente em tribunal, o tribunal emitiu uma segunda ordem para o SEF, às 17:10 da tarde, dando mais uma ordem de soltura, porque



o SEF novamente não queria soltar! Até que o meu advogado foi lá, e já eram 18:35 da noite, quando saí de lá do SEF.

**E.: É incrível.**

e.: Pois é.

**E.: Mas eles queriam deportá-lo porque alegavam que não tinham visto de trabalho?**

e.: Sim, sim.

**E.: Ou seja estava ilegal e tinha que...**

e.: Isso. Enquanto que isso tinha sido uma questão posta em tribunal, quando fui na altura, e que o juiz entendeu que, independente disso, eu tinha todos os meios de subsistência, tinha parentes aqui que estavam legais, que você tem muitos amigos... Isso pronto, isso o juiz levou em conta. A empresa que eu trabalhava mantinha o interesse que continuasse lá a trabalhar, tanto que continuei a trabalhar lá na empresa. E como o juiz entendeu que tinha tudo para estar legal, ordenou o arquivamento do processo. Ou seja, a partir daí no SEF era começar do zero. Foi o que fiz, comecei e não foi aceite.

**E.: E nessa situação como é que se sentiu? Acha que foi vítima, digamos assim, de exploração pelo facto de ter passado pelo que passou e...?**

e.: Sim, sim, é um bocado. Procurei fazer de tudo, levar tudo certo, apesar de pronto, dei a entrada um bocado tarde, mas pronto aquilo... Normal em mim, imigrante, todo o imigrante acaba por se distrair nas coisas, principalmente por não ter conhecimentos, por falta de, às vezes, tempo para ter diálogo sobre esses assuntos.... Por isso, achei um bocado, achei assim um bocado...

**E.: Que foi vítima de...**

e.: Sim, sim. De preconceito na soltura, nessa questão... E é um bocado duro porque a pessoa está a fazer tudo, tinha descontos, só estava à procura de emprego com contrato, não queria estar a trabalhar sem fazer... Proposta apareceu várias, principalmente na área da hotelaria, para trabalhar sem fazer descontos, eu não queria trabalhar sem fazer descontos porque queria fazer os descontos, queria contribuir para o Estado, para ter

direito à legalização para estar tudo nos conformes. Por isso, sempre que fui chamado no SEF, todas as vezes compareci lá, todas as marcações lá estive. Na altura quando fui pego pela primeira vez, primeira e única, porque, na realidade, na segunda fui lá e fui tratar da legalização. Quando estava com nove meses aqui, fui lá, compareci todas as vezes, fui assinar sempre lá. Ou seja, eu nunca me neguei a nada, nunca me recusei a nada, até em relação ao valor da multa também, fiz de acordo com o valor que eles estipularam, que é o valor máximo. Que tem um rácio lá dos processos, com o valor que eles disseram, os documentos que era para levar e o valor que era...o valor máximo que era quinhentos e sessenta e nove. Levei o dinheiro e tudo, pronto, mas não foi preciso.

**E.: Não foi suficiente (risos).**

e.: Pelos vistos não era só isso que eles queriam.

**E.: Ok. Atualmente, pelo que me disse no inquérito, o processo está em tribunal...**

e.: Sim, sim. Está em tribunal. Fez dois anos agora em Abril.

**E.: Fez dois anos. Ainda não há resposta, ainda não há solução?**

e.: Não, não há resposta nenhuma. Tanto que, segundo a carta que tenho ali, foi mais um processo que foi arquivado, ficou sem solução. Só que agora, a questão agora é o SEF dar a legalização e ter essa audiência em tribunal, em relação às quarenta e oito horas, essas coisas assim...só que o tribunal tem mais qualquer coisa...

**E.: Mas agora vai ter que estar à espera da resposta?**

e.: Sim, sim.

**E.: E até lá...**

e.: Enquanto não sair esses julgamentos também o SEF também não pode fazer nada.

**E.: E até lá como é a situação fica?**

e.: Até lá, fico naquela, fico ilegal.

**E.: Mas tem sempre consigo uma declaração ou algum papel que comprove isso?**

e.: Não, não. Não me deram nada. A única coisa que tenho é uma carta do tribunal, em que refere na carta que passei por toda essa situação, tanto essa que foi com nove meses

que estava cá, refere-se que o juiz mandou arquivar e que, na altura dessa segunda agora, o tribunal refere na carta que o SEF andou à procura do tal processo anterior. Andou à procura em todos os tribunais aqui à volta, do Porto, da Maia e Matosinhos, acho, e não encontrou. E o tribunal, está especificado na carta, não encontrou porque o processo tinha sido mandado arquivar. O tribunal mandou arquivar, por isso que o SEF agora não encontrou o tal processo, que era o que eles estavam a alegar também, que eu tinha um processo anterior dissolução. Além de ter entrado com visto de turista, já tinham um processo de dissolução. O tal processo que tinha sido arquivado...

**E.: Humm. Grande confusão.**

e.: Sim, sim. Uma confusão muito grande.

**E.: Também disse no inquérito que confiava muito nos tribunais portugueses.**

e.: Sim, sim, confio.

**E.: Mas está a passar por uma situação que está assim um bocadinho lenta.**

e.: Está a falhar um bocado em questão do tempo, não é? São...na verdade vai fazer agora dois anos e meio.

**E.: E ainda não tem a sua situação legalizada.**

e.: Nem previsão sequer.

**E.: Mas tem um advogado a tratar do assunto?**

e.: Sim, sim. Tenho um advogado. Por acaso, um advogado excepcional, espetacular. Mas pronto, não depende só dele, não é? Estamos agora todos dependendo do SEF e do tribunal.

**E.: Exatamente. Mas fora esse episódio que teve menos bom com o SEF, que ainda está por tratar, não teve mais nenhuma dificuldade desde que chegou a Portugal?**

e.: Não, não. A minha única dificuldade foi...foi mesma essa! Da legalização.

**E.: Esse confronto com as autoridades...**

e.: Porque, por exemplo, trabalho, nunca tive problemas nenhuns. Sempre tive muitas boas relações, graças a Deus, não tenho problema nenhum aqui, tenho a ficha limpa. A

única coisa que tive, para não dizer que não tive nada, foram... Fui duas vezes a tribunal por conduzir sem carta. Na realidade não foi sem carta, foi com carta brasileira. Ou seja, mas não podia mudar a carta, porque não tenho a legalização. Senão estou legal, não posso mudar a carta brasileira para portuguesa conforme a lei e também não posso tirar uma carta portuguesa do zero, desde o início porque eu não estou legal.

**E.: Pois. Tudo depende de uma coisa.**

e.: Sim, sim. Ou seja, aquilo é um ciclo. Uma coisa depende da outra e...

**E.: É um bocado difícil de resolver.**

e.: Em termos de trabalho, para ser sincero, dificulta um bocado. Não é fácil estar nesta situação e arranjar trabalho não é fácil. Só que isso... eu sou uma pessoa que tenho muito conhecimento, tenho muito, conheço muito as pessoas, graças a Deus, como disse tenho boas relações...

**E.: E isso facilita...**

e.: E isso facilita um bocado.

**E.: Ok. Portanto, já disse que tinha famílias e amigos que conheciam aqui, Portugal. Mas tinha alguém que já conhecia imigrantes brasileiros aqui em Portugal, já tinha contactos...**

e.: Quando vim?

**E.: Sim, quando veio de férias.**

e.: Não, não. Direto assim não. Por acaso não fazia ideia de que tinha tantos brasileiros e tem. Não fazia mesmo ideia. Fiquei a saber pouco tempo depois. Acho que teve na altura um Carnaval fora de época, por acaso aqui em Matosinhos, e teve acho Ivete Sangalo. Teve Ivete Sangalo no trio elétrico aí à beira da praia. Por acaso, vim ver o show e ela quando disse “Quem for brasileiro levante a mão” e quase metade, acho eu, que levantou a mão. Foi isso que me surpreendeu um bocado e a partir daí passei a observar mais e pronto. Notei que tinha muitos brasileiros aqui. Hoje em dia já não há tantos, hoje em dia já...já conheço muitos que já foram, outros estão se a preparar para ir...

**E.: E a sua irmã já regressou ao Brasil?**

e.: Sim, sim, já regressou. Ela tinha aqui uma empresa, uma confecção...tinha cinquenta funcionárias, infelizmente pronto, foi abaixo a empresa.

**E.: Foi aquela crise têxtil, não é? Que houve...**

e.: Sim, sim. E pronto, infelizmente, ela foi obrigada a fechar a confecção e regressar ao Brasil.

**E.: No início quando se fixou cá, tencionava regressar um dia mais tarde ao Brasil ou permanecer cá em Portugal?**

e.: Humm...é assim, no início, tinha sempre vontade de ir de férias e voltar. Só que a legalização sempre me impediu de fazer qualquer coisa disso. Estou aqui esse tempo todo e desde então nunca fui ao Brasil. Foi por esse motivo, para depois não ter problemas na volta. E para ser sincero, se já tivesse saído a legalização, por exemplo, se tivesse sido no início, acho eu que já teria ido para o Brasil já há mais tempo. E o porquê que não fui ainda?! Porque não queria sair de Portugal na situação em que me encontro, que eles têm aquele tal sistema que não sei bem qual o nome, acho que qualquer coisa sistema Schengen, qualquer coisa assim, que por exemplo quem está nesse sistema normalmente é quem tem carta de expulsão, quem é deportado, quem recebe a tal carta de cinco anos, que foi o caso que quando ia sendo deportado agora nessa última vez. Recebe-se uma cartinha de cinco anos proibindo de entrar no território português e na União Europeia durante cinco anos. E como fiz, boas relações que fiz, muitos amigos, muitas amizades e isso para mim ia-me custar um bocado. Ia-me custar e custa se tiver que deixar agora Portugal, depois passar cinco anos sem poder vir. Só que na próxima vai ser só férias mesmo (risos), só visitar os amigos, ver as amizades que fiz, passear um bocado.

**E.: E depois regressar?**

e.: Sim, sim.

**E.: Ok. Portanto, disse-me que no Brasil era gerente de comércio de vendas. E depois cá em Portugal chegou a ser vendedor e era técnico de limpeza. Atualmente, ainda assume esse posto?**

e.: Sim, sim. Assumo o posto. Só que agora fiz um... Estava de baixa desde janeiro, porque fiz uma cirurgia no joelho, e era para regressar agora no mês, no início deste mês, deste mês sete, e portanto como já tive baixa do seguro, portanto se ainda não me sentia com o joelho a 100%...como já tinha direito a férias, pedi as férias e assim já me recupero mais um bocado. Porque o seguro despacha logo, não é? Precisa de trabalhar e eu pronto preferi usufruir das férias e assim já...

**E.: Mas ainda tem o trabalho assegurado?**

e.: Sim, sim. Tenho o trabalho assegurado. Aliás, esse ano agora...esse mês agora nesta empresa faço três anos. Ou seja, portanto já...

**E.: Já devia ser uma condição para ficar legal cá em Portugal.**

e.: Sim, sim. Faço parte do quadro efetivo.

**E.: Mas desde que cá está em Portugal quanto tempo é que demorou a conseguir trabalho? Conseguiu logo desde que chegou?**

e.: Para ser sincero, eu vim, já cheguei com uma proposta. Eu cheguei já recebi logo uma proposta, mal cheguei...

**E.: Ainda de férias?**

e.: Sim, sim. Só que não me queriam dar contrato, não davam descontos e, portanto, quando aceitei a proposta já foi depois. Já tinha conhecido um bocado Portugal. Quando fui para vendedor em várias horas, já conhecia um bocado, por isso... Só que depois tive que sair da empresa porque eles me prometeram contrato, me prometeram tudo, só que depois não deram! Prometeram contrato...aliás, deram-me contrato, só que não fiz desconto nenhum nessa empresa. Tanto que saí na altura para outra empresa, no mesmo ramo também, porque já tinha conhecimentos suficientes. E, pronto, a partir daí me deram contrato também e essa já fez logo os descontos.

**E.: Portanto, praticamente desde que chegou que conseguiu arranjar sempre emprego?**

e.: Sim, sim.

**E.: Ok. A nível das suas relações sociais, disse que tanto amigos como colegas de trabalho, a maioria é portuguesa. Mas tem amigos brasileiros?**

e.: Sim, sim.

**E.: Como explica que a maioria seja portuguesa?**

e.: Acho que mais por causa do trabalho. Mais é por causa do trabalho.

**E.: Do ramo em que trabalha?**

e.: Ah...não, sim...como é que eu digo? Não propriamente. É assim, tipo, para além do trabalho em si, também faço alguns part-times, também saio aqui e ali para tomar um café e acabo pronto por fazer amizades. Eu, no início, nessa empresa que trabalhei, nesse primeiro contrato, eu era o único brasileiro. Entretanto, a partir daí fui só conhecer portugueses, uma amizade leva à outra, não é? A partir daí vai.... E depois conheci as pessoas deste restaurante, que hoje em dia são meus amigos. Na altura eram meus clientes e a partir deles é que comecei a conhecer brasileiros, que eu não conhecia. Para além da minha irmã não conhecia mais ninguém aqui. De amizade assim, vinha um brasileiro ou outro de vez em quando, mas amizade mesmo não tinha. Depois, a partir daí, comecei a frequentar a casa, fiz eles como amigo e a partir da casa deles conheci muitos brasileiros.

**E.: Portanto, a maioria dos seus colegas de trabalho é português?**

e.: Sim, sim.

**E.: E os próprios clientes que tinha...**

e.: Todos portugueses, quase todos...

**E.: Ok. E disse também que os seus pais são brasileiros...portugueses.**

e.: Sim, sim. São filhos de portugueses.

**E.: Então não são portugueses?**

e.: São filhos de portugueses. Só que eles assim nunca pegaram, nunca deram a entrada. Como nasceram lá nunca manifestaram interesse em Portugal. E por isso eles nunca tiveram interesse nenhum em tratar da documentação e só agora, depois disso tudo... Ou seja, se eles tratassem de tudo, eu também já teria direito, também já pegava, já teria

direito alguma coisa, já teria um pezinho aqui em Portugal também. Para já só tenho o nome todo português.

**E.: Pois é. Mas então não tem família a viver cá em Portugal? Teve a irmã, mas...**

e.: Sim. Parentes diretos assim não. Tenho indiretos, ou seja...pessoas de mais idade, um bocado mais...

**E.: Os seus pais nunca viveram cá em Portugal?**

e.: Não. Nunca viveram, nem sequer tiveram aqui em Portugal.

**E.: E também disse que na zona de vizinhança, de residência, a maioria é portuguesa?**

e.: Sim, sim.

**E.: Portanto, não vive com ninguém? Só mesmo portugueses?**

e.: Sim.

**E.: Também a respeito de frequentar alguma associação ou grupo religioso, disse que não pertencia. Mas esse facto já vem do Brasil ou teve algum desinteresse...**

e.: Não, não. Isso já vem... Sempre fui aquele católico não praticante. Só ia na Igreja quando pequeno, depois já adulto já não. Depois dos dezassete anos, aliás, já foi quando comecei a trabalhar e a aprofundar mais os estudos e a partir daí que parei de frequentar, porque eu também sempre pratiquei desporto, também. Ou tinha tempo para uma coisa ou para outra e o tempo parece um bocado corrido. E os estudos também tomam um bocado de tempo. Portanto, eu acho que talvez por isso é que em Portugal também não tenho procurado nada, apesar de aqui eu acho que já tenho mais tempo disponível. Normalmente, o trabalho são oito horas por dia, com exceção do primeiro que era mais, vendedor era um bocado complicado...

**E.: E daí as comissões que têm que ganhar sempre...**

e.: Sim, sim, tem as comissões.

**E: Ok. Disse também não ter sido vítima de preconceito nem de discriminação.**



e.: Não. Da minha parte, para ser sincero foi tão pouco, que considero que não tenha sido. É um ou outro que...mas já vi muito preconceito, muito, muito preconceito em relação ao brasileiro, tipo na fila da caixa do mercado. Eu pela minha fisionomia ainda passo despercebido, mas tem muitos brasileiros que não. Notam logo, principalmente quando falam bla bla...e eu assim muito caladinho e a fisionomia já ajuda um bocado e o que acontece...às vezes na fila do caixa nota-se que às vezes os brasileiros ou outro, as pessoas ficam sempre a discriminar mas também com razão, atenção! (risos).

**E.: Mas então pessoalmente nunca sofreu...**

e.: Não.

**E.: Para além daquele episódio do SEF e da deportação, mas fora isso, não.**

e.: Não. Só coisas muito irrelevantes, situações assim pessoas assim que para mim são quase irrelevantes que a própria situação. Por isso...

**E.: E a nível das imagens que os portugueses têm relativamente aos brasileiros, nomeadamente por exemplo de que são pouco trabalhadores, muito alegres...e também a associação infelizmente da prostituição ligada às mulheres brasileiras.**

e.: Sim, sim.

**E.: Qual é a sua opinião relativamente a isso? Tem fundamento, não tem? São...**

e.: É assim tem um certo fundamento, porque... É assim, não vou jogar a culpa para cima dos portugueses, porque não seria correto. É assim, em relação, por exemplo, por parte das mulheres, infelizmente, a maioria das mulheres brasileiras que aqui estão são mulheres da noite, que andam na má vida, digamos assim. E muitas delas quando saem no dia-a-dia, ou à noite, fazem questão, parece até que fazem questão de mostrar aquilo. Só que o que acontece, nem todas as brasileiras que estão aqui são da noite, mas se uma brasileira chegar no pão quente é mais uma da noite. Se ela chegar, pedir o pequeno-almoço e a falar brasileiro, é mais uma que é da noite. Eu acho que ninguém tem escrito na testa “sou da noite”, “não sou”. E em relação aos brasileiros, homens, tem muitos, tem muito malandros também, tem muitos que não querem nada com o trabalho, mas acho que nesse caso, a maioria, acho que são bons trabalhadores, são empenhados, são... Sei lá, acho que setenta por cento dos brasileiros são muito empenhados, são muito dedicados ao trabalho e acho que, na maioria deles, trabalham mais horas que o

normal, não é? A maioria trabalha em hotelaria, portanto, para fazerem descontos, receberem por oito horas, trabalham sempre muito mais que isso. Nessa área de hotelaria, infelizmente, são poucas as casas onde eles trabalham oito horas. Isso independente da nacionalidade, isso já...

**E.: Mesmo sendo brasileiro, nunca sentiu por ser brasileiro nenhuma discriminação ao nível dos seus clientes nem contacto com outras pessoas?**

e.: Não, não. É só isso. Muito pouco.

**E.: Mas estas imagens que às vezes os portugueses têm relativamente aos brasileiros, algumas têm fundamento, outras não, mas acha que favorecem a vossa integração cá em Portugal?**

e.: Não. Não favorecem nem um pouco. Dificulta, porque acaba por deixar uma má imagem. Por exemplo, aqueles brasileiros que assaltaram um banco aqui em Lisboa, isso deixa mais ainda... A pessoa até ouve “brasileiro, assaltante um banco”. Às vezes é até na tanga, mas pronto aquela brincadeira que acaba um bocado por a pessoa sentir um pouco o preconceito. E me recordo também uma vez que eu entrei num... Por causa de uma multa, eu estava acompanhando um colega de trabalho e ele apanhou uma multa e teve que acompanhar até à esquadra, que estava sem documentos e tudo, teve que acompanhar o senhor agente até à esquadra e eu estava com ele e fiz companhia. Enquanto fui à porta da esquadra, num corredor, assim, onde tinha umas cadeiras para sentar à espera, e enquanto fiquei à espera dele eu vi que tinha um quadro (risos) que tinha assim “procurados”. E não tinha imagem de mais nada, só tinha imagens de fotos de brasileiros. Não tinha nenhum português lá, assim, sendo procurados, só tinha dois brasileiros. Na altura, isso foi pouco tempo depois que eu estava aqui, isso era por assaltos a joalharias, essas coisas assim... joalheiros. E pronto, ou seja, depois a pessoa acaba por ter uma certa razão. Essa situação, mais aquela, acaba por...

**E.: E pensa que é tudo igual.**

e.: Sim, sim. Acaba por generalizar.

**E.: E essa imagem dos brasileiros favorece ou dificulta o estabelecimento com novas relações ou acha que isso também depende de pessoa para pessoa?**

e.: Ahh, acho que depende muito. Acho que é muito complicado, porque nem todo o mundo aceita bem, por essas questões. Nem todo o mundo aceita... É brasileiro?! Nem todo o mundo... E às vezes nem pela própria pessoa, pela imagem que vai ficar...é brasileiro?! Tanto seja um empregador como seja uma pessoa numa relação ou alguma coisa assim... “olhe, está aqui um(a) brasileiro(a)”...é sempre um bocado...

**E.: Mas no seu caso, teve sorte?**

e.: Sim, sim, tive sorte. Tanto que recebo mais propostas de trabalho do que posso dar conta, não é? Por isso, não...

**E.: Alguma vez utilizou algum tipo de comportamento fora do habitual com receio de que fosse discriminado ou que fosse alvo de preconceito?**

e.: Não!

**E.: Sempre agiu normalmente?**

e.: Sim, sim. Sempre agi normalmente. Em relação a mim, quando ouço alguma coisa ou outra muito pequena, entra num ouvido sai no outro. Não passo cartão! As pessoas que falam esse tipo de coisas... Até porque não é estar a defender os brasileiros mas isso são tipo situações que acontecem em todo o lado do mundo. Em todo o mundo há imigração.

**E: Claro.**

e.: Todas as pessoas de todos os países também imigram. Assim como os brasileiros imigram, imigram os portugueses, imigram os franceses...chegaram uns aqui em Portugal é sair outros. É assim...é normal isso acontecer em todo o lado. No Brasil deve ser a mesma coisa, apesar de que em relação aos portugueses não é bem assim. Assim como o outro, mas normal. Mas em relação aos portugueses lá...são muito bem recebidos. No Brasil, por acaso, todo o imigrante...

**E.: Eles acolhem bem.**

e.: Sim, sim. Isso mesmo. Preconceito lá em relação a isso não há. É mais fácil o brasileiro ter preconceito contra um brasileiro de um outro Estado. Por exemplo, o pessoal, os brasileiros do Sul, tipo do Sudeste (Rio, São Paulo) têm preconceito contra o

nordestino, contra um mesmo do Sul e vice-versa, do que ter contra um imigrante de um outro país.

**E.: É como aqui: Porto/Lisboa.**

e.: Sim, correto. Exatamente. É mesmo isso.

**E.: Portanto, entrou aqui com visto turístico, como tinha dito. Fora aquele episódio que houve com as autoridades, não tem qualquer documento legal a comprovar?**

e.: Não.

**E.: Tem trabalho, tem habitação cá, mas isso não conta para...**

e.: Deveria. Deveria contar, mas não...

**E.: Agora é só mesmo esperar pelo resultado?**

e.: Sim, sim.

**E.: De uma forma geral, sente-se integrado aqui em Portugal?**

e.: Sim. Para ser sincero, muito. Que eu já tenho... O seja, a minha vida social aqui já é muito extensa, já fiz muitas amizades. No meu dia-a-dia, todos os dias, estou fazendo novas amizades, todos os dias, todos os dias estou a conhecer pessoas e, sei lá, uma ou duas a cada dez, pelo menos, sai dali sempre amizade e assim... Conhecer, conheço muitos ainda, muitos até mais que muitos portugueses, que eles próprios até moram aqui já muito mais tempo do que eu, lógico. E justo por isso custa um bocado na hora em que for deixar Portugal, como se tivesse deixado aqui a minha terra, o meu país. Vai ser igualmente como na altura em que sai do Brasil. Vai custar tanto quanto isso!

**E.: Mas mesmo o episódio que teve com o SEF e com as autoridades, não deixa assim uma marca na sua passagem por Portugal? E no seu sentimento de integração cá em Portugal?**

e.: Sim, sim. Deixa um bocado, até porque eu, por exemplo, tenho... Deixa marca um bocado porque me atrapalhou um bocado em muitas coisas. Em relação, como falei ainda há pouco, da carta de condução, tenho os parentes dos meus parentes, parentes distantes, que são de Tábua, Coimbra, Arganil... também tenho uns em Lisboa. O que é que acontece? Para mim, às vezes quero ir visitá-los e não posso. Quero ir lá e não

posso, não tenho carta de condução e se for de comboio ou autocarro, para além de sair mais caro, é mais tempo que leva. E os tempos também nem sempre são compatíveis, por isso de carro seria o ideal.

**E.: Mas eventualmente se às vezes for chamado novamente ou um agente pedir para parar, tem algum comprovativo? Como é que faz?**

e.: Não, não tenho nada. Só que em relação a essa questão, eu até apresentei uma vez ao meu advogado, porque realmente por não ter nada... fiz isso me deu o número do processo todo que está em tribunal e disse “Qualquer coisa apresente isto aos agentes e se não acreditarem ou se não tiverem como consultar na hora que, chegue uma hora ao SEF, ou qualquer coisa assim, e apresente as suas coisas e a partir de lá já... Então já fica liberado”. Diz ele, o meu advogado. Sinceramente confio muito nele. E para além disso, ando sempre com a carta do tribunal, que não foi enviada a mim com esse intuito, mas como a carta do tribunal... carimbada, assinada, timbrada, endereçada a mim e a relatar toda a situação. Por isso...

**E.: Já é uma segurança para si.**

e.: Sim, já. Portanto, noutra dia já até apresentei, tive uma situação, tive que apresentar a carta. Era a única coisa que tinha e ficou resolvido.

**E.: Por comparação ao Brasil, como é que define a sua qualidade de vida atualmente? Acha que cá é melhor do que lá e em que aspetos?**

e.: É assim (risos) ...

**E.: Claro, que as condições de vida agora alteraram-se, não é?**

e.: Sim, sim, mudou um bocado. Mas eu acho que, agora que estou aqui, tem muito boa vida lá. Agora devia estar melhor ainda. Só acho que aqui tem uma boa: não tenho a qualidade de vida que não tinha lá. Lá tinha uma vida melhor, lá trabalhava praticamente por conta própria. Acho que, assim, melhorou um bocado, assim, em relação... Fiquei a... Por trabalhar por conta de outrem dá mais responsabilidade à pessoa, é uma aprendizagem maior, por isso, a pessoa acaba mudando certos comportamentos, acaba por ter mais responsabilidade, isso é um bocado como qualidade de vida. Assim melhorou, fico mais controlado financeiramente, tenho maior

controlo do que faço porque “ganho x, posso gastar no máximo x”. Posso gastar no máximo aquilo, convém é deixar alguma coisa. Quando se dá, quando não dá...

**E.: Mas então se calhar a sua vida no Brasil era melhor do que se fosse cá em Portugal?**

e.: Sim, sim, financeiramente sim.

**E.: E disse ainda que este ano pretende regressar ao Brasil.**

e.: Sim.

**E: Ainda mantém essa vontade?**

e.: Ainda mantenho (risos).

**E.: Mas de forma temporária ou definitiva mesmo?**

e.: Acho que definitiva. Só que queria sair daqui, digamos assim, com cabeça erguida para poder um dia... Como disse, fiz muitas boas relações aqui, quero um dia vir visitar os amigos, os parentes distantes, daqueles que gosto. Eu sei que nem todo o mundo vai poder ir lá e eu lá, quando voltar, vou voltar para o mesmo onde trabalhava, vou voltar a trabalhar por conta própria e, por isso, para mim, vou ter mais facilidades para voltar aqui. Por isso meto férias no mês que quiser...

**E.: Então, quando regressar ao Brasil vai assumir a função que tinha antes de vir?**

e.: Sim.

**E.: Mas ainda quer regressar este ano ou só quando a sua situação se regularizar?**

e.: Não, eu acho que vou ainda este ano. Vou rezar mais um bocado a ver se sai algum resultado disso, para ir descansado. Independente de saindo ou não, vou. Só queria que saísse que era para não ficar aqui sem problemas junto de...

**E.: E não há nenhuma consequência de ir antes de o seu processo estar resolvido? Não sei se tem alguns conselhos do seu advogado em relação a isso?**

e.: Não. Por acaso, esta semana encontrei-o no shopping e pus essa questão a ele e disse que futuramente qualquer problema que tiver, qualquer eventualidade que tiver e quiser vir a Portugal para entrar em contacto com ele e que posso vir com o visto turístico na

mesma, até porque se voltar aqui com intenções de trabalhar já sei como funciona. Já sei que tenho vir com visto de trabalho. Na altura, não vim com intenções de trabalhar, por isso não me informei para outras coisas também. Se tivesse com intenções de trabalhar, ia-me informar. Tanto que quando fui tirar o passaporte no Brasil, eu tinha feito uma viagem para outro país, por isso fui tirar o passaporte. A polícia federal, que é onde se tira os passaportes no Brasil, perguntou qual era o intuito da viagem e eu disse turismo, queria um visto de turista, por isso não vinha para trabalhar e era uma realidade. Só que depois de estar aqui essa realidade mudou.

**E.: É que se proporcionou outras coisas, não é?**

e.: Sim.

**E.: Mas porque é que ainda quer voltar para o Brasil? Qual é a sua razão?**

e.: Por isso, acho que financeiramente lá é melhor. Aqui por exemplo, na empresa onde trabalho tenho contrato, vou ficar efetivo agora, mas ganho o ordenado mínimo mais o subsídio de almoço. Por isso, aqui deste jeito, assim não vou a lado nenhum. Sem estar a trabalhar, tenho que estar a fazer part-time. Também passo recibo verde...

**E.: Ok. Quer acrescentar mais alguma coisa para além daquela que falamos aqui?**

e.: Não. Acho que a maioria, em relação ao preconceito, acho que maioria dos portugueses não tem. A maioria dos portugueses não tem preconceito em relação principalmente aos brasileiros, mas essa maioria é, digamos assim, cinquenta e cinco, sessenta por cento. Os outros que têm, já notei, já tive atenção, que são pessoas mais antigas normalmente, são pessoas que já, pronto, têm outra realidade, nota-se que têm outra cultura e que acha que os brasileiros, por exemplo, vêm para aqui para tomar o emprego de outros portugueses, que estão cá. Portanto, os jovens e as pessoas dos seus quarenta e tais, e para baixo, já são mais abertos aos imigrantes, sobretudo aos brasileiros. Já têm uma noção, boa parte já emigrou, já voltou, nem que tenha passado pouco tempo ou só uma temporada lá fora, boa parte das pessoas já emigraram... ou conhecem alguém que emigrou ou tem um parente ou alguma coisa assim e as pessoas, ou seja, já têm uma outra realidade sobre a imigração. Eles já não falam da imigração do brasileiro em Portugal. Já falam do imigrante brasileiro em Portugal. Já falam do imigrante! Do imigrante em qualquer lado do mundo, já pode estar a falar dele, de um amigo ou de um brasileiro. As pessoas mais novas acho que pronto são mais à frente.

| Análise vertical à entrevista n.º 9   |   |   |
|---|---|---|
| Inquérito 3.3_19  |   |   |
| Dimensões e categorias de análise   | Dados/ Sínteses   | Excertos  |
| <p><b>I. Dimensão social</b></p> <p>Características sociodemográficas</p> <p>Zona de residência</p> <p>Composição de classe</p> | <p><b>Género:</b> Masculino</p> <p><b>Idade atual:</b> 30 anos</p> <p><b>Idade de emigração:</b> 24 anos</p> <p><b>Estado civil:</b> solteiro</p> <p><b>Nível de escolaridade no Brasil:</b> ensino médio/profissionalizante</p> <p><b>Nível de escolaridade em Portugal:</b> ensino médio/profissionalizante</p> <p><b>Concelho e freguesia de residência:</b> Matosinhos</p> <p><b>Composição étnica das vizinhanças:</b> Matosinhos</p> <p><b>Última ocupação no Brasil:</b> gerente de comércio de vendas</p> <p><b>Primeira ocupação em Portugal:</b> vendedor</p> <p><b>Ocupação atual em Portugal:</b> técnico de limpeza</p> <p><b>Lugar de classe individual no Brasil:</b> BD</p> <p><b>Lugar de classe individual em Portugal à chegada:</b> PBE</p> <p><b>Lugar de classe individual atual:</b> PBE</p> | <p>“Aliás, esse ano agora...esse mês agora nesta empresa faço três anos. (...) Faço parte do quadro efetivo.”</p> |



|   |   |   |
|---|---|---|
|   | <p><b>Lugar de classe de família de origem:</b> BD</p> <p><b>Lugar de classe de família de pertença:</b> PBE</p> <p><b>Disposições em relação à carreira profissional:</b></p> <p>O entrevistado não se queixa do trabalho, parece até satisfeito por estar a trabalhar e não lhe faltarem outras propostas, mas nenhuma financeiramente compensadora. A questão financeira está na base da sua decisão de regressar ao Brasil, onde pretende voltar a estabelecer o seu negócio por conta própria.</p>   | <p>“Tanto que recebo mais propostas de trabalho do que posso dar conta, não é? Por isso, não...”</p> <p>“Por isso, acho que financeiramente lá é melhor. Aqui por exemplo, na empresa onde trabalho tenho contrato, vou ficar efetivo agora, mas ganho o ordenado mínimo mais o subsídio de almoço. Por isso, aqui deste jeito, assim não vou a lado nenhum. Sem estar a trabalhar, tenho que estar a fazer <i>part-time</i>. Também passo recibo verde...”</p>   |
| <p><b>II. Percursos migratórios</b></p> | <p><b>Outros países:</b> Não</p> <p><b>Tempo de permanência:</b> 6 anos</p> <p><b>Tipo de rede migratória:</b> legal</p> <p><b>Com quem veio:</b> sozinho</p> <p><b>Aprofundamento das razões de vinda para Portugal</b></p> <p>Veio para Portugal passar férias porque tinha cá conhecidos e familiares a residir, não imaginava ficar por cá a viver. Acabou por ficar em Portugal porque se proporcionou começar a trabalhar.</p> <p><b>Dificuldades encontradas em Portugal</b></p> <p>A maior dificuldade porque passou e passa, ainda, atualmente, diz respeito ao seu processo de legalização, que se aprofundará mais abaixo, e que acabou por complicar outras situações, como a não possibilidade de conduzir</p> | <p>“Porque eu já tinha conhecidos aqui. Tinha vários pessoas, tanto portugueses como brasileiros. Aí falavam muito bem daqui e também na altura tinha uma irmã aqui. Era casada, tinha uma empresa aqui. Portanto, vim visitá-los e conhecer um bocado...”</p> <p>“Também os portugueses lá no Brasil falavam...Tem que ir, tem que conhecer...então...”</p> <p>“A minha única dificuldade foi... foi mesma essa! Da legalização.”</p> <p>“Porque, por exemplo, trabalho, nunca tive problemas nenhuns. Sempre tive muitas boas relações, graças a Deus, não tenho problema nenhum aqui, tenho a ficha limpa. A única coisa que</p> |

legalmente em Portugal.  
No trabalho e nas relações pessoais, afirma “não tenho problema nenhum”.

### **Intenções de regressar ao Brasil quando emigrou**

Quando saiu do Brasil para viajar para Portugal foi com o propósito de passar férias e ficar, no máximo, uns seis meses. Nunca pensou que acabaria por querer ficar. Entretanto, ainda não regressou ao Brasil, nem para passar férias, devido ao processo legal que tem ainda por resolver. Receia sair de Portugal com a sua situação pendente no tribunal e não poder voltar a entrar num período de cinco anos.

tive, para não dizer que não tive nada, foram... Fui duas vezes a tribunal por conduzir sem carta. Na realidade não foi sem carta, foi com carta brasileira. Ou seja, mas não podia mudar a carta, porque não tenho a legalização. Senão estou legal, não posso mudar a carta brasileira para portuguesa conforme a lei e também não posso tirar uma carta portuguesa do zero, desde o início porque eu não estou legal. (...) Ou seja, aquilo é um ciclo. Uma coisa depende da outra e...”

“O máximo seis meses. Era de dois a três meses, mas o máximo seis.”

“ (...) é assim, no início, tinha sempre vontade de vir de férias e voltar. Só que a legalização sempre me impediu de fazer qualquer coisa disso. Estou aqui esse tempo todo e desde então nunca fui ao Brasil. Foi por esse motivo, para depois não ter problemas na volta. E para ser sincero, se já tivesse saído a legalização, por exemplo, se tivesse sido no início, acho eu que já teria ido para o Brasil já há mais tempo. E o porquê que não fui ainda?! Porque não queria sair de Portugal na situação em que me encontro, que eles têm aquele tal sistema que não sei bem qual o nome, acho que qualquer coisa sistema Schengen, qualquer coisa assim, que por exemplo quem está nesse sistema normalmente é quem tem carta de expulsão, quem é deportado, quem recebe a tal carta de cinco anos, que foi o caso que quando ia sendo deportado agora nessa última vez. Recebe-se uma cartinha de cinco anos proibindo de entrar no território português e na União Europeia durante cinco anos. E como fiz, boas relações que fiz, muitos amigos, muitas amizades e isso para mim ia-me custar um bocado. Ia-me custar e custa se tiver que deixar agora Portugal, depois passar cinco anos sem poder vir. Só que na próxima vai ser só férias mesmo (risos), só visitar os amigos, ver as amizades que fiz, passear um bocado.”

|  |   |  |
|--|---|--|
|  |   |  |
| <p><b>III. Dimensão cultural</b></p> <p>Redes de sociabilidade</p> | <p><b>Redes à chegada a Portugal</b></p> <p>Para além de alguns parentes afastados, a irmã e alguns conhecidos brasileiros fizeram parte do seu núcleo relacional inicial.</p> <p><b>Redes de sociabilidade primárias</b></p> <p>A irmã já regressou ao Brasil, não constituiu família em Portugal, mas refere várias vezes ao longo da entrevista que tem muitos amigos portugueses e brasileiros, pelo que deixar de ver essas pessoas é o mais pesaroso em relação ao seu regresso ao Brasil.</p> <p><b>Aprofundamento das disposições relativamente aos grupos com que o entrevistado se relaciona menos ou não se relaciona e as justificações em torno dessa situação.</b></p> <p>Relaciona-se predominantemente com portugueses devido ao trabalho, onde a maioria são portugueses. Mas também conhece e tem amizades com muitos brasileiros. A dimensão relacional é frequentemente invocada pelo entrevistado como uma questão positiva na sua vida.</p> | <p>“Porque eu já tinha conhecidos aqui. Tinha vários pessoas, tanto portugueses como brasileiros. Aí falavam muito bem daqui e também na altura tinha uma irmã aqui. Era casada, tinha uma empresa aqui.”</p> <p>“Em termos de trabalho, para ser sincero, dificulta um bocado. Não é fácil estar nesta situação e arranjar trabalho não é fácil. Só que isso... eu sou uma pessoa que tenho muito conhecimento, tenho muito, conheço muito as pessoas, graças a Deus, como disse tenho boas relações...”</p> <p>“Notei que tinha muitos brasileiros aqui. Hoje em dia já não há tantos, hoje em dia já...já conheço muitos que já foram, outros estão se a preparar para ir...”</p> <p>“Acho que mais por causa do trabalho. Mais é por causa do trabalho.”</p> <p>“É assim, tipo, para além do trabalho em si, também faço alguns part-times, também saio aqui e ali para tomar um café e acabo pronto por fazer amizades. Eu, no início, nessa empresa que trabalhei, nesse primeiro contrato, eu era o único brasileiro. Entretanto, a partir daí fui só conhecer portugueses, uma amizade leva à outra, não é? A partir daí vai.... E depois conheci as pessoas deste restaurante, que hoje em dia são meus amigos. Na altura eram meus clientes e a partir deles é que comecei a</p> |

|                                      |   |   |
|--------------------------------------|---|---|
| <p>Estereótipos e representações</p> | <p><b>Aprofundamento das razões e motivações subjacentes à pertença ou ausência de pertença às diferentes organizações ou grupos de apoio.</b></p> <p>Não pertence e nenhum núcleo mais institucionalizado e justifica essa situação dando como exemplo a sua pertença religiosa. A ausência de filiações é motivada por alguma falta de tempo e desinteresse, o que acontecia já no Brasil.</p> <p><b>Relato de situações em que foi vítima de preconceito e/ou discriminação</b></p> <p>Reconhece a existência do preconceito, já escutou muitas vezes comentários preconceituosos, mas pessoalmente nunca o sentiu dirigido a si próprio. Afirma que a sua fisionomia pouco “abrasileirada” o ajuda a passar despercebido se não falar.</p> <p>Considera a sociedade portuguesa maioritariamente não preconceituosa e vê essas ideias sobretudo serem partilhadas pelas pessoas com mais idade. Os mais jovens, considera, são mais “abertos”.</p> | <p>conhecer brasileiros, que eu não conhecia. Para além da minha irmã não conhecia mais ninguém aqui. De amizade assim, vinha um brasileiro ou outro de vez em quando, mas amizade mesmo não tinha. Depois, a partir daí, comecei a frequentar a casa, fiz eles como amigo e a partir da casa deles conheci muitos brasileiros.”</p> <p>“Sempre fui aquele católico não praticante. Só ia na Igreja quando pequeno, depois já adulto já não. Depois dos dezassete anos, aliás, já foi quando comecei a trabalhar e a aprofundar mais os estudos e a partir daí que parei de frequentar, porque eu também sempre pratiquei desporto, também. Ou tinha tempo para uma coisa ou para outra e o tempo parece um bocado corrido. E os estudos também tomam um bocado de tempo. Portanto, eu acho que talvez por isso é que em Portugal também não tenho procurado nada, apesar de aqui eu acho que já tenho mais tempo disponível.”</p> <p>“Da minha parte, para ser sincero foi tão pouco, que considero que não tenha sido. É um ou outro que...mas já vi muito preconceito, muito, muito preconceito em relação ao brasileiro, tipo na fila da caixa do mercado. Eu pela minha fisionomia ainda passo despercebido, mas tem muitos brasileiros que não. Notam logo, principalmente quando falam bla bla...e eu assim muito caladinho e a fisionomia já ajuda um bocado e o que acontece...às vezes na fila do caixa nota-se que às vezes os brasileiros ou outro, as pessoas ficam sempre a discriminar mas também com razão, atenção!”</p> <p>“Acho que a maioria, em relação ao preconceito, acho que maioria dos portugueses não tem. A maioria dos portugueses não tem preconceito em relação principalmente aos brasileiros, mas essa maioria é, digamos assim, cinquenta e cinco, sessenta por cento. Os outros que têm, já notei, já tive atenção, que são</p> |
|--------------------------------------|---|---|

**Perceber se os estereótipos em relação aos brasileiros têm fundamento; se favorecem ou dificultam a integração dos brasileiros em geral na sociedade portuguesa; e se favorecem ou dificultam o estabelecimento de relações sociais.**

Considera que alguns estereótipos têm fundamento porque é um facto que, por exemplo, muitas mulheres brasileiras em Portugal se prostituem, mas também reconhece que existe um efeito de generalização que afeta muitas outras brasileiras que não o são. Relativamente aos homens brasileiros, reconhece também que existem muitos “malandros” que “não querem nada com o trabalho”, mas que independentemente disso, na sua maioria, são bons trabalhadores e que trabalham mais horas até do que o que é estabelecido como normal.

Considera, anda, que o preconceito é uma ideia que também se vê no Brasil, mas mais entre brasileiros de diferentes

peçoas mais antigas normalmente, são peçoas que já, pronto, têm outra realidade, nota-se que têm outra cultura e que acha que os brasileiros, por exemplo, vêm para aqui para tomar o emprego de outros portugueses, que estão cá. Portanto, os jovens e as peçoas dos seus quarenta e tais, e para baixo, já são mais abertos aos imigrantes, sobretudo aos brasileiros.

Eles já não falam da imigração do brasileiro em Portugal. Já falam do imigrante brasileiro em Portugal. Já falam do imigrante! Do imigrante em qualquer lado do mundo, já pode estar a falar dele, de um amigo ou de um brasileiro. As peçoas mais novas acho que pronto são mais à frente.”

“É assim tem um certo fundamento, porque... É assim, não vou jogar a culpa para cima dos portugueses, porque não seria correto. É assim, em relação, por exemplo, por parte das mulheres, infelizmente, a maioria das mulheres brasileiras que aqui estão são mulheres da noite, que andam na má vida, digamos assim. E muitas delas quando saem no dia-a-dia, ou à noite, fazem questão, parece até que fazem questão de mostrar aquilo. Só que o que acontece, nem todas as brasileiras que estão aqui são da noite, mas se uma brasileira chegar no pão quente é mais uma da noite. Se ela chegar, pedir o pequeno-almoço e a falar brasileiro, é mais uma que é da noite. Eu acho que ninguém tem escrito na testa “sou da noite”, “não sou”. E em relação aos brasileiros, homens, tem muitos, tem muito malandros também, tem muitos que não querem nada com o trabalho, mas acho que nesse caso, a maioria, acho que são bons trabalhadores, são empenhados, são... Sei lá, acho que setenta por cento dos brasileiros são muito empenhados, são muito dedicados ao trabalho e acho que, na maioria deles, trabalham mais horas que o normal, não é? A maioria trabalha em hotelaria, portanto, para fazerem descontos, receberem por oito horas, trabalham sempre muito mais que isso. Nessa área de hotelaria, infelizmente, são

|                                     |   |  |
|-------------------------------------|---|--|
|                                     | <p>estados do que em relação ao estrangeiro, muito menos em relação ao português.</p> <p><b>Perceber se já utilizou algum tipo de comportamento fora do habitual ao relacionar-se com portugueses temendo algum tipo de discriminação. Se sim, pedir para relatar a situação</b></p> <p>Nunca o fez porque não sente atingido pelos comentários preconceituosos.</p>  | <p>poucas as casas onde eles trabalham oito horas. Isso independente da nacionalidade, isso já...”</p> <p>“Dificulta, porque acaba por deixar uma má imagem. Por exemplo, aqueles brasileiros que assaltaram um banco aqui em Lisboa, isso deixa mais ainda... A pessoa até ouve “brasileiro, assaltante um banco”. Às vezes é até na tanga, mas pronto aquela brincadeira que acaba um bocado por a pessoa sentir um pouco o preconceito.”</p> <p>“No Brasil deve ser a mesma coisa, apesar de que em relação aos portugueses não é bem assim. Assim como o outro, mas normal. Mas em relação aos portugueses lá...são muito bem recebidos. Preconceito lá em relação a isso não há. É mais fácil o brasileiro ter preconceito contra um brasileiro de um outro Estado.”</p> <p>“Sempre agi normalmente. Em relação a mim, quando ouço alguma coisa ou outra muito pequena, entra num ouvido sai no outro. Não passo cartão! As pessoas que falam esse tipo de coisas... Até porque não é estar a defender os brasileiros mas isso são tipo situações que acontecem em todo o lado do mundo. Em todo o mundo há imigração.”</p> |
| <p><b>IV. Dimensão política</b></p> | <p><b>Vivência de uma situação de irregularidade ou ilegalidade perante as autoridades portuguesas</b></p> <p>O entrevistado foi alvo de um processo de deportação que se encontra ainda em tribunal e por resolver.<br/>Apesar de, na época, estar a trabalhar e a fazer descontos há nove meses em Portugal, foi parado numa operação STOP onde o identificaram como ilegal e o reencaminharam para o</p> | <p>“Acho que a maior mesmo foi a legalização. Foi a parte da legalização. Primeiro porque com nove meses eu já tive a primeira surpresa. Com nove meses, eu já trabalhava, já tinha contrato de trabalho, já estava a fazer descontos... E quando fui a trabalhar, quando fui parado numa operação STOP, estava a trabalhar. Fui identificado, de lá me encaminharam... Da operação STOP fui para a esquadra, de lá para tribunal. Sei que eles comunicaram-se com o SEF para saber se eu estava legal. Entretanto, o juiz mandou arquivar o processo. Então, o SEF</p>  |

SEF. Todavia, ao ser presente a tribunal e por ter sido considerado que reunia as condições necessárias para permanecer no país, o juiz mandou anular o processo de deportação, embora o SEF o tenha notificado a abandonar voluntariamente o país. Essa posição contraditória, fê-lo meter um processo de reapreciação e adiamento do prazo voluntário de abandono, que lhe foi negado. Decisão da qual recorreu, pelo que, novamente, foi notificado a comparecer no SEF, pagar multa e apresentar toda a sua documentação. Numa dessas idas, entre recursos que tinha interposto, foi mantido pelo SEF nas instalações e conduzido até à fronteira. Já no avião, sem ter sido presente a tribunal, o seu advogado conseguiu um mandado de libertação imediata. Voltou às instalações do SEF onde, no final do dia o libertaram.

Desde então, faz dois anos que o entrevistado aguarda, mas não tem ainda uma previsão sobre a resolução do seu processo.

deu-me uma carta de vinte dias me convidando (risos), com aquele convite especial para eu deixar o país, e foi isso que eu fiz. Entrei, pedi, fiz um pedido de aumento de prazo de abandono e um pedido de reapreciação ao mesmo tempo porque eles ao consultarem o aumento, dei a entrada no pedido. Já que o juiz pediu para arquivar o caso, pedi... Depois, quando saiu o resultado, acho que por volta de seis meses ou mais, foi negado. Entretanto, foi quando eu fiz esse pedido de aumento de prazo de abandono e reapreciação. Entretanto, passa mais um mês à espera e novamente foi negado. Isso sempre a trabalhar, sempre a fazer descontos, saía de uma empresa para outra... E novamente fui notificado a levar o valor da multa, comparecer ao SEF, levar o contrato de trabalho, levar tudo o que tinha...portanto, mais uma vez negado (risos) e sempre a recorrer! E até hoje, até à data de 21 de fevereiro de 2009, quando fui pego mais uma vez pelo SEF, lá dentro, quando fui levar os tais documentos que eles queriam... Porque na realidade foram dar informação de que o pedido tinha sido negado mais uma vez, se referindo a que eu tinha entrado em Portugal com um visto de turista e não de trabalho. Mas eu me referia a tal questão que o juiz mandou arquivar, que o tribunal mandou arquivar, o juiz mandou arquivar, mas pronto... isso para eles foi indiferente. E foi quando me deram a informação que ia ser conduzido até à fronteira, ou seja, já não era só uma carta, tinha que ser conduzido até à fronteira. Fiquei detido por quase três dias sem ser presente a tribunal. Para isso tive que pôr um advogado que foi em tribunal e pediu com urgência, porque eles iam-me deportar mesmo. Por isso, fui tirado dentro do avião já em última hora. A sorte foi que o avião atrasou.”

“A partida era às 10:15 da manhã e a notificação que tinha sido enviada, porque sido enviada uma notificação ao tribunal, dizia que o voo era às 10:15 da manhã, e o tribunal enviou a ordem de

soltura, como estava detido, a ordem de soltura imediata a partir das 10:15, que era quando completava quarenta e oito horas sem ser presente a tribunal, ou seja, de qualquer maneira, em quaisquer das hipóteses eles teriam que soltar.”

“Continuei detido no aeroporto por volta até, mais ou menos, do meio-dia, depois fui encaminhado novamente... Fui levado outra vez para o SEF, na Rua D. João IV. Lá fiquei até uma segunda ordem do tribunal, porque também entretanto fiquei com o contacto do advogado que estava noutros julgamentos e o advogado teve que ir novamente em tribunal, o tribunal emitiu uma segunda ordem para o SEF, às 17:10 da tarde, dando mais uma ordem de soltura, porque o SEF novamente não queria soltar! Até que o meu advogado foi lá, e já eram 18:35 da noite, quando saí de lá do SEF.”

“Enquanto que isso tinha sido uma questão posta em tribunal, quando fui na altura, e que o juiz entendeu que, independente disso, eu tinha todos os meios de subsistência, tinha parentes aqui que estavam legais, que você tem muitos amigos... Isso pronto, isso o juiz levou em conta. A empresa que eu trabalhava mantinha o interesse que continuasse lá a trabalhar, tanto que continuei a trabalhar lá na empresa. E como o juiz entendeu que tinha tudo para estar legal, ordenou o arquivamento do processo. Ou seja, a partir daí no SEF era começar do zero. Foi o que fiz, comecei e não foi aceite.”

“E é um bocado duro porque a pessoa está a fazer tudo, tinha descontos, só estava à procura de emprego com contrato, não queria estar a trabalhar sem fazer... Proposta apareceu várias, principalmente na área da hotelaria, para trabalhar sem fazer descontos, eu não queria trabalhar sem fazer descontos porque queria fazer os descontos, queria contribuir para o Estado, para



|                                      |  |   |
|--------------------------------------|--|---|
| <p><b>V. Auto<br/>percepções</b></p> | <p><b>Estatutos especiais</b><br/>Não se aplica, mantém uma situação irregular.</p> <p><b>Percepção da própria situação de integração</b><br/>Pese embora todos os problemas de legalização que enfrentou, sente-se integrado em Portugal. Nas suas palavras, as redes relacionais que construiu são um fator determinante nesse sentido, pelo que deixar Portugal, considera, vai ser tão doloroso quanto foi deixar o Brasil há anos atrás.</p> <p><b>Percepção da sua qualidade de vida atual</b></p> | <p>ter direito à legalização para estar tudo nos conformes. Por isso, sempre que fui chamado no SEF, todas as vezes compareci lá, todas as marcações lá estive. Na altura quando fui pego pela primeira vez, primeira e única, porque, na realidade, na segunda fui lá e fui tratar da legalização. Quando estava com nove meses aqui, fui lá, compareci todas as vezes, fui assinar sempre lá. Ou seja, eu nunca me neguei a nada, nunca me recusei a nada, até em relação ao valor da multa também, fiz de acordo com o valor que eles estipularam, que é o valor máximo.”</p> <p>“Está em tribunal. Fez dois anos agora em Abril. (...) Enquanto não sair esses julgamentos também o SEF também não pode fazer nada. (...) Até lá, fico naquela, fico ilegal.”</p> <p>“Tenho um advogado. Por acaso, um advogado excepcional, espetacular. Mas pronto, não depende só dele, não é? Estamos agora todos dependendo do SEF e do tribunal.”</p> <p>“Para ser sincero, muito. Que eu já tenho... O seja, a minha vida social aqui já é muito extensa, já fiz muitas amizades. No meu dia-a-dia, todos os dias, estou fazendo novas amizades, todos os dias, todos os dias estou a conhecer pessoas e, sei lá, uma ou duas a cada dez, pelo menos, sai dali sempre amizade e assim... E justo por isso custa um bocado na hora em que for deixar Portugal, como se tivesse deixado aqui a minha terra, o meu país. Vai ser igualmente como na altura em que sai do Brasil. Vai custar tanto quanto isso!”</p> <p>“Mas eu acho que, agora que estou aqui, tem muito boa vida lá. Agora devia estar melhor ainda. Só acho que aqui tem uma boa:</p> |
|--------------------------------------|--|---|

|                      |   |  |
|----------------------|---|--|
|                      | <p>A questão da qualidade de vida é para o entrevistado o fator principal por detrás da decisão de voltar ao Brasil. Vive pior do que no vivia anteriormente no Brasil, embora reconheça que ganhou maior controlo sobre os seus comportamentos e as suas despesas, o que considera, também, lhe ter trazido em Portugal uma vida melhor.</p> <p><b>Perceção em relação ao futuro: intenção de regressar ao Brasil</b></p> <p>Tem estado a aguardar que o seu processo se resolva em tribunal porque não quer abandonar Portugal numa situação que o impeça de regressar para visitar os amigos durante cinco anos. No entanto, assume, se a situação não se solucionar até ao final do ano, volta para o Brasil mesmo assim.</p> | <p>não tenho a qualidade de vida que não tinha lá. Lá tinha uma vida melhor, lá trabalhava praticamente por conta própria. Acho que, assim, melhorou um bocado, assim, em relação... Fiquei a... Por trabalhar por conta de outrem dá mais responsabilidade à pessoa, é uma aprendizagem maior, por isso, a pessoa acaba mudando certos comportamentos, acaba por ter mais responsabilidade, isso é um bocado como qualidade de vida. Assim melhorou, fico mais controlado financeiramente, tenho maior controlo do que faço porque “ganho x, posso gastar no máximo x”.”</p> <p>“Acho que definitiva. Só que queria sair daqui, digamos assim, com cabeça erguida para puder um dia... Como disse, fiz muitas boas relações aqui, quero um dia vir visitar os amigos, os parentes distantes, daqueles que gosto. Eu sei que nem todo o mundo vai poder ir lá e eu lá, quando voltar, vou voltar para o mesmo onde trabalhava, vou voltar a trabalhar por conta própria e, por isso, para mim, vou ter mais facilidades para voltar aqui. Por isso meto férias no mês que quiser...”</p> <p>“Não, eu acho que vou ainda este ano. Vou rezar mais um bocado a ver se sai algum resultado disso, para ir descansado. Independente de saindo ou não, vou. Só queria que saísse que era para não ficar aqui sem problemas junto de...”</p> |
| <p><b>Outros</b></p> | <p><b>Laços de sangue com portugueses imigrados no Brasil</b></p> <p>Os seus avós eram portugueses, pelo que julga que se os pais tivessem adquirido dupla nacionalidade, teria sido mais fácil para o entrevistado tratar da própria documentação.</p>   | <p>“São filhos de portugueses [os pais do entrevistado]. Só que eles assim nunca pegaram, nunca deram a entrada. Como nasceram lá nunca manifestaram interesse em Portugal. E por isso eles nunca tiveram interesse nenhum em tratar da documentação e só agora, depois disso tudo... Ou seja, se eles tratassem de tudo, eu também já teria direito, também já pegava, já teria direito alguma coisa, já teria um pezinho aqui em Portugal também. Para já só tenho o nome todo português.”</p>   |

## ANEXO IV.4 – Transcrição integral e análise de conteúdo das entrevistas aplicadas na ADCP

### Transcrição de entrevista n.º 10

|                                 |                         |
|---------------------------------|-------------------------|
| <b>Entrevistado</b>             | Mulher, 31 anos, “Irmã” |
| <b>Data da entrevista</b>       | 20 de março de 2012     |
| <b>Local da entrevista</b>      | Residência da própria   |
| <b>Duração da entrevista</b>    | 53m13                   |
| <b>Hora de início (aprox.)</b>  | 16h                     |
| <b>Hora de término (aprox.)</b> | 17h                     |

**E.: Disse-me que veio para cá à procura de trabalho, de melhores condições de vida. O que era a sua vida no Brasil? Sentiu dificuldades económicas, ou perspectivava viver noutro país...**

e.: Não, eu nunca pensei em vir para cá, sinceramente. Só que eu era casada e já era Evangélica e as coisas não correram muito bem. Houve traições e eu não esperava porque, pronto, era o homem que eu tinha idealizado para mim, para o resto da minha vida. E, na época, eu trabalhava num escritório de advocacia e me propuseram eu vir para cá. Um casal de português me ajudaram. Foram eles que me ajudaram porque eu estava a ganhar muito pouco lá e tinha um filho e estava grávida de outro. Entretanto, ponderei aquilo que eles tinha-me proporcionado e aceitei. E vim para cá.

**E.: Veio sozinha?**

e.: Vim sozinha. No início, eu tinha uma amiga, ainda está lá (é casada com um advogado também, mora na ilha da Madeira), mas eu não ia para lá. Vinha para Lourosa, porque o casal era de lá. E eram clientes há muitos anos do advogado que eu trabalhava. Eram pessoas de confiança, integra. Eram não, são. Não morreram. Pronto, eu comprei as passagens para ir para a Madeira, para estar lá um bocadinho com a minha amiga, que é como se fosse uma irmã para mim. Depois vim para cá, só que tinha que esperar um mês porque a pessoa que ia sair do restaurante onde eu ia ficar, ia trabalhar, tinha que pagar um mês à casa, e pronto. Entretanto, eu não queria estar cá

assim na casa de pessoas que eu conhecia mas não conhecia tão bem. Então voltei para a Madeira para ficar lá porque eu estava lá na casa da minha amiga. Só que depois eu conheci lá um rapaz e, pronto, já não quis vir-me embora para cá. Os planos mudaram totalmente porque comecei a trabalhar num café, fiquei noiva... Tive lá um ano. Durante um ano. Estive um ano na Ilha da Madeira. Os planos que eu tinha planejado já não...

**E.: E quando é que veio para aqui para o Porto?**

e.: E depois de um ano, pronto, o noivado não deu muito certo por ser brasileira e a família não aceitava. Ele era o único solteiro. Tinha oito irmãs casadas e um irmão. Eu só me dava bem com o pai e com a mãe e com o irmão. As irmãs nunca...

**E.: Por ser brasileira?**

e.: Exatamente. Por ser brasileira. Por ser brasileira e ter dois filhos. Porque já tinha meus dois filhos. E eu aguentei o máximo que pude e ele era espetacular, uma pessoa boa. Não foi culpa dele mas ele não se impunha. Deixava mandar... Faziam ele de gato-sapato e eu cheguei ao ponto a dizer: “fogo, eu não quero um homem que não se impõe. Que não...”. E pronto, refleti e achei que não era...

**E.: Essa é uma das razões pelas quais afirma que já se sentiu vítima de discriminação? Tem a ver com essa relação?**

e.: Talvez agora sinta-me mais segura em relação à discriminação mas sempre sofri discriminação. Vim para Lisboa através de uma amiga, fui trabalhar numa empresa de limpeza que prestava serviço para *Holmes Place*, e lá sofri as piores coisas que só em televisão. Humilhações, berros, gritos... Ganhava um euro e oitenta e seis à hora. Exploração! E eu suportei tudo aquilo porque eu precisava trabalhar e ganhar dinheiro para os meus filhos.

**E.: Mas sentia que era diferentemente tratada, por exemplo, do que um português?**

e.: Sentia, sentia. Sentia porque... Eu acho que em Lisboa e na Madeira não é tanto. Eu acho que no Porto é muito pior o preconceito por ter muitas casas da noite e muita prostituição. Em Lisboa também há, mas não é tanto como aqui. E eu acho que aqui é muito mais. Mas eu acho que também as pessoas aqui são mais acolhedoras de que em

Lisboa. Eu vivi três anos em Lisboa. Morei num bairro social, num dos bairros perigosíssimos, que era o bairro de Santa Filomena, e eu me sentia mais acolhida pelos pretos e pelos traficantes e pela aquelas pessoas mais simples e humildes do que mesmo pela polícia, mesmo pela sociedade, aquela que eu estava acostumada a lidar já no Brasil e que esperava encontrar aqui. Mas vim bem orientada porque eles me disseram: “a brasileira lá é muito mal visto”. Eu tive cinco horas presa dentro do aeroporto para passar e eles só diziam assim, eu não percebia direito, e eles só diziam assim: “a menina é uma menina de cor muito gira” e eu “que danado é «é muito gira de cor»?!”. Eu achava que eles estavam-me a insultar. Que quando eu cheguei...

### **E.: Polícias, no aeroporto?**

e.: Sim. E eu quando cheguei no aeroporto da Madeira minha amiga ria-se tanto comigo e dizia assim: “tava a dizer que tu era bonita e que tu eras de cor, porque eles gostam muito das pessoas morenas aqui”. E eu: “ah, eu jurava que o homem estava-me a insultar”. E eu vivi ali um drama durante cinco horas que era tipo CSI Miami. Eu achei que era só nos filmes. Confrontada... Eu tinha tudo porque eu vinha bem preparada com tudo direitinho: com dinheiro, cartão de crédito, carta convite, tudo bonitinho. E eles me confrontaram ali de uma maneira... Queriam que eu dissesse uma coisa que não era. Queria que... Chegaram a mandar eu ligar para a minha mãe e eu não podia dizer que vinha para cá trabalhar porque eu não tinha contrato de trabalho. Vinha como turista. E sofri muito. Chorei, chorei, chorei quando fui para aeroporto, quando fui para a Madeira. Consegui passar. Quando também tinha lá pessoas muito despreparadas, que eu cheguei a sentar do lado de uma brasileira que disse que ia para a Madeira de trem – de comboio. E eu disse: “mas para lá não vai de comboio”. Eu não conhecia bem mas tinha orientação. “E vais passar quanto tempo aqui?”, e ela: “Ah, eu vim para cá para trabalhar. Tenho quinhentos euros”. E eu cá com 2500 euros achava pouco e quando ela me disse que tinha quinhentos euros, eu: “Que é isto? Quinhentos euros não dá para nada!”. E eu a fazer contas... E passou esta. Era branquinha. E eu disse assim: “Fogo!”. Comecei ali, desde o princípio, a sentir na pele. E depois eu tive uma patroa muito boa na Madeira. Trabalhava muito, muito, muito, mas ganhava bem e ela era como se fosse uma mãe para mim. E conheci lá muitos brasileiros e eu acho que a sociedade brasileira que está cá, eu às vezes digo uma coisa que não sei se está muito correta mas eu costumo, quando estou com raiva, dizer assim: “Aqui só tem o lixo do Brasil. Dez

porcento se salva, o resto nenhum presta”. Porque eu, apesar do preconceito em relação aos brasileiros, eu comecei a enxergar que eles tinham muita culpa no cartório.

**E.: Acha que há alguma fundamentação neste...**

e.: Pois. E tinha raiva por ser geral. Por as pessoas não conhecerem e generalizarem. Enquanto eu andava ali a trabalhar, me matar a trabalhar, e a tentar ter uma vida honesta, digna... E eu era tratada como as outras que estavam aí a usufruir e tal. E eu tinha raiva disso. E eu me afastei de uma maneira dos brasileiros que hoje quase não tenho amizade com brasileiros. Só tenho com os da Igreja. As minhas amigas são todas portuguesas. E aprendi muita coisa para sobreviver aqui, para conseguir sobreviver. Mas eu adoro esse lugar. Não se deve dizer adorar que é pecado. Eu gosto de cá e gosto muito. Eu digo à minha mãe que para voltar para o Brasil só se mesmo Deus quiser. Passei por muitas coisas, aprendi muita coisa. Vivi com brasileiros que me roubaram, convivi com pessoas que... Porque eu vim com um ensinamento muito da Igreja porque eu desde os catorze ano que tudo o que eu sabia de vida e o que é que devia-se fazer e como se devia fazer eu aprendi lá. E, infelizmente, não se pode usar muito cá fora porque... Tens que ter sabedoria. Usar mas saber com quem. Não pode ser muito bom, também não pode ser muito mau. Tem que ponderar tudo. E eu aprendi muito, muita coisa.

**E.: Mesmo, por exemplo, quando estive na Madeira também participava em alguma comunidade religiosa, Evangélica?**

e.: Sim, cheguei a participar. Longe, muito longe. Não é como aqui, que aqui tem muitas. Muito longe... Tínhamos que subir um morro lá, uma montanha que agora já não me lembro onde é. Íamos de carro e eu cheguei a ir muitas vezes só que depois, pronto, muito trabalho... E tu não tens tempo para Deus, que esse é o erro.

**E.: Quando é que se instalou aqui no Porto?**

e.: Isto, depois estive a viver... Só queria era discotecas... Eu nunca tinha vivido isso na minha vida. Nunca tinha... Fui muito presa. Minha mãe que o diga. E eu era muito presa e então eu saía segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado e domingo. Dormia na casa das vassoura, de ressaca, mas ia todo o dia para as discotecas africana (porque a minha amizade era com os cabo-verdiano, com os pretos, lá em Lisboa, e alguns brasileiros, pronto). E Jesus! Curti! Curti! Curti tanto... E cheguei à conclusão que

aquilo não vale nada, mas pronto. Depois foi quando conheci o pai da minha filha, que é guineense, e fiquei grávida. Depois a minha vida desandou um bocadinho. Fiquei sem trabalho, dividi um apartamento com uma portuguesa, ela sumiu, desapareceu e eu fiquei com as despesas todas e eu me vi, assim, num sufoco de vida. O pai da minha filha não faziam coisas muito certas, se envolveu com droga e tal. E andamos fugido e eu me via meia desamparada. Foi quando conheci o meu marido. Ex, que estou separada. E que é o pai que a minha filha conhece porque eu quando o conheci eu disse: “estou grávida de um mês”. E ele: “ e qual é o problema disso?”. E é português. E que acho que, de tudo o que eu já conheci no mundo, eu acho que é uma pessoa que se um dia Deus tivesse que salvar por obras... Mas não é. Felizmente não é por isso. Felizmente. É por graça. Registou a minha filha... Tive três anos casada com ele. Era a melhor pessoa no mundo, nunca me deixou faltar nada. A gente com um ordenado de setecentos euros (porque ele era segurança), conseguíamos viver e vivíamos ali rodeada de muito amor. Eu e ela. E é o pai que ela conhece hoje. Não deu certo, pronto, porque depois eu tive um problema de saúde em relação aos hormônios e tal. Já não sou aquela mulher que era quando era mais nova. Já não dou muita importância a relações mais íntimas. E sabe como é que são os homens... Se não tem aqui em casa vai buscar fora. E eu, pronto, sou meia contra a traição. Nunca traí, não admito ser traída. E depois passei por dificuldades financeiras e muitos problemas porque a gente vai trabalhando mas os empregos não são fixos. Foi quando cheguei tipo no fundo do poço e era a hora de correr para Deus. Porque a gente pensa que temos amigos e não temos. E eu acho que os nossos amigos é o nosso pai e a nossa mãe, independente das falhas que ele tenha. E quando eles não estão cá é um bocado complicado. E eu tive muita ajuda naquela Igreja. Muita ajuda de apoio sentimental, de apoio emocional, mesmo. Não financeiro porque eles, tadinhos, não podem ajudar financeiramente, mas eu já fui vítima de violência doméstica por um português, que acho que é por isso que eu abominei os homens da minha vida. Depois do pai da minha filha eu conheci uma pessoa, e tal, que até estava na Igreja comigo, que a família também não aceitava por isso...

**E.: Já nesta Igreja?**

e.: Sim, mas ele não é evangélico. Ele foi através de mim. A família não aceitava e também sofri muito, muito. Aguentei tanto no início... Só que depois não aguentei mais. E ele não aguentou escutar eu a falar da mãe porque é um tipo de uma mãe que ela

era capaz de ver ele ali a bater em mim e não dizia nada, não fazia nada e dava apoio ao filho. E é uma pessoa de classe altíssima (delegado de informação médica). Ganha muito bem, tem estudos, tem uma ótimo intelecto, não é maluco, não se mete em droga, não bebe, não fuma, e para mim é uma pessoa fraca de espírito. E já vi muitos casos parecidos com o meu e até piores. E eu, inclusive, já cheguei a conversar com um amigo meu que é polícia e eu disse a ele assim: “os brasileiros aqui são uma alvo fácil para os homens. Porque há muitas brasileiras aí a apanharem de homens e não fazem nada porque muitas estão ilegais e não dá em nada. Porque o meu processo está no tribunal e não dá em nada”. Isso não dá em nada. Aqui bate-se e apanha-se, faz o que tiver... E muitas portuguesas, que eu conheço muitas também, e não fazem nada. E eu acho que isto é um absurdo. A menina precisava ver como é que ficou a minha cara. Como é que eu fiquei... Esta rapariga que está aí, que é a Jaqueline, foi a que me ajudou na hora. Ele quase me mata. Foi a primeira vez, foi a segunda e à terceira quase me mata. Eu já não estava com ele. Foi na porta da minha casa... E eu estava com a minha filha. A minha filha presenciou aquilo tudo. E era um homem que durante seis meses eu dizia: “ai meu Deus, este é o homem da minha vida. Como é que pode? Este homem não tem um defeito... É impossível. Tem que ter alguma coisa.” Eu não acreditava naquilo que estava vivendo. E se transformou num monstro. Manipulador, muito manipulador. E ele, se a pessoa não conhecia... Minha mãe chegou a conhecê-lo depois que chegou. Se a pessoa não souber aquilo que ficou para trás diz assim: “não! Este não! Estás a mentir! É impossível! Não pode ser”. Mas quem presenciou, quem conviveu comigo, sabe. A madrinha da minha filha que é portuguesa, que a segunda vez que ele me bateu foi lá para socorrer e eu fugia sempre com a minha filha porque eu também sou brava mas eu, se calhar, apanhei porque eu tinha medo dele se virar à minha filha. Porque ele dizia assim: “esta menina não é disciplinada! Esta menina, a culpa é tua. Qualquer dia desses dou-lhe um...”, como é que ele dizia, uma pêra, “dou-lhe uma pêra ou dou-lhe uma sapatada que ela vai ver”. E eu morria de medo dele tocar na minha filha. Eu preferia apanhar. E nesse dia, o terceiro dia foi mais por isso. Porque ela estava à minha beira e eu só me agachei, e tal, e ele me dava com pontapé e tudo e ela a gritar. E eu só pensava nela. Só olhava para ela. Eu disse: “se ele se virar para ela eu acho que o mato”. E pronto, mas...

**E.: As pessoas da Igreja ajudaram-na também a superar isso tudo?**

e.: Sim. A missionária Aureni, o Pastor Unelmo...



**E.: Portanto, a Igreja no fundo é mais do que uma busca espiritual, é uma comunidade que a acaba por ajudar... São pessoas...**

e.: Eu costumo dizer que, não sei se a menina leu a Bíblia mas aquilo é um manual de vida. É um manual de vida. Mas tem que haver sabedoria para usar o manual porque tu nem podes ser muito bom, nem pode ser muito mau, porque tu agrides os olhos de Deus, a presença de Deus. Mas tu também se for muito bom agradas a Deus e sofres muito. Mas eu costumo dizer que existe três grandes dons, e está lá na Bíblia: é a fé, a esperança e o amor. O amor é o maior dos dons e se a gente tiver amor, muito amor, muito amor dentro da gente, que é uma coisa que eu tenho as minhas falhas mas tenho muito. Eu sou uma pessoa que eu acho que se ganhasse o Euro Milhão no outro dia ficava pobre. Tinha uma necessidade... É mesmo de mim, é mesmo da minha alma. E o mundo me endureceu um pouco. Foi-me endurecendo, me endurecendo pelas pancadas que levei. E hoje chego à conclusão que é assim: se tens fé, Deus te livra de tudo. Tens é que ter fé e crer em Deus. E a Igreja não é só uma busca espiritual. Não é só, porque a busca espiritual tu podes ter em casa, tu podes ter com o teu irmão na rua, tu podes ter no teu trabalho com os teus colegas, se houver amor. Tu conhecendo a palavra isto mas eu digo... É uma comunhão. É todos ali a lutar pelo um só propósito porque nós todos temos falhas, somos pecadores mas é bonito reconhecer. Como Deus virou-se para David e disse: “David, segundo homem coração de Deus”. Deus tinha segundo seu coração em David. Mas como David? Pecador, matou, traiu, fez tudo... Mas David quando pecava o coração dele não estava naquilo. As coisas aconteceram na vida de Deus e Deus foi livrando David, foi curando, foi restaurando. E por isso que Deus tinha David segundo o seu coração. E eu creio que quando estamos todos reunidos ali numa só união... Porque se a gente for tourar uma tora ela parte, mas se a agente for tourar um monte delas é mais difícil. E estamos ali, todos somos falhas, todos somos pecadores. Se calhar hoje eu estou: “olha aí a roupa da irmã, aquela roupa está muito curta”, ou isto ou aquilo. Claro, somos falhas. Se a gente olhar para o homem... É por isso que Deus diz: “não olha para o homem porque tu caís. Por mais que seja uma bênção um dia ele pode cair. Agora se olhar para Deus, não. Mas estamos ali reunidos, a buscar um só propósito – aquele propósito de ajudar, de fazer a vontade de Deus, de querer salvar o mundo. É como se uma pessoa que trabalha e que estuda para salvar o ambiente... Deve doer na alma, no coração, haver a camada de ozono e a degradação do planeta. Deve doer muito. A mesma coisa são os cristãos. Dói na nossa alma. Quando se

tem muito amor dói porque... Eu hoje não consigo olhar para uma... Às vezes eu estou na rua, ou qualquer coisa, e umas olham assim quando vê que a pessoa é brasileira. (rosna) Parece aqueles cão que olham assim com aquela raiva. E eu rio. Eu rio porque eu agora entendo. Se calhar antes entendia mas não tinha maturidade para distinguir as coisas e entendo que são pessoas, como é o que o meu professor chama, ignorantes. E pessoas ignorantes são pessoas que não sabe do assunto mas estão aí a lutar e é aquilo e pronto. E pensam que sabem. São pessoas ignorantes porque nem todo o mundo é igual. A gente vê tanta coisa...

**E.: Uma das coisas que também referiu no inquérito que eu anotei com cuidado foi o facto de dizer que considera que, do seu ponto de vista, existem muitas diferenças entre Portugal e o Brasil. Culturais...**

e.: Eu acho que há muitas. Apesar de dizerem o contrário. Dizem que nós somos muito diferentes. Eu estou a tirar a carta agora e, um dia desses, estávamos a conversar na sala e o professor disse que quanto mais o tempo passa mais ficamos parecidos. E eu disse: “Oh professor, eu não concordo. Eu acho que somos diferentes”. Porque é assim, no Brasil existe vinte e seis Estado e um distrito. E as pessoas não aprenderam ainda que o Brasil não é um Brasil só. Ela é do Rio de Janeiro e ela no Rio de Janeiro não conhece coisas que tem no meu Estado. Tem maneiras de pensar diferente, atos diferente, culturas diferente...

**E.: De que Estado é?**

e.: Paraíba. E eu sou de um Estado onde como diferente, as comidas são diferentes, tudo é diferente. Então, até o professor diz: “ah, os brasileiros não gostam de trabalhar”. E eu: “alto lá, professor. Atenção. Porque...”. E isto se refere às pessoas de São Paulo, Rio de Janeiro e aquelas zonas por ali. Tu vais para o nordeste do país, quando o povo diz, da minha terra mesmo, vai de Paraíba para o Rio: “hei, Paraíba! Vamos contratar, vamos contratar”. Porque são pessoas do campo, da roça, acostumada a sofrer. O nordeste é a parte mais pobre do país. E estão habituado a lutar, a sofrer, para ter aquele bocadinho para comer. Apesar de, tendo pouco ou muito, somo sempre um povo feliz. Não tem nada a ver com os que estão cá. E o coração e a maneira de ser... Eu digo pelo meu Estado. Eu quando falo costumo sempre dizer: “o meu Estado. No meu Estado. Onde eu moro”. Porque eu não generalizo.

**E.: Mas também já reparou em algumas diferenças mesmo em Portugal? Por exemplo, Madeira, Lisboa e Porto, também.**

e.: Já. Há muita diferença. Há muita. Eu acho que na Madeira por ter muitas pessoas idosas são muito desconfiadas. As pessoas são muito desconfiadas. São daquele tipo assim: “nós somos assim, ninguém nos muda”. Não querem mudar. E são e pensam, é pepinela, é... Hei, Jesus agora sumiu. É uns nomes... Lá batata é... Oh Jesus! Chuchu é pepinela; semilha... Massaroca é o milho e não adianta tu dizer que é milho porque não vai ser milho nunca. É massaroca, é massaroca. E é a ideia fixa deles. Tanto que os jovens de lá muitos vêm para cá estudar porque já gostam daqui. Costumam dizer lá isso: “quando chega aqui um homem do Continente as mulheres caem em cima porque querem é ir para lá”. É isso que dizem lá. Essa conversa assim. E em Lisboa são tudo muito... Corre para lá, para cá, ninguém tem amizade, ninguém fixa nada. Eu acho que são muito frios. Parece que são do Polo Norte. Aqui não. Aqui as pessoas são muito acolhedoras. Se gostam, gostam. Se não gostam, não gostam. Mas também se gostam são capazes de fazer tudo por ti e dar tudo por ti. Mas, em geral, o povo português... E eu acho, os que eu já convivi, porque toda a regra é exceção, eu acho que tem... Aprenderam, isso é a mentalidade: “eu sei, eu posso, eu mando”. É muito isso. Pelo menos as pessoas que eu convivi (em relação, estou a falar, em homem). E não adianta contrariar. E depois: “no Brasil vocês não sabem disso, vocês é que não sabem falar...”. E o meu professor uma vez chegou a dizer que vocês eram a língua mãe e que nós aprendemos com vocês. E eu disse: “está bem. E eu estou aberta para aprender coisas novas e corrigir os meus erros.” Há pessoas que não admitem isso e eu acho que é bonito. Há muitas coisas aqui que eu aprendi e que quero aprender ainda mais porque eu acho que é correto e eu acho que é bonito e que já acho que no meu país que está errado. Eu penso assim. E elas quando vêm eu falando assim até só falta me matar, mas pronto. Mas também tem que se ver que é assim, não é por eu ser brasileira que sou burra. Olha, eu tenho a faculdade de psicologia incompleta porque a minha vida não correu bem. Não tive tanta oportunidade de vida como eu vejo aqui. As pessoas têm tanta oportunidade de vida no sentido de estudos... Não estudam porque não quer. Porque nem sequer sabem como é difícil para a gente estudar lá. Aqui o governo se for buscar lá um dá tudo e mais alguma coisa. Depois ainda há cursos pagos, que agora não há tanto por causa da crise mas até ao ano passado havia cursos, que eu estive a fazer um pago de técnica de auxiliar de farmácia e que existia uma turma lá, no mesmo estabelecimento que eu fazia, a fazer Bowen terapia e estava a ganhar quinhentos euros!

Aonde é que no Brasil a gente faz isso?! Isso são cursos técnicos, para a gente são cursos técnicos, e governo não paga nada. Agora é que existe um tal de um vale leite, vale pão, que minha mãe diz, lá, que até meus filhos tinham direito para ir buscar leite e ir buscar pão. Mais nada. Não tinha direito a mais nada. E aqui tem, é rendimento mínimo, é tantas coisas... E eu vejo aí os jovens nas drogas e aí na rua de sapatilhas de molas... E eu moro aqui ao pé de bairros e vejo. Eu tenho colegas aqui... E eu digo a elas: “ui, vocês reclamam de barriga cheia. Sabe lá o que tão a dizer. Vão para o Brasil. Queres, eu levo”. (risos) Mas eu já me habituei a viver aqui. A lidar com as pessoas... a saber lidar.

**E.: No geral, acha que tem uma vida melhor atualmente do que a que tinha quando deixou o Brasil?**

e.: Ui, muito melhor. Não tem nada a ver. Tem nada a ver mesmo. Eu aqui como pobre consigo viver. Lá nem sobreviver. Eu tive lá agora. Fui buscar a minha mãe. Chegamos dia dezasseis de Novembro. Fui buscar minha mãe e os meus dois filhos, que estavam lá já há cinco anos, e eu me assustei com aquilo. Primeiro o calor, porque não é normal. São quarenta e dois graus em cima da tua cabeça. Tens que andar nua e eu detesto. Sou brasileira, não gosto de andar nua. Eu amo estar aqui, vestir casaco, vestir roupa, mala, gola. Acho chique, elegante, acho bonito. Eu gosto, eu gosto. E eu digo: “Deus não me leva para lá. Não quero. Não quero ir”. Deus sabe, minha mãe é doida para voltar para lá mas eu não quero. Depois é a violência. Depois é todo o mundo descalço, só calção sem camisa, porque o calor ninguém aguenta. Ninguém consegue dizer assim “esta é uma pessoa que fez uma faculdade, que tem uma certa cultura, que tem isso... isto é uma pessoa muito humilde. Porque são tudo do mesmo jeito. Mais para o lado da praia é que a pessoa já vê aquelas zonas lá mais rica. Depois é os estudos. É para esquecer o público. É para esquecer, apesar de eu ter estudado em escola particular e mesmo assim senti muita dificuldade quando fui fazer meu curso aqui. A maneira de falar, o mesmo vocabulário e na faculdade e tudo é muito diferente. Eu acho que é muito diferente. Apesar, por mais que tenhas a cultura de lá chegas aqui tens um bocadinho de se adaptar com certas coisas. E em relação financeiramente. Quinhentos reias? Quem é que faz alguma coisa com quinhentos reias?! E eu andei lá nos camelões, que a gente chama aqui para as feiras, aqui. E andei no shopping... a gente não usa bota lá, umas sandália, para aí trezentos reais. Quer dizer, ganhas quinhentos tens que comprar trezentos reais numa sandália e depois como é que vai a água, a luz, renda, comida... não se consegue.

E eu admiro o Brasil no sentido de que... Porque eu nunca gostei muito, sabe? Do Brasil... Eu admiro porque por maiores dificuldades que as pessoas passam tão sempre feliz, tao sempre alegre. Têm uma fé, uma fé.... Independentemente da religião. Isto estou falando no meu Estado porque os outros eu não sei. E aqui muita gente tem tudo e reclama. Acorda de manhã...

**E.: Acha que há uma falta de fé? Sente essa diferença religiosa entre os dois países?**

e.: Eu acho. Independente da religião. Muito. E as pessoas aqui vivem o dinheiro. É o Deus dela é o dinheiro. Tu não escuta ninguém dizer assim: “hoje eu vou abdicar de estar com os meus amigos...”. Porque hoje é a reunião. Todos os... Não sei há quantos anos eu faço isso, vou jantar com os meus amigos, hoje vou abdicar para ir à católica ou a qualquer religião que seja. Vou falar com Deus, vou conversar com Deus. Hoje vou abdicar de assistir o jogo do Porto com o Benfica e vou orar no meu quarto ou vou rezar. E eu hoje vou deixar de ler o meu jornal e na hora de ler o meu jornal vou ler a Bíblia. E lá não. Eu estava morta na fé. Morta. E eu quando cheguei lá Deus me renovou. Chorei nos pés do Senhor, na minha Igreja lá, e vim restaurada em todos os sentidos. E nunca mais largo o meu Deus. Eu peço todos os dias a ele: “não me deixa cair, Senhor. Não me deixa cair, não me deixa cair.”

**E.: Vem praticamente todos os sábados... domingos...**

e.: Agora estou sem trabalhar vou todos os dias que tem: terças, quintas, sábados e domingo. Se pudesse ia todo o dia. Eu se pudesse, se chegasse no final do mês e caísse lá o dinheiro para pagar a minhas despesas eu não trabalhava mais para ninguém. Trabalhava para Deus.

**E.: Esse é uma das...**

e.: Estava na rua a pregar. Que eu gosto. Eu gosto. Deus capacita.

**E.: Essa é das razões pelas quais também está a tentar mudar para perto da Igreja? Para estar mais perto da comunidade?**

e.: Sim. E depois é assim, um dia eu vou contar o meu testemunho na Igreja. E eu quando saí dali trabalhava numa loja de ouro... E eu passei por muitas dificuldade porque eu morava com esse rapaz, depois que me separarei, e eu antes tinha a minha

vida estabilizada, mais ou menos. Trabalhava ali na loja de ouro, não ganhava, ganhava razoavelmente mas dava para mandar dinheiro para o Brasil e me manter aqui. Morava numa casa ali com minha filha só, depois ele veio morar comigo. E então eu fiquei desempregada. Fui para o fundo de desemprego e o fundo de desemprego para mim, como só trabalhei lá seis meses, era aquele fundo de desemprego social. Era quatrocentos euros. Então ele praticamente arcava com as despesas todas. Quando aconteceu a confusão toda eu tinha carro e tinha muito ouro porque eu comprava muito barato ali, apesar de eu não gostar muito (só gosto de ouro branco). E quando aconteceu a confusão toda eu fiquei praticamente na rua porque eu não podia pagar uma renda de quinhentos euros sozinha. O meu fundo de desemprego foi bloqueado, isto foi em Abril do ano passado, foi bloqueado e eu fiquei sem rendimento, sem nada. Eu tive que vender o meu carro, tive que vender o meu ouro todo para me mudar para um t1 que é em baixo dessa rapariga que está comigo (é como se fosse uma irmã para mim). E dizia assim: “Deus!” – eu chorava – “O que é que eu vou fazer da minha vida”. E fiquei mesmo desesperada. Desesperada. Eu disse: “que me falte tudo menos a minha filha”. E eu sou uma pessoa, para repreender não sou, já fui, muito orgulhosa. Eu não peço nada a ninguém. Não gosto de pedir nada a ninguém. Então ela, às vezes, chegava na porta de minha casa com um prato de comida para mim e com uma cola, que nunca me esqueço. É impossível esquecer isso. Mas tinha para a minha filha. Mas quando começou a acabar, o pai dela martela a minha cabeça até hoje: “porque é que tu não falaste, porque é que tu não pediste ajuda?”. Na época ele ficou desempregado também e então já não podia, ele dava sempre, mas já não podia dar como dava antes. Então e eu achava assim: “ele não é o pai. Porque é que eu tenho que pedir alguma coisa a ele? Se ele já dá por livre e espontânea vontade, estando separados?”. Nos damos muito bem, graças a Deus. E não sei, não me sentia bem, percebes? Não tinha na minha consciência aquela coisa... As pessoas diziam: “ponha na justiça”; e eu: “mas ele não está trabalhando”; “mas eu quero lá saber. Ele foi pai para registar”. E as pessoas não percebiam aquilo que estava-se a passar por dentro de mim. Eu não conseguia. Então passei mesmo por uma dificuldade terrível, terrível, terrível, terrível... Mesmo a minha opção. Eu procurei trabalho. Todo o mundo é minha testemunha. Porque julgar é muito fácil. Eu cheguei a ir para noite, aí trabalhar numa casa de copos, que eu conheci uma rapariga e eu vou-lhe dizer que foi a pior experiência da minha vida. Porque eu nunca pertenci àquilo. Nunca. Era como David, eu estava em pecado mas o meu coração não estava naquilo. E eu, às vezes, ia para a mesa lá e eu dizia assim: “mas vocês casados, vêm para cá...”, diante de

Deus, debaixo do sangue de Jesus como estou falando a verdade, “Vêm para cá, vossas mulheres em casa, mãe dos filhos...”. Começava a dar conselho. Daí a bocado estava a falar em Deus e eles me mandavam ir para a Igreja. Não me pagavam copos. Às vezes vinha para casa com cinquenta euros mas Deus permitia que o diabo me desse exatamente a quantia daquilo que eu precisava. Não era a mais, nem a menos. E eu dizia: “todo o mundo ganha um monte de dinheiro e eu não ganhava”. E eu não entendia o mistério. E não voltava para a Igreja. E eu chorei muitas vezes de noite, desesperada. Sabe o que é desesperada? Porque o que estava em mim era mais forte do que aquilo que eu estava fazendo. Porque eu mesmo em pecado falava com Deus. Eu dizia: “Deus toma providência na minha vida, Deus. Eu já não aguento mais”. E foi quando me afastei um bocado de falar com a irmã Ureni e tal, porque já tinha visto as agressões e tudo. Eu já não confiava em ninguém. Eu estava confusa. Minha cabeça estava de uma maneira que... E eu conheci uma pessoa que me ajudou e que não me faltava nada. Conheci nesse sítio. Não me faltava nada. Mas era casado. E nunca me deixou faltar nada, nada. E eu sempre fui sincera com ele, que não gostava dele mas que precisava da ajuda dele. Que se ele me quisesse ajudar era... Eu dizia assim a ele: “amizade, noivado, casamento, é uma troca”. Eu dizia sempre isso a ele. É uma troca. “Tu dás-me amor eu te dou amor. Eu te ajudo tu me ajuda”. E isto é assim. A vida infelizmente, ninguém quer dizer isso, mas é assim. Há casais aí a viver tantos anos por aparência e cada um paga o seu, é tudo dividido. E eu dizia assim: “no dia em que eu conseguir aquilo...”, e eu dizia tudo a ele. E, às vezes, despertava muita inveja nas pessoas ao redor porque a relação era tão verdadeira, e me custava muito porque era uma pessoa que tinha mais idade do que eu. Custava-me imenso, imenso, imenso, mas... E eu creio que Deus foi permitindo, porque tudo é permitido por ele. Eu não queria nada com Deus. Não voltava para Deus. Não tomava... Coloquei os meus propósitos, os meus objetivos acima de Deus, porque era trazer a minha mãe e os meus filhos e ter a vida que eu nunca tive. Porque o Diabo dá mas ele toma. E eu bebia e fumava e eu dizia assim: “quando a minha mãe estiver cá eu vou deixar de beber e vou deixar de fumar e vou mudar de vida”. E eu dizia a Deus. E Deus me proporcionou ir buscar a minha mãe e os meus filhos. Eu falava com ele mas ele nunca falou comigo. O silêncio do Senhor é horrível. Muito silêncio, muito silêncio. E eu não aguentei porque... E eu chegava a ir no shopping gastar horrores de dinheiro com roupa. E eu, quando vinha aquela angústia, quando vinha aquela coisa, era comprar. O meu negócio era comprar. Porque era aquilo que naquele momento me preenchia. E de noite? Porque ele nunca viveu comigo. E eu o

tratava tão mal, tão mal, tão mal que eu não sei como é que ele ficava comigo. E eu dizia assim: “Deus, eu quero mudar. Tira de mim.” E Deus foi moldando e eu fui sofrendo, sofrendo, sofrendo. E eu quando trouxe cá a minha mãe e os meus filhos eu tive um encontro com Deus no Brasil. E eu chorei nos pés de Deus e sabe o que é se arrepender, e sabes o que é tu ir para debaixo de um chuveiro e parece que a água não te limpa. E eu dizia assim: ”Deus essa água não me pode limpar mas tu podes limpar minha alma. E eu entrego a minha vida em tuas mãos a partir de hoje. Tu tomas conta dela porque eu não tenho força mais. Eu tenho três filhos para dar exemplo e minha filha já sofreu demais e os meus filhos também. Basta”. Nada vale a pena sem Deus, nada. Eu cheguei a essa conclusão.

**E.: Essa ida ao Brasil foi um reencontro consigo...**

e.: Foi. E queria saber, depois de cinco anos, se eu tinha vontade de ficar lá. Vim com mais vontade de ficar aqui e com aquela vontade de mudar de vida e fiz uma... Cheguei, chamei o meu Pastor aqui nesta mesa, e disse: “Pastor, eu tenho esta loja, eu tenho esta casa, não me falta nada. Eu tenho o meu carro. Não me falta nada, nada, nada”. Eu cheguei a gastar quatro mil euros de roupa para a minha mãe e para os meus filhos. E ele chegava a depositar oito mil, dez... Ele já gastou, para aí, mais de cem mil euros só comigo, nesses meses de Abril, mais para a frente, não sei mais ou menos o mês. Que ele tava em Cuba e tal e fazia tudo por mim. Quanto mais eu o mal tratava, mais ele parece que gostava de mim. Quanto mais eu era sincera, mais parece que ele gostava de mim. Eu queria afastar ele de mim mas eu queria que ele se cansasse de mim, percebes? Não dizer: “eu não te quero mais”, porque eu não queria magoar. Eu tenho a mania de pensar nos outros. E cheguei à conclusão de que se for assim não vai ser nunca. E eu fui à Igreja e Deus falou comigo. Uma no Brasil e duas aqui. E o Pastor disse: “filha, eu não vou-te dar conselho nenhum. Quem tem que tomar essa decisão é tu. Vamos orar”. E eu quando foi, isto foi num dia e quando foi no outro dia eu cheguei no Pastor e disse: “Pastor, eu já acabei tudo. Tomei a minha decisão”. Porquê? Ele chegou, ia fazer mais ou menos três meses que eu não tinha qualquer tipo de relação com ele e ele me cobrava. E eu já fazia isso que era para ver se ele me deixava. Porque qual é o homem que dá tudo a uma mulher e não tem nada com ela? E eu cheguei a contar ao meu Pastor e à mulher e eles ficaram assim, tipo: “não acredito”. Não disseram, mas ninguém acredita. Mas é a verdade. E ele não me largava. Então ele começou a me pressionar e eu disse a ele que estava indo para a Igreja, que não ia pecar



mais, que não queria, que não conseguia, que o meu casamento tinha acabado por causa disso. E era verdade. E que eu não tenho apetite, não tenho apetite... Eu não sinto... Para mim é indiferente. Eu já estou, vai fazer cinco meses, ou seis, mais ou menos, sem homem e não me faz falta. Não sinto nada, nada, nada, nada. Eu fui a psicólogo, a ginecologista, a um cirurgião plástico porque achava que tinha sido por causa da cirurgia da minha filha e está tudo bem. Não me pergunto porque esse propósito é mais para a frente. Deus vai-me mostrar. E acabei. Acabei, acabei. Ele chorou, chorou, parecia uma criança. Mas eu antes já vinha preparando. E ele: “não acredito, tu vais-me deixar por esse teu Deus. Não me acredito”. E eu disse: “vou”. Fechei a loja porque era ele que sustentava tudo e eu não podia...

**E.: Era uma loja de quê?**

e.: Sapatos. Por isso tem sapatos aí por todo o lado. Era uma loja que foi dada por ele e que ele gastou muito dinheiro lá mas eu não podia manter com aquilo, percebes? E eu estou a mudar de casa por isso. Porque Deus me aceitou de volta mas eu tinha de fazer um sacrifício. E sacrifício esse é que eu tinha de devolver tudo aquilo que tinha, devolver entre aspas porque eu não vou chegar e devolver, que ele não aceita. O carro foi ele também que me deu. Ele não aceita, ele não quer. Mas tive que me desfazer de coisas. Está a ver esta casa? Se você vê isto aqui e você vê a que eu vou para lá diz assim: “ai meu Deus”. Se calhar muita gente não tinha coragem de fazer isso mas a coragem não foi minha, foi Deus que me deu. E o propósito e o sacrifício é por Ele, porque Ele... E ele vai-me honrar e tem-me honrado, já. E eu só quero saber Dele. De mais nada. Um dia Deus vai-me dar um Verão assim verdadeiramente convertido. Que não me traia, (risos) isto é o principal, e que não me trate mal. E eu vou ser feliz. Eu creio nisto. Mas para já eu não quero porque ainda estou muito magoada, muito ferida e já vi muita coisa na minha vida.

**E.: Mas entretanto conseguiu reabrir a loja?**

e.: Não. Eu estou a pensar em reabrir mais para a frente. Mas agora não. Deixa estar aí os sapatinhos que são de Inverno. Vai vir o Verão e eu não tenho dinheiro para comprar coisas de Verão então também não valia a pena abrir agora.

**E.: Mas está a fazer algum trabalho?**

e.: Estou tentando vender. Vendo os pares pela internet e tudo, ainda tenho dinheiro, que não gastei tudo. Também não sou nenhuma burra. E ando a tratar de diminuir as despesas e tudo. E cheguei à conclusão que quando tu tens dinheiro tu és muito bem tratada, mesmo sendo brasileira, mesmo que por trás depois quando tu saís, beijinhos e tudo, e depois quando saís: “é brasileira. Às tantas tem um gajo aí cheio de dinheiro”, que eu já escutei assim. Mas eu já não ligo para mais nada. Não ligo mais porque eu me imponho. Eu acho que já passei... Porque eu cuspi muito para cima e dizia assim: “nunca, nunca na vida. Acha? Enquanto tiver pés e mãos nunca na vida ia para uma vida destas”. E estive oito meses lá. E vi muita coisa e, às vezes, já chamei muitas amigas à atenção (não tenho muitas amigas que estão casada), e acho que elas são muito inocentes mas fico calada na minha agora, porque eu vejo que não vale a pena. Não estou aqui para separar ninguém e os homens não valem mesmo nada. Os homens do mundo não valem mesmo nada.

**E.: A maior parte dos que vão à noite são homens com relações?**

e.: Casados. E eu acho que a mulher ela tem que saber escolher muito bem porque nós somos inocentes na mão deles. Eles nos manipulam de uma maneira... Eles conseguem dar a volta de uma maneira e se aproveitam do nosso amor, sabe? E eu acho que só orando e pedindo a Deus. Eu agora entendo porque é que Deus, muitas vezes, dizia assim: “daqui. Tem de ser daqui. O teu Varão é daqui”. E eu teimei. O pai dos meus filhos não era crente, fui eu que levei para a igreja e aceitou mas durante cinco anos foi uma maravilha e depois só traições, traições. Eu não admito e eu acho que quando apanhei, quando fui agredida, eu acho que era mais fácil suportar isso do que a traição. É até um pecado dizer isso que é para Deus não escutar e apanharem também as mulheres. Mas nem uma coisa, nem outra é admissível mas eu acho que a traição dói na alma porque tu estás ali, cuidas de casa, cuidas de filho, tem amor pela pessoa... Porque eu acho que quando uma mulher ama um homem ama mais que ele ama a nós porque eles conseguem trair. E eu acho que a mulher quando ama mesmo não consegue. Digo por mim, eu não consigo. Eu de jeito nenhum eu consigo. Nenhum, nenhum, nenhum. Se eu não gostar, isto é outros quinhentos. Se não tiver um relacionamento fixo, certo, é diferente. Eu se calhar dou uns beijinho ali num ou noutro. Acho que todo o adolescente já fez, todo o jovem faz. Isto acho que é normal. Apesar de não ser certo. Mas trair, trair dói muito. Eu chorei tanto... duas vezes. Tanto, tanto. Parecia que meu mundo tinha acabado, parecia que os meus pés não se seguravam no chão. E eu não admito. Então

agora: “Deus, eu só quero um que não me traia”. Prepare assim... Deus me dava e eu não queria. Porque eu tive namorados crentes mesmo, de lá, igual a mim criados dentro da Igreja e não quis. E eu agora, homens do mundo deixa lá eles bonitinhos, fofinhos, loirinhos moreninhos, todos lá. Quem quiser pode carregar. Levem eles para si. Eu não quero. Deus prepara. Deus também pode-me dar um bom homem e transformar. Mas ele primeiro tem que transformar para depois me dar. Não vai ser eu a estar ali na luta. Não! Não quero mais isso.

**E.: E alguma vez teve problemas, por exemplo, quando veio entrou com um visto turístico em Portugal, teve problemas com regularizações?**

e.: Não. Nunca tive. Nunca tive problemas. Olha, depois de estar... Porque eu sempre trabalhei....

**E.: Conseguiu sempre regularizar...**

e.: Sim. Só agora para o fim dos meus anos de cá estar é que eu passei por essa dificuldade que não tive mesmo opção. Porque, e eu digo até hoje: “se eu tivesse de voltar para aquilo, meu Deus, eu preferia que Deus me matasse”. Mas foi mais por causa dos meus filhos, porque eu não sou muito de luxo apesar da gente gostar de coisas boas. Mas pronto, eu não sou muito de luxo e a pessoa que estava comigo também só me ajudou porque sabe o caráter que eu tenho e sempre foi sempre tudo para eles. Tudo. Nunca nada para mim. E ele brigava, às vezes, comigo porque eu dizia: “vou comprar uma blusa ali no chinês para mim porque é mais barato”. E ele ficava bravo comigo. Porque é que para eles era tudo do bom e para mim não? Que eu também tinha que me cuidar. Mas eu sempre fui assim. Sou mãe coruja. E gosto...

**E.: E hoje tem os três aqui?**

e.: Tenho os três.

**E.: E eles com que idade é que estão?**

e.: Tenho um com nove, outro com sete e ela vai fazer quatro. Tem três.

**E.: E os mais velhinhos como é que vêm esta vinda para Portugal?**

e.: O mais pequeno não gostava muito, no início, porque deixou lá a avó, a bisavó. E fazia lá o mingau dele e tal. O mingau no biberão. Ele com sete anos ainda toma

biberão. E eu já disse a ele que ele vai...“Vou dizer às meninas na escola”. (risos) Mas pronto. Minha mãe que pôs esse hábito. São muito mimados. Mas agora já estão habituado. Gostam daqui. Eu digo: “vocês”, quando ela começa a dizer que quer ir embora para o Brasil: “eu vou comprar sua passagem. Vamos embora para o Brasil”, “vocês querem ir com a avó ou querem ficar com a mãe?”, “quero ficar com a mãe”.

**E.: A sua mãe estava a trabalhar no Brasil?**

e.: Não, não. Eu é que sustento. Porque ela trabalhava mas não tinha quem ficasse com os meus filhos. Eu pagava a uma pessoa para tomar conta. Só que eles ficavam muito doentes e não. Mais vale... Não é por estar pagando... Não falta nada. Tudo para o que ela precisa eu dou, então não é preciso trabalhar.

**E.: Não tinha, o seu pai também não...**

e.: O meu pai... A minha mãe é separada do meu pai. O meu pai era oficial de justiça no Brasil e ele sofreu um assalto. Então ele andava de pistola, andava armado porque era o trabalho dele. Ele atirou no gajo, matou mas o gajo chegou a atirar-lhe e ele na sala de cirurgia sofreu um AVC. Então ele já vive com outra mulher, tem três filhos com outra, mas ele, tipo, uma parte do corpo... Não fala, anda com muita dificuldade e não trabalha mais. Ela toma conta dele. É como uma criança.

**E.: Portanto, os seus filhos estavam só...**

e.: Com a minha mãe e a minha avó.

**E.: A sua mãe o que fazia antes de deixar de trabalhar?**

e.: Já trabalhou em fábricas e trabalhou de empregada doméstica. Mas ela ainda fazia mesmo com os meus filhos. Era samaritana lá da rua. Quando iam ter bebé, porque aqui não há muito disso, mas pronto.

**E.: Agora não há mas já tivemos mais.**

e.: Já. Ela vai na casa de um, na casa de outro ajudar e as pessoas pagam a ela para ir fazer uma faxina. Ganhava ali logo, se calhar ganhava mais do que eu se estivesse lá. E pronto, mas não era um trabalho fixo, não era uma coisa fixa. Ela ia para casa de uma irmã fazia lá faxina ganhava o dinheiro dela, ia para casa da irmã Neide fazia lá faxina e

ganhava o dinheiro dela. Essas eram certas mas não era nada com contrato, assim essas coisas fixas. Mas pronto.

**E.: E já convenceu a sua mãe a ficar cá?**

e.: Isso não. Isso tem que ser Deus. Mas já disse a ela que ela tem de ficar é aqui para já. Minha mãe é Evangélica, também.

**E.: Esqueci-me de lhe perguntar, antes de ir à Assembleia de Deus procurou outra Igreja ou esteve sempre aqui no Porto...**

e.: Não. Procurei muitas. Fui a muitas. Até chegar... A encontrar uma assim que se assemelhasse à minha. Não é muito semelhante porque é Assembleia e lá eu era Batista, e minha Batista apesar de ser renovada é um bocado tradicional. É renovado só no nome. E pronto, aqui é mais, é diferente do Brasil. As igrejas são diferentes. Principalmente não pode ser...

**E.: Procurou, no fundo, a mais parecida com o estilo que estava habituada...**

e.: A mais parecida.

**E.: E está lá há quanto tempo, mais ou menos?**

e.: As vezes que já fui e já voltei... Agora estou há dois meses ou três, mais ou menos. Agora. Fixa, mesmo. Congregando. Antes visitava, estava, não estava. Era aquela coisa. Não conta. Agora mesmo... É mais ou menos isso. Já era batizada no Brasil, já era batizada na Igreja e já estava lá desde os catorze. Só saí quando vim para Portugal.

**E.: E já levou também a sua mãe à sua Igreja aqui?**

e.: Sim, ela vai. Desde a primeira vez. Porque eles mandam uma carta de recomendação e a gente entrega na Igreja que é para congregar. Porque aquela recomendação é dizendo que a pessoa é realmente batizada e que já congrega e que está a tentar ser santo. Pronto, que ninguém é santo.

**E: Acho que já lhe fiz todas as perguntas. Não sei se tem mais alguma coisa que gostasse de acrescentar?**

e.: Acho que contei foi demais. (risos) Você tem aí história para passar nas faculdades toda.



| <b>Análise vertical à entrevista n.º 10</b>  |   |   |
|--|---|---|
| <b>Inquérito ADCP _ 6</b>  |   |   |
| <b>Dimensões e categorias de análise</b>   | <b>Dados/ Sínteses</b>  | <b>Excertos</b>   |
| <b>I. Dimensão social</b><br><br><b>Caraterísticas sociodemográficas</b><br><br><b>Zona de residência</b><br><br><b>Composição de classe</b> | <b>Género:</b> feminino<br><b>Idade atual:</b> 31<br><b>Idade de emigração:</b> 24<br><b>Nível de escolaridade no Brasil:</b> ensino médio/profissionalizante completo<br><b>Nível de escolaridade em Portugal:</b> equivalência ensino secundário<br><b>Concelho e freguesia de residência:</b> Porto, Paranhos<br><b>Composição étnica das vizinhanças:</b> só portugueses<br><b>Última ocupação no Brasil:</b> secretária jurídica<br><b>Primeira ocupação em Portugal:</b> vendedora em roulotte<br><b>Ocupação atual em Portugal:</b> vendedora em sapataria, da qual é proprietária |   |
| <b>II. Percursos migratórios</b>   | <b>Tempo de permanência:</b> 7 anos<br><b>Tipo de rede migratória:</b> legal, visto de curta duração<br><b>Com quem veio:</b> sozinha<br><b>Aprofundamento das razões de vinda para Portugal</b>  | <p>“ Não, eu nunca pensei em vir para cá, sinceramente. Só que eu era casada e já era Evangélica e as coisas não correram muito</p> |

Traída pelo ex-marido, com um filho e grávida de outro, teve a proposta de vir trabalhar para Portugal e veio à procura de melhores condições de vida, até porque o trabalho que tinha no Brasil era mal remunerado.

### **Dificuldades encontradas em Portugal**

A entrevistada teve sobretudo problemas no campo relacional e amoroso com consequências em outras esferas, como no emprego e qualidade de vida.

O primeiro local onde residiu em Portugal foi na Madeira, onde tinha uma amiga que foi visitar. Na Madeira apaixonou-se, ficou noiva e decidiu ficar, mudando os planos de vir para Portugal continental trabalhar com os portugueses que lhe tinham proposto trabalho. Porém, o facto de ser brasileira e ter dois filhos era uma situação que a família do noivo não aceitava e os conflitos conduziram a que decidisse deixar o noivo e, finalmente, vir para o continente.

Já em Lisboa, consegui trabalho, mas também decidi “aproveitar” a vida. Considera que tinha uma vida muito “presa” no Brasil e em Lisboa passou a sair muito, sobretudo em grandes noites. Nessa altura fica grávida do terceiro filho e, entretanto, fica desempregada. Com o pai do terceiro filho envolvido em drogas, a entrevistada fica novamente numa situação complicada. Altura em que conhece outra

bem. Houve traições e eu não esperava porque, pronto, era o homem que eu tinha idealizado para mim, para o resto da minha vida. E, na época, eu trabalhava num escritório de advocacia e me propuseram eu vir para cá. Um casal de português me ajudaram. Foram eles que me ajudaram porque eu estava a ganhar muito pouco lá e tinha um filho e estava grávida de outro. Entretanto, ponderei aquilo que eles tinha-me proporcionado e aceitei. E vim para cá.”

“ Então voltei para a Madeira para ficar lá porque eu estava lá na casa da minha amiga. Só que depois eu conheci lá um rapaz e, pronto, já não quis vir-me embora para cá. Os planos mudaram totalmente porque comecei a trabalhar num café, fiquei noiva... Tive lá um ano. Durante um ano. Estive um ano na Ilha da Madeira. Os planos que eu tinha planejado já não... (...) E depois de um ano, pronto, o noivado não deu muito certo por ser brasileira e a família não aceitava. Ele era o único solteiro. Tinha oito irmãs casadas e um irmão. Eu só me dava bem com o pai e com a mãe e com o irmão. As irmãs nunca...(...) Por ser brasileira. Por ser brasileira e ter dois filhos. Porque já tinha meus dois filhos. E eu aguentei o máximo que pude e ele era espetacular, uma pessoa boa. Não foi culpa dele mas ele não se impunha. Deixava mandar... Faziam ele de gato-sapato e eu cheguei ao ponto a dizer: “fogo, eu não quero um homem que não se impõe. Que não...”. E pronto, refleti e achei que não era...”

“ E cheguei à conclusão que aquilo não vale nada, mas pronto. Depois foi quando conheci o pai da minha filha, que é guineense, e fiquei grávida. Depois a minha vida desandou um bocadinho. Fiquei sem trabalho, dividi um apartamento com uma portuguesa, ela sumiu, desapareceu e eu fiquei com as despesas todas e eu me vi, assim, num sufoco de vida. O pai da



|  |  |   |
|--|--|---|
|  | <p>         pessoa com quem acaba por casar. A vida corria-lhe finalmente bem até ao dia em que foi vítima de violência doméstica. Decidiu deixar o atual ex-marido e, em condições novamente muito difíceis, acaba por ir trabalhar na noite, num bar (sobretudo para homens) onde a sua função era aproximar-se dos clientes e instigá-los a consumir bebidas. É neste bar que conhece um homem que lhe deu uma casa, um carro e lhe montou um negócio. Um homem casado, com muito dinheiro e que a sustentou até ao dia que decidiu mudar de vida e reencontrar-se com Deus.       </p> | <p>         minha filha não faziam coisas muito certas, se envolveu com droga e tal. E andamos fugido e eu me via meia desamparada. Foi quando conheci o meu marido. Ex, que estou separada. E que é o pai que a minha filha conhece porque eu quando o conheci eu disse: “estou grávida de um mês”. E ele: “ e qual é o problema disso?”. E é português.”       </p> <p>         “A menina precisava ver como é que ficou a minha cara. Como é que eu fiquei... Esta rapariga que está aí, que é a Jaqueline, foi a que me ajudou na hora. Ele quase me mata. Foi a primeira vez, foi a segunda e à terceira quase me mata. Eu já não estava com ele. Foi na porta da minha casa... E eu estava com a minha filha. A minha filha presenciou aquilo tudo. E era um homem que durante seis meses eu dizia: ”ai meu Deus, este é o homem da minha vida. Como é que pode? Este homem não tem um defeito... É impossível. Tem que ter alguma coisa.” Eu não acreditava naquilo que estava vivendo. E se transformou num monstro. Manipulador, muito manipulador. E ele, se a pessoa não conhecia...”       </p> <p>         “ Então passei mesmo por uma dificuldade terrível, terrível, terrível, terrível... Mesmo a minha opção. Eu procurei trabalho. Todo o mundo é minha testemunha. Porque julgar é muito fácil. Eu cheguei a ir para noite, aí trabalhar numa casa de copos, que eu conheci uma rapariga e eu vou-lhe dizer que foi a pior experiência da minha vida. Porque eu nunca pertenci àquilo. Nunca. (...) Porque eu cuspi muito para cima e dizia assim: “nunca, nunca na vida. Acha? Enquanto tiver pés e mãos nunca na vida ia para uma vida destas”. E estive oito meses lá.”       </p> |
| <p> <b>III. Dimensão cultural</b> </p> | <p> <b>Redes à chegada a Portugal</b><br/>         Uma amiga que reside na Madeira e o casal de portugueses       </p>   |   |

|   |  |   |
|---|--|---|
| <p><b>Redes de sociabilidade</b></p>        | <p>que lhe propôs trabalho.</p> <p><b>Redes de sociabilidade primárias</b></p> <p>Vive com a mãe e os filhos, dois dos quais nasceram já em Portugal.<br/>As suas relações são maioritariamente interétnicas com portugueses. Afirma que atualmente só se relaciona com brasileiros na Igreja.</p> <p><b>Aprofundamento das disposições relativamente aos grupos com que o entrevistado se relaciona menos ou não se relaciona e as justificações em torno dessa situação.</b></p> <p>Culpa muitos brasileiros em Portugal por serem responsáveis pela imagem generalizada que os portugueses têm dos brasileiros e, por isso, procurou afastar-se dessa imagem, afastando-se dos brasileiros.</p> | <p>“ Enquanto eu andava ali a trabalhar, me matar a trabalhar, e a tentar ter uma vida honesta, digna... E eu era tratada como as outras que estavam aí a usufruir e tal. E eu tinha raiva disso. E eu me afastei de uma maneira dos brasileiros que hoje quase não tenho amizade com brasileiros. Só tenho com os da Igreja. As minhas amigas são todas portuguesas.”</p>  |
| <p><b>Estereótipos e representações</b></p> | <p><b>Relato de situações em que foi vítima de preconceito e/ou discriminação</b></p> <p>Quando fazia limpezas para uma empresa sentiu-se explorada e maltratada por ser brasileira.<br/>Sentiu mais o preconceito no Porto do que em Lisboa e na Madeira, o que considera estar associado ao facto de no Porto existirem mais casas de prostituição. No entanto, também se sentiu mais acolhida pelos portugueses do Porto.<br/>Atualmente, afirma, entende o preconceito e diz saber lidar com ele.</p>  | <p>“Talvez agora sinta-me mais segura em relação à discriminação mas sempre sofri discriminação. Vim para Lisboa através de uma amiga, fui trabalhar numa empresa de limpeza que prestava serviço para <i>Holmes Place</i>, e lá sofri as piores coisas que só em televisão. Humilhações, berros, gritos... Ganhava um euro e oitenta e seis à hora. Exploração! E eu suportei tudo aquilo porque eu precisava trabalhar e ganhar dinheiro para os meus filhos.”</p> <p>“Eu acho que em Lisboa e na Madeira não é tanto. Eu acho que no Porto é muito pior o preconceito por ter muitas casas da noite e muita prostituição. Em Lisboa também há, mas não é tanto como aqui. E eu acho que aqui é muito mais. Mas eu acho que</p> |

**Perceber se os estereótipos em relação aos brasileiros têm fundamento; se favorecem ou dificultam a integração dos brasileiros em geral na sociedade portuguesa; e se favorecem ou dificultam o estabelecimento de relações sociais.**

Considera que os brasileiros são, em parte, culpados pela imagem que os portugueses têm deles. Uma situação que a

também as pessoas aqui são mais acolhedoras de que em Lisboa. Eu vivi três anos em Lisboa. Morei num bairro social, num dos bairros perigosíssimos, que era o bairro de Santa Filomena, e eu me sentia mais acolhida pelos pretos e pelos traficantes e pela aquelas pessoas mais simples e humildes do que mesmo pela polícia, mesmo pela sociedade, aquela que eu estava acostumada a lidar já no Brasil e que esperava encontrar aqui. Mas vim bem orientada porque eles me disseram: “a brasileira lá é muito mal visto”. Eu tive cinco horas presa dentro do aeroporto para passar e eles só diziam assim, eu não percebia direito, e eles só diziam assim: “a menina é uma menina de cor muito gira” e eu “que danado é «é muito gira de cor»?!”. Eu achava que eles estavam-me a insultar.”

“Às vezes eu estou na rua, ou qualquer coisa, e umas olham assim quando vê que a pessoa é brasileira. (rosna) Parece aqueles cão que olham assim com aquela raiva. E eu rio. Eu rio porque eu agora entendo. Se calhar antes entendia mas não tinha maturidade para distinguir as coisas e entendo que são pessoas, como é o que o meu professor chama, ignorantes. E pessoas ignorantes são pessoas que não sabe do assunto mas estão aí a lutar e é aquilo e pronto. E pensam que sabem. São pessoas ignorantes porque nem todo o mundo é igual. A gente vê tanta coisa...”

“ Enquanto eu andava ali a trabalhar, me matar a trabalhar, e a tentar ter uma vida honesta, digna... E eu era tratada como as outras que estavam aí a usufruir e tal. E eu tinha raiva disso. E eu me afastei de uma maneira dos brasileiros que hoje quase não tenho amizade com brasileiros. Só tenho com os da Igreja. As minhas amigas são todas portuguesas.”

“ E conheci lá muitos brasileiros e eu acho que a sociedade

|                              |  |   |
|------------------------------|--|---|
|                              | levou, inclusive, a afastar-se.  | brasileira que está cá, eu às vezes digo uma coisa que não sei se está muito correta mas eu costumo, quando estou com raiva, dizer assim: “Aqui só tem o lixo do Brasil. Dez por cento se salva, o resto nenhum presta”. Porque eu, apesar do preconceito em relação aos brasileiros, eu comecei a enxergar que eles tinham muita culpa no cartório.”   |
| <b>IV. Dimensão política</b> | <b>Vivência de uma situação de irregularidade ou ilegalidade perante as autoridades portuguesas</b><br>Não.  | “Não. Nunca tive. Nunca tive problemas. Olha, depois de estar... Porque eu sempre trabalhei...”   |
|                              | <b>Estatutos especiais</b><br>Não.   |   |
| <b>V. Auto percepções</b>    | <b>Percepção da própria situação de integração</b><br><br><b>Percepção da sua qualidade de vida atual</b><br><br>Apesar de todas as dificuldades e da vida atribulada que teve em Portugal, considera que vive melhor aqui. Por outro lado, não quer regressar ao Brasil porque já não se sente bem com o calor e teme pela violência.<br>Admira os brasileiros no Brasil porque os considera mais felizes e mais crentes em Deus. |   |
|                              |  | Ui, muito melhor. Não tem nada a ver. Tem nada a ver mesmo. Eu aqui como pobre consigo viver. Lá nem sobreviver. Eu tive lá agora. Fui buscar a minha mãe. Chegamos dia dezasseis de Novembro. Fui buscar minha mãe e os meus dois filhos, que estavam lá já há cinco anos, e eu me assustei com aquilo. Primeiro o calor, porque não é normal. São quarenta e dois graus em cima da tua cabeça. Tens que andar nua e eu detesto. Sou brasileira, não gosto de andar nua. Eu amo estar aqui, vestir casaco, vestir roupa, mala, gola. Acho chique, elegante, acho bonito. Eu gosto, eu gosto. E eu digo: “Deus não me leva para lá. Não quero. Não quero ir”. Deus sabe, minha mãe é doida para voltar para lá mas eu não quero. Depois é a violência. Depois é todo o mundo descalço, só calção sem camisa, porque o calor ninguém aguenta.”<br>“ Quer dizer, ganhas quinhentos tens que comprar trezentos reais |

|                    |  |   |
|--------------------|--|---|
|                    | <p><b>Perceção em relação ao futuro: intenção de regressar ao Brasil</b></p> <p>Não pensa regressar ao Brasil, apesar de saber que a sua mãe tem essa vontade.</p>   | <p>numa sandália e depois como é que vai a água, a luz, renda, comida... não se consegue. E eu admiro o Brasil no sentido de que... Porque eu nunca gostei muito, sabe? Do Brasil... Eu admiro porque por maiores dificuldades que as pessoas passam tão sempre feliz, tao sempre alegre. Têm uma fé, uma fé.... Independendo da religião. Isto estou falando no meu Estado porque os outros eu não sei. E aqui muita gente tem tudo e reclama. Acorda de manhã...”</p> <p>“ E aprendi muita coisa para sobreviver aqui, para conseguir sobreviver. Mas eu adoro esse lugar. Não se deve dizer adorar que é pecado. Eu gosto de cá e gosto muito. Eu digo à minha mãe que para voltar para o Brasil só se mesmo Deus quiser. Passei por muitas coisas, aprendi muita coisa. Vivi com brasileiros que me roubaram, convivi com pessoas que... Porque eu vim com um ensinamento muito da Igreja porque eu desde os catorze ano que tudo o que eu sabia de vida e o que é que devia-se fazer e como se devia fazer eu aprendi lá. E, infelizmente, não se pode usar muito cá fora porque... Tens que ter sabedoria. Usar mas saber com quem. Não pode ser muito bom, também não pode ser muito mau. Tem que ponderar tudo. E eu aprendi muito, muita coisa.”</p> |
| <p><b>ADCP</b></p> | <p><b>Vivências religiosas anteriores</b></p> <p>É evangélica desde pequena. No Brasil tinha uma vida muito regrada pela Igreja batista. Em Portugal afastou-se durante muito tempo da fé. Foi procurando e entrando em algumas igrejas, mas nunca permanecia muito tempo.</p> | <p>“ Sim, cheguei a participar. Longe, muito longe. Não é como aqui, que aqui tem muitas. Muito longe... Tínhamos que subir um morro lá, uma montanha que agora já não me lembro onde é. Íamos de carro e eu cheguei a ir muitas vezes só que depois, pronto, muito trabalho... E tu não tens tempo para Deus, que esse é o erro.”</p> <p>“ Procurei muitas. Fui a muitas. Até chegar... A encontrar uma assim que se assemelhasse à minha. Não é muito semelhante porque é Assembleia e lá eu era Batista, e minha Batista apesar</p>  |

**Aprofundamento das razões e motivações subjacentes à  
pertença à ADCP**

Na ADCP encontrou o culto mais próximo da sua Igreja Batista no Brasil e, por estar numa fase de mudança, decidiu passar a congregar com regularidade.

Na ADCP, mais do que a vivência da fé – porque essa, afirma, pode ser vivida sem ir à Igreja –, a entrevistada considera que encontrou a partilha. Partilha com os outros o reconhecimento do pecado, a vontade de se ajudarem mutuamente e de salvar o mundo.

de ser renovada é um bocado tradicional. É renovado só no nome. E pronto, aqui é mais, é diferente do Brasil. As igrejas são diferentes.”

“ As vezes que já fui e já voltei... Agora estou há dois meses ou três, mais ou menos. Agora. Fixa, mesmo. Congregando. Antes visitava, estava, não estava. Era aquela coisa. Não conta. Agora mesmo... É mais ou menos isso. Já era batizada no Brasil, já era batizada na Igreja e já estava lá desde os catorze. Só saí quando vim para Portugal.”

“E o mundo me endureceu um pouco. Foi-me endurecendo, me endurecendo pelas pancadas que levei. E hoje chego à conclusão que é assim: se tens fé, Deus te livra de tudo. Tens é que ter fé e crer em Deus. E a Igreja não é só uma busca espiritual. Não é só, porque a busca espiritual tu podes ter em casa, tu podes ter com o teu irmão na rua, tu podes ter no teu trabalho com os teus colegas, se houver amor. Tu conhecendo a palavra isto mas eu digo... É uma comunhão. É todos ali a lutar pelo um só propósito porque nós todos temos falhas, somos pecadores mas é bonito reconhecer. (...) Porque se a gente for tourar uma tora ela parte, mas se a agente for tourar um monte delas é mais difícil. E estamos ali, todos somos falhas, todos somos pecadores. (...) Mas estamos ali reunidos, a buscar um só propósito – aquele propósito de ajudar, de fazer a vontade de Deus, de querer salvar o mundo.”

“E eu quando trouxe cá a minha mãe e os meus filhos eu tive um encontro com Deus no Brasil. E eu chorei nos pés de Deus e sabe o que é se arrepender, e sabes o que é tu ir para debaixo de um chuveiro e parece que a água não te limpa. E eu dizia assim: ”Deus essa água não me pode limpar mas tu podes limpar minha alma. E eu entrego a minha vida em tuas mãos a partir de hoje.

### **Ajudas que encontrou na ADCP**

Entre as inúmeras dificuldades que passou em Portugal foi na ADCP que encontrou apoio. Sobretudo apoio emocional numa altura em que estava fragilizada. Ajudas financeiras, afirma, não obteve porque a própria Igreja não tem essa facilidade.

Tu tomas conta dela porque eu não tenho força mais. Eu tenho três filhos para dar exemplo e minha filha já sofreu demais e os meus filhos também. Basta”. Nada vale a pena sem Deus, nada. Eu cheguei a essa conclusão.”

“ E depois passei por dificuldades financeiras e muitos problemas porque a gente vai trabalhando mas os empregos não são fixos. Foi quando cheguei tipo no fundo do poço e era a hora de correr para Deus. Porque a gente pensa que temos amigos e não temos. E eu acho que os nossos amigos é o nosso pai e a nossa mãe, independente das falhas que ele tenha. E quando eles não estão cá é um bocado complicado. E eu tive muita ajuda naquela Igreja. Muita ajuda de apoio sentimental, de apoio emocional, mesmo. Não financeiro porque eles, tadinhos, não podem ajudar financeiramente, mas eu já fui vítima de violência doméstica por um português, que acho que é por isso que eu abominei os homens da minha vida. Depois do pai da minha filha eu conheci uma pessoa, e tal, que até estava na Igreja comigo, que a família também não aceitava por isso...

## Transcrição de entrevista n.º 11

|                                 |  |
|---------------------------------|--|
| <b>Entrevistado</b>             | Homem, 33 anos, “Obreiro”  |
| <b>Data da entrevista</b>       | 21 de março de 2012  |
| <b>Local da entrevista</b>      | Residência do próprio  |
| <b>Duração da entrevista</b>    | 48m40  |
| <b>Hora de início (aprox.)</b>  | 18h30  |
| <b>Hora de término (aprox.)</b> | 19h20  |
| <b>Notas:</b>                   | A esposa do entrevistado presenciou parte da entrevista e, a dada altura, interveio também (e2). |

**E.: Disse no questionário que está aqui desde 2007. Não sei se está aqui no Porto, se veio...**

e.: Não. No Porto.

**E.: Veio diretamente para o Porto?**

e.: Sim.

**E.: Como é que era a sua vida antes de imigrar? Ou seja, no fundo, aqui diz-me que veio à procura de trabalho, de melhores condições de vida... O que é que no Brasil lhe faltou, no fundo, para decidir...**

e.: E quer que... Eu sou sincero, você sabe...

**E.: É para ser sincero (risos).**

e.: Eu vim induzido a ganhar dinheiro. Lá eu trabalhava, eu tinha a minha casa, eu tinha tudo e falaram para mim: “vai para Portugal que tu vais ganhar muito dinheiro”. E larguei tudo. Larguei minha esposa, minha filha... Larguei tudo e vim. Cheguei aqui, como se diz, você solta um cego na rua, um cego vai-se guiar mais do que eu. Foi como eu cheguei aqui em Portugal.

**E.: Mas algum negócio que lhe propuseram?**

e.: Sim, negócio, trabalho. Cheguei aqui não tinha nada.



**E.: E o que é que eles ganharam em trazê-lo para cá, sem nada?**

e.: Eu é que perdi. Perdi dinheiro, perdi tudo. Mas fui gostando, gostando, gostando e fui continuei.

**E.: Mas entrou aqui com visto turístico?**

e.: Não.

**E.: Já trazia visto de residência para trabalho?**

e.: Não. Ilegal. Eu vim do Brasil para a Alemanha. Da Alemanha é que eu vim para aqui. Então, quando eu vim para aqui...

**E.: Fez o trajeto de carro depois da Alemanha para cá?**

e.: Não. Voo.

**E.: Voo, também.**

e.: Voo. Parei aqui. E pronto, fui gostando, gostando. Apesar das dificuldades fui gostando, gostando, gostando. Como eu gosto de Portugal! Não vou dizer para você que não gosto. Não estou aqui hoje por causa de dinheiro. Não. Estou aqui envolvido mais é com a igreja, como você já viu. E pronto, eu tenho uma vida tranquila aqui. Gosto. Mas dinheiro não... Eu almejo dinheiro. Dizer assim que eu não almejo dinheiro... Gosto de dinheiro, ter dinheiro, ter minhas coisas mas...

**E.: O que é que fazia no Brasil?**

e.: Eu era segurança. Fazia segurança pessoal, segurança no banco. Muito pouco banco. É mais pessoal: deputado, prefeito, essas coisas. Pessoa procurava a gente, era uma empresa, e contratava a gente e a gente fazia desconto.

**E.: E quando veio para cá pensava que vinha fazer o quê, nesse negócio que acabou por não resultar?**

e.: Mexer com ar condicionado. E pronto, acabou. Não deu certo.

**E.: Quando percebeu que esse negócio não existia começou a procurar emprego... Foi difícil?**

e.: Fiquei quase um ano parado. Os mil euros que eles propuseram para a gente entrar em Portugal, na época, eu gastei eles com três meses. Três meses eu gastei mil euros que foi empréstimo no Brasil. E pronto, aquela bola de neve foi gerando, gerando, gerando e no fim já não estava mais dinheiro, nem casa, nem emprego, nem nada.

**E.: Quando é que consegue arranjar algum trabalho? Ao final de um ano?**

e.: Ao final de um ano.

**E.: E o que é que começou a fazer?**

e.: Frutaria. Motorista de entrega de frutaria. Mercado.

**E.: E perante o SEF enfrentou alguns problemas depois quando procurou legalizar-se?**

e.: Muitos. Em 2008 eu vi que aqui eu gostava daqui, me residi aqui em Portugal, então procurei-me legalizar, sendo que a dificuldade entre o SEF... Saiu uma lei do artigo oitenta e oito, parágrafo nove, salvo erro, que dava para quem teria naquele ano aqui a concessão do visto de residência. Como eu estava no intuito de me legalizar tive que pagar as coimas todas. Eu paguei, na época, acho que foi mil e pouco euros, mas estou resolvido. Resolvi tudo.

**E.: E como é que caracteriza o serviço do SEF?**

e.: O SEF hoje é um portal, não é um serviço, é um portal de integração acho que para todos aqueles, não só os brasileiros mas o mundo estrangeiro que abriga o SEF, que hoje o SEF tem tornado acho que mais difícil a entrada do imigrante a Portugal devido à crise.

**E.: Mas nunca se sentiu mal tratado...**

e.: Não porque é assim, minha maneira de pensar... Pronto, cheguei lá sempre, sempre soube dialogar, sempre soube conversar, sempre soube mostrar os meus problemas a perante a um juiz, a um coronel, um comandante... Então foi resolvido pacificamente, tudo.

**E.: Quando, no fundo, chega aqui e se depara com essa situação de um negócio que não funciona, alguém o ajudou? Conhecia aqui alguém, tinha já alguns conhecidos? Alguma instituição, não sei.**

e.: Não. Não tinha instituição. Tive um auxílio de outro brasileiro que, por intermédio do patrão dele que eu vim para aqui induzido ao trabalho. Chegando mesmo aqui no Porto o patrão dele disse que não haveria mais trabalho, não teria moradia, não teria nada. Se eu quisesse poderia trabalhar mas não me pagaria. Então, foi na altura, pronto, que eu...

**E.: Então foi esse colega brasileiro que o ajudou?**

e.: Que me ajudou. Ele que praticamente falou comigo: “você vem para aqui que eu estou trabalhando nesta empresa”. Passado o quê, dois meses, ele foi mandado embora, também, dessa empresa. Mas foi com o auxílio dele que eu vim para aqui.

**E.: E relativamente à religião, já era evangélico no Brasil?**

e.: Já. Graças a Deus, já.

**E.: Pertencia à assembleia de Deus?**

e.: Sim. Pertencia à assembleia e nós brasileiros, pronto, eu digo os cristãos, não só brasileiros, os cristãos em geral, chegando à terra determinada muitas vezes esquecemos muito de Deus. Foi no meu caso. Vi que o mundo estava-me sufocando aqui em Portugal quando eu cheguei. Gastava só dinheiro, saía sem direção, saía para todos os lados que você possa pensar. Até um ponto, eu achei que Deus tinha-me abandonado. Mas Deus nunca nos abandona. Possa ainda o mar se agitar, o vento rugir, mas Deus teve misericórdia de mim.

**E.: Quando é que se reencontra com Deus, no fundo?**

e.: Meu reencontro com Deus foi a partir, acho que foi 2009. No finalzinho de 2009. Quando eu vi que ainda havia uma esperança. Eu vi que tudo do que eu estava fazendo estava dando certo, eu falei: “Eh pah, então Deus ainda está comigo”. Mas, antes disso, eu passei um ano longe de tudo e de todos.

**E.: E quando é que conhece a assembleia de Deus ali na Areosa?**

e.: Conheci a assembleia de Deus não foi ali na Areosa, foi na Águas Santas. Foi a primeira igreja através de outra brasileira que me indicou. Viu que eu estava morrendo espiritualmente. Morrendo o quê espiritualmente? Ficando fraco, cansado, não tendo força, não tendo jeito mais para nada... para as palavras. E me indicou. E eu fui ir. Conheci o pastor, presidente que é hoje, o pastor Unelmo Messias. E pronto, foi firmando uma amizade, um companheirismo entre tudo e todos da igreja. E hoje, graças a Deus, estou lá na casa para honra e glória de Jesus.

**E.: A comunidade ali da igreja da Areosa, no fundo, acaba, pelo que eu percebi nas suas respostas ao inquérito, acaba por ajudar mais do que até espiritualmente, não é?**

e.: É verdade.

**E.: No sentido de...**

e.: Ela tem uma evolução nas nossas vidas hoje, a comunidade portuguesa assembleia de Deus, de uma tal maneira que ela abrange não só no emocional da gente como no psicológico, também. Porque muitas vezes a gente chega na igreja, chega preocupado com contas, preocupado com pai, preocupado com mãe, preocupado com filho, preocupado com irmão, preocupado, até mesmo, com doente, e ali que nós vamos encontrar resposta de tudo. E ter, não só resposta, mas buscar o objetivo que é Jesus. E ali encontramos tudo isso. Porquê eu estou dizendo isso para você, que ali encontramos tudo na palavra, seja no afeto carinhoso, seja numa índome. Que Deus prepara nossos corações. Então foi isso que me agradeceu mais a igreja comunidade assembleia de Deus portuguesa.

**E.: E por lá tem permanecido. Aqui no seu inquérito diz que, no fundo, a comunidade ajudou-o, também, até a arranjar casa.**

e.: Sim. Foi verdade. As minhas dificuldades aqui em Portugal... Passado acho que seis meses, minha esposa veio do Brasil para aqui, eu morava numa casa com dezoito imigrantes, salvo eu erro. Nesse momento, minha esposa chegou, eu falei com ela: “olha, eu não tenho condições mais de voltar para o Brasil. Você vem que Deus vai dar um jeito. Porque, pronto, eu estou morando aqui num quarto aqui”, eu morava num quarto com quatro pessoas porque não tinha dinheiro mais para pagar nada. Então, fui morar num quarto com quatro pessoas. E ela foi morar nesse quarto. Nisso, saiu três

brasileiros de outro quarto e eu passei para esse quarto. Desse quarto eu saí para uma casa que quando chovia do lado de fora, dentro de casa inundava-se tudo. Tomava banho dentro de casa, a água do banheiro transbordava para dentro da cozinha. Você via a água fluindo dentro de casa. Então, a igreja assembleia de Deus comunidade portuguesa se sensibilizou no meu caso e conseguiu-me ajudar. Mesmo em oração e, até mesmo, em palavra, buscando comigo, encontramos um lar abençoado por Deus através da igreja.

**E.: E em termos de trabalho, está a trabalhar atualmente?**

e.: Sim.

**E.: Posso saber o que é que faz?**

e.: Pode. Hoje eu faço pintura... Construção civil. Pladur, tudo o que aparece no ramo da construção civil de parte final de acabamento.

**E.: E isso permite-lhe, neste momento, continuar a... Já percebi que está de regresso ao Brasil dentro de poucos meses. Isso deve-se a quê? Porque, no fundo, está a trabalhar, consegue manter a casa...**

e.: Não, eu estou indo para o Brasil, agora em retorno, porque o motivo de doença. Se não fosse isso eu ficaria mais dez, vinte, trinta anos. Mas, infelizmente, aqui são eu e minha esposa... Eu pedindo a Deus resposta e Deus mostrou que minha esposa é diabética e tem as tensões muito alta e aqui só eu e ela, então, eu não posso faltar meu trabalho para cuidar dela. Então, eu acho, no momento, a gente regressamos ao nosso país e lá vai ter mais ajuda, mais benefícios em prol da vida dela. Eu acho que chegou meu momento. Não digo...

**E.: Tem lá os seus filhos?**

e.: Tenho filhas, lá. Eu acho que chegou meu momento. De não dizer assim: “Portugal acabou”. Não. Deixo a porta aberta. Entrei pela janela em Portugal mas hoje vou retornar pela porta e pela porta estarei de volta. Seja de férias, seja... Pelo menos passar um mês, dois meses aqui. Porque, graças a Deus, hoje estou em paz com a lei e em paz com a justiça e tudo. Não devo nada. E pronto, e vou feliz.

**E.: E tem alguma perspetiva de trabalho lá?**

e.: Muitas. Tem muita perspectivas de trabalho. Atualmente posso ser um gerente de negócios, que está à espera da minha palavra, minha decisão. Tenho carro à porta, tenho apartamentos melhores (local), já todo mobilado para mim e, mais importante, não preciso pagar nada. É só receber. Então, acho que chegou o tempo meu de ir embora. Para já.

**E.: Vai reunir-se com a sua família? No fundo, porque aqui só tem a sua esposa...**

e.: Sim, sim. A minha esposa e alguns amigos. Não digo amigos é todos porque não é. Infelizmente não são. Amigos são aqueles que partilha com você, que sintam com você e aqui em casa somente eu e ela. A casa é boa para a gente aqui mas, infelizmente, por motivo de doença eu tenho que retornar ao Brasil.

**E.: Porque não tem uma estrutura de suporte que...**

e.: Exatamente. Porque é assim, se eu levar minha esposa, como o meu patrão... Falei com ele, ele quase, como se diz vocês aqui, ele se enervou. Ele disse assim: “há hospital, há médico, aqui. E porque é que você tem de fazer o tratamento dela lá? Você precisa de férias?”. E eu disse: “preciso. Porque é assim, eu não vou fazer o tratamento da minha esposa, saber que ela pode ficar internada porque a diabetes dela já está a quatrocentos e trinta, eu não consigo controlá-la. É muito altíssima. Se ela for para o hospital hoje ela fica internada já. Passou dos cento e vinte. Já é muito alto. Ela está quatrocentos, quatrocentos e oitenta, quatrocentos e trinta. Então, ela não está trabalhando. Ela está dentro de casa e...”

**E.: Mas a sua esposa teve a trabalhar já?**

e.: Teve. Parou essa semana porque eu achei, por meios fins, que ela não trabalhe mais e... (pausa) O nosso motivo hoje, as perspectivas que você me disse de trabalho são muitas e não vou dizer que vou formalizado da minha vida, que ainda não. Acho que todos temos sonhos, todos temos que sonhar e acreditar que Deus pode fazer pela gente. Então, meu sonho ainda não acabou. Tenho essas várias propostas mas ainda faltam muito algo para mim, ainda.

**E.: Está a regressar por motivos de força maior mas, imaginando que permaneceria no país, para a sua vida estar completa acha que ainda lhe faltava alguma coisa? Sente-se integrado? Sente-se bem no país em que, no fundo, vive?**

e.: Gosto de Portugal. Sinto muito bem. Graças a Deus tenho tudo, não falta nada, ou aliás, a gente de vez em quando aqui ajuda as pessoas, ajuda muito casais. Quando você chegou você não ouviu eu pelo telefone ajudando uma que estava com um problema familiar. Eu acho que a nossa vinda aqui em Portugal não foi para ganhar dinheiro. Foi mais para ganhar a alma para Jesus. Pronto, e sinto-me muito bem. Muito bem. Além de ser um motivo de força maior que temos que voltar que é a família, filhos que temos lá e primeiro está a saúde da minha esposa, não sairia mais de Portugal.

**E.: Isso é muito interessante. Alguns gostavam muito de regressar e acabam por ficar. Ainda relativamente a outra questão, afirmou no questionário que já se sentiu vítima de preconceito e discriminação. Podia-me contar...**

e.: Posso. Quando eu cheguei aqui, como eu disse, foi citado no meu relato, que quando eu vim trabalhar não consegui nada. Fui fazer teste na PT, antigamente era... Não lembro agora o nome que era. Fiz teste. Eu era o único preto na empresa e sempre tinha chacota. A gente fala assim, que o maior preconceito vem do negro. Não. O maior preconceito também vem do negro, mas você sabe que hoje há muito preconceito, há muito racismo. Há racismo entre preto e branco e há racismo entre branco e preto. E eu me senti nesse caso, como eu fui trabalhar, como eu disse, há seis meses. Fiquei parado, quando minha esposa chegou, depois de um ano, fui trabalhar e me achei muito... que onde que eu fui trabalhar fui muito humilhado. Fui muito humilhado. Mas eu precisei passar por essa humilhação de ganhar duzentos e oitenta euros mensal, pegar de oito da manhã e largar às três da madrugada. E se eu não quisesse tinha mais gente. Como eu precisava desse dinheiro eu tive que submeter a essa humilhação. E tinha muita chacota. Chacota e piadas, como se diz, etc, etc, etc, que aquilo ali foi virando um contexto que eu falei: “meu Deus, será que eu vim aqui para isso? E como não existe a lei que ampara entre coisa de racismo?”. Eu nunca quis mexer com isso porque eu nunca quis-me aproveitar de ninguém. Nunca determinei na minha vida ser um aproveitador, nunca precisei... E entrei dentro de cofre, já trabalhei dentro de cofre, sobre dinheiro, em cima de dinheiro, tinha ouro das pessoas, nunca me aproveitei de nada. Não era agora que eu ia instituir o racismo para ter convergência. Não. Mas isso me magoou muito.

**E.: Mas sentia que era, por exemplo, diferentemente tratado de outros colegas portugueses?**

e.: Sim. Muito.

**E.: Mesmo em relação ao pagamento?**

e.: Totalmente. Porque sempre chegava e falava: “fulano de tal é melhor que você. Você não presta para nada. Você não vale nada”. E eu tinha que aguentar, mas meu coração endurecia cada vez mais. Foi aonde, que eu achei que fosse, na igreja. Foi aonde minha esposa chegou para me erguer. Foi aonde Jesus me mostrou que não estava sozinho. Foi aonde que eu encontrei a esperança. Foi aonde que eu renasci. Apesar disso tudo eu diria que não é um ou dois que vai-me fazer dizer: “Portugal não vale nada”. Portugal eu amo.

**E: No fundo está a deixar Portugal com alguma tristeza. Percebo isso.**

e.: Sim. Porque minha esposa sabe, estamos aqui já, acho que sete anos, oito anos, ou o quê... É complicado porque aqui já montamos outra vida. Aqui, pronto, é como você vê aqui em casa, uma tranquilidade, uma paz...

**E.: Comparando com a situação que deixou no Brasil quando ainda tinha o seu trabalho de segurança, comparando com o que tem hoje sente que tem mais qualidade de vida, menos qualidade de vida ou umas coisas melhor, outras coisas pior...**

e.: Qualidade de vida... Boa pergunta. Qualidade de vida não tem comparação. Portugal melhor. Mas desde quando que você não tenha ninguém para dialogar da sua família, eu só tenho a minha família a igreja. Mas nem sempre estamos reunido. Então, qualidade de vida é superior a vida aqui em Portugal. Apesar dos apesares de hoje, os dias de hoje que está acontecendo esta crise, não estou indo embora por causa de trabalho, não estou indo embora por causa de qualidade de vida. Não. Estou indo embora, mais uma vez minha senhora, por motivo de forças maiores. E podemos voltar. Podemos voltar...

**E.: Gostava de ter trazido as suas filhas também para cá?**

e.: Não só as filhas mas, praticamente, a família toda porque, primeiro, para a minha filha vir para cá eu tenho que trazer a mãe da minha esposa e para trazer a mãe da minha esposa tenho que trazer outra filha dela que é casada, que tem filho, que é casada e que tem um marido e ninguém vem. Então, minha filha desde quando nasceu, aos três ou quatro meses de idade, já mora com a minha sogra. Porque foi uma companheira porque sempre eu trabalhei, minha esposa sempre trabalhou e eu nunca parei em casa porque eu



fazia muita rota fora e tinha vez que eu chegava em casa meia noite, uma da manhã. Então, era difícil a gente ter controle sobre a nossa filha. Como minha sogra é sozinha, minha sogra adotou minha filha como neta e filha. E até hoje está. E eu também hoje já não tenho coragem de chegar, não sou um monstro nem nada, e chegar e tirar minha filha e falar assim: “agora você...”. Não. Isso não. Nem quando chegar lá no Brasil. Que minha filha diz: “pai”, foi até mesmo ontem, “eu vou morar com você, não vou?”. Eu falei: “vai, filha”. “Oh pai, nós vamos morar onde?”. Eu falei: “filha, para já papai não decidiu ainda onde nós vamos morar”. “Pai, você vai morar aqui na casa da minha avó.” Falei: “filha, não. Papai quer um cantinho para ele e para a mamãe”. “E como é que eu vou fazer papai? E a vovó?”. E eu disse para ela assim: “sua avó vai ficar sozinha”. “Oh pai, a minha avó é tao cansada, pai. Ela não aguenta ficar sozinha não, pai. E agora?”. Quase chorando, falando para mim. Falei: “não, filha. Você vai ficar com o papai durante um ou dois dias e o resto tudo com a vovó. Vai continuar na mesma”.

**E.: Vocês são de que Estado?**

e.: Espírito Santo. Fica entre a região sudeste. Fica, especificamente, a seiscentos e oitenta quilômetros do Rio de Janeiro. Fica mesmo ao lado do Rio de Janeiro. Bom para a gente.

**E.: E a sua filha já tem que idade?**

e.2: Você não sabe a idade da sua filha?

e.: Doze anos. É doze?

e.2: Eu acho que sim.

e.: É doze anos.

e.2: É doze. Você não sabe o aniversário de ninguém. Não grava.

e.: Eu não sei... É por isso que eu não mexo com número, nada. Não mexo com conta bancária, não mexo com nada. Deixo tudo para ela. Não vou em fila. Não gosto. Não gosto de ficar muito tempo também... Acho que deve ser trauma isso lá do Brasil que a gente entra numa fila no banco, ou numa bicha como diz vocês, é três, quatro horas e, então, eu peguei trauma de fila. Quando eu vejo eu corro logo fora. Vai pagar é ela. Eu não.

**E.: E relativamente aos seus pais, ainda são vivos?**

e.: São vivos.

**E.: Também vivem no mesmo Estado?**

e.: Vivem. Todo o mundo vive perto.

e.2: Mora tudo junto. Tudo vizinho.

e.: Mora, para aí, a cinco quilómetro da mãe dela, minha avó mora a dois minutos da casa da minha mãe... Então, graças a Deus, minha família, praticamente, toda junta.

**E.: Os seus pais ainda trabalham?**

e.: Não. Meu pai não porque deu um AVC nele e a minha mãe, pronto, minha mãe trabalha, sim, quando meu pai agora deu o AVC e paralisou a mente dele. Hoje meu pai, se deixa ele sozinho na rua, meu pai não sabe onde é que está.

e.2: Ele foge de casa.

e.: Ele foge de casa. Então, minha mãe tem de ficar mesmo tomando conta dele.

**E.: Deixou de trabalhar para ficar com ele?**

e.: Exato.

**E.: Posso saber o que é que o seu pai e a sua mãe faziam?**

e.: Minha mãe... E agora?

e.2: Sua mãe trabalhava em negócio de limpeza.

e.: É, limpeza. E meu pai...

e.2: Nem a mãe dele ele sabe o que fazia...

e.: A minha mãe fazia limpeza, a minha esposa citou, e meu pai trabalhava na construção civil, também, com pintura, também.

**E.: Portanto, apanhou também o jeito do seu pai?**

e.: Sim.

e.2: É. Um ótimo pintor ele era.

**E.: Relativamente à questão da crença, da espiritualidade, sentiu muitas diferenças entre Portugal e o Brasil?**

e.: Muita. Muita porque aqui nasceu, como se diz, o cristianismo nasceu na Europa. Mas o cristianismo também foi banido da Europa. E eu achei aqui muitos frios. Pessoas que

não acreditava mais em Deus. Não tenho nada a conceção que pessoas que agarra a santo, a imagem, a ídolo, mas desde quando que adote que Deus é o senhor dos senhores. E aqui, uma igreja no Brasil que chama um pastor renomado, um pastor de palestra, um pastor ministrando, leva para aí cinco mil pessoas. Posso citar o nome de um que esteve aqui? O pastor Takayama esteve aqui, acho que foi em 2009, e mesmo no Carvalhido se deu trinta pessoas foi muito. Enquanto ele lá no Brasil ele ministra para cinco mil, dez mil, vinte mil, cem mil, duzentas mil pessoas. Então, quando eu digo que o cristianismo está surgindo novamente na Europa, a Europa está sendo reavivada, eu acho para isso que contribuímos. Eu digo contribuímos, tanto eu e a minha esposa, para a obra ser reavivada. Porque no Brasil, você chega no Brasil, quem não diz que é cristão no Brasil é porque não quer, porque igreja tem a dez em dez metros. Então, lá no Brasil, graças a Deus, temos muita porta de refúgio que é a nossa igreja.

**E.: Essa ausência de espiritualidade e vivência da vida religiosa custou-lhe? Chocou de alguma forma...**

e.: Chocou-me. Chocou-me muito quando uma amiga da gente, portuguesa, ela me chama de Ialas. “Ialas, você não sei o quê...”. Pronto, ficou aquela amizade ali (minha esposa sabe). Que o pai dela morreu e um gato que ela tinha em casa que era a reencarnação do pai. E eu pus-me a olhar assim... Ela disse para mim assim: “paizinho, é o Ialas que está-me trazendo em casa. Não brigue, não”. E o gato miando. Eu falei assim (posso citar o nome?): “Marta, porque é que você está falando paizinho? O nome dele é paizinho?”, “Não”, e ela: “ chiu, fala baixo”. Falei assim: “fale baixo porquê?”, “aquele é o espírito do meu pai que está no gato”. Falei: “meu Deus. Aonde é que eu estou, meu Deus. Aonde é que eu vim parar? O senhor me trouxe aqui para isso? Para ver um gato sendo pai daquela rapariga?”. E Deus, pronto, não respondeu nada e eu fui para casa. E até cheguei para a minha esposa e disse: “olha, a nossa amiga tem um gato que o pai dela é o gato”. Falei: “meu Deus, abre o olho dessa menina, meu Deus. Mostra para ela a verdade, a vida que é Jesus cristo”. Passado dois dias ela me liga: “ahhh”. Eu falei: “o que é que foi menina? Porque é que você tanto chora?”. “Morreu”. Eu falei: “quem morreu?”. “Meu pai”. Eu falei: “outra vez?”. “Ahh, ele caiu”. Eu falei: “meu Deus, você não falou que o seu pai estava no gato?”. “Ele caiu na rua e morreu. Meu pai morreu de novo”. Eu falei: “meu Deus. Obrigado meu Deus. Por você ter mostrado para ela que não é o gato que é o pai dela. Então, para mim, foi um choque muito grande em ver que muitas pessoas ainda acredita que o boi é o marido, que o coelho tem poder, que

não sei o quê... Que agora este gato que morreu ela viu que não tem nada a ver com o pai. E então, me chocou muito. Foi um choque muito grande na minha vida.

**E.: Uma certa religiosidade popular que...**

e.: Eu não digo religiosidade. Eu digo superstição. Aquilo é superstição. É uma grande superstição dizer que tem um gato dentro de casa, um espírito... Primeira coisa que ele vê no animal, ele entra... Pronto, para mim já não é religiosidade. Para mim já é superstição.

**E.: Percebo. Relativamente aos nossos costumes e estilos de vida acha que vivemos muito diferente do Brasil?**

e.:2: É.

e.: Muito diferente. Até o modo de andar, de falar... O falar então, meu Deus! Vocês aqui, primeiro, eu digo na obra porque eu vivo na obra (na obra construção civil e na obra na igreja). São duas obra que eu vivo. Então, um objeto vocês dão o nome cinco vezes. Aquele mesmo objeto tem cinco nomes. Meu Deus, lá no Brasil só chega um. É um martelo, é um martins, é uma marreta, é uma pica, não sei o quê... Meu Deus, que tanto nome que vocês dão. Não há uma única coisa. Eu queria entender porque é que até hoje vocês têm esse costume. E ainda não percebi. Já me explicaram que isto e aquilo, vem dos antepassados. Mas para mim continuo dizendo que é uma superstição. Mas pronto, cada um fica no cada um. E aí foi outro choque da gente, também, foi o vestimento daqui que quando nós chegamos aqui: “ah!”

e.2: O clima.

e.: Pois. Devido ao clima. Devido ao clima quando eu olhei, desci do avião eu: “o que é isso?”. Quando cheguei da Alemanha eu quase empacotei, como se diz no Brasil, quase morri. Então, a gente foi esses dois conceitos que a gente viu porque é muito diferente. Enquanto isso, lá dentro de casa no Brasil, agora, você tinha que estar aberto tudo. Mesmo no inverno. E aqui tem que ser tudo fechado e ligado ainda o aquecimento.

e.2: Mas agora não. Agora já estamos habituados.

e.: Agora já habituei, depois de tantos anos.

e.2: Agora é que não vai habituar quando chegar lá. Porque é muito quente.

e.: A gente foi de férias no Brasil, descemos Porto, Rio de Janeiro, quando eu cheguei no aeroporto do Rio de Janeiro que eu saí da aeronave eu estive quase a voltar para dentro da aeronave. Quando você assa um bolo e põe primeiro ao forno a trezentos e

sessenta graus, você abre ele, qual a primeira coisa que vem? Não vem aquele vapor quente? Foi o que aconteceu no aeroporto do Rio de Janeiro. Meu Deus, quase que eu voltei correndo. Estava-me despindo todo, me despindo todo e o pessoal olhava para mim assim: “esses brasileiros são maluco”. Porque eu comecei a tirar roupa e correndo para não perder o outro voo e eu falava com ela: “nós vamos morrer. Nós vamos morrer”.

e.2: É uma diferença muito grande.

e.: Muito grande mesmo, o clima. E hoje nós já estamos habituado ao clima de cá.

**E.: Portanto, até em termos físicos acabou por se adaptar a Portugal.**

e.: Exatamente.

**E.: Estava-me há pouco a dizer, tem a ver também com a igreja, a igreja é também a sua família mas aqueles que considera seus amigos são, sobretudo, as pessoas que estão na igreja ou tem amigos também, por exemplo, no trabalho...**

e.: Tenho amigo no trabalho. Tenho muitos na igreja. Na igreja tenho quase todos. Fora do trabalho, exatamente. Me dou bem com o pessoal fora da igreja, tanto é que vou para casa, visito, a gente viaja muito aqui em Portugal, graças a Deus, em tudo de amizade.

**E.: Portugueses e brasileiros?**

e.: Sim, sim.

e.2: Vêm aqui em casa, almoçar com a gente...

e.: Portugueses vêm aqui em casa, vêm almoçar, jantar. Vem muita gente aqui. E muita gente respeita a nossa religiosidade. Muita gente sabe que a gente participa da igreja. Muita gente, como se diz, chega aqui em casa a pessoa fala assim comigo: “um dia eu vou”. Eu faço o convite. Primeira coisa que eu falo é o convite: “quando puder vamos na igreja. Vocês vão ver que não é nada de: “ah, aquela igreja...”. Não. A igreja não mata, a igreja não fere, a igreja não ofende”. E muitos já foram na nossa igreja e gostaram. Mas ainda falta muitos, ainda. Mas peço a Deus que Deus dê a oportunidade a eles que não foram para ir. Que outra pessoa venha chamar eles, dar continuidade ao meu trabalho.

e.2: Mas fora isso a gente tem muita amizade.

e.: É, muita amizade. Muita amizade mesmo.

**E.: São também esses laços que vos custa deixar...**

e.2: Custa. Para mim custa.

e.: Para mim, pelo menos dois já sabem e já ficaram muitos tristes em saber que... “Oh, Pereira, aqui não vai ser a mesma coisa sem você”. Mas motivo de força maior, como torno a dizer, tenho mesmo que ir.

**E.: Mas imagina que seja possível regressar a Portugal e viver em Portugal novamente? Uma vez que a sua esposa ficasse com a situação normalizada...**

e.: É possível, sim. É possível. Pelo menos eu tenho esse... ainda almejo esse desejo. Ainda tenho esse sonho, como eu disse, torno a dizer, todo o mundo tem o direito de sonhar, todo o mundo tem o direito de viver a realidade e toda a gente tem que agir por si próprio porque se você não agir por si próprio ninguém vai agir por mim. Então está na hora de eu agir, sonhar e realizar meu sonho ainda. Como eu disse, ainda não vou parar. Tenho proposta, temos proposta, ela tem proposta de trabalho mas ainda não é minha realização. Mas eu sonho... Quer dizer, nem saí ainda de Portugal mas meu sonho um dia é voltar. Ainda sonho.

**E.: Mas já tem viagem marcada ou ainda não?**

e.: Não. Porque é assim, segundo você vê a casa para a gente é boa mas a casa ainda está mobilada e eu cheguei aqui não tinha nada. Então, eu tenho outro jogo de sofá lá dentro, tenho outro quarto... Primeiro a gente tem que conseguir vender tudo e a gente vamo embora.

**E.: A casa é alugada?**

e.: É.

e.2: Mais ou menos daqui a um mês e meio ou dois. Por aí.

e.: Eu estou botando no máximo três meses, mas não chega a isso. No máximo.

e.2: Não. Acho que não dá isso, não. Acho que menos do que isso.

e.: Infelizmente não chega.

**E.: E relativamente à sua ligação com a igreja, tem assembleia de Deus à porta de casa lá no Brasil?**

e.: Tem.

e.2: Tem. Lá tem muitas igrejas.

e.: Tem igreja lá e, tanto é que, pronto, a igreja que a minha família frequenta, que eu vou dar apoio a eles para eles continuarem a trajetória. Não digo que vou ficar com eles, não. Vou ajudá-los no que for preciso e peço a Deus continuar fazendo a obra com a comunidade portuguesa daqui. Com nome lá no Brasil, mas continuar o trajeto que Deus colocar no nosso caminho.

**E.: Só uma última questão que passei à frente. Falávamos da discriminação e também muito preconceito. No seu caso sentiu porque é negro...**

e.: Sim.

**E.: Mas em relação à própria ideia do brasileiro, às vezes partilha-se um certo preconceito de que a mulher é prostituta, que o homem é pouco trabalhador, preguiçoso, etc.**

e.: Isso aí a gente vive no dia a dia, dizendo que brasileira, com todo o respeito, peço perdão nas minhas palavra, ele diz que brasileira só é boa para o sexo. São tudo prostituta. E os brasileiro que vem para aqui é só para mamar. É só para ficar... Dizer que trabalha. Mas não trabalha, não. A única coisa do Brasil que tem bom são as brasileira. Então isso que a gente ouve ainda rumores, isso para mim que é discriminação, é racismo. Isso é falta de, não digo todos os portugueses, ou australiano ou canadense ou o que for, a ideia que eles têm do brasileiro hoje, ou da brasileira, que é pior ainda, que a brasileira só vem para quê? Para roubar lar, roubar casamento, fazer prostituição.

e.2: Mas a maioria...

e.: A maioria diz isso mas muitas estão aqui para ganhar o pão delas. Muitas estão aqui para trabalhar.

**E.: Mas acha que o facto de algumas, por exemplo, no caso da mulher brasileira é um facto que trabalham na noite, que isso, portanto, no fundo elas contribuem para...**

e.: Para ser faladas? Sim. Porque como já falaram da minha esposa... Que a maioria diz lá no Brasil, manda o dinheiro para os pais ou para as mães dizendo que está fazendo vestibular, que está fazendo isso e aquilo, você... Eu não vou dizer que nunca fui na bandeja do diabo que eu digo isso, que eu já participei e vi. Vão botar vinte brasileira e duas ou três que não seja. Então hoje elas participam muito para este envolvimento de

palavra. Para essa pronúncia continuar, para quê? Como se diz, se eu acender uma fogueira hoje, se eu acender ela aqui, se eu não continuar botando madeira o fogo extingue, não é verdade? A fogueira apaga-se. Mas se eu continuar sempre botando lenha, lenha, lenha, madeira ela vai estar sempre acesa. Então eu acho que isso hoje encarreta o quê? Sai uma brasileira entra duas, três nessas casa. Então hoje o que... “ah, fulano de tal tem uma brasileira ali que é linda”. E vai passando, e vai passando, e vai passando informações. Quando pensa que não é outra continuidade das falações. Então, muitas brasileiras que vem para aqui são com esse intuito. Mas muitas não. Então...

**E.: Acaba por prejudicar a imagem do brasileiro...**

e.: Exatamente.

e.2: E como. Principalmente nós que somos mulheres.

**E.: Sente essa diferença entre ser mulher brasileira e...**

e.2: Muita. Muita, muita. E sempre, às vezes que eu falo no meu trabalho, quando estava lá ainda trabalhando, que eu parei de trabalhar essa semana agora, e a minha patroa, sempre a gente conversava sobre isso e ela disse que, ela tem uma pizzaria, e ela diz que lá tem muitas brasileiras que trabalham lá e realmente que eu estava falando a verdade porque as brasileiras são um bocado diferente das portuguesas aqui. Infelizmente é verdade que a maioria vem mesmo e acaba mesmo com os casamentos aqui. Então, por causa delas prejudica nós que somos honestas, entendeu? Somos prejudicada por causa delas. Porque a maioria das brasileiras que vem é para a prostituição, trabalhar na noite. Então, por causa delas não conseguimos trabalho. Só conseguimos trabalho através de outras pessoas que já trabalham, brasileiras que já trabalham nas casas e dá referências sobre a gente. Que a nossa religião, graças a Deus, ajuda muito, também. Agora quando eu fui fazer entrevista para trabalhar na casa dessa patroa, tem três anos e pouco que eu trabalhei lá, e fui para trabalhar assim, indicada por outra pessoa brasileira que trabalhava na casa de uma parente dela. Porque fora isso a gente não consegue trabalho porque a maioria delas vão, às vezes, dizer que vão trabalhar na casa de família, que a gente fala casa de família, mas chega lá e começa a seduzir os maridos delas e, por fim, acaba separando o casal. E, no nosso caso, graças a Deus, a maioria... Porque tem muitas mulheres brasileira que vem aqui são casadas, respeita os marido e principalmente nós que estamos ali, não vamos dizer que são evangélico porque tem umas que colocam a máscara para dizer que são evangélico mas



não são nada. Então somos muito prejudicadas por causa da maioria das brasileiras que vêm para cá se prostituir. Isso é muito ruim. A nossa imagem de mulher aqui é muito, como é que eu vou dizer...

e.: Ofuscada.

e.2: É muito... Sei lá. É um bocado complicado. Infelizmente.

**E.: No caso dos homens a ideia mais partilhada é que o brasileiro gosta pouco de trabalhar, não é assim?**

e.2: É mesmo.

e.: Felizmente na minha empresa somo três brasileiros. Eu comecei com o meu patrão. Fui eu e ele. Hoje, para honra e glória de Jesus, ele tem treze empregado, ele tem, para aí, trinta e poucos subempreiteiro, ele tem, acho que, oito empresas trabalhando com esses subempreiteiros, trinta e poucos empreiteiros direto para a empresa, mas fora as outras empresas que trabalham com os funcionários para o meu patrão. Então eu fui o primeiro. Vieram mais dois. Então, durante esses anos que eu estou com ele, acho que é cinco anos ou quatro anos e pouco, quase cinco anos...

e.2: Cinco ano e pouco.

e.: Eu posso ver que sempre dei conta do meu recado, sempre trabalhei e ele não teve questão de dizer: “os brasileiros daqui não fizeram nada”. Hoje estou a sair de cabeça erguida, como ele não quer. Quer me dar férias, quer se eu vou sessenta dias de férias. E tem esse pessoal todo. Mas ele não quer hoje abrir mão de mim. Quer que eu vou sessenta dias de férias, como eu disse, para o Brasil para tentar ver se minha esposa fica melhor para me voltar. Eu disse para ele que para mim não dá.

**E.: Bom, acho que passamos os olhos por todas as questões e aprofundamos um bocadinho o inquérito. Não sei se tem mais alguma coisa que gostasse de acrescentar um bocadinho a este trajeto de vida de imigrante...**

e.: Dava para fazer um livro. Tenho que agradecer. Somente acrescentar agradecimento porque hoje o meu conceito de vida... Aprendi, cresci, amadureci e, mais importante, adquirir sabedoria que Deus possa-me dar. Aqui em Portugal. Muitas vezes no Brasil, se estivesse lá, teria tudo, teria carro na porta, também, teria minha vida em particular boa mas não saberia se... teria um jeito de vida melhor como aqui em Portugal. Então, eu digo boa terra é esta. Mesmo sabendo que está sendo reavivada, o evangelho, hoje eu amo Portugal. E essas são minhas palavras. Obrigado.



| <b>Análise vertical à entrevista n.º 11</b>  |  |  |
|--|--|--|
| <b>Inquérito ADCP _7</b>   |  |  |
| <b>Dimensões e categorias de análise</b>   | <b>Dados/ Sínteses</b>   | <b>Excertos</b>  |
| <b>I. Dimensão social</b><br><br><b>Caraterísticas sociodemográficas</b><br><br><b>Zona de residência</b><br><br><b>Composição de classe</b> | <b>Género:</b> masculino<br><b>Idade atual:</b> 31<br><b>Idade de emigração:</b> 28<br><b>Nível de escolaridade no Brasil:</b> ensino médio/profissionalizante incompleto<br><b>Nível de escolaridade em Portugal:</b> não<br><b>Concelho e freguesia de residência:</b> Porto, Paranhos<br><b>Composição étnica das vizinhanças:</b> maioria é portugueses e alguns brasileiros<br><b>Última ocupação no Brasil:</b> segurança pessoal<br><b>Primeira ocupação em Portugal:</b> motorista mercadorias (fruta)<br><b>Ocupação atual em Portugal:</b> faz acabamentos na construção civil |  |
| <b>II. Percursos migratórios</b>   | <b>Tempo de permanência:</b> 5 anos<br><b>Tipo de rede migratória:</b> ilegal<br><b>Com quem veio:</b> sozinho<br><b>Aprofundamento das razões de vinda para Portugal</b>  | <p>“Não. Ilegal. Eu vim do Brasil para a Alemanha. Da Alemanha é que eu vim para aqui. Então, quando eu vim para aqui...”</p> <p>“ Eu vim induzido a ganhar dinheiro. Lá eu trabalhava, eu tinha</p> |

|   |   |  |
|---|---|--|
|   | <p>Tinha um trabalho, uma casa e uma família no Brasil, mas uma proposta de vir para Portugal ganhar mais dinheiro fez o entrevistado deixar tudo e emigrar.</p> <p><b>Dificuldades encontradas em Portugal</b></p> <p>Em Portugal percebeu que tinha sido enganado e que, afinal, já não existia o trabalho que lhe tinha sido prometido. Em três meses gastou todo o dinheiro que tinha e ficou sem nada.</p> | <p>a minha casa, eu tinha tudo e falaram para mim: “vai para Portugal que tu vais ganhar muito dinheiro”. E larguei tudo. Larguei minha esposa, minha filha... Larguei tudo e vim. Cheguei aqui, como se diz, você solta um cego na rua, um cego vai-se guiar mais do que eu. Foi como eu cheguei aqui em Portugal.”</p> <p>“ Fiquei quase um ano parado. Os mil euros que eles propuseram para a gente entrar em Portugal, na época, eu gastei eles com três meses. Três meses eu gastei mil euros que foi empréstimo no Brasil. E pronto, aquela bola de neve foi gerando, gerando, gerando e no fim já não estava mais dinheiro, nem casa, nem emprego, nem nada.”</p> <p>“Tive um auxílio de outro brasileiro que, por intermédio do patrão dele que eu vim para aqui induzido ao trabalho. Chegando mesmo aqui no Porto o patrão dele disse que não haveria mais trabalho, não teria moradia, não teria nada. Se eu quisesse poderia trabalhar mas não me pagaria. Então, foi na altura, pronto, que eu...”</p> |
| <p><b>III. Dimensão cultural</b></p> <p><b>Redes de sociabilidade</b></p> | <p><b>Redes à chegada a Portugal</b></p> <p>Não conhecia ninguém. Contava apenas com o patrão que lhe tinha proposto trabalho.</p> <p><b>Redes de sociabilidade primárias</b></p> <p>A sua família em Portugal é só a esposa, de origem também brasileira.</p> <p>Tem amigos portugueses e brasileiros, sobretudo ligados ao trabalho e à ADCP.</p>   | <p>“Tenho amigo no trabalho. Tenho muitos na igreja. Na igreja tenho quase todos. Fora do trabalho, exatamente. Me dou bem com o pessoal fora da igreja, tanto é que vou para casa, visito, a gente viaja muito aqui em Portugal, graças a Deus, em tudo de amizade.”</p>  |

**Estereótipos e representações**

**Aprofundamento das disposições relativamente aos grupos com que o entrevistado se relaciona menos ou não se relaciona e as justificações em torno dessa situação.**

Não se aplica.

**Relato de situações em que foi vítima de preconceito e/ou discriminação**

Sentiu-se vítima de racismo. No trabalho foi várias vezes humilhado por ser negro.

“Portugueses vêm aqui em casa, vêm almoçar, jantar. Vem muita gente aqui. E muita gente respeita a nossa religiosidade. Muita gente sabe que a gente participa da igreja. Muita gente, como se diz, chega aqui em casa a pessoa fala assim comigo: “um dia eu vou”. Eu faço o convite. Primeira coisa que eu falo é o convite: “quando puder vamos na igreja. Vocês vão ver que não é nada de: “ah, aquela igreja...”. Não. A igreja não mata, a igreja não fere, a igreja não ofende”. E muitos já foram na nossa igreja e gostaram. Mas ainda falta muitos, ainda. Mas peço a Deus que Deus dê a oportunidade a eles que não foram para ir. Que outra pessoa venha chamar eles, dar continuidade ao meu trabalho.”

“Eu era o único preto na empresa e sempre tinha chacota. A gente fala assim, que o maior preconceito vem do negro. Não. O maior preconceito também vem do negro, mas você sabe que hoje há muito preconceito, há muito racismo. Há racismo entre preto e branco e há racismo entre branco e preto.”

“Fui muito humilhado. Mas eu precisei passar por essa humilhação de ganhar duzentos e oitenta euros mensal, pegar de oito da manhã e largar às três da madrugada. E se eu não quisesse tinha mais gente. Como eu precisava desse dinheiro eu tive que submeter a essa humilhação. E tinha muita chacota. Chacota e piadas, como se diz, etc, etc, etc, que aquilo ali foi virando um contexto que eu falei: “meu Deus, será que eu vim aqui para isso? E como não existe a lei que ampara entre coisa de racismo?”. Eu nunca quis mexer com isso porque eu nunca

|                                     |  |  |
|-------------------------------------|--|--|
|                                     | <p><b>Perceber se os estereótipos em relação aos brasileiros têm fundamento; se favorecem ou dificultam a integração dos brasileiros em geral na sociedade portuguesa; e se favorecem ou dificultam o estabelecimento de relações sociais.</b></p> <p>No caso das mulheres brasileiras serem associadas à prostituição, o entrevistado considera que existe fundamento, mas lamenta que se façam generalizações.</p> | <p>quis-me aproveitar de ninguém. Nunca determinei na minha vida ser um aproveitador, nunca precisei... (...) Porque sempre chegava e falava: “fulano de tal é melhor que você. Você não presta para nada. Você não vale nada”. E eu tinha que aguentar, mas meu coração endurecia cada vez mais. Foi aonde, que eu achei que fosse, na igreja. Foi aonde minha esposa chegou para me erguer. Foi aonde Jesus me mostrou que não estava sozinho. Foi aonde que eu encontrei a esperança. Foi aonde que eu renasci. Apesar disso tudo eu diria que não é um ou dois que vai-me fazer dizer: “Portugal não vale nada”. Portugal eu amo.”</p> <p>“ Que a maioria diz lá no Brasil, manda o dinheiro para os pais ou para as mães dizendo que está fazendo vestibular, que está fazendo isso e aquilo, você... Eu não vou dizer que nunca fui na bandeja do diabo que eu digo isso, que eu já participei e vi. Vão botar vinte brasileira e duas ou três que não seja. Então hoje elas participam muito para este envolvimento de palavra. Para essa pronúncia continuar, para quê? Como se diz, se eu acender uma fogueira hoje, se eu acender ela aqui, se eu não continuar botando madeira o fogo extingue, não é verdade? A fogueira apaga-se. Mas se eu continuar sempre botando lenha, lenha, lenha, madeira ela vai estar sempre acesa. (...) Então, muitas brasileiras que vem para aqui são com esse intuito. Mas muitas não. Então...”</p> |
| <p><b>IV. Dimensão política</b></p> | <p><b>Vivência de uma situação de irregularidade ou ilegalidade perante as autoridades portuguesas</b><br/>Entrou de forma ilegal em Portugal.</p> <p><b>Estatutos especiais</b><br/>Usufruiu do artigo n.º 88 da lei n.º 23/2007 de 4 de julho.</p>   | <p>“Não. Ilegal. Eu vim do Brasil para a Alemanha. Da Alemanha é que eu vim para aqui. Então, quando eu vim para aqui...”</p> <p>“ Em 2008 eu vi que aqui eu gostava daqui, me residi aqui em Portugal, então procurei-me legalizar, sendo que a dificuldade entre o SEF... Saiu uma lei do artigo oitenta e oito, parágrafo</p>   |

## V. Auto percepções

### **Percepção da própria situação de integração**

Atualmente gosta de viver em Portugal e queria poder continuar cá apesar de todas as dificuldades que passou.

### **Percepção da sua qualidade de vida atual**

Atualmente considera que tem em Portugal tudo o que precisa para viver bem. Porém reconhece que isso tal não se deve ao enriquecimento financeiro – porque esse nunca alcançou –, mas ao facto de ter o suficiente para se sentir confortável e ainda ajudar os outros.

### **Percepção em relação ao futuro: intenção de regressar ao Brasil**

Regressa ao Brasil em breve porque a esposa descobriu

nove, salvo erro, que dava para quem teria naquele ano aqui a concessão do visto de residência. Como eu estava no intuito de me legalizar tive que pagar as coimas todas. Eu paguei, na época, acho que foi mil e pouco euros, mas estou resolvido. Resolvi tudo.”

“Apesar das dificuldades fui gostando, gostando, gostando. Como eu gosto de Portugal! Não vou dizer para você que não gosto. Não estou aqui hoje por causa de dinheiro. Não. Estou aqui envolvido mais é com a igreja, como você já viu. E pronto, eu tenho uma vida tranquila aqui.”

“ Gosto de Portugal. Sinto muito bem. Graças a Deus tenho tudo, não falta nada, ou aliás, a gente de vez em quando aqui ajuda as pessoas, ajuda muito casais. Quando você chegou você não ouviu eu pelo telefone ajudando uma que estava com um problema familiar. Eu acho que a nossa vinda aqui em Portugal não foi para ganhar dinheiro. Foi mais para ganhar a alma para Jesus. Pronto, e sinto-me muito bem. Muito bem. Além de ser um motivo de força maior que temos que voltar que é a família, filhos que temos lá e primeiro está a saúde da minha esposa, não sairia mais de Portugal.”

“Então, qualidade de vida é superior a vida aqui em Portugal. Apesar dos apesares de hoje, os dias de hoje que está acontecendo esta crise, não estou indo embora por causa de trabalho, não estou indo embora por causa de qualidade de vida. Não. Estou indo embora, mais uma vez minha senhora, por motivo de forças maiores. E podemos voltar. Podemos voltar...”

“ Não, eu estou indo para o Brasil, agora em retorno, porque o motivo de doença. Se não fosse isso eu ficaria mais dez, vinte, trinta anos. Mas, infelizmente, aqui são eu e minha esposa... Eu pedindo a Deus resposta e Deus mostrou que minha esposa é

|                    |  |  |
|--------------------|--|--|
|                    | <p>entretanto uma doença incapacitante que a obriga a necessitar de apoio. Não podendo estar sempre a faltar ao trabalho, o entrevistado precisa do apoio familiar e, por isso, estão de regresso ao Brasil.</p>   | <p>diabética e tem as tensões muito alta e aqui só eu e ela, então, eu não posso faltar meu trabalho para cuidar dela. Então, eu acho, no momento, a gente regressamos ao nosso país e lá vai ter mais ajuda, mais benefícios em prol da vida dela. Eu acho que chegou meu momento.”</p> <p>“Eu acho que chegou meu momento. De não dizer assim: “Portugal acabou”. Não. Deixo a porta aberta. Entrei pela janela em Portugal mas hoje vou retornar pela porta e pela porta estarei de volta. Seja de férias, seja... Pelo menos passar um mês, dois meses aqui. Porque, graças a Deus, hoje estou em paz com a lei e em paz com a justiça e tudo. Não devo nada. E pronto, e vou feliz.”</p>  |
| <p><b>ADCP</b></p> | <p><b>Vivências religiosas anteriores</b></p> <p>Já era evangélico no Brasil, pertencia também à Assembleia de Deus.</p> <p>Afastou-se da fé durante alguns anos, mas desde 2009, quando a sua vida começou a melhorar, considera que teve o seu reencontro com Deus.</p> <p><b>Aprofundamento das razões e motivações subjacentes à</b></p> | <p>“ Sim. Pertencia à assembleia e nós brasileiros, pronto, eu digo os cristãos, não só brasileiros, os cristãos em geral, chegando à terra determinada muitas vezes esquecemos muito de Deus. Foi no meu caso. Vi que o mundo estava-me sufocando aqui em Portugal quando eu cheguei. Gastava só dinheiro, saía sem direção, saía para todos os lados que você possa pensar. Até um ponto, eu achei que Deus tinha-me abandonado. Mas Deus nunca nos abandona. Possa ainda o mar se agitar, o vento rugir, mas Deus teve misericórdia de mim.”</p> <p>“Meu reencontro com Deus foi a partir, acho que foi 2009. No finalzinho de 2009. Quando eu vi que ainda havia uma esperança. Eu vi que tudo do que eu estava fazendo estava dando certo, eu falei: “Eh pah, então Deus ainda está comigo”. Mas, antes disso, eu passei um ano longe de tudo e de todos.”</p> <p>“Conheci a assembleia de Deus não foi ali na Areosa, foi na Águas Santas. Foi a primeira igreja através de outra brasileira que me indicou.”</p> <p>“Então, quando eu digo que o cristianismo está surgindo novamente na Europa, a Europa está sendo reavivada, eu acho</p> |



### **pertença à ADCP**

A sua ligação à ADCP tem subjacente o reavivamento do cristianismo na Europa.

### **Ajudas que encontrou na ADCP**

Na ADCP encontrou apoio psicológico para enfrentar os problemas da sua vida. Para além disso, refere que quando precisou a comunidade o ajudou a encontrar um lugar digno para residir.

para isso que contribuímos. Eu digo contribuímos, tanto eu e a minha esposa, para a obra ser reavivada. Porque no Brasil, você chega no Brasil, quem não diz que é cristão no Brasil é porque não quer, porque igreja tem a dez em dez metros. Então, lá no Brasil, graças a Deus, temos muita porta de refúgio que é a nossa igreja.”

“Ela tem uma evolução nas nossas vidas hoje, a comunidade portuguesa assembleia de Deus, de uma tal maneira que ela abrange não só no emocional da gente como no psicológico, também. Porque muitas vezes a gente chega na igreja, chega preocupado com contas, preocupado com pai, preocupado com mãe, preocupado com filho, preocupado com irmão, preocupado, até mesmo, com doente, e ali que nós vamos encontrar resposta de tudo. E ter, não só resposta, mas buscar o objetivo que é Jesus. E ali encontramos tudo isso. Porquê eu estou dizendo isso para você, que ali encontramos tudo na palavra, seja no afeto carinhoso, seja numa índome. Que Deus prepara nossos corações. Então foi isso que me agraciou mais a igreja comunidade assembleia de Deus portuguesa.”

“Então, fui morar num quarto com quatro pessoas. E ela foi morar nesse quarto. Nisso, saiu três brasileiros de outro quarto e eu passei para esse quarto. Desse quarto eu saí para uma casa que quando chovia do lado de fora, dentro de casa inundava-se tudo. Tomava banho dentro de casa, a água do banheiro transbordava para dentro da cozinha. Você via a água fluindo dentro de casa. Então, a igreja assembleia de Deus comunidade portuguesa se sensibilizou no meu caso e conseguiu-me ajudar. Mesmo em oração e, até mesmo, em palavra, buscando comigo, encontramos um lar abençoado por Deus através da igreja.”

## Transcrição de entrevista n.º 12

|                                 |   |
|---------------------------------|---|
| <b>Entrevistado</b>             | Congregacionista na Assembleia de Deus<br>Comunidade Portuguesa   |
| <b>Data da entrevista</b>       | 27 de março de 2012   |
| <b>Local da entrevista</b>      | Casa da entrevistada  |
| <b>Duração da entrevista</b>    | 45min   |
| <b>Hora de início (aprox.)</b>  | 10h05   |
| <b>Hora de término (aprox.)</b> | 10h50   |
| <b>Notas:</b>                   | A entrevistada não autorizou a gravação da entrevista, pelo que foram apenas tomadas notas relativamente ao seu discurso. |

A entrevistada, oriunda do estado de Minas Gerais, decidiu emigrar para Portugal quando ficou viúva e se viu sozinha com dois filhos para criar num país onde afirmou não se sentir segura. A violência no Brasil assustava-a enquanto mãe de família, entretanto viúva. Nessa altura já uma irmã vivia em Portugal e falou-lhe. À vontade que já tinha de conhecer o país juntou o desejo de ter melhores condições de vida para os filhos e emigrou. Os primeiros vinte dias foram passados em Chaves, cidade onde mora a irmã, mas alguma dificuldade em adaptar-se ao novo meio, que classificou de “muito pequeno”, e o facto de não ter conseguido um trabalho, trouxeram-na para o Porto, onde morava um primo e sabia que existiam mais oportunidades. Durante cinco anos esteve no Porto, a residir na zona de Pedrouços e a trabalhar numa churrasqueira na zona do Amial, onde era ajudante de cozinha e onde também o seu filho mais velho encontrou emprego como churrasqueiro.

As maiores dificuldades foram as diferenças culturais e até linguísticas: “eu não percebia quase nada”, mas com a vinda de Chaves para o Porto e a passagem do tempo afirma que se foi habituando. Hoje “adora” Portugal.

Quando questionada sobre as intenções de regressar ao Brasil, a entrevistada afirma que já regressou em Abril de 2010. Na época, uma depressão que o filho mais velho estava a passar, levou-a a reequacionar e regressar ao Brasil onde tinha o apoio de quase toda a família. Venderam tudo, deixaram empregos e a casa arrendada onde moravam. No entanto, os filhos já não estavam habituados à vida no Brasil. Em Portugal já tinham criado laços e o desejo de regressar era grande. Assim, o filho mais velho regressou primeiro (tendo conseguido retornar ao mesmo emprego) e, há cerca de dois meses, a

entrevistada e o filho mais novo juntaram-se a ele. Hoje, mora com os filhos e a nora do mais velho, que entretanto casou. No Brasil deixou a família, que preferia que todos tivessem ficado lá. No entanto, a entrevistada reconhece que “não é porque somos irmãos que pensamos da mesma forma” e as suas perspectivas de vida eram diferentes. Em Portugal sente-se mais segura, pode deixar o filho mais novo sair para se encontrar com os amigos à noite sem ficar sobressaltada. No Brasil “nunca que eu os deixava andar assim”.

Em Portugal relaciona-se sobretudo com portugueses porque foram estes quem mais a ajudou. Sobretudo os ex-patrões, a quem continuamente durante a entrevista persistiu a chamar de “patrões”. Na vizinhança também só vive rodeada de portugueses e, por isso, vive sobretudo entre portugueses e não por outra qualquer razão. Já ouviu muitos comentários sobre os brasileiros por parte dos portugueses, sobretudo sobre as brasileiras associadas à prostituição, mas sabe que isso não lhe diz respeito, que nunca ninguém se dirigiu a ela nem aos filhos “porque temos uma vida organizada” e, por isso, nunca se sentiu discriminada ou vítima de preconceito, mas reconhece que “o justo paga pelo pecador”.

Dos poucos contatos com brasileiros, foi uma conhecida brasileira que lhe falou da ADCP na Areosa e que a levou a conhecer a Igreja. As diferenças religiosas em relação aos portugueses, considera a entrevistada, são enormes e “os portugueses não conhecem a Bíblia”. Mas relativamente aos evangélicos em Portugal, diz que é igual ao Brasil. Talvez um pouco menos fervorosos do que nos cultos no Brasil, mas sente-se igualmente bem. No Brasil era adventista e em Portugal já frequentou outros cultos, inclusive, às vezes, para além da Assembleia de Deus, vai a uma Igreja da Videira. Na ADCP a única motivação que a leva a frequentar o culto é a fé, a ligação a Deus, afirmando que se sente renovada no final de cada culto. Da Igreja ou da comunidade nunca recebeu qualquer outra ajuda, as suas idas aos cultos são apenas para sentir a presença de Deus.

Relativamente à condição legal em Portugal nunca teve qualquer problema em regularizar a sua situação, até porque desde logo conseguiu trabalho. Quando a entrevistada e os filhos saem à rua têm sempre o cuidado de sair com toda a documentação para não ter qualquer problema.

Atualmente sente-se integrada em Portugal, “agora só falta arranjar trabalho”.

### Transcrição de entrevista n.º 13

|                                 |                               |
|---------------------------------|-------------------------------|
| <b>Entrevistado</b>             | Homem, 25 anos, “Evangelista” |
| <b>Data da entrevista</b>       | 30 de março 2012              |
| <b>Local da entrevista</b>      | Casa do entrevistado          |
| <b>Duração da entrevista</b>    | 33m40                         |
| <b>Hora de início (aprox.)</b>  | 14h05                         |
| <b>Hora de término (aprox.)</b> | 14h40                         |

**E.: A primeira coisa que gostava de perceber é porque é que veio para Portugal. Porquê Portugal?**

e.: Porquê Portugal? Bom, primeiramente já havia pessoas que conheciam, que moravam aqui. Primeira pessoa que veio foi uma madrinha minha que batizou na Igreja católica quando era criança e ela veio com o esposo dela para cá. Isso nos anos noventa, mais ou menos. Quando foi em 2005, tinha uma tia minha que ela já tinha feito o mestrado e ela entrou em contacto com essa madrinha minha e veio fazer o doutoramento aqui na Faculdade de Letras. E ela fez em 2005 e precisou só estar um ano aqui. Logo após, foi ao Brasil e eu vim para cá em 2006. Vim, tinha terminado o décimo segundo ano, com intenção de tentar fazer, também, a Faculdade ou tentar conhecer uma cultura diferente, um país diferente. Então, o facto de estar em Portugal foi devido a essa pessoa que já veio, trouxe a minha tia e, logo após, eu vim também.

**E.: Portanto, ter família aqui acabou por ajudá-lo a decidir vir para cá... Sentiu algum apoio quando veio cá por parte da sua familiar que estava cá?**

e.: Sim, sim. Apoiou e depois de cinco dias ela teve que voltar ao Brasil e eu fiquei.

**E.: Bem curto o tempo...**

e.: Foi, bem curto. E aí eu fiquei com alguns amigos dela, morando na mesma casa. E trabalhei durante um tempo, também, como muitos imigrantes fazem, de forma ilegal mas trabalhei. Consegui um contrato de trabalho, também. Fui inscrito na Segurança Social e, mais ou menos, depois de um ano eu tive que conseguir ser aprovado na Faculdade. Voltei ao Brasil, porque a lei de imigração é diferente. Naquela época tinha que se pegar o visto fora do país. E aí eu fui, dei entrada no visto e depois de três meses

eles me deram e, em 2007, eu retornei a Portugal. Perdi, mais ou menos, um ano de aulas devido a essas questões e continuei.

**E.: Mas a primeira vez que veio para cá nunca pensou em pedir logo visto de estudo? A primeira vez que...**

e.: Pensei, mas não teria como ter o visto de estudo. Primeiro, porque eu não estava inscrito na instituição aqui no país.

**E.: Ok. Fez o processo ao contrário.**

e.: Exato. (risos) Digamos que eu fui na brecha da lei. Entrei como turista, trabalhei, consegui ser aprovado, porque na Faculdade eles pediram somente o passaporte... Na Faculdade... que é normal, para estar-se inscrito não é necessário ter residência. Então eles pediram, dei entrada, voltei e consegui o visto. Demorou três meses, mas consegui. Pensei que não iria conseguir devido a... Fiquei um ano. Ultrapassei o limite que um turista ultrapassa e...

**E.: E como é que foi esse ano em que estava com a situação por regularizar?**

e.: Durante esse ano foi um bocado complicado... que eu vivi um bocado... Pronto, não tinha informação de muita coisa. Estava chegando num país que, apesar de ser culturas parecidas devido ao Brasil ter sido colônia, mas, mesmo assim, ainda tem muitas diferenças: culturais, as pessoas, a forma de falar... muitas coisas que são diferentes e, então, a princípio eu senti alguma dificuldade quando tinha um certo receio, um certo medo... Todo o imigrante quando chega tem aquele medo do SEF, da polícia, e tal. E tinha um certo receio. Evitava sair muito à noite, evitava... Só ia trabalhar e voltava para casa e, às vezes, saía um bocado mas sempre com aquele receio. Então, foi depois de uns três meses, mais ou menos, eu percebi que não era tão assim os Estados Unidos da América com aquele rigor todo e, então, passei a me integrar mais. Integrando um bocado, trabalhando... Trabalhei naqueles empregos que, normalmente, os imigrantes trabalham: restauração, inclusive trabalhei, também, com vendas porta a porta, depois fui trabalhar no telemarketing quando eles me deram um contrato de trabalho (aí as coisas já melhoraram um bocado). Mas esse primeiro ano foi isso, adaptação. Frio... Que era muito frio para mim.

**E.: Mas quando veio já tinha na ideia de conseguir trabalho para ajudar a sustentar-se aqui?**

e.: Sim. Minha tia já tinha conseguido um trabalho, já. E eu cheguei, depois de três dias eu já comecei a trabalhar, distribuindo publicidade na rua, também.

**E.: Mas tudo de uma forma ilegal? Alguma vez teve algum problema com pagamentos...**

e.: Como assim?

**E.: Uma vez que não estava com um contrato de trabalho teve alguma dificuldade em que lhe pagassem pelos serviços?**

e.: Sim, sim, teve. Sempre há. Por ser imigrante ilegal, normalmente, quem emprega você como não te dá contrato, não te dá nada, praticamente você não existe como funcionário da empresa e, então, eles podem... teve uma situação assim, inclusive nesse primeiro trabalho, quando eu fui receber que quanto às comissões que eles diziam que davam, me deram menos e eu fui reclamar e disseram... Inventaram algumas histórias. Eu não podia fazer nada porque não tinha uma lei que me amparasse. Então isso acontece. É normal.

**E.: E quando é que neste trajeto aparece a Assembleia de Deus?**

e.: A Assembleia de Deus foi assim, primeira Assembleia de Deus que eu frequentei foi no ano de dois mil... Não, antes da Assembleia de Deus havia a Igreja Metodista. E um Pastor africano chamado Miranda, e ele tinha uma Igreja próximo de onde eu morava (morava nas proximidades do Campo 24 de Agosto). E ele tinha uma Igreja ali e eu fui frequentar. Ia. Sempre gostei porque no Brasil também eu frequentava mas não era tão assíduo, diria assim. (risos) Não com tanta assiduidade. Então eu comecei a ir nessa Igreja metodista, depois eu fui ao Brasil, quando voltei havia um Pastor brasileiro que tinha aberto uma Assembleia de Deus, mais ou menos também nas proximidades onde eu morava (no Marquês), e eu fui frequentar. Só que no ano de dois mil..., frequentei 2007 a 2008, mais ou menos. Depois ele foi embora para o Brasil e aí eu estive à procura de outra Igreja e encontrei a Assembleia de Deus Comunidade Portuguesa, que é a que estou hoje. Está distante da minha casa mas, mesmo assim, eu gostei da Igreja, das pessoas... Me senti à vontade. De 2009 para cá. Já são três anos.

**E.: E há alguma relação entre a atual localização da sua casa com a Igreja? Por está mais perto... Procurou...**

e.: Sim, sim. Mudei para cá principalmente pela proximidade com Igreja, também, pela questão monetária. É mais em conta. Porque lá morava numa casa com outros estudantes, aqui moro num local sozinho. É pequeno mas é sozinho. Tem certa privacidade, também, e está próximo da Igreja. E quanto mais distante um bocado do Porto fica mais em conta as casas.

**E.: Também é mais difícil ir para a Faculdade....**

e.: Diria que é mais fácil porque onde eu morava não tinha autocarro da minha casa até à Faculdade e aqui eu tenho. Aqui eu tenho autocarro setecentos e quatro que desço no shopping Cidade do Porto, no Bom Sucesso. Pego aquele autocarro e já desço no Bom Sucesso.

**E.: É direto.**

e.: É direto, já. Um caminho... Tinha que andar quase que dois quilómetros por dia porque eu morava na praça da República, até à Faculdade de Letras. E se eu fosse pegar alguma coisa tinha que ir para o metro da Trindade ou pegar um autocarro que descia. Pronto, um bocado mais distante e tal. Não tinha bem tão perto.

**E.: E em relação às suas relações de amizade... Refere aqui no questionário que se relaciona, predominantemente, com brasileiros. Que a maior parte dos seus amigos são brasileiros... É por algum motivo especial esta relação com brasileiros? Tem a ver com a sua ligação à Igreja ou, de alguma forma, não tem contacto com portugueses porque não acontece?**

e.: Não, eu tenho contacto com portugueses, sim. Amigos, também. Principalmente na Faculdade. Na Faculdade é onde tenho mais contacto porque eu estudo e, pronto, não trabalho. Estudo e estou na Igreja e, então, as pessoas que eu tenho mais proximidade que estão próximo da minha casa, moram próximo de minha casa, são as pessoas que são da igreja e são imigrantes. Mas na faculdade relaciono-me mais com portugueses, também. A relação é meia, meio. Mas amizade proximidade até pelo local são os brasileiros.

**E.: Os da Igreja...**

e.: Exato. Pelo local. Moram aqui próximo, também...

**E.: A igreja, para além da busca espiritual, que obviamente está associado à ida à Igreja, a Igreja é também uma comunidade onde se sente apoiado? Onde sabe que pode contar com as pessoas que estão lá?**

e.: Sim, sim, sim. A Igreja para mim, ela funciona além do campo espiritual, também. Porque como você mesma acabou de referir as pessoas que apoiam uma instituição que está de acordo com as leis do país e, então, até para alguns imigrantes ilegais que existem ela apoia, também. E para mim, pronto, nesse momento não sou um imigrante que está ilegal mas o convívio que a Igreja nos dá entre nós brasileiros, por estarmos distantes até de nossa casa, às vezes fazemos convívios aí digamos assim, que semelhante ao Brasil... entre nós. Então me dá assim um apoio, um suporte. Eu diria que dá um suporte. Não só espiritual mas, também, a nível social acredito que sim. É integradora a Igreja.

**E.: Inclusive diz aqui que a Igreja o ajudou a encontrar pessoas do seu país, ajudou também a arranjar casa...**

e.: Sim, sim. Até porque quando eu vim morar aqui foi o Pastor que, era uma antiga Irmã da Igreja, que era membro da Igreja, que morava anteriormente aqui e ela falou para o Pastor que estava-se mudando. O pastor me comunicou, que eu estava à procura de casa, e vim para cá. Então, foi através da Igreja que...

**E.: Um elo de ligação...**

e.: Sim.

**E.: E também acaba por dizer que até a relacionar-se com os portugueses a Igreja o ajuda.**

e.: Sim, também. Também. Há portugueses na Igreja, também. Que relacionamos, também. Lá acaba até conhecendo mais, por estarmos juntos às vezes em convívios também conversamos mais. Também ajuda.

**E.: Tem perspetivas de permanecer no país? Já me disse que no final do mestrado quer regressar ao Brasil mas já trazia essa ideia de regressar mal acabasse o mestrado? Vinha com uma ideia de ficar... Como é que é?**



e.: Bom, quando eu vim para cá eu pensava em ficar um tempo e depois voltar, mas não imaginava que seria tanto tempo. Já lá vão seis anos desde quando vim para cá, contando do momento da chegada até hoje, e a perspectiva para mim é voltar para o Brasil, como já te falei. Já havia falado antes. É voltar, até porque para a minha área, também, financeiramente está mais rentável estar lá. Mas eu gosto daqui. Aqui há tranquilidade, há calma, que falta um bocado lá. Lá é tudo mais agitado, muita gente... Eu gosto. Então a minha perspectiva é voltar ao Brasil e, o dia amanhã, não sei se vinte e quinze anos, dez anos, eu volto para cá. Não sei. Nunca se sabe o amanhã. Mas eu gosto daqui. Mas a perspectiva é voltar.

**E.: Sente-se integrado?**

e.: Sim. Sinto-me integrado, sim.

**E.: Há alguma coisa que lhe falte para se sentir no seu país?**

e.: Se falta alguma coisa? Falta. Falta, como é que eu poderia dizer, não que os portugueses não sejam acolhedores, felizes, mas faltava um bocado do nosso jeito de ser, daquela alegria espontânea... Como é que eu posso definir isso, por exemplo, fim-de-semana estão todos nas ruas, colocam-se cadeiras à porta, mesa, colocam-se boa música, está todo o mundo... Até o clima...

**E.: Proximidade...**

e.: Exato. Há uma proximidade. O clima é lógico que aqui também não ajuda a estar o ano todo assim mas isso me faz sentir um bocado de falta desse calor humano.

**E.: Sente-se mais isolado aqui?**

e.: É. Sinto mais isolado. Ao mesmo tempo que tenho uma certa paz, da violência que lá é mais maior que aqui, também sinto um bocado de isolamento. Porque cada um está na sua casa, no seu portátil, na internet ou vendo tv cabo, ou qualquer outra atividade, mas acaba isolando um do outro. Todo o mundo tem que estar junto. É a noção de grupo. Tem de estar todo o mundo junto.

**E.: Nunca pensou em trazer a sua família?**

e.: Eu? Já pensei, há uns quatro anos atrás, mais ou menos. A minha mãe (que eu só tenho a minha mãe), mas já pensei. Mas minha mãe está bem lá, então não iria trazê-la

para cá para ter adaptação, tudo... Está bem. Mas hoje é o contrário, eu que vou e ela vai-me receber. (Risos) Já é o contrário.

**E.: E relativamente... Estávamos a falar das diferenças culturais, há assim alguma coisa que o tenha chocado quando chegou a Portugal?**

e.: Se há alguma coisa? Eu acho que a barreira maior foi a língua. Pensava que seria mais fácil entender, à primeira vista. E estava lá passando na imigração, falando muito rápido, e eu pedia para repetir muitas vezes porque eu não entendia. Acho que foi... Pensei que conseguiria entender mais fácil mas não. Depois eu fui-me adaptando. Acho que, fora isso, o clima também foi um choque muito grande.

**E.: E em relação às religiosidades?**

e.: Religiosidades?

**E.: Sim. Nota diferença entre a fé do português, ou a dedicação à vida espiritual, entre a maior parte do povo português e os brasileiros em particular, dos evangélicos...**

e.: Noto sim, até porque o brasileiro, assim como o latino-americano, independente da religião, aparenta ser mais devoto. Acho que a sociedade portuguesa ela já é bastante secularizada. Os fiéis que ainda existem, católicos, são poucos. Não sei quais serão as progressões daqui a alguns anos. Mas pelo menos as camadas mais jovens não aparentam tanto. Já os jovens no Brasil eles saem, eles convivem mas, mesmo assim, há um apego maior às comunidades religiosas, às igrejas evangélicas. Até na forma de falar, na crença... Todos oram uma vez ao dia, pelo menos. Todos fazem a reza uma vez ao dia pelo menos. Não importa se é católico, evangélico ou de outra religião. Vê-se mais isso. Não sei identificar o porquê. Nota-se mais. Nota mais uma secularização. Se eu fosse definir como um crente, alguém que crê em Deus, eu diria: “um certo afastamento em relação à divindade”. Eu observo mais. Seria um termo preconceituoso (risos), mas é o que eu observo.

**E.: Mas isso de alguma forma afeta-o? Essa falta de religiosidade, esse afastamento de Deus...**

e.: Afeta, no sentido de, às vezes, quando a gente senta para tomar um café e eu vou falar alguma coisa é um choque, é mau interpretado. É quase como se eu aparentasse ser

a tia chata porque todos têm aquela tia, avó muito religiosa. Não, eu digo: “eu não sou a tia chata, avó, avô, nem o papai! Não, não sou nada disso. Eu creio em Deus mas sou jovem, sou como os jovens. Mas eu creio em Deus”. E tenho de explicar porquê. Então, eu noto que, às vezes, há um choque de pensamentos em algumas frases que eu digo como: “graças a Deus”, “ se for da vontade de Deus vai correr tudo bem”, e aí já começa aquela... aquelas coisas são normais.

**E.: Sente que as pessoas estranham...**

e.: Estranham bastante.

**E.: Sobretudo os jovens...**

e.: Pois. Sobretudo os jovens.

**E.: Aqui no inquérito dizia-me que já se sentiu vítima de preconceito, discriminação. Pode-me relatar assim...**

e.: Já. Uma vez. Eu trabalhava, logo no primeiro ano, eu trabalhava para a TV Cabo, telemarketing, esse número de atendimento geral ao cliente e, certa vez, um Senhor me liga, não sei se era porque ele estar irritado também com o serviço, como é que era, quando eu falei, que ele ouviu o meu sotaque: “brasileiro vai para aquele lugar”. E começou a me chingar de tudo quanto era nome. Então isso me marcou um bocado, também. Desliguei o telefone e fiquei um bocado chateado, mas foi um preconceito...

**E.: E na Faculdade?**

e.: Não, na Faculdade não. Não sinto, não.

**E.: Acha que, isto é uma pergunta que é curiosidade minha, acha que esse preconceito, por exemplo essa diferença de estar num meio académico... Essa ausência de preconceito no meio académico talvez porque as pessoas sejam mais escolarizadas?**

e.: Sim, eu acho que sim. A escolarização também leva a uma maior informação e quem é informado não ter o pré conceito, o conceito concebido antes do conceito. Então acredito que sim, que ajuda. Isso até eu mesmo já observei. Que é normal. Isso até no Brasil, em qualquer local. Uma pessoa que vai numa Faculdade, no estrangeiro, dentro

dos meios académicos é mais bem observado do que nas camadas... As pessoas não têm tanto acesso à informação e, então, é por isso, também. Nesse sentido.

**E.: No Brasil nunca trabalhou...**

e.: Não.

**E.: De que Estado é que é?**

e.: Sergipe. É próximo à Baía.

**E.: Ah, ok.**

e.: Quando eu digo próximo à Baía todo o mundo sabe onde é que é. (risos) Mas o facto de não sermos conhecidos é bom porque estamos quietinho lá. É mais calmo, mais organizado. É o menor Estado da Federação.

**E.: Considera, em termos de qualidade de vida, que tem aqui uma melhor qualidade de vida do que a que tem no Brasil?**

e.: Hoje já não. Hoje já não. Antes diria que sim. Hoje no Brasil já tem acesso a... Vim do Brasil tem três, quatro semanas, e então já tem acesso à tecnologia que tem aqui, ou mais. Ainda há, pronto, algumas questões do Estado quanto à saúde porque, pronto, é um universo maior que tem, que se demora mais. O tempo tem que ser maior para que se organize as coisas mas pelo menos eu, a minha família como está hoje, eu vejo que o nível de vida, a forma de ter acesso aos bens, aos essenciais e os que são menos essenciais mas que nos dão prazer, viver a vida... Eu acho que lá, hoje, estão bem melhores que aqui. Poderia dar exemplo, por exemplo, a nível, um jovem hoje que sai da Faculdade ele já consegue trabalho e dentro de alguns meses ele pode entrar num carro, numa casa... Se ele quiser, está entendendo? Tem facilidades. Carros bons, do ano. O que é que eu posso dizer mais...

**E.: Mas nota essa diferença, por exemplo, quando decidiu vir estudar para Portugal a situação não era assim no Brasil?**

e.: Não. Era totalmente diferente há seis anos atrás. Até porque a política brasileira era uma qualquer... A minha adolescência que vivi foi essa: o governo que evitava o máximo de gastos possível para pagar dívida externa. Hoje já é o contrário. Hoje o Brasil empresta dinheiro. Já é o inverso. Então, hoje o dinheiro que o país tem está

investindo internamente. Naquela época não. Eu estudava numa escola federal, que escola federal, não sei se você sabe o que é? Escola do governo é federal, que para se entrar tem que se fazer um exame.

**E: Não sabia disso.**

e.: É Escola que só admite aqueles que têm as melhores notas. Consegui, entrei. Era uma boa escola, tinham os melhores professores que existiam naquela região, mas tinha alguns problemas a nível estrutural. Caindo pedaço aqui, caindo pedaço ali e essas coisas que hoje em dia fui na mesma escola...

**E.: Condições físicas...**

e.: Condições físicas. Hoje em dia fui na mesma escola e está tudo moderno, tudo novo, do melhor que há. E eu não vivi esse período. Hoje outros estão vivendo, está entendendo? O que era antes e o que é hoje é totalmente diferente. Mudou. Lógico que há problemas porque é muita gente. Muita gente há muitos problemas. Pouca gente são poucos os problemas... Mas o acesso às coisas para quem tem Faculdade, para quem trabalha, quem... está mais fácil.

**E.: Acha que o maior problema no Brasil ainda é a violência, também?**

e.: Sim, eu acho que é só essa questão. O resto... E mesmo assim acredito que consigam combater com novas políticas e tenta-se sempre alguma coisa nova. E o Brasil é muito grande. Cada Estado tem uma forma diferente de ser. O Estado em que eu vivo, que eu nasci é o menor Estado da federação. É tudo mais organizadinho. A cidade é menor, então, a violência é menor, também. Mas lógico que há algumas diferenças e se eu as colocasse a principal desvantagem seria, assim, a violência. Porque a questão social dentro de poucos anos vai-se resolver natural. Está sendo natural. O pouco que observei é natural. Aos poucos quem não tinha nada vai passar a ter alguma coisa. Que está-se aumentando... Cada vez procurando-se emprego, aumentando-se as portas de emprego... Então, vai ser natural. Agora a violência...

**E.: Se a situação estivesse como há seis anos atrás pensaria na mesma em regressar ao Brasil?**

e.: Não. Não voltaria, não. Se fosse há seis anos atrás eu permaneceria por aqui. (risos) Mesmo.

**E.: O nível de vida no início era diferente...**

e.: Era. Era diferente. Não é que era muito catastrófico. (Risos) Espero que eu não esteja fazendo uma visão... (Risos) Não era assim. Era bom mas não era tão bom quanto está hoje. Hoje está muito melhor.

**E.: E regressando ao Brasil como é que, não sei se permanece com ligações a alguma Igreja nessa cidade... Sim?**

e.: Sim.

**E.: É para lá que...**

e.: Sim, quando eu voltar tem algumas Igrejas que eu pretendo ir, observar e escolher qual delas é que eu vou congregar.

**E.: Vocês levam sempre uma carta de recomendação, se assim posso chamar.**

e.: Sim, uma carta de recomendação. Leva para saber quem é, de onde veio... É importante. Uma forma de, como a própria carta diz, “Carta de apresentação”. “Apresentação”. Então, é bom levar, também.

**E.: Já sabem que, normalmente, congrega numa Igreja Evangélica.**

e.: Exatamente. Já sabe de onde veio, por onde passou, quem foram as pessoas que estiveram com você: os líderes, o Pastor... já conhecem.

**E.: Ok.**

e.: Até porque as Igrejas Evangélicas não é uma, são várias. Então, se eu venho de uma Igreja Evangélica que não é, não está de acordo com a doutrina de outra Igreja Evangélica é normal que aquele Pastor tenha um certo cuidado porque há uma divergência doutrinária da Igreja que ele veio com a minha. Eu tenho que tentar fazer entender o que é essa Igreja, o que foi a Igreja dele. Então, é importante saber de onde veio para que não haja... Não é uma Igreja Católica única, são várias. É importante, por tudo.

**E.: Só para finalizar uma questão que há bocado estávamos a falar mas depois mudei o assunto, relativamente ao preconceito e à vivência da discriminação,**

**provavelmente já ouviu, por exemplo, a associação da mulher brasileira à prostituição, os brasileiros em geral como um povo pouco trabalhador, preguiçoso... Acha que, de alguma forma, esses preconceitos têm fundamento? Isto é, as pessoas, os brasileiros que vêm para aqui de certa forma contribuem para essa perpetuação de uma imagem ou uns brasileiros pagam por erros de outros no passado e a situação hoje está a mudar...**

e.: Sim. Quanto à situação, lógico que esse estereótipo permanece naquelas pessoas que têm menos formação. Então pode-se permanecer por muitos anos. Não sei se vai mudar até porque os imigrantes, a imigração, você que estuda sabe dizer muito melhor, muitos que vieram para Portugal não tinham formação. Então, quando você não tem formação fica complicado você ter bons empregos, bons locais para você trabalhar. Se com formação já é difícil... Então muitos iam para a marginalidade, ou as mulheres prostituíam-se, ou muitas já saíam com a intenção de prostituir-se porque já faziam o mesmo no Brasil e aqui iam ganhar em outra moeda que vale três vezes mais. E é normal que se crie esse estereótipo. É um choque. Como se criam estereótipos de outras culturas no Brasil, também. E se isso vai mudar eu não sei dizer... Não sei dizer.

**E.: Mas acha... Tem a noção que, por exemplo, até pelo seu trabalho na Igreja que uns acabam por levar com as culpas de outros, se assim podemos dizer. Do passado, ou ainda do presente. Que mulheres, por exemplo no caso das mulheres, continuam a ser vítimas de um preconceito...**

e.: Continua, sim. Assédio no trabalho. Um patrão que tem uma empregada doméstica em casa e por ser brasileira quem sabe ele possa imaginar muitas coisas... Isso existe. Há vários e vários casos que a gente ouve em autocarros... Amigas brasileiras chegam para mim: “eu estava conversando e porque viram que eu era brasileira já... Enquanto eu não falei nada.... Eu atendi o telefone, depois que ouviu minha voz já queria dar em cima de mim, e tal e tal”. Isso acontece mas se vai mudar eu já não sei. Mas isso é...

**E.: E você trazia alguma ideia do português?**

e.: Trazia, também, alguns estereótipos do português. (risos) No Brasil também há um estereótipo que foi criado do português.

**E.: Burro, de bigode...**

e.: De bigode (Risos), e as mulheres também de bigodes, e tal. Mas lógico que sabia que não era bem assim. Isso são piadas, somente, que não deixam de ser preconceituosas e que hoje eu já não gosto, também. Entendo um bocado... Mas trazia, sim. Nesse sentido. (Risos) As pessoas não entendem. Hoje eu entendo que não é, como é que eu posso dizer, por ser burro (usando uma palavra chula). São culturas diferentes. Então há coisas na cultura portuguesa que nem eu entendo. Eu posso ser um burro, na cultura Alemanha, eles não entendem alguns gestos, algumas coisas que eu falo e, mesmo que entendam o que eu estou dizendo, não entendem algumas coisas culturais. Então é normal. Hoje eu entendo isso um bocado mas...

**E.: Ficou de certa forma surpreendido quando chegou cá e conheceu um mundo mais plural do que o que imaginava?**

e.: Sim, sim. Era mais... Fiquei e não fiquei. Porque eu já imaginava que Portugal era um país que fazia parte da União Europeia, já tinha-se aberto ao mundo, já não era uma ditadura, já estava, digamos assim, globalizado. E então sabia que era diferente. Mas algumas coisas ainda fiquei chocado.

**E.: É muito interessante porque falamos sempre do brasileiro... porque estamos em Portugal falamos do brasileiro que é vítima de preconceito mas quando às vezes nos apercebemos também os brasileiros tinha uma imagem sobre os portugueses antes de virem e também tenho verificado isso com muitas pessoas que tenho falado. Não tenho mais nenhuma pergunta a fazer. Não sei se tem mais alguma coisa a dizer...**

e.: A acrescentar? Sim, poderei acrescentar que o que eu tenho observado que já houve, quanto à imigração, você trabalha com essa área, já houve tempos em que o Brasil foi uma terra de oportunidades, os portugueses foram. Portugal foi uma terra de oportunidades, os brasileiros vieram. Acho que o futuro não nos aguarda. O nosso futuro é o mesmo que o Fernando Pessoa um dia disse: “que a nossa pátria seja a língua portuguesa”. Então que deixemos de ser imigrantes. Que sejamos uma só nação. Porque não? Eu penso um bocado assim depois que eu vim para cá. Quero deixar isso... Porque não? (risos)





| Análise vertical à entrevista n.º 13   |  |   |
|--|--|---|
| Inquérito ADCP_9   |  |   |
| Dimensões e categorias de análise  | Dados/ Sínteses  | Excertos  |
| <b>I. Dimensão social</b><br><br><b>Caraterísticas sociodemográficas</b><br><br><b>Zona de residência</b><br><br><b>Composição de classe</b> | <b>Género:</b> masculino<br><b>Idade atual:</b> 25<br><b>Idade de emigração:</b> 28<br><b>Nível de escolaridade no Brasil:</b> ensino médio completo<br><b>Nível de escolaridade em Portugal:</b> frequenta mestrado<br><b>Concelho e freguesia de residência:</b> Gondomar, Rio Tinto<br><b>Composição étnica das vizinhanças:</b> Só portugueses<br><b>Última ocupação no Brasil:</b> estudante<br><b>Primeira ocupação em Portugal:</b> apoio ao cliente <i>call center</i><br><b>Ocupação atual em Portugal:</b> estudante |   |
| <b>II. Percursos migratórios</b>   | <b>Tempo de permanência:</b> 6 anos<br><b>Tipo de rede migratória:</b> legal, visto de curta duração   | <p>“Conseguí um contrato de trabalho, também. Fui inscrito na Segurança Social e, mais ou menos, depois de um ano eu tive que conseguir ser aprovado na Faculdade. Voltei ao Brasil, porque a lei de imigração é diferente. Naquela época tinha que se pegar o visto fora do país. E aí eu fui, dei entrada no visto e depois de três meses eles me deram e, em 2007, eu retornei a</p> |

**Com quem veio:** sozinho

#### **Aprofundamento das razões de vinda para Portugal**

Queria estudar em outro país e escolheu Portugal porque tinha uma tia aqui a estudar também aqui.

#### **Dificuldades encontradas em Portugal**

As principais dificuldades relacionaram-se com o facto de ter ficado irregular. Por ter entrado como turista e ter ficado ilegal ao fim de três meses, nos trabalhos que arranjava não conseguiu contrato para se legalizar. Inclusive, ficaram a dever-lhe comissões, mas porque estava ilegal nunca pôde queixar-se.

Para além disso, refere que as diferenças linguísticas, que não esperava fossem um problema, lhe causaram muitas dificuldades de adaptação.

Portugal. Perdi, mais ou menos, um ano de aulas devido a essas questões e continuei.”

“ Digamos que eu fui na brecha da lei. Entrei como turista, trabalhei, consegui ser aprovado, porque na Faculdade eles pediram somente o passaporte... Na Faculdade... que é normal, para estar-se inscrito não é necessário ter residência. Então eles pediram, dei entrada, voltei e consegui o visto. Demorou três meses, mas consegui.”

“ Vim, tinha terminado o décimo segundo ano, com intenção de tentar fazer, também, a Faculdade ou tentar conhecer uma cultura diferente, um país diferente. Então, o facto de estar em Portugal foi devido a essa pessoa que já veio, trouxe a minha tia e, logo após, eu vim também.”

“Trabalhei naqueles empregos que, normalmente, os imigrantes trabalham: restauração, inclusive trabalhei, também, com vendas porta a porta, depois fui trabalhar no telemarketing quando eles me deram um contrato de trabalho (aí as coisas já melhoraram um bocado). Mas esse primeiro ano foi isso, adaptação.”

“Por ser imigrante ilegal, normalmente, quem emprega você como não te dá contrato, não te dá nada, praticamente você não existe como funcionário da empresa e, então, eles podem... teve uma situação assim, inclusive nesse primeiro trabalho, quando eu fui receber que quanto às comissões que eles diziam que davam, me deram menos e eu fui reclamar e disseram... Inventaram algumas histórias. Eu não podia fazer nada porque não tinha uma lei que me amparasse. Então isso acontece. É normal.”

|   |  |  |
|---|--|--|
|   |  | <p>“ Eu acho que a barreira maior foi a língua. Pensava que seria mais fácil entender, à primeira vista. E estava lá passando na imigração, falando muito rápido, e eu pedia para repetir muitas vezes porque eu não entendia. Acho que foi... Pensei que conseguiria entender mais fácil mas não. Depois eu fui-me adaptando. Acho que, fora isso, o clima também foi um choque muito grande.”</p>  |
| <p><b>III. Dimensão cultural</b></p> <p><b>Redes de sociabilidade</b></p> <p><b>Esteretótipos e</b></p> | <p><b>Redes à chegada a Portugal</b><br/>Conhecia já em Portugal a sua madrinha de batismo e uma tia que também tinha vindo para Portugal estudar.</p> <p><b>Redes de sociabilidade primárias</b></p> <p>Os seus dois principais núcleos de convivência são a faculdade, onde se relaciona sobretudo com portugueses, e a Igreja, onde os seus amigos são outros imigrantes, sobretudo brasileiros.</p> <p><b>Aprofundamento das disposições relativamente aos grupos com que o entrevistado se relaciona menos ou não se relaciona e as justificações em torno dessa situação.</b><br/>Não se aplica.</p> <p><b>Relato de situações em que foi vítima de preconceito e/ou</b></p> | <p>“ Porquê Portugal? Bom, primeiramente já havia pessoas que conheciam, que moravam aqui. Primeira pessoa que veio foi uma madrinha minha que batizou na Igreja católica quando era criança e ela veio com o esposo dela para cá. Isso nos anos noventa, mais ou menos. Quando foi em 2005, tinha uma tia minha que ela já tinha feito o mestrado e ela entrou em contacto com essa madrinha minha e veio fazer o doutoramento aqui na Faculdade de Letras. E ela fez em 2005 e precisou só estar um ano aqui. Logo após, foi ao Brasil e eu vim para cá em 2006.”</p> <p>“ Não, eu tenho contacto com portugueses, sim. Amigos, também. Principalmente na Faculdade. Na Faculdade é onde tenho mais contacto porque eu estudo e, pronto, não trabalho. Estudo e estou na Igreja e, então, as pessoas que eu tenho mais proximidade que estão próximo da minha casa, moram próximo de minha casa, são as pessoas que são da igreja e são imigrantes. Mas na Faculdade relaciono-me mais com portugueses, também. A relação é meia, meio. Mas amizade proximidade até pelo local são os brasileiros.”</p> <p>“Eu trabalhava, logo no primeiro ano, eu trabalhava para a TV</p> |

|                                     |  |   |
|-------------------------------------|--|---|
| <p>representações</p>               | <p><b>discriminação</b></p> <p>Quando trabalhava no apoio ao cliente ao telefone chegou a ser insultado por um cliente por ser brasileiro.</p> <p><b>Perceber se os estereótipos em relação aos brasileiros têm fundamento; se favorecem ou dificultam a integração dos brasileiros em geral na sociedade portuguesa; e se favorecem ou dificultam o estabelecimento de relações sociais.</b></p> <p>O entrevistado considera que, por força da fraca formação da maioria dos portugueses (porque é nos mal formados que reconhece o maior preconceito) e do facto de os brasileiros imigrantes serem também pessoas pouco escolarizadas e com dificuldades em arranjar trabalho, também facilmente caem na marginalidade, reforçando o estereótipo.</p> | <p>Cabo, telemarketing, esse número de atendimento geral ao cliente e, certa vez, um Senhor me liga, não sei se era porque ele estar irritado também com o serviço, como é que era, quando eu falei, que ele ouviu o meu sotaque: “brasileiro vai para aquele lugar”. E começou a me chingar de tudo quanto era nome. Então isso me marcou um bocado, também. Desliguei o telefone e fiquei um bocado chateado, mas foi um preconceito...”</p> <p>“ Quanto à situação, lógico que esse estereótipo permanece naquelas pessoas que têm menos formação. Então pode-se permanecer por muitos anos. Não sei se vai mudar até porque os imigrantes, a imigração, você que estuda sabe dizer muito melhor, muitos que vieram para Portugal não tinham formação. Então, quando você não tem formação fica complicado você ter bons empregos, bons locais para você trabalhar. Se com formação já é difícil... Então muitos iam para a marginalidade, ou as mulheres prostituíam-se, ou muitas já saíam com a intenção de prostituir-se porque já faziam o mesmo no Brasil e aqui iam ganhar em outra moeda que vale três vezes mais. E é normal que se crie esse estereótipo. É um choque. Como se criam estereótipos de outras culturas no Brasil, também.”</p> |
| <p><b>IV. Dimensão política</b></p> | <p><b>Vivência de uma situação de irregularidade ou ilegalidade perante as autoridades portuguesas</b></p> <p>Durante os primeiros meses que ficou ilegal revela ter sentido receio de ser apanhado pelo SEF. Evitava sair à noite, procurava ter uma vida rotinizada em torno do trabalho e de casa. Imaginava Portugal como os EUA ao nível da polícia de imigração. Só com o tempo foi verificando que tinha uma imagem exagerada e foi perdendo o medo.</p>  | <p>“ Durante esse ano foi um bocado complicado... que eu vivi um bocado... Pronto, não tinha informação de muita coisa. Estava chegando num país que, apesar de ser culturas parecidas devido ao Brasil ter sido colônia, mas, mesmo assim, ainda tem muitas diferenças: culturais, as pessoas, a forma de falar... muitas coisas que são diferentes e, então, a princípio eu senti alguma dificuldade quando tinha um certo receio, um certo medo... Todo o imigrante quando chega tem aquele medo do SEF, da polícia, e tal. E tinha um certo receio. Evitava sair muito à noite, evitava... Só ia trabalhar e voltava para casa e, às vezes, saía um bocado mas sempre com aquele receio. Então, foi depois de uns</p>   |

|                                  |  |  |
|----------------------------------|--|--|
| <p><b>V. Auto percepções</b></p> | <p><b>Estatutos especiais</b><br/>Não.</p> <p><b>Percepção da própria situação de integração</b></p> <p>Sente-se integrado, mas não totalmente adaptado culturalmente. Afirma sentir falta do “jeito de ser” dos brasileiros.</p> <p><b>Percepção da sua qualidade de vida atual</b></p> <p>Atualmente considera que no Brasil se vive melhor do que em Portugal. Por ser um país muito grande, reconhece que o Brasil ainda tem problemas, mas para quem consegue estudar e ter um trabalho as facilidades são tantas ou mais do que em Portugal. Lembra que hoje é o Brasil quem empresta dinheiro ao mundo.</p> | <p>três meses, mais ou menos, eu percebi que não era tão assim os Estados Unidos da América com aquele rigor todo e, então, passei a me integrar mais. Integrando um bocado, trabalhando...”</p> <p>“ Sim. Sinto-me integrado, sim. (...) Se falta alguma coisa? Falta. Falta, como é que eu poderia dizer, não que os portugueses não sejam acolhedores, felizes, mas faltava um bocado do nosso jeito de ser, daquela alegria espontânea... Como é que eu posso definir isso, por exemplo, fim-de-semana estão todos nas ruas, colocam-se cadeiras à porta, mesa, colocam-se boa música, está todo o mundo... Até o clima...”</p> <p>“ Hoje já não. Antes diria que sim. Hoje no Brasil já tem acesso a... Vim do Brasil tem três, quatro semanas, e então já tem acesso à tecnologia que tem aqui, ou mais. Ainda há, pronto, algumas questões do Estado quanto à saúde porque, pronto, é um universo maior que tem, que se demora mais. O tempo tem que ser maior para que se organize as coisas mas pelo menos eu, a minha família como está hoje, eu vejo que o nível de vida, a forma de ter acesso aos bens, aos essenciais e os que são menos essenciais mas que nos dão prazer, viver a vida... Eu acho que lá, hoje, estão bem melhores que aqui. Poderia dar exemplo, por exemplo, a nível, um jovem hoje que sai da Faculdade ele já consegue trabalho e dentro de alguns meses ele pode entrar num carro, numa casa... Se ele quiser, está entendendo? Tem facilidades. (...) A minha adolescência que vivi foi essa: o governo que evitava o máximo de gastos possível para pagar dívida externa. Hoje já é o contrário. Hoje o Brasil empresta dinheiro. Já é o inverso. Então, hoje o dinheiro que o país tem está investindo internamente. Naquela época não. (...) Lógico</p> |
|----------------------------------|--|--|

|                    |  |   |
|--------------------|--|---|
|                    | <p><b>Perceção em relação ao futuro: intenção de regressar ao Brasil</b></p> <p>Tencionava regressar ao Brasil quando emigrou e continua a querer voltar. Não imaginava que ficaria tanto tempo por cá e visitar Portugal sempre que puder, mas a sua perspetiva é regressar ao país de origem, onde considera que se vive melhor atualmente.</p>  | <p>que há problemas porque é muita gente. Muita gente há muitos problemas. Pouca gente são poucos os problemas... Mas o acesso às coisas para quem tem Faculdade, para quem trabalha, quem... está mais fácil.”</p> <p>“ Bom, quando eu vim para cá eu pensava em ficar um tempo e depois voltar, mas não imaginava que seria tanto tempo. Já lá vão seis anos desde quando vim para cá, contando do momento da chegada até hoje, e a perspetiva para mim é voltar para o Brasil, como já te falei. Já havia falado antes. É voltar, até porque para a minha área, também, financeiramente está mais rentável estar lá. Mas eu gosto daqui. Aqui há tranquilidade, há calma, que falta um bocado lá. Lá é tudo mais agitado, muita gente... Eu gosto. Então a minha perspetiva é voltar ao Brasil e, o dia amanhã, não sei se vinte e quinze anos, dez anos, eu volto para cá. Não sei. Nunca se sabe o amanhã. Mas eu gosto daqui. Mas a perspetiva é voltar.”</p> |
| <p><b>ADCP</b></p> | <p><b>Vivências religiosas anteriores</b></p> <p>Apesar de ter sido batizado pela Igreja Católica, converteu-se ao cristianismo evangélico ainda no Brasil, pese embora o facto de nessa altura ser um frequentador irregular da igreja. Em Portugal frequentou uma Igreja Metodista, com um Pastor africano; depois tomou conhecimento da existência de uma Assembleia de Deus ministrada por um Pastor brasileiro e passou a frequentar esta até o pastor se ir embora; altura em que muda para a ADCP. Mudou-se inclusive de casa para ficar mais próximo da igreja.</p> <p>Relativamente ao futuro no Brasil, conhece já algumas igrejas que tenciona visitar para depois optar por uma.</p> | <p>“ Não, antes da Assembleia de Deus havia a Igreja Metodista. E um Pastor africano chamado Miranda, e ele tinha uma Igreja próximo de onde eu morava (morava nas proximidades do Campo 24 de Agosto). E ele tinha uma Igreja ali e eu fui frequentar. Ia. Sempre gostei porque no Brasil também eu frequentava mas não era tão assíduo, diria assim. (risos) Não com tanta assiduidade. Então eu comecei a ir nessa Igreja metodista, depois eu fui ao Brasil, quando voltei havia um Pastor brasileiro que tinha aberto uma Assembleia de Deus, mais ou menos também nas proximidades onde eu morava (no Marquês), e eu fui frequentar. Só que no ano de dois mil..., frequentei 2007 a 2008, mais ou menos. Depois ele foi embora para o Brasil e aí eu estive à procura de outra Igreja e encontrei a Assembleia de Deus Comunidade Portuguesa, que é a que estou hoje.”</p>   |

### **Aprofundamento das razões e motivações subjacentes à pertença à ADCP**

Em Portugal encontrou uma sociedade que considera bastante secularizada. A falta de fé, sobretudo entre as gerações mais jovens, afetou-o e essa é uma das principais razões que se percebe estarem por detrás da necessidade de em Portugal integrar uma igreja. Considera que no Brasil as pessoas eram mais crentes, sentia isso no dia a dia, pelo que não necessitava tanto frequentar a Igreja. Em Portugal, quando fala de Deus aos seus amigos (que não são da Igreja) sente que eles o olham como “a tia chata”.

“ Mudei para cá principalmente pela proximidade com Igreja, também, pela questão monetária. É mais em conta. Porque lá morava numa casa com outros estudantes, aqui moro num local sozinho. É pequeno mas é sozinho. Tem certa privacidade, também, e está próximo da Igreja. E quanto mais distante um bocado do Porto fica mais em conta as casas.”

“Sim, quando eu voltar tem algumas Igrejas que eu pretendo ir, observar e escolher qual delas é que eu vou congregar.”

“Acho que a sociedade portuguesa ela já é bastante secularizada. Os fiéis que ainda existem, católicos, são poucos. Não sei quais serão as progressões daqui a alguns anos. Mas pelo menos as camadas mais jovens não aparentam tanto. Já os jovens no Brasil eles saem, eles convivem mas, mesmo assim, há um apego maior às comunidades religiosas, às igrejas evangélicas. Até na forma de falar, na crença... Todos oram uma vez ao dia, pelo menos. Todos fazem a reza uma vez ao dia pelo menos. Não importa se é católico, evangélico ou de outra religião.”

“Afeta, no sentido de, às vezes, quando a gente senta para tomar um café e eu vou falar alguma coisa é um choque, é mau interpretado. É quase como se eu aparentasse ser a tia chata porque todos têm aquela tia, avó muito religiosa. Não, eu digo: “eu não sou a tia chata, avó, avô, nem o papai! Não, não sou nada disso. Eu creio em Deus mas sou jovem, sou como os jovens. Mas eu creio em Deus”. E tenho de explicar porquê. Então, eu noto que, às vezes, há um choque de pensamentos em algumas frases que eu digo como: “graças a Deus”, “ se for da vontade de Deus vai correr tudo bem”, e aí já começa aquela... aquelas coisas são normais.”



### **Ajudas que encontrou na ADCP**

Na ADCP considera que existe o apoio que outras instituições não podem fornecer ao imigrante ilegal porque funcionam dentro da lei. Por outro lado, considera que a Igreja funciona como um lugar de manutenção da cultura de origem, dando-lhe um apoio/suporte que classifica de “social”. Por outro lado, a Igreja ajuda-o na relação com portugueses porque foi também na Igreja que conheceu muitos.

A casa que vive atualmente foi também conseguida através de um conhecimento dentro da Igreja.

“ A Igreja para mim, ela funciona além do campo espiritual, também. Porque como você mesma acabou de referir as pessoas que apoiam uma instituição que está de acordo com as leis do país e, então, até para alguns imigrantes ilegais que existem ela apoia, também. E para mim, pronto, nesse momento não sou um imigrante que está ilegal mas o convívio que a Igreja nos dá entre nós brasileiros, por estarmos distantes até de nossa casa, às vezes fazemos convívios aí digamos assim, que semelhante ao Brasil... entre nós. Então me dá assim um apoio, um suporte. Eu diria que dá um suporte. Não só espiritual mas, também, a nível social acredito que sim. É integradora a Igreja.”

“Até porque quando eu vim morar aqui foi o Pastor que, era uma antiga Irmã da Igreja, que era membro da Igreja, que morava anteriormente aqui e ela falou para o Pastor que estava-se mudando. O pastor me comunicou, que eu estava à procura de casa, e vim para cá. Então, foi através da Igreja que...”

“ Há portugueses na Igreja, também. Que relacionamos, também. Lá acaba até conhecendo mais, por estarmos juntos às vezes em convívios também conversamos mais. Também ajuda.”

## Transcrição de entrevista n.º 14

|                                 |                              |
|---------------------------------|------------------------------|
| <b>Entrevistado</b>             | Mulher, 50 anos, “Diaconisa” |
| <b>Data da entrevista</b>       | 31 de março de 2012          |
| <b>Local da entrevista</b>      | Escritório da ADCP           |
| <b>Duração da entrevista</b>    | 54m50                        |
| <b>Hora de início (aprox.)</b>  | 16h                          |
| <b>Hora de término (aprox.)</b> | 17h                          |

**E.: Disse no seu inquérito que veio para cá para se juntar à família. Quem é que tinha cá?**

e.: Era o meu marido. Ele veio primeiro e eu vim passar um mês de férias e gostei muito da região de São Martinho do Porto e decidi voltar para o Brasil. Pedi as contas do trabalho e vim para Portugal.

**E.: E o seu marido estava cá há quanto tempo?**

e.: Um ano.

**E.: Veio por razões de trabalho?**

e.: Ele veio mesmo à procura de trabalho. Eu vim de férias. Mas ele veio mesmo à procura de trabalho.

**E.: Mas tinha emprego lá no Brasil, a irmã?**

e.: Tinha. Eu era governanta hoteleira do “Novo Hotel”.

**E.: Estava estabelecida, estava bem...**

e.: Sim, sim. Muito bem.

**E.: E imaginava que o seu marido ia regressar ou já tinha uma ideia de um dia poder juntar-se a ele aqui em Portugal?**

e.: Não. Ele não queria voltar. A questão foi essa. Então, não voltando eu preferi abrir mão do meu próprio bem-estar. E pronto.

**E.: E quando chegou aqui a Portugal quais foram as maiores dificuldades que enfrentou?**

e.: Todas. Primeira dificuldade foi o falar do português porque eu não entendia. Vocês falam muito rápido para quem chega. E cultura me chocou um bocado. Os hábitos, a forma de falar também me chocou um bocado. E em termos profissionais de trabalho em si. Muito bruto. Trabalho muito radical. Eu acho o trabalho de cá muito agressivo.

**E.: Quando se refere à questão da cultura, dos costumes, a que é que se refere, em particular?**

e.: A cultura que eu falo... Não no geral. Mas a forma de vocês agirem (não sei se isso realmente é a forma correta de colocar). A forma de como vocês têm a cultura de vocês. Eu acho o português assim um pouco... muito nacionalista. E quando chega pessoas de fora é como se, na verdade é um estrangeiro, mas nós brasileiros recebemos o povo de fora de uma forma diferente da de vocês. Tem mudado muito Portugal, já percebi. Não sei se é porque eu cheguei acreditando que era uma coisa... Principalmente os portugueses idosos eles têm uma forma de ver quem vem de fora com muita agressividade. Inclusive a brasileira. A brasileira é achacada a... Eu sofri dois pontos: o racismo de ser brasileira e o racismo de ser preta. Quer dizer, eu não sou preta mas eu tenho pele de negra, porém morena. Então, isso chocou muito. Mas a cultura mesmo.

**E.: Há assim alguma situação que se recorde em que se tenha realmente sentido vítima de algum comentário...**

e.: De racismo?

**E.: Sim.**

e.: Há pouco tempo na loja. Eu trabalhava na loja de um euro e chegou um senhor que ele foi fazer entrega das sacas, personalizadas com o nome da *shop*, e ele achava... Que eu estava a brincar com a minha colega, que eu acho muito doida e, no momento, a gente falando do tempo e tudo e eu falei assim... Aí falamos da cor, falamos do tempo, e para trás e não sei o quê e, de seguida, começamos a falar das sacas que são amarelas. E eu disse assim: “loira, nosso uniforme nesta cor iria ficar linda”. E o moço: “não ia prestar para você”. E ela disse assim: “é verdade. Porque eu sou branca. No amarelo não fica bem”. E eu falei: “pois eu sou negra e fica muito bem o amarelo em mim”. E o rapaz olhou assim... Aí ele olhou assim para mim e falou assim: “ah, imagina você na

praia se torrando. Na praia de Angola se torrando”. Eu falei: “não, eu não sou angolana. Eu sou brasileira”. E ele disse assim: “ah, você é brasileira?”. Falei: “sou. Com muito orgulho. Qual é o problema? Primeiro, já percebi que você é preconceituoso com os negros, e agora é com brasileira, também?”. E ele disse: “olha, vocês têm que entender que vocês são estrangeiros em Portugal. E como estrangeiro você não tem que dar palpite”. Eu falei: “e quem é você para dizer que nós não podemos dar palpite? Eu sei que eu sou brasileira, que estou no país de vocês, mas eu respeito vocês. Principalmente os portugueses que estão na minha cidade. Você é muito preconceituoso. Isso não convém. Sabia que preconceito dá cadeia?”. E aí comecei a falar e tentei quebrar aquilo porque estava na loja. E falei de Jesus para ele e tudo. Ele ainda brigou. Mas foi muito forte a forma de como ele me abordou. E fiquei muito triste. Falei: “infelizmente ainda há”. E nós temos muito... Nós somos muito atingidos nessa área. Na área pelo facto de ser brasileira. Muitos me confundem com angolana... (pausa) O preconceito, principalmente das... A nova geração não é tanto. A nova geração portuguesa não é tanto. Mas a geração antiga já é mais assertiva nessa área.

**E.: Já sentiu também essas diferenças entre os mais velhos e os mais novos?**

e.: Já. Muito. É uma diferença muito grande. Os jovens já têm uma cabeça aberta. Os mais velhos eles ainda continuam mesmo portugueses enraizados. “Somos assim não mudamos. Outra nação veio para cá. Trouxe uma cultura diferente, hábito diferente, e não queremos”. Não ficaram abertos para mudanças. Vocês jovens, não. Vocês já são abertos para muita mudanças. Principalmente que também muitos portugueses emigraram e já voltaram com a cabeça mais aberta. É diferente.

**E.: Quando é que conhece a igreja? Esta aqui em particular, a assembleia de Deus comunidade portuguesa.**

e.: Conheci há cinco anos atrás.

**E.: Foi a primeira igreja evangélica que procurou?**

e.: Não, porque eu vim de Caldas da Rainha e eu frequentava a igreja de portugueses. A igreja \*\*\* [imperceptível]. Faz coisas abençoadas o Pastor Samuel e a Pastora Sandra. E quando mudei para cá aqui não havia a Nova Aliança. Já era mesmo o trabalhar de Deus que me queria aqui. E estando no consolado encontrei uma irmã, daqui da igreja que me convidou e eu gostei tanto que fiquei. Estava indo para a batista, aquela batista no

centro do Porto (a primeira batista no centro do Porto). Mas ali é totalmente portugueses. Ali não adianta. Brasileiro não tem muita...

**E.: Que engraçado. Sentiu uma diferença no culto, mesmo sendo uma igreja evangélica?**

e.: Há diferenças. Muito.

**E.: Um culto menos emotivo... Menos expressivo, talvez.**

e.: A de Caldas da Rainha, não, era pentecostal como nós. Os pastores são mesmo pentecostais. São pessoas abençoadas, abençoadoras. Se determinado membro está passando por certa dificuldade primeiro vão orar e depois vão ajudar. Primeiro vai pedir permissão ao Senhor. Mas a batista eu senti muito fria espiritualmente. Assim o povo... E frio também o tratamento conosco. Quase ninguém falava com a gente. Exceto quem estava na porta, o Pastor e o rapaz que recebia. Muito pouco. Muito pouco mesmo. Nos sentíamos um peixe fora de água. Era eu e mais três amigas que hoje já não vivem cá. Vivem em Espanha.

**E.: E desde que conheceu aqui a igreja tem vindo regularmente?**

e.: Todos os cultos. Venho mais do que regular. Venho segunda, venho quarta, quinta, sexta, sábado e domingo.

**E.: Que importância tem aqui a igreja, a comunidade, na sua vida? A minha pergunta é mais neste sentido, vem só por razões espirituais a ligação que tem a Deus ou também vem ao encontro da comunidade...**

e.: Também. Também. É assim, além do encontro espiritual, querendo ou não a gente vem pelas pessoas, para ter convívio. Na verdade, o meu convívio em Portugal é na igreja. Eu não tenho praticamente outro convívio a não ser no trabalho e na minha casa. Convívio de ir no *shopping* é diferente. Mas geralmente quando vou no *shopping* vou acompanhada com os irmãos da igreja. Por exemplo, no domingo atrasado o pastor Unelmo nos convidou. Fui eu, a esposa dele, as crianças e a irmã Bela e o pastor. Então, querendo ou não é um convívio espiritual porque fala a mesma língua, tem os mesmo... Então, meia volta...

**E.: E na sua vizinhança não se relaciona com ninguém?**

e.: Só com minha vizinha em cima e minha vizinha do lado que é uma portuguesa espetacular. Uma senhora. (pausa) E essa rapariga tentei trazer para a igreja mas ela não... Ainda não... Mas é uma senhora espetacular.

**E.: Mas são professores de outra religião? São católicos? É por isso que têm...**

e.: Creio que... eu acho que ela é católica só por ser. Que geralmente as pessoas dizem ser católico mas não frequenta, na verdade. Só são.

**E.: Por uma questão cultural, educação...**

e.: Cultural. Exactamente.

**E.: Diga-me uma coisa, alguma vez procurou alguma associação de brasileiros aqui no Porto?**

e.: Não.

**E.: Nem na outra cidade que estava antes?**

e.: Não.

**E.: Quanto tempo esteve lá, já agora?**

e.: Em São Martinho do Porto? Acho que três anos. Vou fazer seis anos aqui. Vou fazer nove anos em junho, que estou em Portugal. É, três anos.

**E.: Veio para o Porto por uma questão de trabalho?**

e.: Não. Devido a separação. Então preferi-me sacrificar. Às vezes é melhor obedecer do que sacrificar. Dessa vez tive que sacrificar.

**E.: Mas gosta do Porto? Sente-se feliz aqui? A viver aqui...**

e.: Não tanto quanto lá, mas gosto. Eu gosto mais de lugar calmo e aquela região é mesmo divina. O que me fez vim para Portugal, na verdade. É espectacular. Mas o Porto também é. Me faz lembrar São Paulo. Já é maior. Segunda cidade de Portugal. É maior.

**E.: É de que Estado?**

e.: Eu sou da Baía.

**E.: E em termos de fé, de religião, nota muito a diferença entre os portugueses, sobretudo, uma vez que somos maioritariamente católicos, e os brasileiros, sobretudo os evangélicos?**

e.: Você fala os católicos ou os evangélicos?

**E.: Pronto, nós aqui em Portugal somos maioritariamente católicos...**

e.: Você fala generalizando...

**E.: Sim. Se nota muita diferença. Chocou-a, de alguma forma, as diferenças na forma de vivência da fé e da ligação com Deus?**

e.: Sim. Isso aí é notório porque o português ele acredita... ainda continua nas raízes católicas da Fátima. Isso é muito forte. Mas também no Brasil há aquelas que adoram, não Fátima, mas sim Aparecida. Que são muito parecidas. Então, por isso que eu perguntei se era religião católica ou a diferença entre católico e evangélico. Porque se for do católico para o evangélico há uma diferença muito grande. A religião católica... Então, são muito parecidas. E a fé fica firmada e não abre mão e são teimosos. São parecidas. Quando é o evangélico também são parecidas, mas o processo do português, devido a estar com as raízes lá atrás, é mais forte do que o brasileiro. O processo é de libertação, o processo é de trabalhar a fé em Deus: que Deus faz milagre, que Deus cura, que Deus institui. É diferente. Mas quando se converte de verdade, o português é fiel. Tem uma fé de derrubar montanhas. É como eu digo, vocês são muito enraizados. São muito fortes. Eu digo que a mulher portuguesa tem uma fortaleza corporal que uma portuguesa é para duas brasileiras. Vocês são muito fortes. Isso já é cultura. É o que eu disse que em relação à cultura me chocou muito. Uma senhora a pegar um saco de batata com vinte quilos, uma senhora com sessenta e cinco anos. Quando eu cheguei aconteceu. Eu fiquei estarecida. “Não, dona Lurdes. Deixa eu ajudar”. Ela: “não, filha”. E pum em cima da banca. E eu: “Jesus, eu não consigo pegar e eu sou nova”. Eu estava apenas com quarenta anos. E eu falei: “Jesus, é mesmo forte”. E aí eu fui vendo que são, não só as pessoas de idade que trabalharam na agricultura mas é jovens, também. São fortes. Pegam peso e desce, sobe, desce, sobe. Nós brasileiras são mais fraquinhas. Elas são mais... Fomos tratadas mais mulher. Tratada como mulher. Mais na meiguice, mais na... O serviço pesado não é para mulher. Se há um serviço pesado tem que ter sempre

um homem para ajudar. E as portuguesas, a cultura portuguesa, não. Trabalha desde pequeno já no pesado. Isso também me chocou muito.

**E.: Na sua cidade são mais evangélicos, mais católicos...**

e.: Hoje é difícil falar porque o evangélico, evangélico, entrou muito forte no Brasil. Mas há um pouco de tudo. Há os testemunhas de jeová, há os da assembleia, há os batista, os que são os evangélicos, há católico, há buda... É diversificado. É um país de diversificações.

**E.: A sua família está toda ligada ao mundo evangélico?**

e.: Alguns não. Ainda não. Mas minha mãe, meu pai, alguns irmãos sim. Mas tem sempre aquela nova geração que vai quebrando as tradições familiares. Então alguns não.

**E.: Os seus pais ainda vivem no Brasil?**

e.: Minha mãe. Meu pai não. Já não está entre nós. Minha mãe sim.

**E.: Nunca pensou em trazê-la para cá?**

e.: Para passear. Estou pensando esse ano. Para passear sim. Para viver não. Esse frio daqui ela não suporta. Apesar que mora em São Paulo mas é diferente.

**E.: Depois de que veio já trouxe alguém da sua família?**

e.: Só meu irmão, porque meus filhos vieram comigo. E meu irmão mais novo veio. Já está cá, casado, tem duas filhas... Só meu irmão.

**E.: E quando regressou para Portugal imaginava regressar ao Brasil ou pensava que ia ficar aqui definitivamente?**

e.: Não. Do dia que cheguei até hoje meu pensamento está sempre em regressar. Não que não goste de Portugal. Gosto. Portugal tem muitas coisas boas. Como meu país tem coisas boas e coisa más também cá tem. Tem muitos portugueses gente boas, ao contrário do que dizem. Tem muitos brasileiros que dizem: “ah, é uma raça ruim”. Não. Eu profetizo em nome de Jesus que essa raça é escolhida de Jesus. Eu tenho amigos portugueses que são muito gente boas. Se puderem ajudar ajudam, se puder dividir divide e... Mas para viver mesmo o que me prende aqui agora são meus filhos e meus



netos. Senão já teria voltado. E é um país que dá tranquilidade em relação ao Brasil, mas que também está a caminhar também para o declínio do perigo.

**E.: A sua família que está aqui a viver em Portugal, os seus filhos, em particular, eles também frequentam aqui a igreja?**

e.: O mais velho aceitou Jesus e está vindo. O mais novo está vindo mas de vez em quando.

**E.: É um processo...**

e.: Um processo... Oração e jejum e consagração todos os dias (risos): “Senhor anda com meus filhos, Senhor caminha com eles, Senhor ...”. Até um dia. Mas eu creio que a semente já foi plantada. O mais velho já está, o mais novo também, logo, logo, virá.

**E.: Se regressasse ao Brasil eles iriam consigo?**

e.: Não.

**E.: Têm a vida construída aqui em Portugal...**

e.: Construída, construída, não. Mas têm filhos. Os dois têm filhos. Então, não tem... Por mais que queiram. Mas eu acho muito complicado que são muito ligados aos filhos. Por isso que não voltamos, ainda. Se eles não tivessem filhos já tínhamos voltado.

**E.: Estava desempregada mas, entretanto, conseguiu trabalho?**

e.: É. Eu estava desempregada. Saí da loja (dessa loja que eu falei). Quando eu fiz o inquérito estava desempregada. Mas agora já comecei a trabalhar.

**E.: Posso saber o que é que está a fazer?**

e.: Pode. Estou na limpeza. Pode.

**E.: E consegue manter-se, a sua vida, com o seu salário?**

e.: Melhor do que a loja. Em termos de trabalho corporal é muito mais só que na loja eu não tinha sábado. Só o domingo e feriados. E saía às sete horas do trabalho no sábado. Então não tinha vida nenhuma. E agora não. Cinco e meia estou saindo do trabalho, chego em casa, descansar... Descansando não. Para fazer minhas coisas. Sábado, tenho sábado o dia todo, o domingo...

**E.: Mas trabalha para alguma empresa ou para uma casa particular.**

e.: Não. Trabalho para casas particulares. Empresa paga muito pouco.

**E.: São patrões portugueses?**

e.: São. Gente boas. Até ao momento... São quarto casas que eu estou a fazer.

**E.: Tudo portugueses...**

e.: Tudo português.

**E.: Sente que, por exemplo, nesse trabalho que é um trabalho doméstico, que há uma procura de mão de obra brasileira, imigrante?**

e.: Demais. Os portugueses gostam muito do trabalho do brasileiro.

**E.: Já lhe fizeram alguns comentários sobre o trabalho português?**

e.: É assim, geralmente o português ele não comenta muito contra a nação, sobre os defeitos dos portugueses. Mas, meia volta, vem. Quando cria intimidade termina a fazer alguns comentários como por exemplo: somos meiguinhas, somos dedicadas, somos mais limpas, não sei o quê... que a empregada portuguesa geralmente joga a sujeira debaixo do tapete... Não quer dizer que as portuguesas são porcas. Não. Porque quando pegam sua casa limpa e limpa, limpa. E quando são limpas são limpas mesmo. Como há brasileiras também. E pronto, algumas já me fizeram esse comentário. Mas eu tive uma colega, eu já trabalhei numa casa como cuidadora. Eram duas senhoras e as filhas são uma doutora, não sei o quê... Têm um certo nível. E tem uma empregada que trabalha já há muitos anos na casa da senhora e ela é espetacular. É mesmo organizada, procura limpar do teto, em baixo. E vi a diferença. Mas já vi outras que querem só ganhar o dinheiro e que diz: “ah, o importante é no final do mês”. E se percebia, assim, que eram mais relaxadas. Então, há de tudo. Como há, também, brasileiras assim.

**E.: Já me contou há pouco o caso da loja mas, por exemplo, até em contexto particular de serviço doméstico, nunca sentiu nenhum comentário sobretudo em relação às brasileiras e a prostituição, ao facto de serem mulheres fáceis... Alguma vez lhe fizeram um comentário desse género?**

e.: Sim. Geralmente fazem. Isso é no geral. São poucas pessoas que não falam. E claro que falam no sentido que há de tudo. Mas realmente falam. E admira aquelas que não são mas é taxativo a brasileira como prostituta. E se percebe. Lá na loja mesmo percebia. Quando ouviam a minha voz já tinha aquela forma diferente. Principalmente as portuguesas. E os portugueses já ficam mais assim tipo dado. Mas as portuguesas já têm uma certa distância. Houve uma senhora que estava a comprar e eu estava assim no balcão. Senhora jovem. Mais velha que você pouco. Dois, três anos, eu creio. Pela fisionomia. Não sei a sua idade mas pela fisionomia. E creio que ela teve um problema com o namorado, que a traiu com uma brasileira, ou a deixou com uma brasileira. Algo assim. Mas eu creio que a deixou. E eu estava no balcão e ela conversando com as meninas portuguesas e eu caladinha. Primeiro eu quero ouvir para ver como ela... Estava no meu trabalho, estava no meu setor e ela estava a falar... Não ia sair porque ela estava a falar, que ali não é encontro. E ela começou a falar e falando da brasileira que não sei o quê, que não suporta brasileira e que elas vêm para cá para tomar os homens das portuguesas, e aquela coisa mesmo. E eu só olhando. E Deus me deu sabedoria e eu só olhei. Que geralmente eu tenho o hábito de questionar. Não é nem de entrar em conflito, mas de questionar. Até para orar por aquela alma. Mas Deus me deu sabedoria de ficar calada. E ela falou, falou, falou e eu ouvi. Não disse nem uma palavra para ela. Eu creio que ela sabia que eu era brasileira que ela já tinha ido lá outras vezes e eu estava a conversar. Já uma semana depois que ela chegou ela já conversou comigo toda meiga, toda diferente. Já não estava com aquele aspeto de rancor com uma brasileira. Ela tinha um problema com uma brasileira e não eram todas. E depois começou a conversar comigo a me chamar para mostrar as coisas para ela e eu falei: “olha, sabedoria, não é?”. Me calei. Eu não tinha nada a ver com o problema dela. Estava magoada, com razão. Cada um sabe das suas feridas. E me calei naquele momento e pronto.

**E.: Mas acha que, de alguma forma, algumas mulheres brasileiras estarem associadas, de facto, à prostituição...**

e.: Muitas.

**E.: Que isso vos prejudica? Prejudica a imagem em geral?**

e.: E é em toda a Europa.

**E.: Não sei se já viajou pela...**

e.: Já. O único país que eu não percebi isso foi Andorra. Mas Espanha também se percebia, não tanto quanto Portugal. Preconceito em Portugal é muito vivo, é muito forte. Preconceito com brasileiro em Portugal é muito forte. Principalmente com as mulheres.

**E.: Acha que, por exemplo, em relação ao homem brasileiro... Para o homem brasileiro é mais fácil?**

e.: Não há preconceito em relação a isso, não. Há também o preconceito de que são ladrões, de que são isto e de que são aquilo. Mas isso é em todo o lado. Mas o preconceito taxado mesmo de prostituição é da brasileira. Eu não conheço outro país assim. Aqui pelo menos eu nunca ouvi falar de outro país. Falam muito dos romenos, mas da violência. Eu já ouvi também das romenas, mas o caso vivo que realmente dizem que elas fazem também a prostituição muito por debaixo do pano e os esposos levam porque eles pensam muito em financeiro. Já o homem brasileiro não. A mulher dele é dele e... Não quer saber de mistura com prostituição porque é de dinheiro. Eu ouvi um comentário, mas não foi feito por uma portuguesa, nem por um português. Mas a brasileira você está sempre ouvindo isso. No autocarro, nos cafés, nas lojas, em tudo. Onde você estiver. É muito taxado.

**E.: Alguma vez teve problemas com processo de regularização, com o SEF?**

e.: Tive. Eu fiquei impossibilitada esse ano de dar entrada no meu BI porque eu trabalhava num café em Gaia e fizemos um contrato de seis meses e eram jovens. Eu trabalhava na cozinha. E aquilo foi abaixo porque não souberam controlar. Eram meninos pobres que juntaram dinheiro. Eram seis. Juntaram dinheiro e ficaram com um café do tio da mãe do meu neto. Só que aquilo dava dinheiro e eles não souberam. Trabalhavam o dia todo e à noite iam para a balada e gastava todo o dinheiro. Podiam comprar de cinco euros, pagar cinco euros, pagava dez, vinte, porque queriam estar em lugar chique. E claro, o café começou a cair e eles disseram que não tinham condição de me pagar. E eu estava com o processo no SEF. Fui-me embora e o SEF esteve lá. E eu perdi o direito de fazer residência. Fiquei um ano sem a residência. Só que eu orei, me apresentei ao Senhor e disse para Deus: “eu não aceito. Recebi minha residência, Pai, com um novo contrato”.

**E.: Mas só para perceber melhor, quando estava a trabalhar no café estava com um contrato de residência? Contrato...**

e.: Tinha residência. Tinha título de residência. Só seria renovação, como tenho agora renovação em setembro. E basta estar a trabalhar e com contrato. E eu falei com Deus. “Não aceito”. Fiquei desempregada, numa altura muito difícil. Não conseguia trabalho fácil. E fui no Ministério do trabalho e eles me disseram o seguinte: que eu tinha que provar, e no SEF, que eu tinha que provar que foram eles que me mandaram embora. E eu tive que colocar na justiça, no tribunal. Colocar a declaração junto para poder fazer a residência. E foi feita a residência através disso. E, logo em seguida, veio. Ficando sem o título de residência eu fui prejudicada porque não conseguia trabalhar, porque é muito difícil. Conseguir. Conseguir. Mas é muito difícil. E perdi um ano do meu BI que já seria agora. Agora já estaria recebendo o meu BI. Agora eu vou dar entrada, ainda.

**E.: Vai pedir dupla nacionalidade?**

e.: Sim. A dupla nacionalidade.

**E.: Teve, de alguma forma... Enquanto viveu esse processo com alguma irregularidade para conseguir...**

e.: E foi irregularidade e o SEF tem toda a razão. Eu sempre digo que o SEF é um órgão que trata o brasileiro dentro da lei. E eu gosto do SEF. Sinceramente gosto porque eles tratam dentro da lei. Se faltar um documento eles não te dão a residência. Mas se você está tudo ok não há problema nenhum. Está a trabalhar, tem desconto, está tendo desconto na segurança social, está com IRS feito normalmente, te pedem a documentação... não tem problema nenhum. Agora, se falta alguma documentação, claro. Tem que ser. É dentro da lei.

**E.: Mas viveu com algum medo durante esse...**

e.: Não. Eu não sou mulher medrosa. Eu confio no Senhor e confio também em mim. E na altura que eu perdi a residência eu mandei uma declaração em meu próprio punho, dizendo para o inspetor que eu não ficaria em Portugal, na nação que se diz nação irmã, ilegal, sendo que eu fui borlada por pessoas portuguesas incorretas. Mas eu, até ao momento, sou correta. E que tenho (na altura só tinha o Richard, meu neto), e que tenho o Richard com um neto e que eu gostaria de ficar em Portugal para ajudar a educação do meu neto. Agora, eu como, usei outra expressão, mas era como se eu fosse uma

bandida, ilegal. Termina sendo percebido como bandido. Enquanto o SEF pára, policcias, mais policcias... Isso não admito na minha vida. Porque eu sempre fui muito certinha. Cheguei aqui, aquilo que pediram para fazer eu fiz.

**E.: Mas quando veio tinha já visto de trabalho?**

e.: Não. Visto de turista. E logo em seguida (cheguei no dia vinte e três de junho de 2003), uma semana depois o Lula e o Sampaio abriram a imigração, tanto aqui como lá. Então eu já vim mesmo abençoada por Deus. A bondade do Senhor correu atrás de mim.

**E.: Conseguiu o trabalho e não precisou de voltar ao Brasil para ter o visto de residência.**

e.: Não. Nem eu, nem meus filhos.

**E.: Teve essa experiência com o tribunal. Como é que acha que é a justiça aqui em Portugal?**

e.: Igual ao Brasil. Funciona para quem tem dinheiro. Só tive a declaração e mais nada. Funciona só para quem tem dinheiro. É igual em todo o lado.

**E.: O processo quanto tempo demorou a resolver no tribunal?**

e.: Não teve processo. Foi feito e tudo. Pediram para ir até à segurança social e me deram a declaração. Depois o promotor, não sei se é promotor ou como que é, lá me deu a declaração que agora tive que procurar um advogado. É o que é. É o que eles...

**E.: E o nosso governo, política em geral, como é que é? Quando compara com o Brasil hoje em dia...**

e.: É sem comentário. Acho que é tudo farinha do mesmo saco. A diferença da política brasileira é que é muito transparente e a política portuguesa é muito encubada. Tem coisas lá dentro que eu sempre digo: que a crise do país ainda está por vir. Nós não sabemos nem o que é que está-se a passar nesse país. Eu disse para uma amiga minha (essa menina que eu disse que é uma portuguesa muito organizada, muito limpa), estava conversando eu, dona Fati e ela. Dona Fati é economista. E foi logo quando surgiu a bomba explodindo da economia. E Palmira acreditando. Dizendo assim: “ah, nós somos portugueses, nós somos forte. Isso vai resolver rápido. Daqui a um ano...”. Falei:

“querida, não se iluda. A crise de Portugal está por vir. Você nem viu ainda nada”. E logo de seguida começou tudo aquilo. Falei: “pois é. A crise em Portugal nós não sabemos nem metade do que está lá escondido. E quem paga? Vocês e nós que também pagamos”. Mas é tudo farinha do mesmo saco. A corrupção está lá mas muito por debaixo do pano. Muitos escândalos escondidos, muitas mentiras, muito roubos feito calados. Só que o Brasil não. É escandalizado para o mundo. Eu digo que o Brasil tinha que ser mais oculto nos defeitos do país.

**E.: Estou a perceber.**

e.: Portugal, querendo ou não, eles ocultam as coisas assim muito grande. Eu fui para Andorra e percebi. O país de Andorra nem os crimes aparecem. Mas há muitos crimes. Eu fiquei em Andorra cinco meses e a gente sabe porque... propaganda boca a boca. E no Brasil, não. Se acontece um filho matar uma mãe todo o mundo já sabe. É mesmo. A media põe mesmo sem dó. E Portugal, a Europa em si, esconde mais.

**E.: Mas procurou viver noutros países mesmo, na Europa? Ou foi mesmo só uma...**

e.: Temporadas. Só temporadas. Mas gostaria de viver noutros países. Principalmente Londres para aprender a falar o inglês fluentemente. Se eu já estivesse bem eu ia esse ano.

**E.: Que interessante. Mas quando pensa nisso pensa em ir fazer esse projeto sozinha?**

e.: Sozinha. Eu gosto de aventuras. Eu gosto de culturas. Quando eu fiz o primeiro semestre de psicologia (que eu não concluí, foi justamente no ano que um vim para cá), a matéria que eu mais gostei foi antropologia. Eu gosto de povo, eu gosto de ver coisas novas. Eu gosto de ver a cultura, religião, porque choca religião tal com tal... Eu gosto de ver cultura porque a cultura portuguesa é diferente da brasileira. É fenomenal. É demais. Se eu tivesse dinheiro viajaria muito. Eu acho muito fenomenal.

**E.: É bastante interessante essa vontade de partir sozinha. Partir sozinha não porque parte sempre acompanhada.**

e.: Com Deus. Isso daí é... Não me deixa nunca. Mas, assim, humanamente não me incomoda nada. Claro, se eu tivesse meu esposo iria os dois. Mas nem sempre pensam iguais.

**E.: Quando pensa, por exemplo, nesses projetos de viver noutros sítios, de conhecer outras culturas, pensa também em cada um desses sítios encontrar, por exemplo, uma igreja?**

e.: Claro. Isso aí é fundamental. Porque eu ouvi desde pequena o meu pai dizer assim: que uma brasa só ela apaga fácil e várias brasas acesas ela demora de apagar. Então se eu saio daqui, estou no culto, janto com meus irmãos, falando a mesma língua, o mesmo espírito, vou para Inglaterra, não procuro uma igreja vou morrer na fé. Nós humanos nós somos influenciáveis no que vivemos. Se a gente ler um livro a gente fica muito parecido com o livro porque nós ficamos parecidos com a Bíblia, os dizeres da Bíblia. Porque nós lemos. Agora se nós formos ler um livro que fala de candomblés, e não sei o quê, a gente vai viver parecido com as coisas... Se lemos muito livro romântico vamos ser românticas, se lemos muito livro de ação vamos ser um pouco agitado. Tudo é... Nós somos muito parecidos. Somos muito influenciáveis. Querendo ou não, somos. Você tem uma amiga e tem uma outra. Tem duas amigas. E chega sua amiga e fala assim: “olha, Maria fez determinada coisa”. Querendo ou não, ela já te influenciou contra Maria. Até Maria chegar a você e ter certeza de que não foi Maria muitas coisas já mudaram. É porque nós somos influenciáveis.

**E.: E na fé também...**

e.: A fé também. Afeta muito. É por isso que nós temos que saber com quem vamos andar para não matar a fé. Porque nem toda a gente que diz “Senhor, Senhor” realmente o coração está cheio do Senhor. “Muitos serão chamados, pouco serão escolhidos”. Então a gente tem que saber exatamente com quem anda.

**E.: De facto, é.**

e.: É. Somos humanos. Somos falhos. Só Jesus que não falhou. Mas... Somos muito humanos. Infelizmente. Deveríamos ser diferentes quando nos convertemos. Converter primeiro a língua. Não tem converter primeiro o coração. Primeiro a língua. Depois converte o coração. Infelizmente há muitos.



**E.: Uma última questão, olhando ao seu trajeto global, comparando aquilo que deixou no Brasil com a vida que tem hoje em dia, em termos de qualidade de vida, acha que vive melhor, pior, em que aspetos...**

e.: Tranquilidade vivo melhor em Portugal. Em termos profissionais não tem comparação. Nenhum aspeto. Em termos financeiro ganhava muito bem no Brasil. Tinha uma profissão já definida. Em termos familiar desestruturei os meus filhos e a mim mesma, saindo do meu país. Vieram para um país... Eles foram forçados a deixar as namoradinhas, os avós, os tios, as tias, o pai, as irmãs, que o pai tem outra família e já eram nascidas as irmãs. E em termos profissionais também. E educacionais. Creio que eu também tirei muito prazer dos meus filhos de estar no país deles. De estudar... Chegaram aqui começaram a estudar mas houve um choque, claro.

**E.: Que idade é que eles tinham?**

e.: Tinha um dezassete, outro treze, outro catorze. Diferença de três anos.

**E.: Já percebi que tem sempre na mente regressar ao seu país de origem mas, relativamente à vida que tem aqui em Portugal, sente que há alguma coisa... O que é que lhe falta para se sentir...**

e.: Um bom emprego. Se eu tivesse me firmado em algum trabalho condizente ao meu prazer de ser humano... Porque aqui o resto eu tenho. Tenho meus filhos, tenho meu neto e tenho a igreja. Deus onde quer que eu vá ele vai comigo. Nós vamos falar de comunidade. Eu me relaciono muito bem com o meu pastor, com a missionária esposa dela, com o povo daqui. Eu sou um pouco assim mas me relaciono com todos. Tenho uma boa amizade com o povo daqui cristão. Tanto português como brasileiro. Angolanos também que a nossa igreja é mista. E já me adaptei.

**E.: É mais a questão da realização profissional que...**

e.: Também. Porque a idade chega e começa a pesar e os trabalhos aqui são muito pesados para imigrantes. Ou você trabalha em casa de família... Eu nunca imaginei fazer quatro casas. Às vezes fico maluquinha. Eu falo assim: “meu Deus, que é isso?” Estou em uma, daqui a pouco...”. Não é a mesma... tenho que fazer o mesmo serviço na outra, porém já é uma casa diferente que pôs as coisas num sítio diferente... Falo: “Jesus, ainda quarto...”. Mas: “ámen, Pai. Eu te obedeco”. Pronto. Ou é restauração, ajudante de cozinha. Fiquei com minhas mãos muito velha. Um absurdo... Olha.

**E.: Tem noção por quantos trabalhos já passou desde que chegou aqui?**

e.: Tenho. Muito. Já passei por muitos. E geralmente os patrões não firmaram. Não firmam muito. A não ser doméstica, mas eu conheço pouco gente que tem assim um trabalho de muitos anos. Já passei por... Quando cheguei fui para a pousada, trabalhei na cozinha vinte dias, depois fui para os quartos, como já tinha experiência. No verão. Acabou o verão acabou o trabalho. Depois fui para uma quinta trabalhar também num restaurante da quinta. Não quis dar o contrato (foi na altura do Lula), não quis dar o contrato. Eu saí. Aí tive uma proposta para um café. Fui cozinheira neste café sozinha, na Alta temporada, um dos cafés mais chiques de São Martinho do Porto, de frente à praia. Sozinha sem ajudante, sem ninguém. Cozinhava, lavava, arrumava, tudo. Fui mandada embora de uma forma muito humilhante, porque os clientes que gostavam de mim ficaram horrorizados, queriam até que eu colocasse no tribunal e iam ser minhas testemunhas. Mas sei que não ia, não tinha nada a ver. Depois fui para a fábrica, foi onde eu me legalizei. A fábrica logo em seguida fechou. Tinha muitos brasileiros. Fiquei lá seis meses. Gostei de trabalhar lá apesar de ser duro. Mas gostei. Depois fui para outro restaurante lá em São Martinho do Porto. Depois desse restaurante vim para o Porto, trabalhei na venda de clinica. Vendas. Só que era num restaurante que a gente jantava com as pessoas para tentar vender os produtos, que era clinica. Tipo de SPA. Muito bom. Tinha uma galera mesmo cinco estrela. Mas não deu certo porque os clientes achavam que era burla porque falava assim tudo muito bonito, tudo bem programado mas queriam ver o produto. Depois trabalhei com essa senhora que eu disse, trabalhei em uma casa... Aqui no Porto trabalhei em que mais? No *Sopas e Sopas*, no parque nascente.

**E.: No fundo vai trabalhando no que aparece.**

e.: Nessa agora e no *Maia shopping*. No *Maia Shopping*, antes de fazer o contrato trabalhei três meses e eles mandaram... Preconceito, também. Pelas brasileiras. Não mandou nenhuma portuguesa. Eu e a menina que frequenta aqui, a Dália. Então, é preconceito.

**E.: E pagaram-vos?**

e.: Sim. Só faltam umas horas que eles vão pagar. É preconceito. Porque não foi nenhuma portuguesa? Só brasileiras! Eramos as únicas. Porque o patrão não gosta de

trabalhar com brasileiro. Foi o outro patrão que contratou e o outro patrão saiu da sociedade.

**E.: Sente que, no fundo, os imigrantes são sempre os primeiros a levar com as desculpas.**

e.: É. Mas tem razão. Tem que dar oportunidade para os nacionais. Se é assim que pensa. Só que no Brasil, os brasileiros ficam muito chateados pela seguinte razão: o Brasil, o governo brasileiro eles dão muito valores às pessoas de outro país. “Ah, porque eles são qualificados nisso”. Mentira do diabo. É porque o brasileiro gosta de ser bonzinho. Quando a gente vem para o país dos outros a gente percebe que nós somos tratado com chicote e toda a gente que chega a gente abre a porta, escancara, põe em casa... E os estrangeiros, não falo do português não, no geral, chegam no Brasil têm as melhores vagas. É ao contrário. Aqui, tudo bem que é muita gente desqualificadas que vêm para cá. Isso aí é notório. Que fala errado, que se comporta mal, que são mesmo... Tudo bem. Mas há pessoas que têm condição de ser uma boa vendedora, porque é brasileira ela tem... O atendimento da brasileira é diferente da portuguesa. Não tem nada a ver. Na loja mesmo eu ficava estarecida a forma de como uma atendente falava com os clientes. Lá no Carvalhido e a Cedofeita. Ainda tinha lá outra que eu falava: “não. Isso não é atender cliente”. E pronto. Uma cliente lá do Carvalhido, uma cliente habitué foi para Cedofeita e eu fui fazer uma semana em Cedofeita. Uma senhora, negra também. E aí a senhora comprou um ambientador que esse ambientador, que põe a essência e um pouco de água põe na ficha. E eu atendi lá em baixo, que tem parte de baixo e parte de cima. Eu vendi o ambientador e ela falou: “olha, e a essência?”. E eu falei: “eu vou levar a senhora até lá em cima e mostro”. E estou mostrando a essência. Quando eu estou mostrando a essência uma das meninas atendentes: “desce”. E eu: “como?”. “Desce. Aqui nós não temos atendimento personalizado”. Aí eu fui até ela, falei: “não. Tem sim. Essa cliente é uma cliente habitué e compra muito na loja. E temos que segurar a cliente”. E ela disse assim: “não. Não tem”. Então eu falei: “então venha, atenda a senhora que eu vou descer. Você diga para a senhora”. Aí eu falei: “olha, a minha colega vai atender a senhora”. E ela não atendeu. A senhora voltou, colocou os dois produtos, tanto a essência como o outro produto lá e não levou. Então assim, uns atendimentos que eu não percebo. Que se eu sou atendente eu tenho que atender o cliente e bem. Para isso que eu sou paga. Agora, nós descarregávamos as paletes. Isso no Brasil não acontece. Eu sou vendedora. Eu não sou entregadora. Quem

entrega é que descarrega. Eu saí de lá com coluna toda arreventada. E as meninas: “vamos, vamos, vamos”. E eu dizia: “não, isso não é o nosso trabalho”. E é assim. É complicado.

**E.: Vida de imigrante.**

e.: Vida de imigrante. E que tem que aceitar, não é? Mas tirando esses problemas é um país bom de viver. Eu gosto.

**E.: Eu já fiz as perguntas todas. Queria saber se gostava de acrescentar alguma coisa, alguma questão...**

e.: A única coisa que eu tenho a acrescentar é que eu peço todo o dia ao Senhor para que ele estenda a mão poderosa dele nessa nação. Que os portugueses justos não pague o preço pelo injusto. Que há muitos portugueses justos e muitos portugueses bons. É só isso.



| <b>Análise vertical à entrevista n.º 14</b>  |  |   |
|--|--|---|
| <b>Inquérito ADCP _10</b>  |  |   |
| <b>Dimensões e categorias de análise</b>   | <b>Dados/ Sínteses</b>   | <b>Excertos</b>   |
| <b>I. Dimensão social</b><br><br><b>Caraterísticas sociodemográficas</b><br><br><b>Zona de residência</b><br><br><b>Composição de classe</b> | <b>Género:</b> feminino<br><b>Idade atual:</b> 50<br><b>Idade de emigração:</b> 41<br><b>Nível de escolaridade no Brasil:</b> graduação incompleto<br><b>Nível de escolaridade em Portugal:</b> não.<br><b>Concelho e freguesia de residência:</b> Gondomar, Rio Tinto<br><b>Composição étnica das vizinhanças:</b> Só portugueses<br><b>Última ocupação no Brasil:</b> governanta hoteleira<br><b>Primeira ocupação em Portugal:</b> ajudante de cozinha<br><b>Ocupação atual em Portugal:</b> empregada de limpeza em casas particulares |   |
| <b>II. Percursos migratórios</b>   | <b>Tempo de permanência:</b> 9 anos<br><b>Tipo de rede migratória:</b> legal, visto de curta duração<br><b>Com quem veio:</b> com os filhos<br><b>Aprofundamento das razões de vinda para Portugal</b><br>Depois de visitar o marido – que já estava imigrado em Portugal há um ano e sem perspectivas de regressar ao Brasil  | “ Ele veio primeiro e eu vim passar um mês de férias e gostei muito da região de São Martinho do Porto e decidi voltar para o Brasil. Pedi as contas do trabalho e vim para Portugal. (...) Ele |

–, a entrevistada gostou da cidade onde o marido trabalhava e decidiu imigrar também.

### **Dificuldades encontradas em Portugal**

As maiores dificuldades por que passou em Portugal, diz, estiveram relacionadas com as diferenças culturais: a língua, uma maior agressividade na forma de falar, o papel da mulher na sociedade, a maior dureza do trabalho.

Depois, o facto de se ter sentido vítima de racismo e xenofobia.

veio mesmo à procura de trabalho. Eu vim de férias. Mas ele veio mesmo à procura de trabalho.”

“ Todas. Primeira dificuldade foi o falar do português porque eu não entendia. Vocês falam muito rápido para quem chega. E cultura me chocou um bocado. Os hábitos, a forma de falar também me chocou um bocado. E em termos profissionais de trabalho em si. Muito bruto. Trabalho muito radical. Eu acho o trabalho de cá muito agressivo.”

“ E aí eu fui vendo que são, não só as pessoas de idade que trabalharam na agricultura mas é jovens, também. São fortes. Pegam peso e desce, sobe, desce, sobe. Nós brasileiras são mais fraquinhas. Elas são mais... Fomos tratadas mais mulher. Tratada como mulher. Mais na meiguice, mais na... O serviço pesado não é para mulher. Se há um serviço pesado tem que ter sempre um homem para ajudar. E as portuguesas, a cultura portuguesa, não. Trabalha desde pequeno já no pesado. Isso também me chocou muito.”

“ Não sei se é porque eu cheguei acreditando que era uma coisa... Principalmente os portugueses idosos eles têm uma forma de ver quem vem de fora com muita agressividade. Inclusive a brasileira. A brasileira é achacada a... Eu sofri dois pontos: o racismo de ser brasileira e o racismo de ser preta. Quer dizer, eu não sou preta mas eu tenho pele de negra, porém morena. Então, isso chocou muito. Mas a cultura mesmo.”

|   |  |   |
|---|--|---|
| <p><b>III. Dimensão cultural</b></p>        | <p><b>Redes à chegada a Portugal</b><br/>O marido já estava imigrado Portugal há um ano.</p>   |   |
| <p><b>Redes de sociabilidade</b></p>        | <p><b>Redes de sociabilidade primárias</b></p> <p>As suas redes de amizade são sobretudo relacionadas com a comunidade da ADCP, que frequenta já há cinco anos. Na Igreja tem amigos brasileiros, portugueses e também angolanos.</p> <p><b>Aprofundamento das disposições relativamente aos grupos com que o entrevistado se relaciona menos ou não se relaciona e as justificações em torno dessa situação.</b><br/>Não se aplica.</p> | <p>“ Eu tenho amigos portugueses que são muito gente boas. Se puderem ajudar ajudam, se puder dividir divide e...”</p> <p>“ Eu me relaciono muito bem com o meu pastor, com a missionária esposa dela, com o povo daqui. Eu sou um pouco assim mas me relaciono com todos. Tenho uma boa amizade com o povo daqui cristão. Tanto português como brasileiro. Angolanos também que a nossa igreja é mista. E já me adaptei.”</p>  |
| <p><b>Estereótipos e representações</b></p> | <p><b>Relato de situações em que foi vítima de preconceito e/ou discriminação</b></p> <p>Relatou a situação mais recente que passou no seu anterior posto de trabalho, mas refere que o preconceito em relação à mulher brasileiro sente-se em todos os lugares de forma generalizada.</p>   | <p>“Eu trabalhava na loja de um euro e chegou um senhor que ele foi fazer entrega das sacas, personalizadas com o nome da <i>shop</i>, e ele achava... Que eu estava a brincar com a minha colega, que eu acho muito doida e, no momento, a gente falando do tempo e tudo e eu falei assim... Aí falamos da cor, falamos do tempo, e para trás e não sei o quê e, de seguida, começamos a falar das sacas que são amarelas. E eu disse assim: “loira, nosso uniforme nesta cor iria ficar linda”. E o moço: “não ia prestar para você”. E ela disse assim: “é verdade. Porque eu sou branca. No amarelo não fica bem”. E eu falei: “pois eu sou negra e fica muito bem o amarelo em mim”. E o rapaz olhou assim... Aí ele olhou assim para mim e falou assim: “ah, imagina você na praia se torrando. Na praia de Angola se torrando”. Eu falei: “não, eu não sou angolana. Eu sou brasileira”. E ele disse assim: “ah, você é brasileira?”. Falei: “sou. Com muito orgulho. Qual é o</p> |



**Perceber se os estereótipos em relação aos brasileiros têm fundamento; se favorecem ou dificultam a integração dos brasileiros em geral na sociedade portuguesa; e se favorecem ou dificultam o estabelecimento de relações sociais.**

Reconhece que imigram para Portugal muitos brasileiros que

problema? Primeiro, já percebi que você é preconceituoso com os negros, e agora é com brasileira, também?”. E ele disse: “olha, vocês têm que entender que vocês são estrangeiros em Portugal. E como estrangeiro você não tem que dar palpite”. Eu falei: “e quem é você para dizer que nós não podemos dar palpite? Eu sei que eu sou brasileira, que estou no país de vocês, mas eu respeito vocês. Principalmente os portugueses que estão na minha cidade. Você é muito preconceituoso. Isso não convém. Sabia que preconceito dá cadeia?”. E aí comecei a falar e tentei quebrar aquilo porque estava na loja. E falei de Jesus para ele e tudo. Ele ainda brigou. Mas foi muito forte a forma de como ele me abordou. E fiquei muito triste. Falei: “infelizmente ainda há”. E nós temos muito... Nós somos muito atingidos nessa área. Na área pelo facto de ser brasileira. Muitos me confundem com angolana... (pausa) O preconceito, principalmente das... A nova geração não é tanto. A nova geração portuguesa não é tanto. Mas a geração antiga já é mais assertiva nessa área.”

“São poucas pessoas que não falam. E claro que falam no sentido que há de tudo. Mas realmente falam. E admira aquelas que não são mas é taxativo a brasileira como prostituta. E se percebe. Lá na loja mesmo percebia. Quando ouviam a minha voz já tinha aquela forma diferente. Principalmente as portuguesas. E os portugueses já ficam mais assim tipo dado.”

“ Quando a gente vem para o país dos outros a gente percebe que nós somos tratado com chicote e toda a gente que chega a gente abre a porta, escancara, põe em casa... E os estrangeiros, não falo do português não, no geral, chegam no Brasil têm as melhores vagas. É ao contrário. Aqui, tudo bem que é muita gente desqualificadas que vêm para cá. Isso aí é notório. Que fala errado, que se comporta mal, que são mesmo... Tudo bem.

|                                     |   |   |
|-------------------------------------|---|---|
|                                     | <p>são “desqualificados”, que “ fala errado, que se comporta mal”, mas lamenta a generalização. Para contrariar essa ideia dá como exemplo o facto de os brasileiros serem melhores atendedores de clientes.</p>  | <p>Mas há pessoas que têm condição de ser uma boa vendedora, porque é brasileira ela tem... O atendimento da brasileira é diferente da portuguesa. Não tem nada a ver.”</p>   |
| <p><b>IV. Dimensão política</b></p> | <p><b>Vivência de uma situação de irregularidade ou ilegalidade perante as autoridades portuguesas</b></p> <p>Foi despedida e sem conseguir arranjar trabalho acabou por não conseguir renovar o seu visto de residência durante um ano.</p> <p><b>Estatutos especiais</b><br/>Acordo Lula.</p> | <p>“Eu fiquei impossibilitada esse ano de dar entrada no meu BI porque eu trabalhava num café em Gaia e fizemos um contrato de seis meses e eram jovens. Eu trabalhava na cozinha. E aquilo foi abaixo porque não souberam controlar. (...) E claro, o café começou a cair e eles disseram que não tinham condição de me pagar. E eu estava com o processo no SEF. Fui-me embora e o SEF esteve lá. E eu perdi o direito de fazer residência. Fiquei um ano sem a residência. Só que eu orei, me apresentei ao Senhor e disse para Deus: “eu não aceito. Recebi minha residência, Pai, com um novo contrato”.”</p> <p>“Fiquei desempregada, numa altura muito difícil. Não conseguia trabalho fácil. E fui no Ministério do trabalho e eles me disseram o seguinte: que eu tinha que provar, e no SEF, que eu tinha que provar que foram eles que me mandaram embora. E eu tive que colocar na justiça, no tribunal. Colocar a declaração junto para poder fazer a residência. E foi feita a residência através disso. E, logo em seguida, veio. Ficando sem o título de residência eu fui prejudicada porque não conseguia trabalhar, porque é muito difícil. Conseguir. Conseguir. Mas é muito difícil. E perdi um ano do meu BI que já seria agora. Agora já estaria recebendo o meu BI. Agora eu vou dar entrada, ainda.”</p> <p>“E logo em seguida (cheguei no dia vinte e três de junho de 2003), uma semana depois o Lula e o Sampaio abriram a imigração, tanto aqui como lá. Então eu já vim mesmo abençoada por Deus. A bondade do Senhor correu atrás de mim.”</p> |

|                                  |  |   |
|----------------------------------|--|---|
| <p><b>V. Auto percepções</b></p> | <p><b>Percepção da própria situação de integração</b></p> <p>Gosta de viver em Portugal, mas profissionalmente nunca se sentiu realizada, razão pela qual gostava de ir para outros países ou regressar ao Brasil.</p> <p><b>Percepção da sua qualidade de vida atual</b></p> <p>Tem uma vida mais tranquila em Portugal, mas financeiramente vive pior. Considera que a imigração desestruturou a sua própria vida e a dos filhos.</p> <p><b>Percepção em relação ao futuro: intenção de regressar ao Brasil</b></p> <p>Deseja regressar ao Brasil, mas sente-se presa pelos filhos e os netos.</p> | <p>“ Se eu tivesse-me firmado em algum trabalho condizente ao meu prazer de ser humano... Porque aqui o resto eu tenho. Tenho meus filhos, tenho meu neto e tenho a igreja.”</p> <p>“ Porque a idade chega e começa a pesar e os trabalhos aqui são muito pesados para imigrantes. Ou você trabalha em casa de família... Eu nunca imaginei fazer quatro casas. Às vezes fico maluquinha.”</p> <p>“ Tranquilidade vivo melhor em Portugal. Em termos profissionais não tem comparação. Nenhum aspeto. Em termos financeiro ganhava muito bem no Brasil. Tinha uma profissão já definida. Em termos familiar desestruturei os meus filhos e a mim mesma, saindo do meu país. Vieram para um país... Eles foram forçados a deixar as namoradinhas, os avós, os tios, as tias, o pai, as irmãs, que o pai tem outra família e já eram nascidas as irmãs. E em termos profissionais também. E educacionais. Creio que eu também tirei muito prazer dos meus filhos de estar no país deles. De estudar... Chegaram aqui começaram a estudar mas houve um choque, claro.”</p> <p>“Do dia que cheguei até hoje meu pensamento está sempre em regressar. Não que não goste de Portugal. Gosto. Portugal tem muitas coisas boas. Como meu país tem coisas boas e coisa más também cá tem. (...) Mas para viver mesmo o que me prende aqui agora são meus filhos e meus netos. Senão já teria voltado. E é um país que dá tranquilidade em relação ao Brasil, mas que também está a caminhar também para o declínio do perigo.”</p> |
| <p><b>ADCP</b></p>               | <p><b>Vivências religiosas anteriores</b></p> <p>A entrevistada e os seus pais e irmãos são evangélicos. Em Portugal frequentou uma Igreja pentecostal na cidade das</p>   | <p>“ Mas minha mãe, meu pai, alguns irmãos sim. Mas tem sempre aquela nova geração que vai quebrando as tradições familiares.”</p> <p>“ Não, porque eu vim de Caldas da Rainha e eu frequentava a</p>   |

Caldas da rainha, onde residiu durante três anos. Quando se mudou para o Porto passou a frequentar uma Igreja Batista, mas por ser muito tradicional não gostava dos cultos e do acolhimento, pelo que acabou por ceder ao convite de uma amiga e visitar a ADCP.

#### **Aprofundamento das razões e motivações subjacentes à pertença à ADCP**

Frequenta a ADCP quase diariamente. A procura constante de uma Igreja onde possa viver a sua fé é para a entrevistada indispensável. Quando pensa em regressar ao Brasil ou viajar por outros países, pensa sempre na ideia de encontrar outras comunidades de crença. Metaforicamente lembra que “uma brasa só ela apaga fácil e várias brasas acesas ela demora de apagar”.

igreja de portugueses. A igreja \*\*\* [impercetível]. Faz coisas abençoadas o Pastor Samuel e a Pastora Sandra. E quando mudei para cá aqui não havia a Nova Aliança. Já era mesmo o trabalhar de Deus que me queria aqui. E estando no consolado encontrei uma irmã, daqui da igreja, que me convidou e eu gostei tanto que fiquei. Estava indo para a batista, aquela batista no centro do Porto (a primeira batista no centro do Porto). Mas ali é totalmente portugueses. Ali não adianta. Brasileiro não tem muita...”

“A de Caldas da Rainha, não, era pentecostal como nós. Os pastores são mesmo pentecostais. São pessoas abençoadas, abençoadoras. Se determinado membro está passando por certa dificuldade primeiro vão orar e depois vão ajudar. Primeiro vai pedir permissão ao Senhor. Mas a batista eu senti muito fria espiritualmente. Assim o povo... E frio também o tratamento conosco. Quase ninguém falava com a gente. Exceto quem estava na porta, o Pastor e o rapaz que recebia. Muito pouco. Muito pouco mesmo. Nos sentíamos um peixe fora de água. Era eu e mais três amigas que hoje já não vivem cá.”

“ Todos os cultos. Venho mais do que regular. Venho segunda, venho quarta, quinta, sexta, sábado e domingo.”

“ Porque eu ouvi desde pequena o meu pai dizer assim: que uma brasa só ela apaga fácil e várias brasas acesas ela demora de apagar. Então se eu saio daqui, estou no culto, janto com meus irmãos, falando a mesma língua, o mesmo espírito, vou para Inglaterra, não procuro uma igreja vou morrer na fé. Nós humanos nós somos influenciáveis no que vivemos. Se a gente ler um livro a gente fica muito parecido com o livro porque nós ficamos parecidos com a Bíblia, os dizeres da Bíblia. (...) É por isso que nós temos que saber com quem vamos andar para não

### **Ajudas que encontrou na ADCP**

Para além do trabalho espiritual, a entrevistada reconhece que o convívio com a comunidade é um fator que a leva também à Igreja. As suas redes de sociabilidade estão altamente concentradas na ADCP.

matar a fé. Porque nem toda a gente que diz “Senhor, Senhor” realmente o coração está cheio do Senhor. “Muitos serão chamados, pouco serão escolhidos”. Então a gente tem que saber exatamente com quem anda.”

“ É assim, além do encontro espiritual, querendo ou não a gente vem pelas pessoas, para ter convívio. Na verdade, o meu convívio em Portugal é na igreja. Eu não tenho praticamente outro convívio a não ser no trabalho e na minha casa. Convívio de ir no *shopping* é diferente. Mas geralmente quando vou no *shopping* vou acompanhada com os irmãos da igreja.”

## Transcrição de entrevista n.º 15

|                                 |                         |
|---------------------------------|-------------------------|
| <b>Entrevistado</b>             | Homem, 23 anos, “Irmão” |
| <b>Data da entrevista</b>       | 3 de abril de 2012      |
| <b>Local da entrevista</b>      | Residência do próprio   |
| <b>Duração da entrevista</b>    | 34m34                   |
| <b>Hora de início (aprox.)</b>  |                         |
| <b>Hora de término (aprox.)</b> |                         |

**E.: Uma das questões que eu percebi pela resposta ao inquérito é que veio para cá já com visto de residência porque vinha jogar futebol...**

e.: É. Eu recebi uma carta do clube e com essa carta eu podia entrar aqui, mas o contrato só ia ser feito aqui. Mas acabou eu não acertando com o clube e fiquei com o visto de residência.

**E.: E qual era o clube?**

e.: Quando eu vim para cá eu vim para o Olhanense (está na primeira liga) e acabei ficando no Trofense. Mas no decorrer do tempo não correu bem as coisas e hoje eu estou no Espinho. Me encontro no Espinho.

**E.: E como é que surgiu a oportunidade de vir para Portugal? Como é que foi o convite, o processo...**

e.: Na minha área de trabalho tem muitos olheiros, muitos empresários e como eu estava jogando lá no Brasil eu tenho um empresário lá que, pronto, tem um contacto com um empresário daqui e o rapaz me viu jogar, viu o meu DVD, gostou do meu trabalho e me fez o convite de vir para cá. Aí eu aceitei o convite e vim.

**E.: Portanto, já tinha, no fundo, uma carreira profissional de jogador, antes de vir?**

e.: Já, já. Eu jogo futebol desde os treze anos de idade.

**E.: Mas enquanto modo de vida, portanto, suportar as suas despesas, etc., começou a receber dinheiro desde os treze?**

e.: Dos treze anos. Treze anos. Porque lá tinha uns treze anos quando eu saí de casa. Eu estive no Corinthians, em São Paulo. Fiquei quatro anos. Saí de lá com dezassete para dezoito anos. Aí já estive aqui em Portugal. Já estive aqui nos Belenense. Aí estive aqui oito meses nos Belenense. Voltei e fui para o Grêmio de Porto Alegre. Então a minha vida toda foi no futebol. Nunca trabalhei em nenhuma área fora do futebol. Não sei fazer nada a não ser dentro de campo.

**E.: E quando lhe propõem vir para aqui como é que era a sua vida lá? Estava estável, sentia-se feliz?**

e.: Sempre a minha vida no futebol foi estável. Me sentia sempre feliz. Mas é assim, como na área de jogador, e outras profissões, a gente sempre busca o melhor ou se você está bem mas sempre você quer ficar melhor. Então, foi o meu caso. Eu estava bem, estava bem estruturado, estava em um clube bom, lá no Brasil, mas eu queria também buscar coisas melhores, outros patamares. E pronto, arrisquei e vim para cá. Não foi o esperado, não ocorreu como eu esperava, mas continua e como a gente diz no meio do futebol: “bola para a frente”.

**E.: E em vez de Portugal se lhe tivessem proposto outro país europeu teria vindo da mesma forma?**

e.: Teria. Dependendo da situação e das pessoas que teriam à frente, eu teria sim. Mais daqui de Portugal eu já estive na Suíça também. Aí eu retornei para Portugal, também, agora. Então teria. Dependendo das pessoas que tivesse feito o contrato comigo. Se fosse pessoas de confiança, pessoas que me passassem, pronto, de confianças e fosse pessoas corretas, sim. Porque na área da gente aqui, na área do futebol, é tudo certo. A gente não sai de lá, não vem assim no escuro, totalmente. A gente tem que conhecer pessoas, vai indicado por alguém, esse alguém já é da confiança. A gente não vem assim... Apesar que tem muitos que vêm. Muitos entram dentro de um avião aí e mete a cara e vai bater nas portas. Mas não, esse não é o meu caso, não. Agora de loucura! Comigo não.

**E.: E amigos, familiares... Tinha já alguém aqui em Portugal?**

e.: Tem. Tenho amigos jogando aqui. Tenho muitos amigos jogando aqui. Tenho. No caso de família assim, não. Familiares não, mas pessoas que consideramos como a gente diz “como faz parte da família”, no caso do David, que já tenho uma amizade com ele

de longas datas. E se consideramos como irmão. Não irmão de sangue mas irmão, assim, de carinho, afeto, de gostar um do outro. E tenho outros amigos aqui, também. E na área do futebol tenho muitos aí.

**E.: Essas pessoas ajudaram-no a adaptar-se a Portugal quando chegou?**

e.: Já, já me ajudaram. E o povo português também é acolhedor. A gente se sente aqui praticamente em casa.

**E.: E em termos de dificuldades, alguma coisa que lhe tenha sido mais difícil em termos de costumes, estilos de vida, em termos de saudades da família...**

e.: A saudade da família é grande mas eu, como saí novo de casa, eu tive que acostumar rápido, também, e amadurecer rápido, também, para essas coisas. Então a dificuldade que eu encontro mais é a saudade da família. Os outros termos eu me adapto rápido. Aqui tem a época do frio mas também no Brasil tem lugares que eu já joguei, como Porto Alegre que é frio, também. Tem as estações do ano e é igual aqui. Quando está no frio, quando está no calor... Mas aqui agora o clima, a temperatura, está quase igual com o Brasil então não tem dificuldades, não. A língua também é a mesma. É fácil...

**E.: Eu não sei de que Estado é.**

e.: Sou de Aracaju, nordeste. Pertinho de Salvador.

**E.: Porque alguns brasileiros chegam aqui e dizem que a questão linguística, no início, é um bocadinho difícil. Falamos a mesma língua mas têm alguma dificuldade em entender porque falamos muito rápido.**

e.: A língua aqui é quase parecida com a de Porto Alegre – o gaúcho. Tem uma dificuldadezinha assim, no começo. Quando eu vim cá da outra vez eu não entendia muita coisa, principalmente quando falavam muito rápido. Não entende. Porque vocês falam meio que um pouco enrolado. É igual ao gaúcho. Mas se você parar e ao dia a dia, na convivência ali, você já vai pegando e, se calhar, já vai entrando até no mesmo ritmo de vocês. Não igual mas um pouco parecido. Vai pegando aos poucos. Então, não tem muita dificuldade, não.

**E.: E hoje em dia tenciona regressar ao Brasil?**



e.: É assim, eu estou aqui esperando... Estou aqui, como eu te falei, agora estou no time aqui do Espinho, mas também não está sendo aquilo que eu espero, nem aquilo que eu almejo. Estou esperando propostas que estão para acontecer aí no Brasil e até aqui, também. Vai nesse decorrer desse tempo, aqui agora daqui a mais ou menos um mês, eu decido se fico, se vou embora. Quando o telefone toca e diz e a proposta chega, aí, a gente analisa, vê o que é melhor e a vida anda.

**E.: Ainda não trouxe família para Portugal?**

e.: Não, nunca trouxe família para cá, não. Sempre vim sozinho. Da outra vez que eu vim para cá eu era novo, tinha dezassete anos, eu vim... Não, primeiro eu fiz dezoito anos lá, uma semana depois eu vim para cá. E agora não, também nunca trouxe família para cá, não.

**E.: Nunca pensou em ficar aqui para sempre. Se podemos dizer para sempre...**

e.: Não, não, não. Eu para morar em outro país só pela minha profissão, mesmo. Pela minha área de trabalho. Mas para morar, para, como diz, ficar até velhinho, até... Não. Para mim não. Só no Brasil, mesmo. A minha velhice é lá no Brasil com a família perto e... Não, nunca me imaginei vivendo a vida toda fora do meu país. Não.

**E.: Acha que, comparando com a situação que tinha quando deixou o Brasil e a situação que tem agora, tem melhores condições de vida, está a viver pior...**

e.: Não. Melhores condições de vida, sim. Claro. Não Brasil estava melhor. No Brasil estava melhor porque eu estava trabalhando. Eu estava jogando e estava em clube bom. Estava bem. Estava estruturado, tinha minha casa, tinha meu ordenado todo o mês. Que não se compara a moeda, o valor, que aqui é euro e lá é real, mas se eu fosse botar na caneta, hoje eu estou vivendo uma vida mais complicada, entendeu? Porque no lugar que eu estou jogando eu não estou recebendo porque eu não posso ser inscrito, porque já acabou as inscrições. E até o futebol aqui de Portugal aí, como se diz, a crise que está um pouco aí afetou até no futebol, também. Está complicado as coisas no futebol, também. Então a minha vida está totalmente diferente do que eu acostumo levar, do que eu tenho acostumado levar do dia que saí de casa até agora. Mas dos dezoito anos para cá minha vida estava bem. Agora já deu aqueles altos e baixos que a gente tem.

**E.: E relativamente à sua situação legal aqui em Portugal, alguma vez teve algum problema com documentação, com o SEF...**

e.: Não. Não porque documentação eles que resolvem tudo quando a gente vem. Documentação aqui, eles mandam a carta porque sem essa carta do clube é um pouco complicado de entrar no país. Tanto aqui como em outro país. Mas quando eles mandam essa carta a gente entra aqui, já tem alguém esperando no aeroporto, vai lá, parece que assina lá como responsável e a gente entra. E a documentação só fica legalizado, certinho mesmo, quando assina o contrato, quando acerta tudo.

**E.: E a renovação tem sido fácil?**

e.: A renovação de quê?

**E.: Do visto. Ou ainda não chegou a fazer?**

e.: Não. Não, que eu não resolvi. Na verdade eu estou aqui em Portugal já... Não tenho... Meu visto já não dá mais. Eu já estou há três meses já ilegal aqui.

**E.: E não teve nenhum problema? Não o chamaram...**

e.: Não, não. Não tenho porque é assim, também se me chamarem e falarem: “você tem”... Porque é assim, diz que aqui estão fazendo assim: tem vinte dias para você resolver a sua situação. Então, no caso, se alguém me fazer, chegar a mim e dizer: “olha, tem vinte dias para resolver sua situação”, como eu já estou a ir para... pensar em ir, mais ou menos um mês, a ir embora eu posso ir até antes desses vinte dias. E também posso chegar no clube que eu estou e dizer: “olha, fui pego aí. O pessoal quer que me legalize aí”, e tal, e isso se resolve rápido. Eu não corri atrás disso ainda, na verdade, porque eu estou pensando em outras coisas. Aí, mas não teve de me pegar e de falar alguma coisa. Ainda não.

**E.: Mas nem tem medo... Isso não o assusta de alguma forma?**

e.: Não. Não porque... Está certo. O correto é isso. Você está num país, você está ilegal, o correto é a imigração do país correr atrás dessas pessoas para se legalizarem. Eu não. Não tenho medo, não.

**E.: E relativamente às questões do preconceito, percebi aqui que diz que nunca se sentiu vítima de preconceito ou discriminação. Sentiu-se sempre como um**

**português, se assim podemos dizer? Nunca sentiu nada de distanciamento em relação... que os portugueses se impusessem em relação a si?**

e.: Não, não, não. Não porque é como eu te falei. Na área em que eu vim para cá a gente é bem bastante acolhido. Os portugueses gostam. Ainda mais de jogadores brasileiros. Como em outros países aí, também. No caso da Rússia, Suíça. Eles gostam muito dos brasileiros. Mas preconceito nunca tive nada, não. Nunca tive preconceito nenhum, não.

**E.: Acha portanto que a questão de estar associado ao futebol que lhe facilitou sempre a sua adaptação aqui?**

e.: Pode ser. Facilita. Facilita bastante mas eu tenho grandes amigos portugueses aqui que não são da área do futebol. São amigos que eu fiz fora do futebol e são portugueses. São pessoas maravilhosas. Para mim não tenho o que falar dos portugueses. Pelo facto de eu não ter conseguido aquilo que eu vim buscar, aquilo que eu almejava, eu não... Não tem nada a ver com português, nem... Não. Pelo contrário. Fui bem acolhido aqui. Sempre. Das duas vezes que eu estive cá fui bem acolhido e gosto de Portugal.

**E.: E quando é que, no meio desse processo, entra a assembleia de Deus?**

e.: A assembleia de Deus... a assembleia de Deus é uma igreja... uma igreja religiosa. Assim, desde os catorze anos que eu gosto de ir em igreja, frequento a igreja. E quando eu vim para cá... A gente que está no meio do futebol muitos gostam, preferem a noite, preferem baladas. Já no meu caso é diferente. Já no meu caso, também já andei na noite, já andei nas baladas, e tal, mas hoje procuro eu levar uma vida mais sossegada, procuro levar uma vida mais correta. Eu sou evangélico, sou crente. Pronto, também conhecia o David aqui, que faz parte da igreja, o Pastor Unelmo. Pronto, eu me identifiquei com a assembleia de Deus comunidade portuguesa e...

**E.: Mas no Brasil já era evangélico?**

e.: Já.

**E.: Da assembleia de Deus?**

e.: Já. Da assembleia de Deus, também. Já era da assembleia de Deus.

**E.: E aqui procurou alguma outra igreja ou esta foi a primeira igreja que...**

e.: Não. Essa aqui foi a primeira a que eu vim. Estou nela, aí, do dia que eu estou aqui, até hoje. Quando eu cheguei aqui eu procurei o David, sempre quando a gente está conversando e ele: “rapaz, tem a igreja aqui no Porto”, e tal. E pronto, como ele era uma pessoa da minha confiança eu comecei a vir para a igreja, aí. Gostei. O pessoal é excelente. São excelentes pessoas. Pessoas maravilhosas mesmo, que me acolheram ali, também. E é isso.

**E.: Quando vai à igreja, para além da busca espiritual que, obviamente, está ligada à sua ligação com Deus, também vai pelo convívio, pelas pessoas?**

e.: É. O convívio dentro da igreja e fora da igreja eu busco, também, esse convívio. Mas quando eu vou para a igreja mesmo eu vou para a igreja só para buscar a Deus e adorar o nome do Senhor. Me sentir bem, ficar bem com Deus e, também, buscar esse convívio, que a gente está aqui, está em outro país, está... Para não ficar só, para não ficar em casa. A gente busca as duas partes. Porque eu vou... Quando acaba o culto ali a gente tem o nosso convívio. A gente conversa, brinca, trocamos ideias. Mas quando o culto está rolando ali é só buscando a presença de Deus, mesmo. É bom. É maravilhoso.

**E.: É, portanto, uma segunda família que acaba por criar aqui.**

e.: É. Normalmente em todo o lugar que a gente vai. O evangélico, não que os que não são evangélicos também não são pessoas boas, porque eu tanto tenho amigos evangélicos como não. São todos filhos de Deus, são todas pessoas... buscam, cada uma tem a sua maneira de buscar Deus como acha que deve buscar. Mas eu me sinto bem com todos. Não tenho... Não faço exceção.

**E.: Também dizia que a igreja o ajuda quando sente saudades do seu país. Sente que a igreja é brasileira, nesse sentido?**

e.: É. Na verdade, a igreja hoje ela é quase todo a maioria português. Português e brasileiro, angolano. Tem de tudo um pouco ali.

**E.: Mas o culto é predominantemente...**

e.: É por um brasileiro. Quem está à frente ali são brasileiro mas também tem pessoas que também estão à frente que são portuguesas.

**E.: Mas o estilo do culto, a expressão das emoções... Isso fá-lo sentir mais próximo do Brasil?**

e.: Faz, faz. Faz-me sentir mais próximo do Brasil, sim. Dependente de quem está trazendo a palavra, faz uma pessoa que está no púlpito, que está lá em cima... traz uma alegria, traz uma felicidade. Assim, o carisma do brasileiro. Acaba a gente gostando, a gente se apegando. Então ajuda bastante, mesmo. Ajuda muito.

**E.: Acha os portugueses mais fechados? Mesmo até em relação à forma como vivem a crença?**

e.: Não. O português ele já é mais reservado. Não fora... Na igreja, como fora. O português, em si, ele é um pouco reservado, é um pouco fechado. Para você fazer uma amizade com um português é um pouco complicado. Ele, o português a gente tem aquele ditado que é: um pé na frente e o outro atrás. O brasileiro não. No Brasil a gente confiamos em todos e, pronto, às vezes se decepciona, às vezes não. É mais aberto o povo brasileiro. É mais... O português não. O português é mais fechado. Se ele não te conhecer, se você não passar uma certa confiança para ele a amizade nada feito. Mas tem os portugueses também que são mais abertos, também.

**E.: Já tentou levar algum português à igreja?**

e.: Se eu já tentei? Aqui já, já. O rapaz que eu morava, que é o empresário aqui, é português e já foi à igreja comigo. Na verdade, ele falava: “olha, eu não acredito em Deus”. Aí eu falava para ele: “ola, está bem. Você acha que Deus não existe. E então quem existe?”. “Olha, acredito que existe um ser natural, aí, que faz alguma coisa e que...”. Eu digo: “pronto. Está bem”. Engraçado que ele hoje ele é evangélico. Ele é evangélico. Ele um dia falou, nós estávamos num café e ele: “pah, como é esse Deus que você busca?”, eu disse: “oh pah, eu vou para a igreja eu vou buscar Deus”. Que antes ele dizia que eu ia para a igreja buscar mulher. (risos) Ele falava: “olha, tu se arruma aí, vai para a igreja todo arrumadinho, todo... Tu vais é buscar mulher. Tu estás brincando”. Eu falei: “não. Eu só vou na igreja só Deus, mesmo. Só vou ouvir a palavra, e depois acaba o culto venho logo embora”. Aí ele: “nada. Tu vais lá atrás de mulher. Um dia eu vou contigo”. Aí quando foi um dia, no café, ele falou: “olha, é verdade mesmo que tu não vais atrás de mulher, não?”. Aí eu falei: “não. Lá é sossegado”. “Não, porque se tu for atrás de mulher eu também vou”. Ai eu falei: “não, mas vamos um dia lá na igreja”. Ele: “ah, é que eu estou precisando e se eu for e gostar desse povo aí,

desse Deus aí eu fico por lá”. Aí eu levei ele um dia lá, o Pastor pregando lá na frente lá chamou ele e falou algumas coisas que estavam acontecendo na vida dele. Deus usou o Pastor e falou algumas coisas que estavam acontecendo na vida dele e, realmente, aquelas coisas estavam acontecendo. Aí ele virou para mim no banco lá atrás e falou bem assim: “oh pah, esse Deus seu aí é grande mesmo. Que eu nunca falei nada com o rapaz e o rapaz está falando da minha vida, e tal”. Eu falei: “vem outra vez e você vai vendo se você gosta, se você...”. E ele veio outra vez e foi vindo. E pronto, está aí. Está na igreja. Não está aqui na da Areosa, mas está na de Famalicão que é onde ele mora. Está indo lá. Então foi como diz lá fora, foi contagiado. (risos)

**E.: É bastante interessante porque, no outro dia também falava com o Marcos, depois também há um certo preconceito de vocês serem jovens e pregarem a palavra de Deus porque estamos num país onde, apesar de majoritariamente nos assumirmos como católicos, a expressão, o uso da palavra de Deus quase não se percebe. E vocês são quase como extraterrestre que vêm pregar a palavra de Deus sendo jovens, não é? Porque nós temos uma ideia da religiosidade muito associada às pessoas mais envelhecidas...**

e.: Não. Assim, o povo aqui é mais católico. Bom, dizem-se católicos mas, na verdade, são católicos que, às vezes, nem na igreja vão. Aquele católico que diz: “eu sou católico”, mas de dizer. E assim, quando fala da palavra de Deus eu acho que tem que ter muita seriedade porque o nome de Deus não é para ser colocado em vão. E assim, quando eu vou na igreja que tem um pregador tanto novo, quanto mais velho, eu vejo realmente se está sendo correto, se está sendo... Porque a gente já, quando você está indo no dia a dia na igreja você já vai pegando coisas, você já vai tendo um certo conhecimento da palavra de Deus. E aí você vê se a pessoa está pregando a palavra corretamente ou se não está. Se está, você continua indo. Se não está, você busca outro lugar que esteja. Mas com relação às pessoas mais novo e à pessoa mais velha eu creio que quando Deus quer usar alguém usa até sem ser crente para falar com alguém. Você está no lugar e você está precisando de uma resposta. Você diz: “porque está acontecendo isso na minha vida, porque está acontecendo aquilo”, e vem uma pessoa do nada, que não te conhece, não é nem crente nem nada, e ele te fala duas coisas ou três coisas que bate naquilo que você estava precisando. Então a gente costuma dizer que é Deus que está usando aquela pessoa para falar conosco. Aí não tenho... Eu acredito assim, que não tem idade para quando Deus quer trabalhar, Deus quer operar.

**E.: Não sei se lá no clube de Espinho joga com portugueses, brasileiros...**

e.: Português, brasileiro, africano, tem até francês, também.

**E.: Eles, sobretudo por parte dos portugueses, eles já de certa forma se habituaram a esse vosso jeito até de falar de Deus? Porque...**

e.: Não. Assim, eu na verdade, assim, eu quando eu vou para o meu trabalho eu não... Assim, tem muitas pessoas que é evangélico, fala de Deus a todo o tempo, a toda a hora. Também é bom. Só que eu não sou assim. Eu só vou falar de Deus para uma pessoa só se eu ver que aquela pessoa está-me dando a oportunidade de falar ou se aquela pessoa chega para mim e pergunta alguma coisa. Aí eu posso falar desse amor de Deus para conosco. Mas dentro do meu trabalho, assim, é difícil até de falar porque muitos não são evangélicos e outros até são mas são mais reservados. No caso, o pessoal brinca muito comigo assim: “olha”, já sabe que eu não saio assim para a noite e tal, “olha, vamos sair aí esse fim de semana”. Eu digo: “bora, marca aí o lugar e me espera lá. Mas fique esperando lá que eu não apareço”. (risos) Mas assim, quando a pessoa está séria e chega para você e pergunta: “oh, eu queria ir para a igreja, queria ouvir a palavra de Deus” e tal. Aí essa pessoa está dando um espaço para você falar de Deus. Não é aquela pessoa que quer ficar ali em cima: “olha Deus é isso, Deus pode fazer isso...”. Não. Eu não faço isso, não. Porque você tem o livre arbítrio. É você que faz as suas escolhas. Como eu fiz a minha de ir à igreja, de ir buscar a Deus, outra pessoa também tem o mesmo direito. Porque tem muitos que não vão à igreja porque até a pessoa fica ali insistindo, insistindo, insistindo. Aí chega o momento em que a pessoa diz: “oh pah, não vou, não. Esse povo é chato demais”. Também não quero ser assim. Então, se me der um espaço para falar de Deus eu falo. Se não der aí é complicado falar.

**E.: Vai jogando com a própria situação...**

e.: É.

**E.: Alguma vez procurou ajuda de apoio ou algum esclarecimento de alguma associação de imigrantes, do CLAI, do centro nacional de apoio ao imigrante?**

e.: Não, não.

**E.: Nunca sentiu necessidade?**

e.: Não, não. Nunca precisei, não. Nunca procurei, não.

**E.: E no Brasil conhece algum trabalho das associações de imigrantes?**

e.: Também não. Quando eu estou lá aí é que eu não procuro saber disso, mesmo. Quando eu estou lá eu não...

**E.: E relativamente ao serviço que lida com os estrangeiros no Brasil teve algum contacto...**

e.: Nunca, nunca. A única coisa que eu tive contacto foi para pegar meu passaporte. Para tirar meu passaporte, só. Fora isso nunca, não.

**E.: Relativamente ao governo e à política em geral, comparando Portugal e o Brasil, o que é que me tem a dizer? Confia no trabalho deste organismo, destas pessoas?**

e.: É assim, questão política, eu... Eu para ser sincero nem no Brasil, no país que eu moro, eu não voto para ninguém. Presidente, vereador, governador... Não voto para ninguém. Porque para mim, é a opinião que eu tenho, posso até que eu esteja enganado, mas não são pessoas, assim, muito corretas. Então também não sou de falar. Eu sendo um jogador famoso ou sendo uma pessoa, eu acho que ia ter um pouco de problema para lidar com isso aí, com essa pergunta que tu fez agora, aí. No Brasil são pessoas que até estão no governo, estão como prefeitos, essas coisas. Eu tenho um amigo meu, da minha cidade, é prefeito e a gente somos amigos até um certo ponto. Quando ele vem falar de política eu digo: “olha, eu estou errado. Não vem falar de política comigo que eu não gosto”. Então assim, quem está lá no comando por mim continua. Eu não dependo deles assim muito. Eu não dependo para nada. Eu tenho o meu trabalho então para mim tudo bem se eles aumentarem ou abaixarem. Para mim tanto faz. Eu não tenho...

**E.: E acha que a situação em Portugal é muito diferente ou nem por isso?**

e.: Eu nunca me aprofundi aqui na política, assim, aqui em Portugal. Nunca procurei assim saber e também nunca... Como no Brasil também, eu só vejo lá o que se passa pela Tv, notícias e tal, mas nunca fui de: “ah, vou entrar fundo para saber como é que está a política do meu país”. Para te ser sincero nunca fiz isso. Não gosto de política.



**E.: Passa-lhe tudo ao lado...**

e.: Passa tudo ao lado.

**E.: E relativamente à justiça acha que a justiça se faz em Portugal e no Brasil?**

e.: A justiça é diferente daqui de lá em termos até de segurança porque também o Brasil é um país muito enorme aquilo. Então eu acho que é mais difícil de controlar do que aqui. Mas não sei. Eu acho que, eu vejo aqui a justiça aqui, até apoios na rua de posto judiciais, acho que aqui tem uma certa mais organização do que lá.

**E.: Sente-se mais seguro aqui?**

e.: Mais seguro. É. Mais seguro. Aqui é aquele negócio... Porque também Tv, notícias que vem de lá do Brasil, que passam do Brasil aqui, às vezes a pessoa que não é brasileiro diz: “oh pah, não vou nem no Brasil porque se eu for não volto”. Tem pessoas, tenho amigos meus que diz: “eu não vou no Brasil não que aquilo lá é muito perigoso”. Mas não tem nada a ver também do que passam, entendeu? Tem lugares que são perigosos realmente. Mas aqui em termos de segurança é mais que lá. Isso é bem visível. Aqui a organização aqui eu acho que é mais do que lá.

**E.: Bom, acho que é tudo. Não sei se tem alguma coisa a acrescentar ao que aqui foi dito...**

e.: Não. Só respondo ao que você pergunta aí. Eu vou respondendo.

**E.: Só uma curiosidade, se tivesse que voltar a Portugal seria sempre pela sua questão profissional? Imaginando agora que vai, pronto, que está a perspectivar regressar ao Brasil ou não, mas mesmo regressando ao Brasil, se tivesse de voltar para trabalhar, voltaria?**

e.: Para trabalhar, sim. Voltaria. Voltaria. Porque é assim, só o que tem hoje aqui, que me trás a Portugal novamente é só a área de trabalho mesmo porque não sou casado, não tenho filhos, não tenho mulher. Só o que me faz voltar a Portugal é isso. Ou se caso tivesse esposa ou filhos aí eu teria que vir porque a família da esposa também morava aqui e tal. Não, mas nesse caso só o que me trás a Portugal é o trabalho mesmo.

**E.: Acabou por não criar muitas raízes...**

e.: É. Só foi mais na área do trabalho. Não tenho outras... não tive outras raízes, não.

**E.: Ok. Muito obrigada pela entrevista.**

| <b>Análise vertical à entrevista n.º 15</b>  |   |  |
|--|---|--|
| <b>Inquérito ADCP_4</b>  |   |  |
| <b>Dimensões e categorias de análise</b>   | <b>Dados/ Sínteses</b>  | <b>Excertos</b>  |
| <b>I. Dimensão social</b><br><br><b>Caraterísticas sociodemográficas</b><br><br><b>Zona de residência</b><br><br><b>Composição de classe</b> | <b>Género:</b> masculino<br><b>Idade atual:</b> 23 anos<br><b>Idade de emigração:</b> 22 anos<br><b>Nível de escolaridade no Brasil:</b> ensino médio/profissionalizante completo<br><b>Nível de escolaridade em Portugal:</b> não.<br><b>Concelho e freguesia de residência:</b> Gondomar, Rio Tinto<br><b>Composição étnica das vizinhanças:</b> maioria é portuguesa e alguns são brasileiros<br><b>Última ocupação no Brasil:</b> jogador de futebol<br><b>Primeira ocupação em Portugal:</b> jogador de futebol<br><b>Ocupação atual em Portugal:</b> jogador de futebol |  |
| <b>II. Percursos migratórios</b>   | <b>Tempo de permanência:</b> 1 ano<br><b>Tipo de rede migratória:</b> legal, visto de residência  | <p>“ Na minha área de trabalho tem muitos olheiros, muitos empresários e como eu estava jogando lá no Brasil eu tenho um empresário lá que, pronto, tem um contacto com um empresário daqui e o rapaz me viu jogar, viu o meu DVD, gostou do meu trabalho e me fez o convite de vir para cá. Aí eu aceitei o convite</p> |

|   |   |  |
|---|---|--|
|   | <p><b>Com quem veio:</b> sozinho</p> <p><b>Aprofundamento das razões de vinda para Portugal</b><br/>Teve uma proposta de trabalho para jogar num clube português e decidiu vir à procura de uma oportunidade melhor. Com 18 anos já tinha jogado durante seis meses por um clube português.</p> <p><b>Dificuldades encontradas em Portugal</b></p> <p>Desde os 13 anos que saiu de casa, tendo jogado em vários clubes em diferentes cidades. Considera-se por isso uma pessoa sem dificuldades de adaptação.</p> | <p>e vim.”</p> <p>“ Eu recebi uma carta do clube e com essa carta eu podia entrar aqui, mas o contrato só ia ser feito aqui. Mas acabou eu não acertando com o clube e fiquei com o visto de residência.”</p> <p>“Eu estava bem, estava bem estruturado, estava em um clube bom, lá no Brasil, mas eu queria também buscar coisas melhores, outros patamares. E pronto, arrisquei e vim para cá. Não foi o esperado, não ocorreu como eu esperava, mas continua e como a gente diz no meio do futebol: “bola para a frente”.”</p> <p>“A saudade da família é grande mas eu, como saí novo de casa, eu tive que acostumar rápido, também, e amadurecer rápido, também, para essas coisas. Então a dificuldade que eu encontro mais é a saudade da família. Os outros termos eu me adapto rápido.”</p> |
| <p><b>III. Dimensão cultural</b></p> <p><b>Redes de sociabilidade</b></p> | <p><b>Redes à chegada a Portugal</b><br/>Tinha um amigo em Portugal e algumas pessoas que conhecia e que jogavam também aqui.</p> <p><b>Redes de sociabilidade primárias</b><br/>Tem amigos portugueses e brasileiros particularmente ligados ao futebol e à Igreja, mas também fora.</p>   | <p>“Tenho amigos jogando aqui. Tenho muitos amigos jogando aqui. Tenho. No caso de família assim, não. Familiares não, mas pessoas que consideramos como a gente diz “como faz parte da família”, no caso do David, que já tenho uma amizade com ele de longas datas. E se consideramos como irmão. Não irmão de sangue mas irmão, assim, de carinho, afeto, de gostar um do outro. E tenho outros amigos aqui, também. E na área do futebol tenho muitos aí.”</p> <p>“Facilita bastante mas eu tenho grandes amigos portugueses aqui que não são da área do futebol. São amigos que eu fiz fora do futebol e são portugueses. São pessoas maravilhosas.”</p>  |

|   |   |   |
|---|---|---|
| <p><b>Estereótipos e representações</b></p> | <p><b>Aprofundamento das disposições relativamente aos grupos com que o entrevistado se relaciona menos ou não se relaciona e as justificações em torno dessa situação.</b><br/>Não se aplica.</p> <p><b>Relato de situações em que foi vítima de preconceito e/ou discriminação</b></p> <p>Nunca se sentiu vítima de discriminação, afirmando até que sempre se sentiu muito acolhido sobretudo por ser jogador de futebol.</p> <p><b>Perceber se os estereótipos em relação aos brasileiros têm fundamento; se favorecem ou dificultam a integração dos brasileiros em geral na sociedade portuguesa; e se favorecem ou dificultam o estabelecimento de relações sociais.</b></p> | <p>“Na área em que eu vim para cá a gente é bem bastante acolhido. Os portugueses gostam. Ainda mais de jogadores brasileiros. Como em outros países aí, também. No caso da Rússia, Suíça. Eles gostam muito dos brasileiros. Mas preconceito nunca tive nada, não. Nunca tive preconceito nenhum, não.”</p>  |
| <p><b>IV. Dimensão política</b></p>         | <p><b>Vivência de uma situação de irregularidade ou ilegalidade perante as autoridades portuguesas</b></p> <p>Está atualmente em situação irregular. Para o entrevistado esse não constitui um motivo de preocupação até porque se encontra numa fase que não se sabe por quanto tempo mais ficará em Portugal. Encontra-se à espera de propostas.</p>  | <p>“ Não, que eu não resolvi. Na verdade eu estou aqui em Portugal já... Não tenho... Meu visto já não dá mais. Eu já estou há três meses já ilegal aqui.”</p> <p>“ Não tenho porque é assim, também se me chamarem e falarem: “você tem”... Porque é assim, diz que aqui estão fazendo assim: tem vinte dias para você resolver a sua situação. Então, no caso, se alguém me fazer, chegar a mim e dizer: “olha, tem vinte dias para resolver sua situação”, como eu já estou a ir para... pensar em ir, mais ou menos um mês, a ir embora eu posso ir até antes desses vinte dias. E também posso chegar no clube que eu estou e dizer: “olha, fui pego aí. O pessoal quer que me legalize aí”, e tal, e isso se resolve rápido. Eu não corri atrás disso ainda, na verdade, porque eu estou pensando em outras coisas. Aí, mas não teve de me pegar e de falar alguma coisa. Ainda não.”</p> |

|                                  |  |  |
|----------------------------------|--|--|
| <p><b>V. Auto percepções</b></p> | <p><b>Estatutos especiais</b><br/>Não.</p> <p><b>Percepção da própria situação de integração</b></p> <p>Sente-se integrado em Portugal, gosta do país e sempre se sentiu bem acolhido.</p> <p><b>Percepção da sua qualidade de vida atual</b></p> <p>Atualmente considera que se encontra numa situação pior do que aquela que tinha no Brasil. Primeiro porque apesar de continuar associado a um clube, está sem receber salário, segundo porque não alcançou em Portugal a prosperidade que imaginava poder vir a acontecer quando decidiu vir para cá.</p> <p><b>Percepção em relação ao futuro: intenção de regressar ao Brasil</b></p> <p>Atualmente encontra-se num impasse. Está à espera de propostas de trabalho. Ficar, voltar para o país de origem ou emigrar para outro país é apenas uma questão de oportunidade de trabalho.</p> | <p>“Para mim não tenho o que falar dos portugueses. Pelo facto de eu não ter conseguido aquilo que eu vim buscar, aquilo que eu almejava, eu não... Não tem nada a ver com português, nem... Não. Pelo contrário. Fui bem acolhido aqui. Sempre. Das duas vezes que eu estive cá fui bem acolhido e gosto de Portugal.”</p> <p>“ Não Brasil estava melhor. No Brasil estava melhor porque eu estava trabalhando. Eu estava jogando e estava em clube bom. Estava bem. Estava estruturado, tinha minha casa, tinha meu ordenado todo o mês. Que não se compara a moeda, o valor, que aqui é euro e lá é real, mas se eu fosse botar na caneta, hoje eu estou vivendo uma vida mais complicada, entendeu? Porque no lugar que eu estou jogando eu não estou recebendo porque eu não posso ser inscrito, porque já acabou as inscrições. E até o futebol aqui de Portugal aí, como se diz, a crise que está um pouco aí afetou até no futebol, também. Está complicado as coisas no futebol, também. Então a minha vida está totalmente diferente do que eu acostumo levar, do que eu tenho acostumado levar do dia que saí de casa até agora. Mas dos dezoito anos para cá minha vida estava bem. Agora já deu aqueles altos e baixos que a gente tem.”</p> <p>“ É assim, eu estou aqui esperando... Estou aqui, como eu te falei, agora estou no time aqui do Espinho, mas também não está sendo aquilo que eu espero, nem aquilo que eu almejo. Estou esperando propostas que estão para acontecer aí no Brasil e até aqui, também. Vai nesse decorrer desse tempo, aqui agora daqui a mais ou menos um mês, eu decido se fico, se vou embora. Quando o telefone toca e diz e a proposta chega, aí, a gente analisa, vê o que é melhor e a vida anda.”</p> |
|----------------------------------|--|--|

|                    |   |  |
|--------------------|---|--|
| <p><b>ADCP</b></p> | <p><b>Vivências religiosas anteriores</b></p> <p>No Brasil frequentava a Assembleia de Deus. Em Portugal nunca frequentou outras igrejas para além da ADCP, que conheceu através de um amigo.</p> <p><b>Aprofundamento das razões e motivações subjacentes à pertença à ADCP</b></p> <p>Começou a frequentar a ADCP através de um amigo, sentiu-se bem acolhido, gosta do culto e tem frequentado desde então.</p> <p><b>Ajudas que encontrou na ADCP</b></p> <p>Para além da busca espiritual, refere que na ADCP tem também momentos de convívio que o ajudam a não ficar tão isolado, sobretudo por ser imigrante.</p> | <p>“Da assembleia de Deus, também. Já era da assembleia de Deus. (...) Assim, desde os catorze anos que eu gosto de ir em igreja, frequento a igreja. E quando eu vim para cá... A gente que está no meio do futebol muitos gostam, preferem a noite, preferem baladas. Já no meu caso é diferente. Já no meu caso, também já andei na noite, já andei nas baladas, e tal, mas hoje procuro eu levar uma vida mais sossegada, procuro levar uma vida mais correta. Eu sou evangélico, sou crente. Pronto, também conhecia o David aqui, que faz parte da igreja, o Pastor Unelmo. Pronto, eu me identifiquei com a Assembleia de Deus Comunidade Portuguesa e...”</p> <p>“Estou nela, aí, do dia que eu estou aqui, até hoje. Quando eu cheguei aqui eu procurei o David, sempre quando a gente está conversando e ele: “rapaz, tem a igreja aqui no Porto”, e tal. E pronto, como ele era uma pessoa da minha confiança eu comecei a vir para a igreja, aí. Gostei. O pessoal é excelente. São excelentes pessoas. Pessoas maravilhosas mesmo, que me acolheram ali, também.”</p> <p>“O convívio dentro da igreja e fora da igreja eu busco, também, esse convívio. Mas quando eu vou para a igreja mesmo eu vou para a igreja só para buscar a Deus e adorar o nome do Senhor. Me sentir bem, ficar bem com Deus e, também, buscar esse convívio, que a gente está aqui, está em outro país, está... Para não ficar só, para não ficar em casa. A gente busca as duas partes. Porque eu vou... Quando acaba o culto ali a gente tem o nosso convívio. A gente conversa, brinca, trocamos ideias. Mas quando o culto está rolando ali é só buscando a presença de Deus, mesmo. É bom. É maravilhoso.”</p> |
|--------------------|---|--|

## Transcrição de entrevista n.º 16

|                                 |  |
|---------------------------------|--|
| <b>Entrevistado</b>             | Mulher, 49 anos, “Missionária”   |
| <b>Data da entrevista</b>       | 13 de abril de 2012  |
| <b>Local da entrevista</b>      | Residência da própria  |
| <b>Duração da entrevista</b>    | 39m17  |
| <b>Hora de início (aprox.)</b>  | 15h  |
| <b>Hora de término (aprox.)</b> | 15h45  |
| <b>Notas:</b>                   | O marido da entrevistada presenciou parte da entrevista e, a dada altura, interveio também (e2). |

**E.: Bom, está então aqui há três anos, não é? Posso saber, mais ou menos, em que altura do ano é que chegou?**

e.: Cheguei em outubro de catorze. Saí de treze...

**E.: Do Brasil?**

e.: Do Brasil. Cheguei de catorze.

**E.: E como é que era a sua vida no Brasil? O que é que a fez assim largar tudo...**

e.: Olha, a minha vida era assim: eu sou missionária. Então, no Brasil eu mexia com pessoas drogadas, prostitutas... Eu fazia o trabalho. E um dia... Eu confio muito em Deus. Eu não tenho religião. O que eu tenho é Jesus. Então, eu confio muito em Deus. Eu sei que o que ele traça para a gente... O que tem de passar ninguém passa por nós. É nós é que passamos. Então, um dia eu estava lá em casa e falei assim: “eu queria”... O Pastor falou assim: “vou mandar missionários para fora”. Mas eu aí, uma Pastora veio, falou comigo, disse assim: “olha, vamos para Lisboa”. Mas eu já tinha uma promessa que eu viria para cá para Portugal mas era sozinha. E eu comecei a orar, pedir a Deus, questionar porquê e como “sozinha”, se eu não tinha ninguém aqui? Não conhecia ninguém. Foi na altura que eu senti necessidade de comprar um computador. Eu senti aquela vontade assim. Meu filho disse assim: “mãe, porquê?”. Falei: “não sei”. Fui lá, comprei o computador. E dois meses depois tinha um recado dele na rede social, no Orkut. Quatro vezes eu apaguei. Não me importei, não. Aí, quando fui para a igreja um dia nós estamos lá orando e tudo, temos administração da palavra, e aí uma missionária



que veio de fora, vem de dentro do Brasil mas de fora, de outra cidade, falou assim: “você que está aí, irmã”. Aí eu levantei a mão e ela falou assim: “é você mesmo. Deus manda-te dizer que vai-te levar para outro país e você vai sozinha. Deus sabe que você não tem condição nenhuma mas ele vai-te abençoar da maneira dele”. Ámen. Eu tinha uma convicção. Eu costurava muito, eu fazia muitas roupas, e um dia eu resolvi ver qual era a dele. Aí eu mandei o recado tal. Conversamos. No dia em que eu... Nós conversamos era na altura era maio, era aniversário da minha filha em maio. Eu conversando com ele e ele falou assim: “vamos ligar a câmara?”. E eu falei: “ai meu Deus, agora para uma...”. Ligou a câmara e tal. Quando ele ligou a câmara eu bati o olho... Eu senti aquela coisa assim lá dentro, no fundo, sabe? Senti aquela coisa, falei: “meu Deus, será que eu estou ficando doida?”. Tá bom. E comecei a falar com ele e aí eu liguei a minha. Nós conversamos muito tempo. Isso foi maio, junho, julho, agosto... Eu vim em Setembro. Mas eu não tinha dinheiro. Eu pensava: “como é que eu vou?”. Comecei a orar, comecei a orar. Aí quando foi um dia a minha filha falou assim para mim: “mamãe, a senhora podia vender suas máquinas e vai embora. Vai embora mãe”. Eu pensei assim, eu falei: “ah”. E aí eu comecei a orar e eu vi que era a resposta de Deus. Eu fui na agência numa semana, depois que vendi as máquinas (vendi as máquinas em dois dias. As máquinas todas que eu tinha). E fui na agência. Era o dinheiro da passagem. Eu vi. Nem a mais, nem a menos. Ele falou assim: “você vem quando?”, e tal. E eu falei assim: “eu vou... Não vou em setembro mas eu vou em outubro. Está marcado do dia treze, vou chegar dia catorze”. Perguntou: “o que é que você fez?”. “Vendi tudo o que eu tinha. Menos a casa”. Ele ficou fulo. Aí falei para a minha mãe. Falei: “mãe, eu vou embora”. “Minha filha, você nunca saiu daqui. Você não tem ninguém. Você não tem ninguém lá”. Falei: “mas eu tenho Deus por mim”. “Você vai?”. Falei: “eu vou”. Meus filhos me apoiaram, tudo. Inclusive eu deixei uma neta que eu amo demais da conta. Eu amo demais a minha neta. Deixei ela. Aí saí de lá dia treze, cheguei aqui dia catorze. Fiquei presa no SEF, no aeroporto. Das oito e quarenta até quase duas horas da tarde. Eles tentando conversar e insinuando que eu vinha-me prostituir. Eu falei: “meus cabelos brancos. Me respeita”. E fiquei lá.

**E.: Mas que tipo de perguntas é que lhe colocaram?**

e.: Um monte de pergunta. “Sabe, com tanta morte acontecendo pelas redes social, que as mulher conhece caras, eles mata e tal”. Eu falei assim: “mas Deus não me trouxe aqui para mim morrer, não.” Cinco policiais. Cada hora era um. Sabe, cada hora era um

querendo ver se entrava em contradição. Mas era... Minha conversa era a mesma. Ele estava lá fora e eu tinha os telefone dele, tudo: serviço de casa, telemóvel dele... E estava lá fora. Cada um que conversava comigo ia lá conversar com ele. E o que eu falava ele também falava, entendeu? E aí, depois no final falou assim: “é. Tudo o que nós conversamos com você aqui bateu lá com o rapaz. Ele está ali fora esperando”. “Eu sei que está”. E aí: “como é que você vai viver?”. Falei: “ele disse que eu podia vir...”. Eu trouxe dois reais. Está no quadro ali, que ele pôs no quadro. Dois reais. Aí me perguntaram assim, no SEF: “você trouxe dinheiro?”. Eu falei: “eu não”. “Como é que você vem para um país estranho, nunca saiu e não trouxe dinheiro?”. Falei: “Eu não. Porque ele disse que o que tem dá para nós dois”. Saí. “Está liberada. Pode ir”. E aí eu peguei e saí. Quando eu pus o pé para fora eu falei assim: “meu Deus esteja comigo porque eu estou aqui, eu sei que o Senhor me abençoou. E eu estou aqui. Mas me ajuda. Se eu chegar perto dele agora e não sentir nada? Eu vou ter que voltar para trás”, que a passagem valia três meses. Aí, aquele monte de gente na fila, assim, esperando. Quando eu piso assim do lado de fora ele abanou a mão. Fui ao encontro dele. Tremendo, mas fui. Olhei dentro do olho dele assim. Ele falou assim: “é. Você é igualzinha. Não mudou nada”. Mas o meu cabelo arrumado. Aqui meu cabelo não tem jeito aqui porque o tempo aqui é muito frio. E aí eu peguei: “vamos embora”. Viemos embora para cá. Ele me levou para conhecer a praia. Conheci a praia e tudo. Em outubro tinha solzinho, ainda. Bom. Nós chegamos aqui eram umas quatro horas da tarde e, assim, amei ele à primeira vista. À primeira vista. Eu vou fazer cinquenta anos e ele tem quarenta e três. A única coisa que não gostei muito foi a recepção da minha sogra, porque ela não gosta de mim. Mas ámen. Deus toma conta dela. Então, seis meses eu já estava casada. Eu cheguei aqui em outubro, eu casei em abril de 2010. Dia trinta de abril de 2010. Vai fazer dois anos que eu casei. E isto foi assim, eu vejo a mão de Deus em tudo.

**E.: E ao final de três meses quando o seu visto turístico termina...**

e.: Já estava marcado o casamento. Ele saiu e marcou o casamento. E aí, assim, tudo eu vejo a ação de Deus. Tudo. Então eu vejo que Deus tem um propósito de...

**E.: Mas em que igreja congregava, na altura?**

e.: Lá no Brasil? Assembleia de Deus.

**E.: Também.**

e.: Eu vim de lá pela igreja, como missionária, representando a igreja de lá. Inclusive o pastor Unelmo já conversou com o meu Pastor lá. Então, aí, demorei um ano para encontrar uma igreja aqui porque eu prego a palavra, eu louvo, eu oro pelas pessoas. Então até que eu achei que Deus usou ele. Porque ele olhou um papel lá, tinha um telefone, falou assim: “tem esse número de telemóvel aqui”. Liguei, conversei com o pastor e fui visitar a igreja. Gostei. Tem um ano que eu estou lá.

**E.: Mas tinha ido a outras? Tinha visitado outras?**

e.: Tinha. Deus é Amor. Tinha visitado outra Assembleia de Deus que não gostei... E eu encaixei ali.

**E.: Quando diz não gostou, era o culto, eram estilos diferentes...**

e.: Era assim, parece que ali já não me cabia. Já estava tudo arrumado. Parece que cada um tinha o seu lugar. Cada um tinha o seu espaço ali e parece que eu estava sentindo como se fosse intrusa. Até que... A congregação era ali no Marquês. Foi lá que eu entrei e fui muito bem recebida. E eu senti no coração que era ali que eu devia ficar. E aí eu tive muita confirmação. Através da palavra, da Bíblia, e através das pessoas, do pastor orando, no dia em que o pastor orou comigo e falou: “é irmã, Deus te trouxe mesmo para ficar e não sabemos quanto tempo que a irmã vai ficar mas é a vontade de Deus”. Ámen. Estou lá. Assim, não estou fazendo trabalho missionário porque aqui Portugal é muito difícil, ainda. Mas na hora certa eu sei que vai dar para fazer. Porque a gente vê muitas pessoas precisando, sabe? As pessoas hoje... A gente tem que respeitar, certo. As pessoas que têm a religião, que é católico, que é isso... Mas as pessoas têm que entender que Jesus Cristo não é religião. Jesus Cristo não é religião. Jesus Cristo é amor. Ele liberta, ele salva, ele cura, ele transforma as pessoas. Agora isso aqui. Você pega isso aqui, vamos supor que isso aqui é uma imagem, você vai orar para essa imagem mas a imagem foi o homem que fez com a mão. Aquela imagem, ela é oca. Ela não tem coração, ela não tem sentimento. Mas Jesus, ele te ouve. Ele não está naquela cruz, mais. Ele já foi liberto há muito tempo. Já ressuscitou. Então ele está sentado à direita de Deus pai e a hora que chegar para ele arrebatá-la igreja vai todo o mundo junto. Aquele que aceitou, aquele que foi liberto, aquele que está curado, aquele que abriu o coração e aceitou Jesus eu sei que vai estar junto com ele. Então é muito bonito ver a pessoa... A mulher é mais fácil. A mulher é mais amorosa. A mulher ela cativa mais. Então a palavra de Deus quando entra no coração de uma mulher ela entra com

tudo. Agora o ser humano, o homem, ele é mais difícil. O coração dele é comparado com... Na Bíblia diz assim, fala assim, Ezequiel: “eis que eu tirarei o coração de pedra e colocarei um coração de carne”. Isso é o homem. O homem é muito endurecido com essas coisas de Deus. Para dizimar, para ofertar, para orar... Ele confia mais é no braço dele. Agora a mulher não. É mais inclinada... A mulher busca mais a Deus. Então assim, o trabalho que eu fazia lá eu gostaria realmente de fazer aqui mas, se não agora, vai ter essa oportunidade.

**E.: E em termos de outros trabalhos, procurou alguma coisa aqui?**

e.: Eu trabalhei muito tempo. Eu trabalhei. Eu cheguei em 2010. Eu trabalhei. Cuidei de um casal, de um senhor, só que a senhora estava com alzheimer e ela era muito pesada e eu não conseguia. Lá no Brasil eu era auxiliar de enfermagem. Aqui eu não consigo. Aqui eu não consigo. Então eu cuidei dessa senhora mas eu fiquei de março até, acho que foi, setembro. Eu não consegui mais porque ela estava muito pesada e começou... Estourou aqui porque eu fiz muita força e assim eu não tinha mais força nas mãos. Aí eu saí. Mas imediatamente eu arrumei outro que eu fiquei catorze meses trabalhando e nesses catorze meses eu fui muito abençoada. Paguei as passagens para o Brasil, nós fomos em dezembro. Só que quando eu voltei para o meu trabalho a minha patroa...

**E.: E fazia o quê?**

e.: Cuidava da casa, lavava, passava, arrumava tudo, cuidava dos meninos e... Só quando eu voltei do Brasil, que eu fui lá com o marido para a família conhecer, quando eu voltei ela não quis mais porque diz que... Não podia ficar comigo porque eu fui de férias. Ela queria que eu ficasse uma semana mas daqui ao Brasil é dois dias. É um dia de viagem daqui para lá. E como é que eu ia ficar só uma semana? Não tinha como. Tinha dois anos que eu não via a minha família. Então, assim, agora estou desempregada desde dezembro.

**E.: Desde aí nunca mais trabalhou?**

e.: Não. Nunca mais.

**E.: E desde que chegou aqui, e sobretudo no início, quais foram assim as principais dificuldades que sentiu?**

e.: Dificuldades é porque o curso que eu tenho lá no Brasil aqui não serve. Eu queria fazer uma faculdade de enfermagem, com o salário que... Não tem jeito. Não tem como. Eu preciso... Trouxe até o meu diploma, que eu fiz, aqui é décimo segundo que fala, lá eu tirei o segundo grau todinho. Então eu queria fazer a faculdade mas não dá. Mesmo cinquenta anos eu posso. Eu sei que eu consigo mas estou sem trabalhar, agora meu marido operou, está recuperando da cirurgia que ele fez, então... Assim está encostado. Recebendo, está de baixa, aqui fala baixa, então está recendo o quê? Duzentos euros por mês. Não é muita coisa. Não é muita coisa. Agora se eu estivesse trabalhando era diferente. Vamos ver o que é que Deus tem reservado.

**E.: E em relação às relações com... Criou facilmente amizades...**

e.: Tenho, tenho. Tenho, sim. Mais portugueses do que brasileiro, sabe? Mas sim. Mais as mulheres que são... Tem muitas mulheres que aqui que eu conheço que são muito carente. Assim, é diferente de aonde eu vim. Tem muitas que não gostam de conversa. Você dá bom dia não fala bom dia, dá boa tarde não dá boa tarde. Mas não gosta de conversa. Tem outras que não. Que está carente, que está com depressão, que está aí... Quando eu começo a conversar, falando de Jesus e tudo, aí cria um laço. Tem muitas assim.

**E.: Mas as suas amigas são mais ligadas à igreja?**

e.: Não. Tem fora da igreja.

**E.: Aqui na vizinhança também?**

e.: Tem, tem. Aqui tenho, sim.

**E.: Nunca teve problemas aqui na vizinhança pelo facto de ser brasileira?**

e.: Não. Graças a Deus, não.

**E.: Nunca se sentiu de alguma forma discriminada em algum contexto...**

e.: As vezes que eu sinto discriminada é porque fala assim: “ah, mas a brasileira vem aqui para tomar marido dos outros, para prostituir...”. Eu fico olhando aquilo, sabe? Teve um dia que, assim, há muito tempo eu estava escutando, num café que eu vou de vez enquanto, e escuto uma senhora falar assim, assim, assim. Aí teve um dia que eu falei: “a senhora dá licença? Nem todo o mundo é igual. Nem todo o mundo é igual.”.

“Então o que é que você está fazendo aqui?”. Eu falei: “eu vim para cá, eu me casei aqui. E não é por causa de dinheiro porque o meu marido não tem onde cair morto”. Falei para ela. Aí a senhora, uma mocinha, “realmente eu conheço o marido dela e assim, ganha o salário mas não tem...”. “Ah, então...”. Falei: “não”. “Ah, isso não existe. Amor não existe”. Falei assim: “existe. Existe, sim. Claro que existe”. Falei: “eu estou aqui não é por causa de dinheiro, não é por causa de tomar marido dos outro, não é por causa disso”. Aí ela: “então você me desculpa porque...”, e tal. Assim.

**E.: E quando procurou trabalho alguma vez sentiu dificuldade por...**

e.: Eu senti porque falava assim: “ah, mas esses brasileiros aqui vem e faz sujeira e vai embora”. Como é que vai explicar que a gente é diferente se eles não dão nem oportunidade? Não é? Eu adoro criança. Sou apaixonada por criança. Eu queria trabalhar num infantário, mas tem que ter o curso. Mas como que eu vou pagar esse curso? Não tem como. Aí, assim, eles não põem qualquer pessoa. Não põem. Então, aí...

**E.: De que Estado é que vem?**

e.: De Goiás, Goiânia. Centro oeste do Brasil. Muito bom. Muito boa cidade.

**E.: Considera, em termos de qualidade de vida, que tem menos qualidade de vida hoje do que aquela que tinha no Brasil.**

e.: Não. Menos qualidade de vida não. O que eu acho estranho aqui sabe o que é? A gente fica muito preso dentro de casa. Muito preso. E lá no Brasil não era assim. Eu morava não era em apartamento. Eu morava era em casa, um quintal muito grande, um quintal muito grande... E então, assim, saía no portão todo o mundo cumprimentava e tal, conversava. A gente é muito assim de ir a uma certa hora, até uma certa hora da tarde, a gente vai lá às casas das pessoas, a gente conversa, a gente... Às vezes pessoas com problema, você vai lá e conversa, você ora, você ouve. Você senta, você ouve a pessoa desabafar. Aqui a gente não pode. É muito difícil. Tem que saber com quem a gente conversa, tem que saber... Você tem que saber... Tem pessoas que não inspira confiança. Mas assim, em vez de... Não tem palavra de, como se diz... não tem palavra positiva. Se puder te jogar no buraco joga. Te termina de jogar. Mas se você estiver precisando de uma mão amiga para te levantar você não acha. É muito difícil. É muito difícil. Assim, pelas pessoas que eu convivo agora, três anos, é isso.

**E.: Diferenças culturais... formas de estar na vida...**

e.: Isso. A maneira de conversar, de se expressar é muito explosivo. Fala com as palavras assim... Você me entende. Lá normalmente não fala. Não fala. Inclusive a minha neta, ela vai fazer nove anos, ela fala assim: “vovó (ela me chama de vovó), as crianças lá como é que fala?”. Eu falei: “ai, minha filha”. “Ai não, vovó. Fala igual ao meu avô, fala”. Falei o que as crianças fala. “Nossa vovó, tem que comprar um sabão para passar na língua delas”. É o que ela fala (risos). Porque minha filha ensina ela que palavra feias não pode falar. E na escola também ensina, não é? Mas aqui é a cultura. Mas não é todo o lugar em Portugal que fala assim. É aqui no norte. Outros lugares é diferente. Eu já percebi.

**E.: Já teve oportunidade de ir a outras cidades?**

e.: Já, já. E as pessoas conversam mais... Sabe conversar. Tem diálogo. Eu fico assim só observando. Aí falaram assim: “ah, mas está falando também”. Falei: “não”. O espírito santo que habita em nós ele tem os frutos que é a longanimidade, o domínio próprio. A gente pode dominar a nossa língua. Você pode falar coisas boas em vez de falar coisas ruins. Você pode abençoar em vez de amaldiçoar.

**E.: Relativamente à fé também nota muitas diferenças?**

e.: Noto, noto. Aqui tem muita idolatria. Muita idolatria. Mas cada qual...

**E.: Isso choca-a, de alguma forma?**

e.: Não. Não choca porque a pessoa, o católico, se ele pegasse a Bíblia e lesse a Bíblia ele ia ver que tem muita coisa que eles fazem... Assim, ninguém é perfeito. Ninguém é perfeito. Porque se fosse perfeito Jesus não tinha morrido na cruz para salvar ninguém. Quando fala no salmo cento e quinze que tem boca mas não fala, tem olhos mas não vê, tem ouvido mas não ouve, tem mão mas não apalpa é as imagens, a escultura. É os santos que eles põem lá. As pessoas que morreram, que na época de Jesus eles foram apóstolos, discípulos, quer dizer, eles ajudaram Jesus na caminhada. Mas não quer dizer que eles sejam santos, que faz milagre. É igual ao papa. Aquele papa que morreu, não sei o nome dele, meu Deus...

**E.: O João Paulo II?**

e.: Isso. Aqui em Fátima já estão falando que já canonizaram ele e que ele já está fazendo milagre. Aí eu falo: “senhor”, a única coisa que eu falo com Deus: “abre os olhos deles no entendimento porque eles estão cegos.” Como que um comedor de arroz, feijão com noz, a gente fala assim no Brasil, pode fazer milagre? Quem faz milagre é só Deus. Só Jesus.

**E.: Já conseguiu levar o seu marido para a igreja?**

e.: Está indo, está indo, está indo. (risos)

**E.: Aos poucos...**

e.: Toda a quinta feira está indo. Louvo a Deus por isso. Mas eu sei que na caminhada, no projeto que Deus tem para a minha vida ele está incluído. Porque se não fosse assim como que eu ia atravessar o oceano atlântico? Eu não vim para cá em vão. Eu não vim para cá em vão. Deus tem um plano na vida dele e o plano na vida dele, ao passar do tempo, Deus vai trabalhando e vai mostrando. Tem certas coisas que a gente não entende quando acontece. Depois, passado um tempo você fala: “ah, é por isso que eu estou aqui! É para isso que eu estou aqui.”

**E.: De certa forma o seu marido respeita a sua fé, a sua crença, mas durante algum tempo tentou-se manter...**

e.: Ele falou assim: “eu posso-te levar mas lá eu não vou entrar. Te levo mas eu não entro. Você me conheceu assim, eu não vou mudar minha vida”. “Não. Tudo bem”. Mas eu vou falar para você, quando eu cheguei aqui eu tentei beber... Eu fiquei afastada da igreja um tempo, que eu não achei lugar para ficar em igreja nenhuma, não dava certo. Bebi vinho, fumar não que eu nunca gostei disso, nem beber. Bebi vinho, falava: “gente, como é que pode?”. Não dou conta. Falei para ele: “isso não é minha vida. Minha vida não é isso”. Não consegui. Bebe isso, bebe aquilo, bebe aquilo... Uma coisa que faz mal? O fígado... Quando cai uma percentagem de álcool no fígado o fígado fica preto. O cigarro... Parou de fumar. Só Deus sabe o que está acontecendo com o nervoso mas isso aí já é Deus. Eu sei que é. Então assim, o nervo... Porque vinte e tantos anos a fumar? Era um atrás do outro. Eram duas carteira por dia, agora nem uma. Louvo a Deus por isso. Louvado seja Ele.

**E.: E para além do seu marido já conseguiu levar mais alguém à igreja?**



e.: Tem. Tem umas angolanas. Já levei muitas, já. Não estão congregando comigo mas estão congregando noutra lugar, noutra igreja. Porque gostaram do lugar e ficaram por lá, mais perto de casa. Mas tem muitas, graças a Deus. Lá no Brasil deixei muita gente. Muita gente. Olha, só não consegui uma que era muito minha amiga que ela fazia aborto. Ficava grávida, fazia aborto. E ficou um certo tempo na igreja comigo e com a pastora e nós estávamos preparando ela para o batismo e por uma palavrinha, uma palavra que o pastor falou ela saiu fora da igreja. Ela falou assim: “pastor, eu queria que a missionaria [nome próprio] me disculpasse porque ela é mulher ela entende o que eu tenho passado, mas um homem não vai entender. Um homem não vai entender, mesmo que seja homem de Deus, que seja. Mas eu queria a irmã [nome próprio]”. Mas ele falou assim: “ah, mas eu não posso”. Então ela falou assim: “então, jamais”. Saiu. Aí um dia ela chegou lá em casa apavorada falou para mim, chamava Marisol: “oh [nome próprio], eu acordei essa madrugada com uma voz falando para mim assim: se você não voltar para os meus caminhos eu vou-te levar. Eu vou-te levar embora. Você tem de ficar nos meus caminhos”. Ela falou assim, que era uma voz tão boa de ouvir que... Ela falava assim: “uma voz tão boa de ouvir no ouvido e aquela coisa dentro do meu coração tão bem...”. Uma semana depois ela morreu. Ela não quis voltar. Ela estava parada numa moto, o sinal estava fechado. Parada. E veio um carro com três assaltantes e atravessou o sinal vermelho. E embateu com ela longe, quebrou ela todinha. Bateu na parede, não sei quantos metros. Bateu na parede caiu morta. Essa eu sinto muito porque ela não continuou. Eu falava para ela: “fica firme. É difícil, sim. Servir a Deus é difícil. Não é fácil. Se fosse fácil todo o mundo queria. Nem todo o mundo quer porque não é fácil”. Eu vejo assim, Jesus quando ele foi... Jesus ele veio ao mundo em forma de homem para mostrar para nós que tinha que ser cumprido aquilo ali. E como está escrito na Bíblia, tudo. O que está acontecendo na Europa, o que está acontecendo nesses lugares tudo aí, terremotos... Está tudo na Bíblia. Está tudo na Bíblia. Tudo o que está acontecendo. Mas o povo não abre. Não abre a mente para ver o que está acontecendo. Essa crise que está na Europa, tudo isso. Assim, Jesus ele veio para cumprir. Então se ele tivesse na época, quando ele foi para a cruz, se ele tivesse falado assim: “eu não vou fazer. Eu não vou adiante”. O que é que ele falou para Deus? Ele falou assim: “Pai, se for da tua vontade afasta de mim esse cálice mas, contudo, se for da tua vontade (como diz) eis me aqui. Não vou recuar”. E não recuou. Não recuou. Sofreu tudo por nossa causa.

**E.: Hoje com toda esta crise que estamos a passar e as dificuldades, alguma vez ponderou ter que voltar ao Brasil? Ou quando veio, veio com uma ideia de ficar?**

e.: Não. Olha, quando eu vim, que eu comprei a passagem, o rapaz da agência falou para mim assim... Eu falei: “eu quero passagem só de ida”. Ele falou assim: “não, ai!”. Falei: “não. Eu quero só de ida”. “Não. Você não tem como. Eu tenho de vender de ida e volta”. Eu falei: “então dá de ida e volta. Eu não vou voltar mesmo”. Ele falou assim: “a senhora é o quê? Para fazer a loucura que você está querendo fazer tem que ser... Ou a senhora é cristã”. Eu falei: “sou”. “Então a senhora é doida mesmo”. Porque para as pessoas lá no mundo que não entende que a gente aceitou tudo acha que a gente é doido. Mas ámen. Glória a Deus. Aí falei assim: “então tá”. “Então a senhora vai?”. “Vou”. Ainda falei para ele: “então se não tem passagem para o dia treze”, falei assim, “eu não vou sair daqui enquanto essa passagem não for marcada para o dia treze. Vamos chegar de catorze”. E eu fiquei da uma da tarde até às oito da noite lá na agência, esperando. A Bíblia ensina que a gente tem de perseverar. Ámen. Fiquei. Aí ele falou assim: “a senhora conseguiu. Está arrumado, aqui”.

**E.: E agora continua sem pensar...**

e.: Em voltar? Não. Não está na minha hora porque o que Deus me trouxe para fazer aqui eu não comecei, ainda.

**E.: E não pensa em trazer, por exemplo, os seus filhos?**

e.: Bom, as minhas duas filhas são casadas... os meus três filhos. O mais velho tem trinta e um anos. A mãe da minha neta, a do meio, é louca para vir para cá mais a minha neta, mas eu não tenho condição ainda para ajudar ela para ela vir. E está separando do marido agora. A outra, a mais nova, tem quatro anos de casada, está na igreja também. Tem um marido muito abençoado, a família dele muita abençoada, também. Minha filha e Deus abençoaram muito mesmo. Só que a minha filha do meio não teve tanta sorte porque a família quando ela... Se você, vamos supor, você está namorando e tudo, você tem que ver como é que é o pai e a mãe. Se eles for estruturado, acertado, se for uma família... Aí o casamento também vai para a frente. Mas se for desestruturado o casamento não dá mais. A minha filha casou tinha quinze anos, a do meio. Vai fazer vinte e oito anos agora, em maio. Quer dizer então que tem treze anos de casada. E agora não dá certo porque o marido fez trinta ano, acha que agora é rapazinho. Eu só

sinto não ter condições de trazer ela, minha neta e ela, no momento. Só isso. Mas se for da vontade de Deus, Deus pode fazer tudo.

e.2: Mas também se ela tivesse bem com o marido não vinha para cá fazer nada que este país já não interessa a ninguém. Não. Vir para aqui para passar mal? Vale mais estar lá. O filho dela ganha mais que eu aqui, lá.

**E.: O que é que o senhor faz?**

e.2: Eu estou a trabalhar num escritório de uma oficina de automóveis. O filho dela é afinador de tintas ganha mais que eu. Mas já ganha muito mais do que eu há já muito tempo. Só vir para aqui porque, no fundo, ela coitadinha não está bem. Porque de resto, vir para aqui para quê? Para trabalhar? Não. Para isso fica no país dela que fica melhor. Isto aqui não interessa a ninguém. Que lá também não é... não vou dizer que lá é melhor que aqui. Porque aqui andar a trabalhar para quê? Para esses gatunos? Isso é que era doce. Não. Vale mais ela estar lá. É no mesmo porque, no fundo, prontos... Tem aquilo com o marido. Se ela se desse bem com o marido ou se desse mais ou menos... Vir para aqui? Para aqui só era para passear e mesmo assim para passear tinha que ser se estivesse muito bom.

**E.: E a sua mãe já numa idade mais avançada nunca pensou trazê-la?**

e.: A mamãe? A mamãe está com setenta e dois anos. Ela trabalha...

**E.: É viúva?**

e.: É viúva. Ela é enfermeira. Ela trabalha até hoje. Então, assim, tem a casa dela e não vem, não. Já viajou muito.

e.2: Se viesse era para passear e mesmo assim...

e.: É, mas ela não vem não porque, como diz ela: “já tenho uma certa idade, minha filha, e essa viagem é muito longa para mim. Eu fico aqui, você vem quando você puder e tudo.” Eu sinto muita falta dela. Nossa...

**E.: O seu pai faleceu...**

e.: O meu pai tem onze... Faleceu em 2001. Mas ele já era separado da minha mãe mas a gente dava muito bem, também. Mas ele... já tem isso tudo que ele morreu. Mas são pessoa muito boa. Ámen.

**E.: Alguma vez procurou alguma associação de imigrantes...**

e.: O CNAI. Eu fui no CNAI. Esse emprego que eu trabalhei catorze meses foi no CNAI. Inclusive essa minha ex patroa me liga quase toda a semana, me liga. Que ela queria que eu voltasse a trabalhar com ela. Mas ela queria que eu tirasse carteira, carta para mim dirigir. Mas eu falei para ela agora no momento... Assim, ela foi muito correta. O dinheiro que ela me pagava, o salário, era muito abençoado. Nunca faltou nada. Assim sempre abençoado mesmo, o meu salário. Deu para nós fazer tudo, não é meu bem? Deu para a gente fazer tudo. Então foi assim, ela queria que eu tirasse carta para mim ficar trabalhando com ela mas como ele operou eu fiz umas mudanças no quarto ali e não tenho como. Eu falei: “eu gastei o dinheiro que eu tinha”. Ela falou: “vou conversar com o meu marido para a gente pagar essa carta para você e aí vai descontando”. Mas parece que o doutor Miguel ele ficou assim meio... “Deixa”. Agora estou esperando. Vamos ver. Ela falou para mim assim: “se não der certo aqui comigo vai no CNAI conversa com a Mariana que arrumou você para cá porque eu tenho pessoas que quer dar emprego mas eu não vou- te indicar porque aqui eu vejo a maneira como eles tratam os outros aqui e eu não quero que eles te mal tratem.” E ela é portuguesa. Falou assim: “eu não quero que eles te mal tratem. Você é uma boa pessoa. Eu não quero que eles te mal tratem. Então vai conversar com a Mariana depois”. Estou esperando.

**E.: E conhece a associação de brasileiros Mais Brasil?**

e.: Não. Não conheço, não.

**E.: Nunca tentou procurar...**

e.: Não. Nem sabia que tinha. E outra coisa, você sabe o que é que observei aqui? Os que são mais “cri cri”, a gente fala assim, é os brasileiros. Eles não ajudam outros brasileiros. Não ajuda. Ele se puder pisar eles não ajuda, não. Eu observei isso aqui já. Quando fui no CNAI, quando eu fui no SEF, no consolado brasileiro... Eu observando direitinho. Brasileiro não ajuda outro brasileiro.

e.2: Mas isso dos consolados isso...

e.: Não. Não é, a gente conversando lá e tal... Não ajuda. A menina falou assim: “ah, inclusive tem uma pessoa que quer empregar outra pessoa, eu vou-te dar o telefone”. Que telefone? Ela deu um jeitinho e saiu. Não ajuda, não. Inclusive, já conheci pessoas assim e tudo...

**E.: Sentiu-se mais apoiada pelos portugueses.**

e.: Foi. Foi, sim. Inclusive esse primeiro emprego que eu tive aqui foi uma amiga da minha sogra que arrumou para mim.

**E.: E a igreja nunca ajudou de alguma forma com questões mais logísticas?**

e.: Não, não, não. Mas eu não levo assim as minhas coisas. Agora eu estou passando por uma fase que eu sei... Nós estamos a passar por uma fase. Mas eu sei que Deus vai mudar isso. Mais dia, menos dia vai mudar. Só que assim, eu não costumo levar algo que acontece comigo para o Pastor. Que o Pastor já tem muita coisa para tomar conta. Então assim, eu tenho que por o joelho no chão e falar com Deus porque o Pastor não pode resolver minha situação mas Deus pode. Deus pode mover o coração de alguém, para abrir uma porta de trabalho para mim. Isso eu sei que pode. Mas o ser humano... Eu chegar lá e diz assim: “ah, mas não posso fazer nada”. Mas eu sei que Deus... Deus pode usar uma pessoa e falar assim: “me falaram que você está precisando disso assim, assim, eu vim te...”. Eu creio nisso, também. Mas levar meus problemas, não.

**E.: Mas tem por hábito, por exemplo, no final dos cultos conversa com outros...**

e.: Converso. Converso com muitas pessoas ali. Converso sim.

**E.: Porque daí também podem surgir oportunidades...**

e.: Isso. Pode, mesmo. E assim, ali muita gente ali trabalha e tem muitas pessoas também que não estão trabalhando. Que estão com dificuldades. Mas... Inclusive uma pessoa que falou para mim assim, lá, já tem o quê, uns dois meses: “se eu souber de alguma coisa eu te falo”. Mas se não falou é porque ainda não tem. Então, eu estou aguardando.

**E.: Atualmente está com visto de residência?**

e.: Está tudo arrumado.

e.2: Ainda não está visto de residência.

e.: É provisório.

e.2: Agora para o ano, ao fim de três anos é que pode pedir.

e.: Só. Só ao fim de três anos.

e.2: Quer dizer, é ao fim de três anos porque... nós no aeroporto é que nos disseram porque eu pensei que era ao fim de quatro ou cinco.

e.: É. No aeroporto falaram.

e.2: Mas quando nós viemos, eles: “há quanto tempo é que vocês estão casados?”. “Vai fazer dois anos”. “ah, não”. Ele fez mal as contas. “Então, quando fizer três já pode pedir o visto de permanência”.

e.: Mas eu gastei muito dinheiro no SEF. Misericórdia. Mais o meu marido...

e.2: Oh amor, isso é em todo o lado. Isso é aqui ou lá...

e.: Eu sei que é, eu sei que é. (risos)

**E.: De uma forma geral, para concluir, sente-se integrada? Sente que... Vive confortável neste país, independentemente das razões económicas que se está a atravessar, etc. Mas de uma forma geral sente-se feliz por viver aqui?**

e.: Sinto. Não viver aqui, mas por causa dele. Porque se fosse para me fazer tudo de novo eu não faria. Porque as coisas não é fácil. A gente pensa assim, a gente pede para Deus, Deus abençoa. Ele entrega, ele dá a bênção. Mas você não sabe o que é que você vai passar ali, entendeu? Você não sabe o que é que vai passar ali. Mas eu vejo assim, que dificuldade há em todo o lugar, sabe? E eu vejo que eu arrisquei muito. Arrisquei demais porque depois que eu cheguei aqui me mandaram um email com mulher brasileira toda esfaqueada do português que matou. E ele foi para o Brasil. Ele foi. E me mandaram. E aí me falaram: “você está louca. Você está aí”. Falei assim: “calma. As coisas não é assim, não”. Me falaram muita coisa assim que eu cheguei aqui. “Você é louca”. Muitos portugueses falaram: “você é louca”. Mas eu vejo a mão de Deus. Eu vejo a mão de Deus. Mas eu estou feliz. Estou. Agora, depois que fui no Brasil estou com mais saudades dos meus filhos, ainda. Parece que agora ficou mais... E eu liguei essa semana para a minha filha, a mãe da minha neta, ela está muito desesperada, assim, sofrendo. Aí minha neta falou para mim assim: “vovó, se a senhora estivesse aqui eu mais minha mãe não estava assim. Eu não estava assim. Vovó. É porque a minha avó não importa comigo (a outra, a mãe do pai). Não importa comigo. Eu fico para lá e para cá. Vou para a escola, eu fico jogada aqui e a mamãe chega tarde do serviço e... Vovó eu quero ir embora com a senhora.” Ela achou que ela vinha. Tadinha. Judiação. (risos) Mas ámen. Eu falei para ela assim: “vamos lutar para você vir passar umas férias aqui com a vovó”. Mas fora isso estou bem.

**E.: E projeta ficar... Planeia ficar.**

e.: Ficar. Até quando Deus determinar. O dia que ele falar “não fica mais” é o dia que... Assim, Deus tem uma maneira de trabalhar. Mais na frente a gente vai entender. Agora não entendo. Mais na frente vai entender. (risos) Na Bíblia fala assim: “o que eu faço agora você não entende. Mas daqui a algum tempo aí vem o entendimento”. Mas ámen.

**E.: Da minha parte as questões que tinha para lhe colocar já coloquei. Não sei se tem alguma coisa a acrescentar...**

e.: Não. Não.

**E.: Sente-se imigrante**

e.: É. A palavra é essa. (risos) É isso mesmo. A palavra é essa.





| <b>Análise vertical à entrevista n.º 16</b>  |  |   |
|--|--|---|
| <b>Inquérito ADCP_5</b>  |  |   |
| <b>Dimensões e categorias de análise</b>   | <b>Dados/ Sínteses</b>   | <b>Excertos</b>   |
| <b>I. Dimensão social</b><br><br><b>Caraterísticas sociodemográficas</b><br><br><b>Zona de residência</b><br><br><b>Composição de classe</b> | <b>Género:</b> feminino<br><b>Idade atual:</b> 49 anos<br><b>Idade de emigração:</b> 46 anos<br><b>Nível de escolaridade no Brasil:</b> ensino médio/profissionalizante completo<br><b>Nível de escolaridade em Portugal:</b> não.<br><b>Concelho e freguesia de residência:</b> Porto, Ramalde<br><b>Composição étnica das vizinhanças:</b> só portugueses<br><b>Última ocupação no Brasil:</b> auxiliar de enfermagem<br><b>Primeira ocupação em Portugal:</b> cuidadora de idoso em casa particular<br><b>Ocupação atual em Portugal:</b> empregada doméstica |   |
| <b>II. Percursos migratórios</b>   | <b>Tempo de permanência:</b> 2,5 anos<br><b>Tipo de rede migratória:</b> legal, visto de curta duração<br><b>Com quem veio:</b> sozinha<br><b>Aprofundamento das razões de vinda para Portugal</b>   | <p>“ Aí, quando fui para a igreja um dia nós estamos lá orando e tudo, temos administração da palavra, e aí uma missionária que</p> |

Enquanto missionária tinha a vontade de viajar para outro país. Um dia, depois de uma Irmã de culto lhe ter dito que teria esse destino, comprou um computador. Foi a partir daí e através da internet que conheceu um português por quem se apaixonou. Vendeu o que tinha e, com dois reais no bolso veio atrás do seu amor. Seis meses depois casaram.

#### **Dificuldades encontradas em Portugal**

Teve alguns problemas logo à chegada, tendo passado longas horas a ser interrogada pelo SEF no aeroporto.

Lamenta ainda o seu curso não ser reconhecido em Portugal e, por isso, não poder continuar a exercer a sua profissão. Foi através do CNAI que conseguiu aquele que foi o seu melhor emprego em Portugal.

No geral, o discurso da entrevistada revela como se sente abençoada e interpreta as dificuldades como propósitos de Deus na sua vida.

veio de fora, vem de dentro do Brasil mas de fora, de outra cidade, falou assim: “você que está aí, irmã”. Aí eu levantei a mão e ela falou assim: “é você mesmo. Deus manda-te dizer que vai-te levar para outro país e você vai sozinha. Deus sabe que você não tem condição nenhuma mas ele vai-te abençoar da maneira dele”. Ámen.”

“ Eu conversando com ele e ele falou assim: “vamos ligar a câmara?”. E eu falei: “ai meu Deus, agora para uma...”. Ligou a câmara e tal. Quando ele ligou a câmara eu bati o olho... Eu senti aquela coisa assim lá dentro, no fundo, sabe? Senti aquela coisa, falei: “meu Deus, será que eu estou ficando doida?”. Tá bom. E comecei a falar com ele e aí eu liguei a minha. Nós conversamos muito tempo. Isso foi maio, junho, julho, agosto...”

“Aí saí de lá dia treze, cheguei aqui dia catorze. Fiquei presa no SEF, no aeroporto. Das oito e quarenta até quase duas horas da tarde. Eles tentando conversar e insinuando que eu vinha-me prostituir. Eu falei: “meus cabelos brancos. Me respeita”. E fiquei lá. (...) Cinco policiais. Cada hora era um. Sabe, cada hora era um querendo ver se entrava em contradição. Mas era... Minha conversa era a mesma. Ele estava lá fora e eu tinha os telefone dele, tudo: serviço de casa, telemóvel dele... E estava lá fora. Cada um que conversava comigo ia lá conversar com ele. E o que eu falava ele também falava, entendeu? E aí, depois no final falou assim: “é. Tudo o que nós conversamos com você aqui bateu lá com o rapaz. Ele está ali fora esperando”. “Eu sei que está”. E aí: “como é que você vai viver?”. Falei: “ele disse que eu podia vir...”. Eu trouxe dois reais. Está no quadro ali, que ele pôs no quadro. Dois reais. Aí me perguntaram assim, no SEF: “você trouxe dinheiro?”. Eu falei: “eu não”. “Como é que você vem para um país estranho, nunca saiu e não trouxe

|   |  |   |
|---|--|---|
|   |  | <p>dinheiro?”. Falei: “Eu não. Porque ele disse que o que tem dá para nós dois”. Saí. “Está liberada. Pode ir”. E aí eu peguei e saí.”</p> <p>“ Dificuldades é porque o curso que eu tenho lá no Brasil aqui não serve. Eu queria fazer uma faculdade de enfermagem, com o salário que... Não tem jeito. Não tem como. Eu preciso... Trouxe até o meu diploma, que eu fiz, aqui é décimo segundo que fala, lá eu tirei o segundo grau todinho. Então eu queria fazer a faculdade mas não dá.”</p> <p>“ Eu fui no CNAI. Esse emprego que eu trabalhei catorze meses foi no CNAI.”</p>  |
| <p><b>III. Dimensão cultural</b></p> <p><b>Redes de sociabilidade</b></p> | <p><b>Redes à chegada a Portugal</b></p> <p>Tinha o “namorado” português à sua espera, a quem apenas conhecia através da internet.</p> <p><b>Redes de sociabilidade primárias</b></p> <p>Afirma que tem amigas portuguesas com quem se relaciona na vizinhança. Mas, no geral, relaciona-se mais com brasileiros.</p> <p><b>Aprofundamento das disposições relativamente aos grupos com que o entrevistado se relaciona menos ou não se relaciona e as justificações em torno dessa situação.</b></p> <p>Para a entrevistada é mais difícil relacionar-se com os portugueses, que considera pessoas mais difíceis de ganhar confiança, pessoas negativistas e pouco solidárias. Mas também, sublinha, muitos brasileiros que tem conhecido</p> | <p>“ Tenho, sim. Mais portuguesas do que brasileiro, sabe? Mas sim. Mais as mulheres que são... Tem muitas mulheres que aqui que eu conheço que são muito carente.”</p> <p>“ A gente é muito assim de ir a uma certa hora, até uma certa hora da tarde, a gente vai lá às casas das pessoas, a gente conversa, a gente... Às vezes pessoas com problema, você vai lá e conversa, você ora, você ouve. Você senta, você ouve a pessoa desabafar. Aqui a gente não pode. É muito difícil. Tem que saber com quem a gente conversa, tem que saber... Você tem que saber... Tem pessoas que não inspira confiança. Mas assim, em vez de... Não tem palavra de, como se diz... não tem palavra</p> |

|   |   |   |
|---|---|---|
| <p><b>Estereótipos e representações</b></p> | <p>em Portugal são pessoas pouco solidárias, que facilmente prejudicam o outro.</p> <p><b>Relato de situações em que foi vítima de preconceito e/ou discriminação</b></p> <p>Sente-se vítima de preconceito cada vez que ouve um comentário sobre as brasileiras e a prostituição.</p> <p><b>Perceber se os estereótipos em relação aos brasileiros têm fundamento; se favorecem ou dificultam a integração dos brasileiros em geral na sociedade portuguesa; e se favorecem ou dificultam o estabelecimento de relações sociais.</b></p> | <p>positiva. Se puder te jogar no buraco joga. Te termina de jogar. Mas se você estiver precisando de uma mão amiga para te levantar você não acha. É muito difícil. É muito difícil. Assim, pelas pessoas que eu convivo agora, três anos, é isso.”</p> <p>“E outra coisa, você sabe o que é que observei aqui? Os que são mais “cri cri”, a gente fala assim, é os brasileiros. Eles não ajudam outros brasileiros. Não ajuda. Ele se puder pisar eles não ajuda, não. Eu observei isso aqui já. Quando fui no CNAI, quando eu fui no SEF, no consolado brasileiro... Eu observando direitinho. Brasileiro não ajuda outro brasileiro.”</p> <p>“As vezes que eu sinto discriminada é porque fala assim: “ah, mas a brasileira vem aqui para tomar marido dos outros, para prostituir...”. Eu fico olhando aquilo, sabe? Teve um dia que, assim, há muito tempo eu estava escutando, num café que eu vou de vez enquanto, e escuto uma senhora falar assim, assim, assim. Aí teve um dia que eu falei: “a senhora dá licença? Nem todo o mundo é igual. Nem todo o mundo é igual.”. “Então o que é que você está fazendo aqui?”. Eu falei: “eu vim para cá, eu me casei aqui. E não é por causa de dinheiro porque o meu marido não tem onde cair morto”.”</p> |
| <p><b>IV. Dimensão política</b></p>         | <p><b>Vivência de uma situação de irregularidade ou ilegalidade perante as autoridades portuguesas</b></p>  |   |

|                                  |  |   |
|----------------------------------|--|---|
| <p><b>V. Auto percepções</b></p> | <p>Não. Ao fim de três meses de visto turístico já tinha dado entrada nos papéis para o casamento e sempre esteve a trabalhar.</p> <p><b>Estatutos especiais</b><br/>Não.</p> <p><b>Percepção da própria situação de integração</b></p> <p>Sente-se feliz sobretudo pelo seu casamento. No entanto, garante que se fosse hoje não voltaria a fazer o mesmo percurso, que considera muito difícil. Sente-se abençoada, mas não imaginava que lhe fosse tão difícil do ponto de vista profissional, do seu projeto de missionação e das saudades que tem da família.</p> <p><b>Percepção da sua qualidade de vida atual</b></p> <p><b>Percepção em relação ao futuro: intenção de regressar ao Brasil</b></p> <p>Quando emigrou do Brasil nunca pensou em regressar e, atualmente, ainda tem vontade de ficar.</p> | <p>“ Sinto [feliz]. Não viver aqui, mas por causa dele. Porque se fosse para me fazer tudo de novo eu não faria. Porque as coisas não é fácil. A gente pensa assim, a gente pede para Deus, Deus abençoa. Ele entrega, ele dá a bênção. Mas você não sabe o que é que você vai passar ali, entendeu? Você não sabe o que é que vai passar ali.”</p> <p>“ Olha, quando eu vim, que eu comprei a passagem, o rapaz da agência falou para mim assim... Eu falei: “eu quero passagem só de ida”. Ele falou assim: “não, ai!”. Falei: “não. Eu quero só de ida”. “Não. Você não tem como. Eu tenho de vender de ida e volta”. Eu falei: “então dá de ida e volta. Eu não vou voltar mesmo”. Ele falou assim: “a senhora é o quê? Para fazer a loucura que você está querendo fazer tem que ser... Ou a senhora é cristã”. Eu falei: “sou”. “Então a senhora é doida mesmo”. Porque para as pessoas lá no mundo que não entende que a gente aceitou tudo acha que a gente é doido.”</p> <p>“ Em voltar? Não. Não está na minha hora porque o que Deus me trouxe para fazer aqui eu não comecei, ainda.”</p> |
| <p><b>ADCP</b></p>               | <p><b>Vivências religiosas anteriores</b></p>  | <p>“Olha, a minha vida era assim: eu sou missionária. Então, no Brasil eu mexia com pessoas drogadas, prostitutas... Eu fazia o</p>   |

No Brasil frequentava também a Assembleia de Deus. Através dessa Igreja foi enviada como “missionária” para Portugal.

Em Portugal ficou cerca de um ano sem frequentar nenhuma igreja. Visitou outras, nomeadamente, também, da Assembleia de Deus, mas não gostou.

#### **Aprofundamento das razões e motivações subjacentes à pertença à ADCP**

Depois de ter conversado com o Pastor da ADCP e ter visitado a Igreja, sentiu-se bem acolhida e permanece lá desde então. Mas o seu maior objetivo, o projeto de missão, sente que ainda está por cumprir.

#### **Ajudas que encontrou na ADCP**

Afirma que não gosta de levar para a Igreja os seus próprios problemas porque só Deus a pode ajudar. Se na Igreja se encontra alguma ajuda é, na sua perspetiva, porque Deus está a trabalhar na sua vida através de alguém e não porque procure ajuda nas pessoas.

trabalho. E um dia... Eu confio muito em Deus. Eu não tenho religião. O que eu tenho é Jesus.”

“Eu vim de lá pela igreja, como missionária, representando a igreja de lá. Inclusive o pastor Unelmo já conversou com o meu Pastor lá.”

“Tinha visitado outra Assembleia de Deus que não gostei... E eu encaixei ali.”

“Então, aí, demorei um ano para encontrar uma igreja aqui porque eu prego a palavra, eu louvo, eu oro pelas pessoas. Então até que eu achei que Deus usou ele. Porque ele olhou um papel lá, tinha um telefone, falou assim: “tem esse número de telemóvel aqui”. Liguei, conversei com o pastor e fui visitar a igreja. Gostei. Tem um ano que eu estou lá.”

“Assim, não estou fazendo trabalho missionário porque aqui Portugal é muito difícil, ainda. Mas na hora certa eu sei que vai dar para fazer. Porque a gente vê muitas pessoas precisando, sabe?”

“ Só que assim, eu não costumo levar algo que acontece comigo para o Pastor. Que o Pastor já tem muita coisa para tomar conta. Então assim, eu tenho que por o joelho no chão e falar com Deus porque o Pastor não pode resolver minha situação mas Deus pode. Deus pode mover o coração de alguém, para abrir uma porta de trabalho para mim. Isso eu sei que pode. Mas o ser humano... Eu chegar lá e diz assim: “ah, mas não posso fazer nada”. Mas eu sei que Deus... Deus pode usar uma pessoa e falar assim: “me falaram que você está precisando disso assim, assim, eu vim te...”. Eu creio nisso, também. Mas levar meus problemas, não.”